

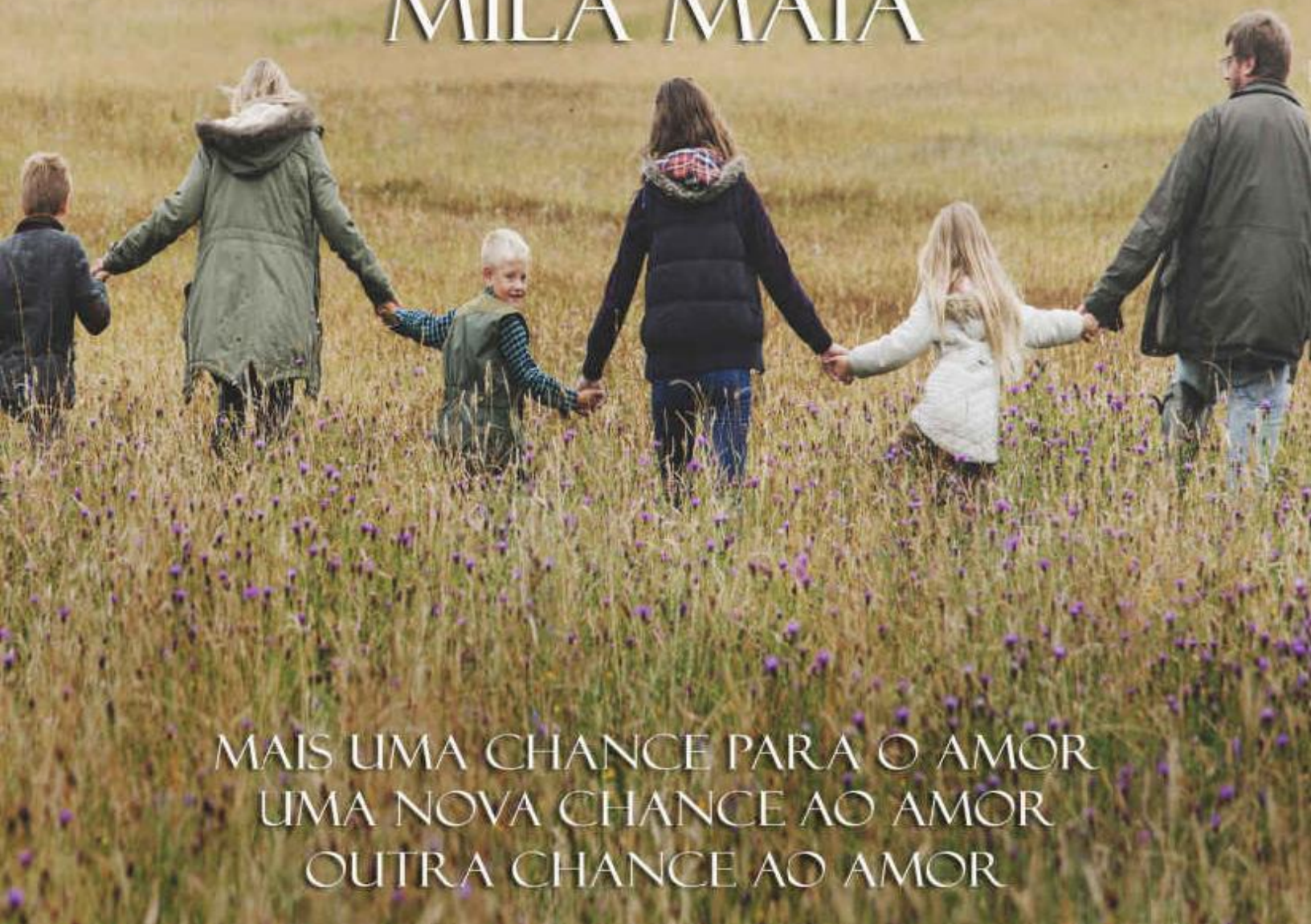
BOX



Trilogia Chances



MILA MAIA



MAIS UMA CHANCE PARA O AMOR
UMA NOVA CHANCE AO AMOR
OUTRA CHANCE AO AMOR



BOX



Trilogia Chances



MILA MAIA

Sumário [LIVRO - I](#)

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Catorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

[Vinte e um](#)

[Vinte e dois](#)

[Vinte e três](#)

[Vinte e quatro](#)

[Vinte e cinco](#)

[Vinte e seis](#)

[Vinte e sete](#)

[Vinte e oito](#)

[Vinte e nove](#)

[Trinta](#)

[Trinta e um](#)

[Trinta e dois](#)

[Epílogo](#)

[Bônus](#)

[Livro – II](#)

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo um](#)

[Capítulo dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo quatro](#)

[Capítulo cinco](#)

[Capítulo seis](#)

[Capítulo sete](#)

[Capítulo oito](#)

[Capítulo nove](#)

[Capítulo dez](#)

[Capítulo onze](#)

[Capítulo doze](#)

[Capítulo treze](#)

[Capítulo catorze](#)

[Capítulo quinze](#)

[Capítulo dezesseis](#)

[Capítulo dezessete](#)

[Capítulo dezoito](#)

[Capítulo dezenove](#)

[Capítulo vinte](#)

[Capítulo vinte e um](#)

[Capítulo vinte e dois](#)

[Capítulo vinte e três](#)

[Capítulo vinte e quatro](#)

[Capítulo vinte e cinco](#)

[Capítulo vinte e seis](#)

[Capítulo vinte e sete](#)

[Capítulo vinte e oito](#)

[Capítulo vinte e nove](#)

[Capítulo trinta](#)

[Capítulo trinta e um](#)

[Capítulo trinta e dois](#)

[Capítulo trinta e três](#)

[Capítulo trinta e quatro](#)

[Capítulo trinta e cinco](#)

[Capítulo trinta e seis](#)

[Capítulo trinta e sete](#)

[Capítulo trinta e oito](#)

[Capítulo trinta e nove](#)

[Capítulo quarenta](#)

[Epílogo](#)

[Bônus](#)

[Livro – III](#)

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Catorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

[Vinte e um](#)

[Vinte e dois](#)

[Vinte e três](#)

[Vinte e quatro](#)

[Vinte e cinco](#)

[Vinte e seis](#)

[Vinte e sete](#)

[Vinte e oito](#)

[Vinte e nove](#)

[Trinta](#)

[Trinta e um](#)

[Trinta e dois](#)

[Trinta e três](#)

[Trinta e quatro](#)

[Trinta e cinco](#)

[Trinta e seis](#)

[Trinta e sete](#)

[Trinta e oito](#)

[Trinta e nove](#)

[Quarenta](#)

[Quarenta e um](#)

[Quarenta e dois](#)

[Quarenta e três](#)

[Quarenta e quatro](#)

[Quarenta e cinco](#)

[Quarenta e seis](#)

[Quarenta e sete](#)

[Quarenta e oito](#)

[Quarenta e nove](#)

[Epílogo](#)

[Sobre a autora](#)

[Agradecimentos](#)

[Outras obras da Autora](#)

[Créditos](#)

LIVRO - I

MAIS UMA
Chance
PARA O *amor*

MILA MAIA
TRILOGIA CHANCES - I

Sinopse



Desde a adolescência, quando se conheceram, Melanie e Jake se tornaram melhores amigos e confidentes. O que era para ser apenas uma grande amizade se tornou o primeiro amor, mas quando uma grande confusão aconteceu, ela foi embora levando um bebê em seu ventre.

Seis anos depois, Melanie retorna a São Conrado para ficar com sua mãe. Ao ver sua amada, Jake tenta explicar tudo o que havia acontecido, mas ao descobrir que tinha um filho do qual nunca soube da existência, ele muda suas prioridades.

Muita coisa mudou na vida de ambos, os dois mudaram e amadureceram, mas o que fazer quando o que sentiam um pelo outro resistiu ao tempo?

Com muita persistência, eles resolvem lutar pelo sentimento que, mesmo adormecido, sempre esteve presente.

Prólogo



São Conrado, 2009

Melanie

Naquele dia, eu e Jake completamos dois anos de namoro. Eu estava muito feliz, pois finalmente teríamos nossa noite especial. Não seria a nossa primeira vez, essa já tinha acontecido há um tempo, porém seria especial para o nosso relacionamento. Já tinha uma semana que não o via, devido às provas finais da escola. O último ano costuma ser bem puxado, principalmente para quem quer ir a uma boa faculdade.

Eu estava muito ansiosa porque queria contar a ele que fui aceita em uma faculdade de renome do Rio de Janeiro. Apesar de não querer ficar longe dele, era o meu futuro que estava em jogo. Talvez Jake pudesse ir comigo e realizar seus sonhos por lá! Eu sabia que meu namorado ficaria preso aos negócios do pai e não se entregaria a suas paixões se ele ficasse em nossa cidade. Nunca gostei muito da ideia de namoro à distância, mas faria isso por ele.

Eu tinha preparado o jantar e estaríamos sozinhos. Era a oportunidade perfeita para conversarmos: minha mãe visitava uma amiga em outra cidade, deixando a casa apenas para nós dois. Ela confiava em mim e nós tínhamos uma relação baseada em muita conversa e confiança. Minha mãe era minha melhor amiga. Terminei de me arrumar, esperei Jake chegar.

Cerca de meia hora se passara e ele não havia aparecido. Eu já estava ficando preocupada! Jake não me daria bolo no dia do nosso aniversário de namoro, eu me recusava a sequer pensar nisso.

Tentei ligar mais uma vez e nada. Era a quarta ou quinta vez que ligava e só caía na caixa postal. Não aguentei mais escutar a mensagem automática e resolvi ir até a casa de Lydia para pedir que me levasse até a casa de Jake, afinal ele morava em um sítio no início da cidade. Era um pouco distante e eu estava sem carro, já que minha mãe havia saído com ele. Andei até a casa da Lyd, que era bem próxima a minha. Bati na porta da casa dos Parker e Peter, o irmão de Lydia, abriu a porta.

– Oi, Melanie! – ele me cumprimentou com um sorriso amigável.

– Oi, Peter. Lydia está aí? – questionei apressada.

– Não sei, acabei de chegar. Você pode subir e ver lá no quarto dela? – ele respondeu sentando-se no sofá.

– Claro – subi as escadas em direção ao quarto de Lydia.

Creio que nada teria me preparado para o que vi assim que entrei por aquela porta. O que vi foi algo que eu nunca imaginara. Aquilo mudou e estragou tudo, afinal eram duas pessoas que eu amava e confiava, meus dois melhores amigos.

Quando abri a porta, encontrei Jake e Lydia aos beijos em sua cama. Jake estava sem camisa e Lydia estava apenas de sutiã e calcinha. Eu sabia no que isso acabaria.

Controlei-me ao máximo para não chorar e questionei: – Atrapalho? – ela olhou em minha direção com espanto, mas depois sorriu um sorriso repleto de cinismo, como se esperasse que eu os encontrasse.

Jake estava assustado. Ele empurrou Lydia e começou a se levantar para chegar até mim, mas antes de ele falar qualquer coisa eu me adiantei: – Vejo que está se divertindo, não é, namorado? Ou melhor, ex-namorado – despejei com muita ironia. Saí do quarto e descí as escadas apressadamente quando escutei: – Não! Mel, Melanie, *baby*, me escuta! – Ele pedia enquanto corria atrás de mim.

– Esquece, Jake! Acabou. Não me procure nunca mais! – gritei para ele.

– Melanie! – Ele gritou segurando meu braço.

Lutei para me soltar e acertei seu rosto com um forte tapa, eu estava furiosa. Tremendo de

raiva e chorando, esbravejei: – Você estragou tudo! Nós tínhamos um futuro e você acabou com ele! Some da minha vida porque eu não quero te ver nunca mais!

Corri para casa. Fui direto para o meu quarto onde finalmente pude chorar tudo que podia. Assustei-me quando escutei Jake gritar – e quase arrombar a porta da minha casa – implorando para que eu o escutasse, mas nenhuma explicação apagaria o que eu tinha visto. Ninguém havia me contado, eu tinha visto tudo com os meus próprios olhos.

Minha história com Jake tinha acabado naquela noite. No dia seguinte, pedi a minha mãe para morar com meu pai no Rio de Janeiro. A decisão não a agradara muito, mas ela sabia que eu precisava ir e tentar ser feliz por lá.

Minha relação com meu pai não era das melhores, mas eu estava decidida a focar nos estudos e esquecer as desavenças. Como tinha sido aceita em uma das faculdades de lá, isso não seria um problema. Eu só precisava sair de São Conrado. Não ficaria nem para formatura: não suportaria olhar para aqueles dois sabendo o que eles faziam pelas minhas costas.

Alguns meses depois, descobri que estava grávida e decidi que não iria contar ao Jake. Ele não merecia. Meu filho seria só meu e seria verdadeiramente amado por mim.

Um



Rio de Janeiro, 2016

Melanie

Eu estava atrasada, como sempre. Eu deveria estar no aeroporto a essa hora, mas a minha capacidade de não ser pontual é incrível. Olhei para o relógio e vi que ele já marcava oito horas. Nós tínhamos que chegar ao aeroporto às nove para fazer o check-in e o trânsito do Rio não me ajudaria muito, então eu tinha que acordar o Chris para irmos logo.

Ele estava ao meu lado, pediu para dormir comigo nessa nossa última noite na Cidade Maravilhosa. Eu sabia que ele estava triste por se mudar, ia sentir falta dos amigos e dos nossos passeios. Eu também sentiria falta disso, estava abrindo mão da minha vida para voltar àquela cidade. Tinha pedido demissão da empresa na qual trabalhava: eu costumava ser gerente e coordenava diversas lojas de roupas de uma marca famosa do Rio de Janeiro.

Eu não queria, mas tinha que fazer isso. Minha mãe tinha acabado de descobrir que estava com câncer e que já estava muito evoluído para fazer algum tratamento mais intensivo, então ela tinha me pedido para voltar a São Conrado: ela queria passar esses últimos meses comigo e com Christopher. Confesso que levei um choque quando soube. Pedi, implorei que ela tentasse o tratamento mais intensivo, cheguei até mesmo a ligar para o médico dela, mas ele só me disse o que eu já sabia – que não dava mais, os remédios aliviavam sua dor e nós esperaríamos por um milagre.

Minha mãe tinha ficado comigo no momento mais difícil da minha vida. Minha gravidez não foi fácil e a Dona Amélia esteve ao meu lado o tempo todo, até ficou um tempo conosco até eu conseguir me adaptar depois do parto. Ser mãe solteira não era algo fácil; conciliar ser boa mãe e

boa aluna, pior ainda. Mas, com muita força e dedicação, consegui me formar em administração e logo depois consegui um bom emprego.

Sabia que tinha que ser forte (ou ao menos parecer) por minha mãe enquanto ficávamos juntas, porque não queria que ela sofresse mais. Então enquanto me banhava, comecei a chorar, deixando a água que caia do chuveiro levar minhas lágrimas. Depois de me arrumar eu fui acordar o Chris, que ainda estava dormindo.

Enchendo-o de beijinhos, chamei: – Chris, meu amor, acorda.

– Não, mamãe. Não quero – ele disse com uma voz manhosa enquanto escondia o rosto no travesseiro.

– Mas nós vamos ver a vovó. Você não quer ver a vovó? – perguntei a ele.

– Sim! Sim! – ele disse subitamente pulando em minha cama. – Quero muito ver a vovó! Estou com muitas saudades dela e dos seus biscoitos. Hmm... Vovó faz os melhores, não é, mamãe? – ele perguntou quando parou de pular.

– Faz sim, quem sabe ela não fez uns para nós comermos quando chegarmos? Agora vá tomar um banho e se arrumar para irmos ao aeroporto – Disse a ele indicando o cômodo.

– ‘Tá, mamãe – ele consentiu, me deu um beijo na bochecha e seguiu correndo em direção ao banheiro.

Enquanto Chris se arrumava, caminhei até a sala esperando o táxi chegar para descer com as malas. Observava o apartamento, pensando como sentiria falta daquele lugar e de todos os momentos vividos ali. Mudei para lá quando Chris tinha apenas dois anos e, como precisávamos de um lugar maior, ali era perfeito. Olhei para o lado e o vi vindo em minha direção.

– Estou pronto, mamãe – ele me disse e eu parei para observá-lo. A semelhança era tanta que assustava. Ele era tão parecido com o pai... Os mesmos cabelos negros, os olhos verdes, as covinhas quando sorria... Às vezes parecia que ele não tinha puxado nada meu, afinal meu cabelo era castanho bem claro e meus olhos eram castanhos. Chris era moreno, assim como Jake. Era impossível olhar

para ele e não vê-lo ali, em miniatura. Isso me deixava tão nervosa, pois retornar significava rever Jake. Ele descobriria tudo assim que olhasse para o meu anjinho.

Parecia que nada havia mudado. A cidade onde nasci e fui criada continuava a mesma. As casas, uma ao lado da outra, todas coloridas; os parques para onde eu fugia após as brigas dos meus pais; minha antiga escola; a lanchonete que sempre íamos após a aula e o Restaurante do Centro. Eram tantas lembranças! Em uma parte da minha vida, eu fui verdadeiramente feliz aqui.

Minha mãe foi nos buscar no aeroporto. Depois de anos sem vê-la, foi ótimo reencontrá-la. Ela estava mais magra, seu rosto mostrava-se abatido e seus cabelos, antes compridos, agora estavam curtos. Ela usava um vestido longo e bem colorido que combinava com ela. Chris ficou extremamente feliz e foi o caminho todo contando à avó tudo o que tinha acontecido e, é claro, perguntando se ela tinha feito biscoitos.

Fui o percurso inteiro pensando o que diria a Jake e se ele gostaria da novidade, afinal um filho é a parte mais importante da vida de uma pessoa. Meu pai nunca foi muito presente na minha vida e, de uns anos para cá, Christopher mostrava que sentia falta de uma presença masculina na vida dele. Ele precisava de um pai presente. Eu estava disposta a enfrentar o meu passado para que ele pudesse ter isso.

Assim que chegamos à casa da minha mãe, percebi que continuava do jeito que me lembrava: pequena e de apenas um andar. Algo mudara, no entanto. Na parte da frente, havia um jardim espaçoso e muito bem cuidado pelas mãos habilidosas de minha mãe. Em uma das suas muitas ligações ao Rio, ela me confiara estar se dedicando à jardinagem, um ótimo passatempo que a distraía de tudo o que vinha acontecendo.

O interior continuava o mesmo. Lá estava a velha sala de estar aconchegante, a cozinha na qual eu passara horas cozinhando e meu antigo quarto, cheio de memórias. Eu dividiria minha antiga cama de casal com Christopher. No entanto, não tive tempo de me deixar tomar por nostalgias.

Mandei que ele tomasse mais um banho para que pudéssemos jantar e, enquanto esperava minha vez, arrumei parte de nossas roupas no armário.

Durante o jantar, mamãe me contou as novidades, ou seja, tudo o que tinha acontecido nessa cidadezinha durante o tempo em que estive longe: quem tinha casado com quem, quem havia falecido, as pessoas novas que chegaram à cidade.

Após o jantar, fomos dormir. Era cedo, mas estávamos cansados da viagem. Sonhei com Jake naquela noite. Fazia anos que não sonhava com ele.

Acordei nervosa e inquieta antes do amanhecer e, como não conseguiria voltar a dormir, resolvi fazer uma geral na casa. Como era uma casa antiga, muita coisa se acumulava com o passar dos anos e, por consequência, juntava bastante poeira. Limpar e organizar me acalmava e tirava minha mente daquilo que tanto me inquietava: eu ainda não estava preparada para ver Jake ou qualquer residente dessa cidade, porém precisava tomar coragem. Eu não havia voltado para viver em um casulo.

Essa foi uma das minhas razões para voltar, então eu precisava fazer isso. Não só por Chris, mas por mim também, eu precisava superar essa parte da minha vida. Eu tinha tentado ter relacionamentos lá no Rio, mas eles não deram muito certo, a simples lembrança do Jake não me deixava seguir em frente.

Assim que terminei a organização, resolvi ir ao mercadinho comprar algumas coisas para preparar o café da manhã. Não havia muitos mantimentos no armário, já que minha mãe morava sozinha e não precisava de muitas coisas, mas o Chris e eu comíamos muito e, na maior parte das vezes, besteiras.

Não encontrei nenhum conhecido no caminho do mercadinho próximo à casa de minha mãe e agradei a Deus por isso. Ao chegar, pude perceber que era o mesmo mercado de quando morava aqui. Naquela época, o estabelecimento pertencia ao pai de Jake, mas minha mãe me contou que, após seu falecimento, outra pessoa estava administrando o lugar.

Logo que entrei, peguei uma cesta e fui colocando tudo o que queria. Passei o caminho todo

fazendo uma lista, assim saberia exatamente do que precisava. Um garoto que deveria ter no máximo quinze anos estava no caixa – alto, magrelo e com óculos grandes demais para o seu rosto. Comecei a colocar as coisas no balcão enquanto ele registrava tudo em silêncio, até que ele questionou: – Você é nova por aqui? – ele me observava.

– Não. Quer dizer, sim. Eu morava aqui, mas fui para o Rio de Janeiro anos atrás e agora voltei – respondi sorrindo.

– Ah, tá. Legal – ele não parecia estar achando a informação muito legal. Na verdade, ele parecia bastante entediado.

– Quando eu morava aqui, o Senhor Sullivan cuidava de tudo. Depois que ele morreu, quem comprou o lugar? – Perguntei ignorando a expressão de apatia.

– Ninguém comprou. O filho dele está administrando o lugar – ele olhou para o lado de fora do mercadinho e apontou. – Falando nele, olha ali. Ei, Jake.

Virei lentamente pensando na minha sorte – ou falta dela, não é? Nem precisei procurá-lo. Quando olhei para ele, vi que estava praticamente do mesmo jeito. A única diferença era que sua barba e... Uau! Ele estava ainda mais atraente. Jake sempre fora muito bonito, mas agora estava mais alto e musculoso. O menino que eu tinha deixado anos atrás havia se tornado um homem.

Nas raras ocasiões em que eu me permitia pensar nele, sempre imaginava como ele estaria. O Jake da minha imaginação nem se compara com o da realidade. Quando nossos olhares se cruzaram, ele pareceu surpreso, mas logo abriu um sorriso e começou a caminhar na minha direção, dizendo: – Oi, Mel.

Dois



Melanie

– Oi, Jake.

– Nossa, você voltou! – ele parecia claramente espantado por me ver ali. – Faz muito tempo...

Eu não sabia o que responder, então apenas consenti. Estava surpresa em vê-lo tão cedo.

– Então por que finalmente resolveu voltar, Melanie? Depois de tanto tempo, achei que nunca mais voltaria – ele indagou com um olhar curioso.

– Voltei por minha mãe. Não sei se você sabe, mas ela está doente – respondi.

– Sei sim, minha mãe e a sua ainda são muito amigas. Além disso, costumo ajudá-la com as compras e com alguns reparos na casa – ele revelou.

– Não sabia, mas obrigada por isso. Você não tinha obrigação nenhuma, mas fico feliz que tenha feito, ela sempre gostou muito de você.

– Não me importo de ajudar a sua mãe, Mel. Apesar de tudo o que aconteceu, sempre gostei muito dela – ele disse e então fomos interrompidos pelo atendente, que queria me entregar as compras e o troco. Desconsertada, agradei e me despedi.

– Tchau, Jake. Foi bom rever você – Apesar de querer contar a ele sobre Chris, aquele não era o momento certo. E, não, não estou inventando desculpas! Um assunto dessa importância não pode ser discutido assim, no meio de um mercadinho, com um adolescente desengonçado nos encarando.

– Até logo, Mel. Espero que possamos nos ver em breve – Jake sorriu um sorriso levemente

amarelo.

Revê-lo depois de tantos anos me deixou um pouco abalada, mas o que me deixou mexida foi o que aconteceu em seguida. Assumindo que o reencontro tivesse acabado, segui meu caminho com a intenção de voltar para casa, mas Jake pareceu mudar de ideia sobre me deixar ir embora tão facilmente. Ele tinha algumas coisas a dizer, pelo visto.

– Eu procurei por você, Mel. Eu iria atrás de você se eu soubesse onde você estava. Liguei, perguntei a todos os nossos amigos em comum e ninguém sabia ou queria me contar, mas eu te procurei. Queria que você soubesse que eu tentei.

Fiquei surpresa por saber que ele tinha me procurado por outros meios. Eu sabia que tinha insistido bastante com minha mãe, mas ela não disse uma só palavra a ele. Agora, saber que ele perguntou a outras pessoas era novidade para mim. Ele queria que eu ficasse feliz com a informação? Ele podia ter coisas a dizer, mas eu também tinha, então repliquei: – Você me traiu! Com minha melhor amiga, ainda por cima. E você ainda queria que eu tivesse ficado? Eu não ia ficar fazendo papel de trouxa enquanto você ficava com Lydia. Sabe-se lá a quanto tempo estavam tendo um caso pelas minhas costas! Ir embora foi a melhor decisão que tomei, então ainda bem que você não me encontrou.

– Eu não te traí! – ele rebateu. – Se você tivesse atendido minhas ligações ou deixado eu te encontrar para explicar tudo, você saberia que eu não te traí!

– Não grite comigo, Jake – rebati. – O que você disser agora não vai mudar nada o que vi. Eu não ouvi da boca de outra pessoa, eu vi você com Lydia, então poupe-me das suas explicações, deixe o que aconteceu há seis anos no passado. Esse assunto morreu quando saí de São Conrado.

– Olha, Mel, eu sei que nada do que eu disser vai tirar a raiva que você tem de mim, mas vamos conversar com calma e eu te explicarei tudo. Eu só quero esclarecer as coisas. Depois, se ainda assim não quiser me perdoar, não tentarei mais.

– Não posso conversar agora, Jake. Preciso ir para casa.

– Estarei te esperando no nosso lugar amanhã à noite, às sete horas. Esteja lá, Melanie. Eu te contarei o que realmente aconteceu seis anos atrás.

Pensei em tudo que Jake havia dito durante todo o caminho de volta. Será que eu estava enganada esse tempo todo? Será que o que eu vi não foi o que realmente aconteceu?

Chegando em casa, encontrei Chris sentado no sofá da sala, assistindo desenhos animados. Dali, eu podia ver minha mãe na cozinha.

– Bom dia, família!

– Bom dia, mamãe – Chris respondeu sem tirar os olhos da televisão.

– Bom dia, filha – minha mãe respondeu. – Eu te procurei quando acordei, mas só encontrei Chris na cama! Imaginei que tivesse saído – constatou.

– Fui comprar algumas coisas que estavam faltando – esclareci enquanto arrumava as compras no armário. – Também vi o Jake. Ele me contou que te ajuda de vez em quando – comentei casualmente, dando de ombros. Não ia deixar ninguém ver que ele conseguira me abalar com apenas algumas palavras. Se apenas encontrar com Jake havia mexido comigo dessa maneira, não queria nem pensar como seria quando conversássemos.

– É. Ele mudou muito, minha filha. Tomou as rédeas dos negócios da família e cuida muito bem da família desde que o pai morreu. Você contou a ele?

– Não, mãe. Não contei. Ali não era hora, nem lugar, mas ele me chamou para conversar amanhã, então não se preocupe, contarei tudo em breve – eu sabia que ela estava tão ansiosa quanto eu.

– Isso é bom Mel, ele merece saber e o Chris merece ter um pai.

– Eu sei, mãe. Você acha que não sei disso? Conversarei com ele e contarei tudo. Não se preocupe – tentei tranquilizá-la.

Comemos nosso café da manhã tranquilamente. Minha mãe estava se sentindo bem naquela

manhã e eu queria mantê-la assim, então disse para ela descansar enquanto eu lavava nossos pratos. Ela passou a manhã no jardim, assistindo Chris correr de um lado para o outro.

Chris e eu arrumamos o nosso quarto na parte da tarde. Ele me ajudou e terminamos de arrumar nossas coisas no armário, já que ficaríamos por ali por algum tempo. Depois, ele sentou na cama e me chamou para assistir televisão. Passamos a tarde vendo filmes e comendo pipoca com refrigerante. Pouco antes do último filme acabar, Chris adormeceu, então, fui ajudar minha mãe a preparar o jantar.

Cozinhar com ela, como fazíamos quando eu era criança, era maravilhoso! Passar mais tempo com ela antes que o inevitável acontecesse era tudo o que eu precisava. Fizemos macarronada com almôndegas e, quando terminamos, Chris já tinha acordado.

Jantamos os três juntos, como uma verdadeira família. Ver minha mãe sorrindo era uma das melhores coisas para mim. Christopher adorava sua avó e conversava constantemente com ela, elogiando sua comida ou contando histórias sobre o Rio de Janeiro.

Assim que terminamos o jantar, Chris e mamãe foram para sala e enquanto eu arrumava a cozinha e, quando terminei, fui à sala e me juntei a eles, que estavam assistindo *Masterchef*, um dos programas de culinária favoritos da minha mãe. Passou-se um tempo e percebi que os dois tinham dormido em meu colo, ambos não resistiam a um cafuné.

Carreguei meu filho até o nosso quarto, depois ajudei mamãe a ir ao seu. Depois de fazer minhas preces agradecendo por ter minha mãe ao meu lado por mais um dia, deitei ao lado de Chris.

No dia seguinte, acordamos tarde, tanto eu quanto o Chris ainda estávamos cansados da viagem. Ajudei mamãe a preparar o almoço e fomos até o lago. Aproveitando que o sol não estava muito quente, caminhamos juntas enquanto o meu Chris corria entre as árvores.

– Senti tantas saudades desse lugar, meu Deus! Não achei que fosse tanta até chegar aqui – dei um abraço em minha mãe.

– Oh, minha linda, você e esse pequeno me fizeram muita falta, eu contava os dias para a volta de vocês – ela respondeu acariciando meu braço.

– Sinto muito por ter ficado longe, mãe. A senhora sabia o quanto revê-lo seria difícil para mim, porém a mágoa que eu tinha de Jake me afastou da senhora também e por isso eu te peço desculpas – sentamos na sombra de uma árvore, ainda abraçadas.

– Não precisa se desculpar, minha filha. Eu entendo os seus motivos e, para mim, tudo o que importa é vocês estarem aqui agora – ela disse beijando minha testa e ficamos ali durante um bom tempo, apenas observando o Chris brincando.

Voltamos para casa e comemos uma deliciosa torta de frango com suco de maracujá. Ao terminarmos, mamãe foi ao seu quarto para fazer seus bordados e eu me deitei na rede com o Chris até adormecermos juntos.

Ao despertar percebo que já estava quase no horário que combinei com o Jake. Coloquei Christopher em minha cama, já que ele estava acordando. Tomei um banho, aproveitando para lavar meus cabelos e hidratar bem o meu corpo. Coloquei uma calça jeans, uma blusa azul e uma sapatilha.

Ajeitei meus cabelos e me maquiei. Quando vi que o Chris já estava bem desperto, mandei que ele tomasse um banho e se arrumasse para dormir. Ele terminou e veio direto para o meu colo. Inspirando o seu doce cheirinho de criança, expliquei: – Chris, a mamãe vai ter que sair agora à noite, então você janta com a sua avó e depois pode brincar um pouco, mas nada de ficar acordado até muito tarde, ok, mocinho? – orientei beliscando o nariz dele.

– Para onde você vai, mamãe? Eu não posso ir com você?

– A mamãe vai sair com um amigo e você não pode ir porque vamos ter uma conversa de adultos – respondi.

– Então ‘tá. Vou ficar com a vovó – anunciou levantando-se e indo em direção ao quarto dela.

Com um beijo na testa de cada um, despedi-me de Chris e da minha mãe. Pedi que ela não o deixasse ir dormir tão tarde.

Estava a caminho do local que Jake disse ser o nosso lugar. Até hoje me lembro o porquê daquele parque ser o nosso lugar.

Eu estava com catorze anos e saí da casa da minha avó correndo na direção da praça. Meu pai e a minha mãe tinham brigado de novo. Dessa vez, na frente da família toda. Eu já não aguentava mais as brigas e os gritos, eu só queria que eles parassem. Corri para debaixo da maior e mais afastada árvore da praça. Sentei e chorei. Chorei muito, até que senti alguém me cutucar. Limpei minhas lágrimas com o braço e olhei pronta para reclamar da interrupção.

– Você está bem? Está chorando... – ele disse e eu o reconheci logo. Era um garoto da minha escola. Éramos da mesma turma, mas eu nunca tinha conversado com ele.

– Não me diga que estou chorando? Não tinha percebido! E não, não estou bem! Será que você pode me deixar em paz? – esbravejei. Mas ele não foi embora, em vez disso, sentou ao meu lado e começou a falar: – Olha, não sei o porquê de você estar chorando, mas nada dura para sempre. Seja o que for que aconteceu, vai passar. Eu sei disso – afirmou de maneira calma, sentando-se ao meu lado.

– Você não sabe de nada. Isso nunca vai passar porque ela vai continuar perdendo ele, daí eles vão brigar e gritar de novo – expliquei limpando as lágrimas que ainda insistiam em cair. Ele ficou em silêncio por um tempo e, sem olhar para mim, anunciou: – Faz assim: sempre que as coisas ficarem difíceis e você precisar de um lugar seguro, você pode vir para cá, sentar debaixo dessa árvore, ligar para mim e desabafar. Você não vai ficar sozinha e eu posso ficar calado caso não queira conversar. Esse pode ser o nosso lugar. Um lugar onde não teremos segredos e seremos sempre verdadeiros e sinceros um com o outro – ele disse e finalmente olhou para mim, sorrindo. A irritação que eu sentia se esvaiu e eu não vi por que não confiar nele. Desde então, aquele lugar era especial em meu coração.

Sempre que as coisas ficavam muito ruins, eu ia para lá, ligava para ele e desabafava. Nos momentos mais difíceis, quando nós dois mais precisávamos um do outro, nós íamos para lá. Aquele

era realmente o nosso lugar. Estacionei na praça e fui caminhando até a árvore e, mesmo de longe, pude perceber que ele já estava me esperando.

Assim que nossos olhares se encontraram, eu sabia que, independente do que ele me dissesse, eu tinha que contar sobre o Chris.

Três



Melanie

Quanto mais perto eu chegava, mais nervosa eu ficava. Tinha medo do que Jake iria me dizer. E se eu tivesse errada esse tempo todo? E se tivesse afastado meu filho de seu pai esse tempo todo por teimosia pura? Cheguei perto da árvore e sentei ao lado de Jake.

– Que bom que você veio. Estava com medo que não quisesse me escutar – ele disse parecendo aliviado.

– Não estou aqui só para lhe escutar, na verdade. Eu também preciso falar de algo muito importante, Jake. Uma coisa que deveria ter contado para você há anos – confessei sentindo o nervosismo me preencher.

– Certo. Eu escuto, mas antes eu preciso te contar o que realmente aconteceu naquele dia.

Jake

Eu estava em casa me arrumando para encontrar Mel. Iríamos comemorar nosso aniversário de namoro. Eu já estava quase saindo quando meu celular tocou. Olhei no visor e vi o nome Lydia. Não conseguia imaginar o que ela poderia querer falar comigo agora e, mesmo atrasado, atendi: – Oi, Lydia. Pode falar rápido? Tenho que encontrar a Mel – disse apressadamente.

– Oi, Jake. É sobre a Mel mesmo que quero falar, será que você pode passar aqui em casa

antes de ir falar com ela? É muito importante, Jake. Muito mesmo – ela pediu em tom suplicante.

– Poxa, Lyd. Eu já estou atrasado, mas se é sobre a Mel eu passo aí. Vai ser rápido, não é?

– Sim, é rápido. Mas é muito sério, Jake. A porta já está aberta, é só subir. Estou no meu quarto – dizendo isso, ela desligou o telefone.

Desci as escadas, saí de casa e fui ao meu carro. Como a casa de Lyd era perto da casa de Mel, esperava que fosse rápido. Melanie não gostava de esperar. Cheguei à casa de Lydia e entrei. A porta já estava mesmo aberta, chamei o nome dela, ela respondeu que estava no quarto. Eu não ficava muito à vontade em ficar a sós com a Lydia, mas ela poderia me explicar o porquê da Mel estar tão estranha ultimamente. Assim que cheguei ao quarto, ela pediu para eu me sentar na cadeira. Ela estava sentada na cama e começou a dizer: – Olha, Jake. Nem sei como contar isso. Melanie é a minha melhor amiga e vai me matar por te contar, mas eu preciso te falar – ela começou a dizer.

– Ela está doente, é isso? Ou é o pai dela importunando-a de novo? – perguntei já nervoso. O que Mel poderia estar escondendo de mim?

– A verdade é que ela está te traindo, Jake. Ela está com outro cara já tem um tempo, por isso está toda estranha. Ela quer terminar com você, mas não sabe como – explicou.

Fiquei surpreso, abismado para dizer o mínimo. Era impossível que aquilo estivesse acontecendo. Mel não estava me traindo, Lyd devia estar louca.

– Isso não é verdade, Lyd. Eu saberia se ela estivesse me traindo – afirmei tentando dissipar o nervosismo da minha voz.

– Saberia mesmo, Jake? Você não percebeu como ela estava estranha? Não percebeu as saídas repentinas dela? Quantos encontros com você ela recusou porque disse que não estava com vontade de sair? Qual é! Ela te encheu de desculpas para poder sair com outro cara – ela disse e, enquanto isso, começou a se levantar e vir para minha frente. Ela se aproximou de mim, tocando meus cabelos e me puxando para mais perto. Nossos lábios estavam bem próximos quando ela disse: – Vamos lá, Jake. Dê o troco na Mel. Ela nunca te mereceu, mesmo – dito isso ela começou

a abaixar as alças de seu vestido e subitamente me beijou. Inicialmente, eu fiquei tão surpreso que não fiz nada, não retribui o beijo, mas ela era insistente e incisiva, puxando-me em direção à sua cama e voltando a me beijar. Ela puxava minha camisa, suas mãos passavam pelo meu corpo e, por uma fração de segundos, retribui a seus avanços.

Então Mel apareceu. Por alguns instantes, fiquei em choque, até que recuperei minha sanidade. Empurrei a Lydia e corri atrás de Mel.

Cheguei a quase arrombar a porta da casa dela, mas ela não me respondeu. Dias depois, sua mãe me contou que ela tinha ido embora e não disse para onde. Foi a partir daí que tudo começou a dar errado na minha vida. Por um tempo, tentei reencontrá-la, mas isso parecia uma missão impossível. Esforcei-me para aceitar que tinha perdido o amor da minha vida.

Melanie

Enquanto Jake contava sua versão da história, era como se um filme estivesse passando na minha cabeça. Revivi aquele dia novamente e fiquei com muita raiva ao ver o quanto eu me enganei tanto com Lydia. Achei que ela era minha amiga, mas todo esse tempo ela só queria meu namorado. Meus pensamentos foram interrompidos por Jake falando: – Então, Mel, eu nunca tive intenção de te trair. Fui tolo em achar que Lyd estava falando a verdade e me deixei levar por um momento. Foi errado, eu sei. Arrependo-me muito disso, mas eu amava você, Melanie. Eu jamais te trairia – Ele jurou.

Doeu ver Jake dizer que me *amava*, no passado. Eu nunca deixara de amá-lo, apesar do ódio que sentira no momento que o vi junto com a Lydia. Eu não consegui manter esse ódio no meu coração, eu o amava. Ainda amo. Não sei muito bem, na verdade. Ele me deu a maior bênção da minha vida, como poderia odiá-lo por tanto tempo? Depois de pensar em tudo isso, resolvi contar tudo de uma vez.

– Três meses depois que fui embora, eu descobri que estava grávida. Seis meses depois, tive

um filho. Christopher agora tem cinco anos e é a sua cara. Você tem um filho, Jake. Nós temos um filho.

Quatro



Melanie

Ele me encarava chocado. Percebi por suas feições que ainda estava tentando assimilar tudo o que eu tinha dito. Demorou um tempo, mas ele enfim disse: – Um filho? Tenho um filho de cinco anos? – a ficha ainda estava caindo. – E... Porra! Você só me conta agora, Melanie? Como você pôde fazer isso comigo? Esconder um filho de mim e me privar de viver com ele só porque você estava com raiva de mim? – ele acusou. Levantou-se visivelmente irritado.

– Sei que não deveria ter feito isso, mas estava com medo, Jake! Era uma garota de dezessete anos que tinha acabado de encontrar o namorado com a melhor amiga – argumentei. – Desculpe-me, mas naquele momento me pareceu a melhor decisão. Estava com raiva, sim. Com muita raiva! Eu só conseguia pensar em como pude me enganar tanto com as duas pessoas em quem eu mais confiava no mundo. Depois de um tempo eu pensei em ligar para você e lhe procurar para contar tudo, mas não sabia mais nada sobre você, então... – ele me interrompeu: – Mas nada, Melanie! Chega das suas desculpas! Nada do que você disser vai justificar o fato de você ter me privado de poder conviver com o meu filho. Você tomou essa decisão por mim e por ele! Mas isso não vai continuar assim – esbravejou enquanto andava em direção ao carro, deixando-me sozinha.

Fiquei um tempo andando e tentando me acalmar e entender tudo aquilo que tinha acabado de acontecer. Comecei a chorar, um choro forte e desesperado. Tentei ir atrás dele, fazê-lo reconsiderar de alguma maneira. Jake não podia tirá-lo de mim! Christopher era minha vida e, por mais que merecesse ter um pai, ele teve apenas a mim a vida toda. Lágrimas borravam minha visão, então

deitei-me em um dos diversos bancos e observei o céu, tentando organizar meus pensamentos e acalmar meu coração.

Assim que entrei em casa, encontrei minha mãe e Christopher dormindo no sofá. Cutuquei minha mãe e ela logo acordou. Mande-i-a dormir na cama ou ficaria com dor na coluna. Carreguei Chris e seguia na direção do meu quarto quando minha mãe questionou: – Contou a ele?

– Conte-i – suspirei.

– E pela sua cara a reação dele não foi das melhores, certo?

– Não, não foi. Ele provavelmente me odeia agora, Mãe. Ele ficou muito chateado por ter deixado ele longe de Chris por tanto tempo.

– Ele não te odeia, meu bem. É claro que a primeira coisa que ele vai sentir é raiva, mas deixe-o assimilar direitinho essa história. Vocês eram novos e acredito que os dois agiram por impulso naquela noite. Tenham uma boa noite – ela depositou um beijo na bochecha de Chris e, em seguida, um na minha, e então entrou em seu quarto.

Coloquei meu menino na cama e ele abriu os olhos levemente, dizendo, numa voz pequena e manhosa: – Eu ia te esperar, mamãe, mas acabei dormindo – ele coçou os olhinhos com os punhos.

– Não precisava ter me esperado, meu amor. Divertiu-se com sua avó?

– Uhum. Me diverti, sim. E comi muitos biscoitos. Vovó também me ensinou a jogar dominó, foi bem engraçado. Gostei muito desse jogo – respondeu com um sorriso pequeno e preguiçoso.

– Que bom, meu amor. Preciso te contar uma coisa... – deitei-me ao seu lado e virei para ele. Respirei fundo e, acariciando seus cabelos, continuei: – Encontrei seu pai.

Cinco



Melanie

– Meu papai? Você achou meu papai, mamãe? – Chris quis saber animando-se e mandando o sono embora.

– Sim. Hoje eu fui falar com ele sobre você, então ele deve aparecer aqui para te ver logo, logo – Conteí. Sabia que Jake não demoraria a querer ver seu filho com os próprios olhos.

– Eu sempre quis ter um papai, mamãe! Agora eu vou ter um – ele disse com os olhos brilhando de felicidade, enquanto os meus se encheram de lágrimas. Controlei-me para não chorar. Por minha culpa o meu filho não pôde ter um pai por todo esse tempo, mas iria consertar isso. Querendo ou não, Jake faria parte da vida de Chris.

– Sim, meu amor. Você vai ter um papai, mas agora já está tarde e você precisa dormir, ok? – disse beijando sua testa. Ele fechou os olhos obedientemente. – Durma bem.

Levantei para fazer minha higiene noturna e voltei para o lado dele, sentindo a tensão em meus ombros. Adormeci um sono inquieto e logo despertei assustada com barulhos muito altos. Desorientada, olhei para o relógio e vi que eram três da manhã. Identifiquei os barulhos como batidas na porta gritos que chamavam por mim, ordenando que eu aparecesse. Sabia exatamente quem era a pessoa que me chamava. Levantei correndo, vesti o meu roupão por cima do baby-doll e desci as escadas. Abri a porta antes que Jake batesse novamente e acordasse toda a vizinhança.

– O que você pensa que está fazendo? Poxa, Jake! São três da manhã! – praguejei tentando não gritar.

– Você não podia ter feito isso comigo, Melanie! Não podia! – Gritou. Sua voz estava meio enrolada e ele cheirava fortemente a álcool.

– Você está bêbado! – acusei. Quando éramos adolescentes, Jake nunca fora de beber muito, mas parece que isso havia mudado.

– Eu que te pergunto, Melanie. Por que tirou meu filho de mim? Por que não me deixou conhecê-lo? – continuo com o tom de voz cada vez mais alto.

– Fala baixo, Jake! Você vai acabar acordando minha mãe e o Christopher.

Ele se sentou nos degraus da entrada, colocando as mãos no rosto. Soltou uma risada sem humor e, sem olhar para mim, disse: – Christopher, meu filho... por que você fez isso, Melanie? Eu não merecia isso. – e, então, ele encostou a cabeça em minhas pernas e apagou. Praguejando, tive que carregá-lo, ou melhor, tentar carregá-lo até o sofá e deixá-lo lá. Tirei seus sapatos e apaguei a luz. O que mais eu poderia fazer? Teria que deixar a bebedeira passar sozinha. Subi para o meu quarto e me deitei novamente ao lado do Chris. Tinha que tentar dormir, amanhã a conversa seria longa e, talvez, dolorosa. Pelo menos emocionalmente.

Acordei com o Christopher pulando na cama e dizendo: – Mamãe, mamãe acorda! Acorda, mamãe! – ele chamava ao meu lado.

– Meu Deus, quanta animação. Pronto! Já acordei – disse enchendo-o de beijos. – Pode me dizer por que está tão animado assim? – perguntei.

– Porque vou conhecer meu papai, não é, mamãe? Vou conhecer meu papai hoje? – Ele perguntou.

Não tinha conversado com Jake ainda. Ele me acordar às três horas da manhã e falar aquilo tudo totalmente embriagado não pode ser considerado uma conversa. Não sabia se Jake ainda estava lá embaixo dormindo ou se já tinha ido embora.

– É sim, meu amor, vou fazer o possível para você conhecer seu papai ainda hoje, viu? Mas agora vá ao banheiro escovar os dentinhos para irmos tomar café, certo? – Disse sorrindo.

Ele concordou e saiu correndo. Levantei e, apreensiva, desci as escadas. Olhei para sala e vi que Jake havia ido embora, mas não sem deixar um recado em cima da mesinha de centro. Um número com os dizeres *“Ligue-me. Precisamos conversar”*.

Escutei Chris descendo a escada, e guardei o bilhete no bolso do roupão. Fui à cozinha preparar seu cereal e tomar o meu café. Minha mãe desceu e não parecia bem. Ela tinha esses episódios, dias bons e dias ruins. Era comum nos estágios finais da doença.

– Bom dia – Eu e o Chris dissemos juntos.

– Bom dia, meus queridos – ela sorriu e sentou-se ao meu lado. Christopher terminou de comer, levantou e foi até a sala assistir desenhos. Depois que ele saiu, minha mãe perguntou: – O que Jake estava fazendo aqui mais cedo? Desci para beber água e ele estava dormindo no meu sofá.

– Ele apareceu ontem no meio da madrugada, totalmente embriagado, gritando e perguntando o porquê de eu ter escondido o Chris dele, depois apagou. Tive que colocá-lo no sofá – respondi.

– Ele ainda estava dormindo quando desci. Ele falou alguma coisa com você antes de ir embora? – perguntou.

– Não encontrei com ele, quando desci ele já tinha ido embora. Deixou apenas um bilhete pedindo para ligar para ele. Deve querer marcar um encontro entre ele e Chris... Falando nele, contei a ele ontem à noite e ele ficou super animado.

– Ligue para ele, filha. Eu fico na sala com o Chris – ela incentivou indo se sentar ao lado do meu filho. Levantei-me, lavei os pratos e fui para os fundos da casa para ligar para Jake, que atendeu no primeiro toque.

– Mel – disse sonolento. Devo ter acordado ele. Espero que esteja de ressaca.

– Oi, Jake, você pediu para que te ligasse – lembrei.

– Primeiro eu queria te pedir desculpas por ontem. Ficar bêbado não é uma coisa que eu faça frequentemente – alegou.

– Aceito suas desculpas, Jake. Fico feliz que você não tenha mudado tanto assim. E, ah, eu

contei ao Chris sobre você.

– Eu queria conhecê-lo – Pausou – Christopher. Meu filho. Será que posso conhecê-lo hoje?

– perguntou cuidadoso.

– Claro que sim. Ele está super animado em finalmente conhecer o papai dele.

– Eu sou pai! Ainda é difícil acreditar. Podemos nos encontrar no lago perto da casa da minha mãe? – ele perguntou.

– Podemos, sim. Duas horas, pode ser? – quis saber.

– Duas, então. Espero vocês lá – ele diz desligando.

Enquanto Chris brincava no jardim com minha mãe sentada na varanda olhando-o, eu arrumava a casa e fazia o almoço. Depois de almoçarmos, descansamos um pouco balançando na rede. Chamei Chris para tomar banho e, enquanto eu o arrumava, ele perguntou: – Vamos sair, mamãe?

– Sim, filho, nós vamos.

Deixei-o brincando com seu boneco do Homem de Ferro na cama enquanto eu ia me arrumar. Quando acabei, Chris perguntou: – Para onde vamos?

– Vamos conhecer seu papai, meu amor – respondi.

Seis



Melanie

– Meu papai! – comemorou saltitando. Fui atrás dele e pude escutar seus gritinhos animados.

– Vovó, vou conhecer meu papai!

– Que bom, meu querido. Você vai gostar muito dele – ela respondeu.

– Vamos, Chris. Tchau, mãe – Chamei Chris e me despedi enquanto ele acenava, dando tchau.

Entramos no carro e fomos em direção a um pequeno lago que ficava bem próximo a casa dos Sullivan. No caminho, Chris intercalava entre brincar com os bonecos que trouxe e cantar as músicas infantis que tocavam no rádio.

Logo que estacionei, vi Jake perto do lago, então descemos juntos de mãos dadas.

– Cadê o meu papai?

– Ele está ali perto do lago, por que você não vai lá falar com ele? – incentivei.

Ele foi correndo para perto do Jake, que virou assim que ouviu passos. Assim que ele olhou para Chris, reconhecimento percorreu seu rosto. Ele certamente notara a semelhança que havia entre eles. Cheguei um pouco mais perto e fiquei observando.

Chris foi o primeiro a falar: – Você é o meu papai? – ele perguntou encarando Jake.

– Sim, campeão. Sou seu pai – Jake confirmou visivelmente emocionado.

Surpreendentemente, Chris o abraçou e Jake retribuiu. Nessa hora eu já estava chorando e Jake também. Ele olhou nos meus olhos e agradeceu apenas mexendo os lábios. Sorri para ele, limpando as minhas lágrimas. Eles ficaram abraçados por um tempo, depois se sentaram perto do

lago e começaram a conversar. Foi tão bonito vê-los finalmente juntos.

– Mamãe, vem cá. Senta aqui comigo e com o papai – Chris me chamou batendo no espaço ao seu lado. Fui me sentar ao lado deles.

Passei a tarde observando os dois brincando e conversando perto do lago, tentando gravar em minha mente cada segundo desse momento tão bonito.

Quando percebemos, já era noite e estava na hora de irmos para casa. Estávamos nos despedindo quando Jake perguntou: – Que tal irmos jantar juntos ao Restaurante do Centro? Tenho certeza que a Rosa vai adorar te ver – ele convidou com Christopher em seu colo.

Fiquei feliz em ver que ele também não queria que esse dia maravilhoso acabasse.

– Claro. Nos encontramos lá – respondi pegando Chris de seu colo.

– Tchau, papai – ele acenou.

– Tchau, filhão. Até daqui a pouco – Jake sorriu bobamente.

Fomos para o restaurante no qual passamos a maior parte do tempo durante a nossa adolescência. Eram tantas lembranças...

Conheci Rosa quando era criança. Ela e minha mãe eram melhores amigas, então, quando estava procurando um emprego, fui direto ao seu restaurante. Eu tinha quinze anos e queria sair e me divertir com os meus amigos, mas sem dinheiro, eu não podia. Jake trabalhava no mercado com seu pai; meus outros amigos viviam de mesada. Eu não tinha isso. Meu pai e minha mãe tinham finalmente se separado no final do ano anterior e ela lutava para nos sustentar. Ser mãe solteira não era fácil! Minha mãe ficou muito falada na cidade depois da separação: viramos o assunto das fofoqueiras de São Conrado.

Rosa me contratou como garçoneiro e eu ia trabalhar todos os dias depois da escola. No tempo que trabalhei lá, ela se tornou uma segunda mãe para mim. Tudo o que tinha vergonha de dizer a minha mãe, dizia a ela.

Jake sempre ia me visitar e nos trancávamos no depósito para nos beijarmos sempre que tínhamos oportunidade. Quando a Rosa descobriu, apanhamos de colher de pau.

Ser uma adolescente cheia de hormônios não era fácil, eu e Jake nos pegávamos em qualquer canto, tanto que foi por isso que Rosa teve a primeira conversa sobre sexo seguro com nós dois.

Depois disso, não demorou muito para termos a nossa primeira vez. Éramos o primeiro amor um do outro e fizemos juras de amor para a vida inteira, mas infelizmente não foi isso que aconteceu.

O Restaurante era harmonioso e caseiro, a melhor comida de toda São Conrado. As melhores sobremesas do mundo são feitas pela Rosa, que é capaz de deixar qualquer um gordo, já que é impossível comer só um pedaço.

Assim que estacionamos, Jake veio em minha direção e, antes que eu pudesse fazer algo, ele abriu a porta do lado que Chris estava pegou-o no colo. Acho que, por ele, eles não ficariam longe um do outro nunca mais.

Entramos no restaurante e antes que pudéssemos nos sentar nas cadeiras, escutei alguém me gritando. Virei-me para ver quem era e vi Rosa correndo em minha direção, dando-me um abraço super apertado.

– Minha menina voltou! – Ela disse enquanto me abraçava. – Senti tanto a sua falta, você está tão linda! – ela alisou os meus cabelos. – Nunca mais vá embora. Não sem antes falar comigo – finalizou me dando alguns tapas no braço e me puxando para mais um abraço.

– Senti tanto a sua falta, Rosa. Tive saudades até mesmo das suas broncas – Rimos juntas – Mas senti falta, principalmente, dos seus doces. Sabe o quanto foi difícil achar um bolo Romeu e Julieta no Rio de Janeiro? Provei diversos, mas nenhum que chegasse nem perto ao gosto do seu – abracei-a.

– Imagino que seja difícil mesmo naquela cidade grande! – Ela fez uma pausa, olhando de mim para Jake. – Vejo que velhos hábitos não mudam. Vocês juntos no meu restaurante é sempre uma coisa boa! E vejo que trouxeram alguém que ainda não conheço – Rosa abaixou-se na altura de Chris. – Oi, príncipe, sabia que você é a cara do seu pai quando era pequeno? – sorriu dando um beijo na bochecha de Chris.

Não me surpreendi por ela ter percebido tudo. Rosa sempre via além do que contávamos a ela.

Sentamos à mesa e fizemos nossos pedidos. Enquanto comia, ouvia o Chris e Jake conversarem sobre diversas coisas. Notei que tinham muitas coisas em comum. Estava adorando ver essa relação que estava surgindo entre eles.

– Eu e a minha mamãe morávamos bem longe daqui, mas agora a gente veio ficar com a vovó.
– Christopher falou depois de beber seu suco.

– E você está gostando de morar aqui?

– Sim, muito! É bem divertido. Apesar de não ter os meus amiguinhos, aqui é legal... Você gosta do Homem aranha?

– Eu gosto! E você?

– Muito! Ele é o meu herói favorito! – ele disse animado. Subitamente, fez uma carinha pensativa e perguntou: – Papai, você tem irmãos? Eu sempre quis um, mas a mamãe diz que não pode me dar agora – ele revirou os olhos.

Jake riu, respondendo: –Tenho uma irmã, a Lola. Ela tem uma filha, sua prima Sophia.

Chris se animou com a novidade e eu sorri ao lembrar da Lola, parando de prestar atenção na conversa deles.

Quando terminamos, Rosa veio com um bolo Romeu e Julieta, uma fatia para cada. Chris provou e adorou. Rosa pegou-o e levou até a cozinha para mostrar o resto do pessoal.

Quando ficamos a sós, contei ao Jake que, quando estava com seis meses, fiquei com desejo

de comer bolo Romeu e Julieta às duas da manhã. Não sabia onde comprar nem como fazer, então acordei minha mãe e a fiz rodar a cidade comigo, até encontrarmos. Comi um bolo inteirinho e fiquei muito satisfeita: apesar de não ser igual ao de Rosa, saciou meu desejo. Fui dormir às cinco da manhã, mas não sem antes colocar tudo para fora. Rimos juntos e ele disse: – Queria ter feito parte desses momentos com você. Perdi tanta coisa, Mel. Coisas importantes que não irão acontecer de novo.

E, de repente, a harmonia se dissipou e o clima ficou bem tenso.

Sete



Melanie

– Você vai sempre voltar a esse assunto? Sempre apontando o quanto fui má por não ter lhe contado e me transformando na vilã da história? Porque se for para fazer isso sempre que sairmos, prefiro não sair mais – eu estava muito irritada.

– Desculpe, prometo não tocar mais nesse assunto, mas me sinto muito mal por não ter estado nesses momentos tão importantes. É triste perceber que eu não participei de nada e que eu não estava presente quando ele deu os primeiros passos, quando disse sua primeira palavra ou deu sua primeira risada – ele respondeu com tristeza em sua voz.

– Não posso voltar no tempo e fazer você viver esses momentos, mas você pode viver o que vai acontecer daqui em diante. E ele vai adorar viver isso tudo com você, com a gente. Ele vai amar ter pai e mãe, finalmente, ainda mais com seu aniversário chegando – revelei sorrindo.

– Mesmo? Quando vai ser? – ele indagou ansioso.

– Daqui um mês. Ele está animado por fazer seis anos! Quero fazer uma grande festa, apesar de ele não conhecer tantas crianças aqui. Mas você conhece e quero que me ajude com tudo. Não sei bem se as coisas ainda estão como há seis anos. Além disso, preciso colocar o Chris em uma escola – contei a ele.

– Vou adorar ajudá-la em tudo que precisar. Pode me ligar a qualquer hora, quero passar todo o tempo que puder com o Chris. E, se você está pensando em escolas, vai ficar aqui por muito tempo? – ele questionou.

– Não sei – Respirei fundo. – Tudo vai depender dos acontecimentos futuros. Preciso ficar aqui para cuidar da minha mãe, Jake. E se isso levar muito mais tempo, não quero prejudicar a educação do Christopher – Expliquei enquanto via a Rosa trazê-lo de volta.

– Olha, mamãe, a tia Rosa me deu para eu levar para vovó. Podemos levar para ela agora? – Ele perguntou sentando em meu colo.

– Podemos, sim. Esse menininho aqui quer ir ver a vovó, Rosa, acho que já está com saudades. Pode me trazer a conta? – Digo dando beijinhos em sua bochecha.

– Se você prometer que vai trazer esse mocinho aqui para me ver mais vezes, hoje é por conta da casa! – Ela deu seu enorme sorriso amável.

– Para com isso, Rosa, não somos mais adolescentes – Jake replicou tirando a carteira do bolso.

– Pode guardar essa carteira aí, mocinho. Vai me ofender se me pagar – ela cruzou os braços e o encarou. Ele a encarou de volta e uma batalha silenciosa desenvolveu-se entre seus olhares. Jake perdeu.

– Está certo, Rosa, até qualquer dia – Ele rendeu-se dando um beijo em sua bochecha.

– Tchau, tia Rosa – Chris disse repetindo o gesto de Jake.

– Tchau, Rosa. E pode deixar que vou aparecer e trazer esse menininho para ficar com você, viu? – Avisei dando-lhe mais um abraço apertado.

Fomos para o estacionamento e Chris não queria lagar Jake, queria que o pai fosse conosco. Quando percebeu que não teria sucesso, começou a fazer birra e chorar.

– Vem comigo, papai – ele implorou com o rosto cheio de lágrimas. – Vamos para a casa da vovó. Por favor, papai.

Jake olhou nos meus olhos, implorando para que eu o deixasse ir conosco. Como eu poderia negar isso a eles, depois de todo esse tempo?

– Chris, meu amor – chamei sua atenção. – Vamos fazer assim, seu pai vem com a gente para

casa da sua avó, mas ele vai com o carro dele e nos encontra lá, certo? – Pergunto acariciando seu rosto.

– Está certo – ele concordou correndo para os braços do pai. – Vai para a casa da vovó viu, papai?

– Nos encontramos lá. Você sabe o caminho – Falei colocando Chris no carro e indo para casa de mainha.

Assim que chegamos, percebi que Chris tinha dormido no banco do carro. Olhei para o relógio e vi que já tinha passado bastante da hora dele dormir. Quando a animação de ficar com o pai passou, o sono veio. Enquanto eu o observava, Jake bateu na janela do meu carro. Abri a porta e disse: – Ele dormiu. Aguentou bastante, na verdade. Acho que foi porque estava todo feliz de te conhecer, mas bastou se acalmar para dormir.

– Imaginei que ele provavelmente dormiria. Achei que ainda estava cedo quando saímos de lá, mas já está bem tarde – Ele comentou me encarando.

– É, percebi também. Mas foi um dia bem agradável, não foi? – questionei sorrindo.

– É. Foi, sim – ele disse aproximando-se de mim e pressionando seu corpo contra o meu. – Sinto tanto a sua falta, Mel – sussurrou em meu ouvido, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha.

Bastou esse mínimo contato físico para eu perceber que não era só ele que estava sentindo falta. Coloquei minhas mãos em seus cabelos e ele me puxou contra ele até que estivéssemos com nossas bocas praticamente coladas.

– Não se arrependa disso, *baby* – ele pediu pouco antes de colar sua boca na minha, iniciando um beijo lento e intenso. Não conseguíamos largar um do outro, contudo, apesar de toda paixão e loucura contida nesse beijo, tive que empurrá-lo antes que acontecesse algo mais bem ali, contra seu carro.

– Não podemos fazer isso! Não podemos começar algo que pode acabar muito mal – disse me afastando dele.

– Foi só um beijo, Mel. Você está pensando demais. Você sempre pensa demais. – Ele disse passando as mãos nos cabelos, afastando-se de mim.

– O que seria da nossa relação se um de nós não pensasse demais nas coisas? – Disse tirando Chris do carro, pegando-o no colo e ligando o alarme.

– Deixa que te ajudo – Ele disse tentando tirar Chris do meu colo.

– Não precisa, Jake. Estou acostumada a fazer isso sozinha. Se quiser ver ele amanhã, me ligue antes – Disse dando as costas a ele e entrando em casa. Antes de fechar a porta, no entanto, escutei ele questionando: – Voltamos à estaca zero? Tudo o que passamos hoje foi destruído por causa de um beijo? Olha, só não foge de novo, Mel. Eu quero meu filho junto a mim, mesmo que você não queria estar – Ele disse indo em direção ao carro.

Tranquei a porta e caminhei até o quarto. Minha mente estava confusa: como ele pôde me beijar daquele jeito e me dizer essas coisas logo depois? Caramba! Eu mudei muito e ele também! Será que ele não enxerga isso? Não somos mais adolescentes, temos um filho juntos e ele continua me julgando por atos passados... Como conseguiríamos ficar juntos assim?

Chris acabou acordando no meio caminho, então aproveitei para dar um banho rápido nele. Coloquei seu pijama, coloquei-o na cama e ele, que estava sonolento durante todo o processo, logo voltou a dormir. Caminhei até o quarto de mainha e observei-a dormindo tranquilamente, então voltei para meu quarto e tomar um banho bem longo, deixando a água quente levar minhas tensões embora. Vesti meu baby-doll e, quando estava me deitando, meu celular apitou com uma nova mensagem: *“Não pense tanto sobre a gente, deixa acontecer e o futuro nos dirá se estávamos certos. Passo aí amanhã de manhã para pegar o Chris, quero levá-lo para conhecer minha mãe. Beijos, J.”*

Larguei o celular e encarei o teto, um longo suspiro escapando de meus lábios.



Melanie

Acordei ofegante no dia seguinte. Sonhei com Jake novamente e, no sonho, íamos além dos beijos bem ali, contra seu carro. Não queria ter sonhos como esse, mas não mandava em meu subconsciente. Apesar de ter perdoado, não conseguia confiar plenamente em Jake. Sempre pensei que confiança é a base de qualquer relacionamento, e se eu não a tivesse, nosso relacionamento não daria certo.

Eu podia estar sendo muito negativa em relação a nós dois, mas se uma parte de mim o amava, a outra ainda guardava mágoa por todo o ocorrido. Perdoar é algo fácil a se fazer, eu o perdoei depois que ele me disse toda a verdade, mas não esqueci o que aconteceu. Isso levaria tempo.

Não me arrependia das decisões que tomei e das coisas que vivi, dei o melhor de mim para o Christopher e tentei suprir seus anseios do jeito que eu podia, mas minha vida seria tão diferente se eu estivesse ficado! Provavelmente já estaríamos casados e vivendo em alguma casa no campo. Mas não era hora de pensar no que podia ter sido, precisava me concentrar no presente, minha mãe e Chris dependiam disso. Do futuro, ninguém sabe.

Quando voltei para o quarto, Christopher estava no processo de acordar. Coloquei um vestido florido que ia até a coxa e uma rasteirinha, então caminhei até Chris, enchendo-lhe de beijos.

– Bom dia, meu príncipe, vá escovar os dentes e descer para tomar café.

– Bom dia, mainha – ele depositou um beijo em minha bochecha, pulou da cama e foi ao

banheiro. De tanto ele escutar eu chamar minha mãe assim, ele resolvera me chamar de mainha agora.

Eu estava adorando! Chris nasceu e viveu por muito tempo no Rio, então não tinha esse costume.

Desci as escadas correndo e encontrei minha mãe fazendo cuscuz de milho para comermos.

– Bom dia, minha mãe – aproximei-me beijando sua testa.

– Bom dia, minha querida. Estava esperando mesmo você acordar. Como foi ontem? – Ela perguntou curiosa.

– Ah, mãe, foi maravilhoso. Eles se deram tão bem! Parecia que se conheciam a vida toda. Eles têm mais coisas em comum do que a aparência e me arrependi tanto por não ter contado antes... às vezes penso que me precipitei... – Despejei todos os pensamentos que atormentavam minha mente aflita.

– Não fica assim filha. Você fez o que tinha que fazer, o que seu coração mandava. E você demorou, mas fez a coisa certa, então não fique pensando demais no que você poderia ter feito – Assim que ela terminou de falar, Chris desceu as escadas.

– Bom dia, vovó – Deu um beijo nela, virou para mim e questionou: – Cadê o meu papai? Por que ele não veio aqui ontem?

– Ele veio, sim, mas você estava dormindo. Ele te deu um beijo e foi embora, mas ele deve me ligar logo. Ele disse que queria te levar para conhecer sua outra vovó, a Marina. Ela é a mãe do seu pai, sabia?

Chris pareceu levemente surpreso, mas muito animado ao descobrir que tinha outra avó. Ele sorriu para mim e sentou-se à mesa.

Estava colocando seu suco quando ouvi meu celular tocando e vi o nome de Jake no visor. Atendi e, antes que pudesse dizer alguma coisa, ele disse: – Recebeu minha mensagem?

– Sim. Que horas você irá passar aqui?

– Daqui a pouco. Acabei me atrasando no mercado, então não posso esperar muito. Por favor, apresse-se que já estou chegando.

– Ok, irei arrumá-lo. Ele está ansioso para conhecer sua família.

– Ah, que bom! Estão todos muito ansiosos para conhecê-lo, também. Passo daqui a pouco para pegar vocês dois – ele disse desligando.

Sorrindo, chamei Christopher, que prontamente apareceu em minha frente.

– Precisamos nos arrumar. Seu pai está chegando daqui a pouco para nos levar para a casa da sua outra vovó – Avisei mandando-o tomar banho. Enquanto isso, eu separei sua roupa e arrumei uma mochila com uma roupa reserva porque, se fôssemos para o sítio dos Sullivans, com certeza ele iria se sujar.

Quando Christopher terminou de se arrumar, foi falar com a minha mãe. Como já estava pronta, desci as escadas com a mochila nas costas e ouvi buzinas. Olhei pela janela e vi Jake nos esperando.

– Vamos logo! – Apressou.

– Chris, seu pai chegou, vamos!

Meu filho veio em minha direção, acenando para a avó. Descemos os degraus da frente da casa e, assim que Chris viu Jake, correu para abraçar o pai. Fiquei olhando os dois, em pouco tempo surgiu uma relação tão pura entre eles. Jake abriu a porta para Chris, prendeu seu cinto e virou para mim, perguntando: – Vamos? – Estendeu a mão para que eu a pegasse. Aceitei-a e abriu a porta do carro. Entramos e fomos a caminho do sítio dos Sullivans, que ficava próximo da saída da cidade. Levaríamos meia hora para chegar lá.

– Comprei esse CD. Lola me disse que a Sophia ama essas músicas, então pensei que o Chris poderia gostar também – ele comentou colocando a música para tocar. Como era da Galinha Pintadinha, ele já conhecia.

– Acho que ele gostou – respondi sorrindo e olhando para Chris, que se dividia em jogar em seu tablet e cantar junto com o rádio.

– Sobre ontem... – Ele começou.

– Não vamos conversar sobre ontem, Jake. Vamos focar no presente. Prometo que depois falamos sobre isso – Determino e passamos o resto do caminho calados.

Assim que chegamos, Jake estacionou e caminhamos juntos em direção a casa. Um cachorro enorme veio correndo em nossa direção e logo o reconheci. Bart era o cachorro da família e sempre que vínhamos ao sítio, quando éramos mais novos, fazíamos uma farra com ele.

Quando ele chegou perto de mim, fiz carinho em sua cabeça e ele lambeu a minha mão. Chris ficou com um pouco de medo por ele ser tão grande, mas depois de muita persuasão, fez carinho em Bart. Entramos em casa e uma menininha linda veio em nossa direção. Ela tinha os cabelos em um lindo tom de castanho claro, os olhos bem azuis e a pele morena. Tirando os olhos, era muito parecida com a Lola.

– Tio Jake, você veio! – Ela esticou os braços para que ele a carregasse. Ele a pegou e a encheu de beijos, dizendo: – Minha princesa Sophia! Como você está linda! Cadê a sua mãe? E a sua avó?

– A vovó está na cozinha, a mamãe saiu com o tio Tyler – ela respondeu sorrindo.

– Ok. Vou chamar sua avó, mas antes preciso te apresentar duas pessoas. Essa é a Melanie e esse é meu filho o Christopher, mas você pode chamá-lo de Chris. – Ele disse a ela, apontando para nós.

– Você é a namorada do titio? Vai ser minha titia agora? – Perguntou me fazendo corar de vergonha.

– Sophia, a Melanie não é minha namorada, mas ela é a mãe do Chris – Jake explicou a ela.

– Oi, Sophia, você parece tanto com a sua mãe! Vocês têm a mesma cara. Parece que está os genes dos Sullivans são mesmo muito fortes! – Disse enchendo-a de beijinhos. – Chris, cumprimente sua prima.

– Oi, Sophia. Papai me falou que você é minha priminha agora! – Chris obedeceu animadamente.

– Isso é tão legal! Sempre quis ter um priminho! – ela respondeu com a mesma animação.

– Achei que tinha escutado uma voz familiar. Melanie, minha querida, há quanto tempo – a mãe de Jake emergiu da cozinha, vindo me abraçar. – E esse é o meu netinho? – Ela perguntou olhando para o meu menino.

– É, sim – Concordei. – Fala com a sua avó, Chris.

– Oi, vovó – ele disse abraçando-a. Ela sorriu para mim, encantada.

– Lola já deve estar chegando, saiu logo cedo com o namorado: Tyler. Foram para a cidade vizinha para um evento de caridade da empresa dele – Marina disse e voltou à cozinha para aquecer o almoço.

Fomos para a área externa da casa. Chris e Sophia foram brincar em um parquinho no quintal, que não estava ali seis anos atrás. O pai do Jake devia tê-lo construído depois do nascimento de Sophia.

– Então o Tyler é o pai da Sophia? – Questionei interessada.

– Não, o pai da Sophia é algum londrino que saiu com a Lola apenas uma vez. Um canalha que sabe sobre a Sophia, mas nunca a procurou, nem quis saber da menina. Tyler é um empresário que a Lola conheceu em um dos seus eventos, eles estão juntos a uns anos, já – Ele respondeu.

– Então ele não é daqui? Não é alguém que eu tenha conhecido? – quis saber.

– Não, ele é relativamente novo na cidade, mas o pouco tempo que o conheço mostrou-se ser um cara muito bom não só para a Lola, mas para Sophia, também – Ele disse olhando para as crianças.

– Ah... – Acompanhei o olhar de Jake e ficamos em silêncio por um tempo. – Você fica de olho nas crianças? Vou ao banheiro. Ainda está no mesmo lugar?

Ele confirmou com a cabeça sem tirar os olhos de Chris e Sophia. Levantei-me e percorri os tão familiares corredores. Quando estava voltando, ouvi um grito estridente: – Eu não acredito que você voltou! Como pôde voltar e não me procurar?



Melanie

– Sua louca! Quer me matar de susto? – Reclamei, mas corri para abraçá-la. Estava muito contente de revê-la. – Se você sabia que eu estava na cidade por que não me procurou, Lola? Se eu bem me lembro, você estava em Londres quando fui embora.

Durante a adolescência eu e a Lola ficamos muito próximas, praticamente inseparáveis. Conheci ela através do Jake. Estudávamos na mesma escola, gostávamos das mesmas coisas, vivíamos uma na casa da outra, mas tivemos que nos afastar quando ela foi fazer intercâmbio em Londres. Isso foi um pouco antes de eu ir embora para o Rio de Janeiro e, desde então, não tínhamos contato algum.

– Mas eu não sabia! Eu só descobrir porque o chato do meu irmão me ligou hoje de manhã falando que estava trazendo você e o filho dele para a gente conhecer. Você teve um filho do meu irmão e não me contou? Poxa, achei que éramos amigas – ela mostrou-se indignada.

– Fala sério, Lola! Você também teve uma filha e não me contou. Nunca mais falou comigo desde que foi para Londres – repliquei.

– Ele é meu sobrinho, caramba! E eu nem sabia onde você estava para lhe contar sobre ela – Notei que um homem observava nossa conversa, provavelmente o tal Tyler. Ele era negro, alto e tinha olhos azuis.

– Ah... Oi, Tyler, tudo bem? Sou Mel, amiga da Lola. Desculpe por essa agonia toda, é que não nos vemos há muito tempo – apresentei-me e expliquei. Ele riu.

– Não tem problema, já estou acostumado com esse jeitinho da Lola. Vou ver a Sophia e falar com o seu irmão, ok? – ele aproximou-se dela, deu-lhe um beijo no pescoço e seguiu para o lado de fora da casa.

– Então. Quero que me conte tudo! É tão bom ver você desse jeito – eu disse animadamente.

– De que jeito?

– Toda apaixonadinha! – provoqueei-a rindo.

Sentamos no sofá da sala. Tínhamos muito o que falar uma com a outra.

– Como foi em Londres? – Perguntei curiosa.

– Foi bem turbulento – Ela suspirou prendendo os cabelos. – Fui para estudar e voltei como mãe solteira. A experiência não foi de todo ruim, aprendi muito e sofri demais, também. Sophia foi uma das únicas coisas boas que me aconteceu lá. Apesar de tudo, aquele canalha me deu o bem mais precioso da minha vida – ela sorriu e, então, perguntou: – Como foi viver no Rio de Janeiro? E me explica porque você foi para lá. Nunca entendi e Jake nunca me disse nada!

– Fui para lá para fugir do seu irmão e da vergonha que ele me fez passar. Peguei-o aos beijos com a cretina da Lydia – Revelei deixando-a surpresa.

– Ele o quê? Vou matá-lo! – ela disse levantando-se. Agarrei seu braço rapidamente.

– Calma! Na verdade, o que aconteceu foi um grande mal-entendido. Lydia mentiu e armou toda aquela cena. Flagrei-os no momento de fraqueza do Jake. – revirei os olhos. – Mas não vamos falar sobre isso! Não importa por quê parti, eu estou aqui agora. Conte-me sobre você e o Tyler – estava cansada de remoer o passado, então desviei do assunto. Ela sorriu bobamente ao escutar o nome do namorado.

– Ele é maravilhoso. Conhecemo-nos em um evento que organizei, ele foi muito gentil e carinhoso mesmo sabendo que eu tinha uma filha. Fiz de tudo para resistir a ele, mas no final ele acabou me conquistando – ela assumiu ficando levemente corada.

– Vocês combinam. Vão ter filhos tão lindos, sua vaca sortuda! – Brinqueei fazendo-a rir.

– Olha só quem fala! Jake me mandou fotos do meu sobrinho e ele é lindo, muito lindo. Pena que puxou tão pouco de você – ela riu.

– Realmente, ele saiu todo ao seu irmão – concordei rindo também.

– Vai ficar por muito tempo? – ela perguntou.

– Não sei. Meu tempo aqui é incerto, Lola. Tudo depende da minha mãe e eu também não quero privar o Chris de viver com o pai, não de novo.

– Você vai encontrar um jeito de ficar, sei que vai. No final de tudo, sempre voltamos para cá, Mel. Aqui é o nosso lugar – garantiu tentando me passar confiança. – Agora vamos lá para fora porque quero encher meu sobrinho de beijos.

Quando saímos, as crianças ainda estavam brincando no parquinho, então Lola andou em direção a Chris e Sophia. Sentei-me junto com Jake e Tyler para observar a interação.

– Oi, meu querido! Sou a Tia Lola! Você deve ser o Christopher, certo?

– Sim, sou o Chris – ele disse dando-lhe um sorriso enorme.

– Que menino mais fofo – ela o pegou no colo. – Você vai ser o meu sobrinho favorito a partir de agora! – ela exclamou beijando suas bochechas.

– Mas o papai disse que eu sou seu único sobrinho, tia Lola! – ele disse e ela o encheu de cosquinhas.

Passamos um resto agradável de manhã, conversando e conhecendo melhor um ao outro, até que Marina nos chamou para almoçar.

Entramos e nos sentamos à mesa, aproveitando uma refeição maravilhosa. Ao terminarmos, as crianças pediram sobremesa e ela deu picolés a eles. Descansamos apreciando a paisagem e as boas companhias, então os pequenos, cheios de açúcar e energia, foram ao quintal para brincar com o Bart. Fiquei olhando para eles até que Jake me chamou: – Mel, vem aqui comigo.

– Claro – Concordei virando-me para Chris. – Filho, vou ali com o seu pai e já volto. Comporte-se, certo? – Ele consentiu e eu saí com Jake.

Caminhamos pelo vasto terreno até uma pequena colina e paramos ali.

– Pensou no que eu falei? – ele perguntou acariciando meus cabelos.

– Jake, você realmente acha que isso vai terminar bem? – Repliquei.

– Nosso relacionamento não deu errado por nossa causa, Mel, nós funcionamos muito bem juntos. Nosso namoro foi a prova disso – alegou tentando me convencer.

– Mas se passaram seis anos, Jake. Seis anos sem trocarmos uma única palavra... Nós não somos mais os mesmos, nós mudamos.

– Eu sei, ambos mudamos, mas o que sentimos ainda está do mesmo jeito, não é? Talvez até mais forte.

– Eu não sei, eu tenho medo, Jake. Tenho medo de isso ser ainda pior que a suposta traição e nos destruir ainda mais. Dessa vez não é só a gente. Chris é o meu bem mais precioso, não quero magoá-lo – esclareci.

– Vamos com calma, então.. Tentaremos, pelo menos. – ele diz e quando não esboço reação alguma ele continua. – Eu estou disposto a conhecer a nova Mel. Quero saber tudo o que você estiver disposta a me contar, ok? Quero que isso dê certo e não só pelo Chris. E se der certo, contamos para a ele, ok? – ele diz me abraçando.

– Ok. Eu quero isso também, mas eu não sou a mesma garota que te deixou há seis anos, como tenho certeza de que você também não é mesmo. Quero saber mais desse novo Jake. Quero te conhecer, também, estar com você me faz muito bem. – Concordei e ele se aproximou dando-me um beijo na boca. Um beijo calmo e cheio de paixão, representando um recomeço.



Melanie

Ficamos lá por um tempo. Jake sentou na grama e me colocou entre suas pernas. Permanecemos juntos, em silêncio, só admirando a vista, até que ele perguntou: – Vai fazer alguma coisa amanhã à noite?

– Acho que não, por quê? – Indaguei dando de ombros.

– Queria te chamar para sair, poderíamos jantar – ele propôs depositando beijos em meu pescoço.

– Seria ótimo. Eu adoraria, mas não poderíamos ir ao Centro. Amo a comida da Rosa, mas jantar lá vai fazer com que ela crie expectativas sobre nós – justifiquei acariciando seus braços.

– E tudo o que nós não queremos é mais pressão sobre essa cabecinha linda – Jake disse beijando meus cabelos.

Tinha saudades do que éramos. Jake foi meu primeiro amor e meu melhor amigo por anos. Ele foi a pessoa que mais me apoiou e esteve ao meu lado. Então, sim, ele merecia uma chance, mas o medo continuava ali. Eu estava nervosa com a possibilidade de algo dar errado de novo. Sofri muito quando aquela confusão ocorreu e acabei criando meu filho sozinha por causa de um mal-entendido. Se algo acontecesse agora, não sei se o que sentimos seria o suficiente. Ainda não conseguia confiar plenamente nele.

Nem sempre apenas amar é o suficiente para manter um relacionamento. Não, ele precisa de tantas coisas além do amor! Precisa de confiança, carinho, compreensão e paciência. Jake e eu

precisávamos conquistar tudo novamente para que isso entre nós dois desse certo.

Estávamos nos beijando quando ouvimos Lola gritar: – Ei, casalzinho, mamãe está chamando vocês lá dentro.

Jake intensificou nosso beijo, deixando-me sem ar. Eu pude ouvir a Lola rir e dizer: – Agora já deu, se eu não posso namorar vocês também não podem – determinou.

Rimos e caminhamos com ela em direção a casa. Assim que entrei, Chris veio correndo em minha direção, todo sujo de terra e lama.

– Meu Deus! Onde você estava, meu porquinho? – indaguei fazendo cócegas nele. Ele riu e respondeu: – Estava no parquinho com Sophia, depois fomos correr atrás do Bart. Ele é tão grande, mamãe. Foi tão legal! Podemos ter um cachorro? – Quis saber animado.

– Um cachorro, mocinho? – Perguntei e ele consentiu. – Vou pensar no seu caso, viu? – Disse fazendo-o sorrir.

– Parece que tem alguém precisando de um banho, não é? – Jake analisou olhando para Chris.

– Mas papai, não quero tomar banho agora – falou querendo fugir para brincar mais um pouco.

– Mas tem que tomar banho, Chris, se não vai ficar sujo e cheirando mal. Vamos já para o banheiro que já está ficando tarde e sua avó deve estar com saudades da gente. – disse guiando-o para o chuveiro.

Depois que arrumei Chris, decidimos ir embora. Despedimo-nos de todos com muitos beijos e abraços e fomos para casa. Chris estava cansado e acabou dormindo logo. Eu e Jake fomos em silêncio durante boa parte do caminho, até ele dizer: – Vou ao cartório para resolver a situação da certidão, já que quero que o Chris tenha meu sobrenome.

– Você vai fazer isso sem ao menos me perguntar como me sinto?

– Você vê algum problema nisso? Ele é o meu filho. Eu sei que você o criou esse tempo todo sem a minha presença, mas só quero que ele tenha uma parte de mim com ele.

– Não estou dizendo que sou contra isso, pelo contrário, eu te apoio. Só não gostei do fato de você ter simplesmente imposto isso e sem ter me perguntado.

– Ok, desculpe. Sei que você, como mãe, tem que saber tudo aqui relacionado ao nosso filho, por isso irei te falar que vou encontrar um advogado para ver a questão da guarda e da pensão – ele suspirou calmamente como se não tivesse acabado de me falar nada demais. Eu o olhei surpresa e indaguei: – Guarda? Você quer a guarda do Chris? Para quê? Quer tirá-lo de mim? – Questionei um pouco nervosa.

– Não, não foi isso que eu quis dizer, mas quero ter o Chris sempre comigo, então devemos organizar visitas. Quero que ele vá a minha casa e que passe mais tempo comigo – ele se justifica.

– Isso pode acontecer sem envolvermos advogados – aleguei séria. – As visitas podem acontecer com calma. Chris não pode ir para sua casa e dormir logo na primeira noite, ele iria chorar e não dormiria. Nem ele, nem você. Podemos, entre nós e de maneira amigável, resolver os dias e as horas que o Chris passará com você – assegurei. Ele permaneceu calado por um tempo e, então, disse: – Eu só quero passar o tempo com ele que você tirou de mim. E se for preciso envolver advogados nisso, farei o impossível para ter meu filho comigo, Melanie. Quero conviver com ele sem temer que, se brigarmos, você levará meu filho para longe de mim.

Fiquei em silêncio o resto do caminho. Quando chegamos à casa da minha mãe, ele tirou Chris do carro e eu o peguei no colo. Entrei em casa, subi as escadas com o Jake atrás de mim. Deitei Chris na cama e saí do quarto apagando a luz, descemos e ficamos na varanda em frente ao carro.

– Está brava por causa do que eu falei? – ele perguntou me encarando.

– Não, não estou. Afinal, o que você disse é verdade, não é? Eu tirei o Chris de você e agora você quer tirá-lo de mim – acusei com ironia e ressentimento.

– Não vou tirá-lo de você. Só quero passar mais tempo com ele. Ele é meu filho, caramba! Você não me deixou ser pai dele por seis anos. Tudo o que eu quero agora é ser pai dele! – Rebateu.

– Não precisa tirá-lo de mim para ser pai dele, Jake! – Digo entrando e fechando a porta.

Pude escutá-lo batendo a porta do carro e saindo. Sentei no chão e comecei a chorar. Como fui burra em achar que estava tudo dando certo.

Talvez eu estivesse sendo um pouco egoísta, mas o Chris era a minha vida, não saberia viver sem ele perto de mim. Não consigo dividi-lo, porém, pelo que vejo, terei que aprender pelo bem de nós dois.



Melanie

Acordei na manhã seguinte e fiz minha rotina matinal. Tomei banho coloquei uma calça jeans, uma blusa azul e calcei as sapatilhas. Deixei meus cabelos soltos e fiz uma maquiagem básica. Desci e minha mãe estava sentada tomando seu café observando o jardim. Dei bom dia e me sentei ao seu lado, perguntando: – Pode cuidar do Chris essa manhã para mim?

– Posso sim, vai sair? – ela perguntou.

– Vou. Tenho que falar com Liam – Digo fazendo-a me olhar surpresa.

– Liam? Achei que estava indo tudo bem com você e o Jake. – Ela diz espantada.

– Preciso saber se há alguma possibilidade de Jake tirar Chris de mim. E apesar de Liam ser um ex-namorado, ele é o melhor no trabalho dele. Além disso, ele também é um grande amigo.

– Me explica essa história direito. O Jake quer tirar o Chris de você? – Ela pergunta confusa.

Contei para ela tudo o que Jake havia me dito na noite anterior e ela pareceu pensativa antes de responder: – Ele só quer passar mais tempo com o Chris. Não vejo nada de errado nisso. Envolver alguém como o Liam nessa história não vai ser algo bom, Melanie – analisou um tanto inquieta.

– Eu sei o que estou fazendo, mãe. Cuida do Chris, ‘tá bom? – disse saindo de casa, entrando no carro e indo em direção ao escritório de Liam.

Conheci Liam em um show que fui quando eu e Jake terminamos pela segunda vez. O motivo? Ele estava defendendo o canalha do meu pai. Discutimos muito e resolvi terminar, então fui a esse

show com Isa, uma garota da minha escola. Aprontamos muito naquela noite! Bebi bastante e acabei ficando com Liam, que era um cara muito certinho para estar em um show barra pesada como aquele. Ficamos por um tempo, mas logo vi que não daríamos certo. Éramos de mundos diferentes e eu estava completamente apaixonada por Jake. Não era justo ficar com ele nutrindo sentimentos que não iriam para frente.

Meses depois, ele foi para o Canadá e ficara anos sem vê-lo. Há um ano, no entanto, esbarrei com ele no Rio. Ele foi uma das primeiras pessoas do meu passado que viu Chris. Conversamos muito e uma amizade surgiu, dessa vez ainda mais forte e consistente do que a da adolescência. Minha mãe não queria que falasse com ele porque sabia que Jake não iria gostar: ele tinha muito ciúmes de Liam.

Cheguei ao escritório e a secretária não estava no local, então esperei por um tempo para ver se ela aparecia. Quando conversamos pela manhã, Liam falou que, dependendo do horário que eu chegasse, ele poderia estar em reunião com algum cliente, mas que era para falar com a secretaria para avisá-lo da minha chegada. Eu estava olhando as mensagens no meu celular quando a ouvi dizer: – Não é que o meu irmão estava certo, mesmo? A santinha voltou a São Conrado.

– Lydia? O que você está fazendo aqui? Deu para me seguir, agora? – Perguntei espantada ao vê-la.

– Eu? Te seguindo? Você não é tão importante assim, querida – debochou rindo.

– Se não está me seguindo, está fazendo o quê aqui?

– Não que eu lhe deva satisfação, mas eu trabalho aqui – respondeu.

– É a secretária do Liam?

– Liam? Você é a tal amiguinha do Sr. Albuquerque? Vejo que você é rápida, não é, Mel? – Insinuou.

– Não sou “amiguinha” dele, Lydia. Nós somos amigos, não sou igual a você, que ficava com um enquanto estava com outro.

– Acha que eu fiz isso com o Jake, não é? Pena que eu não estava com outro quando ficamos.

Já procurou ele desde que voltou? Ele já te falou sobre tudo o que aconteceu enquanto você estava fora? – ela questionou se aproximando de mim.

– O que está insinuando, Lydia? Acha que Jake iria te querer depois que você foi tão patética, praticamente agarrando ele naquela noite?

– Patética? Patética é você achando que tudo que aconteceu naquela noite, ou em outras noites, foi só porque eu quis. Ele quis também, querida, me quis muito e muitas vezes – ela disse ardidamente.

– Não vou cair nessa, Lydia. Cansei das suas mentiras, acreditei nelas por anos, mas não sou a mesma garota que confiou em você.

– Que pena! Depois que souber a verdade, não vá embora de novo! Ou melhor, vá. Vou adorar consolar o Jake novamente – ela disse me provocando. – Soube que teve um filho. Jake acreditou mesmo que era dele? Do jeito que você era, ele pode muito bem ser do Liam.

Não aguentei mais e parti para cima dela. Começamos a nos estapear e nos chutar. Puxamos os cabelos uma da outra e nos arranhamos, até que senti duas mãos me carregarem e me puxarem para trás. Queria continuar batendo nela, mas Liam não deixou. Lutei um pouco com os braços que me seguravam, mas lembrei de onde estava ao ouvir aquela voz conhecida.

– Parem com essa briga agora! – Liam disse. – Estão em um escritório, não um ringue. Senhorita Parker, vá ao banheiro se recompor. E que isso não se repita! – ele gritou levando-me até a sala dele. Ao fechar a porta, ele brincou: – Você não muda mesmo, não é, princesa? – riu.

– Cala a boca, Liam. Há anos que não entro em uma briga. A última que participei foi para te defender, vale ressaltar. – Ele riu e disse: – Não sabia que essa era a tal Lydia, a garota que fez você ir embora.

– Não fui embora por causa dela, fui porque achei que Jake estava com ela, você sabe disso – esclareci. – Mas isso não importa agora. Vim a negócios. Quero que você me diga uma coisa.

– Se eu souber te responder – deu de ombros.

Respirei fundo e fiz a pergunta que tinha me levado até ali: – Se o Jake quiser, ele pode tirar o Chris de mim? – Questionei temendo sua resposta.

Doze



Melanie

– Olha, Mel, preciso avaliar o caso. Por acaso ele abriu uma ação pedindo a guarda do Christopher? – ele pergunta me indicando um lugar para sentar.

– Não. Mas discutimos ontem e ele mencionou a possibilidade de pedir a guarda se eu afastasse Chris dele.

– E você pretende fazer isso? Quer dizer, eles já ficaram longe um do outro por bastante tempo...

– Poxa, Liam! Você, o Jake, minha mãe, todo mundo só sabe jogar na minha cara o quanto errei! Eu sei os meus erros e estou tentando consertá-los, mas não desejo viver longe do meu filho de maneira nenhuma – despejei irritada.

– Não estamos jogando na sua cara, estamos tentando fazer você ver que não pode fazer isso de novo – replicou.

– Eu sei! Eu não vou fazer isso de novo, Liam. Acha que sou tão egoísta assim? Tem tão pouca fé assim em mim? – Perguntei a ele olhando em seus olhos.

– Você não é e eu sei disso. No fundo, Jake também sabe. Ele deve estar com medo, Mel, o que é normal. O cara descobriu que é pai de um garoto de cinco anos agora, é tudo novo para ele.

– Não vou embora, não vou fugir. Já fiz isso uma vez e não farei novamente. Tenho pensado muito no que é bom para o Chris e o melhor para ele é ter o pai por perto, não os afastarei novamente.

– Eu sei princesa, e ele vai perceber também. Estava com saudades de você. – Ele levantou-se para me abraçar e depositar um beijo em meus cabelos. Ficamos abraçados até meu celular tocar. Vi o nome do Jake e atendi.

– Alô!

– Oi, mamãe, estou com o meu papai, viu? Ele vai me levar para um passeio! – Chris contou animado.

– Meu amor, era para você ficar com sua avó. Passa para o seu pai, por favor – pedi.

– Oi, Mel – Jake atendeu.

– Posso saber por que tirou Chris da casa da minha mãe sem falar comigo antes? Sou mãe dele, Jake! – Questionei controlando minha irritação.

– Ele é meu filho também! – alegou. – Conversei com sua mãe e, como ela tem médico, disse que eu podia ficar com ele até você voltar – ele revelou. A irritação sumiu momentaneamente para dar lugar a preocupação. As palavras “médico” e “mãe” na mesma frase me inquietavam.

– Ela estava bem?

– Sua mãe? Estava, sim, ela disse que de lá ia visitar uma amiga – respondeu.

– Ok. Fique com ele, só devo estar voltando à tarde. Passo na sua casa para buscá-lo, certo? Cuida dele direitinho e qualquer coisa me liga – disse mais tranquila a ele.

– Onde você está? Perguntei a sua mãe, mas ela não quis me dizer – ele questionou curioso.

– Não importa, Jake. Diga ao Chris que mandei um beijo para ele.

– Antes de desligar, diga-me: ainda vamos sair essa noite?

– Vamos sim, precisamos conversar – avisei finalizando a ligação.

Fiquei um tempo encarando o celular. Liam deve ter percebido meu humor, porque me fez um pedido: – Você me daria à honra de almoçar comigo, princesa? – ele fez uma reverência bem exagerada. Ri e mandei-o parar.

– Claro, resolverei algumas coisas e volto aqui na hora do almoço, ok? – disse beijando sua

bochecha e saindo da sua sala. Graças a Deus não encontrei Lydia. Não estava com vontade de ouvir mais comentários maldosos e dessa vez Liam não ia conseguir me segurar.

Entrei no carro e fui ao banco sacar algum dinheiro. Paguei as contas, fui ao shopping para comprar algumas coisas que estava precisando. Passei em uma loja de brinquedos e peguei alguns para Christopher. Não tínhamos conseguido trazer todos do Rio.

Na hora do almoço, passei para buscar Liam e fomos ao restaurante. Sentamos e fizemos os nossos pedidos e, enquanto esperávamos, perguntei a ele: – Então, está saindo com alguém?

– Não, ninguém me quer, princesa. Estou completamente sozinho. Você, como boa amiga, poderia me apresentar algumas das suas amigas, não é? – Ele disse divertido.

– Nada de apresentar minhas amigas. E a tal da Nina que você estava saindo? – Quis saber cheia de curiosidade.

– Ela não me quer. A única mulher que eu quero não me quer! – Lamentou jogando a cabeça para trás.

– Sério? Logo você que é inteligente, lindo, gentil, gostoso e um excelente amigo... – digo zombando dele.

– Depois de tantos elogios vindo de você, acho que nem durmo hoje. – Liam revirou os olhos, mas sorriu de canto.

– Acho que já sei por que ela não te quer. Você se acha demais – provoquei rindo e ele consentiu.

Nossos pedidos chegaram e, quando terminamos, Liam pediu a conta. Fiz questão de ajudar a pagar, mas ele insistiu: – Eu convidei, eu pago, princesa – ele disse entregando seu cartão.

– Para com isso, Liam, deixe-me ajudar – tentei colocar as notas na conta, mas ele não deixou. Segurou minha mão e saímos do restaurante.

– Seu chato! – Reclamei. – Poderíamos ter dividido! Nem pense em fazer isso de novo – avisei enquanto dirigia de volta para o escritório dele.

– Poderíamos, mas não ligue para isso – ele disse. Quando chegamos, ele se despediu: – Tenho que ir, mas me liga. Vamos marcar alguma coisa, quero rever meu afilhado.

Voltei para São Conrado em direção à casa de Jake. Apesar de não querer vê-lo antes do nosso encontro, tinha que buscar Chris.

Ficar perto do Jake me deixava ansiosa, tínhamos tanto para resolver...

Quando já estava perto da casa, pude ver ele e Chris brincando na varanda. Isso era bom, não teria nem que sair do carro. Não queria conversar agora. Mais tarde conversaríamos e tentaríamos resolver tudo, mas agora não estava com paciência para isso. Estacionei e eles olharam na minha direção.

– Entre, Chris. A mamãe não pode demorar muito.

– Ok, mamãe. Tchau, papai. Depois terminamos aquele jogo – Chris disse vindo em direção ao carro, porém parou no meio do caminho e voltou até Jake, dizendo: – Te amo, papai. Adorei passar o dia com você! – ele o abraçou e veio novamente até mim. Abri a porta e ele entrou. Estava prestes a ligar o carro quando vi Jake na minha janela.

– Ele já comeu. Ia dar banho, mas percebi que não tenho roupas dele aqui. Vou comprar algumas, ou você pode mandar quando ele vier me visitar. – ele me avisou.

– Conversaremos sobre as visitas mais tarde, Jake.

– Claro. Passo para te buscar às oito – ele me lembrou e eu consenti.

– Para onde vamos? – Questionei.

– Em um restaurante na cidade vizinha. Lola me indicou – respondeu.

– Passe-me o endereço por mensagem que eu te encontro lá – pedi.

– Eu te levo, Mel, não tem necessidade de irmos em carros diferentes.

– Prefiro ir com meu carro. Preciso saber que tenho como voltar se algo não ocorrer como planejado. Tenha sempre um plano B! Não foi você quem me ensinou isso?

Resignado, ele se afastou e eu segui para minha casa. Encontrei mamãe dormindo no sofá,

então pedi a Chris para ele fazer silêncio. Fiquei levemente preocupada, ainda estava cedo para ela estar dormindo. Aproximei-me dela e vi o remédio que ela havia me dito que dava sono em cima da mesinha de centro. Era um dos muitos que ela tomava para aliviar os sintomas mais fortes da doença. Deixei-a dormindo ali mesmo, apenas a ajeitei para que ela ficasse mais confortável.

Subi com Chris que contava animadamente como tinha se divertido com seu pai, que o tinha levado para trabalhar no mercado, ajudando o Lucas a preencher as prateleiras e a jogar futebol. Ouvi tudo que tinha acontecido enquanto arrumava-o e colocava-o na cama. Ele deitou e começou a bocejar, fechando os olhos e adormecendo.

Resolvi tomar banho e começar a me arrumar. Optei por um vestido preto que vinha até minha coxa, com sandálias de salto alto. Fiz minha maquiagem e meu celular apitou com uma nova mensagem. Jake havia me mandado o endereço. Desci para conferir se minha mãe ainda estava dormindo e ela ainda estava. Não podia sair e deixar o Chris sem ninguém para ficar com ele caso ele acordasse, resolvi então ligar para Lola.

– Gata, pode ficar com o Chris para mim? – perguntei quando ela atendeu.

– Nossa! “Oi” para você também, Mel. E, sim, posso ficar com meu sobrinho favorito para você ir a um encontro com meu irmão – respondeu bem-humorada.

– Não é bem um encontro. Na verdade, não sei nem o que é isso, mas precisamos conversar. E outra, Chris é o seu único sobrinho! – disse a ela voltando para o quarto.

– Será mesmo que é o único? Será que o Jake não tem outros filhos espalhados por aí? Você sabe que ele nunca foi santo e teve algumas namoradinhas durante esses anos... – ela disse me provocando.

– Nem brinca com isso, Lola. Christopher é o único filho do seu irmão e ele que não me apareça com outros – disse com um pouco de seriedade.

– Relaxa que eu estava brincando! Vá a esse jantar e converse tudo o que vocês têm para conversar, porque só assim vocês vão conseguir fazer dar certo. Daqui a pouco chego aí, beijos – avisou encerrando a ligação.

Desci e fiz uma sopa para Lola dar ao Chris. caso ele acordasse com fome. Escutei quando ela chegou, então peguei minha bolsa e fui saindo.

– Boa sorte e divirta-se. Se der tudo certo, não se preocupe, não me importo de dormir aqui. Minha mãe está com Sophia e o meu belíssimo noivo está viajando – ela diz me empurrando para dentro do carro.

– Não vou precisar que você durma aí. Não vai acontecer o que você está pensando – disse a ela (acabando com suas esperanças, coitada) enquanto ligava o carro.

Levei cerca de quarenta minutos para chegar ao restaurante. Parecia bem chique. Dirigi-me a recepção e perguntei para a moça que trabalhava ali: – Boa noite, estou procurando o Senhor Sullivan, ele já chegou?

– Boa noite, madame. O Sr. Sullivan já está aqui. Acompanhe-me até a sua mesa – pediu. Caminhamos entre as mesas e logo avistei Jake. Ele estava lindo, usando uma roupa bem formal, fazendo-me lembrar a roupa que ele estava usando quando demos o nosso primeiro beijo nos fundos da igreja de São Conrado, antes do casamento da minha madrinha. Será que ele lembrava disso? Minhas lembranças foram interrompidas quando cheguei à mesa.

– Você está linda – elogiou me olhando de cima a baixo. Beijou-me levemente e puxou a cadeira para que me sentasse. Sentou à minha frente, dizendo: – Já pedi o vinho, espero que goste.

– Eu gosto de vinho – bebi um pouco do que já estava na taça.

– Acha que podemos conversar mais tarde? Será que durante o jantar nós poderíamos esquecer os problemas e ter apenas um encontro como um casal normal? – ele perguntou parecendo ansioso, entrelaçando nossos dedos por cima da mesa.

Hesitei na minha resposta e ele notou. Nós tínhamos muito que conversar e definitivamente não éramos um casal dos sonhos. Sem problemas. Abri a boca para responder quando ele falou: – Você prometeu tentar, lembra? Nós dois precisamos nos esforçar para esse relacionamento dar certo, Mel.



Melanie

– Sei o que eu prometi, mas também sei que precisamos conversar sobre coisas que não dá para simplesmente deixarmos para lá. Você cogitou tirar meu filho de mim – disse soltando sua mão.

– Ele não é só seu filho, Melanie. E é isso que quero que você entenda. Só quero passar mais tempo com ele, não vou deixar você levá-lo para longe de mim agora que eu o conheço.

– Não vou mais fugir, Jake, põe isso na sua cabeça. Não tenho intenção nenhuma de afastar o Chris de você, até porque isso não machucaria só você. Chris sofreria, também.

– Como posso ter certeza? Como posso saber que você não vai fugir no primeiro mal-entendido que acontecer? – ele questionou bebericando o vinho.

– Acho que você vai ter que acreditar em mim. Minha palavra terá que bastar, Jake. Diga-me se confia em mim, porque só assim poderemos ter um relacionamento.

O garçom veio anotar nossos pedidos e ficamos aguardando até ele chegar, foi quando o Jake se defendeu: – O que mais quero é confiar em você e poder construir uma família para o Chris com nós dois juntos, mas tenho medo, Melanie. Você foi embora por um mal-entendido, você não me esperou esfriar a cabeça e não me deixou explicar! Imagina se acontece algo mais sério? Como vou ficar se você for embora e levar meu filho de mim? A questão da guarda é como se fosse uma garantia de que não importa para onde você for, ainda vou ver meu filho – ele disse calmamente. Tentei assimilar tudo o que ele havia dito por um tempo. O garçom chegou com nossos pedidos e, antes de comermos, disse a ele: – Não precisa de guarda compartilhada para você ver e conviver

com seu filho. Estamos tentando ficar juntos ou essa história de encontro foi só baboseira? Entenderia perfeitamente se você quisesse dividir a guarda caso não déssemos certo, mas agora realmente não entendo – Coloquei as cartas na mesa, sendo sincera com ele. Continuamos comendo em silêncio e, quando estávamos terminando, Jake pegou minha mão dizendo: – Eu confio em você e sei que vamos fazer dar certo, sim. Não esperei você voltar por anos para te deixar ir agora – ele disse sorrindo.

– Já que estamos sendo sinceros um com o outro, preciso dizer que encontrei Lydia hoje. Segundo ela, o caso de vocês não foi só naquela noite – revelei esperando sua reação.

– E você vai realmente acreditar nela? Não sabe que tudo o que ela sempre quis foi me afastar de você? Essa é só mais uma tentativa – ele se justifica dando pouca importância para Lydia.

– Não acreditei, aquela lá nunca mais vai tentar algo contra mim. Acho que a surra que dei nela foi o suficiente para saber que não sou mais a garota que saiu daqui.

– Uma surra? Vocês brigaram? Que loucura é essa?

– Claro que brigamos. Ela fez insinuações a meu respeito! Por acaso vai defendê-la agora?

– Claro que não, só estou surpreso. Mas não vamos falar sobre ela – ele diz segurando minha mão. – Vem! Quero te levar em um lugar.

Pagamos a conta e saímos do restaurante. Caminhamos até uma linda ponte acima de um lago, muito iluminada e cheia de flores. Era uma noite nublada, então não podia ver a lua, mas o clima não era menos romântico. Paramos no meio da ponte quando Jake falou: – Quando estive aqui pela primeira vez lembrei-me de você. Lembrei que quando começamos a namorar não íamos a muitos encontros. Eu não era um cara muito romântico, mas quero fazer tudo certinho dessa vez.

Assim, encerrou a distância entre nós, dando-me um beijo lento e carinhoso. Em meio a tantas carícias, estávamos desesperados para ir além daquele contato. Logo começou a chover, mas continuamos nos beijando mesmo assim: parecia cena de filme! Quando a chuva ficou mais forte, no entanto, paramos e nos olhamos, ofegantes.

– Precisamos ir – gritei ameaçando ir em direção ao carro, mas Jake segurou a minha mão,

entrelaçando nossos dedos e puxando-me para dançarmos na chuva. Uma música lenta podia ser ouvida, então dançamos no ritmo dela. Foi incrivelmente romântico, apesar de, ao terminarmos, estarmos ensopados. Após um beijo, ele disse: – Conheço um lugar aqui perto onde podemos passar a noite.

O local parecia ser uma pousada. Jake pediu um quarto e nos guiaram até ele. Era um quarto bonito, com paredes adornadas com flores, uma cama de casal no centro, um guarda roupa pequeno em um lado um móvel com uma televisão do outro. No canto, havia uma porta que imaginei que fosse o banheiro e fui direto para lá.

Entrei no banheiro e percebi que estava uma bagunça: minha maquiagem escorria no rosto por causa da chuva. Resolvi, então, tomar um banho. Enrolei-me na toalha, pois não podia vestir o vestido encharcado. Vesti uma calcinha reserva que sempre levava na bolsa e achei um roupão em uma das gavetas, assim saí do banheiro. Jake estava deitado na cama sem camisa, apenas com a calça do terno. Assim que me viu, falou: – Parece que vai chover muito, ainda. A melhor coisa que fizemos foi ficar aqui, poderia ter acontecido algo se estivéssemos na estrada agora – levantou-se e veio em minha direção. Passou a mão no meu rosto dizendo: – Você fica ainda mais linda sem maquiagem.

– Obrigada – corei.

Ele entrou no banheiro e logo depois ouvi o som do chuveiro. Peguei minha bolsa para procurar meu celular e ligar para Lola, pois queria saber como Chris estava, mas quando o achei vi que estava descarregado. Que droga! Jake saiu do banheiro apenas com uma toalha enrolada no quadril.

– Ligando para alguém?

– Ia ligar para Lola, mas meu celular descarregou. Pode me emprestar o seu? – Perguntei a ele.

– Se eu soubesse onde está o meu... Acho que o deixei no carro – ele respondeu bagunçando os cabelos molhados.

– Poxa, mas deve estar tudo bem. Lola está com ele, não vou me preocupar. Não vai acontecer nada com ele, não é? – Perguntei insegura. Nunca passara uma noite sequer longe de Christopher. Vendo minha aflição, ele chegou perto de mim, dizendo: – Não vai acontecer nada Mel, ele está bem e seguro.

Deitamos na cama e começamos a assistir a um filme que estava passando na televisão. Enrolamo-nos com o edredom, pois estava fazendo muito frio. De repente, no entanto, tudo apagou: a televisão, as luzes, tudo! O quarto ficou um breu. Olhei pela janela e, ao que tudo indicava, havia faltado energia na cidade toda, o que era comum com tempestades assim. Viramos de frente um para o outro e ele disse: – Parece que vamos ter que dormir mais cedo.

– É, parece que sim...

– Ou poderíamos fazer algo melhor que dormir – propôs se aproximando de mim.

Depositando vários beijos em meu pescoço, ele foi deslizando as mãos pelo meu corpo até abaixo do meu quadril, erguendo-me. Enrosquei minhas pernas em sua cintura, puxando seus cabelos. Ele tomou minha boca de maneira feroz e sedenta. Entre beijos e carícias, fizemos amor de maneira intensa naquela noite.

Foi maravilhoso amar e ser amada por Jake mais uma vez.

Na manhã seguinte, acordamos cheios de amor e carinho um pelo outro, eu estava flutuando de alegria. Amamo-nos novamente durante o banho e logo depois tomamos o café da manhã na pousada. Pagamos e fomos ao carro, onde Jake achou seu celular dele e viu que tinha perdido inúmeras chamadas de Lola e Tyler.

Catorze



Jake

Enquanto retornava a ligação, percebi que Mel estava muito nervosa ao meu lado. Tive a certeza de que ela estava imaginando mil coisas, mas eu permaneci tranquilo, rezando para que fossem boas notícias. Lola atendeu já gritando: – Mas que droga, Jake! Será que você e a Melanie esqueceram que existem mais pessoas na Terra além de vocês dois? Queriam se divertir? Tudo bem, mas que ficassem com a merda dos celulares ligados!

– Calma, Lola, respira! Diga-me, o que foi que aconteceu?

Ela respirou fundo e disse com a voz mais calma, porém triste: – A mãe da Melanie, Jake. Ela passou mal durante a noite e eu te juro, nós fizemos tudo que estava ao nosso alcance, mas ela teve que ser internada e está na UTI agora, em estado grave.

Eu sabia que o câncer de minha sogra estava tão evoluído que um tratamento mais intensivo não seria possível e que, com isso, ela poderia falecer a qualquer momento, então essa internação era muito preocupante. Não tínhamos como saber se ela sairia viva de lá. Resolvi, então, contar a Mel apenas quando chegássemos. Sabia que, se contasse agora, ela surtaria e se culparia por tê-la deixado sozinha. Estávamos longe de São Conrado, por isso iria direto para o hospital e lá contaria a ela. Desliguei e fiquei encarando o celular até que Melanie questionou: – Então, Jake, aconteceu alguma coisa? Está tudo bem?

– Está tudo bem, Mel. A Lola me ligou porque queria a chave lá de casa e não estava achando – disse esperando que ela acreditasse.

– Ah, entendi... Vamos logo, então. Quero ver o Chris e contar para minha mãe sobre a gente, ela vai ficar tão feliz – a preocupação pareceu deixar seus ombros e animação tomou conta de sua voz. Senti meu coração apertar e sorri fracamente.

Levou uma hora para chegarmos. Com a chuva, as estradas estavam em péssimas condições, muitos buracos haviam se aberto. Estacionei na frente do hospital e Melanie me encarou confusa: – O que estamos fazendo aqui? Por que paramos em um hospital?

– Mel, eu preciso te falar uma coisa. A Lola me ligou tantas vezes porque precisava nos avisar... – comecei a explicar, mas parei sem saber como continuar. Eu devia ter me planejado melhor, mas as palavras me fugiram quando a preocupação retornou ao rosto de Mel.

– Fala logo, Jake! – exigiu nervosa.

– Mel. A sua mãe passou mal ontem à noite e tiveram que trazê-la às pressas. Ela está na UTI e seu estado é crítico. Eu sinto muito.

Quinze



Melanie

Meu mundo caiu.

Caminhamos lado a lado pelos corredores do hospital. Eu estava tão nervosa, temia tanto que a hora da minha mãe tivesse chegado... ainda era muito cedo, essa doença horrível não podia levá-la agora. Não justo agora.

Encontramos Lola sentada em uma cadeira na sala de espera. Minha amiga estava tão abatida. Ao me ver, ela levantou-se e veio até mim, abraçando-me.

– Oh, Mel. Foi tão assustador! Em um minuto ela estava bem, assistindo televisão comigo, no outro começou a tremer e ter dificuldades para respirar, eu a trouxe o mais rápido que consegui! – explicou-se visivelmente nervosa.

– Você fez todo o possível. Obrigada por estar com ela. E-eu posso vê-la? – questionei em uma voz fraca, tentando controlar minhas emoções.

– Sim. O doutor estava te esperando – ela disse prontamente procurando uma enfermeira para informar-lhe que eu chegara.

Logo, o Doutor Monteiro apareceu, olhando-me com uma cara não muito boa. Eu podia ver o pesar em seu semblante.

– Melanie, não é? Amélia me falou muito sobre você. Infelizmente minha querida, o momento que mais temíamos chegou. O câncer se espalhou e as metástases afetaram outros órgãos. Ela está na UTI e resistiu muito até agora, creio que para se despedir de você – ele disse e se afastou um pouco.

Agarrei-me a Jake chorando muito, eu simplesmente não conseguia parar. Meu mundo havia caído e a dor consumia cada parte do meu ser. Não conseguia nem pensar em como me despediria daquela que foi meu alicerce durante toda a minha vida. Queria que isso tudo não passasse de um pesadelo para que eu acordasse acolhida em seu colo, sendo acalentada por ter tido um sonho ruim. Jake me abraçou firmemente e beijou minha testa.

– Vá se despedir, você precisa dizer adeus a ela. Ela está esperando. Vá, Mel, vou ficar aqui te esperando.

Entrei no quarto e olhei para mulher que amei e admirei desde que nasci. Ela estava cheia de fios. Uma máscara de oxigênio cobria seu rosto. Meu peito doeu ainda mais. Uma enfermeira estava ao seu lado, mas saiu do quarto assim que eu me aproximei.

Controlando meu choro, acariciei seu rosto e olhei em seus olhos, antes tão alegres, agora com tão pouco brilho.

– Eu te amo tanto. Não sei se vou conseguir viver sem você – disse derramando algumas lágrimas. Com dificuldade ela segurou minha mão e, numa voz falhada e fraca, com muitas pausas, disse: – Você vai conseguir sim... desde pequena eu soube o quanto era forte, minha menina... seja feliz, é tudo o que desejo a você, te amarei para sempre... – O monitor de batimentos cardíacos, que já estava fraco, parou. Sua mão escorregou da minha quando uma enfermeira entrou na sala e fez todos os procedimentos antes de anunciar a hora de sua morte. Eu não sabia que a dor podia piorar.

Era tão difícil dizer adeus... eu não estava preparada, apesar de saber que o dia estava próximo. Eu só tinha a agradecer por tudo que ela me ensinou e por todos os momentos que passamos juntos. Pelo menos agora ela não sofreria mais. Meu coração doía de maneira tão excruciante que dificultava minha respiração e um vazio tomava conta do meu ser. Nunca havia me sentido dessa maneira antes, tão impotente. O que seria de mim agora? Não sei se conseguiria me acostumar a sua ausência, quando sempre fomos tão próximas. Aproximei-me dela novamente e beijei sua testa. Chorando, despedi-me: – Te amarei para sempre e tentarei ser forte por você. Eu e Chris ficaremos bem. Sei que você está em um lugar melhor agora – afastei-me e sai do quarto limpando as lágrimas.

Jake veio em minha direção.

– Você está bem? Que pergunta idiota! Claro que não está. Você acha que vai desmaiar? – ele perguntou. Eu devia estar pálida.

– Não e não, mas vamos resolver logo a papelada, não gosto de hospitais – Declarei sentando-me em uma das cadeiras. Eu precisava sair logo dali.

– Lola deixou a papelada comigo, ela foi para casa ver como estão as crianças. Tyler ficou com elas enquanto ela vinha para o hospital – ele avisou me entregando os papéis. Levei uns minutos preenchendo toda a papelada do hospital. Jake havia se oferecido para organizar o funeral, pois eu não tinha cabeça para tanta burocracia. Entramos no carro e fomos para casa de Jake.

– Se for demais para você, eu posso contar ao Chris – ele sugeriu segurando minha mão.

– Não, pode deixar que eu conto. Eu consigo – disse tentando ser forte assim como ela me pediu.

– Não disse que você não consegue, só quero dizer que você não precisa.

Assim que entrei pela porta, Chris correu em minha direção. Peguei-o no colo e o abracei, assim, deixando mais uma vez as lágrimas caírem. Ele seria meu porto seguro agora.

– Por que você ‘tá chorando, mamãe? Você ‘tá triste? – meu príncipe perguntou secando minhas lágrimas.

– Que tal você se arrumar para irmos ao lago? Mamãe precisa te falar uma coisa – disse levando-o até seu quarto.

Um tempo depois, enquanto caminhávamos até a beira do lago, Chris me perguntou: – Mamãe, a senhora está triste? Aconteceu alguma coisa com a vovó?

Sentei-me com ele em meus braços e disse: – Lembra quando a mamãe contou que a vovó estava doente e que teríamos que ajudar ela nesses dias que ficaríamos aqui? – ele fez sim com a cabeça. – Bem, meu amor, o papai do céu precisou dela lá no céu, por isso ela foi lá para ficar com ele, cuidando da gente.

Seus olhos se encheram de lágrimas, assim como os meus.

– Mas eu quero ver a vovó, mamãe. Não quero que ela fique com o papai do céu agora!

Quero que fique comigo – ele disse chorando.

– Mas ela está aqui com você. Enquanto você amá-la, ela sempre vai estar com você – disse abraçando-o e derramando algumas lágrimas.

cUd O velório estava cheio. A cidade toda estava lá, Dona Amélia era muito conhecida e amada por muitos. Ela estava sempre ajudando e acalutando aqueles que precisavam, então ela era muito querida.

Todas as minhas noites após aquele dia se resumiam a chorar. Passei semanas assim, tentando diminuir a dor que pulsava em meu peito, uma dor que parecia não ter fim.

Não consegui voltar para sua casa, estar lá com tantas lembranças vivas ao redor de mim era sufocante, então acabamos ficando na casa de Jake durante algumas semanas. Nós praticamente morávamos lá, já que a maioria das nossas roupas haviam sido trazidas. Eu havia deixado poucas coisas na casa de minha mãe, ainda não tinha decidido o que fazer com a casa e nem com as coisas dela.

Eu estava deitada na cama olhando a chuva e pensando se hoje conseguiria ir à casa da minha mãe arrumar tudo ou se sairia com Lola. Ela estava me ligando todos os dias porque queria me fazer uma proposta que, segundo ela, eu não recusaria.

– Amor, já vou trabalhar. Quer que eu traga alguma coisa do mercado para você? – Jake perguntou dando-me um selinho.

– Não precisa, vou sair com a Lola. Ela quer falar comigo e estou ignorando-a há dias. Deixarei o Chris com você antes de sair, tudo bem? – Quis saber.

– Tudo bem, ele gosta de ficar lá. Daqui a algumas semanas as aulas voltam, precisamos procurar uma boa escola para ele – Jake lembrou voltando a me beijar, dessa vez um beijo rápido. Ele então saiu do quarto, enquanto Chris entrava correndo.

– Bom dia, mamãe – ele disse me abraçando. Enchi-o de beijos.

– Bom dia, meu amor! Quer ir ver a Sophia hoje?

– Sim, sim! Eu quero ir brincar com a Sophia e o Bart! – Concordou pulando na cama.

– Vamos tomar café e nos arrumar que eu te levo na casa da sua avó – disse levantando da cama e indo à cozinha.

Eu já estava bem habituada a casa de Jake, conhecia cada cantinho e sabia onde ficava praticamente tudo. Chris estava adorando morar com o pai e não cansava de dizer isso a ele.

Preparei o cereal de meu filho um café forte para mim. Enquanto Chris se arrumava, eu ajeitava a casa. Quando terminei, liguei para Lola perguntando se ela queria almoçar comigo no Restaurante do Centro. Ela concordou e disse que me encontraria lá. Tomei banho, coloquei um vestido rosa com detalhes na saia e uma sandália rasteirinha. Passei uma leve maquiagem e liguei para Jake.

– Oi.

– Oi, meu amor. Tudo bem?

– Está, sim. Só queria te avisar que não vou deixar o Chris aí, vou levá-lo para casa da sua mãe, então você pega ele lá – avisei a ele.

– Vai almoçar com a Lola? – ele perguntou.

– Vou. Ela quer falar comigo e presumo que seja algo sério, já que ela está insistindo há um bom tempo. Mas, sabe, eu já estou com saudades de você...

– Também estou. Se pudesse, ficaria com você o tempo todo. Mas eu preciso ir, nós acabamos com essa saudade mais tarde, está bem? Eu te amo – ele disse pegando-me de surpresa, mas me deixando muito feliz. Foi a primeira vez que ele disse que me amava depois que voltamos.

– Está certo... Eu também te amo – declarei desligando.

Levei Chris até a casa de Marina. Ela adorou tê-lo por lá. Conversamos um pouco, depois fui em direção ao restaurante, pedi uma mesa e esperei Lola chegar.

– Até que enfim você resolveu responder todas as minhas mensagens e ligações, não é, cunhada? – reclamou sentando na minha frente, colocando inúmeras sacolas em uma cadeira ao seu lado.

– Estava curtindo minha bolha de amor e felicidade, Lola. Um misto de sentimentos tomou conta de mim nas últimas semanas. É tão estranho a rapidez que a tristeza toma conta de mim às vezes, apesar de os meninos tentarem me distrair. Isso é algo ao que terei que me adaptar, acho que nunca vou ser plenamente feliz outra vez, sempre vai faltar algo... Queria tanto que a minha vida e os meus problemas se resumissem ao Jake e o Chris, mas não. Tenho muitas coisas para resolver e não estou a fim de fazer isso agora, por isso acabei sumindo por um tempo – esclareci.

– Você tem que resolver essas coisas logo, mas não estou aqui para te apressar. Estou feliz que esteja com meu irmão e que vocês estejam bem. Queria te fazer uma proposta, como disse em várias mensagens.

– Pode falar.

– Preciso de uma sócia no meu negócio e quero que seja você – falou de uma vez.

– Eu? Eu não entendo nada de eventos, Lola – fiquei meio espantada.

– Entende, sim. Você fez faculdade de administração e é organizada, preciso de alguém como você ao meu lado. Aceita, por favor! Meu negócio cresceu além do que imaginava, estou ficando meio perdida com tanta documentação!

– Eu preciso pensar, Lola, nunca trabalhei com eventos antes – disse meio receosa.

– Você precisa se ocupar, Mel. E eu preciso de uma sócia. Trabalharemos poucas horas e você ainda irá passar bastante tempo com o Chris e com o Jake. Organizar casamentos é como realizar sonhos, você vai se sentir muito bem depois – ela tagarelou tentando me convencer.

– Vou pensar com muito carinho nessa proposta, juro – mal terminei de falar, meu celular tocou.

– Onde você está? – olhei no visor e vi o nome Liam e, antes que eu pudesse dizer algo, ele

continuou: – Cheguei hoje a São Conrado e descobri tudo. Estava viajando e vim para cá assim que soube, então onde você está? – perguntou ansioso.

– No Restaurante do Centro, estou almoçando com Lola.

– Não saia daí, estou indo – disse desligando.

Fiquei encarando o celular e Lola perguntou: – Quem era? Era o chato do meu irmão te perseguindo?

– Não. Era o Liam, ele chegou hoje de viagem.

– Liam? Aquele seu ex-namorado da adolescência? O cara que o Jake odeia porque morre de ciúmes? – Consenti e ela gargalhou.

– Não viaja, Lola, nós somos amigos agora. Ele é um cara muito legal, então o Jake não precisa ter ciúmes.

Comemos um filé com fritas e, de sobremesa, o meu bolo favorito que, como sempre, estava delicioso. Estava terminando quando Liam apareceu. Assim que levantei da cadeira para cumprimentá-lo, ele me abraçou.

– Eu não sabia, Princesa, se você tivesse me contado eu teria voltado de viagem para ficar com você. Você sabe que eu não te deixaria sozinha, não é? – ele disse mantendo-me em seus braços. Eu ia responder quando ouvi a voz do Jake replicar: – Você não deixou, até porque ela não está sozinha, Liam. – ele não estava com uma cara não muito boa: eu podia ver raiva em seu rosto e seus punhos estavam cerrados, como se fosse bater em alguém.

Dezesseis



Melanie

Tentei sair do abraço do Liam, porque com certeza Jake estava entendendo tudo errado, mas Liam não deixou e continuou me segurando.

– Jake, não é nada disso que você está pensando.

– Eu não estou pensando Melanie, estou vendo. Agora, Liam, larga a minha mulher.

– Relaxa, Jake, só estamos conversando. Melanie é minha amiga, minha princesa – beijou minha testa. – Ela é quase como uma irmã e, além do mais, eu tenho namorada – Liam falou.

– O quê? Namorada? Você conseguiu fisgar a Nina? Conseguiu conquistar a fera? – perguntei encarando Liam.

– Digamos que minha viagem não foi a trabalho, Princesa – contou enquanto Jake nos encarava visivelmente incomodado.

– Melanie, será que podemos conversar a sós? – Jake perguntou.

– Podemos – disse desvencilhando-me de Liam e seguido Jake para o lado de fora do restaurante.

– Então eu venho passar um tempo com você e te encontro com o Liam? – ele perguntou nervoso, em tom de acusação.

– Sim, você me encontrou com o Liam e vai me encontrar com ele outras vezes. Ele é meu amigo e apenas meu amigo – declarei firmemente. Era hora de colocar as cartas na mesa. – Amei que você tenha vindo, aliás. Nós estamos juntos, mas acho bom você confiar em mim, ou vamos ter

problemas, Jake.

– Não sabia que vocês eram amigos. Você não me contou nada – disse coçando a nuca parecendo sem jeito. – Tive que descobrir justo os encontrando abraçados? – Arqueei a sobrancelha e ele sorriu. – Ok, já entendi. Mas acho bom que ele saiba que você é minha – aproximou-se dando-me um selinho matreiro. – Só minha – enfatizou sua fala, intensificando o nosso beijo. Ficamos ali, entre beijos e carícias do lado de fora do Restaurante, era incrível como esse lugar despertava o melhor de nós dois.

– Sinto muito acabar com a farra, mas preciso de uma resposta, Mel – Lola nos interrompeu com um sorriso falsamente inocente.

– Nossa, irmãzinha, você é muito estraga prazeres, viu? – Jake alfinetou e Lola apenas deu língua a ele.

– Então, Mel... posso te considerar minha sócia? – perguntou.

– Calma, vamos por partes, me explica basicamente no que eu vou precisar te ajudar.

– Bem, organizar um casamento é pegar todas as ideias e planos dos nossos clientes e colocá-los em prática. Precisamos estar atentas aos detalhes, entrar em contato com os fornecedores, lugares e tudo isso. O marketing também é muito importante. Apesar da minha empresa ser relativamente nova, eu já tenho uma boa reputação aqui e na cidade vizinha. Não estou dando conta mais sozinha, preciso de ajuda, Mel – ela explicou pacientemente.

– Bem, se for assim, será um prazer ajuda-la, sócia – disse dando-lhe um formal aperto de mãos. Após as formalidades, ela puxou-me para um abraço e dando pulinhos, exclamando: – Eu te ligo mais tarde para te falar do nosso primeiro evento! – ela me deu um beijo no rosto em tom de despedida.

– Já reparou que sua irmã sempre nos interrompe na hora certa? – perguntei a Jake, divertida.

– Hora certa? Ela sempre nos interrompe na melhor parte! – ele replicou rindo.

– Se ela não tivesse interrompido, com certeza não pararíamos somente nos beijos. E estamos em um lugar público, senhor Sullivan!

– Você sabe que não consigo me controlar perto de você – ele disse dando beijos em meu pescoço, deixando-me toda arrepiada.

Entrei no restaurante para pegar minha bolsa e notei que Liam ainda estava sentado na mesa em que eu e Lola estávamos, mexendo em seu celular. Assim que me viu, guardou-o no bolso, dizendo: – Achei que iam transar bem ali para todo mundo ver. Ainda bem que a Lola interrompeu o showzinho de vocês.

– Cale a boca, Liam! – joguei um guardanapo nele.

– Eu estava te esperando e é isso o que eu ganho? – ele perguntou colocando o guardanapo em cima da mesa.

– Esperando? Por quê?

– Vamos sair. Preciso te levar em um lugar. Você pode ir também, Jake. Quer dizer, se você quiser – ele diz olhando para Jake, que aparentemente me seguira e estava atrás de mim.

– Não, obrigado. Tenho que trabalhar – ele responde me beijando novamente, acredito que para provocar o Liam.

– Qualquer coisa, me liga. Eu te amo.

– Também te amo. Me liga quando pegar o Chris? – Pedi e ele assentiu, dando-me as costas para ir embora. Virei-me para Liam e perguntei: – Posso saber para onde vamos?

– É surpresa! Mas vamos logo – ele respondeu levando-me para fora do Restaurante.

Fomos de carro a um vilarejo próximo do restaurante e, quando chegamos, fiquei me perguntando o que Liam queria me mostrar ali, então eu o vi: um campo com petúnias de diversas cores estava em nossa frente. Emocionei-me ao lembrar que essas eram as flores favoritas de minha mãe. Descemos do carro e começamos a caminhar por entre as árvores.

– Quando minha mãe morreu, eu fiquei devastado. O que senti foi provavelmente a mesma coisa que você está sentindo agora, mas eu era mais novo e imaturo. Olha, Mel, prorrogar a arrumação das coisas dela só vai te fazer sofrer mais – aconselhou.

– A Lola é uma linguaruda! – fiz uma pausa, respirando fundo. – Eu só não consigo fazer isso agora, Liam. Eu tento, penso em fazer isso todos os dias, mas não consigo.

– Eu posso fazer isso por você, o Jake e a Lola também podem, se você quiser, mas seria melhor você mesma fazer. Podemos marcar um dia e todos poderiam ajudar, assim não seria um dia triste, e sim de recordações das boas lembranças. O que acha? Sua mãe não iria gostar de te ver triste, Mel – incentivou.

– Acho maravilhoso, Liam, obrigada. Penso que assim talvez seja mais fácil... eu sinto tanta falta dela... – disse abraçando-o.

Caminhamos por um tempo enquanto ele contava todas as novidades.

– Finalmente consegui conquistá-la, Mel. Nunca senti por alguém o que sinto pela Nina.

– Sei bem como é isso. Eu me sinto da mesma maneira em relação ao Jake.

– Isso é tão bom, Mel. Mas, sabe, algumas vezes temo estar me enganando com ela...

– Por que acha isso?

– Ela me esconde alguma coisa, eu sinto que nem sempre ela é sincera comigo, entende?

Algumas noites atrás ela acordou gritando assustada e fingiu que nada tinha acontecido.

– Olha, Liam. Se você gosta mesmo dela, não a pressione. Quando chegar a hora certa, ela lhe contará tudo – abracei-lhe e depois ele me deixou na casa de Jake. Assim que desci do carro, ele abriu a janela e disse: – Podemos organizar tudo amanhã, se você quiser. Eu vou ver quem pode ajudar.

– Tudo bem. Muito obrigada pelo passeio e pela conversa. Como sempre, você está se saindo um irmão melhor que encomenda – brinquei soprando-lhe um beijo. Ele deu a partida e virei-me para entrar em casa. Eu estava sozinha e, pelo horário, Jake tinha ido buscar Chris. Eles provavelmente demorariam, já que meu príncipe adorava brincar com a Sophia.

Resolvi, então, preparar uma lasanha para o jantar. Enquanto ela estava no forno, arrumei a casa e coloquei a roupa para lavar. Quando a comida ficou pronta, tomei um banho. Com uma roupa

bem confortável, fui até a sala e estava no auge de um episódio de *Grey's Anatomy* quando os dois chegaram cobertos de lama.

– Parecem dois porquinhos! Resolveram brincar na terra, foi? – perguntei divertida.

– Não, mamãe, estávamos jogando bola no quintal da vovó Marina – Chris respondeu animado.

– Que ótimo! Mas quero os dois já no banho que estou esperando vocês para comer.

Durante o jantar, conversamos sobre nosso dia. Era um pequeno ritual que estávamos formando para que pudéssemos ficar mais próximos um do outro. Ao terminarmos, deitamos juntos no sofá da sala para assistir um filme, mas meu pequeno adormeceu logo no início. Jake colocou-o na cama e, um tempo depois deitamos em nossa cama, aconchegando-se um no outro. Estávamos em um confortável silêncio até ele perguntar: – Gostou do seu passeio com o Liam?

– Sim. Você sabe que ele é o irmão que eu nunca tive, né? Ele me levou a um vilarejo para conversarmos. Tinham muitas petúnias por lá. Você sabe que elas eram as favoritas da mamãe, não sabe? Achei um gesto legal da parte dele. Você sabia que a mãe dele se foi quando ele ainda era adolescente? Ele acabou tendo que tomar muitas responsabilidades bem cedo, por isso me aconselhou a resolver as coisas da casa logo. Disse que não preciso fazer isso sozinha, que vocês iriam me ajudar.

– Estou com você sempre, meu amor, em tudo que você precisar – garantiu abraçando-me para dormirmos de conchinha.

– Amanhã iremos até lá. Você acha que eu deveria vender a casa?

– Não sei, Mel, mas saiba que, enquanto você quiser, essa casa também será sua. – ele disse e a primeira coisa que pensei foi: “*Meu Deus, ele está me pedindo em casamento*”. Entrei em pânico. As coisas estavam começando a dar certo agora, era muito cedo para pensarmos em casar, mal namoramos! Nem sequer noivamos!

– Calma, *baby*. Não estou te pedindo em casamento – ele diz. Acho que minha cara me entregou, então. Respirei aliviada, mas então ele completou com um risinho: – Ainda.



Melanie

Acordei cedo naquela manhã. Eu estava ansiosa e isso deixava meu estômago enjoado. Jake tinha levantado mais cedo e ido ao mercado para deixar tudo organizado, além de pegar algumas caixas. Acordei Chris para que ele fizesse sua rotina matinal enquanto eu preparava seu café da manhã. Fiz misto quente e um suco de abacaxi. Enquanto ele comia, preferi ficar só no suco. Creio que se comesse algo iria vomitar.

Maria Cristina, irmã do Tyler, chegou com Sophia. Eles ficariam ali enquanto arrumávamos a casa de minha mãe.

– Oi, tia Mel – Sophia me cumprimentou com seu jeito sapeca. Ela era dois anos mais nova que Chris.

– Oi, minha linda – dei um beijo estalado em sua testa. Virei na direção de Cristina, agradecendo-lhe: – Oi, obrigada por ficar com eles.

– Não precisa agradecer, Mel. Você sabe que eu os adoro.

Quando ouvi a buzina, disse a Chris: – É o seu pai, eu já estou indo. Comporte-se, ouviu?

– Eu sempre me comporto, quem apronta é a Sophia! – ele disse fazendo apontando para ela, que gritou que era mentira e os dois desataram a correr.

Desejei boa sorte a Cristina e entrei no carro. Meu estômago voltou a se remexer, achei que iria vomitar ali mesmo, mas tentei me controlar, respirando fundo.

Lola, Tyler, Liam e Marina estavam nos esperando no jardim. Agradei a todos por terem

vindo, suspirei mais algumas vezes e destranquei a porta da frente. Era estranho estar ali depois de evitar o lugar por tantos dias. Senti uma mão em meu ombro e virei-me para ver uma Lola sorridente, tentando me passar um pouco daquela sua confiança extrema. Jake se colocou ao meu lado e segurou minha mão, sorrindo-me fracamente. Resolvi que cada um ficaria com uma parte da casa, queria estar sozinha quando fosse mexer em seu quarto. Indiquei os cômodos a cada um deles e segui para meu destino. Assim que entrei, senti o cheiro do seu perfume doce nos lençóis e, de repente, lembrei-me de uma coisa.

cUd *Entre em casa muito feliz. Finalmente o Jake tinha me chamado para sair, teríamos o nosso primeiro encontro. Eu estava tão animada!*

Subi as escadas pulando os degraus e, ao entrar no meu quarto, fui em direção ao guarda-roupa. Comecei a olhar minhas roupas, tinha que escolher uma perfeita, afinal esse encontro tinha que ser perfeito. Eu gostava tanto dele e achava que ele gostava muito de mim, pelo jeito que agia quando estávamos perto um do outro.

“Mas não é possível! Não tenho uma roupa que preste!”

– Mel, que bagunça é essa no seu quarto? – Minha mãe disse entrando no cômodo enquanto secava as mãos em um pano.

Sentei-me em cima da pilha de roupas que estavam jogadas no chão.

– Não tenho roupa, mãe! – Bufei frustrada.

– Seu quarto diz o contrário. Está procurando uma roupa em especial? – Ela perguntou acariciando meus cabelos, que provavelmente estavam uma bagunça.

– Essas roupas não servem, mãe. Como posso ir para um encontro com essas roupas? Nenhuma é boa o suficiente! – Eu já estava muito chateada.

– Um encontro? Minha menina vai a um encontro, meu Deus! Realmente precisamos de uma roupa especial, acho que posso ter uma perdida lá no meu guarda-roupa – Falou puxando-me para seu quarto. Sentei-me em sua cama, em cima da colcha de renda que minha avó tricou. Minha mãe abriu o armário e tirou um vestido lindo: longo, azul, com um decote canoa e flores

em dégradé em sua saia.

– Comprei há alguns meses e, quando vi na loja, pensei em você, meu anjo. Eu estava pensando em te dar em uma ocasião especial, e acho que ele veio na hora certa, não é? Meu bebê vai ter um encontro!

– Ai, mãe. Não sou mais um bebê – pulei em seus seus braços, com os olhos marejados. – É lindo demais, amei! Acho que Jake vai adorar me ver neste vestido lindo – peguei a peça de suas mãos e encostei-o em meu nariz. – Ainda está com seu cheiro! Você sabe como amo esse perfume, não é? Parece que foi feito para você.

cUd As lembranças me invadiram em cheio, chegando a me sufocar. Ajoelhei-me no chão e comecei a chorar. A casa toda tinha o perfume dela, seria impossível morar ali sem ela. Para mim, não fazia sentido. Como eu conseguiria viver ali sem encontrá-la na cozinha ou na sua cadeira de balanço em frente ao jardim, sem conversar com ela ou abraçá-la? Esse lugar abrigaria uma nova família que criaria lembranças tão felizes como as minhas desse lugar repleto de amor. Minha mãe gostaria disso, eu sabia.

Levei um tempo para conseguir me recompor. Empacotamos as coisas que ficariam comigo em algumas caixas e as que iam para doação em outras. Passamos o dia inteiro encaixotando tudo, apenas parando para o almoço. Quando terminamos de separar tudo, o sentimento era de dever cumprido.

Sentamos juntos na varanda, exaustos. Jake trouxe um vinho e serviu uma taça a cada um.

– Vou sentir saudades dessa casa, mas não conseguiria ficar aqui sem ela – disse a eles bebericando o vinho.

– Vou ter que me acostumar a não encontrá-la no mercado ou nas partidas de dominó aos domingos, sua mãe foi uma mulher muito especial, Melanie – minha sogra falou um pouco emocionada.

– Eu vivi tantas coisas com a Tia Amélia, tenho tantas lembranças boas... aquela mulher tinha

uma alma tão boa que sempre que eu, a Mel ou qualquer uma das nossas amigas estivesse precisando de um conselho, um colo ou só de comida, mesmo, ela estava ali, com um mega sorriso no rosto, pronta para nos atender – Lola disse limpando as lágrimas que escorriam de seu rosto.

– Lembro que depois que o meu pai morreu, eu estava me sentindo muito mal, porque estávamos brigados e eu não pude me reconciliar com ele antes que tudo acontecesse. Depois do funeral eu vim para cá e conversei com sua mãe e ela me deu o conselho que acalmou meu coração e me deixou seguir em frente, ela disse: “Meu querido, você precisa perdoar o seu pai para que seu coração fique livre da mágoa que te aprisiona, independente do que aconteceu o seu pai te ama e só quer o seu melhor, onde quer que ele esteja” – assim que Jake terminou de falar, ele me abraçou. Aconcheguei-me em seus braços, chorando novamente.

Depois de nos recompormos, separamos as caixas. O que ficaria comigo foi colocado no carro de Jake e o que ia ser doado para instituições carentes seria da responsabilidade de Liam e Tyler. Minha mãe sempre gostou de ajudar os outros, sabia que ela ficaria feliz em continuar ajudando mesmo depois de sua morte.

Voltamos para casa exaustos e famintos. Dei graças a Deus por Chris estar dormindo, pois, apesar de eu amá-lo, estávamos muito cansados para brincar ou conversar. Meu menino tinha uma bateria vitalícia, quando queria.

Tomamos banho juntos e comemos o que tinha sobrado do almoço, caímos na cama e fomos vencidos pelo cansaço.

Na manhã seguinte, deixei Chris com Jake e fui com Lola para minha primeira reunião com um cliente.

Lupita era loira, baixinha e cheia de curvas. Iria se casar com seu melhor amigo de infância. Achei a história deles linda, pois independente dos pais dela não serem a favor do relacionamento, isso não a impediu de lutar pelo que sentiam e de ter o casamento dos sonhos.

Eu e Lola estávamos mais que dispostas a proporcionar-lhes isso. A festa seria ao ar livre, na fazenda da família do noivo.

– Lupita, você já tem ideia de como quer o bolo? Quer alguma cor específica, algum detalhe especial...?

– Bem, eu e o Jorge somos veterinários e completamente apaixonado por animais, tanto que o nosso labrador que levará nossas alianças. Gostaria que o bolo tivesse esse tema – ela respondeu sorridente. Anotei tudo para passar para a confeitadeira.

– Você disse para Lola que serão 250 convidados, certo? Na próxima reunião, traremos modelos de convites e opções de fotografos.

– Aguardarei ansiosa! Estou tão nervosa com isso tudo. Queria tanto ter o apoio dos meus pais ... – ela lamentou e eu segurei sua mão, confortando-a.

– Oh, querida, imagino que deve ser muito difícil, mas quero que se acalme porque proporcionaremos a você e ao seu noivo a melhor noite das suas vidas. Além disso, seus pais estarão lá. Eles não deixarão de ver a única filha deles se casando – ela concordou levemente emocionada. Acertamos os últimos detalhes e, graças a Deus, dessa vez eu não estava enjoada. Atribuí o mal estar do dia anterior ao nervosismo.

Ficamos algumas horas resolvendo alguns detalhes e marcando as próximas reuniões, vendo anúncios de escritórios para montarmos a empresa já que, sempre nos reuníamos, era em sua casa ou em algum café. Se queríamos fazer esse negócio crescer ainda mais, precisávamos de mais profissionalismo, então resolvemos acertar algumas visitas. Então, fui para casa.

Chris estava na escola. Havia alguns dias que ele iniciara seus estudos na mesma escola de Sophia.

Lembro-me do seu primeiro dia nessa escola. Meu homenzinho estava nervoso, afinal, além da Sophia, ele não conhecia ninguém.

cUd *Estávamos na frente da escola. Já éramos para ter entrado, porém Christopher estava relutante em sua cadeirinha.*

– Vamos, Chris. Vai ser legal, tem vários coleguinhas esperando para te conhecer, então

vamos!

– Não, mamãe. Eu não quero. Que tal voltarmos para casa e a gente tenta de novo amanhã? – ele perguntou com a cara sapeca.

– Nada disso, mocinho! Você gostou tanto quando viemos conhecer a escola naquele dia e agora está fazendo birra para não entrar?

– Mas, mamãe, aquele foi outro dia, não quero ir hoje, não, minha barriga dói...

– Hm, então vamos ao médico tomar uma injeção bem grandona para essa dor passar – disse e ele arregalou os olhos, assustado.

– Não precisa mais não, mamãe. Já ‘tô bem, vamos entrar!

Ele abriu o cinto e desceu do carro. Caminhamos juntos até sua sala e a professora o apresentou à sala.

Observei tudo da porta de entrada. De início, Chris ficou tímido e encolhido em um canto, mas depois, com o tempo, foi se acostumando com a dinâmica da sala e foi brincar com as outras crianças.

cUd Eu pretendia dar início ao almoço quando senti um mal-estar terrível e corri para o banheiro. Tive uma crise muito forte de vômito e, quando terminei, sabia que nada sobrara em meu estômago. Como o dia estava muito quente, imaginei ser um efeito do calor, então resolvi tomar um banho. Fui até o quarto de Jake – eu estava quase chamando-o de meu.

Era amplo. A cama de casal ficava no centro, ladeado por duas mesas de cabeceira, um guarda-roupa ficava à esquerda. Em frente à cama, havia uma estante repleta de livros, CDs e DVDs, com uma televisão no centro de tudo. Peguei um vestido no guarda-roupa e fui me deitar. Eu estava me sentindo tão cansada que acabei pegando no sono. Acordei com Jake me balançando.

– Dormindo essa hora, meu amor? – colocou a mão em minha testa, medindo a temperatura. – Está sentindo alguma coisa?

– Não, nada. Só estava com sono – preferi não dizer a ele que tinha vomitado, ele ia fazer disso um grande caso e eu não tinha nada. Foi apenas o calor, eu tinha certeza. – Acabei não fazendo

o almoço – lembrei levantando-me.

– Não precisa, minha mãe mandou comida para a gente. Vou arrumar a mesa daqui a pouco, Chris deve estar chegando.

Quando Tyler trouxe Chris para casa, eu já estava me sentindo bem melhor. Eu adorava nossos almoços em família: Chris aproveitava esse horário para nos contar tudo o que tinha acontecido na escola. Meu menino estava se adaptando tão bem, cheio de amigos e indo muito bem nas aulas. Depois do almoço observei Jake e Chris lavarem os pratos, com orgulho. Meus meninos eram muito bem-criados. Meu celular tocou, tirando-me dos meus devaneios.

– Alô?

– Senhorita Mattos? Aqui é Patrícia da Pascal Imóveis. Estou ligando para lhe informar que seu imóvel foi comprado e precisamos da sua presença no Rio de Janeiro.

– Preciso ir para o Rio de Janeiro para fechar a compra? Vocês não podem me enviar os documentos para que assine e mande para vocês? – questionei a ela.

– Sinto muito, Senhorita, mas sua presença aqui é necessária. Normas da empresa – Patrícia informou.

– Tenho quantos dias para estar aí?

– Você tem até três dias para estar aqui. Não se preocupe, será algo rápido. Mais uma vez nos desculpamos pelo infortúnio, porém são normas da empresa – respondeu.

– Tudo bem. Vou me organizar e tentarei estar aí amanhã. Irei direto para o escritório de vocês, obrigada – disse desligando.

Tirei os olhos do celular e vi o Jake e o Chris me encarando.

– Vamos para o Rio, mamãe? – Chris me perguntou animado.

– Tenho que ir, filho. Compraram nosso apartamento e ele está em um lugar bem valorizado agora, o que significa que vale muito dinheiro. A empresa que contratei infelizmente só trata de tudo pessoalmente. Querem que eu esteja lá em até três dias. Então, sim, vou ter que voltar para o Rio de

Janeiro – esclareci.

– Posso ir com você, mamãe? Quero ver meus amiguinhos e um jogo do Flamengo no Maracanã – ele dizse pulando.

– Vamos ver, meu amor, mas acho melhor você ficar aqui com seu pai. Suas aulas começaram agora, não acho bom ficar faltando – expliquei e ele fez cara feia.

– Ou podemos ir todos juntos e fazer disso a nossa primeira viagem em família. Nós ficaremos poucos dias, amor. Não vejo problema em ele faltar amanhã. Passamos o fim de semana lá e voltamos na segunda, que tal? – Jake sugeriu.

– Sério? – meus olhos brilharam de expectativa e ele assentiu. – Seria maravilhoso! – beijei-o empolgada.

– Acho melhor começarmos a arrumar as malas – ele sorriu travesso.

– E o seu trabalho? – Lembrei. – Você pode se afastar por dias do mercado? – eu perguntei.

– Meu amor, eu pago pessoas competentes para isso: para poder tirar uns dias e viajar com a minha família. – ele disse pegando Chris e levando-o para o quarto dele.

Fui para o nosso quarto e comecei a arrumar nossas malas. Liguei para Lola para avisar que teria que me ausentar por alguns dias.

– Ei, cunhadinha – atendeu animada.

– Oi, que péssima sócia você foi arrumar, não é? – ri um pouco encabulada.

– Por quê? Você está se saindo bem até agora.

– Vou ter que te deixar sozinha por uns dias. Eu tenho que ir ao Rio, mas volto a tempo do casamento – garanti.

– Ótimo. Organizaremos tudo por telefone e nos vemos na festa, sem problemas.

Despedimo-nos e desligamos.

Dezoito



Lydia

Nem sempre odiei Melanie. Durante um tempo, eu gostei dela, achei que realmente fosse minha amiga. Tínhamos doze anos quando nos conhecemos no parquinho da escola.

Um dia, estávamos lanchando lado a lado, como sempre fazíamos, quando ela começou a acenar para alguém. Virei para ver quem era e quis gritar. Era Jake Sullivan. Sempre fui apaixonada por ele. Mesmo sem nunca termos trocado nada além de olhares, eu o amava.

Não sabia que Mel o conhecia, mas não gostei. Jake era meu, só meu!

Durante todo esse tempo, fiz o possível para ele me notar, mas ele só tinha olhos para Melanie. Fiquei a ponto de explodir quando eles começaram a namorar, nunca tinha me sentido tão traída. Será que aquela vadia não percebia que eu era apaixonada pelo Jake? Passei anos esperando o momento certo e, quando a oportunidade apareceu, precisei bolar o plano perfeito.

Melanie estava muito estranha ultimamente. Ela me contava tudo, não tínhamos segredos, mas sentia que ela estava me escondendo alguma coisa. Jake também tinha percebido, então só precisei fazer uma encenação básica e pronto.

Eles tinham terminado. Melanie foi embora e finalmente Jake ficaria comigo. Apesar das minhas inúmeras investidas, Jake ainda queria Melanie. Não era possível! Até longe aquela estúpida me atrapalhava.

Quando meu irmão me contou que ela tinha voltado para São Conrado, não acreditei. Precisava ver com os meus próprios olhos, porém não estava mais morando naquela cidadezinha. Eu

trabalhava em um escritório de advocacia na cidade vizinha.

Estava saindo do banheiro quando a vi. Poupe-me do trabalho de ir procurá-la. Mel era tão estúpida que seria maravilhoso provocá-la um pouco. Será que ela já tinha encontrado Jake?

– Não é que o meu irmão estava certo, mesmo? A santinha voltou a São Conrado.

– Lydia? O que você está fazendo aqui? Deu para me seguir, agora? – Sua voz continuava tão sonsa quanto era há alguns anos.

– Eu? Te seguindo? Você não é tão importante assim, querida – devolvi mordaz.

– Se não está me seguindo, está fazendo o que aqui? – indagou.

“Mas é patética mesmo! Ainda quer saber da minha vida. ”

– Não que eu lhe deva satisfação, mas eu trabalho aqui – respondi tranquilamente.

– É a secretária do Liam? – ela perguntou.

“É uma vadia, mesmo! Toda íntima do Senhor Albuquerque. ”

– Liam? Você é a tal amiguinha do Sr. Albuquerque? Vejo que você é rápida, não é, Mel? – instiguei venenosa.

– Não sou “amiguinha” dele, Lydia. Nós somos amigos, não sou igual a você, que ficava com um enquanto estava com outro.

“Rá! Jogando o passado na minha cara. Que feio, Melanie. Mal sabe ela que eu nunca fiz realmente isso. Claro que sempre fiquei com vários caras, mas nunca ao mesmo tempo. Nunca trai ninguém”.

– Acha que eu fiz isso com o Jake, não é? Pena que eu não estava com outro quando ficamos. Já procurou ele desde que voltou? Ele já te falou sobre tudo o que aconteceu enquanto você estava fora? – quis saber provocando-a.

– O que está insinuando, Lydia? Acha que Jake iria te querer depois que você foi tão patética, praticamente agarrando ele naquela noite? – as palavras delas fizeram as lembranças me invadirem.

cUd *Eu estava tomando meu café quando minha mãe chegou me sacudindo. Revirei os*

olhos, odiava quando ela fazia isso.

– Minha fia, ‘cê não sabe da última – mainha tinha morado desde criança na roça. Tinha casado com painho e vindo para dita cidade grande, mas o espírito de roça não saía dela. Dei graças a Deus por ter puxado a meu pai.

– O que foi, mãe? – disse rispidamente.

– Ah, minha filha, deixe de grosseria! ‘Cê não sabe o que aconteceu na casa dos Mattos. Coitadinha da Amélia, ‘tá inconsolável – ela disse me deixando extremamente curiosa.

“Meu Deus! Será que a vadia tinha decidido se matar? Mas era uma frouxa mesmo! Não aguentou ver o Jake comigo. ”

– Conte-me, mainha. O que foi que aconteceu com a Melanie?

– Foi embora, filha. Dona Célia contou que viu a menina entrando em um táxi cheia de malas, parece que foi para o Rio de Janeiro morar com o pai – falou e me controlei para não comemorar ali mesmo.

Subi correndo para o meu quarto e pulei em cima da cama, gritando de alegria. Finalmente Jake seria meu! Esperei alguns dias e fui atrás de Jake. Ele estava trabalhando no mercadinho do pai agora, então inventei uma desculpa para os meus pais e saí: queria encontrar com ele quando ele estivesse saindo. Tinha me produzido colocando uma roupa provocante. Deixei meus cabelos soltos, bem volumosos, caprichei na maquiagem e fui – de hoje não passava!

Encontrei-o fechando o mercado. Corri até ele gritando: – Jake! Jake!

– Ah... Oi, Lydia. – falou meio desanimado.

Dei o meu melhor sorriso e convidei: – Vamos dar uma volta na praça? Preciso falar com você.

– Sério, garota? Não basta tudo que você armou para me separar da Melanie? Fui tolo em cair na sua armadilha, mas não serei trouxa de novo. Você é patética. Se achou que ficaria com você agora, se iludiu, porque essa seria a última coisa que faria. De você eu quero distância. Tenho nojo de gente como você, Lydia – falou e saiu andando, deixando-me perplexa.

Controlei-me para não chorar. Eu não seria fraca. Jake iria pagar por essas palavras, eu o faria sofrer. Ele iria se arrepender de tudo o que me disse.

Tentei ficar com ele durante todos esses anos, por diversas vezes. Arrumei maneiras de provocá-lo, mas ele sempre me rejeitava, fazendo meu ódio aumentar. Ele tinha que ficar comigo.

cUd – Patética? Patética é você achando que tudo que aconteceu naquela noite, ou em outras noites, foi só porque eu quis. Ele quis também, querida, me quis muito e muitas vezes – contei atizando ainda mais. Queria vê-la insegura novamente.

– Não vou cair nessa, Lydia. Cansei das suas mentiras, acreditei nelas por anos, mas não sou a mesma garota que confiou em você.

“Será que não é mesmo, querida? Pois para mim ainda se parece muito com Melanie insegura que saiu daqui. ”

– Que pena! Depois que souber a verdade, não vá embora de novo! Ou melhor, vá. Vou adorar consolar o Jake novamente. Soube que teve um filho. Jake acreditou mesmo que era dele? Do jeito que você era, ele pode muito bem ser do Liam – falei mordaz.

Ela partiu para cima de mim, e começamos a nos estapear, chutar, arranhar e puxar o cabelo uma da outra. Não é que a santinha tinha aprendido a brigar?

Olhei para frente e vi o Senhor Albuquerque puxando-a, ele estava bravo.

– Parem com essa briga agora! Estão em um escritório, não um ringue. Senhorita Parker, vá ao banheiro se recompor. E que isso não se repita! – Falou levando-a até a sala dele e fechando a porta.

Fui até o banheiro. Estava com vários arranhões no meu corpo. Melanie iria pagar muito caro por isso.

Semanas depois, fui ao mercado comprar algumas coisas para o meu apartamento e escutei a voz do Jake. Encostei-me nas prateleiras para escutar melhor a conversa: – Cuida da loja para mim, Lucas, preciso ir pegar o anel lá na joalheria. Fecha daqui a meia hora, ‘tá bom? Preciso correr!

– Anel? Vai finalmente fazer o pedido, cara?

– Ela é a mulher da minha vida. Eu já esperei muito tempo – Jake falou e saiu. Enfureci-me instantaneamente. Fui completamente tomada por um ódio descomunal. Joguei tudo no chão e fui em direção ao meu carro, corri até a casa dos meus pais. Estacionei e fui até a garagem, joguei todas as caixas de ferramentas do meu pai no chão. Precisava encontrar.

Tirei mais umas caixas do lugar e finalmente a encontrei, ainda tinha algumas balas. Jake não iria se casar com ela, eu não deixaria.

– Se ele não for meu, não vai ser de mais ninguém. Eu disse que te faria sofrer, Jake, e esse dia chegou – gargalhando, guardei a arma. – Jake e Melanie não ficarão juntos – fui para casa e esperei a oportunidade certa para pôr meu plano em prática.



Melanie

Pegamos um voo naquela noite mesmo, passando a madrugada toda dentro de um avião. Chris dormiu assim que embarcamos, estava cansado. Jake e eu estávamos acordados assistindo um filme, mas eu estava entediada. Jake, percebendo meu tédio, cochichou em meu ouvido: – Já fez amor nas alturas?

– Não, mas adoraria experimentar – disse a ele sorrindo maliciosamente.

– Vai ao banheiro que vou dar um tempinho aqui e te sigo.

– Mas e o Chris? Nós não podemos deixar ele aqui sozinho – disse olhando para o nosso filho.

Ele olhou para a senhora que estava na poltrona ao lado da nossa e perguntou: – Minha esposa não está se sentindo bem, você poderia olhar o nosso filho rapidinho enquanto eu a levo ao banheiro?

Rapidamente fingi um mal-estar.

– Claro, pode deixar que eu olho o menino – Ela disse sorrindo para nós.

Caminhamos até o banheiro e, felizmente, não tinha ninguém perto das cabines. Entramos e observei-o tirando a camisa.

– Você está muito safado, Jake!

Ele riu.

– Você sabe que eu sou péssimo em inventar desculpas, mas faço tudo para ficar com você,

meu amor, até mentir para uma senhorinha tão simpática.

Gargalhei e ele calou minha boca com um beijo de tirar o fôlego. Entre beijos e carícias, entregamo-nos ao desejo e à paixão bem ali, naquela cabine minúscula. Preciso dizer que Jake realmente me levou às alturas. Ele se arrumou e foi para o nosso lugar. Fiquei um tempo no banheiro para tornar nossa encenação mais realista, o que não valeu de nada, já que quando a senhora me perguntou se eu estava bem, eu corei e comecei a rir.

Chegamos ao Rio de Janeiro cansados. Apesar de termos dormido um pouquinho depois da nossa aventura, eu estava exausta. Do aeroporto, fomos direto para um hotel onde dormi por algumas horas. Em seguida, Jake e Chris resolveram descansar mais um pouco enquanto eu ia até a Pascal Imóveis.

Encontrei com Patrícia e assinei todos os documentos. Peguei o cheque, bem gordo, por sinal, e retornei para o hotel.

Passamos um dia agradável em família visitando vários pontos turísticos: fomos ao Pão de Açúcar e ao Cristo Redentor. E nossa, que vista maravilhosa! Estava um dia agradável, então conseguimos registrar esse momento mágico em família. No dia seguinte fomos ao Jardim Botânico e a um jogo do Flamengo no Maracanã. Apesar de eu não compreender muito bem todas as regras do jogo, foi bem divertido. Christopher e Jake estavam super animados e agitados. Meu enjoo matinal se fez presente todos os dias. Fiz de tudo para Jake não perceber, mas em nossa última noite, fomos jantar em um restaurante de um bairro nobre do Rio e não consegui evitar.

Deixamos Chris com a antiga babá dele. Precisávamos de um tempo a sós e Chris não se chateou em ficar com a Meg, ele a adorava. Chegamos ao restaurante e já na fachada ficamos boquiabertos. Era lindo demais. Enquanto nos encaminhavam à nossa mesa, observei o lugar: as paredes eram vinho, lustres numerosos pendiam do teto e toalhas de um branco imaculado cobria as mesas. Eu estava encantada. Fizemos nossos pedidos e, antes deles chegarem, Jake levantou-se e ajoelhou-se ao meu lado, atraindo a atenção de todos.

“O que ele está fazendo? ”

– Melanie, o tempo que fiquei sem você foi com certeza o período mais triste da minha vida.

Eu sei que eu estraguei tudo há seis anos, eu deveria ter ido atrás de você, nem que eu tivesse que dar a volta ao mundo para te encontrar. Ter você de volta na minha vida foi a melhor coisa que poderia ter acontecido. Você me trouxe o Chris, que é fruto desse amor que eu sei que sentimos um pelo outro e, para completar essa felicidade, queria que você me desse a honra de se tornar minha esposa, pois nada me faria mais feliz do que passar o resto da minha vida ao seu lado – declarou estendendo uma caixinha e mostrando-me um anel com uma pedrinha de diamante no centro.

“*Ai meu Deus!* ”. Meu coração se encheu de felicidade e por pouco não derramei lágrimas de emoção, afinal, não é todo dia que se recebe um pedido desses. Eu me sentia tão grata por compartilharmos o mesmo sentimento e por tê-lo ao meu lado que não havia resposta que não fosse: – Sim, sim! Claro que aceito! Nada me faria mais feliz do que finalmente me tornar sua esposa – enlacei seu pescoço dando-lhe um beijo.

Escutamos aplausos ao fundo e percebi que estávamos dando um showzinho no restaurante.

Sentamos e nossos pedidos chegaram. Eu estava muito feliz, mas assim que senti o cheiro do meu prato, tive que correr para o banheiro. Passei um bom tempo lá e tudo o que tinha no meu estômago havia ido embora. Quando saí do banheiro, Jake estava parado junto à porta, ao lado de um segurança. Ele exibia uma expressão preocupada.

– O que você está fazendo aqui?

– Eu estava preocupado! Eu não podia ficar sentado depois de você ter saído correndo e ficado um tempão no banheiro. Ainda por cima, agora você está pálida. Já pedi a conta, nós vamos ao hospital, Melanie – falou decidido.

– Não precisa! Já estou melhor, só preciso respirar um pouco de ar puro. Vamos passear pela praça aqui na frente e prometo que amanhã vou marcar médico para mim, não se preocupe – garanti abraçando-o e acariciando seus cabelos. – Posso saber por que o segurança estava ao seu lado?

– Ele me viu vindo atrás de você e achou que tinha acontecido alguma coisa. Quanto mais

você demorava, mais nervoso eu ficava, acho que ele pensou que eu ia entrar no banheiro atrás de você – ele disse enquanto caminhávamos.

Ri enquanto andávamos por uma praça com várias flores, uma paisagem belíssima. Deitamos na grama e ficamos olhando o céu, dava até para ver algumas estrelas. Virei por cima do Jake, olhando em seus olhos.

– Qual o prazo que tenho para organizar esse casamento?

– Até o final do ano. Quero estar casado com você antes do natal – ele disse dando-me um selinho. Ficamos por um tempo lá deitados, curtindo um ao outro, depois fomos para casa. Eu já estava me sentindo melhor, mas não quis comer nada. Tomei um chá e fui dormir. Pegamos um voo logo pela manhã e, horas depois, pousamos em São Conrado. Não fazia muito tempo que eu voltara a morar ali, mas já estava com saudades da calma da minha terra. Infelizmente, não poderia matar as saudades da calmaria. Tínhamos um casamento para organizar! O meu primeiro, ainda por cima! Deixei Chris com Jake e fui para cidade vizinha onde Lola já me esperava.

O lugar estava lindo. Estava decorado com um arco de flores na entrada, as cadeiras e mesas estavam arrumadas ao redor do espaço para dança. O palco onde a banda dos amigos do noivo tocaria não era muito longe e, de lá, pude ver a cozinha, que estava um caos. Enquanto Lola resolvia essas questões, fui checar os noivos e, segundo eles, tudo estava do jeitinho que queriam. Encontrei-me com Lola e fui logo dizendo: – Já encaminhei eles para a igreja, cada um em um carro. A Lupita estava belíssima.

– Que bom! E eu já resolvi tudo lá na cozinha... nós tivemos que alterar um dos pratos, já que um dos ajudantes queimou boa parte da entrada. Meu Deus, que prejuízo – ela respondeu massageando suas têmporas. Notando minha preocupação, acrescentou: – Mas, com a ajuda do chef, conseguimos montar uma nova entrada, vai dar tudo certo.

– Ufa! Infelizmente imprevistos acontecem. Mas vamos nos arrumar, precisamos estar aqui quando os noivos chegarem – caminhamos juntas até o quarto que foi cedido a nós duas.

Antes de tomar banho, peguei o que estava guardado na minha bolsa. Tinha parado em uma

farmácia e comprado um teste no caminho do evento e eu estava ansiosa para fazê-lo, sabia que havia uma enorme possibilidade de eu estar grávida. Precisava tirar essa dúvida logo!

Seguindo as instruções, fiz o teste e esperei o resultado. Durante aqueles três minutos, mil coisas passavam pela minha cabeça. Estava indo tudo bem entre Jake e eu, mas não estávamos planejando filhos para agora. Não sei qual seria a reação dele se eu estivesse mesmo grávida, porém, antes que pudesse ver o resultado, escutei Lola entrando no quarto. Eu ainda estava de toalha.

– Mel, já está pronta? Precisamos ir, os noivos chegam em meia hora.

– Já estou indo, espera um pouquinho.

Escondi o teste na gaveta do banheiro e arrumei-me rapidamente. Fomos para a festa e fizemos o possível para que fosse a melhor das noites para os noivos. Eles mereciam. Lupita e Carlos estavam apaixonadíssimos um pelo outro.

– Senhorita Mattos, um dos convidados bebeu demais e está causando uma pequena confusão próximo à mesa do jantar – um dos garçons me informou ao se aproximar de mim.

– Vem comigo, Tiago. Precisamos afastá-lo dos noivos para que a confusão não ofusque a noite deles – caminhamos até o convidado bêbado. Ele era um dos primos do noivo e já estava muito exaltado. Com a ajuda de Tiago, levei-o até uma das tendas, apesar de eu inicialmente querer leva-lo até a casa, mas o homem se mostrou muito relutante. Mantemos ele sentado por um tempo até sua mãe aparecer e, envergonhada, desculpar-se pela situação.

Voltei aos meus afazeres, organizando os garçons para servir a sobremesa do jantar, quando Lola chegou ao meu lado, dizendo: – Os noivos pediram para a festa durar duas horas além do contrato e eu concordei, tem algum problema? Eles merecem! Além disso, pagarão muito bem.

– Não tem problema, Lola. Deixe eles aproveitarem! Mas olha, você pode ficar de olho neles? Eu já volto! Eles já quebraram algumas taças – falei com exaustão. Organizar um casamento era muito mais trabalhoso do que parecia. Fui ao banheiro e, enquanto lavava minhas mãos, escutei uma voz familiar: – Ele te pediu em casamento! Como ele pôde fazer isso? Era para ele ficar comigo

e não com você, sua vadia!

Levantei meus olhos até o espelho para vê-la, mas não consegui. Ela não estava atrás de mim. Ao me virar, levei uma bofetada que me fez cair no chão do banheiro. Quando olhei para cima, vi Lydia apontando uma arma para mim.

Tudo que passava na minha cabeça era: “*Por favor, meu Deus, não deixe que essa louca me mate*”.

Vinte



Melanie

Eu estava nervosa, afinal, ela estava ameaçando a minha vida e possivelmente a do meu bebê. Tentei me levantar, mas sentir uma dor forte no tornozelo. Talvez ele tivesse machucado quando caí de mal jeito.

"Que droga! Por que não olhei o teste?"

Lydia estava visivelmente desnorreada. Eu não tinha ideia do que ela ia fazer.

– Lydia... – comecei com cautela. – Calma, vamos conversar, abaixe essa arma. Eu sei que você não quer fazer isso.

– Cala a boca, sua vadia! Você voltou para tirá-lo de mim! Jake era para ser meu! Só meu! Era para você ter ficado onde estava e nunca mais voltar! Nós iríamos ter filhos lindos e você tomou conta do que era para ser a minha vida! – acusou batendo no meu rosto novamente. Cuspi o sangue que estava na minha boca.

– Não fui eu que separei vocês, Lydia! Mesmo que não tivesse voltado, ele não teria ficado com você e isso não é ruim. Você pode arrumar alguém que goste de você.

Ela ia chutar minha barriga, mas me virei para protegê-la e o chute acertou as minhas costelas. Ela chutou várias vezes, continuando a me acusar: – Ele não ficou comigo por sua culpa. Você sempre estragou a minha vida, Melanie. Nunca fui boa o suficiente para nada porque sempre preferiam você! – ela apontou a arma para minha cabeça. – Mas agora ele vai ficar comigo – ela deu uma risada insana. – Você vai estar morta. Jake e eu criaremos o seu bastardinho – ela engatilhou a arma. Suas mãos tremiam. Ela estava descontrolada, mas não estava totalmente fora de si. Pude sentir

a hesitação em seus atos.

Não podia deixar que ela fizesse isso, eu tinha que fazer alguma coisa. Não podia deixar que essa maldita acabasse com minha vida assim. Esforcei-me ao máximo para levantar, apoiei-me na pia, busquei força e parti para cima dela.

Consegui derrubá-la devido ao meu ataque surpresa e a arma caiu no chão. Fiquei em cima dela e comecei a socar seu rosto, puxar seus cabelos, então ela me deu um soco na barriga que me deixou sem ar. Pus a mão sobre meu ventre e tentei recuperar o fôlego. Nesse meio tempo, ela me empurrou e pegou a arma novamente, mirando para minha cabeça. Ela não tremia mais.

– Sua vagabunda! – encarou-me cuspiendo sangue, seu rosto estava muito vermelho.

Não queria desistir, mas já não sabia o que fazer. Fechei meus olhos e esperei pela morte. Dizem que toda a sua vida, passa pelos seus olhos quando se está morrendo, não é?

Bem, não foi que aconteceu.

Abri meus olhos a tempo de ver Lola jogando um vaso (que reconheci vagamente como o que estava sobre a pia) na cabeça de Lydia, fazendo-a desmaiar.

– Levanta, Mel, temos que sair daqui e chamar algum segurança. Vamos, Melanie, antes que ela acorde!

– Estou sangrando – falei com a voz fraca e ela olhou para o meu vestido que estava ensopado de vermelho.

– Vou ligar para ambulância. Fica acordada, Mel! – pediu chutando a arma para longe e vindo ficar ao meu lado. Pegando o celular, ela ligou para emergência: – Minha amiga foi atacada por uma louca armada no banheiro do Sítio da Família Macedo e agora ela está sangrando, acho que ela foi ferida...

– Lola, eu acho que estou tendo um aborto – interrompi. Eu estava quase desmaiando de dor. Seus olhos se arregaram de surpresa, mas não hesitou em continuar, alarmada: – Ela pode estar tendo um aborto. Por favor, venham logo! Venham rápido!

Lola chamou os seguranças pelo rádio e ficou ao meu lado, mantendo-me acordada. Ela conversava comigo, mas era tão difícil manter meus olhos abertos...

Os seguranças chegaram e renderam Lydia. Disseram-nos que a encaminhariam para Delegacia. Depois que eles saíram, a ambulância chegou. Eu já estava praticamente desacordada quando me colocaram na maca. A última coisa que disse antes de apagar foi: – Liga para o Jake. Eu preciso dele comigo.

Jake Eu estava jogando FIFA 15 com Chris no Xbox, quando meu celular tocou. Vi o nome da Lola e atendi: – E aí, maninha, parando um evento para me ligar? Deve ser importante mesmo – falei divertido.

– Jake, estou em uma ambulância com a Melanie. A louca da Lydia a atacou no banheiro da festa, estou com tanta raiva daquela vadia. Estamos em uma ambulância a caminho do Hospital Santo Amaro – ela explicou nervosa. Dei um pulo do sofá, largando o controle imediatamente. Entrei em pânico e comecei a procurar as chaves do meu carro, enquanto Chris me encarava. O que aconteceu com Mel só podia ter sido grave e isso só me deixava mais nervoso.

– Estou indo para lá, só vou deixar o Chris com a nossa mãe – disse desligando e pegando as chaves do carro.

– Chris, o papai vai ter que sair, então você vai ficar na casa da sua avó, certo? – expliquei colocando ele no carro e dirigindo rápido, tentando controlar o meu nervosismo.

– Porque eu estou indo para a casa da vovó? Aconteceu alguma coisa, papai? – ele questionou curioso.

– O papai te explica depois, filho, agora fica com a sua avó, certo? Se comporte – disse beijando seu rosto assim que estacionamos.

Deixei Chris e não expliquei muita coisa, só disse: – Fica com ele, por favor, ligo depois para explicar – fui direto para o Hospital.

Encontrei Lola na sala de espera. Até o momento, não tinham dado nenhuma notícia.

Aguardamos por um tempo e eu já estava em tempo de explodir. Eu já estava querendo ir lá dentro ver o que eles estavam fazendo com minha mulher quando um médico saiu da sala e perguntou: –

Parentes da senhorita Melanie Mattos?

– Somos nós, sou noivo dela. O que aconteceu, Doutor?

– A Senhorita Mattos teve duas costelas fraturadas, mas passa bem. O sangramento foi controlado, mas infelizmente não conseguimos salvar o bebê. Ela estava com apenas um mês e não foi possível salvar o feto. Como vocês devem saber, o risco de aborto nos três primeiros meses é maior – explicou.

– Aborto? Bebê? Que bebê, Doutor? – indaguei assustado. A expressão do médico se agravou.

– Ah. Bem, a senhorita Mattos estava com um mês de gestação, como disse anteriormente, mas presumo que seja uma novidade para o senhor. Sinto muito que tenha que descobrir dessa forma.

Não encontrei voz para responder. Sentei-me e enterrei o rosto nas mãos. Como daria essa notícia para Melanie? Nós não estávamos planejando, mas sei que essa criança seria muito amada...

– Eu posso vê-la agora? – disse fracamente.

– Ela está sedada, mas uma enfermeira levará o senhor ao quarto daqui a pouco – o médico informou antes de dar um breve aceno com a cabeça e retirar-se.

Continuei sentado na cadeira da sala de espera pensando em como contaria a Mel que ela tinha perdido o bebê. Ainda não conseguia assimilar muito bem a notícia. Doía pensar que nunca conheceríamos o rostinho desse bebê, que eu não o carregaria em meu colo, mostrando o quanto ele era amado. Limpei algumas lágrimas que caíram sem minha permissão e fiquei me perguntando: será a Mel já sabia disso há algum tempo? Ou seria novidade para ela também? Como pude não perceber? Os sintomas estavam lá o tempo todo...

A enfermeira chegou e me encaminhou até o quarto. Ela estava deitada na cama e seu rosto estava cheio de hematomas. Fiquei com tanto ódio de Lydia, ela devia estar completamente fora de si para fazer algo assim com outra pessoa. Acaricieei seu rosto e me sentei ao lado da cama, segurando a

mão dela e observando-a dormir.



Melanie

Acordei sentindo alguém mexer em meu braço, abri os olhos e vi a enfermeira retirando a agulha.

– Está com sede, querida?

Fiz um sinal afirmativo com a cabeça. Estava com a garganta seca. Bebi a água e olhei para os lados. Procurei Jake, Lola ou algum rosto conhecido, então ela disse: – Seu noivo estava aqui até agora a pouco, querida. Ele aproveitou que eu estaria aqui e foi fazer algumas ligações. Ele não queria deixá-la sozinha.

Ela saiu do quarto, cruzando com Jake na entrada. Sorri para ele, mudei totalmente minha expressão ao ver seu rosto.

– Oi, amor. Está tudo bem? – ele se aproximou beijando minha testa e acariciando meus cabelos.

– Oi, *baby*. O doutor vai vir conversar conosco, mas quero que saiba que eu te amo e que vai dar tudo certo, está bem? – Quando Jake terminou de falar, o médico entrou no quarto. Era um homem baixinho, meio careca e usava óculos quadrados.

– Bom dia, Senhorita Mattos, vejo que a enfermeira já lhe examinou. A senhorita teve duas costelas fraturadas, por isso deve tentar permanecer em repouso na maior parte do dia e evitar carregar peso. Infelizmente a senhorita acabou sofrendo um aborto por causa dos traumas em sua costela. Sua gestação era recente. Saiba que fizemos tudo o que era possível, mas o choque foi muito

forte. Eu sinto muito – em seguida, pediu licença e saiu, deixando-nos a sós.

Eu ainda estava tentando assimilar tudo quando senti a mão de Jake em meu rosto, limpando lágrimas que não tinha percebido que estavam caindo. Ele me abraçou, sussurrando que tudo ficaria bem e que superaríamos isso, enquanto eu chorava compulsivamente em seus braços. Ficamos assim por um tempo, até eu me acalmar e dizer: – Quero ver o Chris, quero ver o meu bebê! Traga-o aqui, por favor, Jake! – ele beijou minha testa e deu-me um abraço apertado.

– Vou pedir a Lola para trazê-lo.

– Não! – balancei a cabeça rapidamente. – É melhor você ir buscá-lo – ele acariciou minha bochecha, fazendo-me sentir um pouco de dor. Eu devia estar bem machucada.

– Não quero deixá-la sozinha, *baby*, não agora.

– Estou em um hospital, não vou ficar sozinha. Por favor, vá buscar ele para mim! – Eu disse, implorando.

– Está certo, eu vou, mas qualquer coisa você me liga – pediu dando-me um beijo rápido e saindo.

Jake estava extremamente protetor, era estranho vê-lo dessa maneira. Agia como se eu fosse quebrar. Meu coração permanecia em cacos. Mesmo sem conhecê-lo, eu já o amava. Eu nem tinha certeza de que ele realmente existia antes disso tudo, mas parecia que meu coração sabia o tempo todo. Estava me sentindo mal, sufocando, minha dor emocional superava qualquer dor física que poderia estar sentindo.

Fiquei por volta de quarenta minutos sozinha. Nesse meio tempo, com a ajuda de uma enfermeira, fui ao banheiro e pude ver o quão feio estava o meu rosto. Não que ligasse para isso agora, mas meu príncipe não podia me ver assim. Sentia uma necessidade enorme de vê-lo, por isso passei um pouco de maquiagem para disfarçar. Expliquei a situação para a enfermeira, que se mostrou feliz em ajudar. Segundo ela, Jake tinha deixado meus pertences no quarto na noite passada, mas minha maleta de maquiagem não estava junto, então ela – Clara – emprestou-me a dela. Por sorte, tínhamos o mesmo tom de pele.

Logo, Chris chegou correndo e abraçando-me. Minhas costelas protestaram, mas não ia largá-lo. Percebi que ele chorava, então levantei seu rosto e perguntei: – Meu amor, o que foi? Por que está chorando?

Entre soluços, respondeu: – Fiquei com tanto medo, mamãe, achei que a senhora tinha ido ficar com a vovó e o papai do céu – o abraço ficou mais forte e seus soluços aumentaram.

– Estou aqui, está vendo? Estou aqui com você, não chora. A mamãe está aqui. – falei enquanto acariciava seus cabelos. Ele deitou ao meu lado e, quando o choro cessou, percebi que ele havia dormido. Olhei para Jake, que observava tudo em silêncio. Nossos olhares se encontraram e ele comentou: – Lola disse que ele não tinha dormido bem durante a noite, parece que escutou alguém falando que você estava no hospital e ficou inquieto desde então. Nunca imaginaria que o motivo fosse esse.

– Também não. Acho que ele pensou assim por causa da morte da mamãe ser recente. O médico falou quando vou ter alta? Não quero ficar longe do meu baixinho – disse beijando seus cabelos.

– Ele disse que talvez em dois dias, quer ter certeza de que você está recuperada antes de te dar alta – Jake explicou.

– Está certo. Acho que vou cochilar com o Chris. Esses remédios me dão um sono... você deveria dormir também, está com uma carinha péssima, amor – tentei brincar com ele.

Ele coçou os cabelos e riu: – Estou mesmo, *baby*, mas essas cadeiras aqui não são nem um pouco confortáveis.

– Vai para casa descansar. Eu fico com ele, acho que ninguém vai tirá-lo daqui. Pode ir tranquilo – falei.

– Como a Lola já deve estar chegando por aqui, vou, mas só porque preciso muito dormir. Te amo – sorriu. – Volto daqui uma hora.

cUd Dois dias depois, fui liberada e estávamos a caminho de casa. Observava ao meu redor e

via o quanto a vida tinha perdido um pouco do brilho e de cor. Na manhã seguinte, o Delegado Martins foi até a nossa casa.

– Bom dia, Melanie e Jake. Fico feliz em vê-los juntos.

– Bom dia, Delegado. Como vai a dona Ana? Diga que mandei lembranças – Jake disse. Ele assentiu, pigarreando e dizendo: – Bem. Vim aqui para lhes informar de algo que aconteceu noite passada.

– Pode dizer, senhor Martins – respondi aflita, segurando a mão de Jake.

– Como vocês sabem, encaminhamos a senhorita Parker para uma das nossas penitenciárias. Ela foi presa por tentativa de homicídio e porte de arma ilegal. Ontem à noite, houve uma briga em um dos pátios da penitenciária e a senhorita Parker ficou gravemente ferida. Ela não resistiu e faleceu no caminho do hospital – ele nos informou com pesar, mas infelizmente eu não fiquei triste com a notícia. Lydia quis o meu mal por tanto tempo que aquilo a consumiu. Ela quis me matar e conseguiu, pois uma parte de mim havia morrido naquela noite.

Durante aquela semana, não fui nem boa mãe nem boa noiva. Minha rotina era lamentável e eu não era eu mesma. Afastei a todos, queria ficar sozinha o tempo todo e sentia que estava chegando no fundo do poço. Eu estava deitada na cama quando Jake entrou com meu almoço – não sentia fome alguma e era nítido o quanto eu tinha emagrecido.

– Amor, trouxe comida – ele caminhou até a cama com uma bandeja. – Tentei fazer stroganoff, seu prato favorito, do jeitinho que você gosta, espero que esteja bom.

– Não quero, Jake – neguei virando de costas para ele.

– Amor, você não pode ficar assim. Você tem que reagir, Melanie! Por você, pelo Chris e por mim.

Assim que ele terminou de falar, atirei o prato na direção da parede, sujando-a toda: – Você não entende como estou me sentindo! Não entende! Ele morreu, ou ela! Não sei! Nunca saberemos e eu não sei como viver sem essa parte de mim! Nunca sentirei seus movimentos em minha barriga, nunca o segurarei para conhecer seu rostinho – perdi o controle, gritando e soluçando.

Ele caminhou para fora do quarto, mas antes de sair, disse: – Só quero que saiba que não é só você que está sofrendo, meu amor.

Dias depois, fui até a beira do lago para espairar, vinha fazendo muito isso. Normalmente Jake me acompanhava de longe, porém naquele dia não era Jake quem me seguia.

Liam sentou-se ao meu lado, dizendo: – Princesa. Eu soube de tudo o que aconteceu, perdoe-me por não estar aqui. Tive alguns problemas e não pude voltar antes – eu permanecia encarando o nada, então ele suspirou e continuou. – Jake me contou o que está acontecendo. Mel, nem eu nem o Chris ou o Jake, ninguém merece ser tratado assim. Sei o que aconteceu e sei que não é fácil superar, mas ficar assim não vai te levar a nada. Quando eu era criança, minha mãe sempre dizia que algumas coisas acontecem por alguma razão. Não entendia muito bem quando era criança, mas passei a entender depois de adulto. Só porque não aconteceu agora, não significa que nunca mais vai acontecer. Sei que, se deixar a gente te ajudar, você vai superar isso.

As palavras de Liam quebraram a barreira que tinha construído. Abracei-o e chorei muito. Queria tanto que minha mãe estivesse aqui me dando colo e dizendo que tudo ficaria bem. Eu realmente precisava de ajuda para superar o que aconteceu, porque eu precisava me reerguer. Havia tantas pessoas na minha vida que eu amava e estava os perdendo.

– Jake pediu que te entregasse – ele colocou uma pulseira com um pingente de um anjo em minhas mãos. Segurei-a com força e voltei a chorar. Jake e eu tínhamos um anjinho conosco agora; um que nos acompanharia por toda vida. Guardei a pulseira em meu bolso, queria que Jake a colocasse. Eu precisava me desculpar com aquele que compartilhava da mesma dor que a minha.

Vinte e dois



Melanie

Caminhamos por um tempo à beira do lago. O dia estava nublado, mas não parecia que ia chover.

- Onde você estava durante esses dias? Teve problemas com a empresa?
- Não, está tudo bem com a empresa.
- Então o que deu de errado na sua vida perfeita?
- Vou ter um filho, Princesa – Falou deixando-me surpresa.
- Um filho não é um problema, Liam. Sei que seu namoro com a Nina não tem muito tempo, mas vai dar tudo certo. Ela não quer a criança? É isso?
- Não, o problema é que não é a Nina quem está grávida.
- E quem é que está, então? – fiquei realmente confusa.
- Uma mulher com quem eu saí há meses, quando eu e a Nina terminamos. Foi um caso de uma noite – ele respondeu.
- E como você sabe que o filho é seu, Liam? Ela pode ser uma aproveitadora, querendo dar um golpe para te prender... – Comecei a cogitar mil e uma possibilidades.
- Ela é rica, Mel, e também é advogada. Nós nos conhecemos em um congresso. Ela não teria necessidade de inventar uma gravidez para me prender, ela nem ao menos iria me contar, na verdade. Eu descobri por acaso – contou.
- Se você confia nela e acha que o filho é seu, tem que fazer alguma coisa, independente do

que a Nina vai achar.

– Filha – pude perceber o orgulho na sua voz. – Vai ser uma menina. Eu ainda estou meio perdido, Mel. Por que isso tinha que acontecer justo agora que eu e a Nina nos acertamos? Ela vai terminar comigo, não vai querer saber se isso aconteceu na época que a gente terminou – sua voz estava angustiada.

– Olha, Liam, você tem que contar para Nina antes da sua filha nascer. Diga a verdade, conte que não foi algo planejado e que acidentes acontecem. Vocês não tiveram culpa, mas agora você é um dos responsáveis por esse bebê – tentei ajudá-lo a pensar com calma.

– Ela nasce daqui a algumas semanas. Eu estou esperando o momento certo para falar com ela. Eu a amo, Mel, mas não vou deixar minha filha por causa de ninguém – soltou um suspiro incomodado.

– Não acho que ela fará isso. Você fala tão bem dela que não me parece ser o tipo de pessoa que te pediria isso.

Ao dizer isso, ele suspirou. Ficamos alguns instantes em silêncio, então ele subitamente virou-se e disse: – Eu estou indo para São Paulo e volto em alguns dias. Eu te ligo quando ela nascer – Deu um beijo em minha testa, abraçou-me forte e disse: – Fica bem, ok? Qualquer coisa me liga.

Ao voltar para casa, nem Jake ou Chris haviam chegado. Arrumei a casa e fiz uma lasanha de frango para o almoço. Deixei tudo pronto e fui tomar banho, terminei de me vestir e escutei o portão. Christopher tinha acabado de chegar da escola e, quando me viu na sala, ficou surpreso. Meio receoso, disse: – Oi, mamãe. Você já está melhor?

Cheguei perto dele e o abracei bem forte. Levei-o até o sofá e sentei com ele no meu colo, dizendo: – A mamãe está tentando ficar melhor, mas para que eu consiga isso eu vou precisar muito da sua ajuda.

– Eu ajudo, mamãe. Não quero ver você tristonha de novo, gosto mais quando está feliz e sorrindo.

Enchi sua bochecha de beijos, dizendo: – Desculpa, meu amor. Para mamãe ficar feliz de

novo ela só precisa que você seja esse filho carinhoso e amoroso que você é.

Ele me deu um abraço bem forte, murmurando: – Te amo, mamãe.

– Também te amo, meu amor. Agora vá tomar um banho que seu pai já deve estar chegando para almoçarmos.

Enquanto Chris ia ao seu quarto tomar banho, escutei o carro de Jake chegando e saí para recebê-lo. Jake foi muito paciente comigo durante esse tempo, precisava me desculpar e agradecer por tê-lo ao meu lado.

Ao estacionar, ele ficou surpreso de me ver do lado de fora da casa. Abraçou-me forte ao ponto de me erguer do chão, selando seus lábios aos meus.

– Vejo que a conversa com Liam fez efeito. Agora acredito que sei porque ele diz que vocês são quase irmãos.

– Liam realmente sabe a hora certa de dizer as coisas. Ele me estabiliza, sabe? Essa ligação que temos é realmente de irmandade. Ele é meu irmão de coração e sempre serei grata por tê-lo em minha vida. Durante a nossa conversa, ele me fez ver que eu não estava sendo justa com os que estavam ao meu redor, principalmente com você e Chris. Sinto muito, meu amor, prometo tentar melhorar. Para me ajudar, você só precisa continuar a fazer o que está fazendo.

– *Baby*, não estou fazendo nada. Chamar o Liam foi um tiro no escuro. Eu esperava que desse certo, mas não tinha certeza. Eu estava tão mal por te ver assim, não sabia o que fazer...

– Me amar. É a melhor coisa que você pode fazer por mim agora – tirei a pulseira do bolso e entreguei a ele para que ele colocasse em meu pulso. – Nunca vou me cansar de agradecer por ter você em minha vida, meu amor – ele me beijou, um beijo intenso e cheio de paixão, um beijo que me fez esquecer tudo ao meu redor, só despertei quando escutei o Chris resmungar: – Poxa, pai! Mãe! Eu querendo almoçar e vocês aí se agarrando – Gargalhamos e olhamos para ele. Chris estava nos observando ligeiramente entediado e, digamos que talvez eu e Jake tivéssemos nos empolgado demais, já que, antes de desgrudarmos, ele estava com a mão na minha bunda, puxando-me contra ele.

– Desculpa, campeão – Jake falou risonho, segurando minha mão enquanto entrávamos em casa. – Você vai entender isso quando for mais velho, pode crer. Vai ver o quanto é difícil tirar as mãos da mulher que você ama.

– Meninas são tão chatas, papai, só querem brincar entre elas, falar de bonecas e de meninos – ele disse revirando os olhos.

– Você acha elas chatas agora, garotão – Jake disse enquanto fazia carinho em seus cabelos.

Coloquei o almoço na mesa e sentamos para almoçar. Quando terminamos, fiquei sentada no balcão observando eles cuidarem dos pratos. Ao terminarem, fomos para sala assistir a um filme de ação que Chris escolheu. Sentamo-nos juntos no confortável sofá.

O filme era bom, com muitas cenas de luta e perseguições de carro, mas a melhor parte foi quando o casal principal ficou junto, foi lindo. Depois disso, eles resolveram me ensinar a jogar futebol no X-Box, e até que fui bem, foi bem engraçado ver a cara deles quando eu acertava algum drible.

À noite, fomos jantar no Restaurante do Centro. Nando, marido da Rosa, ficou muito feliz em nos ver, disse que era uma pena Rosa ter ido à cidade vizinha e ter perdido a oportunidade de nos encontrar novamente. Jantamos uma deliciosa macarronada e, naquele momento, olhando para as duas pessoas mais importantes da minha vida, percebi que, independentemente da situação, teria a minha família comigo, não importa o que aconteça.

Segurei a mão do Jake e beijei a testa de Chris: – Amo tanto vocês...

Vinte e três



Melanie

Na manhã seguinte, acordei com o barulho de batidas na porta. Olhei para o travesseiro ao lado do meu e não encontrei Jake ou Chris, apenas um bilhete.

“Amor, fui trabalhar e deixei o Chris na escola. Vejo você no almoço. Te amo. J.”

Sorri. Novamente, escutei a porta, coloquei o roupão e fui atender.

– Que demora, Mel! Estava dormindo até uma hora dessas? – Lola perguntou passando por mim, entrando na casa sem esperar convite.

– Estava cansada. A que devo a honra dessa visita?

– Temos vários eventos para organizar, sócia! Fui levando esses dias sem você, mas temos um evento superimportante em duas semanas. Eu não posso fazer esse sem a sua ajuda – suspirou dramático.

– Nossa, Lola. Tudo bem, tudo bem, fale-me sobre ele e vamos planejá-lo – peguei meu bloquinho de anotações e sentando-me no sofá.

– MELANIE! Você esqueceu o aniversário do Chris? – falou espantada. Encarei-a por alguns segundos, desacreditada.

– Não esqueci, não – contestei indignada. Uma mãe não esquece o aniversário do filho! – O aniversário é... merda, em duas semanas. Acho que não me atentei muito ao dia... droga! Que tipo de mãe esquece o aniversário do filho? – enterrei a cabeça nas mãos. Lola riu.

– Relaxa, Mel. Você nunca foi boa com datas e, depois de tudo que passou, não esperava que

lembrasse. Já comecei a fazer algumas coisas. Tenho uma lista com espaços disponíveis e opções de menu – ela revelou enquanto mostrava algumas fotos. – Não vi a decoração porque você não me contou o tema da festa.

– O Chris quer dos Super-Heróis, pensei em uma festa a fantasia. O que você acha?

– Adorei! – ela falou batendo palmas. – Ele vai amar também. Vou procurar um lugar para alugarmos as fantasias e verei opções de decorações. Nós podemos escolhe-las no sábado. Mamãe está organizando um almoço, ela deve ligar mais tarde para te convidar, aliás – comunicou. – Bom, com isso acertado, vejamos os outros eventos que temos agendados para esse mês.

Passamos boa parte da manhã organizando papelada e fazendo ligações. Tínhamos dois casamentos e um aniversário agendados. Quando terminamos, fiz o almoço, que seria um delicioso bife com batatas fritas, arrumei a mesa e esperei meus amores chegarem. Nesse meio tempo, comprei o presente de Chris pela internet. Eu tinha pesquisado muito e escolhido com muito carinho, acreditava que ele amaria. Era algo que ele queria há muito tempo: ir para a Disney era um sonho que compartilhávamos, éramos apaixonados pelos filmes e por todo o parque.

Pouco antes de Chris chegar da escola, minha sogra ligou nos convidando para ir ao sítio no sábado. Aceitei o convite e, como iria ser um churrasco, fiquei de levar a sobremesa. Estava pensando em mousse de maracujá ou pudim. Rimos juntas quando contei que Lola já tinha comentado comigo sobre o almoço e ela chamou a filha de linguaruda.

A semana passou e o sábado chegou rapidamente. Ao entrarmos no sítio, fomos recebidos por Bart, aquela grande bola de pelos. Logo atrás dele, Marina se aproximava com Sophia que, quando me viu, veio correndo me abraçar.

– Titia, que saudades! – ela disse enchendo-me de beijos.

– Que saudades, minha pimentinha! Como você está linda! – Dei-lhe um beijo estalado na bochecha.

Quando a coloquei no chão, ela correu para chamar Chris para brincar. Voltei-me para Marina.

– Minha querida, que bom te ver assim – sorriu abraçando-me.

Cumprimentei a todos que estavam lá, alguns tios e primos de Jake e alguns conhecidos da cidade. A mesa estava farta e a carne já assava na churrasqueira.

– Oi, Mel. Como está? Soube que está trabalhando com a Lola... Como anda o negócio de vocês? – a tia Paula me perguntou.

– Oi, Paula! Vai bem! Uma maravilha, na verdade, estou me adaptando muito bem. Como vão as crianças?

– Vão bem. Antony está indo para faculdade, vai cursar engenharia! E a Estella irá se apresentar pela primeira vez como bailarina... minha bebê está ficando uma mocinha.

– Oh, que maravilha. É tão difícil vê-los crescer, não é? Fico imaginando quando chegar minha hora com o Christopher...

– Apesar de ser uma benção, é difícil também! Precisamos ter sabedoria para educá-los para o mundo.

– É verdade! Mas viu, eu vou ajudar a servir o almoço agora, ok? Foi bom falar com você, Paula. Mande lembranças ao Antony – dando-lhe um abraço, segui até mesa.

Almoçamos e todos elogiaram o mousse de maracujá que levei, que realmente estava uma delícia. Depois, sentei-me com Lola no sofá da sala para vermos alguns detalhes da festa de Chris, enquanto o mesmo brincava de futebol com o pai, o tio e Sophia. Eles estavam fazendo farra, acredito que nunca o vira se divertindo tanto. Por sermos sempre só nós dois, a única família com quem Christopher tinha contato era minha mãe, fora isso, quando não estava na escola, ele brincava sozinho em nosso apartamento. Era tão bom vê-lo sorrindo, correndo por todos os lados, brincando com seus primos e tios e recebendo todo o amor que ele merecia. Essa cena me deixava plenamente feliz.

Decidimos alguns dos últimos detalhes para a festa, terminando com a lista de convidados e todas as tarefas que teríamos nas próximas semanas. Então Lola e eu nos juntamos a eles, o que

resultou em uma bagunça muito maior. Voltamos bem sujos para casa. Chris dormiu no caminho e acordá-lo para tomar banho deu bastante trabalho. Como meu menino não era mais um bebezinho e estava grande e pesado, deixei Jake com todo o trabalho e segui para meu próprio relaxante banho de banheira. Não demorou muito para Jake juntar-se a mim. Optei por um moletom quando me vestia, pois estava fazendo frio e as nuvens lá fora indicavam que uma tempestade se aproximava.

Estava deitada no sofá da sala assistindo “Greys Anatomy” – mais uma vez – quando Jake sentou-se ao meu lado. Aconcheguei-me em seus braços e logo escutei a chuva batendo com força nas janelas.

Estava quase dormindo quando levei um pequeno susto ao escutar batidas na porta. Quem estaria batendo na porta dos outros no meio de um temporal?

Jake foi ver quem era enquanto continuei deitada assistindo. Alguns minutos depois ele voltou para sala, chamando-me.

– Mel, é para você – ele disse sério.

– Quem é? – ele apenas acenou para que eu fosse ver. Ao chegar à porta, assustei-me. Não via esse rosto desde a nossa briga que resultou com que eu fosse morar sozinha com um bebê recém-nascido. Quando pedi à minha mãe para morar com ele foi somente porque o ódio que sentia por Jake que, naquele momento, era maior do que o que eu sentia por ele. Quando cheguei ao Rio, parei para refletir se era realmente ódio o que sentia e percebi que era só mágoa. Eu guardava uma mágoa por ele ter me privado de uma infância tranquila e por ele não ter sido um pai quando mais precisei de um.

– Oi, minha filha – ele disse se aproximando.

– O que você está fazendo aqui?

Vinte e quatro



Melanie

– Soube do que aconteceu com sua mãe, querida. Eu queria ter vindo antes, mas aconteceu um imprevisto. Precisei ir para Minas Gerais resolver alguns problemas – meu pai disse.

– Como sempre seu trabalho é sua prioridade, não é? Você não se importa comigo e nunca deu valor à minha mãe. Essa sua desculpa fajuta não justifica nada. Eu sei que não é por isso que você veio. Você teve vergonha de mim! Escondeu-me dos seus amigos e agora vem me procurar?

– Não precisa me tratar desse jeito, Melanie. Sou seu pai e você me deve respeito. Eu tentei te explicar o que aconteceu naquele dia, mas você foi turrona, teimosa e não quis me escutar! – ele falou firme.

– Você só foi um pai para mim quando era criança, porque depois tudo o que importava para você era a empresa.

– Eu sei, Melanie, eu sei que errei. O que aconteceu entre a sua mãe e eu te afetou de muitas maneiras, mas eu nunca quis seu mal, minha filha. Sempre tentei te manter longe das nossas brigas e acho que isso acabou nos afastando. Nunca tive vergonha de você, aqueles homens eram sócios e eu sabia bem como eles pensavam, não quis que fosse alvo dos comentários maldosos.

– Você não foi um pai para mim quando mais precisei de você! Então não tente dar desculpas agora, você me afastou quando eu mais precisei! Todos estavam falando de mim! Será que foi mesmo por que eu não aguentaria os comentários? Não seria você que não suportaria a vergonha?

– Preciso que você me ofereça mais uma chance. Sei que não tenho direito de lhe pedir nada,

depois de tudo, mas tentei me explicar. Só preciso que me deixe ser o pai que tentei ser mais uma vez. Podemos almoçar juntos amanhã? – ele questionou esperançoso.

– No Restaurante do Centro, ao meio dia. Farei isso pela minha mãe, sei que tudo o que ela queria é que tivéssemos um bom relacionamento – bufei.

– Até amanhã, minha filha – ele deu um beijo em minha testa e virou-se para sair de casa.

Um raio caiu em uma árvore e o trovão faz um barulho altíssimo. A chuva caía de maneira torrencial e ele estava se molhando ao caminhar até o carro. Ignorei minha mágoa por um momento e gritei da varanda: – Vai sair nessa chuva? Tem para onde ir?

– Cheguei tem pouco tempo na cidade e vim logo falar com você. Achar um hotel não deve ser difícil por aqui – ele sorriu fracamente. Jake segurou em minha mão e eu continuei: – Acho melhor você ficar aqui essa noite – falei olhando para Jake, que concordou. – Está chovendo muito e o hotel mais próximo fica no centro. Por favor, fique.

– Já que você insiste, ficarei, mas não quero atrapalhar. Obrigado, minha filha.

– Quer alguma coisa? Tomar um banho? Comer algo? – Perguntei.

– Quero tomar um banho e depois irei dormir. Comi uma besteira no aeroporto antes de vir para cá.

Levei-o até o banheiro, mostrei-lhe onde ficava tudo e deixei-o a vontade, seguindo para a cozinha.

Jake veio até mim, eu estava de costas e ele me abraçou, dizendo: – Estou tão orgulhoso de você, meu amor – beijou meu pescoço e perguntou: - O que está fazendo?

– Vou fazer algo para ele comer, besteiras não sustentam ninguém – disse enquanto esquentava os restos de nosso jantar. Quando ele saiu do banheiro, levei-o até a cozinha e coloquei o prato em sua frente.

– Obrigado, filha – ele sorriu satisfeito e começou a comer. Eu sabia que ele estava com fome. Por mais tempo que tenhamos ficado separados, eu o conhecia muito bem. Sentei em sua frente e questionei: – O que tem feito, além de trabalhar?

– Não muito. O trabalho anda exigindo muito de mim. Eu tive alguns problemas com uns sócios e isso me resultou em um desgaste enorme com funcionários – ele explica bebendo seu suco. Assenti. O clima estava levemente pesado, não sabia muito o que dizer a ele. Ainda estava ressentida por tudo o que ele havia feito. Não só o que ele havia feito no Rio de Janeiro, mas sim pelas inúmeras brigas que só o afastavam de mim quando criança. Meu pai não me levava à escola por estar viajando, nunca estava presente nas minhas festas de aniversário ou nas festas do pijama, conversando com minhas amigas. Quando ele estava presente, era difícil termos momentos tranquilos em casa, afinal, coisas simples geravam enormes discursões.

– Como anda a Luiza? – perguntei depois de um tempo, numa tentativa de diálogo.

– Deve estar muito bem com seu novo marido. Nós nos divorcamos há três anos.

– Ah... sério? Achei que vocês estavam bem um com o outro. Pareciam felizes.

– Bem, as aparências enganam.

A cozinha mergulhou em silêncio novamente. Ele terminou de comer e levou seu prato até a pia, dizendo: – Obrigado pelo jantar, estava muito gostoso.

Agradei com um gesto e guiei-o até a sala, mostrando-o sofá-cama que Jake tinha arrumado, ele agradeceu mais uma vez. Dormi mal aquela noite, estava tensa com a presença de meu pai.

Acordei muito cedo, quando ainda amanhecia. Notei que o chuveiro estava ligado e Jake não estava mais na cama, então segui até a cozinha para preparar um farto café da manhã. Ao terminar de colocar a mesa, Chris entrou na cozinha coçando os olhos.

– Bom dia, mamãe.

– Bom dia, meu pequeno. – respondi, beijando sua testa.

– Quem é aquele moço dormindo na sala?

– Aquele ali é o seu avô.

– Hm... Ele é seu papai, mamãe?

– É sim. Em breve você irá conhece-lo, deixe-o acordar. Agora vá se arrumar para ir à

escola! Já que acordou cedo, vai poder assistir uns desenhos antes do seu tio Tyler vir te buscar.

– Não quero ir hoje – ele falou murcho – Posso ficar com você, mamãe?

– Aconteceu alguma coisa, Christopher? Fizeram alguma coisa com você na escola? – perguntei já nervosa, Chris amava ir à escola, apesar de sua relutância do primeiro dia. Se ele não queria ir, havia algum motivo.

– Não fizeram nada não, mamãe, é só a Vale que fica implicando comigo. Mas não é isso, não quero ir porque quero ficar com você. Deixa, vai, mainha – juntou as mãos, implorando.

– Essa Vale te implica como, meu bem? Quando seus amiguinhos te perturbarem, você tem que contar para a sua professora. Ela fez o que com você? – perguntei me agachando em sua frente e tirando o cabelo do seu rosto. Seu rostinho corou rapidamente, meu menino estava envergonhado.

– Acredita, mamãe, que a Valentina fica me dando beijinhos? Ela diz para as outras meninas que eu sou o namorado dela! – Ele disse como se fosse a coisa mais absurda do mundo. Controlei-me ao máximo para não rir e me mantive séria, falando: – Você já disse a ela que não quer que ela faça isso? – ele fez que sim com a cabeça. – Então você quer que a mamãe vá conversar com ela? – ele fez que não. – Hmmm, vamos fazer assim, então. Hoje, mas só hoje, você pode ficar em casa com a mamãe, mas amanhã você vai para escola e vai tentar falar de novo para ela parar, está certo?

– Certo, mamãe! Obrigado, eu te amo – ele me abraçou e saiu correndo para seu quarto, cruzando com Jake na entrada da cozinha. Finalmente me permiti rir e, diante de sua confusão, contei a ele sobre a minha conversa com nosso filho. Ele riu.

– Isso só é um problema agora porque ele acha as meninas chatas e nojentas.

– Pensei o mesmo, meu amor – dei-lhe um beijo leve e nos sentamos para tomar o café da manhã. Chris emergiu de seu quarto de banho tomado, sentando-se ao meu lado.

– Bom dia – meu pai adentrou a cozinha envergonhado e meio deslocado.

– Bom dia e até logo, tenho que ir trabalhar – Jake anunciou. Ele nunca comia muito no café da manhã. Beijou-me e bagunçou os cabelos de Chris.

Meu pai sentou-se à mesa e, enquanto tomávamos o café, Chris falou: – Minha mamãe disse que você é o meu vovô. Você vai morar com a gente agora? – perguntou bem curioso com a boca cheia de cuscuz.

– Menino, não fala de boca cheia! – disse repreendendo-o. Ele engoliu e, com um sorriso bem sapeca, explicou: – É que eu queria falar logo, não queria esperar para engolir.

– Sou seu avô sim, garotão, mas não vou morar com vocês. Vim à cidade para passar um tempo com sua mãe e, claro, com você. Eu sempre quis te conhecer – Meu pai respondeu.

– Aaahh, então você vai ficar para o meu aniversário? Eu nunca tive um vovô e um papai no meu aniversário, seria tão legal ter os dois. – ele disse animado.

– Quando é o seu aniversário? – meu pai perguntou.

– Dia cinco de maio.

– Ainda estarei aqui, ficaria muito feliz de ir ao seu aniversário – meu pai respondeu, após uma breve pausa, deixando Chris satisfeito.

– Terminou, filho? Quero que vá se trocar para sairmos, vamos à loja de fantasias e depois ao Centro, preciso conversar com Rosa – disse para Christopher. Ele se levantou, obedecendo-me. Meu pai e eu ficamos em um desconfortável silêncio. Então, ele pigarreou e disse: – Preciso resolver algumas coisas e nos encontramos no almoço, tudo bem? – Ele disse, já se levantando para sair. Eu apenas assenti, bebendo mais um gole de meu café. Assim que o vi partir, lembrei-me das inúmeras vezes que essa cena se repetiu na minha infância. Nós realmente, precisávamos conversar. Apesar de parecer estar bem com isso tudo, minha mente era um turbilhão de pensamentos: razão e emoção travavam uma batalha dentro de mim e, em meio a tanta confusão, estava a garota que sempre quis ter um pouco de atenção do pai.

Jake

Ao me deitar na noite anterior, percebi o quanto Mel estava abalada com a volta do pai. Eu já sabia de toda a situação, mas não percebi o quão sério isso era até ele aparecer. Seu Mateus me

buscou diversas vezes para saber de Mel. Quando aquele mal-entendido aconteceu, anos atrás, ele me deu uma surra. Sim, ele se deu ao trabalho de viajar do Rio a São Conrado apenas para me bater. Eu sabia que Mel pensava que ele não se importava com ela, afinal um dos grandes erros dele foi não insistir e buscar ter contato diretamente com ela.

Quando minha noiva se deitou ao meu lado, abracei e beijei sua testa. Ficamos em silêncio por um tempo, então ela questionou, angustiada: – Por que ele voltou justo agora? Ele não podia ficar lá e fingir que não existo, como sempre?

– Meu amor, você sabe que isso não é verdade. Seu pai sempre procurou saber de você, tanto pela sua mãe, quanto por mim – falei receoso, pois nunca tinha comentado isso com ela. Ela arregalou os olhos em surpresa.

– Ele te ligava? Mas para quê? – ela perguntou confusa com a novidade.

– Enquanto namorávamos, seu pai me ligava constantemente para saber de você. Eu não sei como não pensei que você estaria com ele no Rio quando ele veio à fazenda do meu pai para me bater – quando disse isso, ela subitamente se levantou da cama.

– Ele bateu em você? – ela perguntou acariciando meu rosto.

– Bateu e bateu muito. Mas eu mereci, eu fui um completo idiota – ela voltou a se aconchegar junto a mim em silêncio, pensativa. Então, perguntou: – Você acha que eu deveria... Perdoá-lo?

– Isso é você quem tem que decidir, Mel. Saiba que independente do que você fizer, eu estarei ao seu lado. Mas, por experiência própria, não deixe que essas mágoas do passado a afastem ainda mais dele. Meu pai morreu enquanto estávamos brigados, você tem noção de que não pude nem pedir perdão a ele? Quando olho para trás me arrependo tanto disso. Queria muito que ele estivesse aqui, mas isso não vai acontecer. Não quero que você passe pela mesma coisa – dei-lhe um selinho e a abracei forte.

Quando seu rosto se banhou em lágrimas, apertei-a ainda mais. Sabia que ela estava confusa. Isso acontece quando amamos alguém que nos machuca, torna-se muito difícil perdoar, a dor sobrepõe o amor. Eu queria poder resolver todos os problemas dela. Odiava vê-la assim, não sendo

ela mesma. Quando Mel dormiu, deixei-a na cama e fui até a cozinha beber água e espairecer um pouco.

Precisávamos de uma casa maior. Fui criado em um sítio e, sempre que podia, ia ao quintal para ver as estrelas. Eu queria que meus filhos tivessem isso, além de bastante espaço para brincar, correr e se divertir. Fui até a porta do quarto de Chris e o observei dormir. Assim que eles mudaram, eu fazia isso o tempo todo, só para olhar para ele. Mal podia acreditar no quanto eu o amava. Eu o conhecia há pouco tempo, mas meu filho era, com certeza, a razão do meu viver. Já não podia imaginar minha vida sem ele.

Vinte e cinco



Melanie

Arrumei a mesa e corri para me arrumar. Tomei um banho e coloquei um vestido listrado com uma rasteirinha. Chris entrou no quarto com uma camisa polo vermelha e uma bermuda jeans, pedindo-me ajuda para amarrar os sapatos.

– Mainha, me ajuda aqui! – ele entrou correndo no quarto com os cadarços do tênis desamarrados.

– Chris, não corre! – Gritei no exato momento em que ele caiu de cara no chão e começou a chorar. Corri até ele e avaliei seu rosto. Graças a Deus não tinha quebrado nem partido nada, foi só o susto mesmo. Coloquei-o sentado na minha cama. – Mocinho, não pode correr com os tênis desamarrados! Imagina se você se machuca de verdade – ele fungou e concordou com a cabeça. Ainda estava meio choroso, mas as lágrimas não caíam mais. Amarrei seus cadarços e terminei de me arrumar.

Fomos juntos à loja de fantasias. O vendedor nos mostrou diversas opções com a temática de heróis e Chris ficou indeciso entre o Homem de Ferro e o Hulk, que eram seus favoritos. Meu menino estava tão engraçado assim, todo concentrado. Ele acabou escolhendo o Homem de Ferro.

Eu escolhi a da Mulher Maravilha para mim e para o Jake fiquei indecisa entre o Capitão América e o Batman, então tirei foto de ambas as fantasias e mandei para ele por mensagem. Alguns minutos depois ele respondeu que gostara da do Batman. Quando contei ao Chris, ele ficou super feliz pelo pai ter escolhido o seu outro herói favorito.

Reservei as fantasias e fiquei de ir buscar dois dias antes da festa.

– Animado para o seu aniversário, filhão?

– Uhum, quero brincar muito e comer bolo!

– Vai ser divertido! Que tal colocarmos uma música agora? – perguntei e ele assentiu. Liguei o som e novamente Galinha Pintadinha começou a cantar. Christopher já sabia de todas as músicas que eu, por consequência, também havia aprendido. Chegamos ao Restaurante e fui logo em direção a Rosa que, ao me ver, abraçou-me.

– Que bom te ver melhor, minha menina! Uma pena eu ter viajado justo naquela noite que você veio aqui – beijou minha bochecha e olhou para o Chris. – Olha, ainda trouxe meu ajudante favorito! – Ela se abaixou para dar um abraço nele também.

– Isso quer dizer que eu posso te ajudar hoje, Tia Rosa? – ele perguntou.

– A tia vai ter que conversar com a mamãe, mas sabia que o Nando está precisando de ajuda lá na cozinha?

– É mesmo? – ele perguntou desconfiado.

– É sim! Você conhece o caminho, não é? – disse apontando a cozinha a ele, que seguiu correndo.

– Pronto, minha menina – ela disse sentando ao meu lado.

– Espero que ele se comporte com o Nando.

– Ele vai, Nando adora crianças.

– Sei bem! Não é à toa que passei boa parte da minha infância com vocês. Falando nisso, queria pedir a sua ajuda.

– Se eu puder ajudar, ajudo, sempre. Do que você precisa?

– O aniversário do Chris vai ser daqui duas semanas, eu e Lola estamos organizando a festa, mas queria que você me ajudasse com os salgados, doces e o bolo da festa. Que nem você fazia com as minhas quando era criança – sorri ao lembrar-me das festinhas e, conseqüentemente, da minha

mãe.

– Oh, minha menina, claro que te ajudo, vai ser uma maravilha – falou visivelmente emocionada. – O que você pensou em fazer? Como você vai querer o bolo? Posso fazer e a doceira daqui pode decorar. Não se preocupe, o trabalho dela é excelente, eu garanto. Vou buscar alguns cupcakes decorados que ela fez para você ver.

Enquanto resolvíamos tudo, nem vi o tempo passar. Estávamos tão entretidas que, quando olhei para o relógio, vi que faltavam poucos minutos para meu pai chegar. Quando ia falar com a Rosa, meu pequeno furacão veio pulando em minha direção: – Mamãe, mamãe, posso ir com o tio Nando até loja de ferramentas? – ele perguntou animado.

– Meu amor, você não quer ficar aqui com a mamãe? Já deve ter dado muito trabalho ao Nando lá na cozinha.

Antes que o Chris pudesse falar alguma coisa, Nando apareceu dizendo: – Não deu trabalho nenhum, ele me lembra muito você quando era criança, com um jeitinho do pai. Já lhe dei o almoço e preciso comprar umas ferramentas para o barco. Ele se animou para ir comigo e não vejo problemas em levá-lo.

– Sendo assim, pode ir, meu príncipe – beijei sua testa. – Comporte-se e obedeça o Tio Nando.

– ‘Tá, mamãe – ele correu para fora.

Sentei em uma mesa qualquer do Restaurante e esperei meu pai chegar. Estava nervosa, pois nunca tínhamos tido uma conversa decente: elas sempre acabavam em discussões. Ele chegou bem retraído.

– Boa tarde... já pediu alguma coisa? – ele cumprimentou sentando-se em minha frente.

– Olá... ainda não, eu estava te esperando. Pensei que não fosse aparecer – respondi demonstrando o ressentimento em minha voz.

– Eu jamais te desapontaria dessa maneira. Não é só você quem quer acertar as coisas – ele disse com rispidez.

– Você já me decepcionou tantas vezes que não seria uma novidade e eu também não me surpreenderia – disse apática.

– Não precisa falar dessa maneira...

A garçonete veio até nossa mesa, então interrompemos nossa discussão e fizemos nossos pedidos. Em seguida, ele pigarreou e ele começou a falar: – Meu casamento com sua mãe nunca foi perfeito e, depois de um tempo, nossas brigas se tornaram constantes. Brigávamos por tudo, desde o meu trabalho até as minhas ausências.

– Você quer dizer que você brigava com ela. A mamãe estava apenas farta de ter um marido ausente e de ter que me consolar sempre que você não aparecia.

– Não me torne o vilão da história. Aconteciam coisas que você não sabia entre sua mãe e eu. E você era apenas uma criança, nossa filha. Eu tentava manter você afastada das nossas brigas, mas acho que acabei afastando você de mim.

– E só percebeu isso agora? Sabe por quantos momentos ruins eu passei por ter que ver vocês brigando na frente de todos? Sabe o quanto era humilhante ter minhas tias me chamando para conversar para que eu não ficasse revoltava, que isso era só uma fase que passaria?

– Eu percebi isso tudo há algum tempo e é por isso que estou aqui te pedindo que me perdoe. Levei muito tempo para perceber, mas tudo o que quero agora é ser um pai para você, minha filha – ele disse visivelmente emocionado.

Eu já estava chorando. Pensei na conversa que tive com Jake e não podia deixar que as mágoas do passado o afetassem tanto de meu futuro. Levantei para abraçá-lo: – Tudo o que mais quero é ser sua filha, pai.

Ficamos abraçados e chorando por muito tempo no meio do restaurante. Quando a comida chegou, nós nos separamos e sentamos para almoçar. Começamos a colocar o papo em dia: falei a ele sobre o meu trabalho, sobre o Chris e o Jake. Ele me contou sobre com o que estava trabalhando.

Eu nunca me interessara muito sobre o que ele fazia, então foi bom conhecer esse novo lado dele.

Chris chegou um pouco depois de terminarmos de comer. Ele estava animado, porque, segundo ele, Nando o levaria até o barco para pescar. Ele e o meu pai ficaram conversando sobre pesca por um tempo, mas recebeu uma ligação da empresa e precisou ir embora. Ele se despediu de nós e disse que passaria para nos ver mais tarde. Eu também precisava ir para casa com Chris, então nos despedimos de Rosa e de Nando, que avisou levaria meu pequeno para pescar no sábado.

Chegando em casa, fui tomar um banho enquanto Chris fazia o mesmo. Coloquei um short e uma regata e comecei a organizar a casa, arrumei a sala, chamando o Chris para guardar seus brinquedos. Lavei os pratos enquanto ele os secava. Em seguida, mandei Chris arrumar seu quarto e fui ao meu pequeno escritório para organizar alguns documentos que Lola tinha me enviado. Quando notei a campainha tocando, corri para sala e avistei Chris sem camisa, jogando videogame.

– Cadê sua camisa, menino? – perguntei indo em direção a porta.

– Está fazendo calor, mãe – ele responde como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

Dei risada e abri a porta, mas tive que olhar para baixo para ver a garotinha, ruiva, com olhos verdes, e algumas sardas pelo rosto. Antes que eu falasse algo, ela perguntou: – O Chris está em casa?

Agachei-me para ficar do seu tamanho, dizendo: – Ele está sim, mas você veio sozinha, princesa? – Olhei para os lados procurando alguém.

– Não sou uma princesa! O tio José está logo ali me esperando. Você deve ser a mamãe do Chris. Eu sou a Valentina, a namorada dele – ela respondeu convicta e atrevida.

– Então você é a famosa Valentina! O Chris me falou muito de você. Sou a Melanie, a mãe dele – estendi a mão para cumprimentá-la.

– Você pode chamar o Chris? A Professora mandou a atividade dele por mim porque ele não foi hoje. Ele está dodói, tia? Meu papai só me deixa não ir para a escola quando eu fico dodói.

– Ele está muito bem, Vale, fomos organizar umas coisas da festa de aniversário dele, por isso não foi – digo a ela enquanto caminhávamos até a sala.

Assim que entramos na sala e Chris viu Valentina, ele ficou muito envergonhado ao olhar para baixo e ver que estava sem camisa. Ele a encarou por alguns segundos e saiu correndo para seu quarto, enquanto eu e Vale gargalhávamos. Um tempinho depois ele voltou, já usando uma camisa.

– Oi, Valentina, o que você está fazendo aqui? – Meu menino perguntou como se nada tivesse acontecido.

– Chris, você não foi para escola! – ela falou em tom de acusação, como se estivesse dando uma bronca nele. – A professora perguntou quem poderia trazer a sua atividade e eu me ofereci para trazer, claro – ela disse entregando a ele um classificador com atividades.

– Obrigado – ele estendeu a mão para pegar o classificador. – Quer jogar?

– Eu quero, mas preciso falar com o tio José para vir me buscar depois – ela respondeu saindo porta afora.

– Que namoradinha mais atenciosa – falei rindo e fazendo cosquinhas nele. – Vou fazer um lanche para vocês. Juízo, mocinho!

– Mamãe, a Vale não é minha namorada, ela é minha amiguinha, mas ela não entende isso – ele disse passando a mão nos cabelos, igualzinho ao pai.

Vinte e seis



Melanie

Enquanto estava fazendo alguns sanduíches e uma vitamina, observava os dois jogando na sala. Meu celular tocou no balcão, vi que era Jake.

- Oi, amor.
 - Oi, *baby*, como foi o almoço com seu pai? – quis saber curioso.
 - Foi como se tivesse tirado um peso dos meus ombros. Perdoar é libertador – suspirei.
 - Estou tão orgulhoso de você. O que está fazendo agora? E o Chris?
 - Estou observando seu filho jogar videogame com a namorada enquanto faço uns sanduíches para eles – ri.
 - Namorada? A tal da Valentina está aí?
 - Agora eu sei porque é tão difícil para ele se livrar dela, que menina decidida! Chegou aqui já anunciando que era namorada dele, perguntando por que não tinha ido à escola e se ele estava doente.
 - Preciso conhecer essa garota! Pena que não posso chegar mais cedo hoje. Estou te ligando para isso, aliás. Aconteceu alguma coisa no sítio e minha mãe pediu para que eu fosse lá resolver.
 - Ok, meu amor, espero que esteja tudo bem. Qualquer coisa me ligue. Te amo.
 - Eu também te amo, manda um beijo para o Chris – ele desligou.
- Fui até a sala e entreguei o lanche para eles, dizendo: – Vamos desligar o Xbox e, depois do lanche, fazer a sua atividade, mocinho.

– Está certo, mãe – virou-se para Valentina. – Você trouxe a sua? Minha mamãe pode te ensinar, ela é muito boa nisso.

– Não trouxe, Chris, mas faço com a minha babá a noite – ela disse com uma carinha triste.

Lanchamos os três e então ajudei Chris com as atividades enquanto Vale falava sobre a aula. Então, lemos alguns livros infantis e conversando sobre eles. Descobri que ela morava com o pai, sua mãe tinha falecido quando ela era criança, deixando-a órfã muito cedo. O tal tio José, que era o motorista da Valentina, chegou para leva-la para casa e, ao se despedir do meu filho, a garotinha deu-lhe um beijo na bochecha, deixando-o igual a um tomatinho, de tão vermelho.

cUd

Quando finalmente o aniversário do Christopher chegou, o dia estava lindo. Lola já estava na casa de festas cuidando de tudo – eu tinha ido mais cedo para ajudar na decoração e todo o resto, mas tinha voltado mais cedo para arrumar as crianças. Jake estava se arrumando com Chris e eu com Sophia, que iria de Feiticeira Escarlata. Vesti minha roupa de Mulher Maravilha com todos os acessórios, penteei meus cabelos e fiz minha maquiagem. Quando saí do quarto, vi que Chris já estava com sua fantasia do Homem de Ferro, que o deixava muito fofo. Jake estava ao seu lado vestido de batman. Constatei que preto caía muito bem para meu noivo.

Quando chegamos ao local da festa, Chris ficou encantado com a decoração e com a variedade de brinquedos disponíveis.

Cumprimentamos os conhecidos e tiramos muitas fotos. Ao ver Valentina vestida de Super-Girl, Chris correu para falar com sua amiga e, juntos, eles saíram para brincar no pula-pula.

– Cunhada! A festa ficou maravilhosa, adorei! Ficou do jeitinho que imaginávamos – Lola falou animadamente ao meu lado.

– Ficou mesmo, não é? Ele está tão feliz... E só isso faz todo cansaço valer a pena – sorri observando o Christopher.

– Sim... – Ela silenciou por alguns instantes, acompanhando meu olhar. – Mas então, deixa eu

te falar, Tyler e eu estamos pensando em dar um irmãozinho para a Sophia – ela disse de maneira tão natural que eu me assustei.

– Nossa! Vou adorar ser madrinha desse bebê! Quando decidiram isso?

– Bem... na noite passada estávamos conversando e percebemos que é hora de aumentar a família. Eu quero que Sophia tenha essa cumplicidade que eu e o Jake temos! E você? Não pensa em dar irmãos ao Christopher? – ela questionou e eu pensei um pouco antes de responder.

– Eu e o Jake não conversamos sobre isso, mas um filho é uma benção. Sabe, se acontecer, ele será bem-vindo, mas quero focar no trabalho por um tempo – respondi voltando a observar as crianças, que agora se lambuzavam de algodão doce.

Na hora dos parabéns, meu menino não largou Jake e eu fiquei emocionada, afinal era o primeiro aniversário que ele comemorava com o pai.

Ao fim da festa eu já estava bem cansada eu, Jake, sua família e meu pai estávamos em uma mesa conversando e observando Sophia e Chris brincarem, Valentina tinha ido embora com sua babá há poucos minutos.

– Tinha esquecido que ser mãe do aniversariante cansa demais – digo sentando-me no colo do Jake.

– Realmente, amor, mas a felicidade dele faz todo trabalho valer a pena. Você e Lola estão de parabéns – ele disse beijando minha testa e fazendo um carinho no cabelo da Lola, que estava ao seu lado.

Conversávamos um pouco até Chris vir deitar em meu colo. Meu bebê estava cansado, toda euforia da festa tinha se dissipado. Já em casa, eu o acordei para um banho rápido, vesti seu pijama e coloquei-o na cama. Cantei uma canção de ninar e ele adormeceu rapidamente.

Jake já estava deitado em nossa cama, lendo um livro, então tomei um banho e me deitei ao seu lado. Apesar do cansaço, fizemos amor naquela noite e, como sempre, foi maravilhoso: meu noivo sabia como me satisfazer de diversas maneiras.

Na manhã seguinte Chris ficou eufórico com a quantidade de presentes recebidos, porém o

seu favorito sem dúvidas foi a bicicleta que Jake lhe deu. Eles passaram a tarde na praça, com Jake ensinando-o a andar com ela. Meu príncipe voltou com os joelhos ralados, mas com um sorriso imenso no rosto.

cUd

A viagem à Disney tinha se tornado uma viagem de família porque, quando Lola soube que íamos, comprou passagens também. Iríamos para Orlando nas férias de julho. Para que isso pudesse acontecer, eu e a Lola estávamos nos organizando com a empresa que finalmente tinha um escritório localizado em um prédio no centro da cidade. Jake estava treinando um funcionário novo para substituí-lo, porque o mercado não poderia ficar sem gerência por tanto tempo.

Estava distraída assistindo televisão, quando levei um susto ao escutar o celular tocar. Christopher devia ter mexido nele de novo, porque com certeza eu não tinha colocado a música de abertura do desenho do homem aranha como toque do celular. Sorri ao ver o nome no visor: – Finalmente resolveu dar alguma satisfação! Nem para o aniversário do seu afilhado você veio! Espero que tenha uma boa desculpa.

– Desculpa, princesa! Mande o presente do Chris, mas infelizmente não pude ir. Nessa semana soubemos que a gravidez da Sara é de risco e, na manhã do sábado, ela sentiu dores. Ela precisa ficar em repouso até a minha filha nascer e, como ela é muito teimosa, preciso vigiá-la o tempo todo – Liam disse aflito.

– Oh, Liam, vai dar tudo certo, eu sei disso. Ela vai ficar bem e em breve visitarei sua princesinha. Você será um excelente pai.

– Nossa, eu precisava escutar isso. Eu estou tão nervoso! A Nina não retorna as minhas ligações. Não sei mais o que fazer, acho que ela não vai me perdoar. Terei que aceitar que perdi o amor da minha vida.

– Pensa na sua filha agora, Liam. Depois você tenta conversar com ela com calma e, se ela não quiser te ouvir, eu mesma farei ela te escutar. Fiquei anos longe do amor da minha vida, por

causa da raiva de um mal-entendido. Ambos sofrem quando coisas assim acontecem.

– Obrigado por me escutar e me dizer as coisas certas. Eu te amo, princesa – sua voz já soava mais aliviada.

– Eu também te amo, Liam. Ligue-me sempre que precisar.

Assim que desliguei, fui buscar o número de Nina. Se ela não queria escutar o Liam, eu faria ela me escutar.

Vinte e sete



Melanie

Consegui o número de Nina através da internet. Liam tinha comentado comigo que ela era dona de um estúdio de tatuagens em São Paulo, o “Pocket Tattos”. Eu liguei, mas como a recepcionista informou que ela não estava, inventei que era uma cliente, que minha tatuagem estava com uma aparência estranha e que Nina havia me pedido para falar diretamente com ela caso isso acontecesse, então a moça rapidamente me deu o número pessoal dela. Resolvi não ligar de imediato, no entanto. Não queria agir impulsivamente. A Nina não me conhecia, mas, por sua personalidade, eu sabia que ela não reagiria bem à minha ligação.

Alguns dias depois, enquanto organizava a lista de convidados para nosso próximo evento, recebi mais uma ligação de Liam.

– Liam? – perguntei quando atendi e tudo que ouvi foram soluços. Liam estava chorando muito. – Calma, respira fundo e tenta me contar o que aconteceu – escutei ele respirar e se acalmar. – Foi algo com o bebê?

– Não... a Lua está bem, ela é linda, tão perfeita, Melanie... – Ele finalmente respondeu, parecendo desnortado.

– Lua. Que nome lindo para minha afilhada! Espero conhecê-la em breve.

Ele não respondeu. Ouvi sua respiração pesada do outro lado da linha.

– Liam. O que aconteceu? Se ela está bem, por que está chorando?

– A Sara morreu, Mel. Ela sofreu um acidente de carro, tão teimosa que era! Falei para não

dirigir... tiveram que fazer o parto às pressas e graças a Deus conseguiram salvar a Lua. Mas ela infelizmente não resistiu. Não sei o que fazer agora, princesa, não sei cuidar de um bebê. Estou perdido – desabafou.

– Primeiro você precisa se acalmar, você é tudo o que a Lua tem agora. Você precisa ser forte por ela, entendeu? Quer que eu vá ficar com você?

– Não, Princesa, você vai para a Disney daqui algumas semanas e Chris está sonhando com isso desde o aniversário dele. Vá se divertir que me viro por aqui.

– Você é quem sabe, Liam. Mesmo de longe eu estou te apoiando, você sabe, não é? Eu te amo muito. Você mais do que ninguém vai saber lidar com isso, tenho certeza.

Tentei acalmá-lo por mais alguns instantes, dizendo palavras de conforto. Ele prometeu mandar fotos da pequena Lua e agradeceu-me ao desligar. Apesar de eu querer ficar com Liam neste momento, eu sabia que não era de mim que ele precisava. Disquei o número de Nina e torci para que ela me atendesse.

– Alô?

– Oi, Nina, você não me conhece, mas Liam já deve ter falado sobre mim. Meu nome é Melanie.

– Oi... Liam já falou sobre você, mas nós terminamos, então não sei porque você está me ligando – ela respondeu impacientemente.

– Bem, você não me deu muita escolha, então vou ser bem direta com você. Eu sei o que aconteceu entre você e o Liam. No seu lugar também estaria bem chateada, mas ele é o cara mais certinho que eu conheço. O único defeito dele é que, quando ele bebe, ele vira um inconsequente impulsivo. O que aconteceu quando vocês terminaram foi justamente isso, um impul-...

– Não preciso que defenda ou justifique os atos dele, não vou mudar de ideia – ela me cortou no meio do meu discurso. – Se ele pediu para você fazer isso, está perdendo seu tempo – terminou curta e grossa.

– Pois bem. Eu só preciso que você saiba de uma coisa: o Liam é uma das melhores pessoas

que conheço e não posso deixá-lo sofrer assim. Ele te ama e você está sendo injusta ao colocá-lo nessa posição. Ele não está com ela porque quer, ele vai ter uma filha. Quero dizer, já teve. A Lua nasceu essa noite. Sabe, eu queria muito estar com ele neste momento, mas não é de mim que ele precisa, não sou eu quem ele quer ao seu lado. Eu espero que você possa ser quem ele precisa, Nina – eu falei, mas ela não respondeu. O barulho de uma ligação desconectada preencheu meus ouvidos.

Suspirei e deitei no sofá, pensando no que tinha acabado de fazer. Eu não queria me meter na vida dos dois, mas não teve jeito, não podia deixar Liam sofrer depois de tudo que ele passara.

Logo, Chris chegou da escola com Vale. Olhei para os dois e, antes que eu dissesse alguma coisa, Valentina começou a chorar.

Rapidamente peguei-a no colo e me sentei com ela, perguntando: – O que aconteceu, Vale? Por que está chorando?

Ela não respondeu, só intensificou o choro, colocando a cabeça em meu pescoço. Olhei para o Chris, desesperada: – Querido, aconteceu alguma coisa? Por que a Valentina está chorando?

– Não sei, mamãe. A Vale falou com alguém no celular e ficou tristinha. Não quis mais conversar e me pediu para vir para cá, então pedi para o tio Tyler trazê-la – ele respondeu com os olhos arregalados. Tirei os cabelos do rosto da garotinha e enxuguei suas lágrimas.

– Vale, meu anjo. Você quer contar para tia Mel o que aconteceu?

Ela respirou fundo, engoliu um soluço e disse: – Meu papai não gosta de mim, tia. Ele não gosta de ficar perto de mim desde que minha mamãe morreu – e aí voltou a chorar. Pedi para Chris pegar uma água para ela e ele correu para a cozinha.

– Meu anjo, não é bem assim. Sabia que nós adultos fazemos muitas coisas? O seu pai me parece um homem bem ocupado.

– Mas, tia, ele viajou, não me levou e ainda vai demorar! Eu não quero ficar em casa com a minha babá as férias inteiras, ela é muito chata.

Chris voltou e estendeu-lhe um copo de água – meu menino estava preocupado com sua

amiga.

– Vale, o que você acha de eu ligar para o seu pai e perguntar se você não pode ir para a Disney com a gente nessas férias? – eu perguntei e ela parou de chorar na hora, dando-me um enorme sorriso. Como seu pai viajava constantemente e a levava com ele algumas vezes, Vale já possuía visto, então não haveria problemas em levá-la conosco por alguns dias.

– Você faria isso, tia? Não sei se o papai vai deixar – ela disse meio receosa.

– Eu vou conversar com ele, ok? Farei o possível para ele deixar você ir conosco – garanti abraçando-a. Olhei dela para Chris: – Agora vão os dois lavar as mãos para almoçarmos.

Eles correram em direção ao banheiro. Ouvi a chave virando na porta e Jake entrou.

– Oi, amor – abraçou-me e beijou-me em seguida.

– Oi, *baby*. Como foi no trabalho? – perguntei ainda em seus braços.

– Foi tranquilo. O funcionário que ficará no meu lugar durante as férias está se saindo muito bem.

– Que ótimo! Fico feliz por isso, *baby* – disse colocando as mãos em seus cabelos e puxando-o para mais um beijo intenso e apaixonado, mas afastei-me assim que escutei risadinhas. Olhei para o lado e vi Vale e Chris olhando para nós, rindo. Fiquei muito envergonhada e me afastei ainda mais de Jake. Ele riu e foi ao nosso quarto.

– Chris, seus pais são tão fofinhos, parecem os casais dos filmes de princesa – Valentina disse ao Chris, sorrindo. Ele ficou calado, apenas revirou os olhos e provocou risadas em nós duas.

cUd – Vamos, amor! Já estamos atrasados! Eu não quero perder a apresentação do Chris.

– Calma, amor! – gritei. – Já estou terminando!

– Você me disse isso há meia hora, eu espero que dessa vez seja verdade!

Estava terminando de vestir a calça que pretendia usar quando percebi que o zíper não estava fechando. Apertei, encolhi a barriga, deitei na cama, espremi e nada! Será que eu tinha engordado? Eu nem estava comendo tanto!

“Mas ando muito sedentária!” Pensei revirando os olhos. “Lembrete: Entrar em uma dieta e voltar a fazer exercícios!”

Resolvi desistir da calça e ir com um vestido amarelo com decote de coração. Fiz uma maquiagem leve e uma trança de lado no meu cabelo. Modéstia à parte, eu estava linda, mas quando cheguei à sala Jake nem me elogiou. Ele estava com tanta pressa que olhei para o relógio, constatando que estávamos muito atrasados.

No caminho para a escola do nosso príncipe, observei a cidade que estava toda decorada, afinal era São João. Bandeirolas estavam penduradas pelas ruas e fogueiras se acendiam em frente as casas. A festinha da escola do Chris seria naquele dia e ele estava muito animado, dançaria quadrilha com a Valentina. Assim que chegamos, o cheiro atingiu minhas narinas e minha boca salivou de desejo. Também! No meio de tantas gostosuras... São João era, com certeza, um dos meus feriados favoritos. Passei a maior parte da festa nas barraquinhas de comidas típicas.

Na hora da quadrilha, sentei-me para aplaudir meu bebê com orgulho. Ele estava tão feliz ultimamente, tinha vários amiguinhos na escola. Nós estávamos tão unidos, como uma família devia ser.

Após terminar sua dança, Chris veio animado em nossa direção: – Mãe, quero dinheiro para ir na pescaria! Quero mostrar que aprendi direitinho com o tio Nando!

– Certo, meu amor – beijei sua bochecha suada e lhe dei o dinheiro. – Estaremos nas barraquinhas de comida. Você quer alguma coisa?

– Hmmm – ele faz uma carinha pensativa. – Quero bolo de aipim, amendoins e milho cozido.

– Nossa! Quanta coisa, filhão. Você aguenta isso tudo?

– Aguento sim, ‘tô com muita fome.

– Então ‘tá... encontre-nos na nossa mesa, estarei levando tudo para lá. Tome cuidado com os fogos e fique longe dos meninos maiores! – Jake o alertou.

Caminhamos para comprar as coisas e depois sentamos todos juntos, acompanhados de

Valentina, para comer. Um tempo depois, enquanto eles brincavam juntos, o Jake e eu fomos dar uma volta.

Estávamos vivendo um momento tão bom e isso me fez perceber que voltar para essa cidade foi uma das melhores decisões que tomei na vida: para vê-lo sorrir, qualquer sacrifício valeria a pena.

– Por que está chorando, meu bem? – Jake perguntou secando minhas lágrimas e levando-me para uma parte isolada da escola.

– São lágrimas de felicidade. Eu sou tão grata por tudo que temos, amor – Respondi, puxando-o para um beijo daqueles de tirar o fôlego.

Vinte e oito



Melanie

Finalmente chegou o dia. Estávamos no aeroporto esperando Lola, Tyler e Sophia. Antes de saímos de casa, meu pai apareceu para se despedir. Ele cumprimentou Jake, abraçou o Chris e, quando chegou a minha vez, lágrimas inundaram meus olhos.

– Não gosto de te ver partir – disse contendo minha emoção.

– Também não gosto de partir, Mel. Mas dessa vez não é para sempre, não quero mais perder o contato com você. Eu prometo que voltarei para o seu casamento. Eu te amo, minha filha – ele depositou um beijo em minha testa e me abraçou novamente.

– Também te amo, pai – apertei-o em meus braços, guardando cada parte desse momento.

Tivemos uma longa conversa com o pai de Vale para que ele a deixasse ir e, quando terminamos, notei que ele não era um homem ruim, apenas muito ocupado. Quando relatei o episódio do choro de algumas semanas antes, Pedro, pai de Vale, prometeu mudar e disse que faria o possível para nos encontrar em Orlando.

Chris e Vale estavam sentados juntos lendo uma história, Jake estava ao lado deles, no celular, e eu estava enchendo a caixa de mensagens de Lola, pois nosso voo sairia em meia hora e ela não tinha chegado.

– Vamos acabar perdendo o voo desse jeito! Meu Deus, eu avisei tanto a Lola! – reclamei andando de um lado para o outro.

– Calma, amor! Ela já deve estar vindo. Do jeito que é desorganizada, deve ter deixado tudo

para última hora – Jake disse sem tirar os olhos do celular.

– Ela poderia pelo menos atender minhas ligações ou responder minhas mensagens, assim eu fico ansiosa e temerosa que algo de ruim tenha acontecido – sentei-me em sua frente, roendo as unhas.

– Relaxe que notícia ruim não demora a chegar!

Acalmei-me, enchendo-me de alívio quando vi Lola praticamente correndo pelo aeroporto com saltos altíssimos, Tyler ao seu lado carregando Sophia. Fizemos o *chek-in* e entramos no avião. Como o voo era à noite, passamos a maior parte dele dormindo.

Os dias que vivemos lá foram uns dos melhores das nossas vidas. Fomos a quase todos os parques, musicais e restaurantes. Queríamos aproveitar tudo, era uma pena não termos tanto tempo.

Enquanto eu e Chris íamos aos brinquedos mais radicais, Jake (isso mesmo, Jake!), levou Vale e Sophia para ver todas as princesas daquele lugar.

Estávamos na fila da montanha russa quando percebi que o meu menino estava muito quieto.

– Christopher, aconteceu alguma coisa? – questionei pegando-o em meu colo e olhando em seus olhinhos.

– Não, nada – ele disse emburrado.

– Tem certeza? E porque essa carinha triste?

– O papai saiu com as meninas e não me levou junto.

– Hmmm, parece que o mocinho aqui foi mordido pelo bichinho do ciúmes! – fiz cosquinhas nele e continuei. – Não precisa ficar assim, meu amor, seu pai ainda te ama muito, ele só foi com as meninas para que eu pudesse curtir um pouco mais com você.

– Não tô com isso aí que a senhora falou, não, só fiquei um pouco tristonho.

– Mas não precisa ficar! Amanhã iremos ver o Rei Leão, o que você acha?

– Acho muito legal... mas o papai vai ficar comigo e você fica com a Vale e a Sophia, certo?

– Certo, meu amor – beijei sua bochecha o colocando no chão.

Então, na noite anterior à nossa volta, fomos todos juntos assistir ao musical do Rei Leão. Fiquei muito animada, provavelmente mais do que as crianças. Como a Lola e Tyler resolveram fazer da viagem uma nova lua de mel, Sophia passava boa parte do tempo conosco.

Na manhã seguinte, acordei passando muito mal. Jake ficou ao meu lado segurando meus cabelos enquanto eu vomitava tudo que tinha no meu estômago. Lavei o rosto, escovei os dentes e me deitei na cama. Jake tentou checar minha temperatura, mas afastei sua mão.

– Não estou com febre, amor, só estou muito enjoada. Acho que foram todos aqueles cachorros quentes que comi ontem – resmunguei sentindo meu estomago revirando à simples menção de comida.

– Realmente, amor, nunca vi você comer tanto – ele riu descaradamente.

– Eles eram gostosos e eu estava com muita vontade de comê-los, então não ria, seu babaca – reclamei ofendida. Ele veio para cima de mim, pondo seu corpo em cima do meu.

– Vou te mostrar o babaca – ele começou a distribuir beijos em meu pescoço trilhando-os até minha boca e tomando-a em um beijo calmo e apaixonante. Suas mãos passavam por meu corpo, esfregando-o contra o meu. Subitamente, escutamos batidas na porta que ligava o quarto de Chris ao nosso: – Papai, mamãe, abram a porta!

– Acho que o Chris não deve estar querendo que façamos um irmãozinho para ele nessa viagem – Jake ri caminhando até a porta. Joguei um travesseiro nele, rindo também.

– Nem brinca com isso, Jake. Nada de irmãozinhos por enquanto.

Chris e Valentina entram em nosso quarto, já arrumados.

– Bom dia, papai – Chris abraçou Jake e veio em minha direção. – Bom dia, mamãe – enchi seu rosto de beijos e puxei uma risonha Valentina para fazer o mesmo. Essa menina era tão doce, mas tão carente, também, que sempre que ela estava conosco eu fazia o possível para demonstrar todo o carinho que tinha por ela.

– Quem arrumou vocês?

– A tia Lola, mamãe – Chris respondeu andando pelo quarto. Vale deitou-se ao meu lado, abraçando-me.

– A mamãe não vai com vocês hoje, meu amor. Não estou me sentindo bem, então ficarei aqui no quarto.

– Deve ter sido aquele montão de cachorro quente, tia – Vale suspirou.

– É, mamãe, a senhora comeu muito mesmo.

Tentei não me ofender com a sinceridade das crianças.

– A mamãe exagerou, mas o papai vai levar vocês, está bem? Divirtam-se e me contem tudo quando chegarem, ok? Amo muito vocês – disse aconchegando-me na cama, soprando um beijo para cada um. Eles correram para fora do quarto e Jake me deu um selinho.

– Fica bem, *baby*, qualquer coisa você me liga, ‘tá?

Assim que ele saiu com as crianças, liguei para recepção pedindo um chá. Eu queria evitar comer até meu estômago se acalmar. Estava lendo um romance no meu *Kindle* quando recebi mais uma mensagem de Jake: ele estava me mandando muitas fotos do passeio porque queria que eu também fizesse parte.

Sorri ao ver Pedro na foto. Fiquei com medo dele não aparecer, mas pelo visto ele estava se esforçando mesmo. Recebi uma mensagem de Liam, também, mostrando Nina com a Lua no colo, com a legenda “*Obrigado, Princesa, não sei o que faria sem você*”. Fiquei muito feliz ao ver que Nina resolveu ser quem o Liam precisa nesse momento da vida dele.

Eu estava com muita fome no almoço, mas meu estômago ainda não estava feliz. Resolvi ir ao posto médico do hotel e expliquei à enfermeira como estava me sentindo. A primeira pergunta que ela fez foi: – Srta. Mattos, existe a possibilidade de você estar grávida?

Preparei-me para negar, mas a súbita realização de que minha menstruação estava atrasada me atingiu. Eu estava cansada, a minha fome estava acima do normal, algumas das minhas roupas não estavam servindo...

– Existe, sim.

“Ai, meu Deus, todos os sinais estavam ali, bem na minha frente!”

– Pois bem. Podemos fazer um teste de gravidez para que possamos descartar ou validar essa possibilidade.

Em poucos minutos, o resultado do exame saiu, afinal só foi necessário que eu fizesse xixi no copinho.

– Bem, Melanie, você está grávida. Meus parabéns. Irei encaminhá-la ao exame de ultrassom para vermos de quanto tempo está e se o bebê está bem. Será o seu primeiro filho?

– Não, eu já tenho um menino de seis anos – respondi acariciando meu ventre. Mal descobrira a notícia e já sentia meu coração se enchendo de amor.

– Oh, então nem tudo será novidade, apesar de nenhuma gravidez ser igual a outra.

Demorei um tempo para assimilar tudo aquilo: estava grávida, eu ia ter um bebê. Depois de tudo que passei, fiquei tão emocionada. Deus havia me contemplado e mais uma vez eu teria outro alguém para amar incondicionalmente. Deitei-me e a médica deu início ao ultrassom. Avistei um borãozinho na tela e, assim que escutei os batimentos cardíacos, comecei a chorar.

– Bem, Srta. Mattos, você está grávida de aproximadamente dois meses e tudo parece bem até agora – ela disse ao avaliar as medidas do meu bebê. – Vamos voltar ao meu consultório que lhe passarei um remedinho para os enjoos.

Além do remédio, a enfermeira prescreveu-me alguns alimentos que poderiam ajudar e aconselhou-me a procurar uma obstetra no Brasil. Então, ela me entregou três fotos do meu bebê.

Voltei para o quarto pensando em como daria essa notícia a Jake. Confesso que estava nervosa e ansiosa para saber como ele reagiria, mas pela brincadeira dessa manhã, acho que ele adoraria saber sobre o novo membro da família.

Cheguei ao meu quarto, e encontrei um enorme buquê de flores me esperando. Sorri ao ler o cartão assinado por meu noivo, que sempre me surpreendia com seus pequenos gestos. Aspirei o

perfume das minhas rosas favoritas. Eu estava muito cansada, mas muito feliz. Tomei um banho e fui dormir, mas não antes de ter uma grande ideia de como contar a ele. Afinal o dia dos pais estava se aproximando...



Melanie

Quando Jake e Chris voltaram ao hotel, Chris estava suado e veio logo pulando em cima de mim, perguntando: – Mainha, a senhora já está melhor? Hoje foi tão legal! O papai da Vale apareceu e ela ficou tão feliz! A gente brincou muito e papai me levou em todos os brinquedos – ele não me deu tempo de responder à sua tagarelice, saltou da cama e foi correndo para seu quarto.

– Nossa, amor! Ele está elétrico, não? Acho que se divertiu bastante – disse puxando Jake para um beijo.

– Ele brincou bastante hoje – ele respondeu se jogando ao meu lado e me envolvendo em seus braços.

– Amei o buquê de rosas, aliás. Você lembrou que são as minhas favoritas – acariciei seus braços e beijei seu queixo.

– Fico feliz que tenha amado, quis que se sentisse melhor. Ainda está enjoada?

– Não, *baby*. Já passou.

Voltamos a São Conrado naquela noite. Eu estava com tanto sono que dormi a viagem toda. Quando pousamos, fomos direto para casa. Estava amanhecendo e o sol surgia por dentre as nuvens, dando-nos uma paisagem belíssima. Jake apenas descarregou as malas, se arrumou e foi direto ao mercado ver como tudo estava por lá. Eu e Chris deitamos em minha cama e voltamos a dormir.

Com Chris de férias, eu o levava comigo o tempo todo. Eu estava empenhada em organizar tudo para o casamento já que, por causa da viagem, acabei atrasando muitas coisas. Estávamos na floricultura escolhendo as flores para a decoração quando sentir uma dor no pé da barriga. Agachei-me, percebi que sangrava e, de repente, tudo apagou.

Acordei com uma enfermeira mexendo no meu braço. Olhei ao redor e percebi que estava em um quarto de hospital, devia ter desmaiado.

– Srta. Mattos, que bom que acordou. Você está se sentindo bem? Quer alguma coisa? Você ficou desmaiada por algumas horas – ela me informou.

– Ai, meu Deus! Eu estava sangrando, como está o meu bebê? Ele está bem? – senti o desespero tomar conta de mim. Pedi a Deus para que isso não acontecesse novamente.

– Peço que se acalme, o seu bebê está bem. O médico conseguiu controlar o sangramento. Eles podem acontecer nos primeiros meses de modo esporádico. Se eles se tornarem frequentes, isso sim seria algo preocupante, mas fique tranquila. Eu o avisarei que você já acordou – ela disse saindo do quarto.

Jake entrou logo depois e, assim que me viu acordada, abraçou-me e beijou minha testa.

– Meu amor, que bom que você está bem. Fiquei tão assustado quando me ligaram falando o que tinha acontecido... Mas está tudo bem! Nós vamos ter um bebê, seremos papais novamente – sussurrou alisando e beijando a minha barriga. Meus olhos se encheram de lágrimas.

– Como descobriu?

– O médico me contou – ele sorriu.

– Eu queria fazer uma surpresa. Iria lhe contar no domingo, seria um presentão de dia dos pais, não é? – suspirei aliviada. Sua reação foi exatamente a que eu esperara.

– Seria mesmo! O melhor de todos. Mas há quanto tempo você sabe?

– Descobri no nosso último dia de viagem. Depois que você e Chris saíram, resolvi ir ao posto de saúde do Hotel. A enfermeira me examinou e disse que eu estava grávida de aproximadamente dois meses. Fiquei tão feliz ao escutar seu coraçãozinho, Jake, ele batia tão forte...
– contei emocionada.

Ele me beijou e sorriu para mim. Antes que pudesse responder, no entanto, o médico entrou no quarto.

– Srta. Mattos, boa tarde – cumprimentou. – A senhorita tem se alimentado direito?

– Acho que não tomei café da manhã hoje. Eu estou na correria por esses dias, doutor, vamos nos casar em breve e estou organizando tudo – falei apertando a mão de Jake.

– Bem, o sangramento que a senhorita teve foi causado por muito esforço e má alimentação. Você está com dois meses e durante esse período é preciso que a gestante seja mais cuidadosa. Sua prioridade deve ser sua saúde e a do bebê. Chamei a obstetra para que ela faça um ultrassom e depois a senhorita terá alta. Recomendo repouso e que diminua suas atividades, pelo menos até completar três meses.

– Pode deixar que ela seguirá suas recomendações, doutor – Jake assegurou.

Quando escutamos o coraçãozinho do nosso pequeno milagre, Jake chorou igual a um bebê. Percebi que precisava ser mais cuidadosa e me alimentar melhor pelo meu bebê. Recebi alta mais tarde naquele dia e mal podia esperar para contar a novidade a Chris.

Fomos buscar Christopher na casa de dona Marina. No caminho, Jake me contou que foi Chris quem pediu para a moça da floricultura ligar para ele assim que desmaiei. Ele estava chorando, mas conseguiu explicar ao pai o que tinha acontecido. Como ele estava no sítio com sua mãe, ela foi até lá com ele para buscar Chris.

Não nos demoramos muito na casa dela porque eu ainda tinha que ficar de repouso, então fomos para casa assim que Chris entrou no carro. Jake quase me carregou para colocar-me na cama,

mas não deixei, preferi ir andando. Deitei na cama e Chris sentou-se ao meu lado, contando-me tudo o que tinha feito na casa da avó. Com seriedade, ele revelou que tinha ficado preocupado comigo. Jake preparou nosso jantar e comemos na cama mesmo. Quando terminamos, Chris queria dormir conosco, então adormeci fazendo cafuné em meu príncipe.

Na manhã seguinte, sentime um pouco melhor, foi a primeira vez em semanas que não acordei vomitando. Um pouco mais disposta, tomei um banho e percebi que minha barriga estava aparecendo um pouco. Sorri feito boba em frente ao espelho. Dessa vez minha gravidez seria mais tranquila, pelo menos eu esperava que fosse. Vesti um macacão bem soltinho, calcei minhas sandálias e fui fazer um café da manhã bem caprichado para quando meus meninos acordassem.

Meu noivo tinha que ir trabalhar, mas não queria me deixar sozinha – revirei os olhos quando ele me disse isso, ele não precisava me tratar feito criança – então lembrei a ele que Lola já deveria estar chegando, já que resolveríamos algumas questões do casamento. Chris foi se despedir do pai que o abraçou, enchendo-o de beijos.

– Mamãe, me carrega para gente abraçar o papai – ele estendeu os braços para mim quando fui abraçar Jake.

– Meu amor, a mamãe não pode te pegar no colo agora – disse carinhosamente, doía em mim não poder segurar Chris, mas, por recomendações médicas, eu não podia fazer muito esforço.

– A mamãe não gosta mais de mim? Por isso não quer me carregar? – ele perguntou franzindo o cenho e choramingando.

– Não é isso, meu príncipe – falei limpando suas lágrimas. Meu plano tinha acabado de ir por água abaixo: eu queria ter contado que ele seria irmão mais velho de uma maneira especial e divertida.

– A mamãe não pode te carregar agora porque seu irmãozinho ou irmãzinha está aqui na minha barriga – apontei. – Ele ou ela está pequenininho ainda, por isso a mamãe não pode pegar você

no colo.

– Eu vou ganhar uma irmãzinha, mamãe? – ele perguntou dando pulinhos de alegria.

– Vai sim, meu amor – confirmei abraçando-o e chorando de felicidade.

Jake, que observava tudo da porta, disse: – Pode ser um irmãozinho, Chris.

– Não, papai, é irmãzinha – ele respondeu decidido.

Trinta



Melanie

Já que o meu desmaio tinha estragado a surpresa, teria que pensar em outra coisa para dar para Jake no domingo. Eu estava deitada no meu quarto com Chris, que vestia seu pijama de dinossauros, assistindo “*Toy Story*”. Meu príncipe sabia todas as falas e as repetia durante o filme. Caminhões com um novo estoque de alimentos chegariam naquela noite, então Jake teve que ficar para supervisionar.

– Mainha, o papai vai demorar?

– Vai sim, amor, o que acha de dormir com a mamãe e o seu irmãozinho hoje?

– É irmãzinha, mainha, já te falei – ele disse ligeiramente irritado. Para ele o bebê era uma menina e não havia ninguém que o persuadisse do contrário.

– Ok, meu teimoso. Com sua irmãzinha, então. Vem aqui para a gente dormir.

– Não, estou com sono. Mamãe, sabia que eu já sei escrever meu nome todinho? A professora me ensinou ontem, foi bem legal! A Vale também aprendeu.

– Que bom, meu príncipe. Mas já está bem tarde, né? Que tal se a mamãe contar uma história para você e para o bebê?

Ele concordou com a cabeça e se aconchegou em meus braços, acariciando minha barriga. contei-lhe uma história com príncipes, dragões, castelos e tesouros, mas ele adormeceu na metade.

Eu já estava com muito sono. Antes de dormir, tirei uma foto de Chris e a mandei para Jake. Então, tive uma grande ideia para o presente de dia dos pais, precisava ir ao cartório na manhã seguinte.

Acordei enjoada. Levantei-me correndo para o banheiro. Após vomitar, tomei um banho e me arrumei. Usei um vestido com rasteirinhas, fiz a maquiagem e deixei os meus cabelos soltos. Acordei Chris e mandei que se arrumasse para a escola enquanto fazia nosso café. Comemos juntos e depois levei-o para escola, aproveitando para conversar com a professora dele e saber como ele estava nas aulas. Eu gostava de acompanhar o desenvolvimento do meu filho e creio que todo pai deveria fazer o mesmo.

No cartório, dei entrada para pôr o nome de Jake na certidão de nascimento do Chris. A atendente me informou que em algumas horas tudo estaria pronto, então fui a um mercadinho próximo dali para comprar alguns ingredientes para o almoço de domingo. Dona Marina iria para casa de suas irmãs em São Bernardo do Campo, Tyler, Lola e a Sophia iriam para casa de alguns familiares de Ty, meu pai tinha voltado para o Rio, mas prometeu voltar para o casamento, então eu tinha decidido fazer um almoço entre nós em nossa casa mesmo. Eu estava colocando alguns alimentos no carrinho quando meu celular tocou. Era da escola do Chris.

– Srta. Mattos, aqui é a diretora Bianca Borges, da Escola Mundo Encantado.

– Oi, senhora Borges. Aconteceu alguma coisa com o Chris?

– Infelizmente, sim – Ela disse e eu fiquei extremamente preocupada.

– Foi algo grave? – larguei todas as compras e saí apressada em direção ao meu carro.

– Acalme-se, Srta. Mattos, nada de grave aconteceu com o Christopher, mas ele e uma colega fizeram algo que não é aceito pelas nossas normas. Se possível, solicito que a senhorita compareça à escola o quanto antes.

Respirei aliviada.

– Pode deixar, já estou a caminho.

Chegando lá, encaminharam-me para diretoria e, assim que cheguei ao escritório, avistei os dois com as maiores carinhas de anjo. Chris estava de mãos dadas com Vale, conversando com ela. Quando ele me viu, tomou um susto.

– Mainha? O que a senhora está fazendo aqui?

Antes que eu pudesse responder, a diretora Bianca abriu a porta e pediu que nós entrássemos em sua sala e que eu me sentasse. Ela parecia ter sido militar, seu rosto era firme, tinha baixa estatura, usava um coque no cabelo e nenhuma maquiagem.

– Bem, Srta. Mattos...

– Melanie. Pode me chamar de Melanie.

– Melanie. A professora relatou que o Christopher e a Valentina grudaram chicletes no cabelo de uma colega e isso é algo que não toleramos aqui.

– Mas ela... – Christopher tentou falar.

– Isso não condiz com as normas da escola, espero que as devidas providências sejam tomadas. Já avisamos aos pais da criança que teve os chicletes grudados em seu cabelo e eles não ficaram nem um pouco satisfeitos. A menina estava chorando na sala porque grudaram bem perto da raiz.

– Pode deixar que irei conversar com meu filho. O pai da Valentina foi chamado?

– Tentamos entrar em contato com ele, mas não foi possível.

– Levarei os dois, então. Pedro não vai se importar – falei levantando-me. – Não será necessário cortar o cabelo da menina, aliás. Coca-cola ajuda a remover. E mais uma coisa: para o meu filho ter agido dessa maneira, alguma coisa aconteceu e pode ter certeza que descobrirei. Se a escola permitiu que a aluna agisse de maneira errada com ele, eu que não ficarei nem um pouco

satisfeita – dito isso, retirei-me da sala, levando as crianças comigo. Guiei os dois ao carro e, depois de prender o cinto dos dois, liguei o carro e fui em direção ao cartório.

– Posso saber por que os dois fizeram isso com a colega de vocês? – perguntei e eles não responderam. – O que foi? O gato comeu a língua dos dois? Christopher, conte-me o que aconteceu.

– Mainha, a menina estava abusando a Vale. A gente fez isso para ela parar – ele respondeu.

– Já falei com você que quando abusarem ou fizerem qualquer coisa com você é para você falar com a sua professora, Chris. O que vocês fizeram não foi certo e não foi legal. Não se responde o mal com o mal, precisamos ser gentis uns com os outros... vocês são apenas crianças.

– Mas ela falou uma coisa muito feia, mamãe, ela provocou.

– Valentina, você quer me contar o que aconteceu? – perguntei olhando para ela quando parei no sinal vermelho.

– Não foi nada, tia.

– Conta para mamãe, Vale – Chris incentivou.

Ela continuou em silêncio e eu resolvi não insistir agora, mais tarde saberia direitinho o que estava acontecendo. Chegamos ao cartório para pegar a nova certidão de nascimento do Christopher e depois seguimos para uma feira que estava acontecendo na cidade. A rua da praça estava lotada de barraquinhas variadas: de comidas à artigos de decoração.

Estacionei e soltei os cintos dos dois, mandando-os descer.

– Por que a gente está aqui, mainha?

– O dia dos pais está chegando. O que acha de escolher algo bem legal para seu pai? – disse olhando para o Chris, depois virei-me para Valentina: – Você também pode escolher algo, Vale. Vamos passear pelas barraquinhas, se acharem algo que queiram, avisem.

Andei de mãos dadas com os dois, passando no meio das barraquinhas, então Chris me parou.

– Mainha, olha! – ele gritou apontando para uma barraca.

– O quê, Chris? – passei o olho por tudo tentando imaginar o que o interessara – Olha esse porta-retratos! Acho que o papai vai gostar de pôr no escritório dele, lá no mercado, não acha?

Peguei o porta-retratos na mão. Ele era todo de madeira, muito bem esculpido, com as palavras “Papai, eu te amo” embaixo do espaço para a foto.

– É lindo, meu amor, seu pai vai amar. Qual foto colocaremos aqui? – perguntei a ele. Ele fez uma carinha pensativa, e respondeu: – Pode ser aquela que a senhora tirou naquele dia que a gente estava abraçado, lá no quintal da vó Marina.

– Boa ideia. Revelarei a foto e a colocamos aqui – disse pagando ao vendedor.

Continuamos andando e Valentina não escolhia nem falava nada. Imaginei que o que tinha acontecido na escola tinha sido mais sério do que eu imaginava.

– Não vai escolher nada, Vale?

– Não achei nada para o meu pai, tia – ela disse murcha.

– Hmm. Que tal tomarmos um sorvete antes de irmos ao mercado? – perguntei aos dois para ver se colocava um sorriso no rostinho de Vale.

– Minha irmãzinha quer sorvete? – Chris me perguntou animado.

– Ela quer sim, viu. Vamos naquela barraquinha ali da frente.

Sentamos na sombra de uma. Vale me parecia um pouco melhor.

– Vale, sabia que a minha irmãzinha está na barriga da minha mãe?

– Sabia, você já me falou, seu bobo – ela respondeu sorrindo. – Mas, tia, como o bebê foi parar aí dentro?

“Ai, meu Deus!! Como responderei a isso? ”

– Bem, Vale... – Comecei a dizer, mas meu celular começou a tocar.

“Abençoada seja” pensei quando reconheci o nome de minha cunhada no visor.

– Oi, gata.

– Oi, Lola.

– O que está fazendo?

– Tomando sorvete com Chris e Vale.

– Hmm, que delícia! Queria sorvete, mas estou com a gastrite atacada.

– Ah, que pena, porque está uma delícia – provoqueei.

– Chega de me fazer inveja, sua chata. Liguei para te falar que o casamento de hoje foi cancelado. Eu estou surtando! A decoração do lugar já estava pronta, comida sendo feita, o bolo, as flores! Não sei o que fazer. Os noivos brigaram, teve um barraco em família e a mãe da noiva me ligou pedindo para cancelar. Disse que marcarão uma visita para ver se vai ser cancelado de vez ou se só mudaremos a data. – suspirou. Eu não sabia se ria ou se chorava.

– Que pena, Lola. Tenta se acalmar, veja o que dá para recuperar e infelizmente eles terão que arcar com o prejuízo e com os gastos de uma nova cerimônia. Eu espero que eles remarquem, eram tão fofos juntos...

– Também espero, afinal cancelamentos geram muita burocracia. Vou ver o que dá para recuperar e o que não puder ser devolvido eu tentarei doar a alguma ONG. Nós temos algumas por aqui... Só não iremos desperdiçar! Mas olha, eu vou desligar, preciso buscar minha pimenta na escola, só te liguei para falar isso. Beijos.

Olhei para as crianças e vi que já tinham terminado, então fomos ao mercado. Comprei tudo o que precisava e os levei para casa. Enquanto Chris tomava banho, sentei no sofá da sala com

Valentina para conversarmos. Eu precisava descobrir por que essa menina estava assim.

– Então, minha linda – puxei-a para perto de mim. Fiz carinho em seus cabelos. – Quer me contar o que aconteceu?

Ela respirou fundo, como se estivesse tomando coragem.

– Aquela boba da Lúcia disse que meu pai não me ama porque matei minha mãe, mas eu não fiz isso, tia. Fiquei tão brava que grudei chicletes no cabelo dela para ela aprender a não falar besteiras.

– Se você sabia que era mentira, não precisava ter feito isso com ela, Vale. Você e Chris poderiam ter resolvido isso de outra maneira. Seu pai ama você, ele só não sabe demonstrar isso. Mas você pode ensiná-lo, sabia?

Ela fungou um pouco.

– Como, tia?

– O amor está nos pequenos gestos, meu bem. Que tal se, você tentasse enchê-lo de amor quando estiver com ele, com muitos beijos e abraços? Acha que pode fazer isso?

– Posso sim, tia – ela me abraçou bem apertado.

Depois que ela foi embora, fiquei pensando no quão carente essa menina era e me perguntava se o pai dela não percebia isso. Ela só tinha cinco anos.

cUd O domingo finalmente chegou e resolvi surpreender Jake com o café da manhã na cama bem caprichado. Enquanto eu arrumava a bandeja, um Chris muito sonolento entrou na cozinha.

– Bom dia, mamãe.

– Bom dia, príncipe. Por que acordou tão cedo?

– Não sei, fiquei sem sono. Isso tudo aí é para o papai?

– É sim. Vamos lá acordar ele?

– Vou buscar meu presente! – Ele disse já mais desperto, correndo para busca-lo.

Andamos até o quarto, coloquei a bandeja na mesinha de cabeceira e falei para o Chris, bem baixinho: – Que tal acordarmos o papai enchendo-o de beijinhos?

Ele concordou e nós o fizemos.

– Que maneira maravilhosa de acordar, meus amores – Ele disse sorrindo.

– Feliz dia dos pais, papai, olha o que eu fiz para você! – Chris mostrou a ele o lindo desenho que ele tinha feito dele com Jake na escola. Entregou, também, o porta-retratos com a foto dos dois e que Jake ficou muito emocionado. Abraçou Chris bem apertado e beijou sua testa.

– Nossa, depois desse presentão eu fico até sem graça de dar o meu.

– Precisa ter vergonha não, mamãe, vai lá pegar o presente do papai.

Entreguei um envelope a Jake. Ele abriu e, quando viu do que se tratava o papel, lágrimas brotaram dos seus olhos.

– Papai, mostra o desenho que a mamãe fez para você! – Chris falou tentando ver o papel.

Jake me abraçou. Ele estava tão feliz que eu podia sentir sua felicidade.

– Esse é, com certeza, um dos momentos mais felizes da minha vida. Não precisava de um papel para me fazer pai dele, mas você ter feito isso significa tanto, meu amor – ele me beijou intensamente.

– Que nojo, papai, para com isso! – Chris disse e, ao olharmos para ele, vimos que estava com os olhos fechados.

Jake pegou-o fazendo-lhe cócegas.

– Desculpa, campeão, é que o papai está feliz demais!



Melanie

No dia seguinte, me assustei ao ver Christopher entrando rapidamente no quarto. Ele pulou entre Jake e eu na cama.

– Bom dia, mamãe e papai! O sol já ‘tá lá no alto, vamos acordar! – ele bateu palmas animado.

– Ainda está muito cedo, Chris! Deita aqui com a mamãe que o papai vai trabalhar – disse a ele e o mesmo não pareceu prestar muita atenção, já que estava brincando com seus carrinhos.

– Não quero deitar, mamãe! Eu já acordei, quero brincar.

– Ainda está muito cedo, Chris! Deixa a sua mãe dormir, vá tomar banho e se arrumar para ir ao meu trabalho comigo – escutei Jake dizer e ele se animou.

– Sério? Vai me levar mesmo?

– Vou. Vá se arrumar. Pode levar alguns brinquedos para que você fique brincando no meu escritório.

– Certo! Tchau, mamãe – ele beijou minha bochecha, minha barriga e saiu correndo novamente.

– Pode dormir, meu amor. Até mais tarde – Jake me deu um selinho e eu adormeci.

Mais tarde, Lola veio me visitar para acertamos os últimos ajustes na cerimônia. Jake e eu nos casaríamos na igreja de São Conrado, padroeiro da cidade. A festa seria em uma tenda gigante que montaríamos na praça, bem pertinho do nosso lugar. Com tudo combinado com os fornecedores, a única coisa que faltava era o meu vestido, que pedi para que Meg fizesse – a antiga babá de Chris, agora uma estilista no começo de sua carreira. Como ela já tinha me enviado, cada vez que a campainha tocava meu estômago se enchia de ansiedade, na esperança de que ele já tivesse chegado.

Quando finalmente abri a porta e vi o carteiro segurando uma caixa enorme, soltei uma gostosa gargalha. Assinei a ficha de entrega e corri para abrir a caixa. Chorei de emoção, ele era perfeito. Era longo, com um decote em “v” profundo, mas não muito aberto, todo em renda com detalhes de pequenas flores, enriquecido com aplicações de pérolas marcando a cintura e uma saia que caia livre até os pés.

Finalmente o grande dia havia chegado. Eu estava nervosa, muito nervosa. Meu vestido de noiva havia servido depois de uns ajustes, já que minha barriga já estava se mostrando. Lola seria minha madrinha e a Marina entraria com Jake, as duas me ajudaram a me arrumar. Eu queria que Liam estivesse aqui também, mas ele não sabia se conseguiria sair de São Paulo com Lua. A família de Sara não aceitava que Liam ficasse com ela e isso estava acabando com meu amigo.

Enquanto ajeitava o meu cabelo, meu pai entrou no quarto e, quando virei-me para olhá-lo, ele estava emocionado – Você está tão linda, minha filha. Eu fico honrado em participar deste momento com você. Eu pensei que nunca a levaria até o altar depois de tudo que passamos... eu quero lhe dar uma coisa – ele retirou algo do bolso do paletó. – Era da minha mãe, meu pai deu a ela antes de eles se casarem. É uma joia de família. Quando ele me deu, prometi que daria a alguém que eu amasse muito. Eu amava sua mãe, acho que nunca a agradei o suficiente por ter me dado você. Eu te amo, minha filha.

Tentei me controlar, mas comecei a chorar muito. Ele colocou o colar em meu pescoço. Era um relicário de coração dourado e, dentro, havia uma *flor do amor-perfeito*. Lembrei-me que minha avó falava muito sobre ela, sobre o seu uso em relação ao amor, já que ela era usada para manter o sentimento da pessoa amada para que ele não se acabasse, tornando-o eterno.

– Eu também te amo, papai.

– Não chora, filha. Eu não quis lhe fazer chorar – ele não podia dizer muito, porque seus olhos estavam suspeitamente úmidos, também.

– É inevitável – deu uma risada e sequei as lágrimas, fungando. – A Lola vai me matar. A minha maquiagem está toda borrada. Por favor, pai, chama a maquiadora para mim?

– Claro – ele riu e saiu para procurá-la.

Depois de alguns minutinhos, eu já estava pronta. E atrasada! Será que nem no dia do meu casamento consigo chegar no horário? Eu e meu pai estávamos a caminho da igreja de São Conrado onde o padre já esperava, assim como todos os convidados. Nós tínhamos convidado praticamente a cidade toda, afinal, no interior todo mundo se conhece, então a igreja estava lotada.

Rosas estavam espalhadas pelos corredores. Assim que a marcha nupcial começou a tocar, entrei com meu pai. Assim que coloquei os olhos em Jake, fiquei deslumbrada: ele estava com um terno preto com uma rosa na lapela. Segurei-me para não chorar novamente. Caminhei até o altar olhando para todos os rostos sorridentes. Eu própria não conseguia parar de sorrir. Meu príncipe estava radiante ao lado de Marina, vestido da mesma forma que o pai. Quando chegamos ao altar, meu pai levantou meu véu e beijou minha testa, guiando-me para Jake, que cumprimentou meu pai.

– Faça-a feliz – ele disse seriamente.

– Farei desta a missão da minha vida, senhor.

Padre José iniciou a cerimônia:

– Boa noite a todos os presentes. Devo lhes dizer que me faz muito feliz essa união que irei oficializar, afinal, conheço-os desde que eram pequenos. Eu acompanhei suas alegrias e dores durante toda essa trajetória. Nem sempre foi fácil, mas em Coríntios temos os seguintes dizeres: “O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”. E o amor de vocês foi muito persistente durante esses anos, suportou as mentiras e a distância, ele se fez presente dentro de vocês e é por isso que estamos aqui, para celebrar e torná-los um. Por isso, eu vos pergunto: Você, Melanie Mattos, aceita Jake Sullivan como seu legítimo esposo?

– Aceito. Nada me faria mais feliz – respondi emocionada. Ele sorriu para mim e virou-se para Jake, perguntando: – Você, Jake Sullivan, aceita Melanie Mattos como sua legítima esposa?

– Aceito. Nada me faria mais completo – ele respondeu com a voz embargada. Sorrímos um para o outro, completamente apaixonados.

O padre pediu as alianças para Chris quem, bem sorridente, entregou-as e voltou para o seu lugar. Jake então começou a repetir os votos que o padre lhe falava, olhando bem dentro dos meus olhos: – **Eu, Jake Sullivan, te recebo Melanie Mattos, como minha esposa e te prometo ser fiel, te amar e respeitar na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, por todos os dias da nossa vida, e para além dela.**

Muito emocionada, lutei contra as lágrimas ao repetir os votos para o meu futuro marido e amor da minha vida: – Eu, Melanie Mattos, te recebo Jake Sullivan, como meu marido e te prometo ser fiel, te amar e respeitar na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, por todos os dias da nossa vida, e para além dela.

– **Eu vos declaro marido e mulher. O que Deus uniu o homem não há de separar. Pode beijar a noiva.**

Jake e eu nos beijamos – um beijo casto que selaria nosso compromisso para vida toda. Passamos anos sonhando com esse momento e, mesmo que ele tenha demorado um pouco mais devido as divergências da nossa vida, o destino nos uniu novamente, provando que o amor verdadeiro prevalece independente de tudo. Sentime realizada por ter dado mais uma chance ao amor.

Ao som de aplausos, saímos da igreja de mãos dadas com Chris entre nós. Uma chuva de arroz nos recebeu do lado de fora e eu não conseguia parar de sorrir. Fomos diretamente para a tenda que estava armada na praça, próximo a um lugar que era tão especial para nós. A decoração foi feita com muitas flores sobre as espalhadas pelo local, havia muita comida e uma linda pista de dança para que pudéssemos nos divertir. Tudo estava perfeito.

Cada momento da festa foi especial. Os discursos foram memoráveis, todos se lembraram de como eu e Jake éramos na adolescência e desejavam as melhores coisas para o nosso futuro. A comida estava deliciosa e, ao brindarmos, todos estranharam o fato de que eu não estava bebendo

champanhe. Então, com muita alegria, resolvemos compartilhar a novidade.

– Bem, é com muita alegria que anunciamos que em breve seremos quatro! Temos um novo bebê a caminho! – disse animada e todos ficaram felizes.

Todos fizeram apostas se seria menino novamente ou se viria uma menininha. Chris foi logo dizendo que seria uma menina e todos riram de sua determinação.

Tivemos a nossa primeira dança como marido e mulher ao som de *Thinking out loud* do Ed Sheeran. Depois de alguns passos, trocamos de pares. E dancei com meu pai e Jake com sua mãe, em uma sintonia incrível. Dançamos também com Christopher entre nós dois. Meu filho estava no colo de seu pai, unindo nós dois em um abraço.

No meio da cerimônia, meu marido me surpreendeu ao subir no pequeno palco com o violão e cantar uma música que significava tanto para nós dois.

Mirrors, do Justin Timberlake.

Enquanto ele cantava, olhávamos nos olhos do outro em uma conexão surreal.

Ele terminou a canção sorrindo para mim e só saí do transe que entrei a olhar nos olhos dele quando ouvi os aplausos dos convidados. Emocionada, caminhamos um até o outro, selando nossa união com um beijo cinematográfico.

Jake não me deixou ficar muito tempo em pé durante a festa. Segundo ele, eu já tinha passado a cerimônia toda em pé e iria me cansar demais. Eu sabia disso, mas queria aproveitar cada segundo, afinal esperava que esse fosse meu primeiro e único casamento. Ao fim da festa, Chris e Sophia estavam dormindo no colo de Jake e Tyler enquanto conversávamos. Estávamos em família falando sobre os nossos planos para o futuro enquanto Lola liberava todos aqueles que trabalharam naquela noite.

– Acho que já ficamos tempo demais nessa festa – Jake sussurrou em meu ouvido.

– Eu também acho... Chris ficará com Lola, podemos ir agora, se quiser – respondi entrelaçando minhas mãos na dele.

– Vamos então, eu quero lhe amar, minha esposa – ele me deu um selinho.

Fomos para casa e Jake carregou-me no colo. Ao entrarmos no quarto, ele me deitou na cama, posicionou-se em cima de mim e, olhando em meus olhos, disse: – A partir de hoje, minha esposa, eu lhe amarei pelo resto da minha vida – ele então me beijou e, naquela noite, entregamo-nos profundamente um para o outro de corpo e alma.



Melanie

Na manhã seguinte, acordei entre beijos e muitas carícias. Jake e eu amanhecemos com muito amor e, logo após o banho, peguei meu celular e vi que tinha recebido uma mensagem de vídeo de Liam. Sentei-me na cama e, assim que apertei play, ele apareceu com a pequena Lua em seu colo.

– Oi, princesa. Você deve estar com raiva de mim, não é? Eu sinto muito por não ter ido ao seu casamento, mas espero que me perdoe depois disso – ele pegou a mãozinha de Lua e acenou para mim, dizendo, com uma voz infantil: – Oi, dinda!

Não pude deixar de sorrir, minha afilhada era fofíssima.

– Bem, se você ainda não me perdoou depois dessa, o que eu duvido, eu espero que você me perdoe depois de descansar bastante em Fernando de Noronha. Você me falou que não planejou uma lua de mel, então tomei a liberdade de reservar um lugar para você e Jake em um resort por lá. Eu espero que gostem. Espero que você saiba que, se eu não pude ir, não foi porque não quis, você sabe bem minha situação aqui. A família da Sara continua bem intransigente, quero resolver tudo o mais breve possível. Aproveite bastante sua viagem, as passagens devem estar chegando pelo correio entre hoje e amanhã. Fique bem, princesa, eu te amo.

O vídeo se encerrou e eu fiquei encarando o celular por alguns segundos. Doía não estar próxima ao Liam nesse momento tão complicado da vida dele, já que ele esteve ao meu lado quando mais precisei. No entanto, por mais que eu quisesse, não podia largar tudo para estar ao seu lado. Rezei para que tudo se resolvesse logo, ele merecia ser feliz com a pequena Lua.

– Amor? – Jake me chamou.

– Desculpa, estava distraída – disse caminhando até ele, abraçando-o. – Acabei de falar com Liam. Quer dizer, ele me enviou um vídeo pedindo desculpas por não ter vindo ao casamento. Ele nos deu um de presentão, aliás: uma lua de mel em Noronha. O que você acha? – ele arregalou os olhos para mim, erguendo as sobrancelhas.

– Nossa! Eu não esperava por isso, foi muito generoso da parte dele. Mas eu acho que precisamos de um tempinho para nós dois.

– Também acho. Eu vou morrer de saudades do meu príncipe, mas nós precisamos nos curtir

enquanto esse bebê ainda está aqui dentro – coloquei as mãos sobre meu ventre e ele sorriu para mim.

Conforme o prometido, as passagens chegaram pelo correio. Dois dias depois, fomos para Fernando de Noronha. Que paraíso! Eu precisava agradecer muito ao Liam. Passamos três dias regados a muito sol e água de coco. Passávamos o dia visitando os pontos turísticos do lugar e fazendo mergulhos. A cada noite, Jake me amava novamente, cada vez com mais amor e paixão.

Eu estava feliz como nunca estive.

Falávamos com Chris toda noite.

– Oi, meu amor. Que saudades de você.

– Oi, mamãe. Estou com saudades também, vocês voltam logo?

– Daqui alguns dias, meu querido. Está tudo bem?

– Sim! Eu estou me divertindo muito aqui com a Sophia. Ela gosta de brincar comigo e deixa que eu mande nas brincadeiras, também, não é mandona igual a Vale.

Não pude conter uma risada.

– Que bom, meu pequeno. Eu e seu pai também estamos curtindo bastante! Quem sabe nós o trazemos conosco em uma outra oportunidade? – disse saudosa.

– Certo. Eu vou brincar agora! Te amo, mamãe.

– Eu também te amo – levantei-me da cama para observar o mar da varanda. Jake se juntou a mim pouco depois e namoramos mais um pouco sob a luz do luar.

Ao voltarmos para casa, matamos a saudade que estávamos do nosso menino. Ele estava carente e carinhoso em excesso, afinal eu nunca tinha ficado tanto tempo longe dele, então entendia o que estava sentindo. Ele ficava o tempo todo ao meu lado, conversando com sua irmã. Eu tinha falado com ele para chamar de bebê, já que não sabíamos o sexo, porém ele não queria saber, já tinha decidido que seria menina.

No meio da semana seguinte, eu e Jake tivemos a nossa primeira consulta com a obstetra que me acompanharia, a doutora Clarisse.

– Senhora Sullivan, pode entrar. A doutora já está lhe aguardando – a recepcionista anunciou.

Durante a consulta, ela nos falou sobre os cuidados e riscos da minha gestação, prescreveu as vitaminas que deveria tomar, mesmo eu já estando familiarizada com essa parte, devido a primeira gravidez. Para Jake, no entanto, tudo era novidade e ele estava prestando muita atenção em tudo: fez

inúmeras perguntas à Clarisse, muito interessado no desenvolvimento do nosso bebê.

Ela me encaminhou para a sala de exames, e eu deitei-me com meu esposo ao meu lado, segurando a minha mão. Ela passou o gel gelado em cima da minha barriga já protuberante, mexeu na máquina e logo escutamos um dos sons mais lindos da minha vida, o coração do nosso bebê estava batendo muito forte. Eu e Jake já estávamos chorando nesse momento. Então, a doutora disse:

– O bebê está no tamanho e peso ideal para três meses e parece estar saudável. Eu lhe recomendarei uma dieta para que ele continue crescendo saudável, creio que na próxima consulta já conseguiremos ver o sexo.

– Que bom, quero saber se o meu garotão está certo! – Jake me disse e a doutora nos encarou.

– Nosso filho mais velho está dizendo a todos que terá uma irmãzinha, ele tem certeza absoluta disso – esclareci. A doutora riu.

– Vamos ver se na próxima esse bebezinho colabora, então. Nos vemos no mês que vem, então?

cUd

– Não quero mudar, Jake, não tem necessidade alguma disso. Estamos no centro, perto de tudo. Você realmente vai me fazer passar por uma mudança estando grávida de sete meses? – praticamente gritei, irritadíssima.

Era a terceira ou quarta vez que eu e ele discutíamos naquela semana. O motivo? Jake havia colocado na cabeça que o lugar onde morávamos não servia mais e estava enchendo-me o saco com isso.

– Morar no campo nos traria mais comodidade e privacidade, Mel, além de mais espaço ao ar livre para o Chris e o bebê! Ainda estaríamos perto da família, Melanie, isso que importa – argumentou com os olhos na estrada.

Apenas bufei e olhei para fora da janela. Eu estava cansada de discutir o mesmo assunto. Essa casa estava coberta de lembrança, e não queria me livrar delas assim, mas sabia que ele estava certo. Nós precisaríamos de espaço quando o novo bebê nascesse. Talvez eu devesse ceder, porque era realmente o melhor para todos nós, só não queria admitir.

Estávamos a caminho da clínica onde faria o ultrassom para descobrir o sexo do bebê. Eu estava ansiosa, esperava que dessa vez o nosso pequeno teimoso abrisse as pernas, já que só nos frustramos nas últimas consultas. Ele com certeza tinha puxado à personalidade do pai.

Eu estava sentada com Chris no banco de trás, ele fazia carinho na minha barriga, que estava enorme. O bebê mexia bastante quando Chris conversava com ele. Todos os dias, antes de dormir, ele contava uma historinha para ele, já que agora ele estava aprendendo a ler.

Quando estacionamos, Jake me ajudou a descer e entrelaçou nossos dedos.

– Eu só quero o melhor para nós, Mel, faço tudo pensando na nossa família – ele disse beijando a minha mão. Senti minha resistência começando a ceder, mas permaneci calada.

Como chegamos na hora marcada, não demorei muito a ser atendida. A doutora fez algumas perguntas de rotina e me pesou. Eu tinha ganhado mais peso, já que minha barriga e o meu apetite tinham aumentado. Quando comentei com ela que estava sentindo muitas dores na coluna, ela disse que era normal e que deveria evitar fazer atividades que exigissem muito esforço.

– Vamos ver se esse bebê vai colaborar hoje – ela disse dando início ao ultrassom.

– Desde o casamento os meus familiares fazem apostas, Doutora. Confesso que estou muito curiosa. Vejo que o bebê me dará trabalho, já está se mostrando tão teimoso! – disse bem-humorada.

– Bem, mamãe, acho que ela ouviu sua bronca, porque resolveu abrir as perninhas. Parabéns, vocês terão uma menina! – ela sorriu. Chris soltou uma gostosa risada e bateu palmas. Senti as lágrimas molharem meu rosto e Jake colou sua testa na minha, os olhos úmidos.

– Muito obrigada, meu amor – ele disse emocionado. – Acertou, campeão! – Ele disse virando-se para Chris. Eles bateram a mão em um cumprimento.

– Eu já sabia, papai. Está vendo, mamãe? Minha irmãzinha me escutou! – abriu um sorriso confiante. Eu só consegui chorar ainda mais.

Sáímos de lá e ligamos para nossa família, contando as novidades. Lola surtou e disse que organizaria um chá de bebê de revelação. Ela já tinha mencionado isso diversas vezes, mas como não sabíamos ainda, eu nunca dava corda. Agora, no entanto, parecia-me o momento perfeito.

Organizamos uma festa simples no sítio dos Sullivans, com muita comida, bebida e música boa. A decoração era unissex: haviam balões azuis para quem achasse que era menino e rosa para quem achasse que era menina. Praticamente toda a cidade tinha sido convidada e as opiniões estavam divididas. Eu adoraria ver seus rostos quando descobrissem.

Estava com um top que exibia a minha barrigona e uma saia longa, meus cabelos estavam soltos e adornados com uma tiara de flores. Caminhamos pela festa, cumprimentando e agradecendo a todos pela presença. Até mesmo o pai de Vale estava presente com a nova namorada – por acaso, a babá dela. Ele nos contou que iria viajar em breve e que Vale ficaria com a avó em São Paulo. Doía-me ver o quanto esse homem negligenciava a relação com a filha. Será que ele não via que estava desperdiçando momentos preciosos que não voltariam?

Caminhei ao lado de Jake até o bolo. Até o exato momento, estávamos mantendo suspense em relação ao sexo do bebê. A decoração estava bem dividida, havia balões azuis e rosas, assim como plaquinhas com o nome “menina” ou “menino”. Todos os convidados escolhiam uma ao entrar, apostando qual seria o sexo do meu bebê.

No momento que cortamos o bolo e foi revelado que seria uma menina, foi uma festa. Todos nos felicitaram e parabenizaram Chris por ter acertado desde o começo.

Eu estava me deliciando com o bolo, quando minha sogra veio sentar ao meu lado, acariciando minha barriga.

– Diga-me, você e o meu filho já escolheram o nome da minha neta?

– Ainda não. Estamos pensando. Tenho várias opções, mas seu filho não concorda com nenhuma.

– E quais nomes você sugeriu?

– Ana Laura, Catarina e Luana.

– E ele não gostou de nenhum? Catarina era o nome da avó dele, mas ele não a via constantemente. Eles moravam muito longe de nós.

– Vou falar desse nome de novo, então. Sabe, eu fico feliz que toda a família more perto e que possamos ter momentos como esse. Chris está tão feliz...

– Eu que fico feliz em poder passar mais tempos com meu neto e agora com minha netinha que está chegando. Obrigada por voltar e fazer meu filho feliz.

Ela se levantou, deixando-me sozinha por alguns minutos. Jake, ao me ver, colocou-me em seu colo e abraçou-me. Ficamos juntinhos, observando as pessoas se despedirem, Chris brincando com Valentina e depois fomos embora, carregando muitos presentes para nossa pequena.

Na semana seguinte, Jake nos levou até a nossa nova casa, que finalmente estava pronta para morarmos. Além das memórias que deixaria na casa antiga, não queria me mudar porque sabia que cuidar de toda a decoração e comandar as reformas podia ser muito estressante. Como a médica dissera que eu deveria evitar situações estressantes e Jake realmente colocara na cabeça que nos mudaríamos, ele se ofereceu para cuidar de tudo, finalmente me convencendo. Ele não me deixara ver nada, então estava morrendo de curiosidade. Quando entramos na casa, fomos recepcionados por uma pequena festa de boas-vindas organizada pela família e os amigos mais chegados.

Era um casarão com quatro quartos, cinco banheiros, uma sala de estar enorme, uma sala de jantar, cozinha, escritório com uma biblioteca e uma grande área verde. Jake tinha até construído um parquinho para os nossos filhos, muito parecido com o da casa de Marina. Eu estava deslumbrada explorando tudo quando, de repente, um filhote de labrador veio correndo até nós.

– Mamãe, um cachorrinho para mim! – Chris gritou e saiu correndo em direção a ele, pegando-o no colo e mostrando a todos.

Dei um enorme sorriso para Jake, agradecendo-lhe silenciosamente.

– É uma gracinha, meu Príncipe. Como vai chamá-lo?

– De caramelo! Olha como ele é marronzinho, mamãe!

Quando todos foram embora, deitamos juntos na rede, discutindo qual seria o nome da nossa filha. Jake estava sentado ao meu lado, acariciando minha barriga e monitorando os movimentos da nossa filha, que dava cambalhotas e chutes em minha barriga. Nós não conseguíamos nos decidir. Nós tínhamos reduzido a lista para poucas opções, mas nenhuma delas parecia adequada. Nos próximos dias, isso me incomodou muito, mas Jake me disse que nós saberíamos quando víssemos seu rostinho.

E finalmente esse momento havia chegado. Quando menos percebi, estava a caminho do Hospital para ter minha princesa. Jake estava muito nervoso, parecia que eu teria o bebê a qualquer momento. Ele estava desesperado desde a hora em que minha bolsa estourou, bem no meio da nossa sala de estar, mas eu ainda estava tendo contrações com grandes intervalos, o que significava que ainda tínhamos tempo.

– Anda logo, Tyler! – Jake apressava. – Não quero que minha filha nasça em um carro no meio da estrada! – ele gritava impaciente. Respirou fundo, e virou-se para mim, mais calmo: – Vai ficar tudo bem. Fica calma, amor, faz aquela respiração que a gente aprendeu naquelas aulas, a nossa princesa está vindo – disse dando-me um selinho.

Eu ensaiei um sorriso para lhe dizer que estava tudo bem e que quem tinha que ficar calmo era ele, mas uma contração me interrompeu. Apertei a mão dele com força e gritei. Meu Deus! Isso doía demais. Por sorte não pegamos trânsito e logo chegamos ao hospital. Lá, fomos recebidos pela equipe médica que me levou para um quarto. Esperei pela doutora Clarisse que, ao fazer o exame, me disse que ainda não estava na hora. Notando meu desespero, acrescentou:

– Tenha paciência, mãezinha. Mantenha a calma, está bem? Por que você não dá uma caminhada pelo quarto? Isso acelerará o trabalho de parto. Eu volto em meia hora, mas qualquer coisa chame a

enfermeira.

Isso não me acalmou muito, na verdade. Por duas horas, as dores foram ficando cada vez mais intensas. Quando eu finalmente estava pronta para empurrar, soltei milhares de palavrões direcionados a Jake por ele me fazer sentir tanta dor, mas logo um choro maravilhoso atingiu nossos ouvidos e eu esqueci de todas as dores. Era o lindo choro da minha filha.

Vi a doutora vindo em minha direção e colocando o rostinho dela ao lado do meu. Com um polegar, acariciei seu rosto. Jake beijou meu rosto e pude sentir as lágrimas em sua face. Estávamos ambos muito emocionados.

– Olha, meu amor, nossa princesa. Ela parece tanto com você. – Nesse momento experimentei uma sensação única: nós três ali, juntos. O amor me preencheu. Eu não estava sozinha como na primeira vez e agradecia muito a Deus por isso.

A enfermeira a retirou de perto de nós dois com muito custo, pois não queríamos soltá-la. Ela a levou para fazer os devidos exames. Um tempo depois, fui encaminhada para o meu quarto. Demorou um pouco para que eles a trouxessem ao quarto, a enfermeira disse que ela estava com fome e que deveria tentar dar de mamar. Com a ajuda dela, minha princesa foi colocada em meu colo e eu pude experimentar uma sensação única, seus olhos abriram para mim, transbordando-me de amor. A sensação de amar alguém incondicionalmente era inexplicável. Beijeí sua testa e acariciei seu rostinho. Peguei-a no colo, meus peitos doíam devido à quantidade de leite. Encostei sua boca próxima ao meu seio e ela demorou um pouco, mas quando encaixou sua boca corretamente, ela mamou. Como era a primeira mamada, duraria um bom tempo, então eu olhei para o Jake.

– Não podemos mais fugir, precisamos escolher um nome.

– Eu sei, estava pensando nisso esses dias, mas precisava vê-la para ter certeza – fez uma pausa.
– Que tal Amélia? – Jake disse, olhando em meus olhos.

Emocionei-me imediatamente. Lágrimas escorriam pelo meu rosto e eu olhei para o rostinho dela. Nossa princesa se chamaria Amélia em homenagem a minha mãe.

– Que você seja, uma grande mulher como sua avó foi. Sei que ela desejaria isso – acariciei seu queixinho.

Depois de um tempo, ela largou o meu seio. Beijeí sua testa e a entreguei para Jake, dizendo:

– Papai vai te colocar para arrotar, Mia, porque a mamãe está muito cansada. Trazer você ao mundo não foi fácil, minha garota – Jake carregou-a, e antes de cair no sono, pude vê-lo passeando com ela pelo quarto, conversando com ela.

No dia seguinte, eu e Mia recebemos inúmeras visitas. Todos queriam ver nossa princesa. Jake, que não se desgrudava dela, preocupava-se ao extremo com tudo que ela fazia de diferente, chegava a ser engraçado. Quando Chris viu sua irmã, ele ficou encantado e, quando ela segurou seu dedo, então, ele ficou maravilhado.

Três dias depois recebemos alta e fomos recebidas com uma festinha de boas-vindas que só poderia ter sido organizada pela Lola, que estava em êxtase por ser madrinha de Amélia.

A festinha durou até a noite, estavam lá apenas alguns parentes mais próximos e as crianças. Enquanto Mia dormia em seu bebê conforto, comemos a comida que havia sido feita e conversávamos baixinho para não atrapalhar o sono da minha princesa. Depois que todos foram embora, Jake foi colocar Chris para dormir e guardar os presentes que Mia havia ganhado enquanto eu amamentava ela novamente. Quando ela dormiu, eu a coloquei no berço ao lado de nossa cama.

Estávamos prontos para dormir quando ouvimos Mia chorando e se remexendo. Nesse momento, percebi que a partir dali não teríamos uma boa noite de sono por muitos meses.

– Vai dormir, amor, eu cuido dela – Jake beijou minha bochecha e levantou-se para pegar nossa princesa. Sorri, pois não poderia ter escolhido pai melhor para os meus filhos.

Epílogo



Melanie

Estávamos com as crianças no aeroporto a caminho da Disney, novamente. Eu só podia esperar que essa viagem fosse tão maravilhosa quanto a nossa primeira. Era aniversário de Mia: ela estava fazendo quatro anos e tudo o que mais queria era ir à Disney para conhecer todas as princesas. Chris, no entanto, não estava muito a fim de ir. Ele estava naquela fase da pré-adolescência em que ele se achava o adulto e queria ficar sozinho em casa. Vivia com um mau humor danado e isso só piorara quando Valentina foi embora, no ano anterior.

– Mãezinha, ‘tô com fome! – Mia disse autoritária.

– A mochila com os lanches que separei para vocês está com o seu irmão, filha. Ele e o seu pai foram comprar alguma coisa, mas não devem demorar – respondi pegando-a no colo.

– Mas mamãe, eu ‘tô com fome agora! – retrucou elevando a voz, dando um pequeno showzinho. Graças ao pai, Amélia estava acostumada a ter o que queria, na hora que ela queria, porque Jake fazia todas as suas vontades. Ele a mimava demais, apesar de eu impor limites.

– Não quero esperar o papai e o bobo do Chris, aquele chato – ela falou cruzando os bracinhos e ficando emburrada.

– Seu irmão não é bobo, Mia! Deixe de implicância. Além do mais, só tem doces aqui! Não te darei doces agora porque sei que você vai passar mal – determinei enquanto mandava uma mensagem para Jake perguntando onde ele estava.

Mia continuou emburrada, mas aceitou, pegou sua boneca e foi brincar. Logo depois, Jake e Chris chegaram e o nosso voo foi chamado.

O voo foi tranquilo e logo pousamos em Orlando, alugamos um carro e fomos para o hotel. Nos divertimos no parque durante todo o dia, fomos em vários brinquedos e, enquanto eu levava Chris aos brinquedos mais radicais e assustadores, Mia fazia Jake levá-la para conhecer todas as princesas possíveis, tirando inúmeras fotos.

Enquanto caminhávamos, percebi o meu menino muito murcho. Eu sabia bem a razão dessa carinha triste.

– Ela ainda não ligou? – perguntei abraçando-o.

– Não e nem acho que ela vá fazer isso – ele disse irritado, desvencilhando-se de mim.

– Ué, por que não faria? Ela era sua melhor amiga, deve estar em um lugar onde não pode se comunicar com ninguém.

– Vale foi embora, mãe, esquece ela. Eu tenho certeza que ela já esqueceu todos nós – Chris disse enquanto caminhava para uma fila de lanches. Fiquei apenas observando, deixando-o em paz. Ele estava muito chateado. Não sei o que Vale inventou para ele, mas ela com certeza não lhe contou a verdade.

cUd

Eu estava tentando colocar Mia para dormir. Ela estava com três anos e tudo lhe tirava a atenção. Comecei a cantar sua canção de ninar favorita, uma que Jake havia criado especialmente para sua princesa. Coloquei-a no berço e liguei a babá eletrônica. Segui para a sala estava recolhendo os brinquedos espalhados de Mia quando Valentina entrou correndo pela porta da frente, saltando na minha direção e me abraçando muito forte. Quando ela começou a falar, pude perceber que estava chorando. Entre soluços, ela disse: – Por favor, tia, não deixa ele me levar, não. Eu imploro, tia, não deixa!

Acaricieei seu rosto e limpei as lágrimas que caíam incessantemente.

– Calma, respira e me conta o que aconteceu. Eu não posso deixar quem te levar para onde?

– Meu pai quer me levar para um internato em São Paulo! Eu não quero ir, tia, sou feliz aqui com você, o tio Jake, a Mia e o Chris. Não deixa ele me mandar para lá, por favor!

Meus olhos se encheram de lágrimas. Como queria poder fazer algo! Essa menina não merecia isso, será que o pai dela não percebia isso? Ele a afastaria de uma das poucas fontes de amor que ela tinha! Qual a necessidade desse absurdo?

– Minha princesa, eu não posso tirar a autoridade do seu pai. Não tenho parentesco com você, por isso não posso ir contra a vontade dele, mas eu queria poder, de verdade. – beijei seus cabelos. – Eu amo você, Valentina. Você sabe disso, não é? Quero que continue sendo essa menina valente que você é, nunca perca essa essência maravilhosa que só você tem. Arrume um jeito de se comunicar por lá, ok? Eu sei que é bem complicado nesses lugares. Mas prometa tentar, certo?

Ela assentiu em meio a muitas lágrimas, sem conseguir responder. Eu a abracei por muito tempo, tentando acalmá-la e sentindo meu coração se quebrar. Depois de um tempo, ela foi ao quintal para encontrar Chris, embaixo da sua casa na árvore.

cUd

E aquela foi a última vez que vi Valentina. Eu tinha recebido uma carta dela na semana anterior. Eu não sabia por que ela ainda não tinha se comunicado com o Chris, mas sabia que ver meu menino sofrendo doía muito.

No dia seguinte, nós trocamos. Jake e Chris foram a um parque aquático enquanto eu e Mia fomos visitar o castelo da Cinderela. Ela estava encantada, eu nem tanto. Eu estava muito cansada e suava bastante, meu estômago estava meio revoltado, também. Supus que tivesse pegado uma virose. Precisava passar em uma farmácia na volta.

Continuei andando com ela fingindo estar animada, mas não aguentei e me debrucei no lixo, colocando tudo para fora. Quando terminei, avisei a Mia que voltaríamos para o Hotel e ela nem discutiu ou fez birra. Quando chegamos lá, liguei a televisão para ela assistir alguma coisa e fui tomar banho. Ao pentear meu cabelo na pia, avistei um pacote de absorventes fechado na bancada. Mas não era possível! Eu estava tomando pílula! Tudo bem, eu ficara alguns dias sem tomar por causa do estresse do nosso novo escritório, mas... será?

– Mia, meu amor, vamos ao saguão. Preciso passar na farmácia – disse pegando minha bolsa. Entramos no elevador e minha filha perguntou: – Você ‘tá dodói, mamãe?

– Não, amor, só quero tirar uma dúvida – disse endireitando sua tiara de orelhinhas da Minnie que estavam tortas em seu cabelo. – Não quer prender o cabelo, Mia? – ele estava bem comprido, batia no meio das costas. Eu estava planejando cortar quando chegássemos de viagem. Ela era muito ativa, então suava bastante e, ao contrário daqui, na nossa terra fazia calor.

– Não, mamãe, está bom assim – ela respondeu tirando os cabelos do rosto.

Caminhamos até a farmácia e ela foi correndo até uma prateleira com doces. Fui até os testes de gravidez e escolhi o melhor com o pouco que entendia. Apesar de eu falar inglês muito bem, eu ainda tinha dificuldades ao ler a língua escrita.

Olhei novamente para ver se Mia estava no mesmo lugar: desde que ela tinha se perdido de mim em uma loja do shopping, tinha ficado muito insegura em relação à segurança dela.

– Esses dois aqui são os que mais vendem – uma vendedora surgiu ao meu lado, apontando para duas marcas.

– Vou levar esse aqui, então.

– Mãe, quero esses docinhos – Mia disse juntando-se a mim no caixa, colocando balinhas, jujubas e pirulitos em cima do balcão. Empurrei para que a caixa cobrasse tudo junto, dei o dinheiro e voltamos para o quarto.

Fui ao banheiro fazer o teste e, quando terminei, fiquei encarando o palitinho. Tinha que esperar alguns minutos para ver o resultado, então fiquei dando voltas no banheiro, ansiosa. Meu celular despertou após o tempo necessário e, quando fui olhar o resultado, Jake entrou no banheiro. Perplexa, estendi o teste para ele e disse, incrédula: – Parece que temos mais um a caminho.

Nos encaramos em surpresa por muito tempo, então ele começou a rir. Ele me abraçou, elevando-me do chão, girando-me e beijando meu rosto repetidas vezes. Ele estava tão feliz com a notícia! Eu, por outro lado, estava apavorada.

– Outro bebê! Nós já temos dois e você me arruma outro bebê? Esse é o último, está me

ouvindo? – a animação dele acabou me contagiando, afinal.

– Quem sabe mais um quando eles estiverem grandinhos? – ele riu quando dei-lhe um tapa no braço. Então, ele me beijou de uma maneira doce e calma. – Eu te amo tanto, mas não acredito que descobrimos na Disney, de novo!

– Parece que esse lugar só traz o melhor de nós dois. E eu te amo mais, meu amor – abracei-o fortemente. Jake sempre foi meu porto seguro, meu primeiro amor, aquele com quem quero passar o resto da minha vida. – Vamos contar as crianças?

Ele concordou, então entrelacei nossos dedos e seguimos até o quarto para contar a eles. Eu estava ansiosa para ver suas reações. Nossa família ficaria maior em alguns meses e eu mal podia conter a minha felicidade.

As crianças ficaram extasiadas ao saber que ganhariam um novo irmãozinho e, para guardar toda aquela felicidade, resolvemos registrá-la em uma foto, que agora contemplava a parede central da nossa sala.

Maria Cecília e Otávio chegariam em breve e eu mal podia esperar para conhecer seus rostinhos.

cUd

Christopher cUd

Eu e Vale estávamos correndo no quintal. Corremos tanto que só paramos embaixo da casa da árvore que papai tinha construído.

– Chris, eu preciso contar uma coisa. – Vale disse e ela não estava sorrindo. Era estranho vê-la séria comigo.

– Nossa, o que foi, Tina? – Perguntei tentando fazê-la sorrir, já que ela odiava esse apelido.

– É sério, menino – ela continuou sem sorrir. Ela me estendeu as mãos e apertou as minhas, olhando bem dentro dos meus olhos. – Eu vou embora, Chris.

Me perdi no verde dos seus olhos. Como os olhos de alguém poderiam ser tão verdes?

Espera aí.

O quê?

– Eu... Vale? O que... O que você disse?

– Vou embora, Chris. Meu pai vai me levar para morar com minha tia, bem longe daqui – ela disse e eu não quis acreditar.

– Mas você não pode fazer isso, Vale. Você tem que ficar aqui comigo.

– Eu queria muito. Você sabe como gosto desse lugar... E, hm, de você – acrescentou me

deixando envergonhado. Ficamos alguns minutos em silêncio enquanto eu processava as informações.

– Eu também gosto de você, Vale. Não queria que fosse embora, ainda mais para longe... não tem nenhum jeito de ficar?

– Queria que tivesse, Chris. Mas antes de partir, preciso lhe dar uma coisa. Feche os olhos – curioso, obedeci e aguardei ansioso, até sentir algo em meus lábios. Abri os olhos e me deparei com a imensidão verde dos olhos dela e com as constelações de sardas no rosto dela. Ela estava me beijando.

Era o meu primeiro beijo e, tão rápido como começou, terminou. Valentina correu até o carro sem se despedir. Eu apenas a encarei, deixando-a ir. Eu não queria que ela fosse, queria ela perto de mim. Eu adorava as sardas em seu rosto e o modo com ela sorria. Queria tê-la ao meu lado para sempre.

cUd

Fim



Melanie

Primerio dia das mães...

Era o meu primeiro dia das mães, e... Merda! Eu estava muito nervosa. Eu morava em um minúsculo apartamento no Rio de Janeiro, o único que conseguia pagar. Eu trabalhava meio período como vendedora em uma loja no centro da cidade e, à noite, como garçoneiro em uma lanchonete perto de casa. Minha mãe estava o tempo todo comigo, ajudando-me a criar Christopher. Eu tinha apenas dezenove anos e meu bebê tinha acabado de fazer um ano. Eu ainda não tinha ficado tanto tempo sozinha com ele como estava agora: minha mãe tinha voltado para São Conrado, tinha retornado para resolver algumas coisas. Essas viagens ocorriam de três em três meses, mas dessa vez ela teve que ir mais cedo.

Eu estava sentada no chão da sala observando meu filho. Eu devia estar muito engraçada, mesmo, porque ele me encarava e ria. Era o meu primeiro dia das mães e não fazia ideia do que fazer. Como era uma data especial, queria fazer algo diferente.

Pensei em levá-lo para passear, mas teria que separar tanta coisa que acabei desistindo. Sair com bebês deste tamanho não era fácil, não! Você tem que levar tudo que ele possa precisar, caso ocorra algum imprevisto. Minha mãe tinha me explicado isso, uma vez.

– O que você acha que devemos fazer hoje, Chris? – perguntei aguardando uma resposta. Ele me olhou nos olhos e disse algo que pareceu um “ta-ta”. Suspirei e entreguei seu mordedor.

Decidi ao menos fazer um bolo de chocolate para comemorar, então segui para a cozinha, separei os ingredientes e comecei a trabalhar. Christopher continuava na sala, engatinhando entre os muitos brinquedos que estavam espalhados. A televisão estava ligada e um desenho bem musical e colorido passava. Enquanto o bolo assava, preparei uma papinha para Chris e tentei alimentá-lo, mas ele não quis: ele estava cheio de energia e queria brincar. Ele tinha aprendido a bater palminhas, então toda hora era uma festa. Apesar de estar cansada, vê-lo sorrindo me fazia ser a pessoa mais feliz do mundo.

À noite tive que trabalhar, então deixei-o com Meg, minha vizinha. Ela era negra e usava tranças no cabelo, bem alta e estilosa, sonhava em cursar moda e customizava diversas roupas. Seus pais não apoiavam seus sonhos, por isso a contratei como babá. Ela cuidava muito bem do

meu filho e, com o dinheiro, investia em seu sonho.

Dei um beijo na testa de Chris e meu coração apertou. Isso acontecia sempre que nos separávamos, mas eu tinha que trabalhar porque precisava nos sustentar. Eu não gostava de depender de ninguém. Depois que você tem certas responsabilidades, a necessidade de independência e autonomia é inevitável.

Quando meu pai e eu brigamos, foi horrível. Não suportaria ficar ao lado de quem tem vergonha de mim, pois era isso que meu pai tinha. No dia da nossa briga, meu pai teria um jantar beneficente da sua empresa. Eu estava animada para ir, apesar de estar com um barrigão. Meu príncipe nasceria a qualquer momento, mas meu pai insistia para que eu não fosse, dizia que era perigoso por causa do bebê, mas a verdade era que ele não queria que seus amigos tão tradicionais descobrissem que sua adorável filha estava grávida e seria mãe solteira. Depois de escutar sua conversa com eles, liguei para minha mãe e saí da casa dele, fui para um hotel e, três dias depois, Chris nasceu. Eu sabia que ele depositava uma quantia na minha conta do banco todos os meses para que eu e Chris pudéssemos viver bem, mas eu nunca sequer olhei, muito menos mexi nesse dinheiro. Por meses ele implorou meu perdão e disse que eu tinha entendido tudo errado, mas estava muito magoada para escutar explicações.

Por isso, precisava trabalhar e deixar Chris com Meg. Quando virei as costas para sair, Chris começou a chorar e isso cortou meu coração. Então, ele começou a esticar os bracinhos gordinhos para mim e dizer “Ma-mãe!” enquanto esperneava para que eu o carregasse. Eu fiquei tão surpresa! Era a primeira vez que ele me chamava de mamãe. Peguei-o no colo e comecei a chorar, era com certeza um dos momentos mais mágicos da minha vida. Eu faria o impossível para mantê-lo sempre seguro e protegido e sempre enxeria-o de amor e carinho.

Christopher era a razão do meu viver, apaixonei-me perdidamente quando ele abriu seus olhos para mim na maternidade. Naquele momento, percebi que não poderia mais depender tanto da minha mãe, precisava ser a referência materna para o meu filho.

UMA NOVA
Chance
AO *amor*

MILA MAIA
TRILOGIA CHANCES - II

Sinopse



É possível se apaixonar por alguém à primeira vista? Liam achava que não, até se ver completamente encantado por um par de olhos claros na boate. Deste então, havia determinado: ela seria dele.

Nina não queria se prender a ninguém, estava desiludida quanto ao amor. Ela havia sofrido demais e desistido de amar. Mas, ao conhecer Liam, viu aquele sentimento, que por muito tempo ficou adormecido, despertar.

Contrariando tudo e a todos, eles resolveram ficar juntos e se entregar ao sentimento que os envolvia, mas quando os empecilhos da vida tentaram separá-los, eles conseguiram ver que nem toda mudança é ruim e que, quando há amor, sempre existe outra chance para recomeçar.

Prólogo



Nina

Porto Seguro, 2008

Nove anos atrás...

Eu estava sentada na droga do banheiro, olhando para aquele teste.

“Merda! Eu não posso estar grávida! Por que bebi tanto na festa do Vini? Isso tudo é culpa dele! Maldito!”

Joguei o teste na bolsa e voltei para a aula. Eu estava pensando no que faria a partir de agora e a palavra “aborto” passou pela minha cabeça, mas não poderia fazer isso. Eu não faria um inocente pagar pelos meus erros.

“Minha mãe vai me matar! O que falarão dos Medeiros de Sá agora?”

Creio que transpareci minha irritação, porque meu amigo, Vinicius, perguntou-me: — Gata, você está bem? Está pálida! Você está chapada?

— Cala a droga da boca, Vini, que essa merda é culpa sua! — Exclamei extremamente irritada e saí da sala.

Fiquei no pátio aguardando o meu motorista chegar. Isso mesmo: *motorista*! Porque os Medeiros de Sá não poderiam sair para canto nenhum sem ele.

Eu vivia em um mundo das aparências. Meu pai era o prefeito do município e nós éramos Medeiros de Sá, uma das famílias mais tradicionais da cidade: todos nos conheciam. Mamãe surtaria.

Ao chegar na mansão que morávamos, fui direto para o meu quarto, joguei o teste no lixo e deitei na minha cama, olhando para o teto. Um tempo depois, meu celular começou a vibrar: tinha chegado uma mensagem. Revirei os olhos ao ver que era do Felipe.

>> *Gata, hoje tem festa na casa da Tônia, você vai, né?*

Ao terminar de ler a mensagem, meu estômago embrulhou. Passei um tempo colocando tudo que estava lá para fora. Praticamente me arrastei de volta à cama e digitei: >> *Lipe, não estou me sentido bem, não vou para festa, não.*

Esperei para ver se ele respondia algo, mas não, ele disse *porra* nenhuma.

“Que bosta de namorado eu fui arrumar.”

Resolvi tomar banho, então. Eu estava saindo do banheiro de roupão quando a Mirna entrou em meu quarto — ela era empregada da casa, mas, para mim, estava mais para uma mãe. Foi ela que me criou, enquanto minha matriarca era “mãe” apenas no título.

— Minha filha, nem te vi chegando. Por que não passou pela cozinha? Fiz uma torta de frango para o almoço — Mirna disse. Ela tinha a pele branca, cabelos pretos sempre presos em um coque e olhos que sempre transmitiam amor.

— Estava sem fome, Mirna — disse caminhando até minha cama. Eu estava tão cansada. Antes que eu pudesse me deitar, no entanto, ela me abraçou apertado, medindo a minha temperatura.

— Está doente, meu bem? Para não querer comer, deve estar acontecendo alguma coisa.

— É só cansaço, Mimi — sim, eu a chamava assim. Era um apelido carinhoso que eu usava desde que me conhecia por gente. — Vou dormir um pouco e como algo no jantar.

Ela acenou com a cabeça e deixou-me sozinha. Não demorei muito para adormecer. Acordei com o celular tocando. Era uma mensagem do Vini com uma foto do Lipe aos beijos com a Amanda. Xinguei-me tanto por ter continuado com aquele canalha! Joguei o celular em cima da cama e fui comer alguma coisa, já que estava morrendo de fome.

Entrei na cozinha — equipada com tudo aquilo de mais moderno. Um enorme balcão de

mármore com bancos ao redor ficava bem no centro dela. Sentei-me em um dos bancos e logo Mimi apareceu, provavelmente escutando meus passos pesados. Ela tinha o ouvido de um cão. Ao me ver, seu rosto se contorceu em preocupação.

— Como está pálida, minha bonequinha. Vou esquentar uma fatia da torta para você comer — disse imediatamente caminhando até a geladeira.

Concordei e aguardei, perdida em pensamentos. Logo o micro-ondas apitou e um prato surgiu na minha frente, acompanhado de um suco de uva geladinho. Como estava com fome, comi tudo bem depressa. Quando coloquei o copo vazio no balcão, meu estômago embrulhou. Saí correndo para o banheiro mais próximo e coloquei tudo para fora enquanto sentia Mirna puxando meus cabelos para que eles não caíssem dentro do vaso.

— Acho que você tem alguma coisa para me contar, hein, Antonina? — Para a Mimi me chamar pelo meu nome completo, ela com certeza sabia o que estava acontecendo. Sentei-me no tapete do banheiro, próximo à pia, e chorando, disse: — Estou grávida — tentei controlar o choro, mas falhei terrivelmente. Continuei desesperada. — Eu não sei o que fazer, Mimi!

Ela me abraçou, acalentando-me em seus braços. A Mirna era com certeza a minha figura materna. Nós suprimos as necessidades uma da outra.

— Vamos dar um jeito, minha menina. Você está pensando em tirar a criança? — Ela me perguntou receosa.

— Não farei isso. Não o farei pagar pelos meus erros... meus pais me matarão, Mimi! — Disse colocando as mãos em meu rosto.

— Não deixarei que façam nada com você, minha menina.

Por mais desesperada e sem rumo que estivesse, não tomaria nenhuma decisão assim. Mirna acalentou-me enquanto eu pensava no que faria com aquela criança.

Dias depois, Mimi teve que viajar. Sua afilhada tinha sofrido um acidente grave e ela voltaria para o interior. Imediatamente me preocupei por ficar sozinha justo naquele momento. Eu ainda não

sabia o que fazer e temia que meus pais descobrissem logo, estava ficando difícil disfarçar todos os sintomas.

Eu estava caminhando nos corredores do colégio quando o Felipe me puxou pelo braço, pressionando-me contra a parede, tentando me beijar, mas virei meu rosto.

— Me larga, seu babaca! — mexi-me tentando sair de seu aperto, mas ele não largava. — Me solta, Lipe! Não estou a fim, vai procurar a Amanda! Tenho certeza que ela vai estar a fim de ficar com você!

— Está com ciuminho, princesa? Você sabe que nosso relacionamento é aberto...

— Não quero ter mais nada com você! Me solta agora ou vou começar a gritar!

— Grita, sua vadia, amo escutar você gritando — ele disse beijando meu pescoço. Eu já estava de saco cheio daquilo, então dei uma joelhada no meio de suas pernas. Ele caiu no chão e eu saí correndo para fora da escola, mas escutei ele gritando: — Você me paga, sua vadia!

— Some da minha vida, seu desgraçado!

No lado de fora, optei por não esperar o motorista. Peguei um moto-taxi na esquina e fui a um posto na cidade vizinha, durante todo caminho foquei nas árvores que rodeavam a pista. Não queria pensar no que meus pais fariam quando soubesse que eu havia fugido. Tinha comprado uma identidade falsa com uns caras da minha escola e iria usá-la para ser atendida, não queria que ligassem meu nome a minha família. Eu queria ser apenas Nina, uma garota normal e grávida de um cara que não merecia o filho que estava carregando.

Enquanto aguardava ser atendida, recebi uma mensagem da minha mãe.

>>*Onde está? O motorista foi lhe buscar e você não estava na escola.*

“Ela nunca me manda mensagens assim. Será que, pela primeira vez na vida dela, ela está se preocupando com alguém além dela própria?”

Não tive tempo de responder, pois chegou outra mensagem.

>>*Precisamos de você para o jantar hoje. Uns possíveis aliados do seu pai estarão aqui,*

quero você em casa antes das dezessete horas. Não me importa o que esteja fazendo, mas esteja aqui no horário.

>>Ok.

Respondi com meus olhos estavam cheios de lágrimas. Essa coisa estava me transformando em um bebê chorão. Eram os hormônios, de acordo com tudo que eu estava lendo sobre gravidez. Eu ainda não sabia o que faria para esconder isso da minha família e de toda a cidade, precisava pensar em algo logo.

Fui chamada a uma sala e, lá dentro, uma doutora de baixa estatura e de olhar carinhoso fez-me várias perguntas. Ela me passou algumas vitaminas e, na hora do ultrassom, ao escutar os batimentos daquele serzinho que estava dentro de mim, desatei a chorar. Eu estava desesperada, não tinha estrutura alguma para cuidar de uma criança. Eu precisava dar um rumo na minha vida, e urgentemente.

Peguei um ônibus e chorei durante todo o caminho. Já estávamos próximos da minha cidade quando uma senhora se sentou do meu lado. Levantei meu rosto e olhei para ela, com sua aparência plena e amorosa. Ela segurou minha mão sem pedir qualquer permissão e disse: — Não há mal que perdure quando fazemos o bem. Não sei o que lhe aflige, mas vai dar tudo certo para você e esse bebê, basta ter fé — deu um aperto em minha mão e saiu.

Não sabia porque ela havia feito aquilo, mas de alguma forma acalentou meu coração. Limpei meu rosto e pedi o ponto. Entrei em casa pela porta dos fundos — alguns funcionários me viram, mas nada disseram.

Que saudade que estava sentindo de Mimi. Ao entrar no meu quarto, encontrei-o todo revirado. Ele estava uma completa bagunça e minha mãe estava no centro, segurando... ah, merda! Meu teste de gravidez.

— Você só pode estar brincando com a minha cara, Antonina!

Não disse nada e recebi um tapa no rosto.

— Quer acabar com a carreira do seu pai?

Enfureci-me. Era que só isso importava? Eu praticamente não existia se não fosse para me exibirem! Nunca tive histórias contadas antes de dormir, nem nunca recebi carinho em datas especiais. Meus aniversários foram sempre comemorados com a Mimi, que fazia uma pequena festa para mim. Dos meus pais, só recebia cartões feitos por suas secretárias e um cheque para que eu comprasse o que queria. Nunca tive amor vindo de nenhum deles dois. Acho que no final das contas sempre fui o objeto de filha perfeita.

— É só isso que importa para você, não é? A droga da carreira do papai e o que vão falar dessa merda de família!

— Eu quero você fora daqui! Não vou deixar você destruir essa família! Quero você fora daqui ainda hoje!

— Está louca? Não vou sair daqui! É minha casa também, era dos meus avós e eles deixaram tudo para mim!

Ela agarrou os meus cabelos, e os puxou com força.

— Você é a desgraça dessa família, quero você fora daqui! Você e esse verme que carrega na barriga! Não acredito que destruiu sua vida, Antonina! Eu não farei parte disso, comunicarei ao seu pai e quero você fora daqui!

Ela jogou-me no chão e saiu marchando do quarto. Fiquei lá, estática, mas não me permiti chorar. Juntei tudo que tinha de valor em uma mochila e fui embora dali. Eu precisava encarar meu futuro, mesmo não sabendo o que estava por vir.

Capítulo um



Nina

São Paulo, 2016

“ Que som irritante! ”

Obriguei-me a abrir os olhos. Eu estava tão cansada, tinha chegado de viagem às cinco da manhã. Passara boa parte da madrugada dirigindo até Salvador e depois peguei um voo até São Paulo. Mesmo com a Mimi insistindo para que eu voltasse mais cedo, eu simplesmente não consegui. Eu passava tão pouco tempo em Porto Bello que me sentia culpada por voltar cedo. Valia a pena perder umas horas de sono só por estar ali.

Peguei meu celular que tocava insistentemente e atendi.

— O que você quer, Vinicius?

— Calma, tigresa. Como foi de viagem?

— Sério que você me ligou para perguntar isso? Vou desligar na sua cara! — Falei irritada.

— Relaxa. Eu quero te convidar para balada. Um amigo meu me deu convites para inauguração e você vai comigo.

— Vini, não tenho tempo para essas coisas! Fiquei o feriadão todo longe do Pocket, preciso trabalhar! Dinheiro não cai do céu.

— Você trabalha porque quer. Com uma poupança cheia como a sua, numa hora dessas eu estaria pensando no que iria comprar, e não em trabalho.

— Você sabe muito bem para o que eu uso aquele dinheiro. Eu não me atrevo a tirar um

centavo de lá, ele não é meu.

— Seus pais e avós deixaram para você, então sim, ele é seu.

— Aquele dinheiro sujo está sendo usado para coisas boas, então vamos parar de falar sobre ele.

— Só paro se você for comigo hoje. Eu estou sentindo que algo de bom irá acontecer.

— Está indo para o vidente de novo? Já disse que ele está lhe enganando.

— Cuide do que você acredita que eu me viro com as minhas crenças... então, vai comigo, né?

— Que horas, seu insuportável?

— Passo para te pegar às dez.

Desligamos e fui cuidar da vida. Eu morava em um apartamento no centro movimentado de São Paulo. Ele era pequeno, infelizmente, mas era o que eu podia pagar agora: tinha dois quartos; uma sala junto da cozinha, as duas separadas apenas por um balcão; um banheiro e uma área de serviço.

Espreguiçando-me, fui ao banheiro, fiz toda a minha higiene matinal, e voltei para o meu quarto. As paredes dele eram de um tom de vinho, meu guarda roupa ficava à esquerda e, ao lado dele, havia uma sapateira. Eu tinha muito sapatos: eles eram as minhas paixões, junto com os livros. Sim, eu amava ler. Não era à toa que a parede atrás da minha cama era completamente tomada por uma estante, e eu a considerava uma das melhores coisas que fizera naquela casa.

Eu coloquei uma calça jeans rasgada, uma blusa regata preta e uma bota. Voltei à cozinha e liguei a cafeteira. Eu precisava de café para o meu dia ficar melhor, então enchi meu copo, peguei minha bolsa, conferi se estava tudo ali dentro e saí.

O Pocket Tattoos ficava próximo à estação do metrô, então eu dificilmente ia de carro. Peguei meu *kindle* e li um romance durante o percurso. Quando entrei no estabelecimento, vi a garota alta, morena e de cabelos negros muito cacheados. Nat nossa recepcionista, e também era a namorada do Rui, um dos meus tatuadores. Eles formavam um casal lindo.

— Bom dia, Nat — cumprimentei fazendo-a erguer os olhos para mim e instantaneamente sorrir. Notei que ela estava olhando os novos desenhos feitos pelos meninos.

— Bom dia, Nina! Como foi de viagem?

— Foi ótima! Mas e aí, os meninos deram trabalho?

— Que nada! Você sabe que os trato na rédea curta — rimos juntas.

Entrei no meu estúdio e já estava tudo em seu devido lugar. Apesar de ser dona do lugar, eu amava tatuar, marcar na pele das pessoas aquilo que significava tanto para elas.

Além de Rui e eu, Vini trabalhava conosco, mas ele estava de folga no dia. Os dois garotos faziam trabalhos excelentes, ambos tinham feito algumas das tatuagens que cobriam meus braços. Em uma delas, haviam enormes rosas com suas pétalas e flores em tons diferentes.

Não foi um dia agitado. Cuidei da papelada no escritório e fiz duas pequenas tatuagens. Quando o horário acabou, fui para casa me arrumar, porque o Vini já estava enchendo a minha caixa de mensagens. Não estava com ânimo algum para festas, mas Vinicius não me deixaria em paz se eu não fosse. Após o banho, fiz a maquiagem, deixei meu cabelo solto, coloquei um vestido preto curto e um salto alto. Eu estava colocando os brincos quando escutei a campainha tocar.

— Já estou indo, Vini! – Gritei correndo para pegar minha bolsinha de mão. Ao abrir a porta, ele me avaliou dos pés à cabeça e assoviou.

— Está maravilhosa, tigresa!

— Você é que está um arraso! Vamos logo!

— Para quem não queria ir, você está muito apressadinha! — Ele disse enquanto esperávamos o elevador.

— Você deveria estar feliz por isso, eu só estou indo por causa de você, não estava nem um pouco a fim! Mas me diz, esse carinha que nos deu os ingressos é só seu amigo mesmo?

— Por enquanto sim, mana! Estamos nos conhecendo. Ele é um cara legal, além de ter aquele corpinho maravilhoso.

— Okay, okay! Menos detalhes! Espero que dê tudo certo dessa vez, você merece ser feliz!

— Falei rindo, abraçando-o pela cintura.

— Ambos merecemos! Tenho certeza que vai encontrar um boy magia que vai te tirar dos eixos hoje! Estou sentindo!

— Vamos pedir um taxi então, seu sensitivo!

Pegamos um táxi e seguimos para tal casa noturna, uma das muitas de São Paulo. Vini entregou os convites e adentramos o lugar que já estava bem cheio e animado. Segurando a mão do Vini, caminhamos até o bar, apertando-nos entre as pessoas. Quando finalmente chegamos, pedi uma caipirinha e o Vini, uma tequila, que ele virou imediatamente. Rindo, fomos dançar ao som de *Work*, da Rihanna.

Fechei os olhos, rebolando no ritmo da música. Estava me divertindo muito, mas então tive a impressão de estar sendo observada. Abri os olhos e procurei quem me observava, deparando-me com um par de olhos azuis, tão azuis que desejei afogar-me neles. O dono dos olhos tinha uma boca espetacular, também. Na verdade, todo o conjunto era maravilhoso. O pedaço de mau caminho veio em minha direção, sorrindo para mim como um predador. O som estava tão alto que ele teve que chegar bem perto de mim e falar ao meu ouvido: — Se você continuar dançando desse jeito, terei sérios problemas.

— Problemas, você? — Ele confirmou com a cabeça, mordiscando minha orelha. — Quais?

— De não conseguir mais tirar você da minha cabeça — ele respondeu e eu ri, dando as costas para ele.

Então, ele me puxou para dançar. Sorri e dançamos agarradinhos um do outro. Logo seus lábios procuraram os meus e beijamo-nos em uma dança de línguas extremamente sensual. Suas mãos passeavam pelo meu corpo enquanto eu puxava-o para mais perto de mim. Soltamo-nos quando a música terminou e eu caminhei em direção ao banheiro, mas ele segurou a minha mão e eu me virei para ele, sorrindo.

— Não vai me falar seu nome, tigresa?

Surpreendi-me por ele usar o mesmo apelido que o Vini usava. Ele era o único que me chamava assim. Segundo ele, o apelido surgira por causa dos meus olhos.

— Não — disse sorrindo, dando-lhe as costas novamente e indo em direção ao banheiro. No meio do caminho, virei-me e pude vê-lo observando-me como se não acreditasse no que eu tinha dito.

Voltei a dançar e, entre um drink e outro, procurei por um certo par de olhos azuis em meio de tanta gente. Não o encontrei, mas isso não me impediu de curtir intensamente o resto da noite.

Cheguei em casa às quatro da manhã. Estava mesmo precisando me distrair, com tanta coisa acontecendo na minha vida. Tirando os anos de rebeldia da adolescência, eu nunca fui muito baladeira: sempre fui muito centrada e focada.

Capítulo dois



Nina

Na manhã seguinte, acordei com uma baita ressaca. Obriguei-me a tomar um banho e decidi ir à academia, já que eu estava a semanas sem ir. Normalmente, quando ia para Porto Bello, eu esquecia do mundo. Após me banhar, vesti uma legging com um top e uma regata folgadinha, e coloquei uma roupa na mochila, pois de lá iria para o Pocket. Entrei no metrô lotado e coloquei meus fones de ouvido, perdida na música alta. Chegando na academia, fui direto para a esteira, mas alguém me pegou pelo braço antes que eu pudesse subir nela. Tirei os fones com meu braço livre e ergui as sobrancelhas.

— Nossa, que coincidência vê-la por aqui, tigresa — ele disse com um sorriso extremamente sedutor.

— Era só o que me faltava! — Pensei alto. O universo só podia estar de brincadeira comigo. A ressaca da noite anterior pareceu se intensificar.

— Eu incomodo tanto assim?

— Imagina, mal percebo sua existência — soltei junto de uma risada sarcástica, mas não pude deixar de pensar: *“A não ser quando ela me persegue em sonhos.”*

Ele riu e disse:

— Sei que pensou em mim o tempo todo e que mal via a hora de me ver novamente, tigresa.

— Para de me chamar assim. E com certeza era você quem estava ansiosamente aguardando um reencontro.

— Eu estava mesmo. Você nem me deu a oportunidade de te convidar para um café ou um jantar. O que acha?

Respirei fundo, revirei os olhos e soltei: — Olha, cara, sabe isso aqui, entre nós dois? Não vai acontecer! — Falei apontando para dele para mim.

— Pois eu acho que temos tudo para acontecer. Vamos lá, é só um jantar! Pode não acontecer nada depois dele, mas eu sei que tanto você quanto eu estamos interessados um no outro, eu vejo nos seus olhos — ele diz, me encarando. Avaliei suas palavras e pensei: por que não dar uma chance a ele? Ele parecia ser um cara legal e eu merecia sair com alguém depois de tanto tempo, já que ultimamente vivia para o trabalho.

— Tudo bem, *stalker*. Somente um jantar.

— Não peço mais do que isso, por enquanto. Te pego às oito?

— Acho melhor nos encontramos lá. Me dá o endereço — estiquei minha mão e lhe dei uma caneta. Ele riu.

— Isso tudo para não me dar seu número? — Riu mais uma vez e anotou o endereço. Fiquei feliz por saber onde ficava o restaurante.

— Nos vemos à noite, tigresa — ele disse beijando minha bochecha e caminhando em direção aos pesos.

Encarei-o indo ao lado oposto da academia e fui em direção da esteira. Antes de começar a caminhar, resolvi passar o endereço para o meu celular e notei seu nome no final.

Liam.

Precisava tirá-lo da minha cabeça.

Após correr e fazer pilates, fui trabalhar e, entre uma tatuagem e outra, seu sorriso veio à minha mente e eu me peguei pensando nele novamente, na maneira como ele falou comigo na boate e na academia, no jeito que ele me tocou...

“Meu Deus, que homem é esse? Preciso tirá-lo da minha cabeça! Mas como? Como,

quando meu corpo anseia por ele?”

Cheguei ao restaurante na hora marcada e avistei o Liam me esperando na entrada. Respirei fundo e fui a seu encontro.

Aquele jantar foi o primeiro de muitos. Apesar de eu não querer me prender ao Liam, nós sempre arrumávamos uma maneira de voltarmos um para o outro. Era como se não conseguíssemos ficar separados. A atração entre nós era tanta que, em muitas das vezes, a reconciliação era o que mais nos agradava. Nesses dias, chegávamos a ficar horas na cama ou no chuveiro: batizávamos cada parte do meu apartamento e era maravilhoso.

Estávamos juntos há alguns meses e esse definitivamente era o nosso recorde. A última vez que tínhamos terminado fora há quatro meses, então tínhamos que comemorar. Liam tinha chegado a São Paulo pela manhã e passara o dia em reuniões, mas havia me avisado que passaria em minha casa quando terminasse. Resolvi fazer um jantar para nós: uma lasanha caseira que eu adorava, receita da Mimi. Eu tinha arrumado a mesa e agora estava me arrumando: tinha comprado uma *lingerie* perfeita para a ocasião. Vesti um vestido bem soltinho e curto, peguei uma taça de vinho e sentei-me no sofá.

Escutei a campainha corri para abrir. Assim que o vi, abracei-o e puxei-o para um beijo. Eu estava morrendo de saudades e ele, pelo jeito, também, porque ele me retribuiu da mesma maneira: estava sedento por mim.

— Que saudades! — Disse abraçando-o mais forte. Depois de tudo que acontecera na minha vida, eu tinha me tornado muito relutante a deixar as pessoas se aproximarem, mas o Liam surgiu na minha vida para me fazer enxergar o outro. Eu o amava. Eu nunca mais tinha me permitido ter esse sentimento por alguém, ele era o único que fazia eu me sentir assim tão bem, depois de tanto tempo.

— Eu também estava morrendo de saudades, minha tigresa — sorri e o encarei. Eu adorava

quando ele me chamava assim, mas o que vi não me deixaria satisfeita. Os olhos do Liam, que sempre foram tão claros para mim, pareciam me esconder algo.

— Aconteceu alguma coisa?

— Nada, coisas do trabalho — ele disse evasivo.

Ele encostou a porta, entrando e caminhando até o sofá. Ele me puxou pela mão, sentando e colocando-me em seu colo. Ficamos ali em silêncio por um tempo, então ele disse: — Onde estava semana passada? Tentei te ligar, mas não consegui, só dava na caixa postal.

— Fui visitar uns parentes — disse evasiva. Eu não queria que o Liam começasse a fazer perguntas sobre Porto Bello.

Ele me encarou por um tempo, então começou a beijar meu pescoço.

“Que bom, estava com saudades de ter sua boca em alguma parte do meu corpo. ”

Nós nos beijamos, entregando-nos a paixão e, quando percebi, já estava sem vestido e o Liam estava me carregando ao meu quarto, onde fizemos amor algumas vezes.

Estávamos deitados na minha cama, de frente um para o outro.

— Achei que já conhecia todo o seu corpo — ele disse passando a mão nas minhas costas.

— Ué, e não conhece? — Perguntei para ver aonde ele queria chegar com aquilo.

— Não, descobri uma parte nova hoje, no seu dedo indicador... O que esse “B” significa?

Capítulo três



Nina

Fiquei muda. Não sabia o que responder. Apesar de amar e confiar no Liam, isso era profundo demais para falar assim.

É, talvez eu não confiasse nele tanto assim.

— É só uma letra, Liam.

— Você disse que todas as suas tatuagens têm um significado, então duvido que essa seja apenas uma letra — ele diz acariciando minha mão.

— Você já viu quantas tatuagens eu tenho? Nem todas significam algo, Liam. É apenas uma letra, esquece isso — disse virando-me e fechando os olhos, esperando que um de nós dormisse e essa conversa acabasse.

— Está certo, relaxa, não falarei mais nada sobre essa tatuagem.

(...)

— *Minha menina, o que aconteceu com você?* — *Mimi me perguntou nervosa.*

— *Foi tão difícil chegar aqui Mimi, minha mãe me colocou para fora de casa! Eu não sabia o que fazer!* — *Disse sentando-me no chão da sala, chorando. Eu estava em um estado deplorável, minha vinda para lá não fora fácil.*

Ao ser expulsa de casa, fui até a cidade vizinha para me abrigar em algum lugar até decidir o que ia fazer. Como estava muito tarde, não tinha nenhum moto táxi ou ônibus passando. Estava chovendo muito. Caminhei até o ponto de ônibus que ficava na parte mais perigosa da

cidade e, coincidentemente, próximo à cidade vizinha. Eu mal chegara nele para me abrigar da chuva quando um homem encapuzado em uma moto deu voz de assalto e levou minha mochila com os meus poucos pertences. Fiquei apenas com a roupa do corpo.

Quando cheguei na cidade, depois de algumas caronas, consegui um bico de garçõete em um bar. A dona ficou com tanta pena de mim e de tudo que acontecera que me abrigou nos fundos do bar pelo tempo que trabalhei lá. Eu ganhava uns trocados e eles me ajudavam a sobreviver. Eu me alimentava muito mal, comia quando já não aguentava mais a fome, pois estava tentando poupar o máximo de dinheiro que pudesse para ir ver Mimi em Porto Bello.

Sempre disse que essa criança dentro de mim era um guerreiro, pois nem sei como sobrevivi a tudo aquilo, quanto mais ele, que estava dentro de mim. Demorei meses até que eu pudesse juntar todo o dinheiro que seria necessário para passagem de ônibus. Nesse dia, quase chorei de felicidade. Eu estava com quatro meses, minha barriga já estava um pouco à mostra e precisava sair dali.

Com a ajuda de Mimi, comecei a tomar os devidos cuidados para minha gravidez. Quando fui ao médico, descobri que por muito pouco não perdi o bebê, já que estava muito desidratada e anêmica. Meu bebê era realmente um lutador e, a partir daquele dia, eu cuidaria da única pessoa que não me deixou enlouquecer durante todo esse tempo.

Eu já estava com seis meses, quando recebi uma ligação dos advogados da família. Meus pais tinham morrido em um acidente de carro e ele tinha sido tão grave que não havia sido possível resgatar seus corpos.

Acordei dias depois no hospital, tinha desmaiado com a notícia. O choque fora muito grande. Chorei muito quando lembrei do que tinha me colocado ali. Apesar de tudo que acontecera, eles ainda eram meus pais. Descobri por Mimi que os médicos me mantiveram sedada porque sempre que eu acordava, estava muito agitada e isso poderia prejudicar o bebê.

Acabei tendo meu filho precocemente. Bernardo nasceu com sete meses e ele era tão pequenino... Ele tinha os cabelos pretos e os olhos castanhos, como os do Felipe. Nos momentos

que passei com ele, pude experimentar o que era amor verdadeiro e puro, mas ele estava tão debilitado e eu sabia que o estado dele era minha culpa. Eu não pudera me cuidar no início da gravidez, nem fizera um pré-natal ou tomara as vitaminas necessárias. Pedia tanto a Deus para que não o tirasse de mim, não sabia se conseguiria suportar. Mimi estava sempre comigo dando-me forças e apoiando-me. Eu ficava ao lado da incubadora nas poucas horas de visita, fazendo carinho em sua mãozinha. Quando ele segurou o meu dedo, chorei de emoção. Ele nunca havia feito isso antes e, por um tempo, permiti-me ter esperança.

Mas, alguns dias depois, o Bê teve uma parada cardiorrespiratória e morreu. Chorei como um bebê. Era como se parte do meu coração tivesse sido levado, creio que não existe dor maior do que perder um filho. Fiz questão de enterrá-lo em Porto Bello, queria que ele descansasse em um lugar bonito, em um lugar onde fomos amados.

(...)

— Nina! Acorda! — Escutei a voz do Liam próxima de meus ouvidos. — Nina!

Acordei assustada. Liam estava segurando meus ombros, encarando-me assustado. Notei que meu rosto estava molhado. Eu estava chorando?

— Merda! Que susto, Nina!

— O que foi? O que aconteceu?

— Você estava gritando e chorando. Tomei um susto, tentei lhe acordar, mas você só ficava mais desesperada.

— Tive um sonho ruim... eu vou tomar um banho — beijei seu rosto dispensando sua preocupação. — Não foi nada, Liam, volte a dormir.

— Vou fazer um chá de camomila. Tome um banho para relaxar e esquecer esse sonho ruim — ele me deu um selinho.

“Mal sabe ele que eu nunca esquecerei isso. O que aconteceu no meu passado marcou minha vida de um jeito forte demais. Não sei se as feridas vão se fechar.”

Capítulo quatro



Nina

Não tive mais sonhos como aquele, mas, no passar dos dias, Liam continuava muito estranho. Eu tinha certeza que ele estava me escondendo algo. Ele recebia ligações estranhas, fazia viagens fora de hora e eu já estava nervosa com isso.

Decidi que, quando ele voltasse de São Conrado, eu o enfrentaria e ele me contaria o que estava acontecendo.

Não fui para o Pocket naquele dia. Fiquei em casa cuidando da papelada do Centro. Com a fortuna que recebi de herança, investi na criação do Centro Medeiros de Sá, que, além de um abrigo para crianças que esperavam para serem adotadas, funcionava como uma escola integral. As crianças passavam o dia inteiro lá, onde recebiam educação, alimentação e faziam atividades artísticas e esportivas.

Eu adorava estar com eles, aquilo me trazia tanta paz, mas também me fazia pensar no meu filho, Bernardo, que estaria fazendo nove anos se estivesse vivo. Fiz carinho na minha tatuagem e lembrei do dia em que a fiz...

Eu estava no estúdio do Vini logo depois de nos mudarmos para São Paulo. Ele sabia de tudo o que tinha acontecido e foi o único daquela cidade que foi me procurar. A partir dali, vi que podia confiar nele e nossa amizade se tornou mais firme.

Sentei na cadeira e disse: — Quero que você faça um “B” bem aqui no meu dedo, nessa

parte aqui, ao lado da unha.

— *Sei que deve ser por causa do nome do nosso anjinho, mas porque quer tatuar aí, Nina?*

— *Apertar meu dedo era uma das poucas coisas que ele conseguia fazer no estado em que estava e isso significava tanto para mim... quero gravar essa lembrança aqui na minha pele para levá-lo em outra parte de mim, além do meu coração.*

Fui tirada dos meus devaneios quando escutei a porta. Liam estava entrando em casa, arrastando sua mala. Olhou tudo e, ao me ver, levou um susto.

— Achei que estaria no Pocket — ele disse vindo em minha direção e me dando um selinho.

— Preferi não ir hoje. Acho que precisamos conversar, não é? E não tente me enrolar. Diga-me a verdade, Liam, porque eu sei que está me escondendo algo.

Ele respirou fundo, passou a mão pelos cabelos e me encarou por alguns segundos. Eu ergui as sobrancelhas para ele e, gaguejando, ele disse: — Há algumas semanas eu descobri que vou ter um filho, Nina.

Dei uns passos para trás de tamanho susto que levei.

— Você me traiu? Seu canalha! — disse dando um tapa em sua cara.

“Não acredito que confiei nesse cretino!”

Ele alisou o lugar onde eu bati e disse: — Eu não te traí, nós tínhamos terminado na época. A Sara foi um caso de uma noite, eu nem saberia que ela estava grávida se não tivesse me encontrado com ela no congresso.

— O congresso foi há semanas! Semanas, Liam! Se você não fez nada errado, por que não me contou?!

— Porque eu já imaginava o tipo de reação que você teria e tudo o que não preciso agora é de mais estresse.

— Pois bem, não irei te estressar mais, seu filho da puta! — Empurrei-o em direção à porta.

— Saia agora da minha casa! Suma da minha frente, Liam! Você me traiu! Traiu minha confiança e não vai recuperá-la tão cedo.

Corri para o meu quarto, fechei a porta com força e desatei a chorar. Eu o amava e estava disposta a lhe contar todos os meus segredos. Que tola eu fora! Eu tinha o azar de me entregar a homens que só queriam brincar comigo, será que eu não era suficiente para ninguém? O Liam dizia tanto que me amava, mas se ele me amava mesmo, por que tinha ficado com outra?

Durante os dias seguintes, o Liam foi muito insistente. Ele me ligava constantemente, mas eu ignorava todas as ligações. Ele enchia minha caixa de mensagens e me procurava no trabalho falando sempre a mesma coisa: que a Sara tinha sido um caso de uma noite, mas que era a filha dele e ele assumiria a responsabilidade.

— Você é tão tolo, Liam! Acha mesmo que o filho é seu? Acha que ela só se entregou a você e a ninguém mais? — Disse a ele em uma das nossas muitas discussões.

Algun tempo depois, ele cansou, porque não recebi mais ligações ou mensagens dele. Eu já estava com saudades daquele canalha. Eu precisava tirá-lo da minha cabeça, então decidi voltar para Porto Bello e passar um tempo respirando o ar puro que me ajudaria a esquecer um certo par de olhos azuis.

Deixei o Pocket nas mãos do Rui, do Vini e da Nat e consegui um voo para Salvador naquele mesmo dia. Cheguei lá após poucas horas de viagem e, de madrugada mesmo, peguei a estrada. Eu cheguei em Porto ao amanhecer e fui direto para casa da Mimi. Mesmo podendo comprar um casarão, ela optou por continuar no pequeno sítio onde ela sempre morou: a casa que fora dos seus pais e que agora era dela. A casa térrea tinha três quartos, dois banheiros, uma sala ampla e uma cozinha, também. Saí do carro e fui direto para a cozinha, de onde vinha um cheiro delicioso de café. Abracei Mimi por trás, dando-lhe um susto. Quando ela se virou e me viu, falou: — Minha menina, que bom lhe ver! Eu já estava com saudades desse rostinho lindo — apertou minhas bochechas e me abraçou.

— Eu estava com tantas saudades, Mimi, precisando de colo mesmo... — Ela acariciou meus

cabelos.

— Por um acaso tem alguma coisa a ver com aquele seu namorado bonitão?

— Ex-namorado bonitão, Mimi, você não sabe o que aquele ali me aprontou.

— Vamos sentar, tomar um cafezinho com o bolo de milho que eu fiz ontem, e aí você me conta tudinho, meu amor.

Sentamos e, depois de contar tudo a ela e comer o bolo, que estava delicioso, por sinal, Mimi falou: — Se você está se sentindo desse jeito, é porque você o ama, não é mesmo? — Balancei a cabeça, afirmando. — Então, o que ele fez foi errado? Foi. Mas ele está arrependido, vocês tinham terminado quando isso aconteceu, e olhe que nunca concordei com esses namoricos modernos demais. Acho que vocês precisam de um tempo para avaliar se o que você sente por ele vai conseguir fazer você superar isso, afinal agora ele vai ter um filho.

— Eu sei, Mimi, por isso vim para cá. Eu estou tão magoada com ele que preferi me afastar. Ele vai ter um filho e não sei se conseguirei lidar bem com a presença dessa criança.

— Já contou a ele sobre o nosso anjinho?

Fiz carinho na tatuagem inconscientemente e disse: — Ainda não. Eu ia contar, mas depois de tudo isso... preciso voltar a confiar nele — Respirei fundo. — Você se importa se eu for dormir? Estou tão casada... — beijei sua testa e fui para o meu quarto.

Capítulo cinco



Nina

Meu quarto ficava ao lado do de Mirna. Tinha um guarda roupa de tamanho médio à esquerda, uma cama no centro, um rack com meu notebook e alguns livros à direita. Fui tomar um banho, livrando-me de toda a roupa. Deixei a água correr pelo meu corpo e levar todas as minhas tensões embora. Após o banho, vesti uma das camisas do Liam que estava comigo e fui dormir.

Acordei um pouco depois da hora do almoço, troquei de roupa e a Mimi fez um prato bem caprichado para mim. Depois de comer tudo, resolvi dar uma volta pela cidade. Como era sábado, apenas as crianças do abrigo estariam no centro, por isso deixei para ir na segunda e visitar todos de uma vez só.

Caminhei até o mercadinho e comprei algumas coisas. Eu queria fazer um agrado para Mimi, então faria um pão caseiro que tinha aprendido com a Nat e, apesar de não ter muitos dotes culinários, tinha saído muito bom.

Estava passando pela parte mais pobre de Porto Bello quando avistei várias crianças pedindo comida. Elas eram em muitas e variavam entre meninas e meninos, mas um me chamou a atenção: seus cabelos eram castanhos encaracolados e seus olhos verdes. Ele era bem mirrado, parecia que não se alimentava há dias. Eu me aproximei dele e o mesmo deu um passo para trás.

— Está com medo? Não precisa se assustar — disse calmamente, mas ele não me respondeu e continuou a me encarar. — Não vai mesmo falar comigo, meu príncipe? — Perguntei e ele continuou calado, então uma menina disse: — O Bernardo não sabe falar não, tia — surpreendi-me.

Ele tinha o mesmo nome do meu anjinho e isso tocou em meu coração. Então, processei o que a garota me dissera e o fato de ele parecer tão mais magro em relação aos outros fez sentido para mim.

— Está com fome? — Perguntei gesticulando para comida e apontando para barriga. Eu não sabia falar em sinais, mas duvidava que o menino soubesse, também. Sentia uma ligação inexplicável com ele, não sei se por ele ter o mesmo nome do meu anjinho, ou por ele ser alguém que necessitava de tantos cuidados.

— Não quer levar um desses não, moça bonita? — Perguntou-me uma mulher que aparentava ser muito mais velha do que provavelmente era.

— A senhora não pode oferecer crianças assim! Sabe que isso é crime, não é? — Falei espantada com sua atitude.

— São meus filhos e com eles faço o que bem entendo. Vai querer levar um deles ou não? — ela perguntou novamente.

— Você me daria um dos seus filhos assim? A senhora nem me conhece! — Exclamei. Será que ela propunha isso a todos que passavam por essas bandas?

— Claro que daria! Eu estou louca para me livrar deles. Pode escolher qualquer um — Ela apontou para o amontoado de crianças que me encaravam, mas apontou para o Bernardo e disse: — Menos esse daí, ele veio com defeito! — Quando ela disse isso, subiu-me uma vontade de quebrar a cara dela. Como ela poderia falar dessa maneira do próprio filho? Eu estava com muita raiva!

— Pois eu adoraria ficar com ele! — Disse apontando para o menino, que agora estava sentado em um canto. Ele deve ter sentido a ira das palavras duras de sua mãe.

— Com tantos bons, vai escolher o defeituoso? Pense bem, moça, não aceito devolução.

— Nunca mais fale dele dessa maneira, ou eu não respondo por mim! — Disse de maneira firme e ela visivelmente se amedrontou.

— Pois bem. Se quer ficar com esse, pode levar, mas não aceito devolução! — Ela falou novamente.

— Voltarei aqui apenas para garantir isso — caminhei até ele tentando dissipar a raiva no

caminho. Será que eu conseguiria fazer isso? A última vez que entregara meu coração a alguém, ele se partira. Olhei para aqueles olhos tão meigos: como alguém poderia ser má com uma criança? Eu não o levaria a força, precisava arrumar uma maneira de me comunicar com ele.

— Eu volto, está certo? Voltarei aqui para te buscar se você quiser. Você gostaria de vir comigo, meu príncipe? — Perguntei na vã esperança que ele compreendesse que eu não estava o deixando ali, que eu voltaria.

Então ele sorriu para mim, um sorriso bem fofo, é acho que ele queria ir comigo. Sorri para ele também, tentando passar a promessa de que eu voltaria para buscá-lo. Era surreal a maneira como eu estava me sentindo sobre ele. Eu tinha deixado de criar vínculos com crianças depois que perdi o meu bebê. Apesar de ter o Centro, eu tentava não me apegar tanto às crianças que moravam lá, porém com esse garoto foi totalmente diferente. A maneira como ele me olhava mostrava que ele se sentia da mesma maneira, ele queria ser amado e eu sentia que podia dar amor a ele, por isso voltaria.

Como a cidade era pequena, caminhei em direção ao gabinete do prefeito. Cheguei anunciando quem eu era e pedindo para falar com o Rafael, ou senhor Guimarães, para todos os outros. Para mim, ele ainda era o garoto chato e espinhento que vivia dando em cima de mim, mesmo depois de eu ter confessado a ele tudo que passei.

— Vejo que voltou à cidade, Antonina — uma voz bastante máscula falou atrás de mim.

Virei-me e quase babei. Rafael estava extremamente gostoso e musculoso, com o cabelo loiro, uma barba rala no rosto, olhos verdes e um sorriso de matar qualquer uma.

— Uau, Rafael — Abracei-o. — Há quanto tempo! E você virou prefeito! Quem diria?

Ele soltou uma risada bem gostosa.

— Também fiquei surpreso, mas realizei o sonho do meu pai. O velho quase morreu de felicidade quando eu fui eleito.

— Isso é tão lindo, Rafael. Que saudades dos seus pais! Da última vez que vim aqui, eles

estavam viajando.

— Eles foram para o Rio de Janeiro visitar a minha irmã, a Megan. Mas eu tenho certeza que não veio aqui para saber dos meus pais.

Fiquei envergonhada. Coloquei o cabelo atrás da orelha e disse: — Realmente não vim aqui para isso. Eu preciso da sua ajuda, Rafa.

Capítulo seis



Nina

— Vamos para minha sala — ele colocou a mão na base da minha coluna e direcionou-me à porta. — Não quero ser incomodado, Joana — ele disse à sua secretária, que não ficou nem um pouco satisfeita. Ele se sentou em um sofá na enorme sala. Sentei-me ao seu lado e disse: — Eu estava andando pela parte pobre da cidade e conheci várias crianças. Entre elas havia um menino que deve ter uns seis anos, no máximo. Pelo que percebi ele era mudo e a mãe dele praticamente o deu para mim. Acho que ela oferece as crianças a todos que passam por ali.

— Então você veio denunciar esse fato?

— Bem, sim. Mas na verdade eu quero mesmo ficar com aquele menino, adotá-lo. Ele está tão mirrado, acho que, por ele não falar, não se alimenta direito.

— Não sei em que posso te ajudar ainda, Nina.

— Vou entrar com o pedido de adoção, mas esses processos demoram. Eu preciso que você o agilize, entende? Eu te agradecerei pelo resto da minha vida se fizer isso por mim.

— Olha, Nina, um amigo meu é juiz. Consiga um bom advogado que, assim que estiver faltando só a audiência, farei com que ela não demore a ocorrer.

Abracei-o novamente — Muito obrigada, Rafael. De verdade, o que senti por aquele menino foi tão puro e verdadeiro... Ele precisa de mim tanto quanto preciso dele.

— Aqui está o meu número, ligue quando for necessário — ele falou ao nos despedirmos.

Peguei o número do Rafa e fui para casa. Chegando lá, expliquei a Mimi tudo o que estava

acontecendo. Eu estava tão nervosa, com medo de dar tudo errado ou de demorar demais... eu precisava me acalmar. Fui até o lago que ficava dentro do sítio e nadei por algumas horas. Ao voltar para casa, mandei uma mensagem para o Liam.

>>*Sinto sua falta* <3

Queria tanto recorrer a ele naquele momento, mas sabia que o melhor para nós era ficarmos distantes.

Mais tarde, naquele dia, estava jantando com Mimi quando meu celular tocou. Eu estava aguardando essa ligação porque tinha mandado diversas mensagens para ela depois de mandar aquela mensagem para Liam.

— Oi, Carla.

— Nina! Vi suas mensagens só agora. Eu estava em uma audiência bem cansativa. Aconteceu alguma coisa?

— Eu preciso de você como amiga e como advogada.

— Pode falar, se eu puder lhe ajudar...

— Pode sim. Eu quero adotar um menino que eu conheci hoje, o nome dele é Bernardo e, pelo que entendi, ele é mudo. A mãe o trata como um nada, deve ser por isso que ele está tão magrinho. Ela praticamente o deu para mim hoje, mas optei por não o levar logo. Quero fazer tudo certinho.

— Você fez bem. Nina. Apesar dela ter lhe oferecido a criança, ela poderia mudar de ideia e acusar-lhe de sequestro. Precisamos entrar com um pedido de adoção e a mãe dele irá nos servir como testemunha.

— Muito obrigada, Carla. Sabia que poderia contar com você nesse caso.

— Amigas são para essas coisas, Nina. Mas preste atenção, esses casos demoram. Mesmo ela querendo lhe dar a criança, todo processo de guarda é complicado. Vamos ter paciência, ok?

— Eu tentarei ser paciente. Eu falo com você amanhã?

— Vou desmarcar os meus compromissos aqui na cidade e irei para Porto Bello, quero

auxiliar em todo o processo.

— Muito obrigada, Carla. Não sei o que faria sem você. Até amanhã. Beijos.

Desliguei e fui tentar dormir. Meu dia tinha sido longo e, depois de tantas emoções, eu só queria tê-lo comigo. Era tão inexplicável essa ligação que nós tínhamos... eu não estava associando ele ao meu filho, mas talvez Deus estivesse me dando a oportunidade de amar alguém que precisava desesperadamente ser amado.

Acordei super cedo na manhã seguinte. O galo nem tinha cantado ainda, mas os nervos ansiosos do meu corpo não me mantiveram na cama, então levantei, escovei os dentes, tomei banho, fui fazer um café e aproveitei e fiz também um pão de arroz. Mimi acordou no momento em que eu estava tirando do forno. Tomamos café juntas e fui me arrumar para ir buscar a Carla na rodoviária.

Quando cheguei lá, a Carla estava me esperando com sua pasta e uma mala. Eu a abracei e disse: — Muito obrigada, Carlinha. Não sei o que faria se você não viesse.

— Você arrumaria um jeito, Nina. Agora vamos iniciar os exames, precisamos fazer alguns que comprove que você não tem nenhum problema orgânico.

— Orgânico? — Perguntei confusa.

— Sim, como câncer, problemas cardíacos ou algo assim, isso dificultaria muito a adoção e eles não liberariam. Eu sei que você não tem, mas precisamos de provas laboratoriais.

— Eu conheço uma clínica ótima aqui perto, podemos ir lá. O que mais terei que fazer?

— Você terá que fazer uma avaliação psicológica, eles irão detectar se você quer mesmo adotar ou é algo supérfluo. E também iremos precisar de um laudo psiquiátrico que irá apontar se você tem condições psicológicas de adotar aquele menino.

— Nossa, precisamos de tanta coisa... — falei enquanto caminhávamos até o carro.

— Não desanima, minha amiga! Creio que em uma semana conseguiremos tudo isso. Podemos ir na cidade vizinha se for preciso, mas você é uma Medeiros de Sá, Nina. Usa teu nome a seu favor uma vez na vida — Carla disse me abraçando, dando todo o apoio que eu precisava naquele

momento.

Demorou uma semana para que pudéssemos ir ao fórum com todos os documentos que seriam necessários. A terapia não era algo novo para mim, após a morte do meu bebê, eu fiz por um tempo por ordens do meu médico. Então, dessa vez, optei por fazer com o mesmo psicólogo que me atendeu a anos atrás.

Doeu ficar toda essa semana sem poder ver o Bernardo, mas essa distância era necessária para o bem de nós dois. Sentia saudades do Liam também, queria que ele estivesse ao meu lado. Talvez seu companheirismo fizesse tudo isso ser mais fácil para mim.

Estávamos Carla e eu a caminho do fórum de Porto Bello, e durante o caminho ela explicava o que faríamos.

— Nós abriremos uma ação solicitando a guarda do menor e explicando o porquê de você querer a guarda. Podemos falar a maneira como o menino está vivendo. Pelo que você me explicou, ele tem uma deficiência, não é?

— Ele é bem mais magro que os outros e não fala. Eu acho que ele pode ter alguma deficiência, sim — disse enquanto eu mudava o caminho, precisava falar com a mãe dele antes.

— Como você não é parente dele, vai levar um tempo até eles te darem a guarda. Eles irão verificar seus antecedentes e se tem residência própria, mas como você é meio que uma figura pública por aqui por ser dona do Centro, essa parte vai ser fácil.

— Espero que dê tudo certo, Carla. Eu normalmente fico na casa da Mimi, tenho até um quarto na casa dela, mas minha casa mesmo fica em um sítio à beira-mar na parte mais distante da cidade. Posso morar lá durante esse tempo.

— Seria melhor — ela disse.

Estacionei e a Carla perguntou, confusa: — Onde estamos?

— Na casa do Bê. Eu preciso conversar com a mãe dele, porque se eu o adotar, não vai ter volta! Não quero que ela o peça de volta.

Descemos do carro, caminhei até a casa e logo avistei meu príncipe. Ele estava sentado sozinho no chão de barro, brincando com um carrinho daqueles de madeira.

Meus passos e os da Carla, fizeram barulho e ele se virou, como se estivesse nos escutando. Ao me ver, abriu um sorriso bem largo, igual ao do dia anterior. Era como se dissesse “*Você voltou mesmo!*” Sorri de volta e disse: — Oi, meu lindo — segurei sua mão enquanto ele olhava para mim com aqueles olhos verdes. Acho que não foi só eu que senti a ligação entre nós.

— Vejo que voltou, moça bonita — a voz daquela mulher quebrou nosso contato, fazendo-me virar para olhá-la.

— Eu disse que voltaria. Acho que precisamos conversar. Eu não estava brincando quando disse que queria ficar com ele.

Capítulo sete



Nina

— Vamos entrar, então! Quanto mais rápido fizermos isso, melhor.

Olhei para ele e entreguei o que tinha guardado na minha bolsa para entregá-lo.

— Fiz esse pão hoje para você, espero que goste — eu não sabia se ele estava entendendo o que eu dizia, mas ele pegou a vasilha e me deu um beijo na bochecha. Acho que ganhei seu coração.

Caminhei até a casa que estava em uma situação bem precária. Na sala, havia uma televisão pequena em um rack antigo, um sofá bem velho, e um tapete gasto no chão. Sentei-me no sofá ao lado de Carla e disse: — Ainda não nos apresentamos. Sou Nina Medeiros de Sá, e a senhora é...?

— Lúcia da Silva.

— Bem, senhora Lúcia, minha amiga tem muito interesse em adotar o Bernardo e a senhora, como mãe dele... — Carla ia dizendo quando ela interrompeu.

— Ele não é meu filho, é meu sobrinho!

Fiquei espantada com essa novidade. Ela não era a mãe dele e isso explicava muita coisa.

— Ele é seu sobrinho? O que aconteceu com os pais dele?

— Minha irmã morreu depois de ser espancada pelo marido. Ele se matou logo depois. Segundo os policiais, o Bernardo estava na casa de vizinhos no momento, mas a notícia o abalou muito, pois provavelmente já deveria ter presenciado algumas cenas de violência em casa... eu fiquei com sua guarda porque sou a única parente viva, mas olhe para mim, moça. Eu já tenho muitos filhos para criar e ainda me arrumaram mais um — depois que ela disse isso tudo, tentei imaginar como

estaria a cabeça do meu menino. Coisas assim traumatizam nós, adultos, imagina para uma criança que se viu sozinha de uma noite para o dia.

— Eu sei que a senhora não queria ele, mas não pode tratá-lo assim só por ele ser deficiente. Ele precisa de mais atenção, nunca reparou que ele está mais magro que todos os outros?

— Ele não é deficiente, a assistente social disse que ele ficou assim por causa do trauma, ele escuta muito bem, fez terapia pelo tempo que ficou no abrigo, mas não consegui dar continuidade depois que o trouxe para morar comigo — ela disse e eu me espantei novamente. Casos assim geram traumas muito grandes. Eu precisava dele comigo, precisava acalenta-lo e libertá-lo dessa dor que ele estava sentindo.

— A senhora quer mesmo passar a guarda dele para mim, certo? — Ela afirmou. — Bem, eu não conhecia toda a história do Bernardo, mas durante essa semana eu fiquei sem vir aqui, estava fazendo os exames necessários para adotá-lo. Eu abrirei a ação com o pedido da guarda. É provável que venham lhe entrevistar entrevistá-lo, verificar o modo como ele está vivendo, tudo isso.

— Eu não tenho condições de criá-lo, moça. Farei o que for preciso para que consiga a guarda ele.

— É ótimo ter sua colaboração. Eles devem entrar em contato em breve — Carla disse e saímos da casa.

Eu estava mais relaxada. Saber tudo isso do Bê só me deu mais vontade de protegê-lo, de ficar com ele e criá-lo como meu. Eu já o amava como se fosse, só precisávamos tornar isso oficial.

Caminhei até ele e vi que ele tinha comido todo o pão que estava na vasilha. Agora que eu sabia que ele podia me escutar, sentia-me mais à vontade para falar com ele. Eu só precisava fazer com que ele se sentisse à vontade para falar comigo.

— Hm, vejo que gostou hein? — Perguntei a ele. — Conversei com a sua tia e em breve ficaremos juntos, está bem? Eu prometo vir te ver sempre — peguei sua mão novamente, fazendo carinho. — Será que eu ganho outro beijo antes de sair? — Perguntei e ele beijou minha bochecha

novamente. Mal podia esperar para retribuir, mas sabia que deveria ir com calma. Eu precisava ser cautelosa e ganhar sua confiança.

Despedi-me e andei com a Carla em direção ao carro, mais confiante e com esperança de que tudo daria certo. Enquanto caminhávamos até a entrada do fórum de Porto Bello, Carla falou: — Depois que eles avaliarem tudo, irão começar as terapias em grupo, nas quais eles irão ver se você quer mesmo ser mãe daquele garoto. Avise ao Rafael assim que sairmos daqui, para ele agilizar o seu processo.

— Pode deixar, vamos lá entregar todos esses documentos logo. Espero que dê tudo certo — falei abraçando os documentos tentando de alguma maneira mandar energias positivas.

No Fórum, abri uma ação pedindo a guarda do menor Bernardo Ribeiro da Silva. Preenchi uma ficha com todos os meus dados, endereço e pessoas de confiança. Uma assistente social veio conversar comigo sobre o porquê de eu querer adotá-lo. Ela perguntou onde eu tinha o conhecido e eu aproveitei para mencionar o estado em que ele estava, o lugar onde morava e que a tia dele tinha muito interesse em que eu o adotasse, já que ela não tinha condições de criá-lo. Falei também o que eu fazia na minha vida e sobre o meu trabalho.

Depois da entrevista, ela agendou a minha terapia em grupo e a visita que faria a minha casa. Ela disse que iria conversar com o Bernardo e com sua tia, e que isso poderia levar uma semana.

Fui até a casa da Mimi e coloquei-a a par de tudo, explicando o porquê de ter que voltar para minha casa. Peguei minhas roupas e as coloquei na mala. A Carla também separou as coisas dela e fomos até o meu sítio. Ele ficava na parte Sul da cidade, os fundos do sítio davam para praia, proporcionando-me um espaço só meu.

Abri o portão e o Chico e o Bento vieram correndo em minha direção: um labrador e um pastor alemão, os meus bebês. Eu os deixava protegendo o lugar quando eu viajava. Além deles, o senhor Theodoro, meu caseiro, cuidava muito bem da casa para que ela não ficasse com um aspecto abandonado.

Abri as portas e janelas, arejando toda a casa, mostrei um quarto em que a Carla poderia ficar e fui para o meu, arrumei minhas roupas e fui fazer o jantar.

Fiz uma pizza caseira e abri um vinho. Estávamos relaxando e conversando sobre as merdas que tínhamos feito durante a faculdade. Eu tinha feito faculdade de administração logo que terminara os meus estudos: eu sabia o que queria e não deixei que nada atrapalhasse isso.

Afinal, as más notícias não acabaram depois da morte dos meus pais...

(...)

Fazia meses que meu filho tinha morrido e eu estava vivendo de um jeito deplorável. Eu não me alimentava direito, não saía de casa. É, talvez eu estivesse ficando depressiva. Após a morte dos meus pais, eu perdi meu filho e eu não tinha família. Quer dizer, eu tinha a Mimi e, se eu não tivesse ela, não sei o que faria.

Estávamos tomando uma sopa depois de Mimi praticamente me arrastar do quarto, quando bateram na porta. Eu não fazia a mínima ideia de quem era, não era comum baterem na porta dos outros nesse horário.

Mimi levantou-se e foi até a porta, voltando com um homem que reconheci rapidamente. Ele era advogado do meu pai e andava com ele como uma sombra. Não sabia o que ele estava fazendo ali.

— *Senhorita Medeiros de Sá, a senhorita não sabe o quão difícil foi lhe encontrar.*

— *Foi mesmo, Patrick? Porque souberam me encontrar rapidinho quando foi para contar que eles tinham morrido.*

— *Tente me entender, Antonina — fiz cara feia. Odiava que me chamassem assim. — Pensei que estivesse morta.*

— *Por que pensou isso?*

— *Foi o que o seu tio contou à cidade toda: que você estava junto dos seus pais na hora do acidente.*

— Não moro com meus pais há meses, como poderia estar com eles?

— O que passaram para gente foi que você tinha viajado para Europa, mas que tinha voltado para a cidade e que seus pais estavam lhe trazendo do aeroporto na hora do acidente.

Fiquei em choque com aquelas informações. Para que merda meu tio estava inventando aquilo tudo? Não tinha cabimento.

— Onde o verme do meu tio está agora?

— Na mansão. A senhorita foi dada como morta e tudo passou para o nome dele.

— Ah, mas que merda! Era isso que ele queria, não era? Ficar com tudo que era dos meus avós! Aquela casa é minha por direito! Meus avós deixaram-na para mim! — Falei alterando minha voz.

— Entenda, para todos os efeitos a senhorita está morta e a herança vai toda para ele. Confesso que achei estranho desde o começo, todo o acidente dos seus pais me pareceu muito estranho. Seu pai nunca saía sem o motorista e, desta vez, o José não estava com eles. Seu tio Marcos tomou posse de tudo dias depois. Não houve luto, nem nada disso, ele apareceu com um testamento que dava direito de tudo a ele essa semana, e foi quando descobri que estava viva. Então, resolvi lhe procurar.

— Por quê? O que eu posso fazer se aquele verme tem um documento que diz que tudo pertence a ele!?

— Porque eu tenho um documento que prova o contrário! — Ele tirou dois testamentos de sua pasta, um do meu avô e um dos meus pais. — Ambos documentos comprovam que a senhorita é herdeira de tudo, mas como ainda é de menor, tem um representante legal que cuidará de tudo isso para você até completar dezoito anos.

— Por favor, não me diga que é o verme do meu tio o meu representante legal! — Disse em tom suplicante.

— Não é, é a senhora Mirna de Oliveira. Ela é responsável pela sua guarda e sua

representante legal.

Sorri pela primeira vez em dias e abracei Mimi com tanta força que a deixei sem ar por alguns segundos.

— E o que devemos fazer, Patrick? Como podemos provar que eu ainda estou viva?

— Vou ver o que posso fazer legalmente, mas temos que ser cautelosos. Temo que seu tio pode tentar algo se souber que está viva.

— Está certo. Mas será que ele não já sabe onde estou?

— Pode ser que saiba e por isso peço que seja cuidadosa. Evite sair sozinha, ele pode muito bem tornar a sua morte real.

— Patrick, você acha mesmo que ele matou os meus pais?

— Infelizmente tudo indica que sim. Todo acidente foi muito estranho e os policiais não o investigaram por muito tempo, o caso logo foi arquivado.

— O tio Marcus sempre foi muito estranho, ele e meu pai sempre brigaram muito. Papai dizia que ele era muito ganancioso e que não entendia porque meus avós tinham deixado a herança para mim, que sou neta.

— Tentarei descobrir algumas coisas e amanhã volto com novas informações.

— Não vai ficar, Patrick?

— Não, estou em um hotel, acho que isso é o mais seguro para ambos. Guarde isso aqui — entregou-me os testamentos — como se sua vida dependesse disso.

Segurei os papéis em frente ao meu corpo, abraçando-os. Vi Patrick sair da casa e corri até meu quarto, guardando-os onde ninguém procuraria. Coloquei-os em cima da minha escrivaninha entre os milhões de papéis que estavam em cima dela. Duvidava que procurassem ali.

Na manhã seguinte, acordei cedo e fui caminhar pelo sítio de Mimi. Eu tinha aprendido a andar a cavalo, então selei Leon e fui cavalgar pela fazenda. Precisava tomar um ar fresco para

colocar minhas ideias no lugar, afinal meu único parente de sangue me queria morta. Apesar de não ser muito próxima dele, era horrível ver que a ganância vencida qualquer laço familiar que poderíamos ter.

Quando voltei, amarrei Leon e fui caminhando para a casa. Ao entrar, estranhei o fato da casa estar tão silenciosa.

— Mimi, onde você está? — Gritei. Fui até a cozinha, até o quarto dela, olhei em todos os banheiros, e nada dela. Caminhei até o meu quarto e levei um susto.

Meu tio Marcus estava com uma arma apontada para cabeça de Mimi, que chorava compulsivamente em seus braços.

— Então, sobrinha, o que vai ser? Vai me dar o testamento original, ou terei que matar sua querida Mirna?

— Não faz nada com ela, Marcus! Deixa a Mimi fora disso! Essa briga é entre mim e você! — Disse a ele.

— Ora, ora, eu não sei disso não, já que, se bem me lembro, essa empregadinha — pressionou a arma na cabeça de Mimi e lágrimas escorreram de seu rosto — era bem próxima dos seus pais, eles podem muito bem ter deixado alguma coisa para ela! — Ele gritou.

— Calma, não faz nenhuma besteira! Não precisa machucar a Mimi, ela não tem nada a ver com isso. Você veio atrás de mim, seu verme ganancioso. Termina o que você começou, afinal aquilo tudo sempre foi meu, não precisava matá-los! — Quanto mais eu dizia, mais nervoso ele ficava e, com calma, eu me aproximava.

Ele intercalava a arma entre mim e ela, tremendo. Mas eu tinha um plano. Crescer em uma mansão com vários seguranças tem suas vantagens, afinal de contas. Eu iria imobilizá-lo e afastar a arma dele.

— Deve ser difícil, né, tio? Ser o filho rejeitado pelos pais e afastado da família, eu sei o que passei até aqui. Mas graças a essa mulher aí eu não me tornei um verme feito você! — Ao

terminar de dizer isso, aproveitei que ele estava prestando atenção no que falava e bati na sua mão.

A arma caiu próximo à minha cama e ele soltou Mimi para correr atrás da arma, mas ela deu uma cotovelada em seu estômago. Ele parou, recuperando-se, então a empurrou, voltando a correr. Pulei em seu pescoço, derrubando-o no chão. Soquei suas costas repetitivamente, para machucá-lo, mas ele era maior e muito mais forte, então tirou-me de suas costas e bateu minha cabeça contra o chão. Fiquei um pouco zonza, mas não dei o braço a torcer, levantei minhas mãos empurrando seu rosto, arranhando, socando.

Ele bateu minha cabeça no chão duas vezes seguidas e minha visão turvou. Meu ouvido zunia e pisquei tentando recobrar a consciência, obrigando meu cérebro a resistir e ignorar a dor. Nesse meio tempo, ele alcançou a arma e mirou para minha cabeça, dizendo: — Tchau, tchau, sobrinha, espero que encontre seus pais — engatilhou a arma e eu esperei pela morte. Fechei meus olhos e escutei um tiro. Abri os olhos e o Marcus tinha caído ao meu lado. Ele estava com uma bala na cabeça e sangrava muito. Desnorteada, olhei para porta e Patrick estava ali, ao lado de José, motorista e segurança particular do meu pai.

Lembro vagamente de ter sido levada ao hospital e acordei no dia seguinte com Mimi ao meu lado, rezando um terço. Eu a abracei e agradei por tê-la em minha vida. Comecei a fazer terapia e, quando fiz dezoito anos, investi meu dinheiro, fiz faculdade, construí o Centro, comprei minha casa e sentime bem como há muito tempo não sentia.

(...)

Capítulo oito



Nina

Saí das minhas lembranças com o som do meu celular tocando, o visor piscava o nome do Vini. Atendi dizendo: — Oi, Vini, ainda bem que ligou. Tenho tanto a lhe falar que você não vai acreditar.

— Quero saber de tudo, Nina, mas antes preciso contar uma coisa — sua voz demonstrava ansiedade.

— Conta logo o que você aprontou, Vinicius.

— Saiu em todos os jornais, a Sara sofreu um acidente de carro na quinta avenida, o carro capotou diversas vezes e ela não resistiu, apesar de terem a levado às pressas para o hospital.

Fiquei em choque e, de repente, lágrimas escorriam do meu rosto. Nem conseguia imaginar como o Liam estava, mas se a Sara morreu, será que o bebê também...

— Diz que o bebê está bem, por favor! — Implorei.

— Está sim — suspirei aliviada. — Conseguiram salvá-la. Eu fui até o hospital e você precisava ver como ele estava, Nina. Desolado.

— É uma menina? Você falou com ele?

— Não. Os familiares dela estavam lá, eu nem sou tão próximo do Liam assim.

— Era para você ter falado com ele, ele precisa de alguém agora, Vini.

— Não é de mim que ele precisa, Nina. Eu queria que um homem daqueles precisasse de mim... — ele riu e continuou: — Mas olha, eu vou sair com o Rui e a Nat e depois eu ligo para saber

das novidades, ok? Acho que você precisa assimilar essa notícia primeiro.

— Ok. Obrigada por me ligar...

Fiquei encarando a tela do meu celular. Mesmo depois de tudo, o papel de parede continuava o mesmo: uma foto nossa na qual estávamos abraçados na frente do Pocket. Ele beijava meu pescoço e eu sorria para foto. Suspirei buscando coragem. Eu não podia largar tudo agora. Eu queria, mas precisava pensar em mim agora.

— O que aconteceu? Pela sua cara não foi nada bom.

— Não foi mesmo. A Sara morreu — contei a Carla, que já estava inteirada no assunto.

— O bebê também? Ai, meu Deus, o Liam deve estar arrasado — ela fala com pesar.

— A bebê está viva, conseguiram salvá-la, graças a Deus. Sei que ele precisa de mim agora, mas não consigo perdoá-lo. Não ainda.

— Eu entendo, Nina. E não se culpe por isso, você precisa pensar em você! Tudo tem seu tempo e com certeza, algum dia, você vai conseguir perdoá-lo, sabe por quê?

Com lágrimas no rosto, balancei a cabeça em negativo.

— Porque vocês se amam, amam de verdade, aquele amor puro e raro que só acontece uma vez na vida. Mas vocês precisam se resolver antes de se entregar novamente um ao outro.

Eu a abracei e chorei copiosamente. Estava arrasada, tudo o que ela tinha dito era verdade: eu amava o Liam e sabia que ele me amava, mas tínhamos que resolver nossas pendências antes de voltarmos um para o outro.

Capítulo nove



Liam

Eu estava sentado no sofá na casa da Sara, esperando-a chegar. Eu estava tão irritado... ela sabia que não podia sair, muito menos dirigir. Mas era teimosa e turrone, não me escutava. Aproveitou o momento em que eu estava tomando banho para sair e eu não tivera notícias dela desde então.

Liguei a televisão, colocando em um jogo qualquer para dissipar a raiva, quando Nicole, irmã da Sara, entrou correndo e, ao olhar para ela, percebi que ela estava chorando muito.

“Por favor meu Deus, que nada tenha acontecido com a minha filha!”

— O que aconteceu, Nic? Por que está chorando?

— A Sara, ela... — Ela soluçou.

Cheguei perto dela e a sacudi pelos ombros — Diga-me, pelo amor de Deus, Nicole! Aconteceu algo com a Sara ou com a minha filha?

Ela se assustou, mas engoliu o choro e disse: — A Sara sofreu um acidente de carro e foi levada às pressas para o hospital, mas não resistiu. A sua filha, ela... ela... — e começou a chorar novamente.

“Não! Droga!”

Corri para o hospital referência, tinha certeza que ela estava lá. Devo ter levado muitas multas, porque eu realmente não estava me importando com as regras de trânsito no momento.

Estacionei de qualquer jeito e corri até a recepção, disse o nome da Sara e eles me

encaminharam ao lugar onde estava a família dela. Sabrina, mãe da Sara, estava sentada em uma das cadeiras. Ela não chorava. Apesar de elas serem muito próximas, a senhora Valastro sempre me pareceu muito fria.

Aproximei-me e ela, ao escutar meus passos, levantou a cabeça e olhou para mim. Sentei-me ao seu lado e disse: — A Sara aproveitou a hora em que fui tomar banho para sair. Falei tanto a ela para não sair de casa, continuar em repouso... e agora eu perdi a minha filha — falei enquanto lágrimas caíam do meu rosto.

— Eu perdi a minha filha, perdi a minha Sara. Você não perdeu a sua, você não sabe a dor que estou sentindo. Eu disse a ela para não ter esse bebê e, se ela tivesse me escutado, ela estaria viva — ela disse com a voz carregada de rancor. Ela estava com muita raiva de mim, mas não entendia como ela, enquanto avó, odiasse tanto a neta.... Ela disse que eu não perdi minha filha...O que significa que ela está...!

— A minha filha não morreu!? Conseguiram salvá-la?

— Sim, a sua filha está viva. Não posso dizer o mesmo da minha — assim que ela terminou de falar, larguei ela ali com todo seu rancor e fui até a maternidade.

Chegando lá, procurei minha pequena. Fiquei tão confuso, parei uma das enfermeiras e perguntei: — Qual dessas aqui nasceu há pouco? A mãe dela morreu no parto...

— Ah, é aquela maiorzinha de cabelos castanhos bem claros. Você é parente dela?

— Sou o pai...

— Bem, papai, a sua Lua vai ficar aqui por um tempo, depois você poderá ficar com ela.

— Lua... Quem escolheu esse nome?

— A mãe, antes de morrer ela me disse que queria que o nome da filha dela fosse Lua, então fizemos sua vontade.

— Muito obrigado, de verdade — apertei sua mão já emocionado. Precisava sair dali. Ver minha filha brotou emoções em mim, emoções que eu não esperava.

Fui até o estacionamento e comecei a chorar. Eu estava começando a ficar desesperado, precisava ligar para alguém que me passasse segurança.

— Oi, Liam, tudo bem? — Melanie perguntou ao atender. Tentei responder, mas não consegui. — Calma, respira fundo e tenta me contar o que aconteceu — respirei fundo e limpei meu rosto. — Foi algo com o bebê?

— Não... a Lua está bem, ela é linda, tão perfeita, Melanie... — Consegui responder finalmente.

— Lua. Que nome lindo para minha afilhada, espero conhecê-la em breve.

Não respondi, respirando fundo para conseguir contá-la o que realmente aconteceu.

— Liam. O que aconteceu? Se ela está bem, por que está chorando? — Ela perguntou.

— A Sara morreu, Mel. Ela sofreu um acidente de carro, tão teimosa que era! Falei para não dirigir... tiveram que fazer o parto às pressas e graças a Deus conseguiram salvar a Lua. Mas ela infelizmente não resistiu. Não sei o que fazer agora, princesa, não sei cuidar de um bebê. Estou perdido — desabafei.

— Primeiro você precisa se acalmar, você é tudo o que a Lua tem agora. Você precisa ser forte por ela, entendeu? Quer que eu vá ficar com você?

— Não, Princesa, você vai para a Disney daqui a algumas semanas. Chris está sonhando com isso desde o aniversário dele. Vá se divertir que me viro por aqui — respondi.

— Você é quem sabe, Liam. Mesmo de longe eu estou te apoiando, você sabe, não é? Eu te amo muito. Você mais do que ninguém vai saber lidar com isso, tenho certeza — ela disse.

— Eu te amo, Princesa. Depois lhe mandarei fotos da Lua — falei desligando.

Respirei fundo, processando tudo que tinha acontecido. Queria tanto que a Nina estivesse comigo, precisava dela. Controlei-me para não ligar para ela. Sabia que precisávamos de um tempo. O que fiz não foi certo e eu sabia disso. Eu estava dando esse tempo a ela e quando fosse preciso, voltaria a lutar, mas agora precisava ser pai. Minha filha precisava de mim. Seríamos nós dois até a Nina voltar e aí talvez, se ela quisesse, viraríamos uma família.

Capítulo dez



Nina

Foi uma noite difícil. Eu só consegui dormir mesmo quando já estava amanhecendo. Levantei, fiz minha higiene pessoal e, quando fui me vestir, optei por um short jeans com uma blusa bem levinha e estampada. Calcei minhas sandálias e descí.

Procurei Carla e não a encontrei, então fui até a cozinha e vi um post-it colado na geladeira. Nele, dizia que ela tinha saído e que não demoraria.

Aprontei meu café da manhã, um suco de frutas com torradas. Assistia um programa de culinária quando meu celular tocou. Eu não reconheci o número, mas mesmo assim atendi.

— Alô?

— Oi, Nina, você não me conhece, mas Liam já deve ter falado sobre mim. Meu nome é Melanie — esse nome realmente não me soava estranho. Lembrei! Ela devia ser a Mel, a melhor amiga quase-irmã do Liam.

— Oi... — falei meio receosa. — Liam já falou sobre você, mas nós terminamos, então não sei porque você está me ligando — Bem, você não me deu muita escolha, então vou ser bem direta com você. Eu sei o que aconteceu entre você e o Liam. No seu lugar também estaria bem chateada, mas ele é o cara mais certinho que eu conheço. O único defeito dele é que, quando ele bebe, ele vira um inconsequente impulsivo. O que aconteceu quando vocês terminaram foi justamente isso, um impul...— Ela ia continuar, mas resolvi interromper. Já estava de saco cheio.

— Não preciso que defenda ou justifique os atos dele, não vou mudar de ideia, Se ele pediu para você fazer isso, está perdendo seu tempo — disse sendo curta e grossa. Queria acabar logo com isso.

— Pois bem. Eu só preciso que você saiba de uma coisa: o Liam é uma das melhores pessoas que conheço e não posso deixá-lo sofrer assim. Ele te ama e você está sendo injusta ao colocá-lo nessa posição. Ele não está com ela porque quer, ele vai ter uma filha. Quero dizer, já teve. A Lua nasceu essa noite. Sabe, eu queria muito estar com ele neste momento, mas não é de mim que ele precisa, não sou eu quem ele quer ao seu lado. Eu espero que você possa ser quem ele precisa, Nina — eu não respondi, apenas desliguei.

Tudo o que ela disse ficou martelando na minha cabeça. O Liam agora era pai e tinha uma filha, a Lua. Que nome mais lindo... sabia que ele precisava de mim e eu também precisava dele, mas em momento nenhum pedi que ele escolhesse entre mim e ela. Eu nunca faria isso, sua filha deve ser sua prioridade. O Liam precisava ser um pai para ela e eu daria um tempo para que ele fosse.

Estava limpando a casa quando a Carla chegou.

— Oi, Nina.

— Oi, Carlita, onde estava?

— Adiantando sua vida. Consegui que a assistente social e a psicóloga fossem à casa da Lúcia ainda hoje. Elas irão à casa deles durante esses dias, e na sexta eles virão aqui. Amanhã é a sua terapia grupal, será pela manhã no consultório da doutora Gomes.

Abracei ela bem apertado e rezei para que não demorasse.

— Dependendo do que acontecer lá, ela virá avaliar se sua casa atende as necessidades do Bê... — ela ia continuar, mas eu a interrompi.

— Você acha que devo dizer que moro em São Paulo? Meu apartamento é pequeno, mas daria sim para ele morar comigo.

— Você vai dizer a ela exatamente isso, porque quando você conseguir a guarda, ele vai com você para onde você for, Nina.

— Estou tão nervosa.... Preciso fazer compras — falei e ela riu.

— Boa sorte. Eu vou analisar alguns processos.

— Volto para o almoço, vou passar no Centro e depois no mercado —disse saindo de casa.

Ao chegar no centro, conversei com a Tânia, uma das mulheres que administrava o local e era o meu braço direito lá dentro. Eu confiava muito nela. Depois de saber como estavam as coisas, observei as crianças na sala de aula e, ao chegar onde ficavam as mais novas, encostei-me na porta e fiquei olhando para eles. Tinham meninos e meninas de três a cinco anos nessa sala e era o momento da história.

A professora contava e eles olhavam atentos a cada detalhe, estava tão distraída com a história que não percebi que uma mocinha me observava.

— Você não quer ouvir a história com a gente? A prô deixa, tia! Vem! Vem! — Ela segurou minha mão e me levou para dentro da sala.

A professora cumprimentou-me e falou com a menina: — Ana, já falei que tem que ter mais calma com as nossas visitas. Não pode sair puxando assim, mocinha.

— Ah, mas eu só queria que ela viesse escutar a história de pertinho, prô.

— E ela vai escutar, princesa. Só precisamos ter mais calma, certo?

Ela assentiu e, ainda segurando minha mão, puxou-me para sentar com ela.

— Desculpe-me, senhorita Nina, a Ana gosta muito quando temos visitas.

— Não precisa se desculpar. Eu queria entrar, mas eles estavam tão concentrados que não quis atrapalhar.

— A senhorita não atrapalha, fique à vontade. Eles adoram essa história.

Ela continuou a contar e logo eu estava rodeada de crianças, todos queriam um receber carinho ou qualquer demonstração de afeto.

Eu adorava estar lá por isso. Estar com todas aquelas crianças e ver o quanto eu fazia por elas valia mais que qualquer coisa.

Os três dias seguintes pareceram se arrastar para mim, já que a Carla me orientou a não visitar o Bernardo. Ela disse que eu precisava deixar que a assistente social visse a realidade dele.

Durante a terapia em grupo, conversei com outros que, assim como eu, tinham o desejo de ser pai ou mãe de alguma criança. O psicólogo nos avaliava através das perguntas que fazia e do que conversávamos entre nós, foi gratificante perceber que todos estavam ali pelo mesmo objetivo.

Na sexta, eu acordei bem cedo, fiz um café da manhã caprichado. Sucos, pães, frutas, frios e café estavam na mesa. A casa estava toda limpa.

Danieli, a assistente social, chegou um pouco depois das oito. Ela caminhou pela casa, olhando todos os cômodos e fazendo anotações. Eu e a Carla caminhávamos com ela, lado a lado. Quando terminou, sentamos à mesa e ela disse: — Bem, Nina. Durante esses dias eu observei a rotina do Bernardo e percebi que o trauma o deixou incomunicável. Ele não sente vontade de se expressar através da fala. Você vai lidar bem com isso?

— Vou sim, estou pesquisando muitas maneiras de lidar com isso. Quero levá-lo a uma terapeuta excelente lá em São Paulo.

— Outro ponto que queria falar com você. Você vive em São Paulo, em um apartamento lá, certo? Acha-o adequado para uma criança?

— Tenho um quarto para ele lá e, mesmo sendo pequeno, o apartamento é confortável.

— Ótimo. Avaliei e conversei bastante com várias pessoas que lhe elogiaram muito. Vasculhei a fundo sua vida e vejo que quer recomeçar.

— Quero sim. Eu senti uma ligação entre mim e ele desde a primeira vez que o vi. Creio que faremos muito bem um ao outro.

— Bem, após a minha primeira visita, a tia dele entregou uma procuração no juizado de menores abrindo mão da guarda e entregando-a a você. Uma audiência foi marcada para amanhã, na qual o juiz provavelmente determinará as visitas.

Emocionada, falei: — Você não sabe o quanto isso me deixa feliz. Eu já estava me

preparando para um processo longo e cansativo, mas graças a Deus está tudo ocorrendo bem rápido.

— Sim. O seu caso é um caso que não exige tanta demora e, como a tia dele está colaborando e seus exames e documentos passaram nas avaliações, creio que em breve você terá a guarda do garoto.

No dia seguinte, saí da audiência com a liberação para as visitas, que aconteceriam durante dois dias na semana por um tempo que seria determinado pela assistente social que nos acompanharia.

Então, durante duas semanas, eu conheci mais o meu pequeno. Bernardo e eu saímos juntos durante as minhas visitas, levei-o ao zoológico, ao museu da cidade e até o Centro, onde passamos o dia com as crianças durante o evento anual de conscientização sobre a adoção, que foi lindo como sempre. Recebemos muitos visitantes e ressaltamos ainda mais a importância de adotar crianças e adolescentes, e não apenas bebês.

Eu e a Carla nos revezávamos fazendo jantares diferentes e divertidos à noite e, quando a pior parte desses dias chegava, despedíamos-nos com lágrimas nos olhos.

Em pouco tempo, criamos um vínculo tão puro e especial e era tão palpável o quanto nos gostávamos que após a segunda semana de visitas, Danieli, a assistente social, disse que precisava conversar comigo. Estávamos juntas, tomando um café na minha cozinha, quando ela me entregou um envelope. Depois de abri-lo e ver o seu conteúdo, foi impossível controlar as lágrimas.

— Bem, devido a tudo que acompanhei durante essas duas semanas, eu conversei com os responsáveis pelo seu caso e juntos concordamos em lhe conceder a guarda provisória dele até o julgamento. Você pode ir buscá-lo na segunda.

— Obrigada, muito obrigada! — Falei levantando-me para abraçá-la.

— Não precisa agradecer. Eu vi de perto o carinho que você tem por esse menino e sei que você quer o melhor para ele. A guarda definitiva não foi dada imediatamente a você devido ao trauma do Bernardo, queremos ver como ambos se comportarão um com o outro constantemente. É

necessário que ele continue fazendo o acompanhamento com a psicóloga, ok?

— Sim, eu compreendo. Quero que o Bê fique bem, eu o amo e só quero o melhor para ele.

Apertamos as mãos e despedimo-nos. Olhei para o papel e o reli milhões de vezes: a guarda do Bê era minha. Era provisória, mas era minha. Lágrimas escorriam pelo meu rosto quando Carla veio me abraçar, comemorando comigo. Eu estava tão feliz, que a felicidade mal cabia em mim! Pensei em tudo que aconteceu durante esses meses e disse: — Preciso ver o Liam!

Capítulo onze



Liam

Lua havia recebido alta e, desde então, estávamos em meu apartamento. Ela dormia tranquilamente em seu berço, enquanto eu lia um dos diversos livros de bebês que eu tinha comprado.

Nicole enchia minha caixa de mensagens perguntando sobre a sobrinha. Ela estava me ajudando bastante, ensinando-me a fazer o mingau, trocar fraldas, dar banho, tudo isso.

Eu até que estava me dando bem e lidando bem com tudo, a não ser quando ela chorava, porque nessas horas eu chorava junto, ainda mais quando eu não sabia o motivo do choro dela.

Olhei as horas, levantei e fui fazer seu leite. Daqui a pouco ela acordaria e provavelmente estaria com fome. Fui até a cozinha, esquentei a água e peguei a fórmula que era o mais usado para substituir o leite materno. O fato da Lua não receber os nutrientes do leite materno me preocupava muito. Sempre que eu a levava ao pediatra, eu o questionava sobre as consequências disso.

Estava colocando o leite na mamadeira quando a campainha começou a tocar. O barulho fez a Lua acordar e iniciar um choro, pelo que vi na babá eletrônica.

Passei pela porta em direção ao quarto, gritando: — Espera um pouco, eu já vou.

Caminhei até o berço e peguei minha princesa, que faria dois meses daqui alguns dias, e segurei-a com cuidado. Antes eu tinha medo de quebrá-la ou de deixá-la cair, mas com o tempo fui me sentindo mais seguro, afinal ela era minha filha e precisava de mim.

Abri a porta e, antes de olhar quem estava ali, endireitei o bico de Lua. Ao levantar meu rosto, deparei-me com o par de olhos que rondava meus pensamentos desde o dia em que tínhamos

brigado.

— Oi, Liam — Nina estava parada na minha porta com uma mochila nas costas, e tudo que se passava na minha cabeça era: Será que ela tinha me perdoado?

Capítulo doze



Nina

Mais tarde, naquele mesmo dia, resolvi ir conversar com meu príncipe. Bernardo estava sentado na frente da casa de sua tia, usando roupas gastas e surradas. Seu cabelo estava grande demais: eu precisava dar um jeito nisso quando ele estivesse comigo.

Caminhei até ele e ele sorriu, estava com uma janelinha nos dentes de cima.

— Oi, meu príncipe — sorri agachando-me em sua frente e segurando suas mãos.

Ele me abraçou fortemente e puxou-me para que eu me sentasse ao seu lado.

— Bem, vim para lhe dizer que, a partir da segunda-feira, você vai morar comigo! — Ele arregala os olhos, surpreso. — A assistente social deixou você ficar comigo, então na segunda eu venho te buscar bem cedo — ele me enlaçou num abraço muito apertado. Retribui e notei que lágrimas escorriam naquele rostinho lindo. Limpei-as, dizendo: — Eu também chorei de felicidade quando soube disso e mal posso esperar para poder te levar para casa, para ter você junto comigo. Mas para te distrair nos dias que você ainda tiver que ficar aqui, eu trouxe isso — entreguei a ele um caderno cheio de desenhos que fiz, junto uma caixa com lápis de cor. — Lembra quando me disse que gostava de pintar? Naquele dia no museu quando te mostrei os desenhos? — Ele balançou a cabeça, afirmando. — Eu mesma fiz esses desenhos e espero que se divirta pintando. Agora eu tenho que ir, mas volto na segunda. Eu prometo — eu o abracei e ele retribuiu o abraço, dando-me um beijo na bochecha.

Voltei para casa pensando no quanto Deus era bom e estava me abençoando, afinal eu não

esperava me tornar mãe novamente, não depois do meu anjinho.

Peguei a estrada no sábado de manhã, cheguei em Salvador a tempo de almoçar antes de pegar o meu voo. Quando cheguei a São Paulo, fui em direção ao apartamento do Liam, que ficava em um bairro nobre da cidade.

Toquei a campainha e escutei ele gritando para esperar, endireitei a mochila nas minhas costas e a porta abriu. Ele não tinha me visto ainda, pois estava arrumando o bico na boca da Lua, que estava em seu colo. Ao levantar o rosto e me ver, ele ficou surpreso, poderia imaginar o que se passava em sua cabeça.

— Oi, Liam.

— Oi, Nina.... Uau, não esperava lhe ver tão cedo.

— Também não achei que conseguiria lhe perdoar logo, mas senti a necessidade de lhe ver e acho que precisamos conversar, certo?

— Sim, precisamos. Entra.

Entrei e fomos em direção à sala. Ele se sentou no sofá e colocou a Lua em um bebê conforto. Ela resmungou um pouco.

— Está na hora de ela comer, vou buscar o leite dela e já volto.

Ele saiu indo em direção à cozinha, deixando-me sozinha com aquela preciosidade. Lua era definitivamente o bebê mais fofo que eu já tinha visto. Seus olhos eram azuis como os do Liam, seu cabelo era castanho num tom acobreado, tinha bochechas gordinhas, daquelas que dão vontade de morder, e um biquinho bem fofo.

Liam voltou colocando-a novamente em seu colo e dando-lhe o leite. Vê-lo dessa maneira fez a ficha cair. Liam agora era pai de uma menina que nem teve a oportunidade de conhecer a mãe. Não cheguei a conhecer a Sara, mas eu a odiei por tanto tempo que me senti até um pouco mal.

Lua dormiu e Liam levou-a para o quarto, voltando com uma babá eletrônica. Sentou na minha frente e, ao olhar em seus olhos, eu percebi que toda a raiva e mágoa que eu sentia dele pareceram evaporar, só restava amor ali. Eu o amava. Eu sempre soube disso, só não confiava o suficiente. Mas

agora, sabia que, para ficarmos juntos e construirmos uma família, eu precisava ser sincera e contar-lhe todos os meus segredos.

— Senti sua falta — ele disse entrelaçando nossos dedos. — Quase fui atrás de você, mas com tudo que aconteceu, sabia que precisávamos de um tempo.

— Ainda bem que não foi, o tempo precisava curar as feridas. Acho que o que sentimos um pelo outro se mostrou resistente, não é?

— Sim... mas para fazermos isso dar certo, Nina, precisamos confiar um no outro e nos entregar verdadeiramente.

— Sei disso, e é por isso estou aqui. Tenho tanto para lhe falar... — acariciei seu rosto.

— Pode falar. Você sabe que nada do que me disser vai mudar o que sinto. — Eu ia começar a falar, mas ele me interrompeu. — Antes que diga qualquer coisa, preciso fazer algo que tenho vontade desde que você entrou por aquela porta.

Ele se aproximou e me beijou. Foi um beijo lento e sedento. Estava com tanta saudade do seu gosto, do seu oque, do seu cheiro...

Não paramos só no beijo, precisamos um do outro. Acho que nossa conversa ficaria para depois, já que não conseguia falar e muito menos pensar com clareza enquanto o Liam distribuía beijos por todo o meu corpo.

Capítulo treze



Nina

Acordei na cama do Liam. Ele estava em um sono pesado ao meu lado, Lua não devia estar deixando-o dormir direito.

Falando nela, escutei um resmungo vindo da babá eletrônica, vesti uma camisa do Liam e fui em direção ao quarto da Lua, que era completamente rosa, um verdadeiro quarto de princesa, com todos os móveis brancos, um letreiro com seu nome em uma das paredes e diversos quadros com fotografias. Algumas eram da Sara e isso era legal da parte do Liam. Essa menina precisava saber quem era sua mãe.

Fui até seu berço e a retirei de lá. Era primeira vez que eu carregava um bebê tão novinho desde que perdi o Bernardo. Coloquei a chupeta em sua boca e sentei na cadeira de balanço.

Acariciei seu rostinho e fiquei ali apenas olhando para ela. Era a primeira vez que tinha um bebê tão perto de mim, ela tinha um cheiro tão bom. Não sei quanto tempo fiquei ali ninando-a, mas quando o Liam apareceu na porta, percebi que ela estava dormindo.

Mandei ele fazer silêncio, coloquei-a no berço e fomos juntos para sala.

— Acho que agora vamos conversar, não é?

— Não sei se resisto a você com minha camisa — ele falou de modo sedutor.

— Nada disso. Não vamos parar na cama novamente, porque eu realmente preciso te contar uma coisa.

— Pode falar.

Olhei no fundo de seus olhos, suspirei e soltei de uma vez: — Quando eu tinha dezesseis anos, descobri que estava grávida do meu namorado e, antes que tivesse a chance de contar a ele, minha mãe descobriu e me expulsou de casa. Não que fosse fazer alguma diferença contar a ele, afinal o Felipe só se importava com ele mesmo — respirei fundo. — Eu fui assaltada e tive que trabalhar como garçoneiro até consegui ir a Porto Bello para ficar com Mimi. Um pouco depois de fazer dezessete anos, meu filho nasceu. Ele estava tão fraquinho... sua saúde não era boa e eu nem pude carregá-lo — limpei as lágrimas que escorriam do meu rosto. — Tudo que ele conseguia fazer era segurar meu dedo, por isso a tatuagem: para me lembrar do meu anjinho.

Depois que disse tudo isso a ele, eu desabei. Liam não disse nada, apenas abraçou-me e acalentou-me em seus braços. Quando consegui parar de chorar, eu limpei minhas lágrimas e olhei para ele.

— Muito obrigado por confiar em mim, saiba que isso só faz crescer a admiração que tenho pela grande mulher que você é — beijou meus lábios suavemente.

— Tem mais uma coisa. Eu adotei um menino, o Bernardo. Ele é tão lindo e adorável. Ele é tão novo, mas já sofreu tanto, sabe? Parece que ele viu o pai agredir a mãe algumas vezes e na noite que ele resolveu acabar com ambas as vidas, ele não estava em casa, mas a notícia o traumatizou muito e por causa disso ele não se comunica verbalmente. Eu respeito isso, afinal eu nem imagino como ele deve se sentir em relação a tudo isso, mas a ligação entre nós dois foi tão forte... Ele precisa de mim, Liam, e eu preciso dele.

— Uau — ele entrelaçou nossos dedos. — Parece que seremos uma família bem grande, não é?

— Seremos, sim — Disse sentando em seu colo e o beijando apaixonadamente.

Mais tarde, estávamos jantando uma macarronada com molho branco e camarões, enquanto Lua estava deitada em seu bebê conforto, entretida com o móvel.

— Preciso voltar amanhã de manhã — disse entre algumas garfadas.

— Mas já? Por quê? — Ele me perguntou confuso.

— Terei a guarda provisória do Bê na segunda, preciso estar lá. Vou aproveitar que estou aqui para comprar umas coisas e ir ao Pocket.

— Entendi, e quando você terá a guarda definitiva?

— Provavelmente levará uma ou duas semanas para o julgamento, mas estou tranquila, tudo está ao meu favor, aquele garoto precisa de mim.

— Sei que você é o melhor para ele, meu amor. Estava pensando em ir com você, vai ser legal conhecer a Mirna, o Bernardo e o lugar que você viveu durante todo esse tempo.

— Eu adoraria que você fosse — disse sorrindo para ele.

Dei a mamadeira a Lua e a ninei até que ela dormisse. Deitei ao lado do Liam e dormirmos juntos. Eu estava com saudade de dormir tão próxima a ele.

No dia seguinte, acordei bem cedo. Deixei o Liam dormindo, já que o mesmo teve que acordar algumas vezes de madrugada para alimentar e trocar Lua.

Fiz o leite da Lua e a alimentei, dei um banho nela com bastante cuidado, vesti-a com um dos milhares de conjuntinhos que tinham no seu guarda roupa e coloquei-a em cima do balcão da cozinha em seu bebê conforto enquanto fazia o café da manhã.

Quando o Liam acordou, eu o deixei com Lua e fui tomar um banho e me arrumar. Fui até minha casa checar se estava tudo certo por lá, dei uma passada no Pocket e vi que meus sócios conviviam bem com minha ausência. Descobri que a Nat e o Rui estavam tentando ter um bebê e fiquei feliz por eles. Contei a todos sobre o Bê e eles ficaram loucos para conhecê-lo.

Fui almoçar com o Vini, que me pôs a par de todas as novidades e disse que mal podia esperar para conhecer o afilhado.

— Está se intitulando padrinho dele?

— Claro, né, amiga? Quem mais seria se não fosse eu?

Dei risada e disse:

— Estava pensando no Rui e na Nat.

Ele fez cara de ofendido.

— Você não faria isso! Só passando por cima do meu cadáver.

Gargalhei.

— O almoço está muito bom, mas preciso pegar um voo.

— Beleza, mas volte logo, viu? Eu não sei ficar tanto tempo sem você — ele me abraçou e nos despedimos.

Quando estava caminhando até a entrada do apartamento de Liam, vi um oficial da justiça parado em sua porta, entregando-lhe uma intimação.

Assim que ele saiu, fui em direção a um Liam pálido e nervoso.

— O que tem nessa intimação?

— É um pedido de guarda vindo da mãe da Sara. Ela está me acusando de diversos absurdos — ele disse passando a mão pelos cabelos. — Não sei porque ela está fazendo isso, já que ela não gosta da minha filha. Desde que a Lua nasceu, ela não se importou em vim ver a menina.

Fiquei em silêncio absorvendo tudo isso que ele tinha acabado de dizer. Justo quando as coisas pareceram melhorar, aconteceu uma coisa dessas.

Capítulo catorze



Nina

— Acho que você vai precisar de um advogado. Um bom advogado. Porque por mais que ela seja avó, você é o pai da Lua. Todos que lhe conhecem sabem que você não a machucaria, nem a trataria mal.

— Vou ligar para o Pedro... Ele fez faculdade comigo e é um advogado excelente.

— Ótimo, faça isso — disse abraçando-o. — Vou dar um banho nela e arrumar minhas coisas.

— Eu já arrumei as coisas da Lua. Eu acho que peguei tudo, você podia só conferir para mim?

— Claro, mas você ainda quer ir?

— Sim, por que não iria? O que Sabrina quer é me intimidar, fazer com que eu sofra porque, para ela, eu sou o culpado da morte da Sara, mas minha consciência está limpa. Eu não vou deixar que ela me atinja tirando minha filha de mim.

— Eu também não irei permitir, meu amor. O lugar da Lua é aqui, com a gente. O ar puro vai fazer bem a vocês, você vai ver. Ligue para o Pedro que eu vou arrumar as malas — dei-lhe um selinho e fui dar um banho na Lua.

Quando terminei de vestir um macacão nela, ela já estava dormindo. Coloquei-a no berço e fui arrumar sua mala. Liam já tinha separado a maioria das coisas, então só acrescentei algumas peças de roupa, depois fui ao quarto do Liam e arrumei sua mala. Como ele era bem organizado, não

tive muito trabalho. Colocamos tudo no carro e fomos para o aeroporto. Nosso voo não demorou a sair e, enquanto Liam acalmava a Lua em seu colo, eu lia um romance no Kindle.

Assim que pousamos em Salvador, pegamos o meu carro e seguimos para a estrada. Liam dirigia enquanto eu explicava a ele o caminho.

— A Lua dormiu, eu sabia que isso acabaria acontecendo — falei pegando meu celular.

— Ela costuma dormir nesse horário, mesmo. Daqui a pouco ela vai querer comer alguma coisa, mas como o trânsito está livre, chegaremos em breve — ele disse apertando levemente minha coxa.

Concordei e liguei para Carla, esperando que ela estivesse próxima do celular. Aquela cabecinha de vento perdia-o em qualquer cômodo da casa.

— Carlinha! Ainda bem que você atendeu! Preciso de um favor! — Falei assim que ela atendeu.

— Boa tarde para você também, Nina! Diga o que você precisa. Quem sabe consigo providenciar ainda hoje.

— Não sei se você vai conseguir, mas preciso de um berço para a Lua. Depois eu providencio o resto. Nós provavelmente chegaremos aí de madrugada e eu esqueci de ligar antes para pedir isso.

— Você é muito esquecida, Nina! Mas verei o que posso fazer, tirarei proveito da sua influência. Até amanhã! — Ela falou se despedindo.

Quando chegamos em Porto Bello, já havia anoitecido. Os cachorros estavam soltos, por isso os prendi antes de tirarmos as malas do carro.

Caminhamos até a porta ao lado do meu quarto e eu levei um susto: o quarto estava totalmente mobiliado com berço, cômoda, trocador, um tapete super fofo, vários ursos e quadros decorando o quarto. Eu estava encantada.

— A Carla é louca! Eu falei para ela comprar só um berço e ela descarregou toda sua parte materna aqui — disse ainda deslumbrada com a beleza do quarto.

— Está espetacular mesmo, mas eu pedi isso a ela. Nós vamos passar duas semanas ou mais aqui, quero que minha filha fique à vontade. Fiz mal?

— Não! Estou surpresa, só isso. Você não sabe o quanto eu quero arrumar o quarto do Bê, mas quero fazer isso com ele, aí controlo minha ansiedade e penso e como vai ser ele aqui comigo, com a gente... — comecei a chorar e ele me abraçou.

“Nossa, eu estou ficando uma chorona”

— Vai dar tudo certo. Daqui a algumas horas o nosso menino vai estar conosco — ele beijou minha testa e foi alimentar Lua.

Tomei banho e me deitei, tentando dormir. Liam entrou no quarto com a babá eletrônica na mão, colocou-a na cabeceira da cama e foi ao banheiro. Algum tempo depois, voltou de cabelo molhado e vestindo apenas um short. Deitou ao meu lado e me abraçou.

— Tente dormir, ou amanhã você não vai conseguir aproveitar a chegada dele.

— Eu sei. Eu estou tentando, mas estou tão animada e ansiosa.

— Você precisa relaxar — dito isso, ele começou a me fazer um cafuné e não demorou muito para sentir minhas pálpebras pesadas.

Acordei muito cedo no dia seguinte e fiz um café da manhã bem caprichado. Carla, assim que acordou, fez uma faixa de boas-vindas e encheu vários balões, pendurando-os pela sala.

Lua ainda estava dormindo, devia estar cansada. Por isso, toquei apenas sua fralda, que estava cheia, e dei-lhe a mamadeira — ela despertou levemente para sugar o leite e depois adormeceu. O fato de ela tomar mingau tão nova me incomodava um pouco. Eu sabia da importância do leite materno, os pediatras falavam muito sobre isso e, apesar de saber que havia leites que supriam essas necessidades, eu não queria que a minha Lua fosse privada de nada.

Tomei um banho e me arrumei para buscar o Bê. Quando eu estava calçando meus sapatos, senti mãos me puxando para deitar na cama e percebi que Liam tinha acordado.

— Bom dia, tigresa — ele disse beijando-me.

— Bom dia, meu amor. Tenho que correr, o Bê já deve estar me esperando.

— Vai lá buscar o novo membro da nossa família — ele disse isso tão naturalmente que eu literalmente suspirei. Eu estava completamente apaixonada por aquele homem.

Beije-o até que ambos ficássemos sem ar e fui buscar meu filho. Meu filho. Nunca imaginei que teria um novamente, e agora tinha dois. Deixei um beijo na testa da Lua antes de sair.

Capítulo quinze



Nina

Peguei o carro e dirigi até a casa da tia do Bê. Meu príncipe estava sentado na frente da casa, balançando suas perninhas e segurando uma mochila. Ao me ver, veio correndo em minha direção e abraçou minhas pernas.

Agachei-me em sua frente e abracei-o muito apertado. A assistente social também estava lá; ela me entregou os documentos de guarda provisória e disse que em uma semana teríamos o julgamento para guarda definitiva.

Coloquei-o sentado na cadeira do carro e disse: — Pensei em irmos cortar esse cabelo. O que acha?

Ele balançou a cabeça em negativo.

— Mas está tão grande, Bê! — Disse passando a mão por seus cabelos que já batiam no pescoço.

Novamente ele negou. Ok, Nina, uma batalha de cada vez.

— Vamos comprar roupas, então? E as coisas para o seu quarto!?

Ele balançou a cabeça positivamente e eu liguei o carro. Fomos para o que tínhamos de mais parecido com um shopping: uma rua com diversas lojas nas quais poderíamos encontrar de tudo.

Estacionei e caminhamos lado a lado, olhando todas as lojas. Ele apontou para uma de móveis, então entramos e escolhemos uma cama, um guarda roupa, tapetes, uma mesinha para desenhos. Deixei meu endereço e paguei uma taxa para que as coisas fossem montadas

imediatamente. Logo depois, fomos para outra loja. A cada brinquedo que ele via, seus olhinhos brilhavam, mas ele não pegava, ficava apenas encarando. Enfim, ele viu um boneco do Homem-Aranha e esticou sua mão para pegá-lo, mas voltou envergonhado.

— Gostou dele? — Perguntei e ele afirmou envergonhado. — Pode pegar, é seu. Vejo que gosta do Homem-Aranha, não é? Não é um dos meus heróis favoritos, mas se você gosta, eu gosto também.

Entreguei a ele e perguntei:

— Quer sentar aqui no carrinho!? Assim você pode continuar brincando — ele assentiu animado e cuidadosamente eu o carreguei. Tê-lo em meus braços foi uma das sensações mais maravilhosas que já experimentei em toda minha vida. Ele sorriu para mim quando o coloquei sentado.

Como era uma loja grande, peguei algumas roupas que julgava serem do seu tamanho: vários shorts, cuecas, camisas, casacos, jogos de cama, toalhas, roupão, roupas de banho, e várias outras coisas que crianças precisavam. Quando dei por mim, ele estava quase submerso no meio de tanta coisa.

— Está tudo bem aí embaixo? — Perguntei bem-humorada.

Ele assentiu, sorrindo. Ele estava muito fofo com aquela janelinha.

Paguei tudo e caminhamos até o carro. Quando chegamos lá, ele apertou a minha mão como se estivesse com medo. Agachei-me em sua frente, tirei aquela cabeleira do rosto e disse: — Meu amor, não precisa ficar com medo. Vai dar tudo certo e ficar tudo bem. Sabe quem está lá dentro? A Mimi, que será como uma vó para você, a Carla, o Liam e a Lua, uma bebezinha muito fofa, e todos eles lhe amam muito e só querem seu bem, estão não precisa ter medo — beijei sua testa e voltamos a caminhar.

Quando ele viu todo mundo, os balões, a festa que fizeram ao vê-lo, ficou um pouco assustado e se escondeu atrás das minhas pernas. Acariciei seu monte de cachos, tentando tranquilizá-lo.

Mimi pôs-se em sua frente e falou com ele. Carla fez o mesmo, mas quando o Liam veio até

nós, ele se escondeu.

— Não vai falar comigo, garotão? — Liam perguntou.

Ele balançou a cabeça, negando.

— O que foi Bê? O Liam não vai te machucar... — Acariciei seus cabelos, e ele se negou novamente.

Liam olhou para mim, meio triste. Selei nossos lábios e disse: — Dê um tempo a ele — então voltei-me para Bernardo. — Venha comigo para comermos alguma coisa, Bê — segurei sua mão e levei-o até a mesa.

— Vou buscar a Lua, ela já deve ter acordado — Liam disse subindo as escadas.

Fiz um prato bem caprichado para Bê, que comeu bem depressa. Liam desceu com a Lua algum tempo depois: ela estava de banho tomado e com aquele cheirinho gostoso de bebê.

Peguei-a no colo e a aproximei do Bernardo, sorrindo. Ele olhou para ela e se aproximou com cuidado, tocando em sua mãozinha.

— Bê, essa é a Lua — apresentei-os e ele olhou para mim com aqueles olhinhos carinhosos, mas logo voltou a olhá-la, completamente encantado.

Sentamos todos juntos no sofá. Liam serviu-nos picolés e, mesmo receoso sobre ele, Bê pegou um de morango. Comemos e conversamos bastante. Bernardo permaneceu ao meu lado segurando minha mão e reservando sua atenção a Lua — eu estava encantada com a maneira que ele ficava com ela.

Depois de deixar alguns presentes para o Bê, Carla avisou: — Nina, estou saindo! Os montadores já terminaram lá em cima e deixaram tudo perfeito, já conferi — ela beijou meu rosto e saiu.

— Também já vou, minha menina. Quero terminar os meus crochês ainda hoje, estou fazendo uma toalha linda — Mimi despediu-se de mim e Liam resolveu acompanhá-la até a saída para poder soltar os cachorros na volta.

Então continuei na sala, ficando com a Lua no colo. Assim que ele voltou, Liam comprou um presente para o seu afilhado, Christopher. Bernardo não saía do meu lado. Um tempo depois, Lua voltou a dormir e eu a coloquei no bebê conforto.

— Vamos lá em cima ver o seu quarto e tomar um banho, Bê?

Ele segurou minha mão e subimos juntos até o quarto. Chegando lá, vi que a loja já tinha montado a cama e o guarda roupa, a mesinha para desenhos e um tapete com desenhos de aviões no chão do quarto. Apontei o banheiro e perguntei: — Sabe tomar banho sozinho?

Ele afirmou e foi em direção ao banheiro. Mostrei a ele onde estava o sabonete. Ele tirou a roupa, ficando apenas de cueca, e entrou dentro da água. Creio que estava com vergonha. Abri a água e ele entrou embaixo, molhando os cabelos.

— Vou lavá-los com shampoo, está certo? — Ele balançou a cabeça, afirmando. — Feche os olhos para não arder.

Lavei seus cabelos, enxaguei e deixei para que ele se ensaboe. Deixei a toalha pendurada no gancho e fui arrumar suas roupas. Um tempinho depois, ele saiu todo enrolado, seus cachinhos pingavam pelo chão. Mostrei sua roupa em cima da cama, mas em vez de vestir, ele entregou-me e silenciosamente pediu que eu o ajude a se vestir. Arrumei-o e sequei seus cabelos, dizendo: — Pronto, limpinho e cheirosinho — dei um abraço nele, beijando suas bochechas.

Ele pegou a mochila que tinha trazido e começa a retirar as coisas de lá. Tirou o livrinho de desenhos que eu tinha lhe dado, o estojo de lápis de cores e duas fotos: havia uma mulher sozinha na primeira, ela tinha os cabelos compridos e castanhos, seus olhos eram verdes, ela era magra, alta e parecia feliz; a outra foto era da mesma mulher, com um bebê no colo, ela estava sorrindo, apertando o bebê em seus braços.

Olhei para ele e perguntei:

— É a sua mãe?

Ele assentiu e lágrimas começaram a escorrer de seu rosto. Meu coração apertou-se.

Abracei-o novamente e instantaneamente comecei a chorar também.

— Eu quero que você seja feliz, sabia? Ela também iria querer, porque é isso que as mães querem para os filhos, a felicidade deles — apertei-o ainda mais em meus braços. — Eu demorei tanto para encontrar a felicidade, Bê, mas estar com você me deixa em um estado de felicidade que eu nem consigo explicar. Eu amo você como um filho, porque é isso que você é para mim agora. Meu filho.

— Também amo você, mãe — ele disse numa voz rouca e fraca pela falta de uso. Encarei-o.

Ele tinha falado! Meu Deus do céu, o Bernardo tinha falado comigo! Ainda estupefata, perguntei: — Você falou ou eu imaginei?

Ele sorriu em meio às lágrimas, limpou a garganta e disse: — Não, imaginou não — ele me abraçou novamente e eu o apertei, enchendo-o de beijos. Eu estava feliz como nunca estivera.

Capítulo dezesseis



Liam

Algumas semanas se passaram e, na audiência de guarda do Bernardo, pensei que a Nina fosse desmaiar ou vomitar de tanto nervoso. No momento que o juiz deu a guarda total a ela, ela chorou em meus braços. Logo depois, o menino correu até ela, abraçando-a e dizendo o quanto a amava.

O fato do Bernardo ter voltado a falar enquanto estava com a Nina só mostrou a assistente social e ao juiz o quanto ela estava apta a ficar com aquela criança. O amor da Nina, em conjunto com o acompanhamento psicológico, estava dando muito certo. Toda noite, ela contava uma história antes de dormir a ele enquanto eu ninava a minha princesinha, que estava agora com três meses.

Estávamos voltando para São Paulo naquele dia. Infelizmente, Sabrina não tinha desistido e ainda lutava para tirar a Lua de mim. Mesmo tendo perdido na primeira audiência, ela ainda insistia, porém eu não abriria mão da minha filha. Lua era minha. Sara não ia querer que a nossa filha vivesse longe do pai e eu não permitiria isso. Tinha conversado com Nicole e permitiria visitas, caso sua mãe retirasse as acusações e o pedido de guarda, mas Sabrina foi intransigente e não quis conversa.

Coloquei a Lua em seu bebê conforto e notei que o Bernardo estava me encarando. Nossa relação ainda não era das melhores: ele conversava com a Nina, a Carla, a Mimi e até com a Lua, mas não dizia uma palavra a mim. Apesar das minhas inúmeras tentativas, ele era bem relutante, mas eu estava determinado a conquistá-lo.

Paramos algumas vezes na estrada para comer e abastecer. Nina recebeu uma ligação no

caminho, e marcou uma consulta para a tarde seguinte.

— Algum problema, tigresa? Está doente?

— Não, baby, consulta de rotina. Não se preocupe — ela respondeu selando nossos lábios.

Em Salvador, pegamos um voo tranquilo para São Paulo e, ao chegarmos lá fomos direto para o meu apartamento. Como ele era mais espaçoso, optamos por ir morar lá, apesar de meu maior desejo ser irmos para São Conrado ou ficar em Porto Bello. Eu não me importaria em parar de exercer a advocacia para ter uma vida saudável com a Nina e os nossos filhos.

Na parte da noite, Nina estava fazendo o jantar, enquanto eu, o Bê e a Lua assistíamos “O Show da Luna”. Bernardo cantarolava a música da abertura e Lua balançava seus pezinhos no ritmo da música.

Meu celular tocou e, ao ver quem era, levantei-me para atender na outra sala, mas antes eu disse ao Bê: — Bernardo! — Ele tirou os olhos da TV e olhou para mim. — Olhe a Lua que eu vou atender essa ligação aqui na outra sala. Certo? — Ele balançou a cabeça afirmando e sentou ao lado da minha princesa.

Caminhei até a sala de jantar e disse: — Sabrina.

— Olá, Liam. Nicole me contou que voltou com a minha neta. Eu quero vê-la.

— Como já disse anteriormente, não pretendo afastar você da Lua, mas as inúmeras acusações que você fez contra mim no tribunal fizeram-me repensar se você é o tipo de pessoa que quero com a minha filha. Tentei um acordo de visitas de uma maneira amigável, e depois de três meses sem vê-la, sem nem ao menos ligar para saber dela, você quer ver a minha filha?

— Lua é minha neta, eu tenho direito de vê-la! Você não pode me privar disso, você tirou a minha filha de mim — ela gritou.

— Não deixarei que utilize esse argumento contra mim, Sabrina. Tenho plena consciência de que Sara não morreu por minha causa, foi apenas uma infeliz fatalidade. Se a senhora acha que assim vai ter minha filha, está muito enganada — disse e desliguei sem esperar resposta.

Respirei fundo e fiz menção de voltar para a sala, mas vi a Nina parada, observando-me. Eu

só tinha a agradecer por tê-la ao meu lado. Eu a amava tanto! Eu era completamente apaixonada por cada parte dela, cada gesto, cada atitude, tudo. Ela se aproximou enlaçando meu pescoço com seus braços e me beijando apaixonadamente.

— Estava falando com a Sabrina? — Ela perguntou avaliando-me.

— Sim, ela está querendo ver a Lua — respondi.

— E você vai levar a Lua até ela?

— Não, eu não confio nem um pouco nela.

— Também não confio... mas esqueça-a, vamos jantar. Eu fiz uma lasanha de frango deliciosa.

Entrelacei nossos dedos e fui até a mesa. Bernardo sentou ao meu lado e eu coloquei um pedaço para cada um de nós enquanto a Nina dava o mingau da Lua.

Na manhã seguinte, acordei sozinho na cama. Olhei para o relógio e vi que eram oito horas. Chequei a babá eletrônica e a Lua ainda dormia. Sentei-me na cama, esfregando os olhos, e achei um bilhete na cabeceira da cama.

“Amor,

Fui ao Pocket resolver umas pendências e a tarde vou ao médico. Pensei em irmos jantar lá no restaurante da Nonna, estou com saudades daquela macarronada.

Te amo,

Sua Tigresa.”

Sorri ao terminar de ler e fui fazer minha higiene matinal. Ao voltar para o quarto, vi que a Lua já tinha acordado, então fui até seu quarto e resolvi lhe dar um banho. Enquanto tirava suas roupinhas, beijava sua barriguinha e suas dobrinhas, e ela dava várias risadinhas. Arrumei-a e fui até o quarto do Bernardo. Ele estava sentado na cama brincando com seu Homem-Aranha.

— Bom dia! Já escovou os dentes!? — Ele ergueu os olhos e assentiu. — Vamos tomar café, então.

Preparei uma tigela com cereais e frutas para ele comer. Nina permitia que ele comesse doces, mas para isso frutas e verduras tinham que estar incluídas em sua alimentação. Fiz o leite da Lua e dei-lhe o mingau enquanto bebia meu café. Quando terminei, lavei os pratos e comecei a arrumar a casa, enquanto o Bê brincava com a Lua no tapete da sala.

De repente, escutei a Lua chorar e fui ver o que estava acontecendo. O Bernardo estava assustado. Lua não era um bebê chorão, ela só chorava quando estava suja ou com fome. Chequei e vi que não era nem um, nem outro. Tranquilei o menino, dizendo: — Relaxa, garotão. Você não fez nada, acho que essa menina quer um pouco de colo do papai — virei para Lua, que agora estava no meu colo. — Você queria ver o papai, minha princesa? — Perguntei fazendo barulhos em sua barriga.

No mesmo instante ela parou de chorar e encarou-me sorrindo, mas depois voltou a chorar. Mostrei brinquedos, brinquei com ela, mas a Lua não parava de chorar e eu já estava ficando preocupado. Então, ouvi a voz tímida de Bernardo: — Ela gosta daquela música, talvez ela fique feliz se cantarmos...

— Qual música, Bê?

— A música da Luna. A Lua gosta bastante, ela fica balançando os pezinhos quando a gente assiste.

— Podemos cantar para ela, mas eu não lembro muito da letra. Você me ajuda, Bernardo?

— Ajudo sim, tio.

Bem. Tio é melhor que nada, não é? Aos poucos eu chegaria lá.

Lembrei da música e comecei a cantar junto com ele: “ *Eu quero saber, porque o gato mia Verde por fora, vermelho por dentro É a melancia!* ”

Eu quero saber, não quero dormir O que está acontecendo, eu vou descobrir”

A Lua parou de chorar e ficou balançando os pés no ritmo da música, soltando risadinhas.

— Que dupla mais linda — escutei a voz de Nina. — Estavam afinadinhos, meus amores.

Voltei-me para a porta e vi sorrindo, carregando algumas sacolas.

Bernardo levantou e correu para abraçá-la. Ela o carregou, enchendo-o de beijos. Pude escutar ele dizer a ela: — Estava com saudades, mamãe. Eu não gosto de acordar e não te ver, e acho que a minha irmãzinha também não gosta, porque ela não parou de chorar até eu e o tio Liam cantarmos para ela.

Parei de escutar a conversa dos dois, pegando a Lua, que havia dormido. Levei-a ao quarto dela e coloquei-a em seu berço. Não pude deixar de admirá-la por alguns minutos. Ela era a luz da minha vida. Fechei as cortinas e depois fui para cozinha. Nina estava esquentando o almoço e o Bernardo estava desenhando na mesa. Abracei-a e ela disse: — Amor, você viu que a cabeceira do meu lado da cama está meio bamba?

— Não vi não, tigresa.

— Tem como você dar uma olhada? Eu acho que o pé da cabeceira está quebrado.

— Vou lá dar uma olhada — disse pegando a caixa de ferramentas e subindo para o quarto.

Tirei as coisas que estavam em cima da cabeceira e virei ela de cabeça para baixo, constatando que um pé estava mesmo quebrado. Comecei a desparafusar para poder colocar um outro pedaço de madeira no lugar, então percebi que não estava sozinho no quarto. Bernardo observava sentado na porta do quarto. Olhando para ele, eu disse: — Quer me ajudar, garotão?

Ele balançou a cabeça, afirmando.

— Ué, voltou a não falar comigo?

— Não, tio Liam. Desculpe.

— Não precisa se desculpar. Ainda quer me ajudar?

— Quero sim. A mamãe está cozinhando e disse que você poderia estar precisando de ajuda.

— Não é que ela adivinhou? Eu estou, mesmo.

— As mães sempre sabem de tudo, tio Liam.

— Sabem mesmo! Sente ali perto desses pregos e, quando eu pedir, você vai me dar um com

cuidado para não se machucar, está certo?

— Pode deixar.

Continuei desparafusando e disse: — Sabia que quando eu tinha sua idade eu recebi a maior bronca da minha mãe?

— Mas porque sua mãe brigou com o senhor, tio Liam?

— Bem, eu resolvi que a nossa sala seria minha tela de pintura e risquei todas as paredes — ele deu risada, provavelmente imaginando a cena. — Mamãe ficou uma fera e não me deixou brincar com o meu cachorrinho por uma semana.

— Eu queria ter um cachorrinho. Eu gostava do Chico e do Bento, mas mamãe não me deixava chegar perto deles porque eles são muito grandões.

Continuei contando histórias da minha infância para ele e senti que a nossa relação tinha melhorado. Escutamos a Nina avisando que o almoço estava pronto no momento em que eu terminei de consertar a cabeceira. Coloquei tudo no lugar e comecei a arrumar as ferramentas quando o Bernardo me perguntou: — Promete para mim que nunca vai machucar minha mamãe? — Fiquei estático com a pergunta. — Promete para mim, tio Liam, que nunca vai machucar minha mãe!

Ele estava na minha frente encarando-me, esperando uma resposta.

— Não machucamos aqueles que amamos, Bê. E assim como você, eu amo a sua mãe. Ela é a minha alma gêmea e eu não saberia viver sem ela, por isso não a machucaria, isso só a levaria para longe de mim.

— Mas ele machucou. Ele mentiu e a machucou! — Ele disse chorando.

— Eu sei que isso deve doer, pequeno, às vezes algumas pessoas confundem aquilo que estão sentindo e fazem mal ao outro, mas eu não farei isso, sabe por quê? Porque eu amo a Nina e nós dois te amamos muito. Nós não queremos te machucar, Bê, somos uma família e cuidamos uns dos outros — disse erguendo meus braços para ele, respeitando seus limites e esperando ele consentir. Surpreendi-me quando ele deu um passo à frente, aceitando meu abraço.

Parecia que eu estava conquistando esse garoto.

Capítulo dezessete



Nina

Tinha terminado de fazer o almoço e estava esperando o Liam e o Bernardo para comermos. Almoçamos uma macarronada com almôndegas e, enquanto eu lavava os pratos, o Liam quis comprar sorvete para sobremesa, levando o Bê junto. Deitei no sofá respondendo alguns e-mails e mensagens, quando a Lua acordou chorando. Dei-lhe seu mingau e ela continuou dengosa. Constatei que ela estava com gases, dei algumas gotinhas do seu remédio e deitei-a em meu colo. O Liam e o Bê voltaram com o sorvete e comemos assistindo um programa musical que passava na televisão. Eu estava salpicando beijos em Lua quando o Liam perguntou: — Não vai mais ao médico?

— Consegui ir pela manhã.

— E está tudo bem? — Perguntou inquieto.

— Está sim, foi só uma consulta de rotina — disse beijando seu rosto.

— Pedro me ligou.

— E aí, alguma novidade do processo? — Questionei.

— Não, nenhuma. A próxima audiência será daqui duas semanas e ele só ligou para lembrar.

Eu espero que tudo se resolva nessa audiência, não aguento mais isso!

— Eu sei, baby. Eu fiquei muito aflita com o caso do Bernardo, também, mas graças a Deus deu tudo certo, e no seu caso vai dar, também. Só um louco tiraria a Lua de você.

Sorrimos um para o outro, e Bernardo veio até mim, perguntando: — Mamãe, quando eu vou para escola?

— Você quer ir? — Perguntei a ele, surpresa, Bernardo tinha quatro anos e, como já estávamos um pouco depois do meio do ano, tinha planos de colocá-lo na escola apenas no próximo ano.

— Quero sim, muito! Eu sempre quis, ficava tão tristonho quando via meus priminhos indo e eu ficava lá com a tia Lu.

— Bem, meu amor, podemos dar um jeito nisso. Tem uma escola aqui perto, amanhã vou passar lá e ver se posso lhe matricular, ok?

— Ok — ele fez menção de sentar para assistir a tevê, mas voltou a me perguntar: — Mamãe, posso ganhar outro livro de desenhos? Eu já pintei todinho aquele que a senhora me deu.

— Já? Que maravilha, meu amor — falei animada e o Liam disse: — Vejo que temos outro artista na família! — Ele bagunçou seus cabelos. — Tem uma boa livraria aqui perto, que tal irmos lá hoje à tarde? Fica perto do shopping, podemos emendar e pegar um cineminha.

— Adorei a ideia, vou aproveitar que a Lua está acordada e dar um banho nela. Venha comigo, Bê, que você já toma o seu banho.

Caminhamos até o quarto da Lua, onde eu enchi sua banheira e coloquei-a sobre a pia enquanto o Bê tomava banho no chuveiro. Arrumei a Lua, vestindo nela uma blusa cheia de babados e uma calça. Já que íamos para o cinema, tinha que agasalhá-la bem. Deixei-a com o Liam enquanto eu arrumava o Bernardo, vestindo nele uma bermuda jeans e a uma camisa do Homem-Aranha. Penteei seus cabelos e arrumei uma bolsa com tudo o que iria precisar para os dois.

Deixo o Bê na sala com o Liam e a Lua e fui me arrumar. Após o banho, optei por um vestido longo e estampado, com um decote de coração; calcei uma sandália rasteira; coloquei algumas coisas na bolsa e descí. O Liam foi se arrumar enquanto eu fazia um mingau para Lua, que estava deitada em seu bebê conforto, rindo do Bernardo, que fazia caretas para ela.

Fomos de carro até a Livraria Andrade, que não estava muito cheia. Liam pegou Lua do meu colo, levando-a junto com ele para a sessão de livros de direito, e eu e o Bernardo fomos procurar

uma vendedora da livraria. Encontramos uma baixinha de longos cabelos, que estavam presos em um rabo de cavalo. Ela tinha um bebê bem fofinho em seu colo. Era um menino que parecia achar graça de tudo ao seu redor.

— Boa noite — disse e a mulher virou-se, dizendo: — Boa noite, em que posso ajudá-la?

— Estou procurando alguns livros de colorir para o meu filho.

— Ah, eu tenho uns ótimos aqui... — Ela ia completar, mas o bebê puxou seus cabelos. —

Pedro Henrique! A mamãe disse que não pode puxar o cabelo, é feio, não faz isso.

O bebê olhou para ela e disse: — *Naum* — riu e voltou a puxar os cabelos da mãe.

Ela sorriu para mim, envergonhada, tirando as mãos do bebê de seus cabelos, gritando: —

Paulo! Chama o Cadu para mim, por favor. Mande-o vir buscar o Pedrinho.

— Mas ele já está com a Maria Cecília, Malu.

— Não quero saber, mande-o vir buscar o Pedro para levá-lo para o escritório, lá tem espaço para ele aprontar, aqui não. A Gabriele não veio e o Thomas saiu. Como vou atender as pessoas se o meu anjinho aqui acha que puxar o cabelo da mamãe é engraçado? — Ela disse num só fôlego e, virando para mim ela disse: — Desculpe-me por isso, mas o meu marido se acha muito esperto! Ele leva a Cecília, que é quieta, e me deixa com esse traquina aqui. — Ela fala bem-humorada, enchendo o menino de cosquinhas. Depois, virou para Bernardo e perguntou: — Hm, vejo que gosta do homem aranha, né, garotão?

— Gosto sim, tia.

— Tenho vários livros dele aqui, ali estão os de colorir — apontou para uma pilha. — E ali estão os outros, caso sua mãe queira levar alguns para ler para você.

Sorri, virando para o meu filho e dizendo: — Escolhe algum desses, Bê — enquanto ele escolhia, peguei alguns livros que queria, também.

— Vejo que está querendo deixar sua mamãe careca, hein, Pedro?

Levei um pequeno susto e me virei para ver quem estava falando. Vi um homem belíssimo:

ele era alto, tinha os olhos azuis, era musculoso e tinha um sorriso lindo, que ficava ainda mais bonito quando ele olhava para mulher que estava ao meu lado.

— Está querendo deixar, sim. Por mais que eu diga a ele que não pode, ele acha graça e volta a puxar, não é meu amor? — Ela disse beijando as mãos do bebê, que agora estava no colo do pai — A Cecília ficou com quem?

— Com ninguém, ela dormiu depois que dei o suco. Vou ver se ele não quer tirar um cochilo também — beijou a moça e subiu, deixando-a com um sorriso bobo no rosto. Deu para ver que eles eram apaixonados um pelo outro.

Virei e vi que o Bernardo tinha escolhido alguns livros. Malu nos levou até o caixa e o Liam apareceu, colocando uns livros que ele ia levar junto dos nossos. Peguei Lua do seu colo e, ao vê-la, Malu disse: — Que princesinha mais linda! Está com quantos meses?

— Fez quatro meses há alguns dias.

— Que fofa! Essa fase que é boa, dorme muito, não dá tanto trabalho... Depois que eles começam a engatinhar é um Deus nos acuda, uma trabalhadeira danada — ela riu. Sorri de volta e ela me entregou as compras, dizendo: — Boas leituras e voltem sempre.

— Obrigada.

Então, fomos até o shopping. Chegando lá, caminhamos direto para o cinema. Lua estava dormindo bem agasalhada. Eu tinha dado seu mingau enquanto o Liam comprava os ingressos. Estava saindo do banheiro quando senti uma mão puxar meu braço e me pressionar contra a parede.

— Opa, finalmente nos encontramos de novo, não é, Antonina!? — Ele disse em um tom ameaçador.

Olhei em seus olhos, que eram muito parecidos com os meus. Afinal, Gustavo era meu primo, filho do meu tio Marcos. Era como se eu visse o homem que havia tentado me matar ali na minha frente e era incrível o quanto a amargura e o ódio envelheciam a pessoa. Guto parecia ser mais velho que eu, quando tínhamos praticamente a mesma idade.

— Oi, Guto — disse endireitando Lua em meu colo.

— Você está tão diferente sem todos aqueles *piercings*! — Tocou o meu rosto. — Está parecendo gente agora.

— E você, infelizmente, está tão parecido com seu pai que me dá nojo. Cuidado para não acabar como ele — disse virando-me para sair, já que várias pessoas olhavam para nós.

Ele puxou meu braço e novamente me pressiona contra parede. Mantendo sua mão em meu braço, ele perguntou com uma voz carregada de ódio: — Quer dizer então que você vai me matar, Nina? Assim como fez com ele? — Seu aperto em meu braço ficou mais forte.

— Algum problema por aqui? — Liam apareceu ao meu lado e, só de escutar a voz dele, senti um alívio tão grande que pensei que fosse desmaiar.

Falar do meu passado não era algo que me agradava, e sim algo que me desestabilizava. O Guto sabia bem disso.

Capítulo dezoito



Nina

Guto não largou meu braço. Mesmo com o Liam falando, ele apertou ainda mais forte, dei graças a Deus que a Lua continuava dormindo.

— Vá cuidar da sua vida! — Ele gritou olhando para o Liam.

— Estou cuidando dela — Liam disse firme, tirando a mão de Guto do meu braço. — Tire a mão da minha mulher!

Guto gargalhou, dizendo:

— Arranjou um marmanjo para te defender? Que interessante! Será que ele sabe que você é um ser humano podre?

— Cala sua boca, Guto! — Disse segurando as lágrimas. Bernardo tinha vindo para o meu lado e segurava bem firme a minha mão.

Liam saiu do meu lado, segurando o Guto pelo colarinho e empurrando-o contra parede.

— Pense bem na próxima coisa que você vai dizer, porque se for algo contra ela, eu quebrarei a sua cara! — Ele disse com a voz cheia de raiva.

— Eu tenho pena de você, cara. Com tanta mulher no mundo, foi se juntar logo a essa daí? Ela já te contou como destruiu meu pai e acabou com o pouco que restava da minha família? Essa vagabunda! — Guto disse para Liam, que lhe deu um soco na cara com tanta força que, quando o Guto levantou o rosto, ele estava ensanguentado, mas continuava rindo com deboche. Liam estava se preparando para socar sua cara novamente quando os seguranças apareceram, segurando os dois.

Despertei meu corpo, comecei a andar até eles e pude escutar o Liam explicando toda situação. Eles levaram o Guto e o Liam veio até mim. Encontramo-nos no meio do caminho.

— Já resolvi tudo com os seguranças — ele diz beijando minha testa. — Esquece o cinema, vamos para casa — ao dizer isso, entrelaçou nossos dedos e caminhamos até o carro.

Lua acordou quando a colocamos no bebê conforto e isso foi bom, porque ela distraiu o Bê, que estava inquieto desde todo o ocorrido.

Fomos o caminho todo em silêncio e, quando chegamos em casa, Liam foi ajeitar a Lua para ela dormir de novo, e eu fui com o Bê até seu quarto. Quando estava dando seu banho, ele perguntou: — Mamãe, por que aquele cara estava sendo mal com a senhora?

— Bem, ele estava com raiva de mim e extrapolou um pouco em suas ações, sabe... — expliquei com calma.

— Não gostei de ver ele machucando a senhora, fiquei com medo.

Enrolei-o em sua toalha e disse: — Não precisa ter medo. Ele não vai mais fazer nenhum mal — beijei-lhe a testa e ajudei-o a vestir o pijama.

— Quer que eu conte uma história?

— Quero sim, por favor — ele disse indo até a estante e escolhendo uma das histórias.

Entregou-me o livro e deitou ao meu lado na cama. Conteí a história a ele e, quando já estava no meio da história, meu pequeno adormeceu. Coloquei um marcador no livro e liguei seu abajur, apagando as luzes do quarto.

Andei até a sala e, só de olhar nos olhos do Liam, percebi que ele queria falar comigo. Eu sabia que precisávamos conversar. Ele descobrira muitas coisas através do meu primo, de maneira distorcida, aquele safado entregou a parte obscura do meu passado. Precisava contar a verdade para ele.

Sentei-me em sua frente no sofá e ele me entregou uma taça com vinho, em silêncio. Bebi um pouco e comecei a falar: — Alguns meses depois de perder o meu anjinho, o Patrick, advogado da família e braço direito do meu pai, apareceu na casa da Mimi, contando que meu tio tinha inventado

uma história de que eu tinha morrido com os meus pais e que ele ficaria responsável por tudo. Só que tinham dois problemas nessa história: um, eu estou viva; e dois, ele falsificou o testamento — respirei fundo, dando mais um gole. — Quando estava voltando de um passeio, encontrei o tio Marcos apontando uma arma para cabeça de Mimi. Ele queria o testamento verdadeiro, e dizia que atiraria nela. Entrei em desespero e comecei a dizer várias coisas para ele, brigamos e, no final, ele estava com uma arma apontada para minha cabeça. Ele ia me matar! Acabar com a minha vida por causa de dinheiro; dinheiro esse que eu nunca quis ou pedi; dinheiro que deu poder ao meu pai e afastou-o de mim. Eu nunca senti que a minha mãe me amava — limpei as lágrimas que escorriam do meu rosto. — Ela sempre pensou no que os outros fariam, em coisas fúteis, ela nunca me aconselhou. Eu não me sentia querida, então quando o José atirou no Marcos, eu senti um alívio enorme, porque eu poderia mudar toda história da minha família. Eu vendi a casa, investi no centro, comprei a minha própria casa e jurei para mim mesma que, se algum dia eu tivesse outro filho, ele saberia o que é amor, o que é ser amado, pois eu me doaria de corpo e alma para ele — desabei no colo do Liam, chorando de soluçar. Novamente me senti aliviada. Não tínhamos mais segredos entre nós, pelo menos era isso que eu esperava.

Capítulo dezenove



Liam

Escutar a Nina dizendo tudo aquilo só me fez amá-la mais, algo que eu não achava ser possível. Ela era tão especial! Nina completava-me de tantas maneiras que apenas com ela eu via um futuro. Escondemos tantas coisas um do outro por tanto tempo, e ver que agora estávamos nos entregando fielmente um ao outro só mostrava o quanto o que sentíamos era verdadeiro.

Sequei suas lágrimas e beijei-a apaixonadamente. Eu queria que ela soubesse que eu estava com ela e sempre estaria. Mesmo com tudo que tenha acontecido no passado, o futuro dependia dos nossos próximos passos, e eu a queria comigo. Nós sempre seríamos uma família, independente do que pudesse acontecer.

Eu a carreguei, levando-a até o nosso quarto. Durante todo o caminho fizemos juras de amor e, chegando lá, deitei-a cuidadosamente na cama, beijando-a por completo, tirei seu vestido e, olhando dentro dos seus olhos, perguntei: — Casa comigo, tigresa?

Ela abriu os olhos e a boca, surpresa.

— Não precisa ser agora. Eu só preciso ter a certeza de que você estará comigo, pois só vejo um futuro com você, minha tigresa — disse dando nela um beijo daqueles de tirar o fôlego. Minhas mãos passeavam pelo seu corpo, ansiando por cada parte dela.

— Eu aceito, mas não agora. Nós precisamos resolver tudo isso, porque sim, meu amor, eu também não vejo um futuro sem você ou sem os nossos filhos — ela disse acariciando meu rosto. A luz da lua iluminava seu rosto e seus cabelos bagunçados em meu travesseiro. Isso só me fazia

desejá-la ainda mais.

Amamos um ao outro com carinho e até um pouco de selvageria, afinal, isso não fazia mal a ninguém, não é?

Acordei na manhã seguinte com a Nina entre os meus braços, grudada em mim, tão serena... quem diria que ela tinha passado por tudo aquilo? Eu iria falar com um amigo meu policial para investigar a vida do tal Guto. Ele não se aproximaria mais de Nina ou dos meus filhos, eu não permitiria.

Saí dos meus pensamentos quando escutei um resmungo na babá eletrônica. Resolvi levantar para ver minha pequena. Cobri a Nina e, ao entrar no quarto da minha princesa, pude vê-la balbuciando coisas incompreensíveis para o seu mobile de estrelas e planetas.

Dei um banho nela, vestindo-a com uma roupinha bem fresca, pois estava fazendo bastante calor. Caminhei até a cozinha para fazer seu leite e vi Nina com a minha camisa, fazendo o café da manhã. Bernardo estava sentado à mesa, de pijama, comendo pão com queijo com suco de laranja. Nina veio até mim e tirou a Lua do meu colo, dando mamadeira a ela. Sentei-me e comecei a comer e o Bernardo, ao me ver, disse com animação: — Mamãe vai me levar para ver a escolinha, tio Liam!

— É mesmo? Que legal, garotão! Espero que goste de lá — disse bagunçados seus cabelos.

— Vou gostar sim, tio! — Ele disse terminando de comer e virando para Nina. — Mãe, já terminei, vou tomar banho para a gente ir.

Nina sorriu para ele, concordando. Não demorou muito para os dois saírem, conversando animadamente. O acompanhamento psicológico que ele fazia deixava-o mais à vontade conosco a cada momento, era perceptível o quanto ele estava mais confortável com os nossos gestos afetuosos.

Bernardo foi matriculado e começaria na semana seguinte. Com o passar dos dias, percebi que a minha noiva estava muito estranha. Ela estava comendo tanto! A todo momento eu via a Nina beliscando alguma coisa. Eu acordava às vezes de madrugada e percebia que ela não estava na cama, muitas das vezes ela estava no banheiro, no quarto da Lua ou no quarto do Bê. Ela estava com uns humores bem malucos, também: uma hora estava um amor, rindo e sendo muito carinhosa, na hora

seguinte, estava mal-humorada, reclamando. Se eu falasse algo, misericórdia, ela começava a chorar! Eu estava ficando cheio disso. Minha Nina não era assim, precisava descobrir o que estava acontecendo.

Numa noite dessas, tínhamos ido jantar no restaurante Italiano da vizinhança. O Bê tinha corrido e brincado tanto que agora estava dormindo em meu colo. O pequeno estava tão animado com a escola! Ele andava numa felicidade que dava gosto de ver. Nina estava com a Lua em seu colo e minha menina estava acordada e atenta a tudo. Abri a porta do apartamento e, enquanto eu levava o Bernardo até o quarto dele, a Nina foi trocar a Lua. Deixei o Bê apenas com o short do pijama, liguei o ventilador e o abajur, e fui até a cozinha fazer o mingau, mas ao voltar para o quarto da Lua, tive a maior surpresa da minha vida ao me deparar com uma das cenas mais linda que os meus olhos poderiam ver.

Nina estava dando de mamar a Lua. Minha pequena estava sugando bem rápido o seio da Nina, estava faminta. Eu estava estarrecido, tentando entender a situação. Nina acariciou os cabelos da Lua, dizendo bem baixinho: — Vá com calma, minha linda.

Agachei-me em sua frente e, quando os nossos olhares se cruzaram, pude ver que ela estava chorando.

— Eu consegui, meu amor — Ela disse em meio às lágrimas.

— Mas como? Como isso é possível?

— Lembra que há algumas semanas eu fui ao médico? Então, eu queria saber se era possível amamentar a Lua, mesmo não sendo a mãe biológica dela. Ele disse que sim e passou-me um remédio — ela parou de falar acariciando levemente os cabelos da minha pequena. — Desde então estou o tomando, mas só o medicamento não faz efeito. Eu precisava estimular a produção de leite e por isso eu acordava de madrugada para estimular a produção de leite com aquelas máquinas, ou eu vinha até ela e rezava para que saísse alguma coisa. Hoje, pela primeira vez, isso aconteceu — ela disse derramando mais lágrimas.

Limpei seu rosto, beijando-a. Era incrível como essa mulher sempre me surpreendia. Eu a amava cada vez mais.

— Você é uma pessoa incrível. Você sabe disso, né? Quem faz isso por outro alguém sem amá-lo incondicionalmente? Hoje você só me mostrou mais uma vez que eu não poderia ter escolhido mãe melhor para Lua, e sei que a Sara concordaria comigo — beijei-a novamente e agora estávamos chorando juntos.

Quando Lua terminou de mamar e a Nina foi tomar um banho, deitei na cama esperando por ela. Quando ela se deitou ao meu lado, seu rosto ainda estava um pouco inchado devido ao choro.

— Espero que essas lágrimas sejam de alegria — disse acariciando seu rosto.

— São sim. É culpa dos hormônios! Esse remédio faz meu organismo achar que eu estou grávida, então imagina quando eu estiver para valer — ela disse sorrindo.

— Já ganhei prática com essa vez, na próxima vou tirar de letra — disse virando por cima dela e amando-a mais uma vez.

Na manhã seguinte, o Bernardo não teve aula e a Nina teve um problema no Pocket, então arrumei o Bê e a Lua e os levei até a praça da vizinhança. Sentei em um dos bancos com Lua ao meu lado, em seu carrinho, observando o Bernardo brincar. Então, vi um dos meninos empurrar o Bê, que caiu de uma altura consideravelmente alta. Entrei em desespero e corri para socorrê-lo. Ao aproximar-me, pude escutar o Bernardo gritando: — Pai, me ajude! Está doendo muito! — Era a primeira vez que ele me chamava assim, meu coração encheu de alegria. Eu o carreguei no colo e pude ver o pequeno apertar um braço e chorar de dor, devia ter quebrado. Andei apressadamente até o carrinho da Lua, que não estava muito distante, enquanto as outras mães estavam ao nosso redor, completamente encantadas. Ai delas se a Nina visse isso.

Ao me aproximar e olhar para o carrinho da minha filha, vi minha alegria desaparecer e o desespero tomar conta. Lua não estava no carrinho, alguém tinha levado a minha filha.

Capítulo vinte



Nina

Estava terminando a reunião quando meu celular começa a tocar. Atendi rapidamente e, antes que eu pudesse dizer “oi”, escutei um Liam muito nervoso e agitado no outro lado. Tudo o que eu conseguia entender era: — Sequestraram a Lua, levaram-na de mim! — Sua voz soava desesperada.

— Liam, tenta se acalmar e dizer o que aconteceu!

— Como eu posso me acalmar? Eu não consigo! Levaram nossa filha, meu amor!

— Diga onde você está! Diga que eu vou até aí! Já chamou a polícia? — Perguntei levantando-me e correndo até o carro.

— Estamos naquela praça da vizinhança. Eu já liguei e eles já estão a caminho! Venha logo que você precisa levar o Bê até o hospital! — Quando ele disse isso, desesperei-me.

— O que aconteceu com ele, Liam? — Perguntei aflita.

— Um menino que estava no parque o empurrou, ele caiu por cima do braço e disse que está doendo bastante! Eu ia levá-lo ao hospital quando percebi que tinham levado a Lua — ele falou com a voz embagada, parecia estar chorando. Minhas mãos tremiam e meu coração batia descompassado. Precisei me apoiar no meu carro, derramando algumas lágrimas. Eu não conseguia respirar direito, então fiz um esforço descomunal para me acalmar e responder: — Já estou chegando, meu amor. Vamos achar nossa menina, eu sei disso — desliguei o telefone e liguei o carro. Eu nunca dirigi tão rápido em toda minha vida.

Estacionei de qualquer jeito e, de longe, pude ver um amontoado de pessoas ao redor do

Liam. Ele estava em pé, com Bernardo em seu colo, conversando com alguns policiais. Atravessei aquele tanto de gente e, ao me ver, o Bê gritou: — Mamãe!

Liam virou e me abraçou, chorando muito. Ele estava devastado.

— Calma, meu amor, vamos encontrá-la. Explique-me o que aconteceu. — Digo tirando o Bê do seu colo e acariciando seus cabelos. Eu tentava acalmá-lo e ao mesmo tempo acalmar a mim mesma. Minhas mãos ainda tremiam, então entrelacei meus dedos nos seus, buscando forças. Eu só esperava que minha princesa estivesse bem, que não a tivessem levado para longe, nem que lhe fizessem algum mal.

Liam contou tudo o que ele sabia. Os policiais perguntaram às pessoas se alguém tinha visto algo, e muitas disseram não ter visto nada. Uma senhora dizer que viu um homem próximo ao carrinho, mas que não conseguiu ver seu rosto. Os policiais levaram-na, junto com Liam, para dar um depoimento e abrir uma ocorrência. Eles rondariam pelo bairro para ver se viam algo suspeito.

Eu precisava levar Bê ao hospital, então disse que encontraria com Liam depois. No caminho, o Bernardo estava calado. Eu estava estranhando isso, mas achei que pudesse estar com dor.

Quando ele foi atendido, o médico disse que o osso não tinha quebrado, mas como houve uma pequena fratura, o recomendado era deixá-lo imobilizado por um período. Então, uma enfermeira o medicou e ficamos aguardando para que engessassem o braço dele. Coloquei-o no meu colo e fiquei fazendo cafuné naquele monte de cachos.

— Ela vai ficar bem, meu amor. Deus não nos deixaria ficar sem ela, tenho certeza que iremos encontrá-la logo.

— Foi culpa minha mamãe. Se eu não tivesse caído, o papai não precisaria sair de perto da Lua — Ele disse chorando, fazendo meu coração se partir em mil pedacinhos. Meu menino estava sofrendo também.

— Calma, meu bebê, não foi culpa sua, nunca pense que foi sua culpa. Infelizmente, há muitas pessoas ruins lá fora, pessoas que querem fazer mal aos outros, não podemos controlar isso. Mas

encontraremos a Lua logo, vamos pedir ao papai do céu para a encontrarmos logo! — Sequei suas lágrimas e beijei sua testa.

Após engessarem o braço do Bê, fomos para casa e encontramos um Liam muito agitado. Ele estava falando no telefone com alguém, então não o interrompi. Levei o Bernardo até a cozinha para lhe dar algo para comer, afinal já passava do meio dia. Enquanto a comida esquentava, fui até a sala falar com o Liam.

— Estava falando com quem? — Perguntei.

— Com o Roger, um amigo meu da Polícia. Mandeí-o encontrar aquele desgraçado do Guto! — Ele disse com raiva.

— Você acha que foi ele? — Perguntei passando as mãos pelos meus cabelos, fazendo um coque bagunçado.

— Tenho certeza. Quem mais teria motivos para fazer isso? — Ele disse caminhando pela sala.

— Não sei, meu amor. O Guto queria nos prejudicar, sim, mas sequestrar uma criança? Será que ele foi tão baixo assim?

— Não sei, mas sou capaz de matá-lo caso ele tenha feito algo contra minha filha! — Ele disse indo até a cozinha e pegando uma cerveja. Eu o encarei, pois esse não era o momento para ficar bêbado. Como se lesse meus pensamentos, Liam disse, sentando no sofá: — Não vou beber a ponto de me embriagar, só preciso relaxar um pouco.

Fui até a cozinha servir o almoço do Bernardo. Ajudei-o a comer, dando-lhe a comida. Meus peitos doíam: estava na hora da Lua mamar. Onde será que ela estava? Será que estavam cuidando direitinho dela? Será que estavam-na alimentando bem? Ela só tinha cinco meses.

Respirei fundo, angustiada.

Horas se passaram e ainda não tínhamos notícia alguma. Roger, amigo do Liam, tinha encontrado o Guto em Porto Seguro. Ele não tinha saído de lá, pois Roger havia checado e

monitorado todas as saídas do município.

Quando Liam soube disso, ficou desolado e chorou muito. A única certeza que ele tinha não era verdade. Quem será que tinha levado a Lua? Nós não sabíamos e nem imaginávamos quem seria capaz de tal ato.

Após dar banho e colocar o Bernardo para dormir, fui até o quarto da Lua. Passei a mão por cima dos móveis e peguei uma das fotos que estava no porta-retratos. Na imagem, estávamos Lua, Bernardo e eu, todos sorrindo para foto. Lembrei de termos a tirado alguns dias atrás. Lágrimas pingaram na foto e eu percebi que estava chorando. Senti minhas pernas fraquejarem e ajoelhei-me no chão, abraçando a foto e implorando a Deus que devolvessem nossa menina.

Um tempo depois, recompus-me e fui tentar fazer com o Liam reagisse. Ele estava no sofá olhando para a porta, como se esperasse que Lua entrasse a qualquer momento.

Sentei-me em seu colo, fazendo cafuné em seus cabelos. Ele beijou meu pescoço e apoiou a cabeça em meus ombros.

— Venha tomar um banho, precisamos estar limpinhos quando ela voltar — disse entrelaçando nossos dedos.

— Será que ela vai voltar? Não consigo imaginar viver sem a Lua, sem vê-la crescer ao meu lado... quem pode me odiar tanto ao ponto de fazer isso contra mim? Passei horas imaginando possíveis suspeitos e não consigo lembrar de ninguém. Maldita hora que resolvi ir até aquele parque! Eu só quero vê-la entrando por essa porta. Eu quero acordar desse pesadelo, Nina — ele me disse chorando.

Imaginei tudo o que poderia dizer para acalotá-lo, mas não consegui dizer uma palavra. A dor que ele estava sentindo era uma dor que compartilhávamos. Lua era nossa filha e eu só rezava para que, onde quer que ela estivesse, ela estivesse bem.

Ficamos abraçados até a campainha soar em nossos ouvidos. Liam deu um pulo, quase me derrubando, e correu até a porta. Fui atrás dele para ver quem era.

Sabrina estava na porta, com toda a sua arrogância e amargura. Olhava para o Liam e, ao me

ver, ficou surpresa. Ela virou novamente para o Liam e começou a dizer com rispidez: — Como pode deixar que levassem minha neta? Não sabe cuidar de uma criança? E em pensar que o juiz deixou a guarda com você! Ele só poderia estar louco! Matou a minha filha e quer matar minha neta também! Seu irresponsável!

Liam ficou calado, meu noivo estava tão abalado com tudo que aconteceu que não deveria ter forças nem para discutir com aquela mulher desprezível.

— Como pode ser tão má? A filha dele acabou de ser sequestrada e você vem enchê-lo de acusações? Qual o seu problema? — Perguntei a ela.

— Quem você pensa que é para se dirigir a mim? A mulherzinha dele? Isso não me importa! Amanhã bem cedo o juiz saberá o quão irresponsável você é e eu terei a guarda da minha neta assim que ela for encontrada! — Ela ameaçou o Liam e foi embora.

Fechei a porta e levei o Liam até o sofá. Ele estava pálido e não disse uma palavra, apenas me abraçou e novamente chorou.

Não dormimos naquela noite, nem na noite seguinte.

Capítulo vinte e um



Liam

Já havia se passado dois dias e eu ainda não tinha nenhuma notícia da minha filha. Sabrina cumpriu sua ameaça e o Juiz havia pedido urgência para o julgamento. Eu não estava me importando com isso, tudo o que eu queria era minha Lua. Não ligaram para pedir resgate, então eu temia não a ver mais. Pedro contratou um detetive particular e, juntamente com a polícia, estavam procurando minha filha.

Estava saindo do banho quando escutei meu celular tocar. Corri desesperado esperando que fosse alguma notícia da minha bebê.

— Alô? — Falei agitado.

— Oi, Liam, é a Nic — fiquei imediatamente frustrado.

— Oi, Nicole, tudo bem? — Perguntei.

— Estou bem sim. Você é que não parece estar, o que aconteceu? Eu estava no interior com meu noivo e lá sinal de celular é horrível.

— Sequestraram a Lua.

— Ai, meu Deus! Você está falando sério? Caramba! Como isso aconteceu? — Ela perguntou desesperada.

— Eu estava no parque com ela. Machucaram o Bernardo e eu fui socorrê-lo, deixei-a sozinha por um tempinho e a levaram.

— Liam, a minha mãe já sabe?

— Sabe sim. A verdade é que nem sei como ela descobriu, mas veio aqui anteontem encher-me de desaforos, falou com o juiz para adiantar o julgamento.

— Que absurdo! Mamãe só pode estar louca! Estou indo para casa dela, não acredito que ela foi lhe importunar! E ela ainda quer a guarda da Lua? Meu Deus, vou conversar novamente com ela!

— Não sei se você vai conseguir fazê-la mudar de ideia, afinal tudo que ela quer é tirar a Lua de mim.

— Vou conversar com ela e te ligo.

Desliguei e fui até a Nina. Ela estava na cadeira de balanço do quarto da Lua, Bernardo estava em seu colo. Ela acariciava seus cabelos e cantava para ele. A saudade e a angústia de não ter a Lua conosco não era algo que atingia apenas a mim e a Nina. O Bê também não estava conseguindo dormir sem sua irmãzinha.

Capítulo vinte e dois



Nicole

Peguei um táxi e fui até o condomínio que mamãe morava, cumprimentei o porteiro e caminhei até sua casa.

Chegando lá, encontrei Rose, a governanta mais antiga da casa. Lembrei de quando eu e Sara éramos crianças, aprontávamos tanto com ela... sorri com essa lembrança.

— Boa tarde, Rose. Minha mãe está em casa? Cheguei agora de viagem, estava na casa do Murilo.

— Boa tarde, Nicole. Dona Sabrina, está no quarto de Sara.

— Ótimo, vou até lá — andei até a escada, mas Rose segurou meu braço. — Ela não quer ser incomodada.

— Qual é, Rose, sou eu. Eu preciso muito falar com ela.

— Não, dona Nicole, sinto muito, mas tenho ordens expressas da sua mãe para não deixar ninguém subir.

— Mamãe só pode estar louca! Eu vou lá sim e nem tente me impedir, Rose! — Subi as escadas correndo e, quando cheguei na porta do quarto, bati e gritei: — Mãe, abre logo essa porta, precisamos conversar!

Ninguém respondeu. Bati novamente, mais alto e mais forte.

— Abre logo, mãe! Não acredito que você foi importunar o Liam nesse momento difícil! — Gritei para ela.

Dessa vez ela abriu a porta abruptamente. Eu ia entrar no quarto, mas ela fechou a porta, não antes que eu conseguisse ver alguém dentro do quarto: uma mulher que estava de costas.

— Está escondendo o que de mim, mamãe?

— Nada. Avisei a Rose que não queria ser importunada.

— Eu sou sua filha e precisava falar com você. Se quando eu era mais nova eu não obedecia a Rose, agora adulta que não vou obedecer.

— Mas é muito petulante, mesmo! Essa aqui não é sua casa, Nicole, você deveria estar naquele fim de mundo com seu noivo.

— Eu estava lá, mas precisei voltar, e olha a minha surpresa ao descobrir que minha sobrinha foi sequestrada e você está aqui, agindo naturalmente! O que você fez, mamãe?

— Está me acusando de quê, Nicole? Acha que eu sequestraria minha própria neta?! Faz-me rir! — Ela disse irônica.

— Se a senhora participou disso, mamãe, eu vou descobrir! — Disse e fui até meu quarto.

Fiquei lá arquitetando como entraria naquele quarto. Só de pensar que a Lua poderia estar ali, meu coração acalmou-se um pouco.

Quando estava anoitecendo, desci para jantar e, ao sentar na mesa, mamãe começou a falar: — Prepare seu depoimento para a próxima sexta.

— Depoimento? Para quê?

— Em que mundo você vive, Nicole? Vai para aquele sitiozinho e perde a cabeça lá? — Ela perguntou menosprezando-me.

— Não, mamãe, estou perfeitamente sã. Ao contrário do que pensa, meus dias no campo só me fazem ficar melhor — informei.

— Duvido, mas não irei discutir isso. Você é minha testemunha no caso de guarda da Lua, por isso precisarei do seu depoimento.

— Um novo julgamento? Tão cedo?

— Claro. Se aquele irresponsável perdeu a minha neta... sabe-se lá onde ela está agora — ela disse sussurrando a última parte.

"Mamãe está escondendo alguma coisa, está agindo de maneira tão estranha..."

— Não irei depor ao seu favor. Eu considero o Liam perfeitamente responsável. O que aconteceu foi uma fatalidade, infelizmente.

— Não acredito que vai defendê-lo! Perdi até a fome — ela disse levantando-se. — Rose! Irei me deitar!

Ela subiu e Rose foi ao seu lado. Aproveitei a oportunidade e fui até a cozinha. As chaves reservas de todos os cômodos da casa ficavam atrás dos potes de doce, então procurei o do quarto da Sara rapidamente, porque se algum empregado visse, todo meu plano falharia.

Consegui alcançar a chave no exato momento que Maria entrou na cozinha. Abaixei-me, fingindo estar procurando uma presilha que estava no meu cabelo. A coitada acreditou e ainda me ajudou a procurar. Depois de alguns minutos, fui até meu quarto e liguei para o Liam. Depois de alguns toques, ele atendeu.

— Oi, Nic! Alguma novidade? — Ele perguntou apreensivo.

— Sim, acho que encontrei a Lua... — Ia completar, mas ele interrompeu, gritando: — Onde? Diga-me, Nicole, onde está a minha filha?

— Calma! Eu não tenho certeza, mas acho que ela está aqui, no quarto da Sara! Mamãe está me escondendo alguma coisa e eu vou descobrir. Eu ligo se ela estiver aqui.

— Fico aguardando — ele disse ansioso.

Desliguei e fui até o quarto da Sara. Eram duas portas depois da minha. A casa estava bem silenciosa, afinal era uma hora da manhã. Eu esperava que, quem quer que estivesse no quarto, estivesse dormindo.

Destranquei a porta com o máximo de cuidado para não fazer ruídos. Ao abrir a porta, deparei-me com um berço ao lado da cama que costumava ser da minha irmã. Nela, dormia uma

adolescente, seus cabelos eram longos e loiros. Ela me lembrava a Sara. Andei cautelosamente até o berço e a vi.

Lua estava deitada de bruços, dormindo serenamente, como se essa tempestade não estivesse acontecendo ao seu redor.

Então caiu a ficha: minha mãe tinha sequestrado a própria neta! Eu precisava ligar para o Liam!

Capítulo vinte e três



Liam

Mais uma noite acordados. Estávamos esperando ansiosos e esperançosos uma ligação da Nicole. Quando meu celular tocou, atendi sem nem precisar chamar mais de uma vez. Colocando no viva-voz, eu disse: — Oi, Nic! Achou a Lua?

— Achei sim. Ela está aqui na casa da minha mãe. Mal posso acreditar que ela fez isso! — Ela disse espantada.

— Estou indo para aí agora. Não acredito que ela teve coragem de fazer isso para me tirar a guarda da Lua!

— Também não acreditava que ela seria capaz de fazer isso, Liam! Mas deixa para vir amanhã de manhã, a Lua não vai sair daqui. Eu sei que está com saudades dela, mas eu lhe garanto, daqui ela não sai! Venha acompanhado da polícia e do seu advogado, juiz nenhum vai dar a guarda para minha mãe depois disso!

— Não sei se consigo esperar, mas concordo que ir pela manhã seria o mais sensato. Eu te vejo pela manhã, cuide bem da minha princesa — disse desligando.

Deitei na cama e respirei aliviado. Minha filha estava bem e amanhã eu estaria com ela. Virei para Nina e ela tinha lágrimas em seus olhos. Beije-a suavemente e disse: — Ela está bem, meu amor. Nossa princesinha está bem.

Ela sorriu para mim e nos abraçamos. Fiz cafuné em seus cabelos e quando percebi ela havia dormido. Fiquei feliz, pois assim como eu, Nina não dormia há dias.

Liguei para o Pedro e para o delegado do caso, avisando o que tinha ocorrido e combinamos de estar amanhã bem cedo na casa da Sabrina. Logo eu teria minha filha de volta. Eu não desejava nada mais além disso, porém queria fazer Sabrina pagar por todo sofrimento que passei durante esses dias.

Quando o dia amanheceu, eu já estava acordado. Mesmo sabendo que minha filha estava bem, não consegui pregar o olho. Levantei, tomei banho, arrumei-me, vestindo uma camisa polo e uma calça jeans. Fui até a cozinha preparar o café da manhã. Estava fritando alguns ovos quando vi o Bernardo sentando no balcão da cozinha.

— Bom dia, garotão! — Falei bagunçando ainda mais seus cachos.

— Bom dia, Papai, a mamãe ainda está dormindo? — Ele perguntou chamando-me de papai novamente. Eu adorava quando ele me chamava assim.

— Sim. Esses dias foram difíceis e ela está cansada.

— Sei... eu também estou tristonho sem a minha irmãzinha — ele suspirou.

— Quem sabe hoje você não fica mais feliz? Prometo a você que a traremos de volta para casa logo — disse a ele.

Coloquei nosso café da manhã e começamos a comer. Um tempo depois, Nina apareceu já arrumada. Ela estava vestindo uma calça jeans e uma blusa social azul. Ela veio até nós, beijou a testa do Bernardo e me deu um selinho, dizendo: — Bom dia!

— Bom dia! — Respondi.

Ela se sentou ao meu lado e começou a comer. Um tempo depois, ela disse: — Não quero levar o Bernardo com a gente, não vai ser um bom ambiente para ele.

— Pensei nisso também, mas não conheço nenhuma babá... — Assim que terminei de falar, a campainha tocou.

Levantei e, ao abrir a porta, mal pude acreditar no que meus olhos estavam vendo.

— Princesa? — Falei e ela veio ao meu encontro, abraçando-me. A Melanie estava ali,

sozinha.

— Eu não acredito que tive que descobrir que minha afilhada tinha sido sequestrada pelos jornais! — Ela disse repreendendo-me.

— Eu estava numa correria tão grande! Não vivi esses dias sem ela, perdoe-me por não ligar. Venha, entre. Quero te apresentar a Nina e o Bernardo — disse a convidando a entrar.

— A Nina eu meio que conheço, apesar da nossa primeira conversa não ter sido muito amigável... mas não conheço o Bernardo, quem é ele? — Mel perguntou deixando a mala no corredor e caminhando ao meu lado até a cozinha.

— Bem, o Bernardo é o nosso filho... meu e da Nina — Conteí a ela.

— O quê? Como assim? — Ela disse confusa.

— Depois eu explico, Mel, é uma longa história — disse vendo a Nina vir em nossa direção.

— Acho que já temos com quem deixar o Bernardo — falei a ela.

— Enfim nós nos conhecemos pessoalmente, hein, Nina? — Mel falou cumprimentando-a.

— É, finalmente. — Nina disse cumprimentando a Mel e sorrindo.

— Bem, agora que vocês já se conhecem... eu sei que você chegou agora, mas preciso pedir um favor, princesa!

— Mal cheguei, e você já quer favores? Você não muda, mesmo! — Ela disse bem-humorada.

— Mamãe! Mamãe! Já terminei — Bernardo disse correndo em nossa direção. Ele parou na frente da Nina, que o pegou no colo, e então ele olhou para Mel, perguntando: — Quem é você?

— Sou amiga do seu tio Liam — Mel respondeu, mas o Bernardo fez uma careta e diz: — Mas ele não é meu tio, é o meu papai! — Sorri orgulhoso e a Mel ficou surpresa.

— Vejo que não me contou muita coisa, Liam — ela arqueou uma sobrancelha para mim.

— Você estava em lua de mel — justifiquei. — Mas então, você pode ficar com o Bernardo? — Entrelacei meus dedos com os da Nina — Enquanto eu e a Nina vamos buscar a Lua?

— Ai, meu Deus, vocês a encontraram? — Ela perguntou animada e eu balancei a cabeça em afirmativo — Isso é uma maravilha! Claro que eu fico com ele, o Jake e o Chris daqui a pouco estão por aqui. Eles foram procurar um hotel, mas eu resolvi vir logo para cá.

Eu a abracei, beijando sua testa. Que saudade eu estava dela! Ela era minha melhor amiga, minha irmã. Melanie e eu sempre sabíamos o que dizer um para o outro e dávamos os melhores conselhos.

Despedimo-nos de Bernardo, que gostou de ficar com sua nova tia, e fomos em direção ao condomínio de Sabrina. Pedro e os demais policiais já estavam a nossa espera. Iríamos resgatar a Lua.

Capítulo vinte e quatro



Liam

Estávamos caminhando em direção a casa da Sabrina quando meu celular começou a tocar. Atendi rapidamente ao ver que era a Nicole.

— Oi, Nic, já estou chegando... — Ia completar quando fui interrompido.

— Minha mãe perdeu a cabeça! Eu não sei como, mas ela descobriu que você estava vindo para cá com a polícia e fugiu! — Quando ela terminou de dizer isso, pude ver um carro passando por nós em alta velocidade. Era o carro da Sabrina.

Rapidamente corri até o meu carro. Nina veio ao meu lado, coloquei o -celular no viva-voz e gritei para Pedro e o policial: — Aquele carro é da Sabrina! Ela levou a minha filha e estou indo atrás dela!

— LIAM! LIAM! — Gritava Nicole ao telefone.

— Como isso pôde acontecer? — Perguntei enquanto fazia a curva e ia atrás do carro. Apesar de estar indo bem rápido, ainda conseguia enxergá-lo.

— Alguém contou a ela, não sei quem, mas ela descobriu. Tentei impedi-la, mas ela me empurrou e eu bati a cabeça na quina do corrimão. Eu fiquei meio desorientada, desculpe-me, devia tê-la impedido.

— Não se desculpe, Nic. Não foi culpa sua, estou indo atrás dela, o Pedro está indo para aí, vá para um hospital e fique bem — Desliguei e prestei atenção no trânsito. Nina estava ao meu lado, nervosa e aflita. Eu também estava, mas precisava me controlar, ou perderia minha filha.

Sabrina pegou uma rota diferente. Ela não foi para avenida, e sim para a estrada de barro que ia para o município vizinho. Dirigindo em alta velocidade, fiz o possível para alcançá-la. Era uma estrada estreita, ao nosso redor só haviam árvores, muitas árvores e plantações.

Por várias vezes eu me aproximei dela, mas isso só a fazia correr mais, deixando-me desesperado. E foi em uma curva que vi meu mundo desabar, como se eu estivesse vendo tudo em câmera lenta. Avistei o carro de Sabrina capotar após não conseguir fazer a curva devido a velocidade em que estava.

Pisei rapidamente no freio e saí do carro, correndo em direção ao acidente. Nina estava atrás de mim, correndo também. O carro estava bastante amassado e eu temia pela vida da minha filha.

Se Lua não estivesse bem, não sei o que faria. Com meu coração aos pulos, aproximei-me do carro.

Lágrimas escorreram dos meus olhos ao escutar o choro da minha filha. Ela estava viva! Aproximei-me da porta, que estava bem amassada. O vidro estava quebrado e eu pude ver a Lua presa em sua cadeirinha. Graças a Deus por ela e pelos cintos!

Forcei a porta até que ela abrisse e comecei a sentir o cheiro de gasolina, precisava tirar a Lua dali logo. Forcei mais a porta e ela abriu. Soltei os cintos, carreguei-a no colo e beijei sua testa.

Nunca agradeci tanto a Deus como naquele momento. Olhei ela toda e vi alguns arranhões em seus braços, mas fora isso ela parecia estar inteira. Beijei sua testa e todo seu rostinho.

Nina veio a mim e a tirou do meu colo, cheirando-a e enchendo ela de beijinhos. Lua havia parado de chorar e olhava com encantamento para Nina. Voltei até o carro para ver Sabrina, mas ela não estava lá.

Seu corpo estava a alguns metros de distância. Eu não me aproximei, o estado em que ela estava era triste demais.

Voltei para perto da Nina e da Lua e as abracei. Ficamos abraçados até o Pedro e os outros policiais chegarem, então deixei a Nina no meu carro, amamentando a Lua. Voltei para conversar

com os policiais, expliquei tudo o que tinha acontecido. Quando levaram o corpo da Sabrina, eu liguei para Nicole para explicar o que tinha acontecido, mas ela estava dormindo. Quem atendeu foi seu noivo, então contei a ele, que disse que falaria a ela assim que ela acordasse.

Fomos ao hospital mais próximo e o pediatra que estava atendendo disse que foi um milagre a Lua estar bem depois de tudo o que tinha acontecido. Disse também que, por ser muito nova, não ficaria com nenhum trauma, e eu agradecia muito por isso. Minha filha não merecia saber que sua avó tinha a sequestrado e quase a matado em um acidente.

Dirigi até em casa, aliviado. Estacionei e subi com Nina ao meu lado. Lua estava deitada em seu colo, olhando para nós dois.

Ao entrar em casa, senti um cheiro delicioso. Mel deveria estar cozinhando. Caminhamos até a sala e logo pude ver Bernardo e Christopher brincando de carrinhos no tapete. Jake estava assistindo um jogo de futebol na televisão e Melanie estava na cozinha, provavelmente fazendo o jantar.

Ao nos ver, Bernardo levantou e correu até nós.

— Mamãe! Mamãe! Minha irmãzinha voltou! — Bê disse animado.

— Voltou sim! Eu vou dar um banho nela e a trago para brincar com vocês — Nina disse a ele.

— Tá! Daqui a pouco vai começar a Luna, e eu quero que ela assista comigo — ele disse animado, voltando a sentar com o Chris.

Cumprimentei o Jake e sentei-me ao seu lado. Melanie, ao ver a Lua, foi com a Nina até o quarto da minha pequena. E eu só pude sorrir ao ver as mulheres mais importantes da minha vida, juntas.

Contei ao Jake o que tinha acontecido e ele falou que se sentiu da mesma maneira quando soube que a Lydia tinha machucado a Mel naquele episódio do clube.

Olhei para trás vi que a Lua estava limpinha e cheirosa no colo da sua madrinha. Melanie estava radiante, havia algo de diferente nela.

— Cadê a Nina? — Perguntei quando ela entregou a Lua ao Jake.

— Foi tomar banho — disse a mim, depois virou para o seu marido e disse: — Fica com essa princesinha aí para já ir treinando — e foi até a cozinha.

— Estão planejando ter mais filhos? — Perguntei.

— Planejando só não! A Melanie está grávida de quatro meses. Ela deve te contar agora no almoço, então finja surpresa — ele revelou animado.

— Que maravilha, cara! Parabéns, vocês merecem muito! Chris vai adorar ter um irmãozinho. Eu sei que o Bernardo é louco pela Lua — fiz carinho na bochecha da minha filha e levantei-me, deixando o Jake babando pela minha princesa.

Fui até meu quarto, e pude ver, pela sombra do box, Nina tomando banho. Tirei minha roupa e juntei-me a ela. Beijei-a apaixonadamente, juntei seu corpo ao meu, amando cada parte dele embaixo do chuveiro, em uma torrencial chuva de amor.

Capítulo vinte e cinco



Nina

Sáímos do quarto em direção à sala um tempo depois. Lua havia dormido no colo do Jake, que olhava feito um bobo para minha filha. Bê e Chris já estavam sentados à mesa, comendo. É, talvez tenhamos levado muito tempo no nosso quarto.

Peguei-a do colo do Jake, colocando-a no cercadinho, que ficava perto da janela. Ao olhá-la, sorri aliviada por minha filha estar de volta ao lar. Independentemente do que tinha acontecido, não queria que ela levasse trauma algum do acontecido. Lua não merecia saber que em algum momento da sua vida ela não foi completamente amada por outro alguém da sua família.

Sentamos a mesa e jantamos um delicioso stroganoff de frango e, de sobremesa, um mousse de maracujá. Após o almoço, os homens cuidaram da louça e eu e a Melanie fomos ao quarto da Lua. Comecei a trocá-la e depois me sentei na cadeira de amamentação, dando de mamar a Lua. Melanie observava sem dizer nada, e confesso que isso me incomodava um pouco. Queria ter uma relação harmoniosa com ela, já que ela era alguém de suma importância na vida do meu futuro marido.

— Estou ansiosa para voltar a fazer isso. A segunda vez deve ser menos dolorosa, né? — Ela perguntou.

— Provavelmente. Essa é a minha primeira vez e produzi-lo foi bem doloroso...

— Quando Liam me contou o que você fez, fiquei surpresa, mas feliz, afinal você teve uma atitude incrível. Confesso que nem eu mesma sei se seria capaz de fazer algo assim, mas depois de saber sua história, eu compreendi melhor. Você é uma guerreira. Quando perdi o meu filho, alguns

meses atrás, eu me fechei para o mundo e o Liam foi a pessoa que me trouxe de volta à realidade. Foi ele quem disse o que eu precisava ouvir, sabe? Sempre fomos assim um com o outro e eu precisava vir aqui dizer tudo isso, porque ele é como um irmão para mim. Perdemos nossas mães e isso meio que nos tornou a família um do outro, e não que você precisasse, mas vocês têm a minha bênção para continuarem juntos e fazer um ao outro feliz, Dona Lúcia iria querer isso e com certeza ela deve estar abençoando vocês lá do céu — assim que ela terminou de falar, percebi que nós duas estávamos chorando, abraçamo-nos e eu disse: — Obrigada, Melanie. Saber que temos a sua bênção é importante para mim.

Ela sorriu e olhou para Lua, que havia acabado de mamar e estava atenta à nossa conversa.

— Não vejo a hora do meu bebê estar desse tamanho — ela falou.

— Já sabe o sexo? — Perguntei.

— Não, esse aqui é teimoso igual ao pai. Mantém as pernas bem fechadas — rimos juntas.

Começamos a arrumar algumas coisas da Lua, até que eu lembrei.

— Você trabalha com festas, certo? — Perguntei e ela afirmou. — Ótimo! Enquanto estiver aqui, vou precisar dos seus serviços — falei.

— É mesmo? Que tipo de festa seria? Casamento, noivado, aniversário... — ela questionou.

— Aniversário! — Dei risada. — Seu querido irmão não pediu minha mão ainda, pelo menos não oficialmente, afinal nem anel eu tenho — falei mostrando minha mão a ela.

— Não acredito! Preciso dar uns conselhos a esse homem. Mas de quem é o aniversário?

— Do Bernardo. Ele faz seis anos no início de outubro. Nós já estamos quase no final do mês, então queria aproveitar sua experiência para organizar uma festinha legal para ele.

— Liam me contou a história do Bê, eu adoraria ajudar. Amanhã poderíamos deixar as crianças com os homens e saímos para ver lugar, decoração, comida... O que acha? — Ela perguntou.

— Acho ótimo! Vamos fazer isso sim. Vou lá avisar a eles — falei levantando com a Lua em meu colo.

— Está certo, até amanhã — Escutei a Mel dizendo enquanto ia até a sala.

À noite, entreguei a Lua ao Liam e o Bernardo veio ao meu colo. Enchi-o de beijinhos. Eu amava tanto o meu pequeno príncipe! Ele estava mais gordinho agora e seu cabelo ainda continuava um monte de cachos. Nós conversávamos todos os dias antes que eu lhe contasse uma história. Ele havia avançado bastante devido ao acompanhamento psicológico que fazia, meu filho estava feliz e eu sentia isso. A cada conversa que eu tinha com ele, o sentimento de ter feito a coisa certa só se fortalecia. Eu o amava e sentia que era recíproco.

Olhei em seus olhos e disse:

— Sabe que dia está chegando? — Perguntei fazendo cosquinha.

— Não, que dia? — Ele perguntou confuso.

— Seu aniversário, meu amor — beijei sua testa. — Lembra que a mamãe disse a data do seu aniversário? — Ele balançou a cabeça positivamente. — Então, seis de outubro está chegando.

Ele bateu palmas e disse:

— Que legal, mamãe! Vai ter bolinho?

— Vai ter sim. Vamos fazer uma festinha bem legal para você! — Disse beijando seu rosto.

Ele me abraçou bem apertado, deu um beijo estalado na minha bochecha e correu para o seu quarto.

Olhei para o Liam e ele sorria para mim.

— Vou aproveitar que a Mel está aqui e amanhã iremos organizar algumas coisas para o aniversário do Bê — falei.

Ele me deu um selinho e disse: — Fico feliz que vocês estejam se dando bem.

— Também fico — ficamos abraçados até eu adormecer em seus braços.

No dia seguinte, caminhávamos por algumas ruas, olhando diversas lojas. Decidi que o aniversário seria dos Minions, pois quando ele não estava assistindo Luna, estava assistindo esses bonequinhos amarelos.

Optei também por fazer a festa na escola, por ser bem espaçosa e ter todos os seus

coleguinhas lá.

Enquanto esperava a Mel do lado de fora da loja de doces e guardava a maior parte das decorações no porta malas, ela comprava alguns cupcakes, pois segundo ela, estava com desejo.

Estava respondendo uma mensagem do Liam quando fui puxada para um beco. Inicialmente, pensei que fosse um assalto, mas quando tive minha cabeça chocada contra a parede, consegui finalmente olhar o meu agressor e constatei que não era um assalto, mas sim o meu pior pesadelo, que estava de volta.

Capítulo vinte e seis



Nina

Guto estava apertando meu pescoço, deixando-me quase sem ar. Seus olhos estavam vermelhos e sua respiração alterada. Ele estava drogado.

Tentei tirar sua mão meu pescoço, arranhando-a, mas ele apertou mais e quase desmaiei.

Logo depois fui arremessada contra um túnel de ferro, batendo com força a lateral do meu corpo. Ao cair no chão, urrei de dor. Tentei me mexer, mas meu corpo todo doía. Guto veio para cima de mim, socando meu rosto duas vezes. O gosto do sangue veio à minha boca.

Tentei empurra-lo, batendo repetitivas vezes em seu braço. Eu estava ficando sem opções, então comecei a gritar na esperança que alguém escutasse, mas ninguém veio e o desespero tomou conta de mim.

Guto não parava, estava descontrolado. Ele dava socos em diversas partes do meu corpo e, quando bateu minha cabeça contra o chão, minhas vistas ficaram turvas e meu ouvido começou a zunir. Antes de desmaiar em meio a tanta dor, senti-o ser retirado de cima de mim e pude ver um vulto bem parecido com a Melanie antes de fechar meus olhos.

Acordei em uma cama de hospital. Percebi, olhando ao redor, que as paredes do quarto eram bege e o teto era branco, tinha um pequeno armário ao lado e uma televisão pequena na minha frente. Escutei passos e olhei para o lado, vendo uma enfermeira vindo em minha direção. Ela sorria como se tudo estivesse bem e talvez até estivesse, afinal, não sentia mais dores em meu corpo.

— Que bom que acordou, querida — ela disse.

Tentei responder, mas minha garganta estava seca e algo como um aparelho estava sobre meus dentes. Passei a língua sobre eles e constatei que era mesmo um aparelho. Apontei para água que estava sobre o balcão e a enfermeira trouxe para mim. Bebi um pouco e perguntei: — Estou aqui há quanto tempo? E porque estou com isso nos meus dentes? — Perguntei devagar. Doía falar com aquilo na boca.

— Está aqui desde ontem. A senhorita teve uma leve concussão, duas costelas fraturadas e machucou a mandíbula, por isso o aparelho. O doutor deve vir mais tarde para lhe explicar direitinho — ela respondeu.

— Está certo... Mas e ele, o que aconteceu com ele? — Perguntei e algumas lágrimas escorreram do meu rosto ao lembrar do que tinha acontecido.

— Sua amiga foi à sua procura e, ao te ver quase desacordada, buscou ajuda. Por sorte, dois policiais estavam fazendo ronda no bairro naquele momento e ele foi preso — ela contou.

Respirei aliviada. Ele podia ser alguém da minha família, mas não conseguia sentir nenhum afeto por ele, não depois do que ele fez. Guto não merecia que eu dedicasse um terço do meu pensamento a ele. Ele era digno de pena, um covarde. Homem nenhum deve bater em uma mulher, por causa alguma.

Senti tocarem minha mão e ela disse: — Seu marido está aí desde ontem, ansioso para entrar.

— Ele não é o meu marido. Ainda não casamos, mas eu gostaria de vê-lo, será que ele pode vir mesmo assim? — Perguntei.

— Claro. Daqui a alguns minutos começa o horário de visitas — ela disse e eu esperei.

Um tempo depois, Liam entrou no quarto e correu ao meu encontro. Ele estava com olheiras e sua roupa estava amassada.

Ele beijou minha boca e todo o meu rosto com carinho.

Segurou meu rosto e disse:

— Fiquei tão preocupado, meu amor. Só de pensar em tudo que ele fez, me sobe uma raiva...

— Ele tirou a mão do meu rosto e fechou o punho. — Sorte dele que a polícia chegou antes que eu o encontrasse. Mel ficou em choque quando viu o que ele estava fazendo, ligou desesperada assim que lhe colocaram na ambulância —ele diz passando a mão nos meus cabelos. — Mas agora vai ficar tudo bem, minha linda.

— Espero que fique, meu amor — Suspirei. — Tudo o que eu mais quero é que essa fase passe logo — falei entrelaçando nossos dedos.

— Sabe o que estamos precisando? Férias. Vamos pegar as crianças e ir para Porto Bello, o que você acha? — Perguntou.

— Eu adoraria, mas acho que vou ter que ficar de molho por um tempo. Que tal irmos depois do aniversário do Bê? — Perguntei.

— Vai ser ótimo. Deixei eles com a Nat por enquanto, quando saí de lá o Chris e o Bê estavam correndo pela casa — ele falou rindo com a lembrança.

— Eu te amo. Você sabe disso, né? Não poderia ter encontrado alguém além de você — falei para ele.

— Eu te amo também. Na mesma medida. Nem mais, nem menos, sentimos o mesmo um pelo outro, completamo-nos — ele disse vindo me beijar, mas quando foi intensificar o beijo, meu rosto doeu e eu o fiz parar.

— Desculpe, desculpe. Empolguei-me um pouco — Ele disse preocupado, mas bem-humorado.

— Seu safado! Vou chamar a enfermeira para lhe tirar daqui — falei para ele.

— Ela não conseguiria. Com o meu charme, eu a faria me deixar ficar aqui com você — ele disse.

— Com seu charme, né? Sei... — Disse desconfiada.

— Não precisa ter ciúmes, minha tigresa, sabe que só tenho olhos para você — ele diz.

— Sua vista não deve estar sendo agradável agora, né? Devo estar horrível — falei, colocando as mãos sobre o meu rosto e derramando algumas lágrimas.

— Está linda, meu amor. Perfeita como sempre foi — ele disse limpando as minhas lágrimas.

— Não quero que eles me vejam assim. Eu não quero que nossos filhos vejam a mãe machucada — implorei.

— Está certo, mas eles sentirão saudades. Você ficou fora uma noite e o Bê fez mil perguntas quando eu liguei, perguntando onde você estava — ele falou.

— Também sinto saudades dele e da Lua, mas agora eu preciso de um pouco de tempo para assimilar isso tudo — expliquei encostando minha cabeça no travesseiro.

— Ok. Um terapeuta vai vir conversar com você durante os dias que você for ficar aqui — ele me informou.

— Está certo, eu não queria dormir, mas estou tão sonolenta... devem ser os remédios — falei quase fechando os olhos por completo.

— São eles sim. Durma, meu amor, quando acordar eu estarei aqui — senti um beijo na testa e apaguei.

Alguns dias depois...

Eu teria alta dali dois dias. Eu estava ansiosa e com muitas saudades dos meus filhos! Falava com eles diariamente ao telefone, mas sentia saudades do cara a cara, de enchê-los de beijos, contar histórias, dar de mamar, brincar, assistir filmes... Mas ficar todos esses dias no hospital não foi de tudo ruim. A terapia estava me ajudando bastante, acho que agora conseguira viver sem pensar que seria atacada a qualquer momento.

Minhas costelas não doíam tanto como antes, agora só usava aparelho na parte superior da boca e podia beijar o Liam tranquilamente. Com a ajuda da enfermeira, tinha me maquiado e

colocado um vestido azul que o Liam tinha trazido para mim. Sentei na poltrona que ficava próxima a cama, levando comigo os fios e a máquina que me monitorava, em breve me livraria deles. Esperei meus filhos entrarem por aquela porta para que eu não me sentisse tão sozinha.

Capítulo vinte e sete



Nina

Bernardo, Lua e Liam não demoraram a chegar. Meu príncipe encheu-me de beijos, sentou ao meu lado e me contou tudo o que ele fez durante esses dias em que eu estava no hospital. Lua estava no meu colo puxando meu cabelo e tentando morder meu queixo. Os dentinhos dela já estavam saindo, o que a deixava mais fofa e sapeca quando sorria. Meu namorado observava nossa interação de longe, tirando algumas fotos.

Dois dias depois, fui para casa. Não podendo fazer muitos esforços, Liam e Bê mimavam-me em excesso. E devo confessar, estava adorando ser mimada, acho que nunca tive total atenção de ninguém além de Mimi.

Vini, Rui e Nat vieram me visitar e me colocaram a par de todo o funcionamento do Pocket. Ao verem o Bernardo, ficaram totalmente encantados. Liam tinha saído com Lua, então estávamos apenas nós dois em casa.

— Doeu muito para fazer todas essas tatuagens, tio Rui? Mamãe diz que doeu, mas não acho que seja verdade — ele perguntou observando de perto as tatuagens dos braços de Rui, que olhou para mim antes de responder o meu pequeno.

— Algumas doeram mais que as outras, depende muito do lugar — Bernardo ficou pensativo por um tempo e disse: — Hm, então acho que vou deixar para fazer uma quando eu estiver bem grandão igual ao papai.

— É o melhor mesmo, tampinha! — Vini disse bagunçando seus cabelos. — Venha ver os

carrinhos novos que trouxe para sua coleção — falou e os dois engataram uma conversa indo até o quarto do Bê.

— Que menino precioso, Nina! Você tem tanta sorte! — Nat falou me abraçando.

— Tenho mesmo. O Bê é a luz da minha vida, não sei o que faria se ele não tivesse aparecido — disse sorrindo.

— Eu e a Nat estamos pensando em adotar também. Queremos ter filhos e estamos tentando do modo natural, mas gostaríamos de dar uma nova chance a esses garotos que levaram rasteiras da vida — Rui disse sentando-se ao nosso lado.

— Acho essa ideia maravilhosa! Há muitas crianças por aí em busca de um lar. Vocês serão pais maravilhosos.

— Esperamos que sim, porém gostaríamos de adotar um adolescente. Quero dar uma nova perspectiva de vida a eles e, pelo que sei, muita gente prefere os bebês e acaba os deixando de lado.

— Isso é verdade, Rui. Mas se quiserem mesmo adotar, podem contar comigo, apoiarei vocês sempre.

No dia do aniversário de Bernardo, eu já estava um pouco melhor. Fui cedo para a escola, arrumando todo o espaço onde seria a festa. A festa aconteceria à noite, na quadra de esportes. Como era sexta-feira, iríamos no fim de semana para Porto Bello. Eu e a Mel, que tinha voltado para São Paulo só por causa do aniversário do Bê, decoramos todo o espaço da quadra. Tinha vários balões amarelos, painéis na temática do aniversário e uma mesa decorada com doces, pirulitos, balas e bonequinhos dos minions. No centro, havia um bolo de três andares com os rostos do Kevin, Bob e Stuart. Bernardo os adorava.

Depois terminamos de arrumar todo o espaço, a Mel deixou duas pessoas organizando o que faltava e fomos embora. Ela pegou um táxi até o hotel que estava hospedada e eu segui de carro até em casa. No caminho, pensei no presente que daria ao Bê. Ele era um menino muito amado e merecia tudo de melhor que eu poderia lhe dar.

Olhei para o relógio e vi que ainda tinha alguns minutos, então parei em uma loja de

brinquedos e comprei um triciclo infantil bem grande. Pedi para que a compra fosse efetivada na sede da loja em Salvador, pois assim ficaria mais fácil para levar para minha cidadezinha no interior da Bahia. Na última vez que estivemos em Porto, Bê tinha ficado encantado com os triciclos dos vizinhos da Mimi e, como no apartamento não havia espaço para que ele brincasse, eu o levaria para minha casa.

Quando entrei no apartamento, senti um cheiro delicioso. Andei até a sala e vi o Bernardo deitado no sofá, lendo um dos livros que tinha ganhado. Beijeí sua testa e acaricieí seu monte de cachinhos. Eu tinha o acordado com muitos beijos hoje, afinal era um dia especial, o primeiro de muitos aniversários dele conosco. Deixei-o com sua leitura e fui até a cozinha. Liam estava com Lua em seu colo, mexendo uma panela.

Abracei suas costas, beijando seu pescoço e deixando-o levemente arrepiado. Lua, ao me ver, deu um sorriso bem sapeca.

— Deixa ela comigo enquanto você termina — tirei-a do colo do Liam e enchi-a de beijinhos.

— Como foi lá na escola? Arrumou tudo? — Ele perguntou.

— Sim, ficou muito lindo. Eu tenho certeza que ele vai amar! A Mel deixou duas pessoas terminando de organizar o lugar, o pula-pula e o castelo de bolinhas chegarão em algumas horas — respondi. — E esse almoço? Já era para ter saído né? Não me diga que não deu nada para eles comerem! — Ralhei com ele.

— Eles já almoçaram, sua linguaruda! — Ele disse vindo até mim e roubando um beijo. — Esse é para nós dois, imaginei que você fosse levar bastante tempo lá — ele disse colocando um macarrão ao alho e óleo com camarões no centro da mesa.

— Nossa! Vejo que irei me casar com um homem cheio de talentos — falei bagunçando seus cabelos. Lua observava atentamente o que estávamos fazendo, até decidir que queria o irmão. Foi só o Bê aparecer para a Lua gargalhar. Deixei os dois na sala assistindo Meu Malvado Favorito 2 e fui

almoçar com o Liam.

Após o almoço, estiquei um edredom bem macio que tínhamos em cima do tapete e deitamos com as crianças na sala. Lua dormiu rapidamente após mamar, então coloquei-a ao meu lado, e o Bê colocou-se entre mim e o Liam. Coloquei o celular para despertar dali uma hora, pois daria tempo o suficiente para nos arrumarmos para o aniversário, e fechei meus olhos.

Um tempo depois, despertei assustada graças a Lua, que estava puxando meus cabelos e babando todo o meu braço, dando-me pequenas mordidas. Carreguei minha pequena e deixei os dois homens da minha vida dormindo. Banhei a Lua e coloquei nela um vestido amarelo de bolinhas brancas com um sapatinho preto. Estava uma graça! Seus cabelos lisos estavam grandinhos, então penteei e coloquei uma passadeira branca. Eu a coloquei no cercadinho e acordei o Liam para ficar com ela e levei o Bê para tomar banho. Enquanto ele se banhava, separei sua roupa: uma bermuda jeans, uma blusa amarela com o rosto de um dos Minions. Quando terminei de arrumar, meus olhos ficaram marejados, ele estava tão lindo.

— Porque você está chorando, mamãe? — Ele perguntou limpando minhas lágrimas com suas mãozinhas.

— Estou chorando de felicidade, meu amor. Depois do meu anjinho, nunca imaginei ter outro príncipe e você surgiu na minha vida para dar um novo sentido a ela — eu o abracei. — Eu te amo muito, mas muito mesmo. — Beijeí sua testa. — Queria que você ficasse com isso — mostrei a ele uma pulseira com todas as nossas iniciais, um "N", "B" e dois "L". Coloquei-a em seu pulso. — Para você saber que onde quer que você esteja, nós estaremos com você, sempre! Pois somos uma família, a sua família! — Falei o abraçando novamente.

— Adorei mamãe! Eu também te amo, desse tamanho aqui ó — ele esticou as mãos o mais afastado uma da outra que seus braços conseguiram afastar.

— Meu Deus, que tantão! É muito amor para alguém do seu tamanho! — Falei bagunçando seus cabelos.

Ele concordou com a cabeça e disse: — É sim, mas eu amo! Vou lá mostrar ao papai, viu —

beijou minha bochecha e saiu correndo até a sala.

Fui até meu quarto, despi-me e tomei meu banho. Quando estava saindo do banheiro, enrolada na toalha, Liam passou por mim, roubando-me outro beijo e entrando no banheiro.

— Ué, deixou os pequenos com quem? — Perguntei, vestindo a calcinha e o sutiã.

— O Vini já chegou. Ele disse que o Rui e a Nat iriam mais tarde porque ela tem uma consulta agora. Ele vai com a gente! — Ele respondeu.

— Ah, beleza. Estou com saudades do Vini — falei.

Coloquei um vestido longo azul, de alças finas e decote de coração, nos meus pés uma sandália plataforma bege. Passei perfume, coloquei alguns acessórios e fui até a sala. Vini estava batendo o maior papo com o Bê e a Lua brincava em seu cercadinho.

— Oi, meu bem! — Cumprimentei o Vini e carreguei a Lua, pegando suas inúmeras bolsas, afinal, tinha que ser precavida.

— Oi, meu amor! Você está maravilhosa! Como sempre, né? Mais um dia difícil para as inimigas que nunca chegaram aos pés dessa mulher! — Ele disse fazendo uma reverência exagerada e espalhafatosa.

— Você sempre turbina o meu ego! Eu te amo por isso! — Falei dando-lhe algumas coisas para segurar. — Quem diria que esse dia chegaria, hein, Vini? Depois de tudo, eu estou com dois filhos — disse animada.

— Eu sei. Isso é maravilhoso! Você mais do que ninguém merece, Nina! — Ele me deu um abraço fraternal e beijou minha testa.

Liam chegou na sala vestido com uma bermuda jeans, uma camisa polo azul e um sapato marrom. Caminhamos juntos até o carro e entramos juntos na escola como uma verdadeira família. O fotógrafo tirou algumas fotos e algumas pessoas vieram nos cumprimentar. Bê correu para brincar com seus coleguinhas, Liam levou a Lua para mostrá-la a eles, então ficamos o Vini e eu. Estávamos conversando sobre o seu novo caso, até ele dizer: — Mulheeeeer! Que homem gato é aquele? Vontade

de levar para casa, amarrar na cama e abusar com vontade de cada parte daquele corpinho!

Gargalhei e disse:

— Deve ser um espécime maravilhoso mesmo, você está quase babando!

— Ai meu Deus, ele está vindo para cá! — Ele disse animado.

— Deixa eu virar para ver essa pessoa que está fazendo você quase saltitar aqui — falei.

Virei e levei um susto ao ver quem estava caminhando na minha direção. Eu nem lembrava de tê-lo convidado.

— Olá, Antonina, há quanto tempo — ele disse.

Capítulo vinte e oito



Nina

— Rafa, tudo bem? — Perguntei tentando disfarçar minha surpresa apertando sua mão.

— É sempre um prazer revê-la, Antonina — ele disse de modo sedutor. Sorri constrangida e o Vini me cutucou.

— Já te disse que é só Nina, Rafa — Falei sorrindo. — Deixa eu te apresentar ao meu melhor amigo aqui em São Paulo, o Vini — apresentei e ambos se cumprimentaram.

— Então onde está o Bernardo? Eu trouxe um presente para ele — ele disse mostrando o embrulho em sua mão.

— Está correndo por aí, aproveitando a festa — respondi.

— Ele está é certo, no lugar dele eu faria o mesmo — ele disse sorrindo. — E o seu namorado? Ainda está com ele? — Perguntou.

Isa responder, mas senti uma mão em minha lombar e um corpo próximo ao meu. Sorri ao sentir sua presença.

— Ainda está sim. Algum problema com isso, Rafael? — Liam perguntou.

— Problema algum. Eu fico feliz pela Antonina, mas quando se tratava de namorados, suas escolhas nunca foram as melhores — ele falou sarcástico.

— Se você veio aqui me insultar, vamos resolver lá fora, aqui você não é o prefeito e não vejo nenhum segurança por aqui — Liam falou intimidando o Rafa novamente.

— Uou, uou, vejo que o playboy sabe brigar! — Rafa falou bem-humorado.

Vi Liam fechando os punhos com raiva e resolvi intervir.

— Amor, ele está brincando! O Rafa é assim mesmo! — Falei rindo e ficando entre os dois.

Eu sabia que o Rafael adorava provocar.

— Isso, relaxa garotão. Além do mais, também vim com a minha namorada. Ela parou para conversar com uns amigos, mas já deve estar vindo — ele falou e olhou para os lados. — Olha ela ali.

Imagine na minha surpresa ao ver minha melhor amiga e advogada vindo em minha direção. Ela sorriu e o Rafa a abraçou, deu para ver em seu olhar que ele estava apaixonado.

Eu a abracei, dizendo:

— Sua vaca! Porque não me contou que estavam namorando?

— Ainda é recente. E tanta coisa aconteceu na sua vida que preferi contar agora. Além do mais, só estamos nos divertindo — ela disse — Fico feliz por vocês, sério! Os dois precisam parar de pensar tanto em trabalho — falei olhando para os dois.

— Vou com o Rafa procurar o Bê para entregar o presente dele. Aliás, adorei a decoração, você arrasou! — Ela disse saindo com o Rafael.

Vini pedi licença para buscar uma bebida e então ficamos só eu e o Liam, ele me abraçou e sorriu para mim. Eu adorava quando ele sorria.

— Sabe que eu te amo, né? — Perguntei.

— Sei que o meu amor por você só cresce. Eu nunca imaginei que pudesse amar alguém do jeito que te amo — ele se declarou.

— Se tem noção disso tudo, não precisa ter ciúmes do Rafa! — Falei bem-humorada. — Só tenho olhos para você! — Disse enlaçando meus braços no pescoço dele.

— E é por só ter olhos para você, minha tigresa, que tenho ciúmes — disse me beijando.

Caminhamos pela festa cumprimentando todos e tirando várias fotos. Bernardo corria para todo lado, brincando com seus amigos da escola, e a Lua ia para o colo de todo mundo com um

sorriso sapeca.

Pouco antes dos parabéns, levei o Bê ao banheiro para arrumá-lo, meu bichinho estava todo suado. Estava limpando seu rosto com um lenço quando ele disse, animado: — Mamãe, essa festa está tão legal!

— Você gostou? Que bom, meu amor! Papai e mamãe fizeram essa festa especialmente para você! — Falei beijando seu rosto.

— Eu gostei muito! Você viu o tantão de presentes? Nunca ganhei tantos assim! — Ele disse animado.

— São todos para você, de pessoas que te amam muito! Mamãe comprou um também, e acho que você vai adorar. Eu mandei lá para Porto, então você só vai ver amanhã! — Contei a ele.

— Vamos para praia? — Ele pergunta animado.

— Vamos sim! Mas agora vamos cantar os parabéns, estão todos esperando — falei segurando a mão dele e o levando para a mesa do bolo.

Todos se reuniram ao nosso redor, Bernardo no meio, eu ao seu lado e no outro Liam, com Lua em seu colo. Cantamos parabéns e o Bê mal pôde conter sua alegria, cantando e batendo palmas a todo momento. Na hora de soprar as velinhas, sua alegria foi contagiante. Eu o abracei, pegando-o no colo e agradecendo a Deus por ele estar ali. Por conseguir ser feliz, finalmente. Por estar completa.

Quando a festa acabou e depois de me despedir dos convidados, preendi meus cabelos em um coque e, com meus pés descalços, ajudei com a Mel, a Carla, a Nic e as meninas do Buffet a arrumarem o espaço. Liam, o Jake e o Rafa estavam colocando os brinquedos do Bê no carro.

Quando terminamos, as crianças já estavam dormindo. Peguei a Lua no colo, o Liam pegou o Bê e o Jake carregou Chris. Eles e a Mel voltariam para São Conrado amanhã, então despedimo-nos e prometemos visitá-los quando voltássemos de Porto.

Ao chegar em casa, demos um banho rápido nas crianças, que despertaram e não quiseram mais dormir. Colocamos os dois na nossa cama e, quando fui tomar banho, o Liam ficou com eles. Ao

trocarmos, deitei-me e peguei um livro para contar uma história para eles. Lua estava entre mim e o Bê, atenta aos movimentos de seu irmão. Pouco antes de o Liam deitar ao nosso lado, Lua havia adormecido, mas o Bernardo continuava elétrico. Coloquei a Lua no berço que tínhamos no quarto e o Bê pediu: — Deixa eu dormir com vocês hoje, mamãe?

— Claro que deixo, meu amor, mas vamos fechar os olhinhos e dormir, certo? Vamos cedo para Porto para aproveitarmos lá, ok?

— Ok, mamãe, boa noite — Beijou minha bochecha. — Boa noite, papai — Abraçou e beijou a bochecha do Liam. Apagamos as luzes e, como estávamos tão cansados que dormimos imediatamente.

Na manhã seguinte, acordei cedo e, após arrumar a mesa com o café da manhã, fui ao quarto das crianças separar o que levaríamos. Lua acordou e eu dei de mamar a ela e vesti-a com um conjuntinho florido. Penteei seus cabelos, que estavam grandinhos, brinquei com suas perninhas gordinhas e escutei alguém na porta. Bernardo tinha acabado de acordar e estava com a maior cara de sono. Seus cachinhos estavam bem emaranhados, tinha que dar um jeito nisso. Deixei a Lua no cercadinho assistindo a Luna e fui dar banho no Bê.

Após o banho, perguntei a ele: — Que tal cortarmos esses cachinhos? Vamos para praia, vai estar calor e seu cabelo já está nos ombros.

Ele pensou um pouco e respondeu: — Eu gosto dos cachos, mas ficam caindo nos meus olhinhos. Pode cortar, mamãe.

— Você vai ficar ainda mais lindo, meu amor.

Cortei seus cabelos, deixando-os parecidos com os do Liam, bem curtos do lado e mais cheios em cima. Arrumei-o e deixei-o tomando seu café. Fui acordar o Liam, mas o mesmo já estava acordado e pronto.

— Opa, vai para aonde, bonitão? — Perguntei.

— Preciso buscar umas coisas, na volta pego vocês e vamos para Porto — ele respondeu

segurando nos meus ombros e me dando um selinho.

Fiquei estática, pensando em o que o Liam estaria me escondendo dessa vez.

Capítulo vinte e nove



Nina

Saí dos meus pensamentos ao escutar um chorinho da Lua. Corri até a sala e a vi em pé no cercadinho, mordendo suas bordas e se esticando para que o Bê a pegasse. Meu filho estava na frente da irmã, encarando-a. Aproximei-me e escutei-o dizer com seriedade: — Mas eu não posso, maninha! Ainda não sei te carregar direito! — Ele passou a mão pelos cabelos. — E se eu te deixar cair? Você aí se machucar e chorar, e eu não quero isso.

Lua disse coisas incompreensíveis e ele a respondeu como se compreendesse tudo: — Vou chamar a mamãe para lhe colocar no tapete, está bem? Espera um pouquinho, Lua — ele disse vindo em minha direção e levando um susto ao me ver.

— Ai, mamãe, que susto! — Ele disse rindo. — Lulu quer ir para o tapetinho brincar comigo, ela pode ou já vamos para Porto?

— Não vamos agora, não, vou colocá-la no tapete e vamos olhar seus presentes, ok?

— Ok, mamãe — ele respondeu.

Carreguei minha bonequinha, enchendo-a de beijos e colocando-a entre muitas almofadas no tapete. Aproveitei para lhe dar um mordedor: os dentes dela estavam saindo e sua gengiva coçando, então a brincadeira favorita da Lua agora era dar beijos babados e, entre eles, algumas mordidas.

Sentei com o Bê e levamos um tempo abrindo todos os presentes. Eram muitos, em sua maioria brinquedos e algumas roupas. Separei e levei-as até o quarto para colocá-las em seu guarda-roupa. Quando terminei, encontrei o Bê encarando os brinquedos que ficavam em uma parte do seu

quarto. Ele cuidava muito bem deles e deixava-os arrumados após brincar. Olhei para ele, que parecia tão concentrado, e perguntei: — Algum problema, meu amor? — Perguntei com a Lua em meu colo.

— Não, mamãe. Só estava olhando aqui... eu tenho tantos brinquedos e ganhei um bocado no meu aniversário... não que eu não esteja feliz, eu adorei, mas já tenho tantos! Os meus primos lá de Porto não têm... É que antes eu também não tinha brinquedos e eu me sentia bem tristonho com isso, não queria que eles se sentissem do mesmo jeito... A senhora ficaria chateada se eu desse alguns a eles? — Bernardo me perguntou e eu mal pude conter minha alegria ao escutar tais palavras. Eu estava tão orgulhosa de sua atitude! Meu pequeno era tão novo e tão generoso. Abracei-o, dizendo: — Claro que eu não ficaria. Eu estou tão orgulhosa de você e acho que eles irão adorar! Podemos passar no shopping antes de irmos e pegar algumas bonecas para as suas primas, o que acha?

— Adorei a ideia, mamãe. Vou separar alguns aqui — ele disse pegando alguns brinquedos.

— Vou pegar um saco para colocarmos e, mais uma vez, estou muito orgulhosa de você! — Falei beijando sua testa.

Capítulo trinta



Liam

Entrei na joalheria que estava vazia, afinal ainda era bem cedo, mas como o dono era meu amigo e minha encomenda tinha chegado no dia anterior, precisava pegá-la antes de ir para Porto.

Apoiei-me no balcão, esperando o Alef voltar.

— Estou ansioso, Alef. Confesso que tive que controlá-la para não fazer o pedido antes da hora — falei e ele riu, indo buscar a joia no cofre. Eu tinha decidido que estava mais do que na hora de fazer o pedido oficial. Sabia que a resposta seria positiva, mas queria dar a ela um momento especial, e palco melhor que Porto não existia. Fazer o pedido tendo como fundo aquela praia maravilhosa deixaria Nina muito feliz. Saí dos meus pensamentos vendo o Alef voltar.

— Foi complicado achar ele do jeito que você queria, mas acho que ficou perfeito — Ele abriu a caixa mostrando-me. — Um anel de diamantes com ouro branco — olhei para ele e sorri. Realmente estava perfeito e do jeito que eu queria. Era uma joia belíssima que ficaria ainda mais bonita nas mãos daquela que eu tanto amava.

— Você fez um excelente trabalho, Alef! Acho que jamais confiaria esse trabalho a outra pessoa. Meu avô comprou a aliança da minha avó aqui também, assim como meu pai — falei com a voz levemente embagada ao lembrar deles.

— Lembro-me muito bem deles — ele arrumou seus cabelos brancos. — Você se parece muito com o seu avô e tem algumas semelhanças com seu pai. Ambos me confiaram o poder de providenciar joias para suas amadas e agora você me deu a oportunidade também. Eu fico muito

grato por isso — ele disse apertando minha mão.

Despedimo-nos e, com a joia paga, guardei-a no bolso da calça e voltei para casa.

Encontrei Nina colocando vários sacos e caixas na capota da Hilux 4x4 que tínhamos. Antes que eu perguntasse algo, Bê veio correndo em minha direção. Carreguei-o e ele disse, animado: — Papai, olha os brinquedos que vou dar aos meus priminhos de Porto.

— Vai dar a eles? — Perguntei surpreso com tal atitude. — Você não os quer mais? Por quê? Não gostou?

— Eu gostei, papai, mas ganhei tantos no meu aniversário! E os meus primos não têm muitos brinquedos, então eu e a mamãe separamos uns para dar a eles — ele respondeu.

Meu coração se encheu de orgulho. Era maravilhoso acompanhar o crescimento do Bernardo e ser parte disso era ainda mais incrível. Criá-lo e educá-lo era desafiador, mas eu o amava e era grato por tê-lo em minha vida. Ele seria um grande homem.

— Estou muito orgulhoso de você, viu? É uma atitude louvável, meus parabéns, garotão! — Falei abraçando-o e colocando-o no chão.

Ajudei a Nina a colocar todas as malas na capota. Ela estava me olhando desconfiada, com certeza queria saber onde eu estava.

— Era a última? — Perguntei colocando a mala no carro.

— Era. Eu vou buscar a Lua, deixei-a dormindo em seu cercadinho. Você vai subir também, ou vai ficar aqui? — Ela questiona.

— Vou conferir o carro, acho que vamos ter que abastecer antes de irmos para o aeroporto.

— Ok. Eu já avisei a Mimi que estávamos indo para lá, o meu carro já foi deixado no estacionamento do aeroporto de Salvador. Eu espero não peguemos engarrafamento na estrada até Porto. Vamos ter que passar no shopping, aliás, preciso pegar algumas coisas — ela disse dando-me as costas e subindo as escadas.

Nina desceu um tempo depois com Lua em seu colo. Minha filha já vestia uma roupinha

diferente da que vestia quando saí, agora usava um macaquinho jeans e um lenço na cabeça. Nina estava linda, vestindo um short jeans e uma blusa repleta de bonequinhas russas. Entramos no carro, prendendo as crianças em suas cadeirinhas e seguindo para o shopping. Nina voltou com mais sacolas e seguimos viagem.

Chegamos no aeroporto pouco antes do nosso voo ser anunciado. Despachamos todas as bagagens e pagamos um pouco a mais pelo excesso. O voo foi tranquilo, Bernardo e eu jogamos um jogo novo em seu iPad enquanto a Nina distraia a Lua com uma historinha.

Não demoramos muito em Salvador. Após colocarmos as malas no carro, pegamos a rodovia que nos levaria até Porto Bello. Ficamos durante horas na estrada, então parei em um posto para abastecer enquanto o Bernardo e a Nina aproveitaram para comer alguma coisa. Logo em seguida, seguimos para casa.

Estar naquela cidade me lembrava São Conrado e isso me trazia uma paz enorme, eu me sentia verdadeiramente em casa. Quando estacionei, Nina foi prender os cachorros e abrir o portão para que eu pudesse colocar o carro para dentro.

Lua havia dormido durante a viagem, então retirei-a da cadeirinha, colocando minha princesa deitada em seu berço e ligando a babá eletrônica.

Voltei para tirar as coisas do carro com a ajuda da Nina e do Bernardo. Colocamos as malas nos quartos e a Nina foi dar o presente do Bê.

— Meu príncipe, venha aqui comigo, quero lhe dar o seu presente de aniversário — ela disse segurando sua mão e levando-o até o quintal.

— Outro, mamãe? Mas a senhora já me dá tantas coisas... — ele ia dizendo, mas quando viu o triciclo, ele pulou de alegria. — Esse é o melhor presente que já ganhei! Eu queria tanto um, mas não sabia se você me daria. Obrigada, mamãe — ele falou abraçando a Nina e foi correndo pilotar.

Ele estava querendo um desde que os vizinhos o ensinaram a pilotar. Ele andou com o triciclo por toda área verde do terreno, que era bem extensa. Passamos a tarde em família, brincando e divertindo-nos, curtindo uns aos outros. Apesar do cansaço, eu não abriria mão de momentos como

aquele por nada.

Quando a noite caiu, jantamos um Fricassê de frango cremoso que estava delicioso, afinal, eu quem havia feito. Queria preparar um clima especial para noite, afinal o grande dia havia chegado e eu queria agradá-la.

Resolvi pôr meu plano em prática. Enquanto ela colocava as crianças para dormir, eu precisei ser rápido, não tive muito tempo. Fui até os fundos da casa, que davam para praia, levando uma mesinha e duas cadeiras comigo. Coloquei-as no centro, próximo ao mar, que estava com a maré baixa devido ao horário. Voltei correndo para pegar no armário as tochas que tínhamos e um saco repleto de pétalas de rosas que Mimi tinha comprado. Coloquei as tochas ao redor das cadeiras, dando uma iluminação ao local, que ficava ainda mais belo com a luz do luar.

Joguei as pétalas no chão, formando um coração. Peguei um vinho, enchi as taças e respirei fundo. Eu estava nervoso.

Quando escutei seus passos na escada, ajeitei meus cabelos e respirei fundo mais uma vez. O momento havia chegado: precisava pedir ao amor da minha vida para ser unir a mim para sempre, pois não conseguia imaginar um futuro sem a Nina ao meu lado.

Capítulo trinta e um



Liam

Ao me ver e olhar tudo ao redor, sua cara foi de total surpresa. Ela havia feito um coque em seus cabelos, deixando seu pescoço livre. Caminhei até ela e trilhei beijos da sua clavícula até sua boca.

Nina sorriu, perguntando:

— Estamos comemorando algo? Eu esqueci alguma data especial?

— Não, ainda não. Eu só quis fazer algo diferente essa noite — entrelacei nossos dedos, levando-a até as cadeiras.

Enchi nossas taças e bebemos um pouco em silêncio, curtindo apenas a companhia um do outro e a tranquilidade do lugar onde estávamos.

Após beber um pouco, ela se virou sorrindo para mim. Ah, aquele sorriso fazia meu mundo ficar melhor a cada manhã. Eu não imaginava acordar sem tê-la ao meu lado pelo resto da minha vida. Levantei-me, esticando a mão em sua direção, dizendo: —Venha comigo, vamos dar uma volta à beira mar.

Ela entrelaçou nossos dedos e começamos a caminhar descalços. Nossos pés se encontraram com a água, que estava quentinha pelo horário. A luz da lua acompanhava nossos passos.

Paramos um pouco depois da nossa casa. Fiquei em sua frente, olhando bem fundo naqueles olhos que me encantaram desde o primeiro momento que a vi, dizendo: — Nunca pensei que seria esse tipo de cara, sabe? Um cara que se apaixona perdidamente por outro alguém assim, tão

intensamente que não consegue imaginar viver sem aquela pessoa, mas bastou te conhecer para isso mudar. No exato momento em que nossos olhos se cruzaram, eu sabia que você seria minha. Eu não conseguia lhe tirar da minha cabeça, você me enfeitiçou com esses olhos, tigresa — limpei as lágrimas que escorriam do seu rosto. — Eu te amo tanto, amo a família que construímos e sou muito grato por ser você o primeiro rosto que vejo ao acordar e o último a ver antes de dormir. Eu quero que seja assim pelo resto da minha vida, quero envelhecer ao seu lado... — soltei suas mãos, ajoelhando em sua frente e mostrando-lhe a aliança. — Quer ficar velhinha ao meu lado, tigresa?

Ela, muito emocionada, assentiu, balançando a cabeça várias vezes. Coloquei a aliança em seu dedo e a puxei para um beijo apaixonante, no qual nossas línguas dançaram no encontro uma da outra e eu pude demonstrar em gestos — mais uma vez — o quanto a amava.

Minhas mãos passearam por todo o seu corpo, ela entrelaçou suas pernas em meu quadril e nossas bocas permaneceram uma na outra, como se dependêssemos daquilo.

Entramos no mar e pude ver a surpresa em seus olhos ao sentir a água gelada que vinha quase em nosso pescoço. As mãos dela puxavam meu cabelo e traziam-me cada vez mais para perto dela. Mergulhamos e, ao submergirmos um tempo depois, olhei para ela: seus cabelos estavam soltos e ela olhava encantada para algo além de mim. Percebi que ela olhava para o anel de noivado.

— Vejo que gostou mesmo, né? — Perguntei beijando seu pescoço.

— Eu adorei. Fico pensando se isso não é um sonho, sabe? Foi tudo tão perfeito... eu não sabia que tinha um namorado tão romântico — ela disse.

— Não é um sonho. Eu me preparei muito para esse momento e estava bem nervoso — confessei.

— Nervoso? Achou que eu fosse dizer não? — Ela perguntou sorrindo.

— Não, eu sabia que você ia dizer sim!

Ela me deu um selinho, dizendo: — Convencido!

— Mas sério, passar tudo o que você sente em palavras não é lá muito fácil. Dizer à mulher que você ama que quer que ela seja sua pelo resto da vida dá um friozinho na barriga — disse a ela

sorrindo.

Então ela me beijou novamente, dessa vez mais lenta e delicadamente, como se não tivéssemos pressa e o mundo não esperasse por nós.

— Sou sua desde o momento em que os nossos olhares se cruzaram naquela boate, desde a nossa primeira noite juntos, na qual eu desejei acordar pelo resto da minha vida daquele jeito. Mesmo com tudo o que aconteceu, eu nunca deixei de lhe amar, de querer compartilhar com você os melhores e os piores momentos, de construir uma família. E olha só o que conseguimos? Dizem que é amor quando o que sentimos é tão grande que não cabe só em nós e os nossos filhos são a prova disso: do quanto o seu amor por mim e o meu amor por você é verdadeiro — ela disse deixando-me emocionado.

Puxei-a contra mim, beijando-a avidamente e pegando-a no colo sem desgrudarmos nossos corpos em momento algum. Entramos em casa tentando não fazer muito barulho e, ao entrarmos no quarto, coloquei-a em nossa cama, não me importando se ia molhar os lençóis. Tirei minha camisa e deitei por cima dela, passando minhas mãos por seu corpo, retirando sua roupa e beijando cada parte do seu corpo, pois naquela noite eu só queria amá-la intensamente.

Quando acordei na manhã seguinte, o sol vinha no meu rosto. Ainda estava fraco, devia estar amanhecendo. Havíamos esquecido a porta da varanda aberta. Levantei-me, vesti um short e fui contemplar e agradecer por mais um dia. Antes de dormirmos, já de madrugada, tínhamos conversado sobre quando seria nosso casamento. Pensamos que a praia seria o lugar ideal e iríamos conversar com a Mel para que ela nos ajudasse nessa organização.

Senti duas mãos ao redor da minha cintura e um corpo quente encostar no meu. Virei-me e vi Nina vestindo minha camisa da noite passada que, nela, ficava quase um vestido. Beijei-a suavemente, passando a mão por seu corpo, apertando sua bunda, colando seu corpo ao meu.

— Pronta para uma rapidinha pela manhã? — Perguntei dando um sorriso safado.

Mas, antes que ela pudesse responder, escutamos alguém bater na porta.

— Mamãe, mamãe o sol já acordou! Eu quero ir para a praia! — Escutamos a voz animada do Bernardo na porta.

— Vamos ter que adiar essa rapidinha, garotão! — Ela disse saindo dos meus braços e caminhando até a porta.

Fui atrás dela, puxando-a pelo braço e jogando-a na cama, esfregando seu corpo contra o meu e beijando-a com tamanha intensidade que esqueci do Bernardo que nos aguardava.

— Mamãe, a Lu também quer ir à praia! Abre a porta, por favor! — Nosso filho gritou novamente, mexendo na maçaneta e batendo na porta.

Dando-me alguns beliscões, a Nina saiu debaixo de mim, dizendo: — Teremos a noite toda para isso, garotão! Agora deixa eu atender nosso filho que está com muita vontade de ir à praia! — Ela disse bem-humorada.

Deitei frustrado na cama e, ao escutar a porta ser aberta, coloquei o travesseiro em cima de mim.

— Poxa, mamãe, vocês demoraram! — Bernardo disse frustrado.

Endireitei-me na cama e olhei para ele. Meu filho estava vestindo uma sunga e tinha boias em ambos os braços.

— Quem te arrumou, Bê? — Nina perguntou encostada na porta.

— A vovó está aí, ela me deu o café da manhã e cuidou da Lua enquanto vocês dormiam — Ele nos contou fazendo uma careta.

Nina encheu-o de cosquinhas, perguntando: — Eu não posso dormir até tarde não, é, mocinho?

— Pode, pode! — Ele disse entre risos.

Fui me trocar enquanto eles conversavam e, quando terminei, carreguei o Bernardo para que a Nina pudesse se trocar.

Um tempo depois, estávamos os cinco na praia, Mimi cuidava da Lua em baixo de um enorme

sombreiro, enquanto o Bernardo, a Nina e eu corríamos atrás da bola. Parei para observar os dois e pensei no quanto eu era grato por ter cada um deles ao meu lado.

Capítulo trinta e dois



Nina

Deixei o Liam jogando bola com o Bê e corri até minha princesa. Lua estava toda sorridente no colo de Mimi, que estava toda babona agora que tinha virado avó. Carreguei Lua, enchendo-a de beijinhos.

Ela estava com seis meses e era a fofura em forma de bebê. No meu colo, ela segurou meu rosto com suas mãos e disse a palavra mais linda que meus ouvidos poderiam escutar.

— Ma-Ma! — Falou e acariciou meu rosto.

Estava tão surpresa que pensei estar imaginando aquilo.

— O que você disse, meu amor? Fale de novo! — Falei incentivando a dizer aquelas palavrinhas novamente.

— Ma-Ma! — Ela disse e gargalhou.

Ri com ela, enchendo-a de beijos e pulando de felicidade.

Estava vivenciando um momento tão maravilhoso! Nunca pensei que pudesse sentir tanta felicidade assim.

Levei a Lua até o Liam e o Bê para lhes mostrar a novidade e entramos juntos no mar.

Ficamos a manhã toda na praia, mas logo depois do almoço o tempo fechou e as nuvens ficaram carregadas. O sol tão lindo que brilhava pela manhã tinha ido embora.

Após um banho bem relaxante, o Liam colocou um colchão no chão da sala, ligou o ar condicionado e colocou um desenho na televisão. Deitamos com as crianças entre nós e, devido ao

cansaço, elas dormiram rapidamente.

Eu estava quase dormindo também, até uma ideia tirar o meu sono.

— Amor? — Chamei o Liam e ele olhou para mim. — Acho que devíamos fazer o aniversário da Lua com o tema das princesas, o que acha? — Questionei.

— Gostei da ideia! Vamos ligar para Mel e pedir para ela organizar — Ele disse.

— Acho que ela vai adorar. E dessa vez ela vai ter mais tempo também, no aniversário do Bê ela quase me matou por chamá-la em cima da hora — revelei rindo.

— Dessa vez não vamos ter esse problema porque o que ela mais vai ter é tempo! — Ele disse esticando sua mão para entrelaçar nossos dedos. — E o nosso casamento, tem ideia de quando será? Já pensou em como ele vai ser?

— Por mim seríamos eu, você e os nossos filhos, um pôr do sol e uma cerimônia íntima e simples, com aqueles que nos amam e se importam. Com a nossa família — disse e ele beijou minha mão.

— Seu desejo é uma ordem, tigresa. Posso providenciar isso.

— Mas não agora, quero que a Lua seja minha florista e que o Bê leve as alianças. Quero que eles façam parte de tudo, então vamos esperar alguns meses — falei para ele, que concordou.

Um tempo depois, adormecemos e, mais uma vez, sentime grata por tudo que tinha conquistado. Minha vida tinha mudado tanto! Aconcheguei-me com a Lua e dormi tranquilamente.

Alguns meses depois...

Faltava apenas alguns dias para o aniversário da Lua. Minha princesa iria fazer um ano, então faríamos uma grande festa. Melanie tinha tudo organizado e a festa seria em um salão de festas do bairro. Havíamos decidido pelo tema da Princesa Sofia. Os cabelos da Lua tinham escurecido e agora estavam castanho-claros, o que lembrava muito o desenho.

Lua já andava por todo o apartamento e estava bem falante e esperta, chamava nossos nomes e falava palavras desconexas que só o irmão entendia. Juntos, eles aprontavam muito. Apesar da diferença de idade, eram muito unidos.

Cheguei em casa do estúdio. Eu estava trabalhando muito menos agora. Preferia estar com os meus filhos e, graças a Deus, eu tinha condições financeiras para que o trabalho fosse opcional para mim.

Depois de anos, fiz o que o Vini tanto me cobrava. Comecei a utilizar a minha herança, afinal meus pais e meus avós tinham a deixado para mim. Nunca tinha feito muita questão de usá-la, não sabia nem quanto era e quase desmaiei quando vi a quantidade de dinheiro. Nunca tinha visto tantos zeros na minha vida. Retirei mais da metade e abri poupanças para o Bernardo e a Lua. Queria que eles tivessem uma estabilidade financeira futuramente, mas eu os ensinaria a valorizar a vida privilegiada que teriam.

Estava com planos de abrir outros Centros em outras cidades carentes espalhadas pelo Nordeste. Em breve, inauguraríamos uma em São Conrado. Liam estava falando muito sobre irmos morar lá e, apesar de amar Porto Bello, estava disposta a começar uma vida em família lá e levar a Mimi junto comigo.

Andei até a sala e a Lua veio correndo em minha direção. Minha filha estava apenas de calcinha, com a mão, o rosto e a barriga suja de chocolate. Agachei-me e perguntei: — Meu Deus, que farra é essa, meu amor?

— Condê, mami! — Lua disse escondendo-se atrás de mim.

Logo depois, o Liam entrou correndo da sala. Ao ver nossa menina escondida, ele riu e disse: — Amor, você viu a Lua? Ela pegou uns doces lá na cozinha e fugiu.

Lua riu atrás de mim e o Liam pegou-a no colo, enchendo-a de cosquinhas.

— Mami! — Lua gritava estendendo os bracinhos para mim.

— Venha, minha princesa! — Peguei-a do colo do Liam e disse: — Vamos tomar um banhinho para irmos buscar o Bê?

Ela concordou balançando a cabeça e batendo palminhas.

Após o banho, vesti na Lua uma saia se babados, uma blusa regata lisa e uma sandália nos seus pés. Troquei a calça que estava usando por um short e fui até a escola do meu menino.

Chegando lá com a Lua em meu colo, nós esperamos o Bernardo ser liberado. Um tempo depois, ele correu em nossa direção e a Lua, que já estava no chão, correu até ele, abraçando-a. Bê a carregou, dando-lhe um beijo na bochecha. Ela, com seus bracinhos gordos, apertou o pescoço dele, abraçando-o.

— Oi, mamãe! — Bernardo disse colocando a Lua no chão e caminhando com ela ao seu lado.

— Oi, meu amor, como foi a sua aula? — Perguntei enquanto caminhávamos até o apartamento.

— Hoje foi muito legal, fiz atividades e brinquei muito! — Ele disse animado.

— Que divertido! — Falei enquanto subíamos no elevador.

Chegando em casa, levei um susto ao encontrar Melanie, Jake e Chris na sala. Havia, também, duas meninas com eles.

— Opa, que surpresa boa! — Falei indo abraçar Mel que, depois de me abraçar, agachou-se para falar com a Lua. Ao ver a madrinha, ela correu em sua direção, dando-lhe um beijo bem babado.

— Resolvemos vir mais cedo, passear um pouco e apresentar a cidade com as meninas — Mel contou.

— E quem são essas duas princesas? — Perguntei.

— Bem, essa é a Sophia, minha sobrinha, e essa é a Valentina, a melhor amiga do Chris — disse apontando para cada uma.

— Muito prazer. Eu sou a Nina, esse aqui é o Bernardo, meu filho e a Lua, minha filha — falei apresentando os meus filhos a elas. Eles logo sorriram e começaram a conversar.

Logo em seguida o Liam apareceu, anunciando que o almoço estava pronto. Enquanto todos

sentavam à mesa, mandei Bernardo tomar banho e eu também fui tomar um para refrescar. Estava fazendo muito calor.

Tirei a roupa e, quando fui entrar no box, senti uma tontura. Parei e respirei fundo, segurando-me na parede. Fechei meus olhos e esperei aquilo passar. Depois de alguns minutos, tomei meu banho, arrumei-me e sentei à mesa para almoçarmos. Resolvi não contar a ninguém da minha tontura, afinal, não devia ser nada, provavelmente era só o calor.

Capítulo trinta e três



Nina

Mel olhou para mim e perguntou: — Está tudo bem, Nina? Estou te achando pálida... — E ficou me avaliando.

— Está tudo bem, sim. É só o calor dessa cidade — respondi e ela pareceu entender.

— Ah, sim, essas mudanças de tempo acabam comigo. Lá em São Conrado é tão fresco... — Ela disse e começamos a comer.

Tivemos um almoço tranquilo, as crianças conversavam entre eles e nós, adultos, não trocamos muitas palavras. Após o almoço, as crianças foram até o quarto do Bê para brincar e eu e a Mel limpamos a mesa e os pratos. Na cozinha, a Melanie surpreendeu-me ao dizer: — Nina, sabe que pode contar comigo né? Mesmo nos conhecendo por pouco tempo, eu lhe considero minha amiga, então se tiver acontecido alguma coisa, é só me falar — e me abraçou.

— Também lhe considero minha amiga, Mel, mas pode ficar tranquila. Não está acontecendo nada, está tudo bem — disse abraçando-a.

Fomos juntas para sala e, ao ver a Lua deitada no colo do Liam, lutando contra o sono, sorri. Ela, ao me ver, esticou os bracinhos para que eu a carregasse.

— Oh, meu amor, vamos dormir um pouquinho? — Falei acariciando seus cabelos.

Dei um selinho em Liam, que estava vidrado no jogo de futebol que estava jogando com Jake.

Caminhei até meu quarto e Melanie foi comigo. Deitamos e coloquei Lua para mamar um pouco. Apesar de machucar um pouco por causa dos seus dentinhos, não havia sensação melhor do

que tê-la tão pertinho de mim.

Mel começou a me mostrar várias fotos das coisas que teriam no aniversário da Lua como a decoração e as lembrancinhas. Estava encantada com tudo, estava lindo demais. O bolo, então, era um sonho!

Um dia antes da grande festa, fui ao shopping buscar o vestido que a Lua usaria em seu aniversário. Aproveitei e comprei outro vestido para mim. O que eu iria usar estava marcando demais a minha cintura que estava bem saliente.

Entrei em algumas lojas e, enquanto experimentava as roupas, optei por um vestido com babados no busto que disfarçava muito bem os meus quilinhos extras.

No grande dia, acordei tarde. Droga! Tinha dormido demais! Levantei me arrumando às pressas e indo até o salão de festas. Lua e Bernardo tinham saído com a Melanie o Jake e as crianças, foram todos juntos ao zoológico. O Liam tinha uma audiência e eu iria supervisionar a organização da festa.

Cheguei lá e ajudei as meninas com algumas coisas, carreguei mesas, arrumei lembrancinhas, roubei vários docinhos e salgados, que estavam deliciosos. Depois de tudo pronto, fui para casa. Lua já estava de banho tomado, pulando apenas de fralda na minha cama, com Liam e Bernardo mandando-a parar.

— Pronto, Lua, agora vem aqui para o papai te arrumar — Liam falava esticando a mão para pegá-la.

Ela corria até o outro lado da cama, dizendo: — Naum, papi!

— Vamos, Lua, é para sua festinha! — Bernardo tentava argumentar, mas Lua nem ligava corria dele também, subindo na cabeceira da cama.

— Naum, naninho! — Ela disse balançando a cabeça.

Eu estava adorando aquela cena, mas tinha que intervir ou nos atrasaríamos para a festa.

Entrei no quarto, dizendo:

— Vejo que está aprontando, hein, mocinha? — Disse e todos olharam para mim. Lua sorriu, sapeca, e correu para eu pegá-la.

— Bincar, mami! — Pediu fazendo uma carinha muito fofa.

— Agora não, bebê. Tem sua festinha daqui a pouco e lá está cheio de brinquedos para você brincar! Mas agora vamos tomar outro banho que a senhorita já está toda suada — Falei levando-a para o banheiro. Dei banho nela e tomei meu banho. Liam tinha ido se arrumar e o Bernardo também, aqueles dois eram muito vaidosos, demoravam muito mais que eu para se arrumar.

Vesti a fralda da Lua e deixei-a em cima da cama com sua bonequinha falante. Ela adorava aquela boneca por ser tão tagarela quanto ela.

Vesti minha roupa íntima, o vestido que tinha comprado, abaixei-me para calçar o salto e ao levantar, fiquei tonta novamente. Ah, não, de novo não! Depois daquele dia antes do almoço, eu já tinha ficado tonta umas duas vezes. Estava começando a me preocupar, talvez devesse procurar um médico e ver o que estava acontecendo.

Assim como nas outras vezes, a tontura passou após alguns minutos, então respirei fundo e fui arrumar a Lua. Minha filha não ficou muito feliz em usar um vestido tão cheio e com tantos babados. Demorou muito até que ela ficasse satisfeita. Quando penteei seus cabelos e coloquei a coroa, mostrei o resultado a ela no espelho. Minha menina sorriu e disse: — Plincesa, mami! Plincesa! — E bateu palminhas.

— Isso, meu amor! — Beijei sua bochecha. — Vamos para o seu aniversário! — Falei pegando-a no colo.

Descemos até o estacionamento e lá estavam Liam e o Bernardo, esperando-nos. Seguimos até o salão de festas, que estava perfeitamente decorado.

Entramos, passando por um arco de flores belíssimo. Lua estava agora no colo do pai, sorrindo para os flashes que vinham em nossa direção. De mãos dadas com o Liam e com o Bernardo ao meu lado, caminhei com eles, cumprimentando todos que vinham falar conosco.

Minha Lua vibrava a cada presente que era entregue a ela. Eu estava tão feliz! Iria me casar com o amor da minha vida, tinha dois filhos maravilhosos e minha vida não poderia estar melhor.

Depois dos parabéns e na hora de soprar as velinhas, a Lua surpreendeu a todos ao colocar suas mãozinhas dentro do bolo e pôr um grande pedaço em sua boca. Minha menina ficou com o rostinho cheio de glacê. Rimos da sua gaiatice e ela pegou um pouco mais, dessa vez para dar ao irmão, que aceitou de muito bom grado. Acabando com a farra deles, peguei a Lua para limpá-la, levando-a até o banheiro.

Enquanto eu a limpava, aproveitei para trocar sua fralda e mudar sua roupa. Lua agora estava vestindo uma blusa regata lisa e preta e um tutu rosa. Ajeitei seus cabelos e a tiara e voltamos para festa. Levei um susto ao encontrar Mimi esperando-me.

— Que bom que conseguiu chegar a tempo! — Falei abraçando-a.

— É, eu queria ter chegado antes, mas o voo atrasou — ela disse observando-me.

— O que foi? Meu rosto está sujo? Estou com glacê no rosto?

— Não, minha menina — ela disse apertando minha mão. — Mas quando ia me contar? —

Perguntou.

— Contar o quê, Mimi? Não estou escondendo nada! — Falei sorrindo sem graça.

— Oh, minha virgem santíssima! Você ainda não sabe? — Ela disse cobrindo a boca com as duas mãos.

— Conte-me, Mimi! Você já está me assustando! — Falei e a Lua se remexeu em meu colo.

Estava impaciente.

Coloquei-a no chão e ela correu para onde Nicole estava com seu noivo. Acenei para eles e olhei para Mimi, que disse: — Posso não ter percebido na primeira vez, mas dessa vez você está reluzente, minha filha. Fico tão agraciada por Deus estar lhe abençoando mais uma vez — derramou algumas lágrimas e me abraçou. Foi então que a ficha caiu.

— Oh, meu Deus! Eu estou... — E então eu vi tudo se apagar antes que pudesse completar a

frase.

Capítulo trinta e quatro



Liam

Estava conversando com alguns colegas de trabalho e, ao mesmo tempo, observando o Bernardo no pula-pula. Como ele era um menino muito ativo, ficava de olho para ele não se machucar.

Terminei de conversar e fui até a Nicole, que estava com a Lua em seu colo. Peguei minha menina com seu tutu rosa e seu sorriso sapeca no rosto. Enquanto brincava com e ela, vi a Nina conversando com a Mimi. Minha noiva estava tão linda, resplandecia beleza. Eu poderia olhar para ela por cada segundo da minha vida.

Levei um susto enorme ao vê-la desmaiar de repente. Entreguei Lua a Nicole e corri até ela. Por sorte, Mimi estava perto e não deixou que ela batesse a cabeça no chão.

Carreguei-a no colo e levei-a até uma das salas do salão, onde havia um sofá.

Deitei-a nele e Mimi apareceu com um pano molhado. Rapidamente agachei-me ao seu lado, segurando sua mão, e Mimi colocou o pano em seu rosto na tentativa de acordá-la. Alguns minutos depois, ela despertou assustada. Olhou para mim e começou a chorar, lágrimas caíam de forma torrencial sobre seu rosto e ela esticou seus braços para que eu me aproximasse dela. Então, ela me abraçou.

Mimi dispersou as pessoas que estavam ao nosso redor, deixando-me sozinho com minha amada. Acariciei seus cabelos perguntando: — Oh, meu amor, o que aconteceu? Por que está chorando?

Ela respirou fundo, limpou as lágrimas e disse: — Desculpe-me por estar chorando, mas é que não achei que isso fosse mais possível, sabe? Mas aconteceu e o choque foi tão grande que até desmaiei! — Ela segurou meu rosto com suas mãos e, olhando nos meus olhos, ela disse: — Eu estou grávida! Não sei há quanto tempo, é incrível que eu não tenha percebido tantos sinais, mas ele está aqui, nosso bebê está aqui dentro — ela então colocou sua mão e a minha contra sua barriga.

Sorri encantado. Seríamos cinco agora. Eu nunca pensei, nem planejei ter mais filhos com a Nina, mas receber essa notícia me deixou muito feliz. Eu conseguiria acompanhar essa gestação com calma e faria de tudo para estar lá quando nosso bebê nascesse.

Beijei-a apaixonadamente, tentando passar toda a minha alegria através do beijo.

Ajudei-a a levantar-se e voltamos para a festa, mas antes disso optamos por não contar a ninguém sobre o bebê, Era o dia da Lua e não queríamos tirar o brilho dela.

Muitos se mostraram preocupados com o desmaio da Nina, mesmo garantindo que já estava bem. Eu também estava preocupado, então avisei que a levaria ao médico mais tarde.

Mesmo já estando bem tarde, Lua e Bernardo não saíam dos brinquedos. Mantive a Nina sentada em uma das cadeiras, curtindo a companhia da Mimi com a Nicole e, com a ajuda da Mel, organizei os presentes que minha princesa tinha ganhado, colocando-os no carro.

Bebemos, comemos e conversamos, enquanto a energia das crianças parecia não acabar. Bê, Lua, Vale, Chris e Sophia corriam e dançavam por todo o salão, era bem engraçado.

Quando o cansaço chegou, minha princesa correu até mim para deitar em meu colo.

— Está cansada, meu amor? — Perguntei tirando os fios suados da sua testa.

— *Shim, papi* — ela disse coçando os olhinhos.

— Vamos para casa então, minha princesa — falei carregando-a.

Nina chamou o Bê, que reclamou, mas se despediu dos amigos e caminhou até o carro com a gente, Mimi iria conosco, também.

No caminho, dirigi devagar. Lua estava dormindo no colo da mãe e o Bernardo estava no

outro lado, deitado sobre as pernas da Nina. Mimi estava ao meu lado quase dormindo, o som estava ligado bem baixinho e tudo o que conseguia pensar era que agora, mais do que nunca, eu precisava por meus planos em prática.

Na manhã seguinte, acordamos com o cheiro do café da manhã. Aconcheguei-me mais em Nina, que ainda dormia tranquilamente. Então, senti mãos tocarem a minha e percebi que a Lua já tinha acordado. Ao me ver, minha sapequinha deu um sorrisão e se preparou para gritar, mas apressei-me a pedir silêncio. Ela achou graça e gargalhou uma risada bem gostosa.

— Papi! — Ela disse engatinhando por cima da Nina e vindo até mim.

Peguei-a no colo e saí do quarto com ela, escovei seus dentinhos, troquei sua fralda, fiz a minha higiene matinal e fui até a sala. Vi Mimi preparando um café da manhã bem caprichado, a mesa estava cheia de delícias.

— Bom dia! — Disse dando um beijo em sua bochecha.

— Bom dia, meu querido! — Disse abraçando-me e indo até a Lua. — Bom dia, princesa — Lua sorriu e pegou a fruta que Mimi havia lhe dado.

Sentei à mesa, coloquei algumas coisas no prato e comecei a comer.

— Ligaram para vocês agora de manhã, falando que a consulta estava marcada e que ela lhe esperava às dez horas — Mimi disse colocando mais comida em meu prato.

— Ótimo. Obrigado, Mimi, vou acordar a Nina. Fico feliz que a Raquel tenha conseguido uma horinha para atendê-la — disse após comer um pouco.

— Não vai precisar acordá-la! Bom dia, minha filha — Mimi disse abraçando a Nina, que vinha em nossa direção.

Bê acordou um tempo depois. Talvez o cansaço tivesse o deixado mal-humorado, porque ele não quis conversar. Tomamos o café da manhã juntos e depois fomos nos arrumar para ir até a clínica.

Bernardo e Lua ficaram com a Mimi e fomos somente eu e a Nina. Chegando lá, fomos logo atendidos. Havia conhecido a Raquel em uma festa da faculdade e, desde então, havíamos mantido

contato.

Cumprimentamo-nos e, após algumas perguntas, ela pediu alguns exames à minha noiva. Então, ela requisitou que ela se deitasse na maca para fazer um ultrassom. Como a gravidez era recente, ela disse que faria uma transvaginal. Confesso que fiquei um pouco incomodado ao vê-la colocar aquilo na minha mulher.

Fiquei encarando aquela tela e, após alguns borrões, escutei uns batimentos bem rápidos. Meus olhos encheram-se de lágrimas e eu não conseguia parar de olhar para o borrão mais lindo que já vi na vida.

— Olha o que encontramos aqui! Parabéns, papais! Aqui está o seu pequeno grãozinho. Você já está com dois meses e o bebê está saudável e no tamanho correto.

Nina olhou para mim emocionada e disse: — Graças a Deus, meu amor. O nosso grãozinho está bem.

Beijei-a suavemente, pensando no quão era grato por ter uma mulher tão especial na minha vida, alguém que me completava cada vez mais e transformava minha vida a cada segundo.

Quando chegamos em casa, Nina foi ficar com os meninos e eu fui até o meu escritório. Ele era pequeno, com um tapete vermelho no chão, uma mesa de mogno no centro, uma poltrona e uma estante que tomava toda a parede.

Sentei e retirei de uma das gavetas algo que estive guardando por muito tempo.

Quando minha mãe morreu, ela deixou para mim o terreno que ficava perto do lago e ao lado da casa da Mel e do Jake.

Sorrindo satisfeito, abri a planta com o desenho da minha futura casa em cima da mesa.

Um amigo meu tinha projetado há alguns dias e nela estavam todas as especificações que, para mim, formavam a casa perfeita.

Peguei meu celular e liguei para o Thomas.

— Cara, acho que chegou a hora. Eu vou precisar dos seus serviços em São Conrado —

Thomas era dono de uma empreiteira em São Paulo e eu não confiaria a mais ninguém a construção dessa casa.

— Beleza, só estava esperando sua ligação. Eu vou chamar a equipe e, em alguns meses, sua casa estará pronta — ele disse fazendo-me ficar animado.

— O seu prazo é curto. Nós nos casaremos em quatro meses e, depois da Lua de mel, quero levar minha esposa e toda a minha família para casa na qual passaremos o resto das nossas vidas.

Então, precisava ligar para uma agência de viagens e reservar nossas passagens para Ilhas Maldivas. Eu e minha esposa passaríamos nossa lua de mel no paraíso.

Capítulo trinta e cinco



Nina

Quando chegamos da clínica, fui até a sala ver os meus bebês. Lua estava engatinhando pelo chão e o Bê estava no sofá comendo cereal e assistindo desenho na televisão.

— Bom dia, meu amor — disse sentando-me ao seu lado e beijando sua testa.

Ele sorriu ao me ver e veio ao meu colo, abraçando-me e dizendo: — Bom dia, mamãe. Para onde a senhora foi? Procurei mais cedo e não lhe encontrei, a vovó disse que você e o papai tinham saído.

— É, o papai e eu fomos no médico. A mamãe precisava fazer alguns exames — respondi a ele.

— Ahhh — ele disse como se entendesse e voltou a comer.

— Mami! — Lua gritou engatinhando até os meus pés e esticando seus bracinhos.

Carreguei-a, beijando suas bochechas gordinhas.

— Oi, meu amor! Acordou cedo hoje! Tinha formiguinhas na cama, bebê? — Perguntei fazendo cosquinhas em sua barriga.

— Naum, mami! — Ela disse sorrindo sapeca.

— Eu te amo, minha princesa — disse sorrindo para ela.

— Amo, mami — Ela disse dando um beijo babado na minha bochecha.

Um tempo depois, a Mimi apareceu, perguntando: — E aí, meu anjo como foi na clínica? O que a doutora disse?

— Foi tudo bem. O desmaio provavelmente foi causado pela queda de pressão. Já estou com dois meses e o nosso bebê está perfeitamente saudável e crescendo forte aqui dentro — disse acariciando involuntariamente a minha barriga.

— Oh, meu amor, que bênção! Vou buscar uns chocolates para você comer, eles ajudam a estabilizar a pressão — ela disse beijando minha testa e indo até a cozinha.

Comi os chocolates junto com os meus filhos, depois deixei-os com a Mimi e fui até o terraço do nosso apartamento. Eu precisava pensar e ficar sozinha.

Ao chegar lá, fiquei feliz pelo lugar estar vazio. Sentei em uma das cadeiras e senti o vento sobre o meu rosto, fechei os olhos e lembrei do meu primogênito, do meu anjinho.

Deus havia me abençoado mais uma vez dando-me a oportunidade de amar incondicionalmente um outro alguém. Apesar de já ter dois filhos, dessa vez ele seria uma mistura minha e do Liam.

E isso me dava medo.

E se ele ficasse doente e não resistisse, como o Bernardo?

Eu não suportaria.

Lágrimas caíram do meu rosto e eu não conseguia parar de chorar. Era muito doloroso lembrar de tudo o que aconteceu.

Olhei para o céu e implorei:

— Por favor, meu Deus, que dê tudo certo dessa vez. Eu não sei se suportaria ter outro anjinho.

Continuei chorando até sentir mãos em meus ombros. Liam acolheu-me em seus braços e acalentou-me passando as mãos no meu cabelo, dizendo: — Vai ficar tudo bem, vai dar tudo certo... — adormeci escutando sua voz e rezando para que tudo desse certo.

Dias depois, contamos às crianças que em breve elas ganhariam um irmãozinho e as reações não poderiam ser melhores. Estávamos no parque da cidade, sentados juntos em um piquenique.

Lua estava no colo do Liam, comendo morangos, e o Bernardo estava ao meu lado.

— Bê, eu e o Liam queremos contar uma coisa — disse olhando para ele.

— O quê? Vamos viajar de novo, mamãe? — Ele perguntou curioso.

— Não, mas em breve teremos um novo membro na família — disse e sorri olhando para o

Liam.

— Hmm, é um cachorro? — Ele perguntou pensativo.

— Não, não é um cachorro! — Respondi e eu e o Liam rimos.

— Ah, então é o quê? — Ele perguntou já impaciente.

— Um bebê. Você vai ter mais um irmãozinho — contei e ele me encarou com os olhos arregalados.

— Um irmãozinho? Que legal, mamãe! Pode deixar que eu vou tomar conta dele assim como ajudei a cuidar da Lua — ele disse igual a um homenzinho, enchendo-me de orgulho.

— Bom saber que teremos a sua ajuda, garotão. — Liam disse bagunçando seus cabelos. Lua aproveitou a proximidade do irmão e colocou morangos em sua boca.

Rimos juntos e passamos o resto da tarde lá. Lua tirou um cochilo ao meu lado enquanto eu observava os dois homens da minha vida jogando bola. Estava tão distraída que não vi meu celular tocar. Quando o encontrei, vi três chamadas perdidas da Mel. Prontamente as retornei.

Ela atendeu dizendo:

— Difícil falar com você, Nina!

— Eu sei, desculpa! Mas estou curtindo um dia em família, celulares são proibidos em dias como esse.

— Entendo bem... estou precisando de dias assim, ando trabalhando tanto!

— Você é meio obcecada por trabalho, Mel, precisa relaxar mais.

— É, eu sei disso... mas liguei para avisar que vou para São Paulo na semana que vem e quero aproveitar para discutir alguns detalhes do casamento, afinal o grande dia está chegando.

— Estou ansiosa! Avise quando chegar. Ah, você pode ficar lá em casa, tenho várias novidades para te contar!

— Deixando a amiga curiosa, Antonina? Isso é maldade.

Dei risada e perguntei:

— Vai trazer o Jake e o Chris também?

— Não, dessa vez vou a trabalho mesmo, vou ficar só dois dias. Espero resolvermos tudo o que precisamos. Tenho que desligar, amo vocês! Mande um beijo para todos.

— Um beijão para vocês também, ficarei esperando!

Desliguei e vi a hora: o sol já ia se pôr. Liam e o Bê vieram até onde estávamos e deitaram em nosso lado. Lua já tinha acordado e encarava encantada aquela enorme bola de fogo que nos aquecia todos os dias.

Meu noivo me abraçou e disse: — Mal posso esperar pelo nosso casamento. Eu já organizei a lua de mel, aliás, vamos para um lugar paradisíaco.

— Você sabe que estarei enorme daqui para lá, né? Vou estar com um barrigão e as minhas roupas não caberão em mim. Eu também ficarei muito sensível e você vai precisar ter muita paciência — disse beijando seu rosto.

— Você provavelmente vai estar ainda mais linda, meu amor — ele acariciou minha barriga ainda plana — Se tudo o que passamos foi para chegar a esse momento, eu sofreria novamente apenas para estar ao seu lado — ele disse emocionando-me.

Beijei-o calmamente e mais uma vez agradei por ter encontrado alguém que me amava verdadeiramente pelo que eu era.

Capítulo trinta e seis



Nina

Acordei cedo com o barulho no apartamento ao lado. Definitivamente teríamos que nos mudar após o casamento. Além da falta de espaço, o barulho de alguns vizinhos estava me incomodando bastante.

Sentei na cama e, ao me levantar, fiquei enjoada. Corri para o banheiro e vomitei tudo o que ainda restava no meu estômago. Quando terminei, tomei um banho e fui até o quarto me arrumar. Liam ainda dormia, porém agora tinha uma pessoinha ao seu lado.

Depois que fez um ano, Lua havia aprendido a sair sozinha do seu berço, então, se deixássemos a porta aberta, era certo que nossa garotinha pularia para a nossa cama.

Minha princesa estava agarradinha ao pai, com os olhinhos bem fechados. Beije seu rosto e aumentei o ar condicionado para que ela não sentisse tanto frio.

Vesti-me colocando um macacão curto e calcei minhas sandálias. Estava quase saindo do quarto quando senti mãozinhas grudarem nas minhas pernas.

Olhei para baixo e Lua disse com sua voz manhosa: — Mami, leiteinho.

Agachei-me para carregá-la e disse: — Bom dia, meu bebê! Vamos para sala e eu te darei todo leiteinho que quiser — quando fui pegá-la no colo, Liam gritou: — Meu bem, não faz isso!

— Amor, que susto! — Respondi sobressaltada.

— Imagine se eu não acordo agora? O que você estava fazendo? — Ele disse carregando a Lua.

— Amor, eu só ia carregá-la!

— Você já esqueceu o que a doutora lhe disse? Nada de esforços, Nina! Para o seu próprio bem e o do bebê! — Ele disse recriminando-me.

— Não exagera! Eu só esqueci, calma.

— Acho que precisamos tomar algumas medidas aqui no apartamento para que ele fique mais seguro para você — ele enquanto caminhávamos para sala.

— Você só pode estar tentando me enlouquecer! O apartamento já é seguro! Deixe de neuras, Liam.

— Não é neura, eu só estou pensando na sua segurança, afinal, um de nós tem que fazer isso! — Ele disse com ironia.

— Nossa, então você acha que sou tão irresponsável assim? Eu não colocaria a vida do meu filho em risco! Coloque isso na sua cabeça, ou a gente vai acabar desgastando o nosso relacionamento com tantas brigas — disse marchando até a cozinha. Bebi um copo de água para me acalmar e Mimi veio em minha direção.

— Bom dia, meu anjo — ela diz me abraçando. — Vejo que acordaram com os ânimos exaltados hoje.

— Mimi, o Liam está tentando me enlouquecer com essa super proteção dele. Você precisava ver o show que ele deu quando ia carregar a Lua — disse a ela. Ela suspirou e pegou em minhas mãos.

— Ele só está pensando no seu bem. Você teve tonturas devido à sua pressão baixa e as mãos precisam ser mais cuidadosas no primeiro trimestre. Talvez ele tenha exagerado, mas foi só para te proteger — ela disse e eu concordei meio relutante, afinal eu sabia que tinha que ser cuidadosa, mas não precisava exagerar tanto. Muitas mulheres enfrentavam mais obstáculos que eu e seus bebês permaneciam bem e saudáveis.

Mimi sempre sabia o que dizer em qualquer situação.

Abracei-a dizendo:

— Eu te amo, Mimi, obrigada por estar sempre comigo e por ser a melhor avó para todos os meus filhos.

— Oh, minha filha, eu também te amo muito.

Soltamo-nos depois de uns segundos e eu ajudei a preparar o café da manhã. Levamos tudo para a mesa e, ao me ver, Lua iniciou um choro manhoso. Ela queria leite e os meus seios já estavam bem cheios. Ia pegá-la do colo do pai dela, mas preferi me sentar ao seu lado e o Liam passou-a para mim. Agoniada, Lua puxou minha blusa até encontrar meu seio. Minha princesa estava faminta e os seus dentinhos arranhavam-me bastante.

— Vai com calma, bebê. Seu leitinho não vai fugir — disse acariciando seus cabelos.

Depois de mamar dos dois seios ela ficou satisfeita. Comecei a comer o meu café da manhã enquanto ela pegava coisas do meu prato, comendo-as junto comigo. Eu sabia que só o leite não a sustentaria.

Um tempo depois, vi o Bernardo entrar na sala, um pouco abatido. Ele andou em nossa direção e, de repente, parou e olhou para mim.

— Mamãe, não estou me sentindo bem — ele disse um pouco antes de vomitar.

Levantei-me para ir até ele, mas o Liam impediu-me e mandou-me ficar com a Lua que ele e a Mimi limpassem tudo. Com minha filha no colo, meu coração encheu-se de preocupação. Será que meu príncipe estava doente? Ele estava tão bem no dia anterior...

Mirna levou-o até o quarto e Liam limpou o vômito que, ao chegar ao meu nariz, fez uma ânsia violenta subir em minha garganta. Lutei contra a vontade de colocar tudo para fora, respirei fundo e tentei cheirar apenas o doce cheiro da minha Lua.

Um tempo depois, Mimi voltou com um Bê ainda abatido, mas muito melhor do que estava antes. Aos poucos as cores voltavam ao seu rosto.

— Oh, meu príncipe, o que aconteceu? — Perguntei abraçando-o e notando que ele estava quente.

— Deve ser alguma virose, Nina. Vários meninos da escola dele estão assim — ela disse e eu o acalentei ainda mais. — Deixe-o tomar um café bem caprichado que lhe darei aquele xarope e rapidinho ele estará melhor.

Beijei a testa de Bê e o Liam disse, aparentando nervosismo: — Não seria melhor levá-lo ao médico?

— Não precisa. É só uma virose e esse xarope da Mimi é maravilhoso, mas caso ele não apresente melhoras, nós o levamos — disse tentando tranquilizá-lo.

Então, voltamos a comer tranquilamente. Mimi fez um suco de laranja para o Bernardo e eu e a Lua tomamos um pouco, também.

Enquanto o Liam ficava com as crianças, fui até nosso quarto ver as coisas que já tinha organizado, pois com a Mel eu só resolveria os detalhes que faltavam.

Liam e eu nos casaríamos nos fundos da nossa casa em Porto. Duas tendas seriam armadas para a festa e o altar seria próximo ao mar, com um arco cheio de flores. O caminho até o altar estaria repleto de pétalas e cadeiras estariam ao lado.

Meu vestido também estava pronto e só sofreria alguns ajustes devido ao tamanho da minha barriga, já que no dia do meu casamento eu estaria com cinco meses. Olhei para a foto e vi o vestido que tinha escolhido: ele tinha um decote em V e aplicação de tule no transparente no busto, a cintura bem marcada e era todo trabalhado em renda com detalhe floral. Eu tinha me apaixonado por ele desde a primeira vez que tinha o visto durante uma caçada a vestidos de noivas com o Vini, que seria meu padrinho, junto com o Rafael. Minhas madrinhas seriam a Carla e a Mimi.

Percebi que com a Mel teríamos que ver coisas relacionadas ao buffet e escolher a banda que tocaria no meu casamento. Também organizaríamos as bebidas e contrataríamos alguns *bartenders* para o preparo dos drinks. Ela já tinha agendado visitas em três confeitarias para escolhermos o sabor, tamanho e estilo do bolo e dos doces.

Saí dos meus pensamentos ao escutar meu celular tocar e ver que era a Mel.

— Nina! Estou esperando aqui no aeroporto, cadê você? — Ela perguntou sem ao menos cumprimentar.

— Bom dia para você também, Melanie. Já estou indo, espera um pouco e em dez minutos eu estou aí.

Tomei um banho rápido, vesti uma saia lápis e uma blusa ciganinha rendada. Soltei meus cabelos, que estavam precisando urgentemente de uma ida ao salão. Pensei em sugerir a Mel que ela fosse comigo. Arrumei minha bolsa, colocando o necessário e sai.

Dei um beijo a todos e avisei que, se o estado do Bê piorasse, era para me ligarem.

Dirigi até o aeroporto e encontrei a Mel na saída. Ela entrou no carro e eu pude observar mais sua barriga, que estava enorme. Sua menina nasceria em breve. Ajeito tudo e vamos até um restaurante.

Lá discutimos tudo o que queria fazer, e ela me deu sugestões do que ficaria melhor.

— Essas confeitarias que eu mandei para você são maravilhosas! Foram muito bem recomendadas! — Ela disse animada.

— Estou muito ansiosa! O Liam não quer nada muito doce e ele só vai poder me acompanhar em uma das visitas, então quero ser bem cuidadosa, não quero nada muito enjoado — falei bebericando meu suco.

— Você viu os vídeos que lhe mandei? As duas bandas são maravilhosas, mas eu achei que a Nuances combinava mais com o casamento de vocês.

— Também achei. O que mais amei neles é que eles tocam um pouco de tudo. Você trouxe os cardápios?

— Sim, trouxe várias opções — ela falou colocando-os sobre a mesa.

Avaliei um a um com calma, tentando unificar os meus gostos com os do Liam e escolhi o cardápio: Massas. Como entrada, teríamos antepasto com torradas. O prato principal seria dividido em duas opções: rondelli aos quatro queijos com molho branco e ou talharini ou espaguetti com

molho rosé. Haveria algumas opções de saladas e, para sobremesa, teríamos sorvetes com brownies ou petit-fours.

— Esse está perfeito! — Falei mostrando o cardápio a ela, que separou e fez algumas anotações.

— Os convites serão enviados em alguns dias — ela avisou.

— Que bom, eu os amei! Eles ficaram extremamente lindos! — Falei pegando um da pilha sobre a mesa. Os convites eram dourados com nossos nomes em branco e, ao abrir o envelope, estrelinhas caíam no colo do convidado, já que nosso casamento seria ao pôr do sol e duraria até o amanhecer, se tivéssemos energia para isso.

— Adorei a ideia das estrelas, Mel! — Disse olhando para ela.

— Que bom, mas agradeça ao seu noivo, a ideia foi dele.

Sorri bobamente, mas então meu celular tocou. Peguei-o do meu bolso e vi que era o Liam.

— Amor, o Bê piorou. Estou levando ele para o hospital — ele disse e minha felicidade foi embora. Eu precisava ir ao encontro deles.

Capítulo trinta e sete



Liam

Entrei no hospital com o Bernardo em meu colo. Eu estava nervoso e preocupado, queria saber o que estava acontecendo. Ele tinha vomitado mais duas vezes em casa e uma no caminho. Coloquei-o sentado em uma cadeira e dei-lhe um biscoito de água e sal — Mimi havia dito que era bom para enjoos.

Preenchi uma ficha e, depois de alguns minutos, ele foi chamado.

Entramos e o médico examinou-o, fazendo algumas perguntas.

— Então, o que aconteceu para você trazê-lo até a emergência?

— O Bernardo acordou com dores fortes na barriga, depois teve febre e diarreia. Ele já havia vomitado umas quatro vezes, então pensamos que poderia ser virose, mas os sintomas agravaram e persistiram, por isso achei melhor trazê-lo.

— Fez muito bem, senhor Albuquerque. Creio que o Bernardo possa estar com uma intoxicação alimentar — ele disse e eu fiz uma careta.

— Bem, doutor, tanto eu quanto minha esposa somos muito cuidadosos com a alimentação do nosso filho, então duvido que seja isso.

— Calma, não estou duvidando que sejam ótimos pais, longe disso, mas é comum eles trocarem lanches na escola, não é, Bernardo? — Ele perguntou ao Bê, que na mesma hora faz uma carinha de culpado.

— Eu troquei de lanche com o Caio ontem. A mamãe só mandou frutas e ele tinha levado dois

sanduíches, então trocamos uns morangos por um dos sanduíches... desculpe, papai — Bernardo falou olhando para mim.

Sorri para deixar ele saber que estava tudo bem e que eu não estava bravo, então deixei o doutor terminar o exame.

Deixo o Bernardo tomando soro e fui para fora da sala. Meu celular vibrava sem parar. Olhei para o visor e vi o nome da Nina, então atendi, dizendo: — Oi, amor!

— Oi, Liam! Eu estou ligando para você há horas! Onde vocês estão? Você não me disse para qual hospital levou o Bernardo e Mimi não me deixa sair de casa! — Ela disse nervosa.

— Amor, calma! Não faz bem para o bebê tanto estresse, respira! O Bê está bem, ele está no soro agora. Ele está com infecção estomacal devido a um lanche que ele comeu na escola e terá que beber bastante líquido para reidratar, mas está tudo bem — eu disse tentando tranquilizá-la.

— Oh, meu menino...quando ele será liberado? — Ela questionou.

— Daqui alguns minutos. Fique mais calma, por favor! — Disse a ela.

— Vou tentar dormir um pouco, então. Eu vim desesperada para casa — ela disse.

— Tome um banho relaxante e descanse, meu amor, está tudo bem com o nosso filho — disse e desliguei.

Um tempo depois, entrei em casa com um Bernardo sonolento em meu colo. Lua dormia em seu cercadinho enquanto uma chuva torrencial caía lá fora. Mimi assistia televisão e fazia seu crochê. Ao me ver, ela levantou-se para vir olhar o Bernardo, então eu a tranquilizei dizendo que ele estava dormindo e que eu cuidaria dele.

Dei-lhe um banho rápido e coloquei-o na cama.

Fui até meu quarto e não encontrei minha noiva deitada na cama. Procurei por ela e encontrei-a no banheiro com uma cara desesperada. Uma calcinha com sangue estava aos seus pés.

Chorando, ela olhou para mim e disse: — Estou sangrando...

— Calma, não deve ser nada grave, afinal, grávidas podem ter sangramentos nos primeiros

meses — falei tentando acalmá-la indo até ela. — Vamos ao hospital, baby! Não fique tão nervosa — peguei-a no colo e levei-a ao quarto, fazendo-a sentar-se na cama. Eu estava tentando manter-me calmo para não a deixar mais nervosa ou apreensiva, mas por dentro eu estava desesperado e morrendo de medo que algo além do nosso controle estivesse acontecendo com o nosso bebê.

Beijei sua testa e a vesti rapidamente. Ela continuou sentada, sem sair do lugar e encarando o vazio.

Corri para pegar todos os documentos e liguei para a doutora perguntando onde ela estava atendendo hoje. Quando recebi o endereço, agradei, desliguei e fui até minha noiva.

Nina estava com um sapatinho azul de crochê em suas mãos, olhando para eles e chorando.

Ajoelhei-me em sua frente, segurando suas mãos. Ela olhou para mim com aqueles olhos que fizeram eu me apaixonar por ela assim que os vi. Naquele dia, eles me passaram, luxúria, desejo e paixão. Hoje, os mesmos olhos passavam-me uma tristeza muito grande. Eu odiava vê-la assim.

— Amor, já liguei para doutora Raquel e ela está nos esperando.

— Olha os sapatinhos que a Mimi fez. Ela também acha que vem um menininho — ela disse limpando as lágrimas.

— São lindos, mas vamos nos apressar, sim? Você consegue andar ou quer que eu a carregue? — Perguntei.

— Consigo andar — ela disse levantando e colocando os sapatinhos em cima da cama.

Eu a guiei até o carro e todo o percurso foi bem tenso. Dirigi com apenas uma mão, pois a outra estava entrelaçada à de Nina — era dessa maneira que eu tentava acalmar a nós dois. Ela mal se movia e às vezes derramava algumas lágrimas.

Chegando na clínica, fomos logo atendidos. A doutora fez os exames de rotina e mandou-a trocar de roupa e deitar-se na maca.

Enquanto isso, expliquei tudo o que havia acontecido. Fiquei aliviado ao escutar o coração do borrãozinho que agora aparecia na tela do ultrassom.

Meu bebê estava bem.

Respirei aliviado e sentei ao lado da Nina, apertando sua mão e depositando um beijo ali.

— Vejo que está tudo bem com ele. O sangramento pode ter sido causado por estresse dos acontecimentos de hoje — Raquel disse.

— Confesso que fiquei bem nervosa mesmo. Eu só me acalmei ao amamentar a Lua — Nina disse para mim.

— Você ainda amamenta sua filha mais nova? — Raquel perguntou.

— Sim.

— Bem, vamos ter que parar com as mamadas, Nina. Normalmente não há problemas em amamentar durante gestação, mas como você apresentou esse sangramento, aconselho que pare pelo bem dessa gestação, tudo bem? — Ela disse e a Nina consentiu com pesar.

Alisei seus cabelos. Eu sei o quanto ela lutou para amamentar a Lua e sei que ela não pretendia parar tão cedo, mas para o bem do nosso outro bebê, ela teria que parar.

Capítulo trinta e oito



Nina

Três meses depois...

Estava em frente ao espelho usando o meu vestido de noiva já ajustado. Minha barriga estava enorme agora, afinal, estava com cinco meses.

Meu menino.

Dominic seria o seu nome. Seria uma homenagem ao marido de Mirna, que havia sido um homem muito bom, um excelente marido e quase um pai para mim no tempo em que estava vivo.

Limpei as lágrimas que escorriam do meu rosto torcendo para não borrar a maquiagem.

Arrumei a coroa de flores em meus cabelos e sorri. Eu iria me casar com o homem da minha vida. Hoje não era dia para lágrimas de tristeza, mas sim de alegria.

Ajeitei novamente o meu vestido e acariciei minha barriga. Dom estava chutando — ele vinha fazendo muito isso, ultimamente, e seus irmãos adoravam.

A porta se abriu e vi um Bernardo vestindo um terno cinza, assim como seu pai usaria, entrando no quarto.

— Vamos, mamãe! O papai está esperando — ele disse animado.

Segurei sua mão e fomos até o caminho de flores que nos levaria até o altar instalado à beira-mar. Eu estava descalça, então podia sentir as pétalas e a areia no chão.

Lua apareceu sorrindo sapeca. Minha menina estava uma princesa com seu vestido rosa cheio

de babados e uma coroa de flores em seus cabelos castanhos.

Com cada um dos meus filhos ao meu lado, andei em direção ao homem dos meus sonhos para me unir a ele por toda a eternidade.

A música que nos acompanhava era *Just the way you are* do Bruno Mars. Comecei a andar, reconhecendo alguns rostos que sorriam para nós. Ao olhar para frente, eu e o meu amado trocamos um olhar tão intenso que me deixou sem ar. Quando vi Mimi chorando, lágrimas escorreram pela minha face. Era emocionante tê-la ali comigo depois de tudo que enfrentamos juntas.

Ao ver seu pai, Lua correu em sua direção e o mesmo a carregou com alegria. Eu e o Bernardo continuamos andando calmamente até o altar. Chegamos até Liam e eu consegui ver as lágrimas que escorriam do seu rosto, com um enorme sorriso no rosto. Ele cumprimentou o Bernardo como se o meu bebê fosse um homenzinho e depositou um beijo casto em minha boca.

Demo-nos as mãos e o pastor iniciou o sermão: — Estamos aqui essa noite para celebrar o amor e a união de Nina e Liam, um casal que lutou muito para estar aqui vivendo esse momento de felicidade e harmonia. Como sabem, Deus não nos dá nada que não possamos aguentar. O amor de vocês foi perseverante e paciente durante todo esse tempo, esperando o momento certo para florescer. Vocês juntos receberam a benção de se tornar uma família muito antes que os laços do casamento fossem efetivados e devem ser gratos por isso. Viver em família é uma benção diária, criar laços com seus filhos e poder acompanhá-los em cada fase da vida é recompensador. Sejam gratos e pacientes a todo o momento, isso fará com que o sentimento presente dentro de vocês seja duradouro por toda a vida.

No momento da troca de alianças, eu e o Liam optamos por recitarmos os nossos próprios votos, nossas pequenas declarações de amor.

Segurando minha mão, colocando a aliança em meu dedo e olhando diretamente em meus olhos, ele disse: — Tigresa, provavelmente nada do que eu disse agora vai ser inédito, já que demonstro meu amor por você a cada minuto do meu dia. Nos pequenos gestos, mostro o quanto meu

amor por você só cresce. Você é a última pessoa que quero ver antes de dormir e a primeira ao acordar, você é meu sol, minha lua, toda uma galáxia. Minha vida não teria sentido sem você ou sem os nossos filhos. Agradeço a Deus por tê-la em minha vida, meu amor — ao terminar, ele beijou minha mão e limpou as lágrimas que escorriam pelo meu rosto.

Segurei sua mão e comecei a colocar a aliança em seu dedo sem quebrar a troca de olhares que compartilhávamos.

— Meu amor, será que em algum momento da minha vida irei me cansar de dizer o quanto eu te amo? Espero que não, porque sem você eu não conheceria a magnitude desse sentimento. Você transformou minha vida da melhor maneira possível, completando-me de muitos jeitos e eu te amo tanto por isso! Eu te amo por você ser um homem tão bom para mim e para os nossos filhos, por me salvar quando eu estava me afogando, por ser o motivo do meu sorriso e por me amar tanto. Agradeço a Deus por ter lhe colocado na minha vida, pois não conseguiria imaginá-la sem você — inclinei-me, dando um beijo casto nele e o pastor terminou as orações.

— Com a autoridade concedida a mim, eu vos declaro marido e mulher. Pode beijar sua noiva — ele disse e, após sorrir para mim, Liam me puxou para um beijo daqueles cinematográficos. Alguns convidados receberam um saquinho com pétalas e, nesse momento, eles a jogaram sobre nós, o que deixou tudo mais maravilhoso — não conseguiria imaginar nada mais perfeito que isso.

Unimo-nos como marido e mulher com o pôr do sol atrás de nós. Nossos filhos vieram até nós e, com a Lua em meu colo e o Bernardo no colo do Liam, tiramos a foto que representava uma nova etapa da nossa vida. E eu não poderia ser mais grata por isso. Mimi, Vini, Carla e o Rafael, pessoas tão importantes de nossas vidas, davam-nos sorrisos que expressavam pura felicidade. Após a foto, fomos para o salão de festas, que estava perfeitamente decorado da mesma maneira que a praia. Havia várias mesas para o jantar, onde os convidados estavam sentados.

Mimi levou o Bernardo e a Lua até a nossa mesa enquanto eu e o Liam íamos cumprimentar algumas pessoas.

Depois de algumas fotos, sentamo-nos e apreciamos o jantar, que estava delicioso. O

Bernardo amou os petit-fours e a Lua gostou mais dos Brownies.

Quando a banda começou a tocar, fomos para pista de dança e, sozinhos, valsamos a primeira música: *Photograph* do Ed Sheeran. Logo depois, dançamos uma mais animada com os nossos filhos e com os outros convidados. A festa estava muito divertida e prometia ir de fato até o sol nascer.

Um pouco antes da festa terminar, eu estava sentada em uma das cadeiras com os pés sobre outra. Apesar de não usar saltos, eu estava cansada e querendo desesperadamente minha cama. Mimi já tinha levado o Bernardo e a Lua para casa dela, eles dormiriam lá essa noite. Estava observando esse fim de festa, quando avistei a Carla e o Rafael conversando. Eles estavam tão próximos e pareciam bem íntimos. Questionei-me se o relacionamento não estava muito mais sério do que eles deixaram transparecer no aniversário do Bernardo.

Olhei-os saírem juntos de mãos dadas e sorri no exato momento que o Liam se sentou ao meu lado.

— Posso saber o motivo desse sorriso? — Ele perguntou puxando-me para o seu colo e acariciando minha barriga.

— Acho que o relacionamento da Carla e do Rafael está ficando sério! — Falei animada encostando minha cabeça em seu pescoço.

— Parece mesmo. Eu encontrei os dois no mercado discutindo sobre o preço do feijão como um casal de velhinhos! — Ele disse deixando-me surpresa.

— Não é possível! Quem diria que os dois seriam tão domésticos? — Ri depositando um beijo no pescoço de Liam. — Agora leve-me para casa, acho que já estamos autorizados a partir — falei salpicando mais beijos em seu pescoço.

— Seu pedido é uma ordem, meu amor — ele disse carregando-me até o carro e nos levando até o nosso ninho de amor.

Capítulo trinta e nove



Liam

Dias depois...

Estava deitado em uma espreguiçadeira com Nina entre minhas pernas. Estávamos casados oficialmente há três dias e o título de minha esposa nunca soara tão atraente, adorava chamá-la assim.

Observávamos o pôr do sol no mar belíssimo de Porto de Galinhas. Eu havia desistido da ideia de irmos para as Ilhas Maldivas, pois constatei que a viagem seria muito longa e temi que a Nina pudesse ter algum mal-estar durante o voo.

Nossa vida sexual intensificou-se nessa viagem. Era como se, a cada toque, cada encontro do nosso corpo fosse mais intenso e profundo que o anterior. Uníamo-nos até virar um só e isso era incrível.

Quando a noite caiu, o tempo esfriou um pouco e resolvemos entrar para o nosso quarto na pousada onde estávamos hospedados. Nina foi pegar seu telefone para ligar para Mimi e conversar com os nossos filhos. Ela passava horas falando com eles, perguntando sobre cada minuto de seus dias. Ela estava com saudades deles, eu sabia, e eu também estava, mas queria um tempinho para nós como um casal, para curtirmos os prazeres de uma lua de mel sozinhos.

Deitei na cama e liguei a televisão. Um filme qualquer passava na tela, mas eu não prestava atenção. Eu observava Nina andando pelo quarto impaciente, provavelmente Mimi não estava atendendo o telefone como pedi que fizesse.

Desde que tínhamos viajado, tinha planejado trazer nossos filhos para passar uns dias com a gente. Organizei com Mimi e ela viria com eles em um jatinho particular. Avisei para que ela não atendesse o telefone na noite anterior, pois tinha certeza que um dos meus filhos contaria para a mãe se falasse com ela. Eles não conseguiam esconder nada dela.

— Ela não está atendendo! Será que aconteceu alguma coisa? — Ela disse nervosa.

— Calma, tigresa. Eles devem ter saído para algum lugar, ou ela perdeu o celular novamente. Você sabe que Mimi não liga para novas tecnologias — respondi batendo no meu lado da cama para que ela se deitasse comigo.

Ela deitou ao meu lado e ligou novamente para tentar falar com eles, não conseguiu e ficou frustrada.

Iniciei um cafuné em seus cabelos e a vi relaxar um pouco. Beijeí sua testa e ela adormeceu aos poucos. Na manhã seguinte, acordei cedo e fui até o aeroporto buscá-los. Aproveitei o excesso de sono que a Nina estava sentindo durante a gravidez para fazer uma surpresa para ela.

Chegando lá, encontrei um Bernardo já desperto ao lado da Mimi, que estava com Lua em seu colo. Minha menina dormia como um pequeno anjinho.

Abracei meu pequeno e beijeí o rostinho da minha princesa.

— E aí, campeão, gostou da viagem? — Perguntei com Lua em meu colo.

— Adorei, foi muito divertido! — Ele disse empolgado. — O tio Jonas me deixou ficar lá na cabine com ele um tempinho e foi muito legal! — Ele dizia enquanto Mimi colocava a mochila em suas costas.

Jonas era um amigo meu. Eu já tinha defendido ele em alguns casos e, por ser piloto há um bom tempo, era uma pessoa de confiança.

— Oi, Mirna — beijeí sua bochecha. — Obrigado por trazê-los, a viagem foi tranquila? Eles não deram trabalho não, né? — Perguntei enquanto caminhávamos até o carro que eu havia alugado.

— Não precisa agradecer, meu querido. Você sabe que os meus netinhos não me dão trabalho

algun, a Lua dormiu assim que o avião levantou voo e o Bernardo também, depois de assistir um filme — ela disse ajeitando-se com o Bernardo no banco de trás. Coloquei a Lua em seu colo e dirigi até a pousada.

Quando chegamos, levei meus filhos até a Nina enquanto Mimi se instalava no quarto.

Quando entramos no quarto, Bernardo e Lua correram até Nina, enchendo-a de beijos. Minha esposa levou um susto ao vê-los ali, mas depois da surpresa, retribuiu todo o carinho e matou a saudade que sentia.

— Que saudade de vocês, meus amores! A mamãe já estava preocupada. Mas vocês estão aqui! Como vocês vieram? — Ela perguntou ao Bernardo, pois a Lua estava mais interessada em bagunçar seus cabelos.

— O tio Jonas foi buscar a gente. Foi tão legal andar de avião! Eu estava com um pouco de medo antes, mas ele me levou na cabine e deixou eu mexer em tudo lá. Eu acho que vou ser piloto quando crescer, eu posso, não é, mamãe? — Bernardo perguntou super empolgado.

— Claro que pode, meu bebê! Você pode ser tudo aquilo que deseja — ela disse abraçando-o e eu aproveitei e me deitei perto deles.

Lua veio até mim jogando-se em meu peito, ela adorava um aconchego.

— Ainda não acredito que você fez tudo isso! — Ela disse com o semblante mais feliz possível, dando-me um selinho.

— Eu queria aproveitar um tempo com você, mas teremos a vida toda, meu amor. E queria que eles fizessem parte disso também — falei abraçando-a.

— Meu Deus! Tenho o melhor marido do mundo! — Ela me beijou novamente e acho que nos empolgamos um pouco, pois a Lua começou a reclamar pulando na minha barriga.

Passamos uma manhã bem preguiçosa curtindo tudo o que aquele quarto poderia nos oferecer. Enquanto eu e Bernardo jogávamos alguns jogos, Lua contava ao Domy tudo o que ela havia feito nesses dias nos quais estivemos distantes. Lua estava determinada a estabelecer a melhor das relações com o irmão, que adorava se mexer para ela.

Após o almoço, andamos até a praia, pois nossos filhos queriam tomar banho de mar e brincar na areia.

Bernardo e Lua corriam em nossa frente pegando conchinhas ou observando os animais que apareciam. Mirna não nos acompanhou, disse que iria se recolher pois estava cansada da viagem, então caminhamos os quatro na beira da água, com as mãos entrelaçadas e um sorriso bobo no rosto. Eu e minha esposa observávamos nossos filhos andando em nossa frente, eles pareciam estar verdadeiramente felizes e seus rostos mostravam isso.

Olhei para as nuvens laranjas que cobriam o céu. O sol já estava indo embora e nós também. Ficaríamos ali por mais dois dias e depois partiríamos para a nossa nova casa que, além de ser uma surpresa, era o meu presente de casamento à mulher que trouxe luz para minha vida.

Encostei seus lábios nos meus, dando-lhe um selinho e acariciando seu rosto. Seus olhos verdes sorriram para mim e eu me declarei para ela mais uma vez. Eu nunca pararia de dizer o quanto a amava; Nina deu-me algo que eu almejava desde criança: uma família.

Capítulo quarenta



Nina

Chegamos a São Conrado dias depois. Eu não entendi porque não tínhamos ido direto para Porto Bello ou para São Paulo. Estava ansiosa para o que quer que fosse que Liam estava aprontando. Havíamos passado dias maravilhosos e extremamente relaxantes em Porto de Galinhas; estava apaixonada por aquele lugar e pretendia voltar depois que o Dominic nascesse.

Após desembarcarmos, fomos de carro até uma casa próxima dos Sullivans. Depois que estacionamos, pude ver o Chris correndo com a Valentina no quintal. Melanie e Jake estavam na varanda e acenaram para nós. Retribuímos o aceno e eu finalmente olhei para onde estávamos.

Era uma casa enorme, um casarão mesmo, com dois andares, uma área verde extensa e, de onde eu estava, ainda podia ver algo que parecia ser uma piscina.

— Bem-vinda à sua nova casa, meu amor — Liam disse estendendo a mão para mim.

Cobri minha boca com as mãos. Eu não acreditava no que ele estava dizendo.

— Seu louco, você comprou essa casa?

— Fiz melhor, eu a construí para você — ele disse abraçando-me. — Eu sei que temos uma vida lá em São Paulo, mas tudo o que eu fiz foi pensando no melhor para a nossa família. Seus amigos podem vir para cá quando quiserem. E sobre o Pocket, eu lembrei que você comentou que queria abrir mão da administração. Talvez esse seja o momento... Espero que não fique chateada.

— Como eu poderia me chatear com um presente desses? É maravilhoso, olha essa casa, Liam! Jamais me chatearia com você por isso, eu te amo! Você só adiantou algo que eu já estava

planejando fazer, a Nat e o Rui irão amar administrar o Pocket por mim, e estar aqui vai me permitir focar mais nos novos Centros que pretendo fazer — disse beijando-o apaixonadamente, não conseguindo conter minha felicidade.

Entramos na casa e fui olhando encantada para cada espaço. Tudo estava lindamente decorado, tudo com muito amor, cuidado e carinho.

Estava — se é que isso era possível — cada vez mais apaixonada por esse homem.

No térreo, tinha uma sala espaçosa, com uma estante, um sofá em L e uma televisão enorme. Um tapete cinza cobria o piso de madeira e, nas paredes, havia quadros com fotos nossas tiradas ao longo do tempo em que estamos juntos. No cômodo seguinte, havia uma enorme mesa de mogno com várias cadeiras e um lustre no meio. Era incrível o luxo daquela sala de jantar. Nossa cozinha era bem espaçosa e continha tudo o de mais moderno no mundo culinário.

Subimos para o primeiro andar, onde ficavam os quartos, um para o Bernardo e o Dominic, um para minha Lua, que tinha um quarto digno de uma princesa, e o nosso. Havia também um escritório para mim, pois o do Liam ficava no térreo, e um quarto de brinquedos para as crianças.

No segundo andar, tinha uma área de lazer com uma churrasqueira, alguns pufes e uma rede. Era perfeito. A minha maior surpresa foi quando fomos para perto da piscina e eu vi uma estufa. Liam tinha colocado uma em nossa casa.

Ele sabia que, de todos os meus hobbies, esse era um dos favoritos. Abracei-o e ficamos apenas admirando a casa por alguns instantes.

Logo depois, Melanie, Jake e as crianças bateram à nossa porta, trazendo um bolo de chocolate, suco e alguns petiscos. Conversamos bastante enquanto as crianças brincavam no jardim.

Naquela noite, Liam e eu fizemos amor após as crianças dormirem e os nossos vizinhos irem para casa.

E, mesmo após um banho, não consegui dormir devido ao Dominic estar pulando na minha bexiga, resolvi ir até o segundo andar e deitar na rede. Vendo aquela imensidão verde. Senti falta do mar, mas tive certeza de que viveríamos bons momentos ali.

Alguns meses depois...

Faltavam poucos dias para o Dominic vir ao mundo. Meu príncipe nasceria em breve e estávamos todos ansiosos pela sua chegada.

Mimi estava tão ansiosa que havia vindo ficar um tempo conosco nesses últimos meses, mas não sei se a minha saúde era a única causa da sua vinda para nossa casa, ou se o nosso vizinho não era a verdadeira razão de tudo. O senhor Luciano era um senhor de muito bom coração: ele era viúvo e vivia sozinho na casa ao lado, cuidando das suas plantas e animais. Eles dois sentavam por horas em seu quintal e conversavam muito sobre tudo. Mirna rejuvenescia ao seu lado e eu ficava muito feliz por ela estar gostando de alguém novamente.

Estava na varanda de casa acariciando minha barriga e olhando o Bernardo brincando com a Valentina e o Chris na casa da Mel. Lua estava deitada ao lado do Brownie, nosso novo pug que era o xodó da minha princesa. Se pudesse, ela ficava com ele em todos os momentos do dia.

Ela estava bem falante e cada vez mais esperta. Liam tinha aberto um escritório na cidade e cuidava de poucos casos, por isso passava muito mais tempo em casa com a família.

Senti umas dores no fundo das costas e optei por ir me deitar. Era fim de tarde e, dali a pouco, o Liam chegaria para o jantar. Avisei a Mimi e fui até o meu quarto.

Cochilei um pouco, mas as dores não passavam, pelo contrário só se intensificavam. Levantei sentindo-me toda molhada e constatei que minha bolsa tinha estourado.

Com a mão no pé da barriga, descí as escadas e parei na sala. Avistei o Liam com a Lua em seu colo no sofá e o Bernardo fazendo careta para eles dois. Sorri e, por uns minutos, esqueci das contrações, mas foi só por pouco tempo. Logo a dor voltou e eu me lembrei do porquê estava ali.

Bernardo foi o primeiro a ver-me e veio correndo em minha direção.

— Mamãe! — Ele gritou ao me abraçar. — Por que você está toda molhada? — Ele

perguntou confuso ao sentir minhas roupas molhadas.

Liam, ao escutá-lo, olhou-me com preocupação.

— Baby, aconteceu alguma coisa? — Ele colocou a Lua sentada no sofá e veio até mim.

De repente, tive outra contração e eu me agachei um pouco, colocando as mãos na barriga.

— Amor, minha bolsa estourou.

Ele me olhou surpreso e disse: — Bem, parece que o Domy quer vir mais cedo.

Concordei tentando manter a calma e ele me ajudou a subir para que eu pudesse me trocar e pegar tudo o que levaríamos para maternidade. Com a ajuda de Mimi, troquei de roupa, colocando um vestido bem confortável, e sentei na cama.

Enquanto prendia meus cabelos, vi Lua e Bernardo entrando no quarto. Bê sentou ao meu lado e acariciou minha barriga, questionando: — Está doendo muito, mamãe?

— Só um pouquinho. Mas daqui a pouco estarei melhor com seu irmãozinho em meu colo — Respondi sorrindo e ele ficou mais aliviado.

Lua, vendo toda a preocupação do seu irmão, veio ao meu colo para me abraçar, dizendo: — Tlás o Domy pla casa, mami — ela disse acariciando meus cabelos e abraçando-me mais apertado.

— Pode deixar, meu amor. Em breve seu irmãozinho estará aqui conosco — disse beijando sua testa.

Fomos ao hospital quando minhas contrações já estavam vindo de cinco em cinco minutos. Mel havia ficado com as crianças enquanto Mimi e Liam acompanhavam-me.

Quando entramos pela porta do hospital, foi tudo muito rápido. Enquanto o Liam preenchia uma ficha, Mimi foi comigo até o quarto onde os exames foram feitos e logo me levaram para sala de parto.

Enquanto Liam se preparava, eu fiquei “sozinha” naquela maca. Pensando no quanto minha vida tinha mudado, em um quê? Um ano e meio? Eu havia encontrado o amor da minha vida e tinha três filhos lindos, o que mais eu poderia querer? Dominic chegaria para completar ainda mais toda a

felicidade que estávamos sentindo.

— Tudo pronto, baby — Liam disse acariciando meu rosto.

Beijei sua mão e fechei os olhos, fazendo uma pequena oração silenciosa.

Agarrando a mão do Liam, empurrei várias e várias vezes com toda a força que eu tinha, até escutar o choro que provavelmente deixaria sem dormir por vários dias a partir de agora.

— Parabéns, papais — a doutora disse colocando-o em meu colo. Meu pequeno pacotinho de felicidade! Olhei seu rostinho e apaixonei-me mais uma vez: ele era exatamente como eu imaginava, perfeito. Liam se aproximou para conseguir vê-lo melhor. Ainda com os olhinhos fechados e resmungando muito, pude observar suas características.

Ele tinha os cabelos escuros, assim como os meus, mas era moreno como o Liam. O nariz lembrava-me o do Bernardo, mas sua boca era idêntica à do Liam. Quando a enfermeira veio tirá-lo do meu colo, ele não gostou e franziu a testa, lembrando-me muito a Lua quando ficava bravinha. Sorri. Liam deu um selinho em mim e foi atrás do nosso garoto.

Depois de algumas horas, levaram-me para o quarto e o meu príncipe veio para ter a sua primeira mamada. Liam, como um verdadeiro pai babão, estava filmando cada inspiração do Dom desde que ele tinha chegado no quarto.

Peguei-o no colo com todo o cuidado, pois ele ainda parecia bem frágil para mim, e acariciei seus cabelos. Ele despertou do seu sono e abriu os olhos para mim a íris dos seus olhos eram num tom de castanho bem claro e, ao redor, o verde se acentuava.

Ele era perfeito.

Beijei sua mão e dei-lhe de mamar. Enquanto isso, Liam foi buscar nossos outros filhos.

Lua e Bernardo entraram com hesitação. Bem devagar, eles se aproximaram da cama e olham o bebê no meu colo. Então, vi todo o nervoso se transformar em encantamento.

O novo membro da família estava sendo muito bem-vindo.

Ambos beijaram a testa do Dom e, como um excelente pai babão, Liam entregou a câmara à

enfermeira e tiramos a nossa tradicional foto em família.

Acho que nunca havia sentido tanto amor assim.

Liam olhou para mim com o sorriso mais lindo do mundo e eu o beijei. Acho que jamais agradeceria o suficiente por este homem ter aparecido na minha vida. Ele era o meu sol, era o que me dava energia para enfrentar o dia a cada manhã, ele me transformava e me fazia amá-lo cada vez mais.

Epílogo



Cinco anos depois...

São Conrado

Bernardo

Era domingo e eu estava na varanda de casa olhando meus irmãos brincando. Lua e Dom corriam atrás do Bownie, que fugia deles e da mangueira de água que eles jogavam nele.

Papai e mamãe tinham saído e deixando-me responsável pelos meus irmãos. Eu estava contente em ter toda essa responsabilidade, mesmo que minha vó Mirna viesse constantemente perguntar se estava tudo bem e se eu estava precisando de alguma coisa.

— Lua, vou buscar sorvete. Não saia daqui da frente nem apronte com o Dom! — Disse em tom autoritário.

Eles não se intimidaram e riram de mim, mas concordam.

Peguei os picolés na geladeira e voltei para varanda, mas não encontrei meus irmãos. Passei as mãos pelos meus cabelos e respirei fundo.

Parece que eu estava adivinhando que eles iam aprontar. Nem meus pais deixavam-no sozinhos e logo eu fui deixar?

Comecei a procurá-los ao redor da casa. Sabia que eles não tinham ido para longe, só se esconderam para provar uma coisa: que eu não mandava neles.

Depois de rodear a casa toda, não os encontrei e comecei a preocupar-me.

— Lua, se você não aparecer, eu vou contar a mamãe e ela vai lhe deixar de castigo! — Eu

gritei na esperança que ela estivesse escutando.

Pulei a cerca e fui até o quintal dos Sullivans. Chris tinha me dito que eles iriam visitar o novo primo que tinha nascido, mas que não demoraria e, assim que ele chegasse, poderíamos jogar vídeo game. Eu estava ansioso por isso, já que depois que a Vale tinha ido embora, ele não andava muito feliz.

Voltei a procurar meus irmãos e, no quintal da casa, comecei a escutar risadinhas. Eu sabia que eles não tinham ido longe. Resolvi adular meu irmão para ver se ele aparecia, já que, com o gênio da Lua, eu ficaria até à noite procurando por eles.

— Dom, a mamãe deixou aquele picolé que você tanto gosta lá na geladeira. Eu até peguei para você, mas ele deve estar derretendo com esse calor todo... — disse chegando mais perto de onde eu achava que eles estavam.

Escutei um resmungo e mais sussurros, então encontrei os dois, agachados embaixo da pia que ficava nos fundos da casa, ao lado da churrasqueira.

— Encontrei vocês! — Disse os assustando.

— Você joga baixo, Bê! Não sabe nem brincar! — Lua disse brava.

— Eu não queria brincadeira nenhuma, falei para esperarem lá na frente — disse a ela quando pulamos a cerca. — Imagina se os nossos pais chegam agora? Eles iam reclamar comigo.

— Iam nada, seu bebê chorão! — Ela disse dando a língua e pegando o picolé dela que, por sorte, ainda estava parcialmente congelado.

Dom pegou o dele e começou a comer também. Ambos se sujaram muito com o picolé derretido. Depois de terminarem, mandei ambos tomarem um banho e fiz o lanche deles. Mamãe tinha deixado os sanduiches prontos e eu só fiz o suco.

Quando eles descem as escadas, entreguei o lanche deles e os dois comem assistindo televisão. Queria tomar banho, mas não poderia deixá-los sozinhos. Do jeito que a Lua era, eles iriam aprontar de novo.

Esperei-os terminarem de comer e os dois deitaram no meu colo, cada um de um lado. Para

que eles dormissem, resolvi fazer um cafuné e logo eles caíram no sono.

Tomei um banho e arrumei-me.

— Oi, mãe! — Falei assim que vi o celular tocar.

— Oi, príncipe! Está tudo bem? Seus irmãos estão se comportando? — Ela perguntou usando um tom preocupado.

— Está tudo bem sim, mãe. Eles estavam tão comportados que até dormiram — falei olhando para os meus irmãos. — Não se preocupe.

— Está certo. Eu e seu pai não iremos demorar. Eu te amo, meu amor — ela disse se despedindo e eu desliguei.

Desci para jogar vídeo game no escritório do papai e deixei meus irmãos dormindo cada um em um sofá, pois eles eram pesados e não conseguiria levá-los até seus quartos.

Quando estava caminhando até o escritório, a campainha tocou várias e várias vezes.

Corri para atender antes que meus irmãos acordem, e deparei-me com o Chris na frente de casa.

— Poxa, cara! Quase que você acorda meus irmãos! — Disse saindo de casa.

— Foi mal, mas cheguei agora da casa dos meus tios e vim avisar que não vou poder jogar — ele disse e eu fiquei frustrado.

— Sério, Cara? De novo não. Eu já deixei você curtir sua tristeza quando a Vale foi embora, mas já está na hora de você parar, né? Como diz a Lua, chega de drama! — Disse de saco cheio.

— Que drama nenhum, Bernardo! Cala sua boca! E não fala da Valentina! — Ele disse fechando os punhos em raiva.

— Você fica todo nervosinho quando digo o nome dela — provoquei.

— Na moral, você está querendo me irritar, mas não vai conseguir. Eu vim aqui contar uma coisa, mas vou embora de volta para minha casa, onde está alguém que você gostaria muito de ver — ele disse correndo até a cerca.

— Ei, volte aqui e diga quem está na sua casa! — Corri atrás dele.

— Agora você está interessado? Cansou de me provocar falando da ruiva? — Ele me questionou.

— Sim, nunca mais falarei da Valentina.

— Você desiste fácil demais, Bernardo, mas vou lhe falar quem está lá em casa, é a... — Ele continuou falando, mas eu não escutei.

Sabia muito bem quem estava na casa dele, pois ela estava vindo em minha direção naquele exato momento.

Sophia.

Fazia meses que eu não a via, pois antes de seu irmão nascer, ela e sua família tinham ido passar um tempo em Belo Horizonte com os pais do tio Tyler. Seu cabelo estava maior e mais cacheado. Ela estava linda.

Sorrindo para mim, ela pulou nas costas do Chris, assustando-o, pois o mesmo não percebeu que ela estava vindo até nós.

— Chris, seu bobo, titia está chamando — ela disse com sua voz animada, atraindo a atenção dele.

— Já vou. Aparece lá depois, Bernardo — ele disse e fizemos um toque com as mãos.

Ele foi e ficamos apenas eu e ela. Isso me deixa nervoso. Acho que as únicas garotas que não me deixavam nervoso eram a minha irmã e a Mia, porque eram duas pirralhas.

Ela me encarou e ficamos um tempo sem dizer nada, até ela tocar os meus cabelos e dizer: — Está na hora de cortar, ou ficarão do tamanho dos meus — Sophia disse sorrindo.

— Quero deixar crescer. A mamãe não gosta e quero irritá-la um pouco, já que ela não me deixou ir para o acampamento esse ano — disse e ela soltou um riso bem contagiante.

— Você não tem jeito! Deixa só ela descobrir — ela disse e abraçou-me, pegando-me de surpresa. — Senti sua falta, Bê — ela disse abraçando-me mais apertado, então correu, voltando

para casa da tia Mel e deixando-me com cara de bobo só por saber disso.

Nina

Dias depois...

A casa estava uma bagunça total, já que mais uma vez meu marido tinha exagerado bastante. Comemorariíamos nossa Bodas de Madeira naquele dia, já que estávamos fazendo cinco anos de casados. Eu mal conseguia acreditar que já tinha se passado tanto tempo.

Fui até o quarto da Lua e não a encontrei lá. Onde será que minha pimentinha estava? Andei um pouco mais e encontrei o meu pequeno Dominic que, todo manhoso, pediu colo. Carreguei-o perguntando: — O que foi que aconteceu, meu amor?

— A Lua não quer brincar comigo — ele disse emburrado.

— Você deveria estar se arrumando com seu pai e seu irmão, assim como a Lua deveria estar no meu quarto esperando.

— Não briga comigo, mamãe. Eu só queria brincar com a Lua um pouquinho só — ele disse fazendo a carinha mais fofa.

— Não estou brigando, príncipe. Só quero que se arrume porque daqui a pouco os convidados estarão chegando — disse colocando-o no chão e o mesmo correu até o quarto do Bernardo.

Entrei na sala de brinquedos e vi a Lua maquiando as bonecas. Ela me viu no quarto, mas não diz nada, só voltou a brincar.

— Filha, era para você estar tomando banho! — Disse repreendendo-a.

— Quero brincar, não quero participar dessa festa chata.

— Festa chata? Hoje a mamãe e o papai estão comemorando as bodas de madeira, você sabe o que é isso? — Eu questionei e ela olhou para mim interessada.

— Não sei não. Diga o que é!

— Bem, hoje seu pai e eu comemoramos cinco anos de casados, com muito amor e carinho

por todos vocês. Comemorar essa data é importante porque mostra o quanto nosso amor foi forte durante esse tempo — expliquei pegando-a no colo e beijando aqueles cabelos loiros. — A Livia está vindo me maquiar, o que acha de ela fazer um penteado de princesa nesse seu cabelo?

— Sério mesmo, mamãe?!

— Claro, mas precisamos nos arrumar primeiro — disse e ela pulou do meu colo, correndo até a porta.

— Vamos, mamãe!

Depois de prontas, descemos as escadas e encontramos os homens das nossas vidas aguardando-nos.

Nem preciso dizer que eles estavam lindos, né?

O almoço foi bem tranquilo, pois apesar de toda a ornamentação ostensiva, era uma festinha mais reservada.

Após o almoço a Nina, a Lola e eu sentamo-nos à beira da piscina e, enquanto os maridos observavam as crianças, colocávamos o papo em dia.

— Vocês não acreditam quem me ligou na semana passada — Lola falou colocando as batatinhas sobre a mesa.

— Quem? — Mel perguntou.

— O Luís — ela respondeu e a Mel surpreendeu-se.

— Não acredito! — Ela disse ainda abalada com a novidade.

Eu estava perdida na conversa, de quem elas estavam falando?

— Ei, calma! Quem é esse Luís? Estou perdidinha aqui, atualizem-me! — Falei e ambas olharam para mim.

— Bem, Nina. Luís é o pai de Sophia, tivemos algo que não poderia ser considerado um relacionamento em Londres. Acabei engravidando, mas ele nunca quis saber da minha filha. Quer dizer, até semana passada — Lola explicou.

— Que babaca! — Exclamei.

— Um idiota! O que você disse a ele? — Mel perguntou.

— Que era tarde para aflorar o seu lado paterno. Sophia sabe de toda a história desde os dez anos e ela não quer conhecê-lo, diz que está feliz com o pai que tem. Eu não irei obrigá-la a nada, foi ele quem saiu perdendo — ela disse e nós concordamos.

Peguei o Caio do colo da Lola e estava sentindo aquele cheirinho gostoso de bebê quando a Mel perguntou: — Então, Nina, como anda o Centro de São Conrado? Já fiz algumas visitas e adorei o espaço.

— Está indo muito bem! Fico muito feliz quando vou lá e vejo que algumas crianças já foram adotadas e que as que ainda continuam lá estão felizes e bem. Isso engrandece meu coração, sabe? A sensação que fica é que fiz a coisa certa.

— Sim, eu imagino como deva se sentir. Às vezes quando vou lá fico com vontade de trazer um comigo, mas já tenho tantos! A Cecilia e o Otávio ainda me dão muito trabalho — ela disse olhando para eles.

— Adotar é um ato de amor sabe? Não imagino minha vida sem o Bernardo. Parte o meu coração saber que a maioria queira os bebezinhos quando as crianças e os adolescentes, apesar de darem muito trabalho, são os que mais precisam de amor — falei lembrando-me do Antônio, o filho da Nat e do Rui. No começo foi bem complicado lidar com ele e seus traumas, mas quando eles estabeleceram uma relação de confiança e ele começou a fazer terapia, a convivência deles melhorou muito. Meus amigos estavam até mesmo pensando em adotar outra criança.

— Sim, eu sei. Eu pensei em adotar por um bom tempo, mas o Caio apareceu e precisamos repensar essa ideia. Eu o Tyler trabalhamos muito, então já fica complicado dar cem por cento da nossa atenção a ele e a Sophia. Eu não gostaria de adotar para não dar todo amor que aquela criança merece — Lola revelou.

— Realmente, eles precisam de todo o amor que podermos oferecer. Mas aproveitando que

vocês estão aqui, que tal organizarmos algum evento lá no dia das crianças? Acho que faria bem a eles, vamos enaltecer a importância da adoção, além de dar um dia incrível àquelas crianças.

— Adorei a ideia! Já estou pensando no que podemos usar como decoração, o buffet tem aquele maravilhoso que usamos no último aniversário do Caio, vai ser perfeito! — Mel disse animada pegando seu inseparável bloquinho.

Começamos a concretizar a nossa ideia central. Mel anotava tudo detalhadamente: decoração, comidas e bebidas, brinquedos, jogos e brindes; enquanto a Lola já dizia quem poderíamos contratar para que tudo saísse perfeito. No final, depois de resolvermos tudo, devolvi o Caio a Lola, que o levou para dentro de casa para dar-lhe de mamar, enquanto eu e a Mel aproveitamos para cairmos na piscina curtindo a companhia daqueles que amávamos.

Mais tarde, estávamos nós cinco no terraço. Lua, Dom e Bernardo estavam nos sofás deitados e olhando o céu, que estava belíssimo. Havia muitas estrelas e a lua estava cheia.

Liam e eu estávamos deitados na rede, abraçados e bem próximos, curtindo um ao outro.

Senti um beijo no meu pescoço que me deixou toda arrepiada e ele disse: — Quem diria que em uma troca de olhares você me prenderia pelo resto da vida?

— Foram só cinco anos, meu bem.

— O que são eles perto da eternidade que quero viver com você? — Ele perguntou deixando-me completamente derretida. Adorava quando ele ficava romântico.

— Eu te amo — disse dando-lhe um selinho.

— Eu te amo mais, minha tigresa — ele disse me roubando um beijo daqueles de tirar o folego.

Trocamos alguns carinhos e paramos para observar nossa família. Eu acho que nunca agradeceria o suficiente por tê-los em minha vida.

Fim .

Bônus



Bernardo

Hoje a mamãe e a Lua foram me buscar na escola. Falei para elas que eu tinha feito muitas coisas legais e diverti-me muito, a mamãe ficou bem feliz.

Quando chegamos em casa, vi a tia Mel, o tio Jake e o meu amigo Chris. Junto com eles, tinha duas meninas bonitas, uma com os cabelos vermelhos e sardas no rosto, e a outra era morena e engraçadinha.

A tia Mel foi logo nos apresentando, dizendo que elas eram a Valentina e a Sophia. Mamãe apresentou a mim e a Lua. Elas sorriram e nós ficamos conversando.

— Senta aqui do meu lado, Chris! — Valentina falou. Achei ela bem mandona.

— Agora não, Vale — Chris diz, sentando ao meu lado.

— Mas Chris, nós somos namorados e os namorados sentam juntos — ela disse irritada.

— Vocês namoram? — Perguntei surpreso. — Mas como? Sua mamãe deixou, Chris?

— Eles já namoram a um tempão, Bê! E a tia Mel nem brigou, nem nada — Sophia disse.

— Achei que só os adultos pudessem namorar — disse confuso.

— Sim, só os adultos namoram, mas a Valentina acha que eu sou namorado dela — Chris disse revirando os olhos.

— Hmm, então vamos fazer assim, a gente namora quando crescermos, ok? — Ela disse a ele.

Chris fez uma carinha pensativa e disse: — Pode ser — e sorriu para ela.

Eles pareciam com o meu papai e minha mãe quando estavam juntos, ficam com uma carinha

de bobos...

— Ah, mas isso não é justo! — A Sophia disse.

— O que não é justo, Sophia? — Perguntei.

— Eu também quero um namorado — ela disse tristonha.

Não queria vê-la triste.

— Fica assim não, Sophia. A gente pode namorar se você quiser, mas só quando a gente crescer, ok? — Perguntei a ela tentando deixá-la mais feliz.

Sophia olhou para mim com uma carinha muito fofa. Ela deu um sorriso e disse: — Está bem, Bê — disse sorrindo e levantou para dar um beijo na minha bochecha.

Sorri e perguntei:

— Vamos brincar agora?

Eles concordaram e levantamos para irmos até o meu quarto brincar. Quando estávamos indo, o papai chamou para irmos almoçar, mas a mamãe mandou eu ir tomar banho primeiro, e eu fui.

Quando eu voltei, começamos a comer. Eu e meus amigos ficamos conversando sobre os desenhos que gostávamos.

Depois do almoço, nós quatro fomos para o meu quarto brincar. Cantamos, jogamos, corremos. Fizemos de tudo, foi bem legal.

No dia seguinte...

A tia Mel me acordou dizendo que íamos para o zoológico, então eu levantei e fui me arrumar. A Lua já estava arrumada no colo da tia Mel, comendo um biscoito. Quando eu já estava pronto, fui até o quarto da mamãe e beijei sua testa. Ela estava muito bonita dormindo. Papai tinha saído cedo, ontem de noite ele disse para mamãe que ia para uma audiência. É, acho que é esse o nome.

Chegamos no zoológico todos juntos, a Lua estava no colo do tio Jake, a tia Mel estava do seu lado, o Chris estava do meu lado e a Sophia e a Vale estavam saltitando ao nosso lado. Demos folhas a uma girafa bem grande, vimos um elefante com seu filhote, uma família de quatro macaquinhos, um leão, jacarés bem grandes e muitos pássaros. A Lua gostou muito dos ursos, esticou-se toda para pegá-los. A Vale e a Sophia apertaram o Chris e eu quando passamos pelas cobras.

Depois, o tio Jake nos levou para tomar sorvete. Eu e a Sophia estávamos andando atrás do Chris e da Vale quando um menino maior que a gente a derrubou.

Ajudei a Sophia a levantar e fiquei na frente dela.

— Ei, por que você fez isso? — Perguntei nervoso.

— Porque eu quis, moleque, não se intromete! — Ele respondeu.

— Não faz isso, ela não fez nada a você! Deixe-a em paz! — Disse defendendo-a.

O menino ia dizer alguma coisa quando a tia Mel chegou, perguntando: — O que está acontecendo aqui? — Ela perguntou e o menino não disse nada, pediu desculpas e foi embora.

— Aquele menino derrubou a Sophia, tia Mel — falei.

— Oh, minha princesa, você está bem? — Tia Mel perguntou para Sophia, que agora estava ao meu lado de cabeça baixa, meio tristonha.

— Estou sim, tia, o Bê me defendeu — ela deu um sorrisinho fraco.

— Então tudo bem. Sentem aqui que eu vou buscar o sorvete de vocês — Ela falou e saiu.

— Está tudo bem mesmo, Sophia? Você não ficou machucada? — Perguntei preocupado com ela.

— Estou sim, Bê. Obrigada por me defender — ela disse e deu um beijo na minha bochecha.

Senti cosquinhas e fiquei feliz com aquilo.

— Pronto, olha aqui o seu sorvete — a tia Mel entregou o sorvete para ela e a Sophia agradeceu. — Aqui o seu, Bê. Agora vamos achar os outros — ela pegou as nossas mãos e andamos juntos até os outros.

No final do dia, eu estava cansado, mas o dia foi tão divertido que nem reclamei.

Livro – III

OUTRA
Chance
AO amor

MILA MAIA
TRILOGIA CHANCES - III

Sinopse



Desde que se conheceram, Valentina e Christopher se tornaram confidentes e inseparáveis: dividiam tudo um com o outro e tinham uma amizade pura e sincera.

Com o tempo, sentimentos foram surgindo e ambos descobriram um no outro os encantos do primeiro amor. Após o primeiro beijo, ela partiu. Seu pai havia a mandado para um colégio interno e, para não o magoar, ela mentiu e nunca mais falou com ele.

Mesmo com a distância, eles não esqueceram um do outro. Doze anos depois, Chris estava namorando com uma mulher que o entendia e o fazia feliz, uma mulher que ele jurava amar até Valentina voltar à cidade e virar a sua vida de cabeça para baixo.

Um amor de infância que resiste ao tempo: quando mais novos, não imaginavam a magnitude desse sentimento, mas bastou um olhar para Christopher e Valentina perceberem que o que sentiam um pelo outro estava ali dentro e, dessa vez, mais forte do que nunca.

Prólogo



Doze anos depois Eu estava em frente ao meu apartamento — no escuro. A luz do corredor havia queimado; precisava me lembrar de avisar ao síndico amanhã. Remexi novamente em uma das minhas bolsas. Sim, no plural, pois professores não andam com uma bolsa só.

Eu estava tão cansada! Naquele dia, havia acontecido a culminância do projeto de múltiplas artes e eu tinha me empenhado muito para que tudo desse certo com a turma em que estava. Fiquei imensamente feliz com o sucesso deles. Tudo o que eu queria agora era tomar um banho bem relaxante, comer alguma coisa e dormir.

Quando encontrei as chaves e abri a porta, levei um susto. Minha casa estava toda revirada, uma completa bagunça!

Havia restos de comida, latas de cerveja e garrafas de *vodka* no chão. Pelo balcão que dividia a sala e a cozinha, pude ver uma pilha enorme de pratos na pia e suspirei frustrada. Quando saí pela manhã, tinha deixado tudo em ordem, então o que diabos tinha acontecido?

Com o brilho da televisão, avistei uma silhueta bem conhecida e gritei: — Arthur!

— Porra, Valentina! Fala baixo, não está vendo que estou assistindo televisão? — Ele gritou irritado.

Caminhei até ele, ficando em frente à televisão. Arthur estava sentado no sofá, rodeado de latinhas e petiscos, vestindo apenas um short velho. O desgraçado estava se sentindo em casa. Com uma barba malfeita e o cabelo desgrehado, pensei se esse era realmente o homem com o qual eu tive um relacionamento por dois anos.

— Como entrou aqui em casa? Nós terminamos, esqueceu, foi? — Perguntei desligando a televisão.

Ele levantou irritado, mas cambaleando, devido a bebida, segurou em meu braço e apertou, dizendo: — Eu já te avisei, só terminamos quando EU disser que terminamos! — Ele enfatizou o eu e seu bafo de bebida me deixou enjoada.

Eu me remexi tentando me soltar, ele estava apertando o meu braço com muita força.

— Terminamos sim! Eu não quero mais ter um relacionamento com você! Solte meu braço e saia da minha casa agora, Arthur!
— Gritei puxando meu braço.

Ele deu um tapa forte do meu rosto, dizendo: — Sua vagabunda! A gente só termina quando eu quiser!

Virei para ele, sentindo a minha ira ultrapassar a dor que se alastrava pelo meu rosto. Aproveitei que ele havia soltado meu braço e disse, apontando meu dedo para ele: — Quem você pensa que é para bater em mim? Homem nenhum bate em mim! Saia da porra da

minha casa! Suma da minha vida! Você é um merda, um covarde, um nada! Se aparecer aqui novamente eu tomarei coragem e chamarei a polícia! Seu desgraçado!

Empurrei-o para fora da minha casa. Não sei de onde arrumei forças, mas consegui. Ao fechar a porta, desabei no chão, encostei minhas costas nela e desabei no chão. Lágrimas escorriam pelo meu rosto; eu nunca havia me sentido tão humilhada. Como pude aturar um relacionamento de merda como esse por tanto tempo? Como pude não ter coragem para reagir antes?

Enquanto eu fazia um coque mal feito nos meus cabelos, respirei fundo e fui até o meu celular, que não parava de tocar, olhei o visor e vi o nome da Mel. Nós ainda mantínhamos contato mesmo depois de tanto tempo e era ela quem eu buscava quando queria carinho, conselhos ou uma palavra amiga. Limpei minhas lágrimas e respirei fundo novamente.

— Oi, tia — falei tentando disfarçar minha voz.

— Oi, minha linda, como você está? Que voz de choro é essa? — Ela perguntou expressando sua preocupação.

— Não ‘tô chorando não, tia. Está tudo bem.

— Você sabe que não me engana, né? Mas estou aqui para o que precisar, sempre.

— Obrigada, tia. Eu sei, e te amo muito por isso — disse com algumas lágrimas escorrendo do meu rosto.

— Eu também te amo e estou morrendo de saudades. Mas escuta, eu liguei porque surgiu uma oportunidade que acho que seria maravilhosa para você — ela disse.

— É mesmo? Qual? — Perguntei animada.

— Abriu uma vaga para professora de literatura no Colégio Isac Milanus, pensei em você assim que soube. E eu acho que já está na hora, né? Volta para casa, minha menina! — Ela disse e eu parei para refletir: além do meu emprego, nada me prendia àquela cidade. Eu estava totalmente frustrada com o rumo que a minha vida estava tomando, talvez estivesse mesmo na hora de voltar para aquela cidadezinha.

— Talvez tenha chegado mesmo a hora, tia. Acha que consegue uma casa para mim por aí? — Perguntei.

— Consigo sim, e bem rápido, até — ela disse animada.

— Então pronto, me dá alguns dias que em breve eu aparecerei por aí para matarmos a saudade! — Falei.

— Estou tão feliz aqui, mal posso conter a minha felicidade! — Ela parou de falar e disse, para alguém fora do telefone: — *Oi, meu filho, espera um minutinho* — outra pausa. — *Fale com seu irmão, Otávio! Chris, ajuda o Tavinho aqui!*

Ao escutar aquele nome, preferi me despedir e desligar. Ela se despediu rapidamente e disse que me ligaria assim que conseguisse a casa.

Andei até o balcão e sentei-me nele. Apollo veio até meu colo — meu gatinho persa era um dos meus companheiros mais fiéis. Acariciei seu pelo e então a ficha caiu: eu o veria novamente, o garoto com quem experimentei o meu primeiro beijo.

Tinha muitas saudades dele, afinal, Chris foi o meu melhor amigo e o meu primeiro amor. Não sei se estava preparada para vê-lo, fazia anos desde a última vez que tínhamos nos visto.

Será que ele se lembrava de mim da mesma maneira que eu lembrava dele?



Acordei tarde naquela manhã, tinha ficado até depois do horário na oficina — que ficava no térreo da minha casa —, estava bem cansado e queria dormir por mais algumas horas, mas, além de ter serviços para fazer, iria almoçar com a família da Elisa hoje e não poderia me atrasar. Ela odiava atrasos.

Levantei-me, tomei um banho e comi um café da manhã caprichado. Desde que tinha vindo morar sozinho, alguns anos atrás, estava conseguindo me virar bem. Apesar de mamãe insistir para que eu voltasse a morar com eles, dizendo que meu quarto estaria sempre à minha espera, eu gostava da minha privacidade.

Limpei a pia e arrumei a casa que era bem pequena: apenas um quarto; uma sala e cozinha, que eram integradas; o banheiro, que ficava próximo a sala, em um pequeno corredor que levava na direção do quarto e, ao lado da porta, principal ficava a “área da bagunça”, segundo a minha mãe. Lá eu guardava algumas ferramentas, patins, skates e bicicleta dos meus irmãos que acabavam ficando aqui em casa. Ali também era o quartinho do Max, meu labrador.

Troquei de roupa, vestindo uma bermuda com uma camisa regata, coloquei a coleira no Max e fui levá-lo para seu passeio matinal, caso contrário ele sujaria meu apartamento todo.

Andamos pela praça da cidade e, ao olhar para uma das maiores árvores do lugar, lembrei do casamento dos meus pais, do quanto aquele lugar era importante para eles e sorri.

Comecei a correr e o Max me acompanhou, dando algumas voltas pela praça, mas ao checar o horário, constatei que o Seu João iria passar para pegar seu fusca e eu precisava estar lá para entregar a ele, afinal deu muito trabalho fazer aquela lata velha voltar a andar.

Tirei os fones do ouvido, subindo as escadas que ficavam ao lado do meu apartamento. Estava procurando minhas chaves quando vi minha irmã encostada na minha porta.

— Bom dia, pirralha! Não era para você estar na escola? — Perguntei abrindo a porta.

Soltei a coleira do Max, que correu para deitar no tapete vermelho da sala. Mia deitou no sofá, colocando as pernas para cima. Ela era uma folgada.

Guardando as coisas no armário, perguntei novamente: — Vai me dizer porque não foi a escola ou vou ter que ligar para mamãe? — Falei em tom ameaçador.

— Cala a boca, Chris! Eu estudo à tarde agora e estava na casa de uns amigos fazendo um trabalho — ela falou debochada.

— E não foi para casa por quê? — Perguntei enquanto enchia as vasilhas do Max.

— Ihhh, que saco, não posso mais vir para a sua casa? A chatinha está aqui, é? — Ela perguntou olhando para os lados, procurando algum sinal da Elisa.

— Já disse para parar de chamar ela assim! Não sei qual o problema que você tem com ela, mas pare de ciuminho e birra e vai para casa, mamãe já deve saber que você não teve aula — falei tirando a camisa e indo para o quarto. Eu iria tomar banho e me arrumar para que, depois que o Seu João pegasse o carro, eu conseguisse ir almoçar com os meus sogros.

Eu já tinha percebido que eles não gostavam muito de mim, eram esnobes e preconceituosos. A Elisa nem parecia ser filha deles, já que era um amor de pessoa, generosa e amorosa. Ela trabalhava como pediatra no hospital público da cidade.

Vestindo uma calça jeans e uma camiseta do Foo Fighters, caminhei até a sala para calçar meus tênis e encontrei a Mia no mesmo lugar.

— Ainda aqui? Mamãe não encheu sua caixa de mensagens? — Perguntei. Ela me encarou séria e respondeu: — Ela sabe que estou aqui e não se importa muito.

— Deixa disso, Mia. Eles vão sair com os gêmeos, vá com eles para ser um passeio em família — eu disse a ela.

— Sem você não tem muita graça — ela disse desanimada.

— Eu vou almoçar com a Elisa e a família dela, quer ir com a gente? — Perguntei enquanto abria a geladeira e bebia um pouco de energético.

— Deus me livre, se não aguento a chatinha, imagina aqueles pais insuportáveis dela. Eu passo, vá sozinho! Boa sorte! — Ela disse levantando, colocando a mochila nas costas e dando um beijo na minha bochecha.

— Exagerada! — Falei me despedindo.

Após checar tudo, desci e abri a oficina. Poucos minutos depois, Seu João apareceu bem sorridente e, ao ver sua “máquina” funcionar, não parou de me agradecer. Então, tirei meu carro, fechei a oficina e fui buscar a Elisa. Ela estava me aguardando em frente ao hospital. Estacionei e ela entrou.

— Oi, meu amor — ela disse me dando um selinho.

— Oi, minha linda. Como foi seu plantão? — Perguntei notando as olheiras em seu rosto.

— Foi bem longo, mas graças a Deus sem nenhum caso muito sério — ela respondeu.

Estacionei no sítio dos seus pais, que ficava ao norte da cidade, em um bairro nobre. Eu sempre me sentia deslocado ali. O casarão deles era imponente, todo decorado em branco e o preto, com móveis finos e repletos de luxo. Tudo tão perfeitamente arrumado e frio, sem nenhum pinga de calor humano... Tão diferente da casa dos meus pais!

Quando começamos a comer, o pai de Elisa olhou para mim e disse: — Então, rapaz, já cansou de brincar de carrinho e arrumou um emprego decente?

— Não estou brincando de carrinho. Como senhor diz, meu emprego é decente e honesto — falei tentando controlar minha irritação. Já era a milésima vez que eu repetia isso para eles, mas os pais de Elisa não me levavam a sério. Para eles, minha profissão não passava de um hobby, uma brincadeira.

— E como vai sustentar minha filha dessa maneira? Ganhando tão pouco é que não é!

Eu ia responder, porém Elisa interviu, dizendo: — Papai, pare, por favor. Chris não precisa me sustentar, não somos casados.

— O que é ainda pior! Vai enrolar minha filha até quando, hein, rapaz? Por isso nunca concordei com esse relacionamento!

Eu ia me levantar e dizer vários desaforos ao Seu Tadeu, mas isso não nem seria certo nem educado. Respirei fundo e vi Elisa tentar mudar o rumo da conversa. Apesar dos seus esforços, o resto do almoço foi bem silencioso. Nós acabamos passando parte da tarde lá, já que os avós dela apareceram e eu me dava muito melhor com eles.

Quando saímos de lá, resolvi passar na casa da minha mãe. Ela havia me mandado uma mensagem dizendo que papai queria falar comigo. Eu só esperava que não fosse outro pedido para trabalhar com ele no mercado. Apesar de ser herança da família, eu não queria trabalhar lá; eu gostava do que fazia, consertar carros era uma paixão minha, mesmo que no final eu acabasse todo sujo de graxa.

Quando estacionei, vi Cecília sentada no balanço da grande árvore que tínhamos no quintal. Eu tinha boas lembranças daquele lugar.

Anos atrás, Valentina havia roubado meu primeiro beijo e sumido da minha vida para sempre... como será que ela estaria agora? Será que ainda lembrava de mim?

Dispersei tais pensamentos, vendo a Elisa brincar com a Ceci. Era nela que eu tinha que pensar agora. Nós namorávamos há quase cinco anos, precisávamos dar um passo a mais nesse relacionamento. Era o certo a se fazer, não era?

Eu queria estar mais confiante sobre isso.

Deixei elas lá, entrei em casa e avistei minha mãe ao telefone. Ela usava um vestido azul e seu cabelo loiro estava preso em um coque. Otávio, meu irmão, falava com ela. Ele era a cópia do meu pai e, por sinal, ele se parecia também muito comigo quando tinha a idade dele.

Ao me ver, mamãe disse: — Chris, ajuda o Tavinho aqui!

Fui até ele, e perguntei: — Quer ajuda com o que, pirralho? — Baguncei seus cabelos.

— Não me chama de pirralho, seu chato! Quero ajuda da mamãe, não sua! — Ele disse e abraçou mamãe, que já tinha desligado o telefone.

— Boa tarde, mãe! — Disse indo até ela, beijando sua testa. — Anda mimando muito esse pirralho chato? — Falei bagunçando seus cabelos novamente e apertando suas bochechas.

— Boa tarde, meu filho! Não chama meu bebê de pirralho! — Ela disse e a cara do meu irmão foi impagável.

— Eu não sou um bebê, mãe! — Falou indignado — Sou um pré-adolescente! — Disse convicto e foi para o seu quarto.

Olhei para mamãe e rimos juntos. Eu a abracei e caminhamos até onde o papai estava.

— Boa tarde, pai. O senhor queria falar comigo? — Perguntei.

Ele veio até mim, dando um abraço coletivo em mim e na mamãe.

— Lembro quando dávamos esses abraços com você em meu colo, que saudades desse tempo bom — ele disse nostálgico.

Mamãe sorriu para ele e, por um segundo, invejei a cumplicidade que eles tinham em apenas em um olhar. Qualquer um que os visse saberia que eles estavam completamente apaixonados um pelo outro. Eu queria isso, queria ter esse olhar com a Elisa, mas, por mais que eu tentasse, isso não acontecia...

Um



Fechei minha última mala. Eu estava exausta, havia me demitido há alguns dias e tinha alugado um caminhão para levar os meus móveis para São Conrado. Tia Mel tinha me mandado algumas fotos de um apartamento que ficava perto do restaurante do Centro, ele era pequeno, mas bem charmoso e tinha potencial, então era perfeito para mim e para o Apollo, meu gato.

Minhas costas doíam: eu estava dormindo no chão há dias. Meus móveis deviam estar chegando a São Conrado, pelo menos eu esperava por isso. Coloquei as malas no táxi e fui até o aeroporto.

Ao sentar em minha poltrona, que era muito macia, adormeci.

Acordei com uma aeromoça me sacudindo. Levei um susto e, com cara de sono mesmo, levantei-me. Enquanto esperava minhas malas, assustei-me ao encontrar a Mel ali, esperando. Ela estava com uma menina loirinha bem parecida com ela.

Ao me ver, ela correu em minha direção e me abraçou. Era um abraço tão amoroso e maternal que lágrimas escorreram do meu rosto, eu estava com tanta saudade de me sentir em casa!

— Que saudades, minha linda! Olhe para você, está uma mulher, bem diferente da mocinha que via correndo pelo meu quintal!
— Ela disse beijando minha testa.

— Eu estava com tantas saudades, tia! A senhora parece a mesma para mim, não mudou nada, está linda! — Apertei sua mão.
— E essa mocinha aqui, é a famosa Cecília? — Perguntei me agachando em sua frente. Ela olhou para mim sorrindo e eu sorri de volta ao constatar que seus olhos eram da mesma cor do irmão. — Você tem os olhos do Chris, que genética boa a dessa família — falei levantando-me.

— Você conhece o meu irmão? — Ela perguntou curiosa.

— Conheço sim. Ou melhor, conhecia... — Respondi me perdendo em pensamentos, lembrando das inúmeras cartas que escrevi e que nunca foram enviadas, cartas que expressavam tudo o que sentia.

— Terra chamando Valentina! Vamos? — Tia Mel disse estalando os dedos no meu rosto e me tirando dos meus devaneios.

— Vamos sim — disse sorrindo, levando as malas até o carro dela no estacionamento.

Durante o trajeto, observei as pequenas mudanças que haviam acontecido na cidade. Estava mais viva, mais colorida. Eu sentia falta da simplicidade que era São Conrado, em São Paulo era tudo tão corrido!

Paramos em frente a um apartamento no centro. Ele ficava perto de tudo, o que era ótimo. Havia outros apartamentos, uma farmácia, o restaurante, a escola e o mercado dos Sullivans. Um pouco adiante, tinha também uma oficina.

Com a ajuda da Mel e da Cecília, entrei com as malas no meu apartamento vazio, tirei Apollo de sua casa de transporte e ele, desconfiado, foi passear pela nova casa, cheirando tudo.

Andei pela sala, que era integrada com a cozinha. Ambas tinham um espaço bom. Fui até meu quarto, que era uma suíte, pois tinha uma porta que dava para o banheiro.

Havia assinado o contrato uns dias atrás e a dona disse que eu poderia ficar à vontade para fazer pequenas mudanças ou reformas. Provavelmente pintaria as paredes, já que aquela cor acinzentada não era do meu agrado.

Eu me apoiei na janela, olhando o movimento da rua e, pela primeira vez em anos, eu me senti em casa. Virei para sala, olhando para a Mel entrando com uma torta na mão e a levando para o balcão, enquanto a Cecília brincava com o Apollo no chão.

— Hum, está com uma cara deliciosa! — Falei olhando a torta.

— Encomendei especialmente para você, para comemorarmos esse seu recomeço! — Tia Mel disse cortando uma fatia. — Vem comer, Cecília!

A garotinha levantou com Apollo em seu colo, caminhando até nós.

— Vejo que gostou do meu bebê, né? — Perguntei acariciando a cabeça de Apollo, que ronronou para mim.

— Gostei muito! — Ela respondeu olhando para mim, depois virou para a mãe, perguntando: — Mamãe, podemos ter um gatinho?

— Filha, nós já temos o caramelo e a Lucky, você quer mesmo pôr um gato entre eles dois?

— Mas o caramelo é da Mia e a Lucky é do Távinho, eu não tenho bichinho nenhum! — Ela disse irritada.

— Converse com seu pai quando chegarmos em casa — Mel falou para ela e me entregou a torta.

Comemos sentadas no chão e, um tempo depois, a Mel pegou Cecília e foi embora, prometendo me ligar mais tarde. Eu prometi que iria visitá-las em breve para rever e conhecer o resto da família.

Deitei no chão da sala, pensando em como arrumaria cada cômodo e de qual cor eu pintaria as paredes. Mais tarde, quando a noite caiu, percebi que meus móveis não haviam chegado. Merda! Com o pouco que tinha na casa, arrumei um espaço para o Apollo: um lugar para ele dormir, arranjei um potinho de água e um de comida — eu sempre levava um pacotinho de ração comigo, caso acontecesse algum imprevisto — e um lugar para ele fazer suas necessidades.

Eu já estava me preparando para dormir mais uma noite no chão quando meu celular tocou. Era a Mel.

— Oi tia, boa noite.

— Oi Vale, seus móveis chegaram? — Ela questionou.

— Ainda não, vou dormir mais uma noite no chão — falei desanimada.

— Nada disso, vou pedir para o Jake ir te buscar. Ele está aí perto, foi comprar um xarope para o Otávio. Espera um pouquinho

que eu vou ligar para ele — ela disse desligando, sem me dar a chance de contestar.

Prendi meu cabelo em um coque e aguardei outra ligação. Fiquei olhando pela janela e vi um carro parar na frente do apartamento.

Meu celular vibrou com uma mensagem da tia Mel:

>> *Desce que o Jake está te esperando. Eu já estou preparando um quarto para você.*

Arrumei uma bolsa com o que iria precisar para passar a noite, tranquei tudo e desci as escadas. Tio Jake estava me esperando encostado no carro. Parei para observá-lo e constatei que a tia Mel era uma sortuda, tio Jake tinha virado um coroa muito gato.

— Essa é a pequena Valentina? — Ele perguntou vindo me abraçar. — Você se tornou uma mulher linda! Melanie me contou que seus móveis não chegaram, então vamos lá para casa, tenho certeza que você vai adorar essa noite em família — ele disse enquanto caminhávamos até o carro.

Chegando lá, dois cachorros vieram em minha direção, cheirando meus pés e latindo. Devia ser por causa do cheiro do Apollo, já que eu ficara aninhada a ele antes de vir.

Entreí, vendo a Mel com um menino deitado em seu colo. Presumi que fosse Otávio ao constatar que ele se parecia muito com o Chris. Ao seu lado estava uma jovem loira muito bonita e, em seu colo, estava a Cecília.

— Boa noite, gente! — Falei entrando. Ao observar a casa, bateu uma nostalgia tão forte que meus olhos chegaram a lacrimejar. Como em um filme, meus momentos naquela casa se passaram em minha cabeça. Eu sempre amei aquela casa onde sempre me senti amada.

— Papai, que bom que chegou! Trouxe o que eu pedi? — Falaram o Otávio e a Cecília, juntos.

Ri e fui me sentar ao lado da Mel. Olhei com curiosidade para a jovem que estava sentada ali. Ela me lembrava alguém.

— Quem é você? Isso é hora de estar na casa de alguém? — Ela perguntou me encarando de um jeito engraçado. Quando eu ia responder, Melanie me interrompeu.

— Isso lá são modos, Amélia? — Ela ralhou e então caiu a ficha: Amélia, Mia!

— Oh meu Deus, eu te vi bebezinha! — Falei surpresa. — Você virou uma mulher linda! Se bobear, está maior que eu — disse a ela.

— Você me viu bebê? Não lembro de você... — Ela falou me avaliando.

— Bem, eu vivia muito aqui quando era criança. Eu era muito amiga do seu irmão, então aqui era praticamente minha segunda casa, né, tia? — Falei abraçando a Mel.

— A Valentina e o Christopher levavam você para aprontar com eles no quintal e você adorava! — Melanie contou a ela.

— Hmm... E o seu cabelo é natural mesmo? — Mia me perguntou avaliando-me.

— É sim — Respondi.

— Hmm, interessante... E por que você voltou só agora? — Ela perguntou desconfiada.

— Consegui um emprego e estava com saudades de casa, nenhum lugar me deixaria mais em casa do que aqui. E a sua família

me acolheu como nenhuma outra — acrescentei abraçando minhas pernas.

— Eu queria ter alguma lembrança significativa sua, mas eu era muito pequena, não lembro de você — ela disse com certa frieza, mas então acrescentou: — ... o que é uma pena — soltei o ar que não sabia que estava segurando. Seja qual fosse o processo de aprovação de Mia, eu havia passado. Ela sorriu da mesma forma que eu lembrava.

Depois disso, nós engatamos em uma conversa que rendeu bastante, todos já tinham ido se deitar, mas a conversa estava tão boa que nem sono tínhamos.

— Mulher, já é quase meia noite! Vamos dormir que amanhã quero te levar para dar uma volta na cidade, sei de um lugar ótimo para vermos as tintas — ela disse animada.

— Ótimo! Eu adorei essa noite. Obrigada Mia, há tempos não tinha ninguém para conversar — despedi-me e entrei no quarto. Como já tinha tomado um banho, troquei a roupa por uma mais levinha e fui dormir.

Na manhã seguinte, acordei com o sol forte em meu rosto. Eu havia esquecido de fechar as cortinas. Levantei me espreguiçando e comecei a meditar.

Tinha começado a fazer yoga quando terminei pela primeira vez com o Arthur. Só de lembrar dele, um arrepio correu pela minha espinha. Eu esperava que ele não me encontrasse.

Troquei de roupa para poder sair do quarto, mas então escutei uma voz, aquela voz. Fechei rapidamente a porta. Eu não estava preparada para encontrá-lo.

Não agora.

Dois



Após uma tarde maravilhosa em família, levei a Elisa para minha casa. Ao entrarmos, o Max veio para cima da gente latindo animado e a Elisa começou a espirrar, ela era alérgica a pelos de cachorro, então eu prendia o Max sempre que ela vinha aqui para casa.

— Vem, Max, vamos para o quartinho — peguei sua corrente, puxando-o para o quarto. Ele começou a latir, odiava ficar preso.
— Vamos garotão! Daqui a pouco eu te solto — falei fechando a porta do quarto.

Virei para a Elisa que estava agora sentada no sofá, mexendo em seu celular. Tirei-o da sua mão e lhe roubei um beijo.
— Chris, devolve o celular! — Ela pediu esticando suas mãos.
— Estava falando com um paciente? — Perguntei e ela me disse que não. Então, escondi o celular e a enchi de beijos.
— Que namorado mais romântico esse que tenho! — Ela falou prendendo suas pernas em minha cintura. Eu a beijei, apaixonadamente e disse: — Vou pedir uma pizza para jantarmos, não estou com vontade de cozinhar — falei levantando e discando o número da pizzaria.

— Está certo, preguiçoso — ela falou ligando a televisão.
Enquanto pedia a pizza, escutei o Max arranhando a porta. Se eu e a Elisa casássemos, eu teria que levá-lo para morar com meus pais e isso doeria muito em mim, mas escolhas teriam que ser feitas.

Peguei minhas chaves e gritei: — Vou buscar a pizza!
— Ok, eu vou tomar banho. Pode soltar o Max, a gente janta lá no quarto — ela disse entrando no meu quarto.
Soltei o Max e fui até a pizzaria. Peguei a pizza e voltei para casa. Max dormia no tapete. Enchi suas vasilhas, peguei alguns pratos e copos e levei para o quarto.

Elisa estava assistindo alguma série de médicos, não sei como ela não enjoava. Eu lhe dei um beijo e fui tomar banho. Passamos o resto da noite comendo e falando besteiras. Fizemos amor antes de dormir e foi bom, como sempre foi, mas dessa vez tinha algo diferente. Eu não sabia o que era, mas precisava descobrir.

Uns dias depois, estava consertando um carro do lado de fora da garagem quando vi o carro da minha mãe em frente a um dos

prédios na rua ao lado.

O que será que ela estava fazendo ali? Será que tinha acontecido alguma coisa? Concluí que se fosse algo sério eu já estaria sabendo, então eu falaria com ela depois.

Fiz mais alguns serviços, e acabei cortando o dedo com uma peça, fiz um curativo rápido e continuei trabalhando.

De tardezinha, fechei a garagem, tomei um banho e resolvi ir à farmácia fazer um curativo direito, já que o dedo ainda sangrava.

Andei até a praça e passei pelo carro da minha mãe, que ainda estava na rua. Olhei para cima e tive a impressão de ver um rosto conhecido na janela. Olhei novamente, e não tinha mais ninguém.

Eu só podia estar vendo coisas. Primeiro penso nela e depois começo a vê-la, também? Isso é loucura.

Valentina tem que ficar onde sempre esteve durante esses anos.

No passado.

A moça fez um curativo decente, disse que não precisaria de pontos e me passou algumas pomadas.

Fui para casa e me arrumei, vestindo uma camisa social, calça jeans e um tênis. Elisa e eu iríamos jantar com alguns amigos hoje, então passaria para pegá-la depois do plantão.

Coloquei o perfume e alguns acessórios, peguei a chave do carro e me preparei para sair quando meu celular tocou. Era a Elisa.

— Oi, amor, já estou saindo — disse abrindo a porta.

— Ainda bem que não saiu ainda! Eu não vou poder ir, surgiu uma reunião de emergência aqui no hospital e vou ter que ficar. Eu sou a única cirurgiã pediátrica aqui, mas se você quiser ir pode ir, divirta-se — ela falou apressada.

— Porra, sério? Claro que não vou mais, né Elisa! Era um programa entre casais, não tem nem noção eu ir sozinho! Só não reclame depois que nós não saímos, porque eu até tento, mas você sempre põe seu trabalho à frente de tudo — disse frustrado e irritado.

— Não fica chateado, amor. Eu queria muito esse encontro de hoje, mas não posso sair do hospital agora — ela respondeu.

— Está certo, Elisa. Boa reunião — falei ainda irritado.

— Eu te amo, Christopher. Não fica chateado comigo — ela falou e, antes que eu pudesse responder, a ligação caiu.

Fechei a porta, fui até a cozinha, abri a geladeira e peguei uma cerveja. Voltei para a sala e liguei a televisão, estava passando futebol e resolvi assisti.

Um tempo depois, tomei banho e dormi.

Na manhã seguinte, resolvi ir à casa da minha mãe logo cedo. Coloquei a coleira no Max e o levei até meu carro. Eu estava vestindo uma bermuda, uma blusa regata e minhas sandálias.

Dirigi até lá e, ao estacionar, notei que meus irmãos deviam estar na escola, pois a casa estava silenciosa.

Entrei chamando por meu pai e minha mãe, mas quem apareceu foi o Bernardo.

— Tá fazendo o que aqui tão cedo, cara? — Perguntei estranhando sua presença ali.

— Vim ajudar seu pai a levar algumas coisas para o mercado — respondeu e foi então que eu lembrei: papai tinha me contado que o Bê iria trabalhar com ele agora.

— Ah tá, tinha me esquecido que agora você era o braço direito do coroa — falei e vi mamãe vindo com o Otávio no colo.

— Bom dia, a bênção, mãe — pedi à guisa de cumprimento.

— Deus lhe abençoe, meu menino — ela respondeu sentando-se e colocando o Otávio em seu colo.

— Esse moleque está doente mesmo ou é só fingimento para não ir para a escola? — Perguntei sentando ao seu lado e o

Bernardo sentou-se na poltrona.

— Não é fingimento, não, a garganta dele está inflamada — minha mãe respondeu e, baixando a cabeça para me examinar,

perguntou: — O que aconteceu com sua mão?

— Cortei enquanto manuseava uma das peças — respondi.

— Tome mais cuidado, garoto! — Ela ralhou no usual tom de preocupação. — Eu vou fazer algo para ele comer, não deixe o

Otávio correr pela casa — ela acrescentou indo até a cozinha.

— Chris, era para você ter vindo aqui ontem à noite — Otávio falou enquanto mudava os canais da televisão.

— É mesmo? Para quê? — Perguntei.

— Para conhecer a amiga gata da mamãe. Ela era muito linda, e ainda melhor, ela vai ser minha professora lá na escola — ele

disse com um sorriso malicioso.

— Hm, você sabe que tenho namorada, né? — Perguntei a ele porque não entendia o rumo que ele queria dar à nossa conversa.

— Eu sei, mas se eu fiquei mó gamado naqueles olhos verdes, você também ficaria — ele disse e eu lhe dei um tapinha na

cabeça.

— Vai crescer pirralho, que você não está na idade de estar gamado por ninguém — falei me levantando. — Vocês irão querer

ajuda para levar as coisas? — Perguntei ao Bernardo.

— Cara, uma ajuda vai ser ótima! — Ele respondeu e eu o ajudei a levar as coisas até o mercado, depois fui trabalhar.

Umas horas depois, vi um caminhão de mudança estacionado na frente do apartamento em que minha mãe estava ontem. Devia

ser da tal amiga dela, eu conhecia a maioria das amigas da minha mãe, mas não lembrava de nenhuma com olhos verdes.

Três



Estava desempacotando as diversas caixas que tinham chegado. Finalmente o caminhão de mudança tinha aparecido! Os rapazes colocaram os meus móveis na sala, porém não montaram nada.

Eu me organizei, montando e arrumando algumas coisas, mas minha estante e guarda roupa eram complexos demais para minhas pequenas habilidades. Meus livros e roupas teriam que ficar encaixotados, por enquanto.

Olhei as horas e vi que já estava no horário da minha entrevista. Eu estava um caco.

Meu cabelo estava todo embaraçado e eu precisava urgentemente de um banho.

Larguei o que estava fazendo, parando de arrumar os armários da cozinha, e andei direto para o banheiro. Eu não queria nem pensar em como estava o meu quarto.

Tomei um banho, lavando meus cabelos. Coloquei um vestido longo, uma sandália rasteira e deixei meus cabelos soltos. Fiz uma maquiagem leve e coloquei alguns acessórios.

Tranquei tudo e andei até a escola, que era do outro lado da rua. Chegando lá, a gestora já estava me aguardando. Ela me levou para caminhar pela escola, apresentando-me várias salas e turmas. Era uma escola de grande porte: tinha quadra, piscina, biblioteca e um pátio enorme. Entramos em sua sala e ela me fez várias perguntas, deixando-me bem à vontade. Eu daria aulas para duas turmas do ensino fundamental e as sete turmas do ensino médio. Era formada em Letras com pós-graduação em Literatura infantil, então eu daria aulas de Literatura e Inglês.

Eu estava bem animada, com essa nova etapa da minha vida.

Ao fim da nossa reunião, ela me informou que eu começaria na segunda, então aproveitei e peguei todo material que iria utilizar para preparar as aulas.

Estava andando para fora da escola cheia de livros nos braços quando me seguraram pelo ombro, dizendo: — Vale! Que legal te ver aqui! Então aquela história que a mamãe contou é verdade? Você vai ser nossa professora? — Mia me perguntou na maior animação.

— Oi, Mia, que bom te ver! Vou ser sim, fui contratada hoje e começo na segunda — falei.

— Finalmente algum professor legal nessa escola, os outros são tão entediantes — falou uma menina que estava ao lado dela, loira, alta. Parecia uma modelo.

— Pior que é mesmo, né, Lua. Quer dizer, tirando o professor de educação física. Ele é o maior gato! Ah, deixa eu apresentar vocês! Essa é a Valentina ou Vale, ela é uma das pessoas mais legais que eu conheci, além de ser ex namorada do Chris — olhei para ela surpresa diante de tal apresentação — Essa aqui é a Lua, minha prima, melhor amiga e tal, ela também vai ser sua aluna. Essa vaca está no terceiro ano.

— Muito prazer, Lua — disse me equilibrando com os livros e dando um beijo em sua bochecha. Ela sorriu para mim. Virei-me para Mia e questionei: — Quem te contou que eu era ex namorada do seu irmão?

— Minha mãe e as fotos que tem de vocês dois lá em casa — Ela disse prendendo seu braço ao meu. — Falando no meu irmão, você já se encontrou com ele? Já fez ele ver que ele ainda te ama para vocês ficarem juntos e ele largar aquela baranga da namorada dele? — Ela perguntou.

— Ainda não vi o seu irmão...mas espera aí, ele está namorando? — Perguntei, surpresa com essa novidade.

— Sim, com uma mulherzinha insuportável! Você é muito mais legal e muito mais bonita! — Ela disse alisando meus cabelos.

— Ela não deve ser tão insuportável assim se o seu irmão está com ela... Mas escuta, vocês já estão liberadas? — Perguntei.

— Sim, dia de sexta nós saímos mais cedo, mas não estou com a mínima vontade de ir para casa — Mia respondeu.

— Meus móveis chegaram e arrumar toda aquela bagunça sozinha é muito entediante — falei a elas.

— É muito entediante, cara, quando eu mudei de quarto lá em casa mesmo já foi um saco — Lua disse.

— A gente podia ir te ajudar, o que acha? Eu não tenho nada de bom para fazer em casa mesmo — Mia falou animada.

— Ir lá para casa? Não sei, Mia, não quero atrapalhar vocês...

— Não atrapalha não, Vale, juro! Deixa a gente ir te ajudar — Lua insistiu e eu acabei cedendo.

— Tudo bem, mas avisem aos pais de vocês — falei e elas assentiram.

— Deixa eu ir lá dentro buscar a Cecília, aquela nerd sempre quer ser a última a sair da sala, aproveito e já ligo para o papai — ela disse entrando na escola.

— E eu preciso avisar ao Dom que não vou esperá-lo, ele ainda tem o futebol, então ele sai mais tarde — ela disse pegando o celular e entrando na escola.

Um tempo depois, a Mia voltou com a Cecília e a Lua também apareceu. Fomos as quatro lá para casa, dividimos o peso dos livros, então cada uma levou um pouco.

Ao entrarmos, colocamos os livros no sofá. A Cecília foi procurar o Apollo e as meninas avaliaram meu apartamento.

— Que bagunça, Vale! Ainda bem que viemos, ou você não terminaria isso hoje — Mia disse e a Lua concordou com ela.

Prendemos os cabelos em um coque, ligamos o som e começamos a colocar as coisas no lugar. Com a ajuda delas, consegui montar o rack.

— Mano do céu, que coisa difícil! — Mia falou se jogando no tapete. — Você nem para ler essas instruções direito, Lua!

— Eu li muito bem, você que não sabe interpretar! — Lua retrucou deitando ao lado dela.

— Ai, você que não leu direito! Ainda bem que conseguimos montar mesmo assim. Agora vamos falar de uma coisa importante: o gosto musical da Vale que, por sinal, é péssimo, ela só tem CDs ultrapassados. Pelo amor de deus, Vale, você ainda usa CDs! Faça uma conta no Spotify — Mia mandou, pegando meus CDs que estavam amontoados no tapete ao lado dela.

— Péssimo mesmo! Quem hoje em dia escuta Britney Spears tendo tantas artistas maravilhosas em alta? Como a Ariana Grande, a Camilla Cabello, o Fifth Harmony, Ana Vitória, Matheus e Kauan... Eu amo tanto eles — Lua falou revelando seus gostos musicais.

— Eu também gosto desses artistas aí, mas ultimamente o que vem fazendo minha cabeça é o K-POP — Mia falou com seus olhos brilhando.

— Lá vem ela de novo com essas músicas que ela nem consegue cantar! — Lua zombou revirando os olhos.

— Cala a boca e respeita! Eu sei cantar sim e muito bem! — Mia disse a Lua e virou para mim — Você precisa conhecer o BTS! Precisa! — Ela disse mexendo no celular e logo depois uma música começou a tocar. A batida era boa, apesar de eu ainda estar tentando decifrar o que eles estavam falando.

Depois que terminamos a sala, a Lua foi ajeitar o banheiro e a Mia me ajudou na cozinha. Algumas horas já tinham passado quando terminamos. Quer dizer, ainda faltava o meu quarto, mas como não sabia montar uma cama, um guarda-roupa e a estante, eu precisaria procurar alguém.

Sentamos no sofá e minha barriga roncou de fome, rimos e eu disse: — Vamos comer alguma coisa nessa lanchonete aqui do lado, o sanduíche de lá tem cara de ser uma delícia.

— Vamos sim, eu e a galera lá da sala sempre lanchamos lá. Todos os lanches são deliciosos — Lua falou.

— Então vamos! Estou com muita fome! — Falei e descemos.

Chegando lá, olhei o menu e pedi um sanduíche bem caprichado com suco de laranja, as meninas fizeram seus pedidos e então aguardamos.

Uns minutos depois, quando já estávamos comendo, uma mulher se aproximou da nossa mesa. Ela era loira, seus cabelos eram curtos, batiam em seus ombros, e ela era baixinha.

— Cecília, meu anjo. Que bom te ver! — Ela disse acariciando os cabelos da menina — Na verdade, bom ver todas vocês, Mia e Lua, estão lindas. — Ela falou e a Lua sorriu, já a Mia não expressou emoção alguma. E então, ela olhou para mim, avaliando-me, e perguntou: — Você eu não conheço. Eu sou a Elisa, e você é...?

— Valentina — Disse simplesmente e, ao olhá-la, percebi que ela não era uma baranga como a Mia tinha falado. Na verdade, ela era bem bonita.

— Posso saber de onde você conhece minhas cunhadas? Normalmente eu conheço o pessoal com quem elas andam, mas nunca te vi por aqui — Elisa me questionou com curiosidade genuína.

— Bem, eu sou uma amiga antiga da família, mas me mudei recentemente — respondi a ela.

E, antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, o pedido dela foi chamado. Ela sorriu, foi até o balcão recolhê-lo, voltou para

nossa mesa e disse: — Já estou indo meninas, mas antes de ir embora, passem lá para falar com o irmão de vocês — ela disse olhando para Mia e Cecília, e depois olhou para mim. — Foi um prazer te conhecer, Valentina.

— O prazer foi todo meu — respondi sorrindo.

Observamos ela sair da lanchonete e a Mia disse: — Ahhh, não sei como o Chris suporta essa chatinha.

— Deixa de ciúme, Mia! — Cecília falou.

— Não é ciúme, é a verdade! Meu irmão merece coisa melhor! É tão difícil quando sou eu a única a ver que eles dois não combinam — ela disse e a Lua retrucou: — Se não combinassem, eles não estariam juntos há cinco anos.

— Esse tempo não é de nada! Se eles se amassem mesmo, já tinham casado! Agora chega de falar da chatinha que quero comer sem ter uma indigestão — Mia falou acabando com a conversa.

Observei tudo e resolvi não intervir. Chris não era mais o menino que eu havia deixado doze anos atrás, ele tinha se tornado um homem e seguido com sua vida, assim como eu havia feito.

Dispersei tais pensamentos e continuei conversando com as meninas como se nada tivesse acontecido.

No dia seguinte, acordei com batidas na porta. Olhei o relógio e vi que eram oito da manhã! Eu tinha madrugado ontem tentando ajeitar algumas coisas lá de casa. Fazer mudança é cansativo demais! Eu ficaria ali por um longo tempo só para não ter que passar por isso de novo.

Descabelada, levantei. Vestia um short folgado e uma blusa regata. Desembaracei os cabelos com os dedos e fiz um coque, lavei meu rosto e corri para a porta. Ao abrir, vi um homem bem bonito: seus cabelos eram curtos e encaracolados, ele era alto, moreno de olhos verdes. Tinha algo de familiar nele...

— Bom dia! — Ele me cumprimentou.

— Bom dia, aconteceu alguma coisa? Eu não pedi nada! — Falei.

— Não vim te entregar nada, mas minha irmã e prima disseram que você precisa de ajuda com alguns móveis — Ele revelou.

— Ah, você deve ser o irmão da Lua! Ai, meu Deus, Bernardo! Você cresceu! — Disse abraçando-o.

— Eu mesmo! Olhe só para você, Valentina. Você se tornou uma mulher linda — ele disse dando um sorriso maravilhoso, fazendo-me corar.

— Pode entrar! Ainda está meio bagunçado por causa desses móveis que não foram montados. Elas te pediram isso mesmo? — Perguntei mostrando-lhe onde estavam os móveis.

— Foi a primeira coisa que elas me disseram quando me viram, mas pode ficar tranquila, Vale, não vejo problemas em ajudar uma amiga. Faz muito tempo que se mudou? — Ele perguntou separando as partes da estante.

— Só alguns dias.

— Já se encontrou com o Chris?

— Não, ainda não. Acho que estou adiando esse encontro o máximo que posso, ele deve me odiar — respondi sentando-me no sofá.

— Ele não te odeia, Vale. O mínimo que ele deve sentir é mágoa, e isso é natural depois de tudo que aconteceu — ele disse e eu

concordei.

Enquanto ele montava a estante, fui preparar um café da manhã para nós dois. Eu gostava muito do Bernardo, ele tinha se tornando um homem, mas não tinha perdido aquela essência que tinha quando garoto.

Algumas horas depois ele terminou, então eu o agradei e perguntei: — Tem visto a Sophia? Ela ainda mora aqui?

— Mora sim, mas foi visitar os pais em outro estado. Ela volta hoje — ele disse animado.

— Hmm, e você certamente cumpriu o que prometeu a ela quando éramos crianças — eu disse a ele.

— O que eu prometi? — Ele perguntou com uma cara engraçada.

— Que vocês namorariam quando estivessem adultos! — Ele ficou surpreso e depois sorriu. — Não preciso nem de confirmação, sua cara de bobo apaixonado diz tudo! — Disse rindo e o abracei. — Foi bom te ver, Bê.

— Foi bom te ver também, Vale. Não demora muito para ver o Chris, tá? — Ele disse ao sair.

Fechei a porta, liguei o som e fui terminar de arrumar minha bagunça.

À noite, recebi uma mensagem da Mia:

>>Vamos fazer uma fogueira aqui em casa hoje e você PRECISA vir para cá!

<<Preciso é? Hahah

<<Vou aí te buscar, papai liberou a moto, daqui a meia hora chego aí. Beijooo

>>E você sabe mesmo dirigir, Amélia? Haha. Te espero.

Tomei um banho e me arrumei vestindo uma calça jeans, uma camisa de manga comprida cheia de desenhos e uma bota. Deixei meus cabelos soltos, não passei maquiagem, deixando minhas sardas à vista. Estava terminando de colocar a comida do Apollo quando escutei o som da buzina.

Mia estava me esperando na frente de um jipe e quem estava dirigindo era a Lua.

— Você me enganou, garota! — Disse abraçando-a.

— No dia que papai me der as chaves da moto, teremos porquinhos voando pela cidade — ela falou entrando no carro.

— Pode crer, Vale. O tio Jake não confia nem um pouco na Mia, mas não é para menos, depois de tudo que ela aprontou! — Lua disse rindo.

— Não vamos falar do passado, Lua! Não ouse manchar minha imagem com a Vale! — Mia disse a ela e rimos novamente.

Colocamos os cintos e fomos, a casa não era muito longe, então só levou alguns minutos. Chegando lá, cumprimentei todos e conheci o Bruno, o namorado da Lua. Ele era alto, negro, tinha olhos castanhos escuros, cabelo curto e era musculoso.

Conversamos por um longo tempo, o Bruno era um cara legal. Ele seria meu aluno também e parecia estar apaixonado pela Lua, então fiquei feliz pelos dois.

Um tempo depois, percebi que os marshmallows tinham acabado, então me ofereci para pegar mais na dispensa. Entrei na casa e fui até a cozinha. A dispensa parecia um quatinho pequeno.

Procurei os marshmallows e os encontrei em uma prateleira muito alta. Estiquei-me para pegá-los e acabei derrubando algumas coisas. Comecei a pegar o que tinha caído e escutei uma voz: — Ei, quer ajuda para levar as coisas?

Era ele.

Era o Christopher.

Quatro



Eu estava deitado no sofá esperando a Elisa voltar da lanchonete. Eu queria fazer o jantar, mas ela insistiu pelo lanche e eu cedi. Tudo o que não precisávamos era mais uma discussão.

Fechei os olhos e o Max deitou a cabeça em minha barriga.

— O que é que vou fazer, garotão? — Perguntei fazendo carinho em seus pelos.

Ultimamente eu estava pensando muito no meu relacionamento com a Elisa. Estávamos juntos há cinco anos e não havíamos avançado em nada. Não morávamos juntos por causa dos pais dela, não viajavamos por causa do trabalho dela e, honestamente não me sentia preparado para pedi-la em casamento.

Apesar de saber que essa era a coisa certa a se fazer, eu não me sentia pronto para avançar nosso relacionamento dessa maneira. Talvez fosse o momento de dar uns passos para trás. Talvez devêssemos dar um tempo.

Saí dos meus pensamentos ao escutar o barulho da porta.

— Amor, você não vai acreditar em quem eu encontrei na lanchonete — Elisa disse sentando ao meu lado.

— Quem?

— Suas irmãs e sua prima. Elas estavam lá com uma amiga da família... Eu nunca a vi por aqui, ela disse que se mudou recentemente — ela falou retirando os lanches do saco.

— O Otávio me falou dela, pelo que eu entendi ela é amiga da minha mãe — contei a ela pegando um dos sanduíches.

— Engraçado, mas essa mulher é muito nova para ser amiga da sua mãe! Deve ser filha de alguma delas — ela disse.

— Pode ser... Sabe o nome dela? — Questionei.

— Hmm... Valentina? Acho que é esse o nome dela — ela falou e eu me engasguei. Comecei a tossir e ela bateu em minhas costas.

— Pronto, toma aqui uma água. Você conhece ela? — Ela perguntou me encarando.

— Não, não conheço — menti. Preferi não revelar a profundidade do meu relacionamento com a Valentina.

Terminamos nossa refeição em silêncio. Logo depois, deitamos para assistir um filme e confesso que nem estava prestando atenção, o nome Valentina rondava minha mente.

Ao encostar sua cabeça em meu peito, Elisa começou a espirrar.

— Você soltou o Max quando eu saí? — Ela perguntou entre os espirros.

— Soltei. Você sabe que não consigo deixá-lo preso por muito tempo.

— Porra, Chris, você sabe da minha alergia! Justo hoje que não trouxe meu remédio! Vou para casa — ela disse se levantando e arrumando suas coisas.

— Deixa de exagero, Elisa. Tem remédio lá no banheiro. Você realmente vai para casa justo na única noite que vai poder ficar aqui? Nós não nos vimos a semana toda! — Falei irritado.

— Você sabe da minha alergia! Se você quisesse tanto a minha presença você perceberia que o remédio acabou e não soltaria seu cachorro! — Ela gritou.

— Quer saber? Vai para sua casa mesmo, acho que precisamos dar um tempo. Ultimamente a gente só briga... Isso não está dando certo — disse expressando minha frustração.

— Você quer dar um tempo só por isso? Está certo, Christopher! Realmente, isso não está dando certo. Quando sua cabeça estiver no lugar você me procura — ela disse batendo a porta.

Deitei minha cabeça no sofá soltando um grito de frustração. Será que tinha feito a coisa certa?

No fim, acreditei que fizemos a coisa certa. Aquele tempo nos faria bem, precisávamos pôr a cabeça no lugar e ver se o nosso relacionamento era prioridade em nossas vidas.

Deitei em minha cama e, ao dormir, sonhei com a Valentina. Há anos eu não sonhava com ela.



Acordei na manhã seguinte pensando nela. Tomei um banho, fiz uma vitamina de banana, bebi e resolvi correr com o Max que, depois de comer estava com muita energia, já que não parava de correr pela minha sala.

Coloquei sua coleira e caminhamos até o parque, onde vi alguns rostos conhecidos, pessoas que costumavam caminhar pela manhã, assim como eu.

Comecei a correr com o Max, que adorava o vento contra seu rosto. Demos algumas voltas e paramos perto do lago para descansarmos.

Afaguei os pelos de Max e falei para ele: — Será mesmo que eu estou fazendo a coisa certa? Nunca me imaginei ficando dividido entre duas mulheres, mas caramba! Eu gosto muito da Elisa, ou gostava, sei lá! Acho que esse sentimento foi se perdendo e, agora que a Valentina voltou, fiquei mais confuso em relação ao que sinto.

Voltamos para casa e eu passei a tarde fazendo trabalhos burocráticos da oficina. Já era noite quando terminei. Quando eu me focava no trabalho, eu conseguia esquecer todas as coisas que me atormentavam. No fim do dia, deitei no sofá para descansar e recebi uma mensagem do Bernardo.

<<Cara, teria como você liberar seu apartamento para mim hoje? Preciso muito de uma noite com essa gata que tô saindo, mas não dá para levar ela para minha casa com meus pais e meus irmãos lá!

Dei risada e logo respondi:

>>Que besteira, cara, apresenta ela logo para a família!

Alguns segundos depois, o celular tocou e, antes que pudesse ao menos dizer “alô”, o Bê disse: — Você está de brincadeira, né? Agora não é o momento para apresentá-la — ele disse nervoso.

— Relaxa, cara, que eu ‘tô brincando! Pode trazer sua namorada para cá que vou para casa dos meus pais e durmo lá, sem problemas.

— Valeu, cara! Daqui uns trinta minutos a gente está chegando aí — ele disse animado.

— Beleza. Os lençóis estão limpos, troquei hoje de manhã. Acho bom você pelo menos colocá-los para lavar amanhã de manhã, viu? Mas bom encontro! — Desliguei e arrumei uma mochila para ir à casa dos meus pais. Coloquei a coleira em Max e o levei até o carro.

Chegando lá, vi meus pais sentados ao redor de uma pequena fogueira. Eles estavam com os meus irmãos, o tio Liam e a tia Nina, o Dominic, a Lua e um carinha que eu não conhecia estava ao seu lado. Eu soltei Max, que correu até Otávio, abanando o rabo, e me aproximei, dizendo: — Boa noite, família! Estamos comemorando algo?

— Não, meu filho! Isso não foi planejado, só quisemos passar um tempo em família — meu pai explicou.

— Pensamos que tivesse ocupado, meu bem — mamãe disse vindo até mim para me dar um abraço. Ao ver minha mochila, ela perguntou: — Vai passar a noite?

— Vou, o Bernardo precisou do meu apartamento. Vou guardar minha mochila lá dentro e já volto para ficar com vocês — disse acenando e caminhando até a casa.

Subi as escadas e fui até o meu antigo quarto, deixando minha mochila lá. Quando desci para voltar à minha família, escutei o barulho de algo caindo na cozinha.

Fui até lá para ajudar quem quer que fosse.

— Ei, quer ajuda para levar as coisas? — Perguntei me aproximando da despensa.

— Não, não precisa, eu me viro bem aqui, só derrubei umas coisinhas — uma voz disse. Não era a voz das minhas irmãs ou primas, era uma voz doce e delicada. Aproximei-me mais e perguntei: — Tem certeza?

E, antes que ela pudesse responder ou que eu pudesse vê-la, minha irmã entrou correndo na cozinha.

— Está fazendo o que aqui, Chris? Papai está te chamando! Ele quer ajuda para pegar as lenhas — ela disse.

— Já estou indo. Mas ajude sua amiga aqui então, ela derrubou várias coisas da mamãe — falei saindo da cozinha.

— Pode deixar que eu ajudo! — Ela gritou para mim.

Fui até o lado da casa pegar mais lenhas e sentei ao lado dos meus pais. Havia muita conversa ali, mas, por mais que tentasse acompanhar, aquela voz não saía da minha cabeça. Quem seria aquela mulher?

Cinco



A Mia me ajudou a recolher tudo o que tinha caído no chão.

— Ufa! Essa foi por pouco, hein? — Ela disse rindo.

— Foi mesmo... — disse parando para pensar no quão estúpida estava sendo ao evitá-lo. Eu tinha medo que ele fosse cruel comigo por tê-lo magoado, mas adiar ainda mais esse encontro seria pior, já que ele sabia que eu estava na cidade. — Talvez seja a hora de encontrá-lo, Mia! Acho que eu preciso conversar com o Chris, eu adiei esse encontro por muito tempo. Eu sinto que preciso fazê-lo me perdoar — disse sentando no banco ao lado do balcão e colocando as mãos em meu rosto.

— Se você sente isso, que tal ir para o quintal? Não está escuro, papai colocou lâmpadas por todo o sítio e é lá que ficam os balanços. Espera ele lá que eu o levo até você — ela disse me abraçando e eu sorri. Por mais que tentasse parecer inatingível, Mia tinha um coração de ouro.

— Está certo. Obrigada, Mia! — Ela deu um sorriso cúmplice e saiu. Eu esperei um tempo, depois caminhei até o quintal.

Chegando lá, encontrei-o virado de costas. Ele tinha ficado mais alto que eu e estava mais forte, também, conseguia ver os músculos saltados em seus braços. Eu me aproximei dele e o cheiro de cigarro invadiu meu olfato. Eu ia falar algo, mas ele pareceu sentir minha presença.

— Valentina? É você mesmo? — Ele perguntou como se não acreditasse no que visse.

Não consegui responder, apenas olhei para ele. Ali, vi os olhos em que vi o amor pela primeira vez, os olhos de um menino carinhoso.

Mas ele não era mais menino. Agora ele era um homem, e os olhos que outrora me passaram amor, passavam surpresa e mágoa.

— Oi, Chris. Sou eu, sim — disse colocando meus cabelos atrás da orelha.

Ele observou o movimento, incrédulo. Sorriu um sorriso sem humor algum e disse: — Está meio tarde para voltar, não é? Por anos eu esperei notícias suas e nem uma carta recebi — ele falou tragando o cigarro e soprando a fumaça que rapidamente se misturou

ao ar.

— Eu sei que você está chateado e provavelmente tem razão, mas eu não vou me desculpar, Chris. Eu não tive escolha, mas você tinha sua família! Eu não tinha ninguém! Estava sozinha em uma droga de colégio interno! — Falei bem alto.

— Você teve minha mãe pelo visto, né? Porque ela recebia cartas suas! Por que não confiou em mim? Você me prometeu! — Ele despejou com ironia e raiva.

— Eu só conversei com sua mãe nos primeiros anos... Por mais que tentasse, não conseguia te mandar todas as cartas que escrevi para você, não era a mesma coisa, Chris. Isso só me fazia sofrer mais — revelei e lágrimas escorreram pelo meu rosto.

— E por que eu deveria acreditar em você? — Ele perguntou jogando a bituca de cigarro no chão e pisando nela, com raiva.

— Porque é a verdade! Se olhar nos meus olhos você vai ver que é. Tudo o que mais quis durante esses anos foi ligar para você, mas depois que eu saí do colégio, eu não achei que você quisesse falar comigo — respondi.

— Eu não vou mentir, Valentina. Me magoou muito não ter notícias suas, você saiu daqui e sumiu da minha vida. Foi como se tudo que construímos na infância não fosse importante, como se aquele beijo não tivesse significado nada — ele disse se aproximando de mim, a dor em seus olhos.

— Significou, sim. Você não sabe o quanto pensei nisso durante esses anos... Ter que te deixar foi o que mais me fez sofrer, Chris. Eu não queria ter ido, mas não tive escolha. Mentir para você foi a minha tentativa de não te magoar tanto — falei olhando bem fundo nos seus olhos. Ele estava tão próximo a mim que podia sentir sua respiração em meu rosto.

Por um segundo, pensei que ele fosse me beijar, mas então ele começou a falar e partiu meu coração em vários pedacinhos.

— Talvez, se tivesse me contado a verdade, a dor não seria tão grande, mas isso é passado e ficou lá. Se voltou para que eu a perdoasse, pode ir embora. Eu segui com a minha vida e você deveria fazer o mesmo, Valentina — ele disse e foi embora, deixando-me sozinha.

Sentei-me nos balanços e olhei para o céu. A Lua estava lá, mas graças às lâmpadas, não conseguia ver as estrelas.

Lágrimas escorreram pelo meu rosto. O nosso reencontro não aconteceu do jeito que eu esperava, talvez porque em todos os meus sonhos o amor de infância ainda estaria ali, presente entre nós dois.

Aquele sentimento possivelmente não existia mais. Talvez ele amasse a outra e tivesse seguido com sua vida. Christopher não me amava, o que aconteceu há doze anos foi uma paixão de infância e eu precisava aceitar isso, afinal, se fosse amor mesmo, ele ultrapassaria até mesmo as barreiras do tempo.

Parei de chorar, limpei minhas lágrimas e respirei fundo. Precisava seguir em frente mais uma vez. Minha vida nunca dependeu de homem algum, nem mesmo do Christopher ou do que eu ainda sentia por ele, e eu não sofreria por ele. Não mais uma vez.

Voltei para onde estavam todos reunidos e percebi que ele não havia ido embora. Sentei ao lado do Bruno e, ao me ver, Mia sentou-se do meu lado, me abraçando.

Cantamos, conversamos e, em alguns momentos, houve trocas de olhares entre nós. Christopher me encarava como se pudesse ver a minha alma, como se a nossa briga não tivesse existido, como se ainda pertencêssemos um ao outro. Quando me dei conta da hora, já era madrugada. Como voltaria para casa? As meninas estavam quase dormindo. Fui até a Mel para pedir seu carro emprestado para poder voltar para casa.

— Mel, me empresta seu carro? — Perguntei. — Devolvo amanhã sem um arranhãozinho sequer — brinquei e, quando ela estava abrindo a boca para me responder, o Chris apareceu, colocando as mãos em meus ombros. Um arrepio percorreu minha espinha.

— Não precisa, mãe! Eu levo a Valentina até em casa — ele disse naturalmente.

— Ah, que bom, filho. Eu ia convidar vocês para dormirem aqui! Vocês sabem que tem bastante espaço, né — Mel disse sorrindo para nós.

— Sabe que adoraria ficar aqui, né? Mas o Bernardo finalmente montou a minha cama, então quero estreá-la — disse animada e o Chris me encarou sem tirar suas mãos de cima de mim.

— Se é assim, tudo bem. Você vai levá-la e volta, né, Chris? — Ela perguntou ao filho.

— Sim, mãe. Não demoro! — Ele disse me guiando até seu carro.

Ao ver que não tinha ninguém nos observando, tirei suas mãos de mim e questionei: — Garoto, por um acaso você é maluco ou está tentando me enlouquecer? Em uma hora me manda sumir da sua vida, na outra está me olhando e me tocando! Sério, cara qual o seu problema?

Ele deu um sorriso bem sacana e se aproximou de mim, colocando-me contra seu carro. Ergueu uma mão e colocou uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha e disse, bem próximo ao meu ouvido, sua respiração causando arrepios em todo o meu corpo: — Você que voltou para me enlouquecer, Valentina. Desde que chegou nessa cidade, só me fez pensar em você o tempo todo — sua voz rouca estava soando tão sensual naquele momento que, quando seus lábios tocaram o meu pescoço, esqueci completamente tudo o que tinha acontecido, e provavelmente me entregaria a ele ali mesmo, sem nenhum problema.

Seis



Eu estava a ponto de enlouquecer e tornar a Valentina minha naquele momento. Eu não me importava com onde estávamos, revê-la desencadeou várias coisas em mim. Eu não conseguia pensar direito com o cheiro do seu perfume ocupando cada parte do meu ser.

Encostei meus lábios em seu pescoço e ela se arrepiou. Segui trilhando vários beijos até estar muito próximo de sua boca.

Os verdes dos nossos olhos se chocaram e o único som que eu podia escutar era o das nossas respirações alteradas.

Sua boca nunca soou tão atrativa como naquele momento e, como se adivinhasse o que eu iria fazer, ela se aproximou ainda mais de mim. Quando estávamos grudados um no outro, ela fechou os olhos e eu me aproximei, sentindo a textura dos seus lábios tocando levemente nos meus, longa e tortuosamente devagar.

— Vale, você esqueceu sua bolsa! — Cecília disse correndo até nós e, ao escutá-la, afastei-me apressado.

Valentina abriu os olhos, saindo do transe que nos envolvia e encarou minha irmã.

— Não é minha bolsa, Ceci. Eu não trouxe nada comigo, deve ser de outra pessoa — ela respondeu e Cecília se irritou.

— Poxa, eu falei para mamãe que não era sua, mas ela é muito teimosa! Mas então tá, até amanhã, Vale — ela falou correndo de volta para casa.

Ao ficarmos novamente sozinhos, resolvi não pensar no que poderia ter acontecido e abri a porta do carro para levá-la para casa.

Seguimos o caminho todo em silêncio. Por ser uma cidade do interior, não se viam festas ou carros passando nesse horário, então o trânsito estava tranquilo.

Quando estacionei ela continuou dentro do carro, nem fez menção de sair. Acho que ela sabia que precisávamos mesmo conversar, mas como falar com toda essa atração que sentia por ela bagunçando meus pensamentos? Permanecemos em silêncio por alguns instantes e, vendo que eu não ia falar nada, ela suspirou.

— Bem, eu já vou indo, obrigada pela carona, Chris — ela disse colocando a mão na porta, mas eu a segurei e ela olhou para mim.

— Me desculpe por mais cedo. Eu agi por impulso e provavelmente iria fazer algo que nós dois nos arrependeríamos depois — disse a ela. Ela baixou os olhos e, sem olhar para mim, disse: — Fiquei muito confusa com tudo o que aconteceu, Chris. Eu fui para conversar e esclarecer tudo o que aconteceu nesses anos, mas você foi grosso comigo e depois me atacou, bagunçando totalmente minha cabeça.

— Sinto muito, Vale. Não queria ser grosso com você. Eu sei que precisamos conversar.

— Precisamos sim. Eu quero te contar tanta coisa... Eu quero meu melhor amigo de volta — ela revelou erguendo a cabeça olhando nos meus olhos.

— Também gostaria de ter minha melhor amiga de volta! O que acha de sairmos para caminhar amanhã de manhã? Quer dizer, isso se você não tiver algum problema com cachorros — perguntei a ela.

— Eu adoraria sair para caminhar, e não tenho problema nenhum com cachorros, mas quem não vai gostar disso é o Apollo, ele odeia o cheiro dos cachorros — ela disse e eu fiquei curioso. Quem seria esse tal de Apollo? O namorado dela? Foi por causa dele que ela quis tanto vir para casa hoje?

— Então é melhor você ir, sabe... para não deixar o Apollo esperando — disse controlando o ciúme na minha voz.

— Ele já deve estar dormindo. Então amanhã, às sete e meia? — Ela questionou.

— Estarei aqui te esperando.

— Até amanhã, Chris — Ela disse e saiu do carro.

— Espera, Vale! Você não me deu seu número — falei descendo atrás dela.

— É mesmo, anota aí! — Ela disse o número e eu anotei, rapidamente dando um toque para que ela salvasse o meu, também.

— Até amanhã, Vale — despedi-me e segui para casa dos meus pais.

Chegando lá, encontrei a casa toda silenciosa. Será que todos já tinham ido dormir? Caminhei até a cozinha para fazer um lanche e encontrei minha mãe sentada no banco ao lado do balcão, tomando um chá.

— Ainda acordada, Dona Melanie? — Perguntei enchendo a jarra de suco.

— Sim, filho. Eu queria falar com você — ela respondeu colocando a xícara na mesa.

— Eu não fiz nada! Seja o que for, eu sou inocente — falei com bom humor, mas seu rosto sério me faz parar de brincar. — Aconteceu alguma coisa, mãe?

— Como anda seu relacionamento com a Elisa? Por que não a trouxe hoje com você? — Ela questionou.

Demorei um pouco a responder. Eu não queria mentir para minha mãe, mas também não queria falar sobre o meu relacionamento com ela, afinal não tínhamos terminado, só estávamos dando um tempo.

— Está tudo bem mãe, ela não veio pois está trabalhando. Você sabe como a Elisa é, ela vive para o trabalho.

— Bem, eu espero que esteja falando a verdade, pois não quero que ninguém saia magoado nessa história, Christopher — ela disse levando a xícara até a pia.

— Mãe, você está me falando essas coisas porque a Valentina voltou, é?

— Não, estou falando porque você é um rapaz comprometido e deve respeito à sua namorada e, se estivesse tudo bem com seu

relacionamento, você não estaria quase se agarrando com a Valentina perto do seu carro — Ela disse me encarando com seriedade.

— Ah, então essa é a causa de todo esse interrogatório? — Questionei.

— Você veja bem o que está fazendo, eu te criei para ser um homem, Chris, não um moleque! Não brinca com o coração de nenhuma das duas! — Ela disse beijando minha testa e saiu, indo em direção ao seu quarto.

Peguei uma cerveja e sentei no sofá, pensando em tudo o que a minha mãe tinha acabado de me dizer. Percebi o quanto fui errado em agir impulsivamente com a Valentina. Por mais atração que existisse entre nós, eu precisava resolver o meu relacionamento com a Elisa primeiro, antes de complicar ainda mais as coisas.

Ao me deitar, fechei os olhos e sonhei com ela de novo. Por anos, eu a mantive bem longe dos meus pensamentos. Eu achei que tinha feito um bom trabalho em esquecê-la, mas desde que ela chegou à cidade, ela voltou a se instalar em meu subconsciente como se nunca tivesse saído dali. E talvez não tenha saído, mesmo.

Sete



Após uma noite de sonhos envolvendo muitas lembranças da minha infância, levantei, fazendo a minha higiene matinal e me arrumei, vestindo um short de malha com uma blusa regata e meu tênis.

Eu já estava pronta e ainda eram seis e meia da manhã.

Ok, talvez eu estivesse ansiosa por essa conversa.

Aproveitei o tempo que me restava e fui até a cozinha, fiz um suco de laranja e dois mistos quentes. Estava colocando o suco nas garrafas quando meu celular apitou.

Tinha chegado uma mensagem.

<<Daqui uns cinco minutos estarei chegando aí!

>>Ok, estou te esperando.

Coloquei o café da manhã em uma mochila, troquei a água e a ração do Apollo, limpei sua caixinha de areia e fiz menção de limpar sua cama, mas constatei que estava intacta, afinal o safado tinha dormido enrolado nos meus pés a noite toda.

— Valentina! – Escutei a voz do Chris gritando do lado de fora do prédio. Coloquei a cabeça para fora da janela, acenei e me apressei para trancar tudo e descer.

Encontrei-o parado em frente ao portão, ao lado de um lindo cachorro.

— Bom dia! – Disse acariciando os pelos do labrador, que cheirou minha mão e abanou o rabo, contente.

— Bom dia! Esse aqui é o Max — ele disse sorrindo. — Vamos? — Ele perguntou e eu confirmei.

Começamos a caminhar em silêncio, apenas curtindo a paisagem e brisa daquela manhã. Demorou um pouco até um de nós falar alguma coisa.

— Há quanto tempo voltou para a cidade? — Ele quebrou o silêncio.

— Há alguns dias — respondi refazendo o coque em meus cabelos. Estava muito calor.

— Porque voltou, Vale? Depois de tantos anos, você poderia ir para qualquer lugar, por que vir justo para cá? — Ele questionou.

— Meu coração me trouxe para cá, Chris. Eu não estava vivendo um bom momento em São Paulo — disse sem dar muitas explicações. Ele ficou em silêncio por mais alguns instantes, e então continuou: — Por que você mentiu? Você disse que foi para casa da sua tia, quando na verdade seu pai te mandou para um colégio interno!

— Eu não queria te magoar, eu nunca quis! Durante anos, eu escrevi muitas cartas onde lhe contava toda a verdade e expressava todos os meus sentimentos, mas nunca consegui enviá-las — disse a ele quando sentamos na sombra da árvore próxima ao lago.

— Gostaria que as tivesse enviado. Por muito tempo, eu esperei qualquer coisa que viesse de você e me magoou muito saber que você estava falando com minha mãe, mas não comigo. Eu pensei que éramos amigos — ele disse acariciando os pelos de Max, que estava deitado entre nós dois.

— Acredite em mim, por favor, Chris. Não falar com você doeu muito mais em mim do que em você... — disse acariciando os pelos de Max e, acidentalmente, tocando na mão do meu amigo de infância. Ele olhou em meus olhos e então eu perguntei: — Acha que consegue me perdoar?

— Vale... — ele exclamou, procurando as palavras. — Sabe, eu achei que estivesse muito magoado, mas essa conversa agora me fez perceber que eu já te perdoei há muito tempo — ele disse sorrindo para mim.

— Pronto, agora posso andar pela cidade sem medo de esbarrar com você — disse bem-humorada, sentindo o alívio me invadir.

— Eu percebi que você estava me evitando. Eu juro que não acreditei quando a Elisa disse que tinha te encontrado!

— É, me encontrei com ela na lanchonete e percebi que a Mia não é uma fã da garota. — Revelei a ele pegando a bolsa dos lanches e lhe dando uma garrafa de suco e um sanduíche.

— Não, não é. Ainda não entendi a implicância dela com a Elisa — ele falou bebericando o suco.

— Talvez seja ciúmes... A Mia é uma garota com personalidade forte. Mas como anda o relacionamento de vocês? Eu percebi que ela não foi para a fogueira... Talvez não seja meu lugar perguntar, mas... Vocês brigaram? — Perguntei a ele antes que eu pudesse me repreender.

— Digamos que sim. Nós demos um tempo, mas devo me encontrar com ela hoje, sabe? Para resolver as coisas — ele disse comendo o misto.

— Isso é bom... Afinal, cinco anos não são cinco dias — disse a ele comendo, também. Era fácil conversar com Chris, parecia que nada havia mudado.

— Verdade, mas às vezes me sinto como se fossem, sabe? Em cinco anos eu e a Elisa não avançamos em nada, nem noivamos ainda... — Ele revelou desanimado.

— Nossa, Chris! Até quando vai enrolar a pobre garota? Não a ama de verdade? — Perguntei bem-humorada.

— Não estou enrolando, só não me parece certo ainda — ele disse terminando de comer e ignorando a minha outra pergunta.

Voltamos a andar, dando algumas voltas conversando sobre a cidade e sobre alguns moradores.

Um tempo depois, estávamos suados na frente do meu apartamento.

— Obrigada pela volta, fazia tempo que não fazia nenhum exercício — disse prendendo meus cabelos novamente.

— Imagina, foi bom ter uma companhia, para variar. Eu que agradeço pela conversa... — Ele me disse sorrindo e eu retribuí o sorriso.

— Bem, foi divertido. Eu espero que essa seja a primeira de muitas caminhadas, certo? — Perguntei a ele.

— Com certeza! Boa sorte amanhã com esses moleques, ok? Não deixa eles te cantarem, não — ele disse me fazendo rir.

— São crianças, não vai ter paqueração nenhuma — disse abrindo o portão.

— Vai sim, meu irmão me disse que estava gamado em você, e o Otávio que só tem doze anos, então imagine os mais velhos.

— Oh, meu Deus, gamado? Que fofo! Mas pode deixar que se algum garoto me paquerar eu te conto, acha que consegue defender minha honra? — Perguntei.

— Sempre! Se algum deles procurar muita gracinha, manda lá para a oficina — ele disse apontando para oficina que não ficava muito longe do meu apartamento.

— Pode deixar — falei e ficamos por um tempo nos encarando, até eu tomar uma atitude impulsiva. Fui até o Chris e o envolvi em um abraço. Ele se surpreendeu, mas logo retribuiu. Então ficamos ali, abraçados em frente à minha casa, sem dizer absolutamente nada.

Um tempo depois, nós nos soltamos e eu falei: — Senti sua falta, Christopher.

— Também senti a sua, Valentina.

Nós nos despedimos e, assim que eu entrei em casa, Apollo pulou em meus braços. Fui até a janela, observando-o atravessar a rua e ir para sua casa.

Sentei-me no sofá e percebi que, mesmo depois de toda a conversa, ainda estava tudo muito confuso entre mim e o Chris.

Oito



Cheguei em casa e rapidamente Max foi deitar em seu tapete. Enchi suas vasilhas de água e comida e fui até o banheiro.

Durante o banho, pensei em Elisa e em Valentina. Eu não podia ficar entre as duas.

Apesar de não querer ter envolvimento nenhum com a Vale no momento, a atração que sentíamos um pelo outro era forte e isso eu não poderia negar. Eu gostava muito de estar com ela. Era fácil falar com ela, eu sentia que podia confiar nela.

Eu e a Elisa nos conhecemos em um momento complicado da minha adolescência: foi ela quem me ajudou a parar de fumar e dar um rumo na minha vida. Nós tínhamos uma amizade e uma fidelidade que vinha durando muito bem nesses cinco anos.

Não seria justo terminar por causa de uma briguinha à toa, nós não éramos assim.

Saí de toalha e caminhei até o meu quarto. Peguei meu celular e mandei uma mensagem para ela.

>> *Elisa, precisamos conversar. Que tal jantarmos juntos hoje aqui em casa?*

Enquanto me arrumava, meu celular tocou na cama. Elisa havia respondido:

<< *Seria ótimo. Eu sinto sua falta.*

>> *Também sinto a sua. Eu te vejo mais tarde.*

Respondi e fui trabalhar. Eu precisava focar em alguma coisa, depois pensaria no que faria do meu relacionamento.

Estava consertando uma moto quando vi o Jipe da Lua estacionando ao meu lado. Ela desceu do carro, dizendo: — Oi, Chris,

— Você poderia dar uma olhada no meu carro? Ele está fazendo um barulho estranho quando eu giro a chave.

— Não seria falta de gasolina? Você está esquentando ele antes de dirigir? — Questionei indo até ela.

— Não, o Bruno já olhou isso, ele sabe mexer em algumas coisas — ela disse me entregando as chaves.

— É mesmo? Eu estou até precisando de uma ajuda aqui na oficina, o trabalho está ficando puxado para um homem sozinho...

Você acha que ele teria interesse? — Perguntei identificando o problema no motor.

— Teria sim, ele adora essas coisas! — Ela disse animada.

— Pronto! Manda ele vir aqui amanhã depois da escola, e pede para o Dom te levar por esses dias. O problema é no motor, vai levar uns dias — disse fechando o capô.

— Droga, tudo bem! Eu sobrevivo esses dias sem o meu amorzinho, manda a conta para o papai. Vou à casa do Bruno e amanhã ele estará aqui, não se preocupe — ela disse me dando um beijo na bochecha.

Terminei alguns serviços e subi para casa, tomei outro banho para me livrar da graxa e deitei no sofá, ligando a televisão.

Mal prestei atenção no que se passava, fiquei o tempo todo pensando no que falar com a Elisa. Nós precisávamos resolver definitivamente algumas coisas em nosso relacionamento, não poderíamos ficar do jeito que estávamos, isso não era bom para nenhum dos dois.

Não me sentia pronto para pedi-la em casamento, porém não podia prolongar nosso namoro para sempre, precisávamos avançar de alguma maneira dessa vez.

Quando me dei conta, já anoitecera.

Levantei-me para preparar o nosso jantar: macarrão com camarões, uma das poucas coisas que eu sabia fazer.

Quando Elisa chegou, ela estava linda, como sempre, em um vestido azul e sem maquiagem. Ela me parecia um pouco pálida, será que estava doente?

— Senti tanto sua falta, meu amor — ela disse me abraçando logo depois que eu abri a porta.

— Também senti a sua — disse beijando seu rosto. Ela retribuiu me dando um selinho.

Caminhamos de mãos dadas até o sofá e sentamos juntos.

— Cadê o Max? — Ela perguntou olhando ao redor.

— Deixei ele lá no quarto, é mais espaçoso.

— Ah, depois da nossa briga, conversei novamente com minha médica e devo começar um tratamento experimental em breve, quem sabe dessa vez dê certo — ela disse entrelaçando nossos dedos. — Sabe, eu pensei muito no nosso relacionamento. Eu te amo, Christopher, te amo muito, mas percebi que não estava me esforçando tanto para o nosso relacionamento dar certo, e eu sinto muito por isso, peço que me desculpe. Meu trabalho é importante, mas o futuro que quero com você é mais — ela disse, deixando-me surpreso. Elisa nunca tinha falado dessa maneira sobre o nosso relacionamento.

Ela estava se esforçando e eu precisava fazer o mesmo.

— Não precisa pedir desculpas, Lisa. Eu também não estava sendo muito paciente, você é muito importante para mim. Eu te amo e deveria ser mais compreensivo em relação a nós dois — disse beijando seus cabelos.

— Senti tanta falta sua durante esses dias! Eu estou me organizando para fazer menos escalas, assim poderemos ficar juntos por mais tempo — ela disse me dando outro beijo. Sorri para ela.

— Isso é ótimo. E eu acho que vou contratar um rapaz para trabalhar comigo na oficina, assim não precisarei ficar lá o tempo todo. Agora vamos jantar, preparei um prato que sei que você adora — levantei, mas ela segurou minha mão.

— Espera, preciso te contar uma coisa — ela disse me fazendo sentar novamente. — Eu fiz uns exames esses dias porque estava tendo constantes mal-estares no trabalho... Ainda não peguei o resultado, mas a possibilidade de eu estar grávida é grande, meu período está atrasado — ela disse rápido. Seu rosto demonstra medo, como se ela temesse minha reação.

“Grávida? Será que eu estou pronto para ser pai agora? Será que foi assim que meu pai se sentiu quando minha mãe contou a ele?”

Um misto de emoções passava dentro de mim. Eu não esperava por esse filho, mas ele era meu e eu assumiria minha responsabilidade.

— Um filho! Quando você vai ter certeza se está mesmo grávida? — Perguntei tranquilo, tentando camuflar qualquer nervoso ou raiva da minha voz.

— Eu pedi pressa, deve ficar pronto amanhã. Estou nervosa — ela disse me abraçando. Assim como eu, Elisa não planejava ter filhos, pelo menos não agora.

— Não fique... Independentemente do que aconteça, eu estarei do seu lado — disse retribuindo seu abraço, tentando acalmar a nós dois.



Era domingo à noite e eu estava deitada no chão da sala com Apollo sobre a minha barriga. Eu fazia carinho nele enquanto ele ronronava adormecido.

Já estava tarde, porém eu estava sem sono, a ansiedade não me deixava dormir. Eu tinha passado a tarde inteira preparando todas as aulas e atividades. Tinha deixado tudo perfeitamente organizado, queria muito causar uma boa impressão.

Estava tão distraída com os meus pensamentos que quase não percebi o meu celular tocando ao meu lado. Quando percebi o que aquela musiquinha significava, atendi rapidamente.

— Alô!

— Oi, Vale. É o Chris, você está ocupada?

— Na verdade não, aconteceu alguma coisa?

— Estou precisando conversar, o que acha de uma caminhada noturna?

— Acho uma ótima ideia.

— Pronto, estou te esperando aqui na frente da sua casa.

— Já estou descendo.

Coloquei Apollo sutilmente em sua caminha, vesti um casaco em meu quarto e desci.

Chris estava parado na frente da minha casa, fumando de costas para mim. Acho que ele fazia bastante isso quando estava nervoso, era um hábito interessante, porém destrutivo. Não era algo que me incomodava, já que o Arthur fumava também, constantemente.

— Ao que devo a honra de ser convidada para uma caminhada noturna? — Perguntei colocando as mãos no bolso do casaco e ele se virou para mim.

— Desespero, talvez? — Ele pergunta bem-humorado. — Quem mandou querer voltar a ser minha amiga? Tem que aceitar que sou uma pessoa inconstante às vezes — ele disse e começamos a caminhar, lado a lado.

— Já percebi — disse e ele riu, lembrando provavelmente do episódio do carro, na noite da fogueira. — Mas sério, o que aconteceu?

— Hoje a Elisa me disse que acha que está grávida, que fez uns exames e deve pegar o resultado amanhã — ele disse me pegando de surpresa.

Grávida? O meu Chris seria *pai*?

— Vocês estavam planejando isso? — Questionei ainda abalada com a novidade.

Ele soprou a fumaça do cigarro e respondeu: — Não, nenhum de nós queria um filho agora.

— E como você recebeu a notícia? Não foi babaca e mandou ela tirar, né?

— Claro que não! Eu assumo minhas responsabilidades, mas estou nervoso. Eu não esperava ser pai agora — ele disse jogando o cigarro fora.

— Acho que ninguém nunca está, o meu mesmo não estava e nunca se esforçou para ser. Apenas dê o seu melhor, Chris — disse. Havíamos chegado ao lago, e eu prontamente me sentei, batendo na grama ao meu lado para ele se juntar a mim. Ele sentou ao meu lado e acariciou os meus cabelos.

— Seu pai foi um verdadeiro babaca, mas eu prometo ser diferente dele quando for pai.

— Acho bom mesmo. Mas me diz uma coisa: há quanto tempo você fuma? — Questionei.

— Desde os meus quinze anos. Eu já devia ter parado, prometi a Elisa e aos meus pais, mas quando estou nervoso, preciso fumar. Alivia, sabe?

— Entendo, sei bem como é isso — disse a ele, deitando na grama e encarando o céu.

Ele se deitou ao meu lado e perguntou: — Você também fuma?

— Não, mas meu ex-namorado fumava — disse falando do Arthur com ele pela primeira vez.

— Ah, ele foi um babaca? — Ele questionou ao ver o descontentamento em meu rosto.

— Foi um babaca da pior espécie, mas não quero falar dele — disse limpando a lágrima involuntária que caiu dos meus olhos.

— Então não vamos. Sabe, eu queria estar mais feliz sobre a possível gravidez... Eu sempre quis ser pai, mas meu relacionamento não é mais o mesmo.

— Estar com outra pessoa é bem complicado e vocês estão juntos há muito tempo, às vezes as coisas acabam esfriando, mas conversar é sempre o melhor remédio.

— Eu sei, vou conversar com a Elisa e torcer para dar tudo certo dessa vez. Caso ela esteja mesmo grávida, quero ser um pai presente.

— É o melhor que você faz. Mas agora vamos falar de coisas boas. Eu estou ansiosa para amanhã — disse me levantando e voltando a caminhar. Já estava bem tarde.

Ele se levantou e logo apareceu ao meu lado, caminhando comigo.

— Agora também estou ansioso. Minha mãe vai pirar se a Elisa estiver mesmo grávida — ele disse mais descontraído.

— Não imagino a Mel como avó, vai ser uma cena bem engraçada — disse bem-humorada.

— Não vai ter graça para mim, papai e minha avó irão me obrigar a casar, tenho certeza — ele disse passando as mãos pelo cabelo.

—Tio Jake e a Vó Marina estão tão arcaicos assim? — Questionei intrigada.

— Não, mas ele não gostou quando optei pela oficina e não pelo mercado, e ele já reclama desse namoro longo. Se ela estiver grávida mesmo, a pressão para casar vai ser ainda maior — ele disse meio frustrado.

Chegamos a minha casa e, antes dele se despedir, eu disse: — Não se case por pressão, não, se case por amor. Seu filho não merece viver em uma família onde os pais não se amam.

— Sei disso, Vale. Obrigada pela conversa e boa sorte amanhã! — Ele disse se despedindo e indo embora.

Subi até meu apartamento e tomei um banho tentando relaxar. Para falar a verdade, estava tensa com essa novidade do Chris, não conseguia imaginá-lo sendo pai. Não de um filho com ela.

Dez



Entrei em casa, tomei um banho e me deitei ao lado de Elisa, que dormia serenamente ao meu lado.

Eu estava nervoso. Conversar com a Vale tinha me ajudado bastante, estava feliz em termos retomado a amizade. Ela era uma parte muito importante da minha vida. Quando crianças, éramos inseparáveis e, claro, agora éramos adultos, muitas coisas haviam acontecido, ela mudara e eu também, então não seria da mesma maneira, mas só conversar com ela provocava emoções em mim que eu ainda não conseguia decifrar.

Vi o quanto ela ficou triste ao falar do seu antigo relacionamento, não sei o que esse cara havia feito com ela, mas não foi algo bom.

Abracei Elisa e tentei dormir, dissipando meus pensamentos.

Acordei na manhã seguinte vendo Elisa já arrumada em minha frente.

— Bom dia! — Disse a ela.

— Bom dia, meu amor! Não conseguiu dormir muito bem? Nunca vi você acordando depois das oito — ela falou.

— Tive dificuldades, sim, estava bem nervoso ontem, por isso saí para caminhar — disse me levantando e indo até o banheiro —

Eu percebi que você não estava na cama e imaginei que estivesse fazendo isso — ela disse me seguindo, pegando uma escova penteando os cabelos.

— Foi bom, me fez relaxar — disse escovando os dentes.

Ela veio em minha direção e beijou meu rosto, já que minha boca estava com espuma de pasta.

— Devo pegar os resultados à tarde e na hora eu te ligo — ela disse se despedindo. Apenas afirmei com a cabeça, despedindo-me.

Tomei um café da manhã bem caprichado e fui trabalhar, precisava espairecer.

Enquanto estava consertando o Jipe da Lua, seu irmão apareceu na minha oficina.

— Bom dia! — Bernardo disse simpático.

— Bom dia, cara. O que te traz aqui? Em uma hora dessa você já deveria estar trabalhando — disse e ele riu.

— Seu pai me deu folga hoje — ele disse sentando em um dos balcões.

— Folgado — resmunguei jogando uma flanela nele.

— Mas me diga, por que está com essa cara? Aconteceu alguma coisa? — Ele questionou.

— A Elisa acha que está grávida — disse e ele me olhou surpreso.

— Puta merda! Vocês estavam planejando ter filhos? Caramba, achei que vocês tinham terminado! — Ele disse se levantando e andando pela oficina.

— Não, a gente só tinha dado um tempo. E não, não queríamos filhos agora.

— E agora, cara? Se ela estiver grávida mesmo, o que você vai fazer? — Ele perguntou.

— Assumir a paternidade, né, Bernardo! Filho é filho, ele não tem culpa de nada — disse largando o que estava fazendo.

— Vai casar com a Elisa se ela estiver grávida? — Ele questionou.

— Não sei, cara. Acho que não. Eu sei que é o que eu deveria fazer, mas não quero que seja só por causa do meu filho, sabe?

Tem que ser por amor, não por obrigação — disse a ele.

— Você está certo. Bom, vamos esperar para ver, né? Mas me diga como foi seu encontro com a Vale? Vi vocês caminhando no parque ontem de manhã — ele comentou, mudando de assunto.

— Foi bem. Conversamos, nós nos resolvemos e estamos nos esforçando para retomar a amizade — contei.

— Isso é bom, mas você vai conseguir ser só amigo dela? — Ele questionou erguendo as sobrancelhas para mim, intrigado.

— Claro que sim. Isso está no passado, cara. Pare de pensar besteiras e me diga como foi a noite com a Sophia.

— Foi maravilhosa, como sempre é. A Sophia é incrível e eu me sinto muito bem ao lado dela — ele disse apaixonado.

— Se é tão bom assim, por que esconde tanto esse relacionamento?

— Não estamos escondendo nada, só queremos firmar nosso relacionamento antes de contar para todo mundo.

— Isso é bom, porque quando as mães souberem, não irão deixar vocês em paz — disse a ele.

— Sei bem disso. Mas viu, eu só passei para dar um oi mesmo. Vou resolver algumas coisas e depois passo aqui — ele disse se despedindo.

Terminei de ajeitar o carro da Lua e subi para almoçar. Quando terminei, desci para oficina e encontrei o Bruno me esperando.

— Boa tarde, Senhor Sullivan — ele me cumprimentou todo nervoso.

— E aí, cara. Não precisa muita formalidade, não, a Lua me disse que você gosta de trabalhar com carros e que sabe fazer algumas coisas — disse retribuindo seu cumprimento.

— Sim, eu gosto. Meu pai me ensinou algumas coisas — ele me disse um pouco mais à vontade e eu joguei uma flanela para ele.

— Bom, vamos ver o que você sabe — disse mostrando o carro que estava consertando a ele.

Trabalhamos por um bom tempo e era notável que o moleque sabia mesmo o que estava fazendo.

— Bem, o emprego é seu! Você pode vir aqui pela manhã, abrir a oficina e ficar até o horário de almoço. Vou te pagar um valor todo começo de mês. Se estiver bom para você, pode começar amanhã — disse a ele.

— Para mim está ótimo, muito obrigada, cara! Até amanhã — ele disse agradecendo e se despedindo.

Ao ver o Bruno sair da oficina, lembrei da primeira vez que entrei em uma oficina e mexi em um carro. Eu ainda estava estudando no ensino médio e meu pai insistia para que eu o ajudasse no mercado, mas eu não tinha a mínima vontade de fazer aquilo: passei a minha infância toda lá para saber que eu odiaria trabalhar com isso. A Oficina do Seu José ficava próxima à padaria e, sempre que eu ia comprar algo, parava e ficava observando ele consertando e mexendo nos carros e nas motos. Eu achava aquilo incrível e, quando ele me pediu para ajudá-lo, fizemos um carro voltar a funcionar depois de muito trabalho e de muita graxa. Eu saí de lá cansado, mas com um sorriso no rosto. Desde então, sempre ia ajudá-lo. Foi naquele dia que eu soube o que eu gostaria de fazer da minha vida.

Procurei meu celular no balcão, mas não o encontrei. Queria ligar para Elisa para saber o resultado, porém havia o esquecido em casa.

Fechei a oficina um pouco mais cedo e fui para casa. Encontrei Max sonolento na sala, mas, ao me ver, pulou em cima de mim e fez a maior festa. Brinquei um pouco com ele, mas logo peguei meu celular, ligando para Elisa.

Ela atendeu no primeiro toque.

— Oi, Chris! Estou tentando falar com você há horas! — Ela disse um pouco irritada, mas sua voz estava estranha, parecia estar chorando.

— Esqueci o celular em casa, desculpa. Mas me diz o que aconteceu, você pegou o resultado? Por que está chorando? — Questionei preocupado.

— Peguei sim. Não estou grávida, foi só um alarme falso. Eu estou com um problema no estômago, por isso o mal-estar — ela disse fungando.

— Confesso que estou um pouco aliviado, não estávamos prontos para ser pais agora, Lisa — disse tentando acalmá-la.

— Eu sei. Mas eu já estava me acostumando, sabe? — Ela disse chorando.

— Eu sei. Eu também estava tentando me acostumar... Você vai vir para casa hoje? Podemos ficar juntos, assistir uns filmes, vamos nos distrair — disse tentando animá-la.

— Não posso, tenho plantão hoje. Teve um grave acidente na cidade vizinha, as vítimas estão vindo para cá — ela disse se justificando.

— Entendo. Boa sorte e até amanhã, então. Fique bem, eu te amo.

— Também te amo — ela respondeu e desligou.

Passo as mãos em meu cabelo, aliviado com a notícia. Não que eu não quisesse filhos, mas agora não era o melhor momento.

Tomei um banho, me arrumei e resolvo ir à pizzaria, comprei duas pizzas e caminhei até a casa dela.

Valentina provavelmente ficaria surpresa ao me ver, mas adoraria ver o alívio em seus olhos ao saber que eu não seria pai, já que eu percebera que ela havia ficado tensa assim que eu tinha contado a novidade.

Toquei a campainha e ela abriu a porta, levando um susto ao me ver, mas sorriu logo depois. Ela estava linda, vestindo um macacão repleto de flores, sem maquiagem e com o cabelo preso em um coque.

— Oi, Vale, vamos comemorar o seu primeiro dia? — Disse mostrando as pizzas.

— Vamos, mas só vou deixar você entrar porque trouxe comida — ela disse bem-humorada, me convidando a entrar.

E novamente aquela sensação boa cresceu dentro de mim. Estar com a Valentina me fazia bem, eu não podia negar isso.



Acordei animada para o meu primeiro dia. Tomei um banho, fiz uma maquiagem leve e coloquei um vestido longo com uma rasteirinha. Arrumei minha bolsa, colocando os livros que iria usar e todo meu material. Tomei meu café e fui até a escola.

A diretora me apresentou para todas as salas que daria aula e, pela manhã, fiquei com as turmas do sexto e do sétimo ano. Fiz uma dinâmica para nos conhecermos melhor, já que a maioria dos alunos eram novatos no colégio, assim como eu.

Fui para casa, almocei uma salada de frango bem leve e pensei em ligar para o Christopher para saber se ele já tinha certeza da gravidez da Elisa, mas mudei de ideia. Achei melhor esperar ele me ligar, afinal era algo muito pessoal e ele deveria decidir quando me contar.

Na parte da tarde, iniciei no primeiro horário na turma primeiro ano do ensino médio. Fiz uma breve dinâmica para avaliar o nível de inglês, sondei para ver o que eles andavam lendo e pedi que fizessem uma redação para me entregar no final da aula.

No segundo horário, fui para sala do segundo ano. Com eles, fiz uma dinâmica mais afetiva, percebi que eles eram bastante comunicativos e aproveitei isso. Sondei também o que eles estavam lendo e contei sobre um dos meus projetos para o ano. Por fim, pedi que escrevessem um texto livre para me entregar no final da aula.

No terceiro horário, antes do intervalo, fui para a outra sala do segundo ano, onde avistei a Mia e o Dominic. Sorri para ambos. Mia rapidamente veio me abraçar e gritou para os amigos: — Preparados para ter aula com a melhor professora dessa escola? Os colegas dela gritaram e eu sorri envergonhada, mas logo me recompus colocando ordem no lugar e iniciando a aula. Inicialmente, fiz um debate buscando conhecê-los para saber do que eles gostavam, falei dos meus planos para o decorrer do ano e do projeto que faria com as turmas do segundo e terceiro ano.

No intervalo, fui para a lanchonete da escola, pedindo um sanduíche natural e um suco.

Rapidamente, a Lua e a Mia vieram sentar ao meu lado.

— Vale, todo mundo da sala gostou de você, sério! Eles te adoraram! — Ela disse animada.

— Fico muito feliz com isso, Mia. Gostei bastante da turma — respondi a ela, pegando meu lanche.

— Estou ansiosa pela sua aula, Vale. Os garotos da sala não falaram de outra coisa a não ser de você — ela disse comendo seu próprio lanche.

— Já estou acostumada com essa animação do primeiro dia, depois passa — disse comendo e observando Bruno se juntar a nós. Ele beijou a Lua e cumprimentou a mim e a Mia.

— Mia, não te contei! O Bruno vai trabalhar com seu irmão na oficina, ele vai começar amanhã! — Lua disse animada.

E eles começam a conversar entre eles — eram tantos assuntos ao mesmo tempo e tantas referências que eu não entendia que mal consegui acompanhar. Mas, de repente, o Dom veio até nós, junto com um homem.

— Vai conseguir vir para o treino hoje à noite, Bruno? — Ele questionou.

— Não vai dar, professor, preciso ficar com a minha irmã — ele respondeu e eu observei as meninas olharem encantadas para o professor. Me endireitei para olhar diretamente para ele. Rodrigo, o professor de educação física de quem eu tanto ouvira falar, era realmente muito bonito: alto, musculo, olhos castanhos e cabelos curtos.

Ao perceber a minha presença, ele me cumprimentou.

— É muito bom finalmente conhecer a professora de quem tanto falam — ele disse humorado.

— Posso dizer o mesmo, já ouvi muito sobre você — retribuí o cumprimento.

Ele sentou, junto com o Dom, à nossa mesa e conversamos sobre algumas trivialidades até o sinal tocar.

Lua e Bruno me acompanham até uma das salas do terceiro ano, onde fiz dinâmicas e expliquei mais uma vez o projeto que tinha para os alunos dos segundos e terceiros anos: criaríamos juntos um livro com diversos contos feitos pelos alunos da sala. Alguns alunos pareceram empolgados, outros nem tanto, mas eu tinha muita esperança nesse projeto. Eu tinha conversado com a diretora, que havia ficado muito interessada pelo projeto e estava me dando muito apoio.

Segui a mesma rotina nas duas salas do terceiro ano. Mesmo uma sendo mais agitada que a outra, consegui contornar bem e fazer tudo o que tinha organizado.

Cheguei em casa cansada, mas satisfeita pelo primeiro dia. Tomei um banho, vestindo um macacão florido bem folgado e preendi os meus cabelos em um coque.

Estava fazendo tanto calor ultimamente que estava cogitando seriamente cortar meus longos cabelos. Caminhei até a cozinha para fazer algo para o jantar, mas fui interrompida pela campainha.

Andei até a porta e, ao abrir, fui surpreendida pelo Chris, que estava ali segurando caixas de pizza.

— Oi, Vale, vamos comemorar o seu primeiro dia? — Ele disse apontando para as caixas.

— Vamos, mas só vou deixar você entrar porque trouxe comida — respondi me afastando da entrada e fazendo um gesto para ele entrar.

Chris andou pelo apartamento e sentou no sofá, colocando as pizzas em cima da mesinha de centro. Peguei um refrigerante e dois copos, mas pensei melhor: era uma comemoração, merecíamos um vinho. Peguei duas taças e sentei ao seu lado.

Ele se virou para mim e ficamos de frente um para o outro.

— Como foi o primeiro dia?

— Foi muito bom, me senti muito bem-vinda por todos — revelei a ele.

— Sabia que isso ia acontecer! Aposto que recebeu muitas cantadas — ele disse me encarando.

— Até que não, todos me trataram com bastante respeito — disse a ele, abrindo as pizzas e sorrindo ao ver que era sabor portuguesa. — Ai, meu Deus! Você lembrou!

— Como esquecer, se sempre que minha mãe pedia pizzas você exigia e lutava pelo sabor portuguesa?

Apollo, parecendo sentir o cheiro de comida, veio imediatamente em nossa direção, me olhando com grandes olhos esperançosos.

Chris, ao vê-lo, disse: — Você tem um gato!

— Sim, o Apollo é meu companheirinho. Eu o resgatei em um abrigo nos seus primeiros dias de vida, e desde então estamos juntos — disse acariciando seus pelos o colocando no chão. Ele me olhou levemente ofendido por não ganhar um pouco da pizza, mas eu não cedi. Ele tinha ração no potinho dele — ração especial e bem cara, por sinal.

— *Não acredito que fiquei com ciúmes de um gato* — escutei Chris murmurar, mas não sabia se tinha escutado corretamente.

— O quê? — Questionei, instigando Chris a falar mais alto.

— Nada.

Olhei desconfiada, mas resolvi deixar para lá.

— Então, me diz, estamos comemorando sua paternidade também? — Perguntei casualmente.

— Não, o resultado deu negativo. Ela está com um probleminha no estômago — ele respondeu e eu tentei não deixar a felicidade transparecer em meu rosto.

— Dá para perceber o alívio em seu rosto — disse a ele.

— É... eu não estava preparado para ser pai agora, Vale. O meu relacionamento com a Elisa não está firme o suficiente para ser o alicerce de uma boa família para uma criança — ele me respondeu.

— Entendo. Filho é coisa séria... Mas por que não ficou com ela hoje? Não estou reclamando por você estar aqui, mas ela não está precisando do seu apoio?

— Ela disse que ficaria trabalhando hoje, amanhã almoçaremos juntos. Mas sabe, ela também não queria filhos agora. Ela chorou um pouco, mas depois ficou bem, pelo menos eu espero — ele disse guardando as coisas.

— Vai dar tudo certo, Chris. Não ter um bebê agora foi a melhor coisa para os dois — falei me aproximando dele.

Passamos o resto da noite bebendo vinho e conversando sobre o que tínhamos feito durante todo esse tempo longe um do outro. Ele falou um pouco da sua adolescência rebelde, sobre como começou a gostar de rock e sobre como ele montou a própria oficina sozinho, apesar da desaprovação do tio Jake. Ri bastante quando ele me contou dos dois anos em que ele e Bernardo recusaram-se a cortar os cabelos, inspirados no Axl Rose, para o desgosto eterno de suas mães. Depois de escutá-lo com atenção, contei um pouco sobre meus anos de faculdade e sobre algumas viagens que fiz. Foi uma noite muito divertida: eu não me lembrava de quando tinha me sentido tão bem e relaxada ao lado de alguém.

— Cara! Já é uma da manhã! Eu tenho que ir — ele disse se levantando.

— Não acredito que já está tão tarde assim! Quando a gente está se divertindo, nem vê o tempo passar, né? — Disse

caminhando com ele até a porta. — Obrigada pela noite, Chris.

— Obrigada você, Vale! Há tempos não me sentia tão bem assim... Vamos marcar um fim de semana com o Bernardo e a Sophia? Eu sei que ela vai adorar te rever — ele disse, deu um beijo em meu rosto, sorriu e virou as costas para ir embora.

Fechei a porta e me encostei na parede, descendo lentamente, até me sentar no chão.

Eu não podia voltar a gostar dele.

Não quando ele estava com outra.

Doze



Após uma noite maravilhosa com a Valentina, caminhei até minha casa, subindo as escadas devagar. Eu estava me sentindo um pouco tonto devido à quantidade de vinho ingerido.

Eu e a Valentina acabamos com duas garrafas antes que nos déssemos conta.

Abri a porta com dificuldade e, ao entrar, levei um susto ao encontrar Elisa parada no meio da sala.

— Lisa? O que você está fazendo aqui, não ia trabalhar? — Questionei.

— Eu vim ficar com o meu namorado, buscar um pouco do apoio dele nesse momento, mas vejo que ele estava bebendo na rua com outras pessoas! — Ela gritou.

— Fala baixo. Você disse que iria trabalhar, eu não tenho obrigação de adivinhar quando você vai mudar de ideia — resmunguei sentando no sofá e colocando as mãos nas têmporas.

— Você é um insensível, Christopher! É assim que quer dar uma nova chance ao nosso relacionamento? Me deixando sozinha quando mais preciso de você? — Ela gritou novamente.

— Para de gritar, Elisa! Você está exagerando, dando *piti* à toa! — Disse me levantando e indo em direção ao quarto.

Ela veio atrás de mim, gritando: — Eu estou farta de ser a única a lutar por esse relacionamento, Chris. FARTA!

— Se você está farta, imagine como eu estou saturado desse relacionamento! Cinco anos, Elisa! Cinco anos e nem moramos juntos ainda. E só porque você não quer! — Disse a ela. Eu estava cansado de só escutar.

— Não quis morar junto com você porque eu sabia que, se eu viesse, você nunca me pediria em casamento! — Ela gritou extremamente irritada.

— Sabe o que eu não suporto, Elisa? Essa pressão para casarmos! Você, meus pais, seus pais! Chega, eu preciso querer te pedir em casamento, essa é uma decisão minha! — Gritei de volta para ela.

— Então quer dizer que nem se eu estivesse mesmo grávida você casaria comigo? — Ela questionou.

— Eu não casaria por obrigação, Elisa. Você devia saber disso a esse ponto! Nosso relacionamento não é forte o suficiente para

termos uma boa base familiar — disse tentando me acalmar.

Ela limpou as lágrimas e disse, em um tom mais baixo: — Se você pensa assim, acabou! Acabou de vez! Eu te amo, mas eu me amo muito mais! Ficar com você não está mais dando certo.

Observei Elisa por alguns instantes, incrédulo.

— Acabamos aqui, então! Foi bom enquanto durou, mas realmente isso entre a gente não está fazendo bem nem a mim ou a você — disse e ela me olhou com pesar, deu as costas e saiu batendo a porta.

Deitei na cama, colocando as mãos no rosto em frustração. Relembrei tudo o que aconteceu nessa noite e repassei cada detalhe da minha conversa com a Elisa. Nosso relacionamento foi bom no começo, mas depois se desgastou, caindo na rotina, e por isso havíamos terminado daquela maneira: já estávamos fartos um do outro. Eu realmente gostei dela e de tudo que vivemos nesses anos, ela me fez muito feliz e compartilhamos muita coisa. Não queria que tivesse terminado assim, mas sabia que já não estava mais dando certo. Já tínhamos tentado muito e, mesmo não estando muito certo das minhas decisões naquele momento, eu sabia que tinha sido o melhor. Era triste, eu não estava feliz, mas a vida tinha que continuar.

Fechei os olhos e, mais uma vez, sonhei com a Valentina.

Na manhã seguinte, acordei com uma dor de cabeça insuportável.

Ressaca!

Tomei um banho, me arrumei e fui até a cozinha, buscando um remédio para dor de cabeça. No meio do caminho, mandei uma mensagem para Valentina:

>> *Espero que esteja com uma ressaca pior que a minha!*

Esperei um pouco, mas ela não demorou para responder:

<< *haha, não estou! Nem ressaca eu tenho, você que é fraco para bebida!*

Ri da sua mensagem e mandei outra, dizendo apenas:

>> *Vá trabalhar, sua cachaceira!*

Nem esperei a resposta de Vale e desci logo para oficina. Comecei a trabalhar e levei um susto ao ver o carro do pai da Elisa estacionar em frente à minha oficina.

— Seu canalha! Eu sempre soube que você não prestava, com essa sua música alta e roupas de marginal. Eu quero que me diga exatamente o que fez com a minha filha — ele disse furioso, caminhando em minha direção.

Eu me endireitei e disse: — Com todo respeito, mas o motivo do fim do meu relacionamento com a Elisa não interessa ao senhor.

— Que rapaz petulante! Não admito que faça minha filha sofrer — ele disse dando com o dedo na minha cara, nervoso.

— Não sei por qual motivo o senhor veio até aqui, achei que estaria comemorando o fim do nosso relacionamento, já que nunca gostou de mim — disse a ele.

— Eu não queria que ela saísse magoada dessa relação, mas vim aqui te dizer apenas que não quero mais que você chegue perto dela! Você não merece a minha filha, você só a enrolou por cinco anos! — Ele disse saindo sem me dar uma chance de responder.

Soltei um grunhido de raiva e aumentei o som, que tocava Guns ‘n Roses. Quem ele pensava que era para vir tirar satisfações?

Bruno chegou um pouco depois que o pai da Elisa saiu. Ele se desculpou pelo atraso e disse que isso não iria se repetir. Relevei e passamos o resto do tempo focado no trabalho.



A semana passou sem maiores incômodos. Marquei de encontrar com a Elisa em um café em frente ao Hospital que ela trabalhava. Dei o tempo que achei que ela precisava para podermos conversar e pôr um fim definitivo em nosso relacionamento. Não que restasse alguma dúvida, mas quando terminamos nós estávamos de cabeça quente e acabamos gritando um com o outro. Ela foi muito importante para mim por muitos anos e eu gostaria de ter uma relação de amizade saudável com ela a partir daquele momento. Eu devia isso a nós dois.

Sentei e pedi um expresso. Não demorou muito para a Elisa aparecer, e ela sentou em minha frente vestindo seu jaleco. Ela estava linda como sempre foi, mas não via mais o brilho em seu olhar.

— Oi, Chris.

— Oi, Lisa.

— Estranhei a sua ligação, aconteceu alguma coisa?

— Na verdade não. Eu só queria conversar com você. Acho que nossos ânimos se exaltaram naquela noite.

— É verdade. Mas acho que, pela primeira vez em muitos anos, fomos verdadeiramente sinceros um com o outro — ela respondeu meio tristonha.

— Sim, a gente cansou de tentar e isso não é de todo o ruim. Você sabe que eu te amo, você foi minha melhor amiga e companheira durante todo esse tempo e eu não poderia não te amar, mas acho que o amor que eu sinto por você é muito mais de carinho e amizade, e ele tinha que ser o amor que um homem tem pela mulher. Desculpe-me, Elisa.

— Não tem o que se desculpar, na verdade. Acontece, né? — Ela riu sem muito humor. — A gente não controla essas coisas. E sabe, apesar de ter te amado como um homem durante todo esse tempo, eu não me senti amada por você nesses últimos anos... E a sua relutância em casar fez soar vários alarmes em minha cabeça. Eu ficava achando que tinha algo errado comigo, acredita?

— Não tem nada errado com você, por favor, não pense isso. Eu me apaixonei por você porque você é incrível... Só não era para ficarmos juntos. Eu penso que se tivéssemos sido sinceros um com o outro desde que vimos as coisas desandarem, as coisas não teriam chegado naquele ponto — falei com sinceridade.

— Realmente não teriam. Mas acho que eu também preciso me desculpar com você, eu estava tão farta das suas atitudes e de tudo o que vinha acontecendo nesses anos que eu simplesmente explodi.

— Eu sei, eu acabei me exaltando também — falei.

Ficamos alguns instantes em silêncio, sem saber o que falar um para o outro. Então, ela suspirou e disse: — Por um tempo, eu

realmente quis casar com você e ter filhos lindos, mas eu percebo agora que não daria certo, seria um casamento fadado ao fracasso. E quer saber? Eu não mereço isso, mereço estar com alguém que me ame da mesma maneira, assim como você também merece.

— Ainda bem que concordamos em algo. A sua felicidade é importante para mim e eu fico feliz que tenhamos conversado.

— Eu também fico. Espero que as coisas funcionem para você, Chris — ela disse levantando-se para me dar um abraço final e logo depois voltou para o Hospital. Eu terminei meu café e voltei para casa feliz por ter encerrado de vez esse ciclo, ter essa conversa com ela foi a melhor decisão que tomei.



No passar dos dias, eu e a Valentina conversávamos constantemente por mensagens, madrugávamos quase todos os dias — era incrível como sempre tínhamos assunto. Tínhamos anos de assuntos acumulados para colocarmos em dia.

Ainda não tinha contado a ela que eu e a Elisa tínhamos terminado. Eu queria contar pessoalmente apenas para ver sua reação, mas, com a correria da primeira semana no trabalho, ela estava muito ocupada, então preferi esperar.

Era sábado à noite e eu estava jogado no sofá com Max deitado ao meu lado, assistindo um jogo qualquer que passava na televisão, quando a campainha tocou.

Me levantei para abrir sem camisa mesmo, já que provavelmente seria um dos meus irmãos ou primos. Ou ao menos era isso era o que eu pensava, até abrir a porta e me deparar com a Valentina segurando uma garrafa de vodka e um saco com frutas.

Ao nos olharmos, rimos um para o outro.

— O que é tudo isso? — Questionei.

— Você não disse que eu era cachaceira? Hoje vamos testar seus limites — ela disse passando por mim sem esperar um convite e eu fechei a porta, indo atrás dela na cozinha.



Depois de ler a mensagem do Christopher me chamando de *cachaceira*, fui até a cozinha pegar um analgésico. Minha cabeça estava latejando.

Tomei um café da manhã reforçado e fui para o trabalho. Durante a semana, tentei organizar a minha rotina: trabalho novo, alunos novos, cidade parcialmente nova... Eu precisava organizar a minha vida.

Por causa disso, optei por ver e falar com o Christopher apenas por ligações ou mensagens. Só desse jeito ele já me afetava tanto, e tudo o que eu não precisava era beber com ele de novo e fazer alguma besteira.

Não com ele sendo comprometido. Mulher nenhuma merecia ser traída e eu não tinha a mínima vontade de ser “a outra”.

No intervalo das minhas aulas, eu sempre conversava com o Rodrigo. Ele era super gente boa, além de ser muito atraente. No início, conversávamos muito sobre a escola e os alunos, mas depois entramos em assuntos pessoais e fomos descobrindo pouco a pouco sobre a vida um do outro.

Ele era divorciado e tinha uma filha de quatro anos. Ele e a ex-esposa não tinham um bom relacionamento desde que haviam terminado, já que, segundo ele, Nádia o afastava da filha.

Fiquei sentida por ele e pela Ana, filha dele. Nenhuma criança merecia ficar entre um relacionamento ruim. Eu não tinha ficado entre um relacionamento ruim quando criança, mas meu pai não foi o melhor dos pais e eu não tive a minha mãe para me socorrer nos momentos difíceis, mas, se tivesse, não sei como estaria minha cabeça, tendo que estar dividida entre um e o outro o tempo todo.

Na sexta-feira, quando estava saindo da sala do terceiro ano, esbarrei com o Rodrigo e ele me acompanhou até o portão da escola.

— Vai fazer o que nesse fim de semana? — Ele questionou.

— Acho que nada, não tenho planos. Por quê? — Respondi com outra pergunta.

— O que acha de irmos jantar domingo à noite? Gostei muito de conversar com você durante a semana e não quero restringir nossa relação apenas à escola — ele disse se aproximando de mim enquanto os alunos passavam ao nosso redor.

Parei um pouco e pensei: eu não havia saído com ninguém depois do Arthur e, apesar do Christopher estar lentamente voltando ao meu coração, ele tinha outra pessoa. Talvez fosse o momento de abrir espaço para outro alguém em minha vida.

O Rodrigo era alguém que valia a pena. Ele me tratava bem, era gentil e respeitoso. Eu gostava de estar com ele.

— Acho ótimo. Eu adoraria jantar com você, Rodrigo. Está planejando me levar para onde? — Questionei sorrindo.

— Tem um restaurante ótimo na cidade vizinha, creio que você irá adorar a comida. E o ambiente lá é bem agradável — ele disse segurando a minha mão e depositando um beijo nela.

Sorri para ele, completamente encantada.

— E eu preciso estar pronta que horas? — Perguntei.

— Às sete horas, assim teremos bastante tempo para ficarmos juntos. Até domingo, Valentina — ele disse se despedindo.

Fui para casa, pensando em como seria esse encontro, e fiquei feliz ao perceber que estava ansiosa para ele.

À noite, estava me arrumando quando recebi uma mensagem do Bernardo me convidando para ir até a casa do Chris e pedindo que eu levasse as bebidas, porque ele e a Sophia levariam a comida.

Falando em Sophia, eu e ela tínhamos estreitado os laços novamente. Não fazia muitos dias, eu estava saindo da escola quando reparei que havia um estúdio de fotografia ali pertinho. Estava pensando em como isso era conveniente, já que eu tinha muitas fotos guardadas no meu computador que precisavam ser reveladas, quando uma morena saiu de lá. Ela era alta, tinha os cabelos negros encaracolados e os olhos muito expressivos, eu a reconheceria apenas por eles.

— Ai, meus deuses! Sophia? — Gritei e ela me olhou com um largo sorriso.

— Valentina! Achei ter te reconhecido. O Bernardo me falou que você estava na cidade!

— Nós nos vimos há alguns dias, quando ele foi montar algumas coisas na minha casa. Ele me falou que você estava viajando!

— Eu estava, fui visitar meus pais em Minas, agora que eles resolveram morar por lá. Eu me empanturrei de pão de queijo!

— Hmm, que delícia! Mas me diga, fotografia? Eu nunca imaginaria você como fotógrafa.

— Eu também não. Sempre gostei de ir ao trabalho com o meu pai e achei que seguiria os passos dele, mas tudo mudou quando o Bernardo me deu a minha primeira câmera de presente. Era só um hobby que foi virando uma coisa séria, e agora não penso em fazer outra coisa.

— Sophia, isso é lindo! Você realmente encontrou sua vocação. Não tem coisa melhor do que fazer o que gostamos.

— Realmente — ela sorriu, imensamente feliz. — Vale, foi muito bom te ver, mas preciso entrar e terminar algumas coisas, ok? Vamos marcar um café para colocar o papo em dia? — Ela disse e me entregou um cartão de visitas com seu número. Naquele dia mesmo, mandei uma mensagem para ela para marcarmos o tal café e, desde então, nos víamos o tempo todo.

Ela era uma ótima amiga e eu estava feliz em vê-la naquela noite novamente. Troquei de roupa, vestindo um short jeans e uma camisa com uma estampa do Machado de Assis, meu escritor favorito. Calcei minha sandália, peguei algumas frutas e, claro, a vodka.

Dei a comida ao Apollo, fiz um carinho na cabeça dele e fui até a casa do Chris. Chegando lá, ele abriu a porta e não pude deixar de notar que ele estava sem camisa.

“Meu senhor! Faço de tudo para resistir a esse homem e o senhor me coloca ele sem camisa? O que eu fiz para merecer

isso? *Eu sou uma boa pessoa!*”

Ao nos olharmos, rimos um para o outro.

— O que é tudo isso? — Ele questionou.

— Você não disse que eu era cachaceira? Hoje vamos testar seus limites — disse e entrei no apartamento, escutando ele fechar a porta vir atrás de mim.

— Não quero outra ressaca, Vale! Não vamos beber — ele disse tentando tirar a vodka da minha mão.

— Larga, Chris! Não foi ideia minha, o Bê e a Sophia já devem estar chegando. Você não precisa beber se não quiser, seu fraco para bebida — disse provocando.

Ele se aproximou ainda mais de mim, aumentando a energia sexual que perpassava entre nós. Fui me afastando, chegando para trás, até me ver presa entre ele e o balcão da cozinha. Ele parecia estar adorando tudo isso.

Chris colocou sua mão entre meus cabelos e eu ofeguei, fechando os olhos e me amaldiçoando por estar incentivando que ele continuasse. Mas o que eu poderia fazer, quando meu corpo parecia não me obedecer quando eu estava ao seu lado?

Abri os olhos e encarei seus olhos verdes, que agora estavam a centímetros dos meus. Eu podia sentir sua respiração em meu rosto e sua boca estava tão próxima a minha...

Um beijo não faria mal, né? Eu só queria me lembrar do gosto dos seus lábios...

Eu me aproximei ainda mais, mas o som da campainha invadiu meus ouvidos e nos afastamos, subitamente.

Praguejando, Chris foi até a porta, abrindo-a para que o Bernardo e a Sophia entrassem. Cumprimentei os dois e puxei a Sophia para a cozinha e começamos a conversar, ignorando totalmente o que tinha *quase* acontecido ali. Enquanto conversávamos, uma música muito alta começou a tocar. Sophia fez uma careta, mas eu reconheci a voz do Bon Jovi e me animei, porque eu gostava muito das músicas dele. Estava cortando algumas frutas quando percebi que a Sophia estava me encarando.

— O que foi? — Perguntei.

— O que está acontecendo entre você e o Chris?

— Entre eu e o Chris? Nada — respondi vagamente, desviando o olhar.

— É mesmo? Porque estava palpável a tensão entre vocês quando cheguei.

— Você está viajando, Sophia. Não tinha tensão nenhuma e não temos nada.

— Tá certo, me engana que eu gosto! Terminou aí? Vamos para sala ver se o Chris baixa essa música — ela disse pegando as bandejas.

— Eu vou terminar essa piña colada aqui e já vou — falei despejando-a em uma jarra.

Sentei-me em frente ao Chris, ao lado da Sophia, e começamos a beber. A tensão entre nós dois havia sido parcialmente dispersada, mas logo nos olhávamos com desejo outra vez.

— Chris, cadê o Max? Nunca mais vi aquele bebezão! — Sophia falou se encostando no Bê.

— Levei ele para casa da minha mãe, ele não nos deixaria em paz por muito tempo, ele gosta de atenção — Chris respondeu.

— Ah, eu queria dar uma atenção para ele! — Ela disse fazendo um beicinho. — O Bê quer adotar um animalzinho também,

mas ainda estamos decidindo qual vai ser. Sabe como o Bernardo é, né? Indeciso ao extremo — ela disse olhando para o Bê, que sorriu.

— É por isso que deixo todas as decisões com você — Bernardo respondeu dando um selinho em Sophia.

As horas passaram sem que nos déssemos conta. Já estava tarde e estávamos os quatro sentados no chão da sala do Chris, parcialmente bêbados. Nós nos lembrávamos de acontecimentos da nossa infância, rindo. Eu estava muito feliz e minha cabeça estava leve.

— É como disse Charles Dickens em “Um Conto de Duas Cidades”: foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos! Foi a idade da sabedoria, foi a idade da tolice!

— Iiih, lá vem você com esses papos! Tem certeza que não quer recitar isso na língua original enquanto bebe um vinho do século retrasado e escuta Chopin? — Bernardo provocou.

— Ah, nem vem! Vai dizer que nenhum de vocês leu Dickens? — Eles se entreolharam e riram, sem me responder.

— Vocês precisam! Esse livro é maravilhoso, ele fala de uma realidade totalmente diferente da nossa, mas tão atual! Ele fala d — — Aham, tá bom, Vale. Qualquer dia a gente vê o filme, tá? — Chris me interrompeu visivelmente entediado. Que absurdo! Eu mal começara a falar! Fiz cara de ofendida e todos riram.

— Vale, relaxa, tá? Você pode falar no ouvido dos seus alunos na semana que vem, vamos beber! — Sophia pegou meu copo e encheu com mais bebida, dando-me tapinhas no ombro. Acabei rindo junto com eles.

Depois de muita reclamação da Sophia, Chris entregou o celular para que ela escolhesse a música. A voz da Lady Gaga encheu a sala e os meninos fizeram uma careta, mas logo eles se entregaram e todos nós começamos a cantar bem desafinados junto com o som. Estávamos nos divertindo e há tempos eu não fazia isso. Em São Paulo, eu não tinha muitos amigos. Arthur não gostava muito de sair com muita gente e eu preferia evitar brigas.

Fui até a cozinha para buscar alguns minis-hambúrgueres que Sophia tinha comprado e, quando voltei, percebi que estão falando de mim.

— Já estão falando mal de mim? Mal esperaram eu sair! — Disse bem-humorada.

— Nada disso, sua louca! Estou apenas contando aos meninos que ontem você foi o assunto das adolescentes lá do estúdio — ela revelou pegando um hambúrguer do prato que eu tinha colocado entre nós.

— Sério? Por quê? — Questionei sentando ao lado da Sophia e em frente ao Chris, que não parou de me encarar a noite toda.

— Pelo que entendi, as meninas ficaram loucas ao te ver aos beijos com o Rodrigo na frente da escola — ela disse e eu olhei espantada para ela, sentindo o olhar de ira do Chris em minha direção.

— Meu Jesus, como essas meninas exageram — disse bebendo a caipirinha — O Rodrigo apenas beijou minha mão.

— Sério? Quem diria que um homão daquele fosse tão fofo — ela disse a mim.

— Ele é muito gentil! Ele me convidou para jantar amanhã — disse olhando para o Chris, que me encarava, apenas para ver sua reação.

— E você aceitou? — Ele perguntou.

— Claro, por que eu não aceitaria? Eu estou solteira — respondi ignorando a ira em sua voz.

Olhei para a Sophia e o Bernardo e vejo que eles perceberam a tensão entre nós dois.

Levantei-me para ir ao banheiro, deixando-os na sala. Lavei meu rosto na esperança de dar mais lucidez ao meu cérebro, eu não podia ficar desse jeito com o Christopher.

Nós éramos amigos e amigos não se olham como estávamos olhando um para o outro.

Abri a porta e levei um susto ao ser prensada contra a parede novamente e, dessa vez sem preliminares, Christopher tomou minha boca, me dando um beijo longo e sedento, cheio de paixão e luxúria. Nossas línguas dançavam em perfeita sintonia enquanto suas mãos passeavam por todo o meu corpo, e ele me puxou ainda mais para perto dele.

Seu cheiro inebriante entorpecia, fazendo-me esquecer de todos os motivos pelo qual aquele beijo não deveria acontecer.

Catorze



Durante toda a noite, mal consegui tirar os olhos da Valentina, ainda mais depois do episódio na cozinha. Quase esganei o Bernardo por ter aparecido justo naquele momento e, quando a Sophia falou sobre outro cara a beijando, eu enlouqueci.

Minha mente foi completamente tomada pelo ciúme.

Então, quando Valentina se levantou para ir ao banheiro, Sophia e Bernardo pareceram perceber que precisávamos ficar sozinhos e foram logo embora.

Caminhei até a porta do banheiro e, no exato momento que Valentina saiu de lá, presei-a contra a parede e lhe dei um beijo longo e sedento.

Ah, como esperei por esse momento.

Sem desgrudar nossas bocas, passei minhas mãos por todo o seu corpo, puxando-a para ainda mais perto de mim. Nossos corpos se encaixavam perfeitamente. Ansiávamos muito um pelo outro.

Ofegante, finalizei o nosso beijo, passando meus lábios por seu pescoço, provando a sua pele. Quando ela fez o mesmo comigo, pensei que enlouqueceria de tanto desejo.

Seu cheiro era inebriante e só me fazia querê-la ainda mais.

Entrelacei suas pernas em minha cintura e levei para minha cama. Ficando em cima dela, voltei a beijá-la de um jeito terno, calmo e carinhoso.

Entorpecidos pelo desejo, não conseguia pensar em nenhuma razão para não fazê-la minha naquele exato momento.

Mas Valentina separou o nosso beijo e me encarou. Estávamos quase sem fôlego e o único som entre nós dois era o da nossa respiração acelerada.

— Não podemos fazer isso.

— Por que não? Não há nada que nos impeça. A não ser que você não queira... — disse a ela.

— Não é isso... você tem namorada — ela disse tentando se levantar.

Segurei-a embaixo de mim delicadamente e disse: — Eu e a Elisa não estamos mais juntos. Nós terminamos há alguns dias.

Ela relaxou debaixo de mim e questionou: — Isso é verdade? Por que não me contou antes?

— Queria te contar pessoalmente — disse encostando meu rosto no dela, sentindo mais uma vez seu cheiro inebriante e voltando a olhar para aqueles olhos verdes que me encantavam desde a infância.

— Não podemos fazer isso assim — ela disse beijando meu pescoço. — Não vai dar certo se fizermos desse jeito.

Relaxe meu corpo, deitando ao seu lado e ela se virou para mim.

Novamente ficamos de frente um para o outro.

— O que faremos, então? Vamos ignorar essa atração que sentimos um pelo outro? — Questionei tocando em seus cabelos.

— Não vamos ignorar, só vamos mais devagar... — Ela se deitou encostando sua cabeça em meu peito e entrelaçando nossas

pernas. — Eu acabei de sair de um relacionamento e você também, não quero que criem comentários sobre nós dois — ela disse trilhando seus dedos sobre meu peito.

Segurei suas mãos, virando-a para ficarmos cara a cara novamente e lhe dei outro beijo, dessa vez mais devagar que os outros. Fomos conhecendo cada parte um do outro.

— Vamos fazer isso, então. Eu faço qualquer coisa para te ter em meus braços — disse deitando por cima dela e beijando-a novamente sem nenhum pudor, explorando cada centímetro do corpo dela com minhas mãos.

Ficamos por um bom tempo em minha cama, trocando beijos e carícias, apreciando a presença e o corpo um do outro, até ela dizer: — Tenho que ir, Chris. Já está bem tarde e amanhã tenho que acordar cedo para fazer feira com sua mãe.

Ela disse se levantando. Puxei-a de volta para a cama, dizendo: — Dorme aqui hoje.

— Chris, combinamos de ir devagar — ela disse fechando os olhos.

— Eu sei, e nós vamos com calma, é só que já está tarde e, mesmo você morando perto, não custa nada você ficar aqui e ir amanhã de manhã — expliquei a ela.

Mesmo relutando um pouco, ela pareceu concordar comigo.

— Tudo bem, eu fico — ela disse ficando por cima de mim colocando uma perna em cada lado. — Mas nada de gracinhas, viu mocinho? Nós vamos dormir — ela frisou a última palavra antes de me beijar apaixonadamente.

Era oficial. Aquela mulher ia me enlouquecer!

— Vou tomar um banho, me empresta uma camisa sua? — Ela questionou se levantando e abrindo meu guarda-roupa.

— Deixa que eu pego, pode ir para o banheiro — disse empurrando-a para o banheiro.

Não queria que a Valentina olhasse as minhas coisas, não quando eu ainda não tinha me livrado de algumas fotos e lembranças com a Elisa.

Separei uma toalha e uma camisa, colocando-os sobre a minha cama.

Bati na porta do banheiro, avisando a Vale onde tinha deixado as coisas e fui até a sala para lhe dar privacidade.

Limpei a bagunça que tínhamos feito, recolhi os copos, guardei os lanches que tinham sobrado, lavei os pratos e, enquanto eu os secava, senti duas mãos me abraçarem pela cintura.

Me virei e encontrei Valentina com a minha camisa. Acho que nem em mim mesmo ela já havia servido tão bem.

— Você está linda — disse segurando seu rosto e lhe dando um selinho.

— Você acha? Eu também... acho que vou ficar com essa camisa para mim — ela disse convencida.

— Pode ficar, eu deixo. Afinal, ela fica melhor em você do que em mim — disse e ela enlaçou meu pescoço me dando um beijo doce e calmo.

Finalizei o beijo e terminei de arrumar a cozinha enquanto conversávamos. Fomos para o quarto e, enquanto eu tomava banho, ela ficou assistindo a um filme na televisão.

Apaguei as luzes e deitei ao lado dela, que se ajeitou na cama, apoiando seu rosto em meu peito e entrelaçando nossas pernas. Fiz carinho em seus cabelos e senti sua respiração pesar: ela havia dormido.

Um tempo depois, adormeci também, pensando que há muito tempo não me sentia desse jeito. Estar com a Valentina me fazia muito bem e trazia em mim uma felicidade não sentida há muito tempo. Eu gostava de estar com ela só por estar, não precisávamos conversar, nem sequer tocar um no outro. Eu morreria feliz se pudesse apenas olhar para ela.



Na manhã seguinte, acordei com batidas incessantes em minha porta. Eu me aconcheguei ainda mais em Valentina, esperando que quem quer que fosse, resolvesse que eu não estava, decidisse ir embora e me deixasse dormir mais um pouco.

Mas as batidas não pararam por vários minutos. Valentina acordou, resmungou alguns palavões e bateu em meu ombro algumas vezes para que eu levantasse. Bem mal-humorada, ela disse: — Vai atender a droga da porta, Chris! Eu quero dormir!

Relutante e irritado, levantei e caminhei até minha porta, vestindo uma camisa no caminho.

Cobrindo meus olhos por causa do sol, abri a porta e encontrei ninguém menos do que minha mãe.

— Droga! — Murmurei.

— Bom dia, querido — ela disse beijando meu rosto e calmamente entrando na minha casa, segurando a coleira de Max, que correu apressadamente até meu quarto sem olhar duas vezes para mim. Ingrato!

— Oi, mãe, o que está fazendo aqui? — Questionei levando-a em direção à sala para que ela não visse a Valentina.

— Vou até a feira com a Vale e quero ver o que você está precisando que eu compre — ela disse andando até a cozinha.

— Não estou precisando de muita coisa — disse sentando em um dos bancos da cozinha.

Max veio para sala e cheirou minhas mãos, finalmente resolvendo me cumprimentar, enquanto minha mãe vasculhava meus armários. Estava tudo indo muito bem até algo cair no meu quarto e fazer barulho.

Minha mãe se virou e me encarou, perguntando: — Quem está no seu quarto, Christopher? E não me diga que é a Elisa, pois eu fiquei sabendo que vocês terminaram.

Quinze



Após o Chris levantar, não consegui mais dormir. Apesar do meu mau humor por ter sido acordada, levantei me sentindo completamente nas nuvens. Acho que nunca estive tão feliz em toda a minha vida.

Fui até o banheiro e, ao lavar meu rosto, repassei tudo o que tinha acontecido. Nós não tínhamos nem feito sexo, mas o que aconteceu entre nós foi de tamanha intensidade que eu não conseguia nem pôr em palavras.

Escovei meus dentes com uma escova fechada que tinha no armário, penteei meus cabelos com as mãos mesmo, prendendo-os em um coque, e voltei para o quarto do Chris para vestir minhas roupas.

Max estava sentado ao pé da cama, abanando o rabo para mim. Parei um pouco e fiz um carinho nele que, satisfeito com a atenção, saiu pela porta.

Enquanto eu estava terminando de colocar minha blusa, acabei me atrapalhando e derrubei o abajur que estava ao lado da cama do Chris. Ele não quebrou, mas fez barulho.

Fui até a porta para escutar se eles tinham ouvido o barulho e escutei a voz da Mel. Droga! Ela não podia me ver aqui!

Corri para a cama, pegando meu celular, entrando rapidamente no banheiro e ligando para ela.

Demorou um pouco para ela atender, mas quando ela finalmente atendeu, eu disse: — Oi, Mel! Já estou te esperando aqui na feira, cadê você? — Questionei mostrando toda minha inquietação.

— Vale, querida! Desculpe, passei na casa do Christopher e acabei me atrasando aqui, mas já estou a caminho — ela me disse aflita.

— Estou te esperando, mas venha logo! Estou meio perdida aqui — disse terminando a ligação.

Saí do banheiro, escutei ela se despedindo do Chris e logo depois a porta sendo fechada. Recolhi o resto das minhas coisas e corri para sala, encontrando o Chris no meio do caminho.

— Essa foi por pouco! — Disse o abraçando. Eu adorava estar nos braços dele.

— Foi mesmo! Você me salvou de um grande interrogatório, mas eu sei que minha mãe não vai sossegar até saber quem era a

garota no meu quarto — ele disse me apertando ainda mais. Era como se sempre ansiássemos por estar nos braços um do outro.

— Adoraria ficar por mais tempo, mas tenho que correr para encontrar sua mãe na feira. Ainda bem que aqui do lado! — Eu disse me separando dos seus braços e indo até a porta. Ele veio até mim, me dando um beijo bem carinhoso de despedida e perguntou: — Vamos sair hoje à noite? Pensei em irmos ao cinema.

— Não posso, esqueceu que vou jantar com o Rodrigo? — Disse e ele ficou emburrado.

— Ainda vai sair com esse cara? Depois de tudo o que aconteceu ontem? Não quero que saia com ele — ele questionou chateado.

— Eu não posso simplesmente cancelar... o Rodrigo é meu amigo e vamos sair como amigos. E olha, eu não quero que você pense que vai mandar em mim agora que estamos juntos — disse com firmeza.

— Não estou mandando em você, só não entendo e não gosto de saber que você vai sair com esse cara — ele disse ainda irritado.

— Lide com isso! Paciência! Eu não vou mudar quem eu sou para te agradar! Vou sair com o Rodrigo sim, porque somos amigos e se continuar achando que manda em mim ou pode controlar minhas amizades, isso não vai dar certo — disse enfurecida e abriu a porta para sair.

Ele segurou meu braço de leve, não deixando que eu saísse de seu apartamento.

— Desculpe, Vale. Eu só estou com ciúmes... Eu sou um cara ciumento. Desculpe, eu prometo tentar ser mais tranquilo em relação a isso — ele disse erguendo a mão para tocar em meu rosto. Ele a segurou próxima de mim, mas não me encostou. Ele olhou nos meus olhos e esperou eu assentir para acariciar meu rosto e se aproximar devagar para me dar um beijo rápido, deixando espaço para eu desviar, se eu quisesse. Essa atitude era tão diferente do que eu estava acostumada a receber do Arthur que senti meus olhos se encherem de lágrimas, mas consegui engolir a emoção antes que ele abrisse os olhos.

— Acho bom se controlar mesmo. Eu te ligo mais tarde — disse e saí pela porta.

Caminhei apressadamente até a feira e ao encontrar a Mel, dei uma desculpa de que tinha me perdido e sorri internamente quando ela acreditou.

Compramos várias frutas e verduras. Ali era o lugar ideal para encontrar produtos da melhor qualidade.

Chegando em casa, encontrei o Apollo dormindo em cima da minha cama, e, pela quantidade de pelos no lençol, pude apostar que ele passara toda a noite ali. Fiz um carinho nele, que nem sequer se mexeu, apenas ronronou alto.

Guardei as compras, limpei todo o meu apartamento e fui tomar um banho, tirando totalmente o cheiro do Christopher que estava impregnado em mim. Vesti um macacão cheio de bolinhas e apliquei uma massagem no meu cabelo, o coitadinho estava pedindo por uma hidratação, afinal eu não cuidava dele direito desde que tinha me mudado. Escovei o pelo do Apollo, limpando também o seu espaço pouco utilizado, trocando sua água e colocando mais ração em seu potinho.

Enxaguei meus cabelos e passei o resto da tarde planejando as aulas da semana.

Um pouco depois das seis horas, comecei a me arrumar para sair com o Rodrigo, tomei um banho e optei por colocar um vestido longo, azul e com estampa floral que ficava muito bem no meu corpo. Nos pés, calcei uma rasteirinha.

Fiz uma maquiagem leve, apenas para esconder minhas sardas, e penteei os meus cabelos, fazendo uma trança nele.

Passei perfume e coloquei alguns acessórios pouco antes do Rodrigo chegar. Ele me mandou uma mensagem avisando que já estava me esperando.

Fechei tudo em casa, desci e o cumprimentei, então seguimos para o tal restaurante na cidade vizinha.

Fomos o resto do caminho conversando, e o assunto que monopolizava nossa conversa era sua filha. Ele adorava falar da Ana e eu achava isso uma grande qualidade nele.

Chegando na cidade, estacionamos em um restaurante à beira mar. Lembrei-me vagamente de já ter vindo aqui quando era criança, mas o lugar estava tão diferente que mal reconheci. Ele tinha se transformado em uma espécie de restaurante vegano e, quando entramos, me senti completamente deslocada. Eu não gostava desse tipo de comida, não era uma pessoa muito saudável, mesmo que não me orgulhasse disso.

Pedimos uma mesa e nos sentamos ao lado da janela, o cheiro da maresia invadia minhas narinas, o que me dava uma sensação boa.

Eu adorava o mar.

— O lugar é lindo, não é? — ele disse sorrindo para mim.

— Sim, eu gosto muito do mar — respondi pegando o cardápio.

Enquanto olhava o cardápio, a minha vontade de ficar apenas com o suco foi se fortalecendo, porque nele tinha alguns suplementos e até uma coxinha de jaca. *JACA!* Fiquei até com saudades da minha pizza. Rodrigo parecia muito à vontade no lugar, e de repente tudo fez sentido: os músculos, a educação física, o copo especial para *shakes* de proteína que ele sempre carregava... Ele era um daqueles caras veganos obcecados pela saúde! Como eu não percebera isso antes? Limpei a garganta e disfarcei, tentando achar algo que me agradasse no cardápio. Eu estava decidindo qual suco iria beber quando fui surpreendida ao escutar uma voz bem conhecida.

— Boa noite, será que posso me sentar com vocês? — Christopher disse pegando uma cadeira e colocando na nossa mesa.

— Desculpa, mas quem é você? Você o conhece, Valentina? — Rodrigo questionou olhando para nós dois.

— Sim, eu o conheço, ele é meu... — eu ia dizendo quando fui subitamente interrompida pelo Chris.

— Sou o namorado dela. E você, quem é?

Eu me envergonhei pela audácia dele e pela tamanha cara de pau. Eu não acreditava que ele tinha feito isso!

Dezesseis



Depois que a Valentina foi embora, fiquei completamente inquieto com o que ela me disse. Não acreditava que, mesmo depois de tudo o que tinha acontecido com a gente, ela iria mesmo jantar com esse tal de Rodrigo.

Passei o resto da tarde pensando no que faria. Eu era um cara ciumento e a Valentina parecia adorar me provocar.

Quando vi que já está anoitecendo, resolvi colocar meu plano em prática. Passei a tarde toda pensando nisso, eu sabia que a Valentina iria provavelmente se irritar comigo, mas eu não me importava muito com isso no momento.

Ela não iria ter um encontro com esse cara, não mesmo.

Estava me vestindo quando a campainha tocou. Abri a porta e vi que era a Mia.

— Estou ocupado — disse à guisa de cumprimento, voltando ao meu quarto para me arrumar.

— Ocupado com o quê? Vim comemorar, mamãe me contou que você terminou com a Elisa — ela disse me seguindo e deitando na minha cama. Minha irmã estava tão feliz que mal podia conter sua animação.

— Nossa, você ficou feliz mesmo com isso, né? — Questionei penteando meus cabelos.

— Claro, agora o seu caminho está livre para você ficar com uma certa ruiva — ela disse mexendo em seu celular. — É uma pena que ela vá sair com o Rodrigo hoje.

— Hmm, interessante essa nossa conversa, mas eu tenho que sair. Se quiser, fique, mas mantenha o apartamento arrumado — disse ignorando o joguinho que a Mia estava fazendo. Ela queria que eu ficasse com ciúmes, mas mal sabia ela que eu já estava.

— Vai aonde? Deixa eu ir com você! — Ela disse andando atrás de mim.

— Mia, estou indo resolver algo muito importante e não posso te levar comigo — disse enchendo as vasilhas de Max.

— Por favor, me leva! Eu estou extremamente entediada, não tem nada para fazer nessa cidade! Eu prometo me comportar — ela me implorou e eu desisti. Eu não conseguia dizer não para ela.

— Está certo, Mia. Mas você não vai contar a ninguém o que estamos fazendo, ok?

— Não conto, prometo! — Ela disse. Ela desceu até a garagem comigo e entrou no meu carro em silêncio, como se para provar

que ia se comportar.

Sáimos da garagem e ficamos na minha rua. De lá, eu conseguia ver claramente a frente da casa da Vale.

Ficamos lá esperando por um tempo. Eu não sabia que horas eles iriam sair, por isso ficaria observando quanto tempo fosse necessário.

Passaram-se alguns minutos e nada. Mia já estava impaciente ao meu lado.

— Nossa, Chris, se eu soubesse que ficar do lado de fora da sua própria casa seria sua diversão da noite, eu teria preferido ficar lá em cima com o Max, eu me divertiria muito mais — ela disse com ironia, estendendo a mão para ligar o rádio. Eu dei um tapa de leve na mão dela, não podíamos chamar atenção para nós.

— Não vamos passar a noite toda aqui, tenha paciência — disse olhando fixamente para o carro que tinha acabado de estacionar na porta da Vale.

— Eu não acredito que estamos fazendo isso! Que tola eu fui! Como pude não notar que já está acontecendo alguma coisa entre você e a ruiva? — Ela disse em tom acusador.

— Não é da sua conta o que acontece entre a gente, Mia — disse e ela se animou ainda mais.

— Ai, meu Deus! Então está mesmo acontecendo alguma coisa entre vocês! Que maravilha! — Ela disse dando pulinhos em seu banco.

Revirei os olhos, ignorei a Mia por um tempo e vi a Vale descendo e caminhando até o carro. Ela estava linda, linda demais.

Saí do meu transe, liguei o carro e mandei a Mia colocar os cintos.

— Vamos seguir eles? Você está falando sério? — Ela questionou me olhando assustada.

— Vamos sim, se não quiser ir, desce agora e fica com o Max! — Disse ligando o carro.

— Acha mesmo que eu vou perder você se comportando feito um stalker? Eu vou junto, quero ver a ruiva brigando com você — ela riu. — Você sabe que ela vai fazer isso, né?

— Cala a boca, Mia! — Disse a ela e voltei a prestar atenção no trânsito.

Ela empurrou meu ombro e pegou seu celular.

Segui eles pela estrada que ia para a cidade vizinha e reconheci o restaurante para o qual eles estavam indo.

Nós vínhamos muito aqui quando éramos crianças. Antes da Mia nascer, mamãe adorava esse lugar, então nos trazia sempre.

Estacionei e esperei a Mia sair do carro. Ela estava fazendo as coisas numa lentidão de propósito, só para me irritar.

— Vamos, Mia! — Disse apressando-a.

— Calma! Eu não sabia que iríamos a um restaurante. Eu nem ‘tô arrumada, deixa eu terminar essa trança no meu cabelo — ela disse se olhando no espelho retrovisor.

— Você veio por que quis! Anda! — Disse impaciente e ela terminou de se arrumar, caminhando ao meu lado.

Avistei a Valentina em uma mesa mais à frente, de olho no cardápio.

Peguei uma cadeira e coloquei na mesa deles, dizendo: — Boa noite, será que posso me sentar com vocês?

O tal do Rodrigo olhou para mim e questionou: —Desculpa, mas quem é você? Você o conhece, Valentina?

Eu ia responder, mas a Valentina começa a dizer: — Sim, eu o conheço, ele é meu...

— Sou o namorado dela, e você, quem é?

O cara ficou sem fala e completamente constrangido. Valentina, por outro lado, estava irritada. Mia sentou-se casualmente à mesa, assistindo tudo com um sorriso enorme no rosto.

— Não responde, Rodrigo, porque o Christopher não é meu namorado e eu não sei o que ele está fazendo aqui — ela disse olhando para mim.

— Como você pode dizer que não estamos namorando depois da noite de ontem? — Eu disse provocando-a.

— Se estivéssemos mesmo namorando, eu saberia. Mas agora, depois dessa ceninha sua, acho que não vai ter namoro tão cedo — ela disse com deboche.

— Pare de me provocar — disse a ela em tom firme e virei para o Rodrigo, dizendo: — Olha, cara, se você está pensando em ter alguma coisa com ela, desista.

— Christopher, eu não acredito que você está fazendo isso! — Ela disse se levantando e dizendo ao Rodrigo: — Desculpe-me. Você me espera um pouquinho? Eu já volto! — Depois virou para mim, puxando minha camisa e dizendo: — Você, vem comigo agora!

Eu levantei e eu caminhei com ela para o pátio do restaurante, deixando a Mia lá com o Rodrigo, que não estava nem um pouco contente por eu ter interrompido seu encontro.

Valentina se encostou no cercado e me encarou. Ela estava furiosa.

— Você acha que só porque estamos juntos isso faz de você o meu dono? Que vai controlar com quem eu saio, com quem eu converso ou protagonizar cenas absurdas como essa que acabou de acontecer? — Ela questionou visivelmente irritada e decepcionada.

— Claro que não, eu só estava com ciúmes! Eu não queria que você se encontrasse com ele hoje, não depois da noite que tivemos juntos... — Disse me aproximando dela.

— O que eu te pedi ontem? Para irmos devagar com isso tudo! Não é porque eu saí com um amigo que eu estou automaticamente te traindo! Eu achei que você fosse melhor que isso, Christopher — ela devolveu, afastando-se bruscamente de mim.

Choquei-me com a reação dela, e então parei para pensar no que tinha acabado de acontecer. O segundo choque veio quando notei o quão irracional eu fora. Eu a segui, traíra sua confiança e me comportara feito um perfeito idiota. Um stalker. Meu Deus, eu vivia num mundo onde Mia estava certa! Passei a mão pelos cabelos, nervoso.

— Eu sei que você não está me traindo e que o que eu acabei de fazer foi completamente idiota. Deus, Vale! Desculpe-me, de verdade. Eu sei que você não tem motivos para acreditar em mim, mas eu prometo que vou tentar controlar meus ciúmes. Eu só não sei o que acontece comigo, mas quando se trata de você, eu simplesmente perco a cabeça... — disse chegando até ela e segurando suas mãos.

— Você já me disse isso ontem e olha só o que aconteceu! Não quero outro relacionamento assim com ninguém, muito menos com você — ela disse abaixando a cabeça. Sua voz estava embargada, ela estava chorando. Desesperei-me. O que eu havia feito? Ela estava chorando por minha causa!

— Vai ser diferente, eu prometo! Eu não vou deixar o ciúme me controlar mais uma vez, eu juro! Faço qualquer coisa para te

fazer feliz, Valentina. Mas as coisas entre a gente são tão... — Disse a ela, mas parei e pensei para definir o nosso relacionamento em uma só palavra.

— Intensas. Tudo entre a gente é intenso demais. Por isso precisamos ir com calma, Chris, ou isso não vai dar certo. Eu vou te perdoar agora, mas que essa seja a última vez — ela disse olhando em meus olhos, enquanto limpei suas lágrimas e a envolvi em um abraço cheio de carinho.

— Eu prometo. Vamos dar uma volta na praia? — Questionei beijando seus cabelos.

— Mas e o Rodrigo e a sua irmã? Eles estão nos esperando — ela disse beijando sutilmente meu pescoço.

— Eles esperam mais um pouquinho. Por enquanto, eu só preciso me desculpar com a minha garota — disse a ela de uma forma romântica, entrelaçando nossos dedos.

— Eu não sou mais uma garota.

— É. Você é uma belíssima mulher. E minha, só minha — disse dando-lhe um beijo longo e repleto de paixão.

Dezessete



Christopher e eu andamos por toda a pequena extensão iluminada da praia. Quando vi o arrependimento real em seus olhos, não pude não o perdoar. Eu sabia que ele se esforçaria para ser melhor. No fim das contas, o Chris sabia se desculpar direitinho, fazendo juras de amor e pedindo permissão com o olhar antes de me beijar, como que para mostrar que eu podia confiar nele.

Fazia muito tempo que eu não me sentia assim: leve e feliz.

— Vamos voltar, Chris. Eu estou com dó do Rodrigo, deixei o coitado plantado lá — disse me aconchegando ainda mais nos braços dele. Tínhamos sentado na beira da praia e eu estava entre suas pernas.

— Ele vai entender. A Mia está fazendo companhia a ele — ele disse depositando beijos em meu pescoço.

— Mesmo assim, nós nem conversamos direito pela maneira que você chegou. Ele é um cara legal. Eu acho que vocês seriam amigos, vocês têm gostos parecidos para música — disse acariciando seus braços.

— Duvido muito. Mas não vamos falar dele, vamos falar de nós dois. Eu quero te levar para jantar e quero saber quando você pode.

— Não sei. Se for na sua casa, qualquer dia, mas se for em outro lugar, só fim de semana. Eu não posso me ausentar de casa por muitas horas, principalmente à noite, ou o meu dia seguinte não é nada produtivo — expliquei a ele.

— Entendi. Eu acho que seria legal a gente sair no próximo fim de semana, eu quero te levar até a casa da minha tia Nina lá em Porto — ele revelou e eu fiquei animada.

— Eu vou adorar! Podíamos aproveitar o feriadão de sexta, né? — Sugeri.

— Eu nem lembrava que era feriado! Espero que o Bernardo não me invente de ir para lá com a Sophia.

— Espero que não, quero curtir esse tempinho só com você — disse dando um selinho nele.

— Eu também quero. Amanhã eu já passo na casa dos meus tios e pego as chaves — ele disse se levantando e me ajudando a levantar. E, então, me beijou novamente de um jeito meigo e carinhoso, deixando-me ainda mais apaixonada por ele.

Caminhamos de volta para o restaurante, onde a Mia e o Rodrigo conversavam e comiam saladas verdes demais para meu gosto.

Ao nos ver, Mia falou, em tom brincalhão: — Nossa, como vocês demoraram! Eu já ia mandar uma equipe de buscas.

Rimos e o Chris apertou seu nariz, dizendo: — Engraçadinha.

Sentei-me ao Lado da Mia e o Chris ao lado do Rodrigo, que chamou o garçom para que trouxesse os cardápios novamente.

— Então... Vocês estão juntos? — Mia me perguntou.

— Bem, sim. Mas não queremos alarde disso, vocês são basicamente as primeiras pessoas a saberem — revelei olhando para os dois.

— Só porque ele terminou com a chatinha? Que besteira! Não irão falar nada de vocês não — Mia disse.

— Não é questão de falar, Mia. Mas não fica bem, seu irmão acabou de terminar com ela, não quero que criem boatos — eu disse e o Chris concordou.

— É melhor mesmo. Cidade pequena é bem complicado — Rodrigo disse.

— Nem me fale, eu não tinha esses problemas em São Paulo — acrescentei e eles riram.

— Já eu tomei pavor de cidade grande. Tive muitos problemas lá, principalmente com minha ex-mulher — Rodrigo disse chateado.

Chris fez uma careta para o cardápio e pediu dois sucos para nós, então eu perguntei: — Já resolveu a situação com a sua filha?

— Você tem filha, professor? — Mia questionou antes que ele pudesse responder.

—Tenho sim. A Ana Luiza tem quatro anos. Mas infelizmente não, Vale. A mãe não quer compartilhar a guarda — ele disse cabisbaixo.

— Puts, cara, que barra. Olha, o meu tio é advogado, eu acho que ele pode te orientar a agir da melhor maneira para conseguir a guarda da sua filha — Chris disse a ele e eu sorri ao ver a interação entre os dois, afinal, Rodrigo estava começando a se tornar meu amigo.

— Cara, isso seria ótimo, porque esse meu advogado não está fazendo muita coisa. Faz meses que não vejo a minha filha e ele não tomou nenhuma atitude diante disso — ele disse frustrado.

— Meu tio Liam é ótimo, ele se especializou advocacia familiar depois que adotou meu primo, creio que ele vai te ajudar muito — Chris disse a ele, que pareceu mais tranquilo.

Nossos sucos chegaram e bebemos, enquanto Mia e Rodrigo terminavam suas saladas. Mia não parecia se importar com aquela comida natureba, mas eu sabia que ia precisar fazer um miojo quando chegassem em casa. Na volta, me despedi do Rodrigo, agradecendo-o pela noite e combinando de apresentá-lo ao Liam no dia seguinte.

Entrei no carro do Chris e fomos até o Sitio dos Sullivans. Mia, que tinha conversado comigo durante todo o caminho, adormeceu assim que entramos na cidade.

Fiquei no carro enquanto Chris a levou no colo até em casa. Na volta, ele estacionou em sua casa e caminhamos até a minha.

— Está entregue — ele disse enlaçando minha cintura, me mantendo juntinha a ele.

— Obrigada pela noite, apesar dos pesares, eu me diverti bastante — disse lhe dando um selinho.

Ele retribuiu me dando diversos selinhos, e depois intensificou, me dando um beijo apaixonado daqueles de tirar o fôlego.

— Preciso ir, ou vou acabar te pedindo para ficar — disse com o rosto em seu pescoço.

— E o que há de mal nisso? — Ele questionou me abraçando ainda mais apertado. Eu apenas ri e me despedi mandando um beijo para ele. Então, atravessei o portão, subindo para o meu apartamento. Corri até a janela e dela pude vê-lo indo até sua casa.

Instantaneamente me arrependi de não ter pedido para ele ficar.

Meu Deus!

Eu estava completamente apaixonada por aquele homem.

Dezoito



Entrei em casa me sentindo o homem mais feliz do mundo. Valentina fazia isso comigo, ela me deixava assim.

E eu não podia negar.

Estava completamente apaixonado por ela.

E podia sentir que ela me amava também.

Era cedo demais para dizer isso ela, mas isso não me impedia de demonstrar de diversas maneiras.

No dia seguinte, eu iria bem cedo à casa dos meus tios para pedir a chave da casa de praia emprestada. Lá sim seria o lugar perfeito para me declarar e demonstrar de o quanto eu amava a minha ruiva.

Adormeci em meio a sonhos com a Vale e, no dia seguinte, acordei muito bem-disposto. Mandeí uma mensagem para ela, tomei um banho, me arrumei e fui em direção à casa dos meus tios.

Resolvi levar Max comigo para um passeio de carro. Eu aproveitaria para deixá-lo na casa dos meus pais, já que ele adorava passar um tempo lá.

Estacionei em frente à casa dos meus pais e não vi nenhum movimento, a maioria das crianças devia estar dormindo ainda, já que eles estudavam em turnos diferentes. Libertei Max, que correu atrás dos outros cachorros e caminhei até a casa vizinha a dos meus pais.

Toquei a campainha e vi a tia Nina abrir a porta com uma cara de sono, acho que tinha acabado de acordar.

— Chris? Bom dia, meu querido — ela disse ao me ver, puxando-me para um abraço.

— Bom dia, tia. Desculpa ter te acordado, mas eu precisava falar com a senhora. Pedir um favor, na verdade — disse meio acanhado, entrando com ela na casa.

— Oh, meu querido fique à vontade. Mas vamos lá na cozinha que eu vou preparar um café para nós dois — ela disse me levando até a cozinha. Eu nem tentei contestar o convite, já que eu sabia o quanto ela era insistente.

— Obrigado, tia — sentei-me em um dos bancos à mesa e aguardei ela terminar de colocar as coisas no balcão.

Começamos a comer e ela questionou: — Vamos lá, me diga o que o meu sobrinho favorito está precisando.

— Estou querendo passar o feriadão em Porto Bello, tia. E eu gostaria de saber se poderia ficar na sua casa da praia — perguntei a ela, que sorriu para mim, respondendo: — Claro que sim! Você vai levar alguém especial com você? — Ela questionou sonhadora.

— Sim, pretendo. E aquele lugar perfeito para isso.

— Eu sei bem, vivi momentos mágicos por lá... Seu tio me pediu em casamento naquela praia e foi um dos melhores dias da minha vida, sabia? — Ela me contou enquanto o Bernardo entrava na cozinha.

— Bom dia, cara! O que está fazendo aqui tão cedo? — Ele questionou.

— Vim pegar as chaves da casa da praia com sua mãe — expliquei a ele.

— Vai para Porto também? — Ele questionou.

— Como assim “também”? O que você vai fazer lá? — Perguntei confuso.

— É o casamento do meu primo Heitor. Ele e a Laura irão se casar no domingo, então devo ir para lá no sábado.

— Ah, que bom, eu vou na sexta. Você vai precisar da casa? — Questionei.

— Não, vou ficar na pousada para os convidados. Aproveitarei as vantagens de ser amigo do prefeito — ele disse se gabando.

— Sorte a sua! — Disse voltando a comer os quitutes que estavam na mesa.

— Vai levar alguém com você? — Tia Nina questionou a ele.

— Vou — ele disse simplesmente, colocando café na caneca.

— Vai apresentar ela para a sua família antes? — Ela perguntou a ele.

— Possivelmente — ele disse e vi minha tia se irritar. Virando para mim, ela questionou: — Christopher, por um acaso você conhece a namorada misteriosa do Bernardo? Porque ele está saindo há meses com essa garota e não tem a decência de apresentá-la a família!

— Vai começar — Bernardo resmungou antes que eu respondesse.

— Olha tia, eu conheço ela sim. Antes também não entendia o porquê dele não a apresentar para família, mas agora, nesse momento da minha vida, acho melhor dar tempo a ele. Em breve vocês irão conhecê-la — revelei pensando na minha situação com a Valentina.

— Ok, então. Não concordo, mas farei um esforço para entender — ela disse ainda contrariada, levantando-se. — Um bom dia para vocês, vou me arrumar para trabalhar um pouco — ela se despediu de nós, mas, antes que ela pudesse sair, o Bernardo a chamou: — Mãe, quarta eu a trarei aqui para jantar conosco, o que acha? — Ele questionou e ela sorriu, voltando para abraçá-lo.

— Eu adorei! Obrigada, meu bebê! — Ela disse e ele ficou constrangido, mas aceitou de bom grado o carinho da mãe.

Um tempo depois, escutamos ela no telefone. Provavelmente estava falando com minha mãe e montando o cardápio para o jantar. Rindo desse fato, despedi-me de Bernardo e fui até a casa dos meus pais, onde encontrei minha mãe, de fato no telefone com a tia Nina. Minha avó também estava lá, focada na televisão. Cumprimentei as duas e fui em direção ao quarto da Mia, bati na porta e ouvi o grito dela me convidando para entrar.

O quarto dela tinha as paredes em tom azul bebê, móveis brancos e estava repleto de roupas e cadernos espalhados pelo chão.

Ó, garota desorganizada!

— Bom dia, preguiçosa — disse sentando na beirada da sua cama.

— Bom dia, seu chato! O que quer de mim a essa hora da manhã? — Ela questionou emburrada. Mau humor matinal!

— Vou levar a Valentina para casa da praia em Porto e queria fazer algo romântico para ela por lá, mas eu não sou muito bom com essas coisas. Pode me ajudar nisso? — Perguntei a ela.

— Depende — ela sorriu marota. — O que eu ganho com isso?

Suspirei. Claro que Mia não poderia simplesmente me ajudar pela bondade de seu coração.

— Eu deixo você usar meu apartamento quando você precisar sair de casa.

— Hmm. E o que mais? — Ela fingiu considerar.

— Cinquenta reais?

— Quantos anos você acha que eu tenho? Isso não paga nem a assinatura do meu Box literário!

— Está bem. Eu compro bebida para você e não conto para os nossos pais, pode ser? — Finalmente falei o que Mia realmente queria, então ela sorriu satisfeita.

— Claaaaro que eu te ajudo, irmãozinho querido! Pelos deuses, já estou tendo mil ideias! Vou pesquisar na internet e em algumas lojas por aqui e te digo — ela disse se levantando muito animada.

— Qualquer coisa você me manda uma mensagem, ok? Eu preciso trabalhar, tchau — disse beijando a testa dela e me despedindo. Ela podia ser do jeito durão dela, mas eu a amava. Eu sabia que, mesmo que eu não a desse nada em troca, ela ainda ia me ajudar.

Fui para casa e fiquei feliz ao ver que o Bruno tinha aberto a oficina e já estava trabalhando. Era ótimo poder contar com a ajuda dele e diminuir minhas responsabilidades. Fiz a parte burocrática e o deixei cuidando de alguns carros.

Quando ele foi para a escola, saí apenas para o almoço e voltei para trabalhar, dessa vez colocando a mão na graxa.

No fim do dia, eu estava exausto, mas estava trocando mensagens com a Vale e controlando a minha vontade de ir vê-la.

Ela estava cansada e com dor de cabeça, disse a mim que o dia havia sido bem exaustivo e que ela só queria tomar um banho e dormir.

Depois de jantar, mandei uma mensagem para ela e não obtive resposta, ela já deveria estar dormindo. E, mesmo sabendo que ela só veria no dia seguinte, enviei uma última mensagem antes de me deitar:

>> minha cama me parece tão estranha sem você aqui para dividi-la comigo. Estou contando os dias em que poderei dormir livremente com você ao meu lado.

Espero que, ao acordar, você esteja melhor.

Beijos, minha ruiva.

Dezenove



Dormi feliz após a noite maravilhosa que tivemos juntos. Christopher me encantava cada vez mais e, se é que era possível, fazia eu me apaixonar ainda mais por ele.

Eu me arrumei para ir ao trabalho, já sabendo que o dia seria longo: vesti uma calça jeans, uma camisa com o logo da Mulher Maravilha e um tênis.

Tomei um copo de Iogurte, comi um sanduíche, arrumei minhas bolsas e fui para aula, mas não antes de ler uma mensagem do Chris.

>> pensando aqui no quanto seria bom acordar ao seu lado, adorei nossa noite ontem, não vejo a hora de repetir por muitas e muitas vezes.

Sorri e o respondi apenas com um coração.

Corri para a escola, pois estava quase atrasada. Dei as aulas da manhã, fiz o meu planejamento nas aulas vagas, optei por voltar para casa para almoçar.

À tarde, iniciei as aulas no primeiro ano. A turma estava muito desatenta e barulhenta, foi bem complicado conseguir um pouco de atenção e respeito daquela turma, já que todos estavam agoniados e animados para uma tal festa que aconteceria.

Saí da sala com dor de cabeça e caminhei para a turma do segundo ano, que havia sido dividida em duas. Consegui cumprir todo o meu plano de aula nessa sala: os alunos conversavam, mas pelo menos prestavam atenção no que eu estava falando.

Quando entrei na sala da Mia, o barulho da conversa voltou. O assunto da sala era a tal festa na casa da Aria, uma menina do terceiro ano.

Chamei atenção deles dizendo: — Boa tarde! Sei que a tal festa promete ser maravilhosa, mas no momento precisamos focar na

aula, vocês terão o intervalo todo para falar sobre isso!

A sala fez silêncio e prestou atenção. Comecei a distribuir o livro com que trabalharíamos naquele semestre, pedi que se reunissem em grupos e trocassem entre si as primeiras impressões sobre o livro e escrevessem em uma folha para me entregar. Durante a atividade, percebi uma troca de papéis e olhares entre a Mia e o Afonso. Ele era um cara legal, mas bem mulherengo, ou pelo menos era o que eu tinha percebido durante esses dias na escola. Todas as meninas babavam e disputavam ele.

Resolvi não intervir, a não ser que ela falasse comigo. Mia era muito nova para ter seu coração partido por uma paixonite adolescente.

Terminei a aula recolhendo os papéis e saindo da sala. Mia me acompanhou, animada.

— Não acredito que agora posso finalmente te chamar de cunhada! — Ela gritou me abraçando.

— Fala mais baixo, garota! — Repreendi, mas retribuí seu abraço.

— Opa, esqueci que era segredo. Mas é que eu estou tão feliz que mal posso me conter — ela disse quando nos sentamos em uma das mesas do refeitório.

— Também estou muito feliz com seu irmão, mas não quero que digam ou façam algo contra nós dois.

— Eu entendo, super entendo, de verdade. Mas eu apoio e amo demais vocês juntos, são o meu casal favorito da vida!

— Fico feliz com isso, mas preciso desesperadamente de um remédio de dor de cabeça — disse mudando de assunto colocando a mão em minha têmpora.

— Vish, tem algum remédio aí ou quer que eu compre? — Ela questionou preocupada.

— Vou comprar ali na lanchonete, já aproveito e compro alguma coisa para comer — disse e me levantei para comprar. Quando voltei, encontrei a mesa repleta de pessoas.

Dom, Bruno, Mario, Lua e Rodrigo estavam sentados junto com a Mia, conversando animadamente. Sentei-me com eles e percebi que o assunto era novamente a tal festa.

— Sério? Acho que o único assunto que ronda essa escola hoje é essa festa — disse um pouco irritada.

— Se acostuma. Quando o assunto é festa, essa galera não fala de outra coisa — Rodrigo disse alisando meu ombro, tentando me confortar.

— Tipo, não tem como não falar dessa festa! É uma festa da Aria Lóris, as festas dela são lendárias! — Lua explicou animada e os outros concordaram.

— Lua, eu preciso ir para essa festa! Você precisa pedir e implorar aos meus pais! — Mia disse, dramática.

— Seus pais não deixariam você ir? — Questionei.

— Não. Papai e mamãe são muito caretas em relação a festas. E em relação a qualquer coisa divertida, para falar bem a verdade — ela disse chateada, se encostando no ombro do Dom que rapidamente fez carinho em seus cabelos.

Rapidamente o assunto mudou e o Rodrigo disse para mim: — Já falei com o seu tio. Eu vou me encontrar com ele amanhã de manhã para colocá-lo a par de todo o processo.

— Que bom! Eu espero que veja sua filha logo — disse a ele.

O sinal bateu e fui para mais uma sala de terceiro ano. O assunto, dessa vez, não era a festa. Estavam fazendo bullying com uma das meninas da sala, algo relacionado a uma foto dela de calcinha e sutiã disseminada pelo WhatsApp de todos da sala.

Fiquei completamente chocada com o que eles diziam. Os comentários maldosos que saíam da boca dos adolescentes me deixaram estarelecida e a menina saiu da sala chorando, correndo em direção ao banheiro.

Enfurecida com o acontecido, mudei completamente meu plano de aula, pedindo que todos, sem exceção, escrevessem um texto com o tema “*Porque devo ter empatia pelo outro?* ” Colocando o significado da palavra no quadro.

— Ai, professora, o que é isso, foi apenas uma brincadeira! — Um dos meninos resmungou, e muitos concordaram.

— Brincadeira? — Rebatu incrédula. — O que vocês estão fazendo é bullying! Vocês gostariam de ter suas intimidades expostas para todo mundo, assim?

Os alunos se entreolharam, então uma das garotas ergueu a mão.

— Professora, a senhora me desculpe, mas se ela não queria que todos comentássemos, ela não devia ter tirado aquela foto.

Respirei fundo. Uma, duas, três vezes. Eu precisava manter a calma. Eles eram apenas adolescentes, moravam em uma cidade pequena. Eles ainda não conheciam a dura realidade da vida.

— Eu tenho certeza que a Agnes não queria que essa foto vazasse. Seja para quem for que ela tirou, ela confiava plenamente na pessoa, acreditando que essa foto jamais chegaria nas mãos de outras pessoas. Quem vazou a foto foi covarde e baixo. Como vocês acham que ela está se sentindo? Não me importa se ela tirou ou não, vocês gostariam de ter suas confianças traídas por uma pessoa que vocês amam e depois ter que ouvir os comentários que vocês estavam fazendo? Ela precisa do apoio dos colegas agora! É da responsabilidade de todos vocês parar de compartilhar essa foto, parar de julgá-la e oferecer algum consolo para a pobre garota.

Após muitos protestos e discussões, eles começam a escrever. Mande uma mensagem para Rodrigo para ele vir para a sala e ficar de olho neles para mim, atualizando-o da situação, e fui atrás da aluna.

Encontrei Agnes chorando sentada em cima de um dos sanitários. Agachei-me em sua frente e ela me encarou.

— Oi, meu bem. Quer conversar? — Perguntei tirando os cabelos do seu rosto.

— Não. Eu quero ir para casa e não voltar mais para essa escola — ela disse derramando mais lágrimas.

— Não diga isso, querida. Eu sei que deve estar sendo muito difícil para você. Eu não sei quem fez isso com você, mas não é sua culpa. E eles estavam sendo muito maldosos, sim, mas você não fez nada de errado. Eu sei que você não queria que isso acontecesse. E não precisa ter vergonha de quem você é ou do seu corpo. Você é linda, Agnes — disse limpando suas lágrimas.

— Não sou, sou uma puta gorda e horrível, não foi isso que eles disseram? Que eu deveria morrer com a minha gordura! E o pior é que eu fiz por amor... e eu acreditei que era amada, mas eles só queriam rir de mim! — Ela disse abaixando a cabeça e chorando novamente.

— Você é linda, Agnes! Essa pessoa não te merece! Você ainda vai encontrar alguém que te ama exatamente do jeito que você é. Além do mais, você não precisa do amor de ninguém além do seu amor-próprio. Não liga para o que eles falam, você tem que se amar e gostar de você antes de tudo. O corpo é seu e a vida é sua. Aprenda a se amar mais, minha linda, assim você vai atrair pessoas que te amam, não vai cair no papo de gente covarde que quer o seu mal e os comentários deles não farão mais efeito — eu disse a ela lhe dando um abraço.

Ela chorou um pouco mais ali, em meus braços. Fui com Agnes até a diretoria e relatei à diretora todo o acontecido. A diretora perguntou para Agnes se ela queria contar quem tinha feito aquilo com ela, mas ela se recusou a entregar quem quer que fosse. Propus, então, abordarmos em toda a escola alguma iniciativa contra o bullying. A diretora me avisou que colocaria a proposta em pauta na próxima reunião.

Voltei para a sala alguns minutos antes da aula terminar e vi os textos de alguns alunos que já tinham terminado, mas vi, também, que alguns nem haviam começado, e eram aqueles que estavam fazendo comentários maldosos com a Agnes. Provavelmente foi algum deles quem a enganou para conseguir a foto.

Esperei a aula terminar e levei os cinco, três meninos e duas meninas, até a diretoria. Eles terminariam o texto lá e, como ninguém quis admitir ter enganado Agnes, os cinco levariam uma advertência para casa. Com toda essa história, minha dor de cabeça acabou voltando.

Fui para a sala do outro terceiro ano e encontrei Lua e Bruno aos beijos na porta da sala. Separei os dois e os mandei sentar em seus lugares.

E mais uma vez o assunto da sala era a festa da Aria. Eles não falavam de outra coisa, era incrível. Com muito esforço e paciência, consegui seguir todo o meu plano de aula.

Ao fim da aula, fui para casa pensando na Agnes, no que fizeram com ela e isso me entristeceu profundamente.

Minha cabeça ainda doía. Não havia sido um bom dia.

Vi que meu celular estava prestes a desligar e resolvi mandar uma mensagem para o Chris avisando que iria comer alguma coisa e dormir logo depois.

Tomei um banho, comi um sanduíche de queijo com um suco de maracujá e me deitei.

Coloquei meu celular para carregar e adormeci rapidamente.

Na manhã seguinte, acordei bem-disposta e, ao ligar meu celular, sorri ao ver a mensagem que o Chris havia me mandado.

Ele era um amor e me fazia tão bem...

Respondi sua mensagem dizendo: >> *eu sonho com os dias em que você será o primeiro rosto que eu verei ao acordar. Será possível gostar de alguém tanto assim? O que sinto por você só cresce...*

Espero te ver hoje.

Beijos, meu Chris.

Vinte



Acordar com a mensagem da Valentina foi a única parte boa do meu dia. Saber que ela queria estar comigo aqueceu meu coração e me deu mais certeza de que o que eu sentia por ela era correspondido.

Depois desse momento, todo o meu dia foi extremamente cansativo. Bruno não pôde vir trabalhar, pois sua irmã estava doente e precisava de cuidados.

Apareceram dois carros com problemas simples, mas que me exigiram um bom tempo para consertar. Acabei ficando sem umas peças e tive que ligar para o fornecedor para solicitar uma nova remessa. Depois, tive que ir à casa do senhor Vieira para trocar os pneus do seu carro, ele iria viajar para ver os netos e precisava que eu fizesse isso urgentemente. Eu não fazia muitos serviços domiciliares, mas abria exceções em alguns casos ou pessoas.

No final do dia eu estava cansado, mas havia conseguido fazer tudo o que eu precisava. Deitado no sofá, estava descansando um pouco e pensando no que faria para o jantar.

Max dormia com sua cabeça encostada em minha barriga. Eu estava pensando em levá-lo para casa dos meus pais no feriado, ele gostava do espaço e da companhia.

Liguei a televisão, assisti a um filme de ação que estava passando e acariciei os pelos de Max, que despertou assustado ao tocarem a campainha. Ele correu e começou a latir.

Coloquei uma camisa regata e caminhei até a porta, encontrando Valentina repleta de sacolas em uma mão e com uma bandeja em outra.

- Oi, meu amor — ela disse me dando um beijo e andando até a cozinha, onde colocou tudo o que ela tinha trazido.
- Oi, ruiva. Eu já estava com saudades de você — disse distribuindo vários beijos em seu rosto.
- Eu também estava, por isso resolvi fazer um jantar bem gostoso para nós dois, com direito a uma sobremesa bem especial — ela disse desempacotando as coisas e ficando mais à vontade na minha cozinha.
- Sobremesa especial? Preciso adivinhar ou vai me contar? — Questionei enlaçando sua cintura, mantendo-a mais próxima a

mim.

— Vou deixar você adivinhar, ela é doce e muito gostosa — ela disse e eu questionei provocando-a: — Hmm, é você?

— Não seu bobo — ela disse me dando outro beijo e saindo dos meus braços, indo até o balcão para me mostrar uma bandeja com pudim.

— Eu mesma que fiz quando cheguei do trabalho, por isso não vim antes, aliás — ela disse o colocando na geladeira.

— Você lembrou! — Disse espantado e ainda mais encantado por ela.

— Claro! Como não lembrar da sua sobremesa favorita? Eu ainda me lembro da primeira vez que comi — ela disse e eu também me lembrei. Foi em uma tarde chuvosa de domingo.



Mamãe estava na cozinha enquanto eu e a Valentina estávamos na sala jogando damas. A Vale estava roubando.

Sim! Ela era muito esperta, mas não era possível ela estar ganhando esse jogo.

— Vale, para de fazer isso! — Disse quando ela tirou mais algumas peças minhas do jogo.

— Aceite perder, Chris! E fique mais atento, é chato ganhar toda vez! — Ela disse emburrada.

— Só estou perdendo por que você está trapaceando! — Disse em tom acusador.

— Eu não estou trapaceando, seu mau perdedor! — Ela gritou jogando todas as peças em meu rosto e indo para cozinha, atrás de minha mãe.

Fui atrás dela para contestar qualquer coisa que ela dissesse, mas a encontrei sentada no balcão, observando mamãe fazer pudim, minha sobremesa favorita.

Como ela não disse nada, comecei a me sentir um pouco mal. Talvez ela não estivesse trapaceando.

Caminhei para fora de casa, andando pelos jardins do sítio em busca dos girassóis: as flores favoritas da Valentina. Eu queria me desculpar com ela de uma maneira especial, não podia deixar que ela ficasse triste comigo para sempre.

No sítio vizinho, na casa dos Oliveira, tinha uma pequena plantação de girassóis. A senhora Joana cuidava delas todas as manhãs e elas estavam lindas. Retirei algumas com muito cuidado e fiz um pequeno buquê para a Vale. Voltei correndo para casa ao escutar minha mãe me chamar.

— Vai tomar um banho que eu e a Vale estamos te esperando para lanchar — ela disse. Eu escondi as flores nas minhas costas e entrei em casa. Encontrei a Vale sentada no tapete da sala arrumando os brinquedos que tínhamos usado.

Me aproximei dela e esperei ela notar minha presença. Ela olhou para mim, mas não falou nada. Acho que ainda estava chateada. Tirei as flores das minhas costas e as ergui em sua direção, dizendo: — Desculpa, Vale, eu não queria te chamar de trapaceira.

Ela olhou para as flores erguidas e me deu o maior sorriso, pegando-as e me dando um abraço.

— Desculpa sim! Obrigada pelas flores, eu adorei! Só não faça isso de novo! — Ela me disse entre o abraço.

Após o banho, me arrumei e voltei para sala. Mamãe colocou um filme para assistirmos e foi para a cozinha, voltando com dois potes cheios de pudim.

Ela nos deixou sozinhos e eu comecei a comer. Eu estava tão empolgado com o pudim que demorei para perceber que a Vale não estava comendo.

— Não gosta de pudim, a melhor sobremesa do mundo? — Questionei intrigado.

— Na verdade, eu nunca comi, meu pai não é muito fã de doces — ela explicou.

— Ah, que pena. Mas é uma delícia! Experimenta! — Disse colocando uma colher do meu pudim em sua boca.

Ela comeu, apreciando o gosto.

— Nossa, é muito bom mesmo! Quero mais! — Ela disse quando começou de comer o seu pote.

Ficamos em silêncio, comendo e assistindo ao filme pelo resto da tarde.



Enquanto a Valentina estava na cozinha ajeitando o nosso jantar, que seria um escondidinho de batata com carne moída, resolvi arrumar a casa, que estava parcialmente bagunçada.

Coloquei os brinquedos de Max em seu devido lugar, varri a sala, arrumando o sofá e o rack da televisão.

Fui até meu quarto, forrando a cama e limpando todo o lugar.

Voltei para sala e sorri ao vê-la tão à vontade em minha casa que, futuramente, seria nossa, caso tudo ocorresse como planejado em Porto.

Como ela trouxe as coisas quase prontas, resolvi ir arrumando a mesa de jantar que ficava entre a sala e a cozinha, próximo ao balcão. Coloquei os pratos, copos e talheres em seus devidos lugares. Retirei o vinho da minha pequena adega, colocando-o sobre a mesa.

— Precisa de ajuda com alguma coisa aí? — Perguntei me sentando em um dos bancos e me apoiando no balcão.

— Não, eu já estou terminando aqui — ela disse verificando mais uma vez o escondidinho no forno.

Resolvi, então, ligar o som em um volume agradável. Servi para nós dois uma taça de vinho e entreguei uma a ela.

— Esses jantares serão frequentes a partir de agora? — Questionei.

— Provavelmente. Nós precisamos tentar fazer um programinha a dois pela semana, se não só nos veremos no fim de semana, e não quero isso — ela revelou.

— Também não quero. Pelo contrário, eu quero passar cada momento da minha vida junto de você — me declarei para ela.

— Você é romântico demais, garoto! Eu me sinto uma insensível perto de você, olha as declarações que me faz — ela disse vindo até mim, colocando seus braços em meu pescoço.

— Você demonstra, sim. É nos pequenos gestos que percebemos os sentimentos um do outro — disse lhe dando vários selinhos. Puxo-a para mais perto, colocando-a entre minhas pernas e intensificando nosso beijo. Ficamos ali por um tempo até o cheiro da comida chamar nossa atenção.

Tirei o escondidinho do forno, levei-o até à mesa e sentei-me na cadeira. Valentina serviu a nós dois, enquanto eu enchia as taças de vinho.

Jantamos em silêncio, apenas apreciando a companhia um do outro.

Como era bom estar com quem a gente gostava!

No final do jantar, Valentina guardou o que sobrou do escondidinho, avisando que eu teria almoço para alguns dias.

Enquanto eu lavava os pratos, Vale foi tomar um banho, levando com ela uma pequena mochila que eu nem tinha notado até agora.

Limpei a cozinha e fui até a sala, sentando-me no sofá avaliando os diversos filmes disponíveis da Netflix.

Um tempo depois, Valentina voltou vestindo uma outra camisa minha, dessa vez uma preta com o logo do Batman.

Ela se sentou ao meu lado, aconchegando-se a mim, trazendo à tona novamente o cheiro de rosas que parecia vir só dela.

— Bela camisa — disse beijando seus cabelos, que mais uma vez estavam presos em um coque.

— Obrigada. Apesar de ser do Batman, ainda é bonita — ela disse acariciando minhas mãos e entrelaçando nossos dedos.

— Ainda não gosta do Batman? — Questionei e ela afirmou positivamente. — Pois agora vamos assistir o novo filme dele, quero ver se no final você ainda vai me dizer que não gosta — disse tirando da Netflix e colocando o DVD de Batman versus Superman para assistirmos.

No meio do filme, Valentina adormeceu e eu resolvi levá-la até minha cama. No momento que a coloquei sob o colchão, ela despertou meio sonolenta — Vai dormir aqui ou prefere ir para casa? — Perguntei acariciando seus cabelos.

— Vou ficar por aqui hoje, trouxe até minha roupa para ir trabalhar amanhã — ela disse se espalhando na cama.

— Que bom então. Eu vou tomar um banho e volto para deitar com você — disse e fui até o banheiro.

Quando saí de lá, encontro uma Valentina já adormecida. Vesti um short folgado e me deitei ao seu lado, aconchegando-me a ela.

Vinte e um



Acordei na manhã seguinte nos braços do Chris e pensei que não havia lugar melhor para estar que não ao seu lado.

Virei-me para ficar de frente para ele, beijando suavemente seu rosto, trilhando diversos beijos em seu pescoço. Ele despertou, puxando-me para um beijo longo e suave, repleto de sentimento.

— E tem maneira melhor de acordar? — Ele questionou fazendo carinho em meus cabelos.

— Não imagino. Eu amo estar com você — dei um beijinho em seu nariz. — Vou me arrumar para o trabalho, hoje teremos uma reunião e por isso os alunos serão liberados mais cedo. — Levantei-me para ir para o banheiro.

Escovei meus dentes e tomei banho, vestindo uma saia longa estampada e uma blusa regata. Saí do banheiro e encontrei Christopher ainda deitado na cama.

Que preguiçoso!

— Você não tem nada para fazer, não? Que namorado preguiçoso eu fui arrumar — sentei-me ao seu lado.

— Normalmente eu durmo mais pela manhã, mas o Bruno acabou de me mandar uma mensagem dizendo que vai ter que ficar com a irmã de novo — ele respondeu colocando o celular em cima da mesa de cabeceira.

— Queria conhecer um pouco mais sobre o Bruno... Eu já vi ele desistindo de tantas coisas para cuidar da irmã. Isso me preocupa, afinal, não sei muita coisa sobre os seus pais — revelei a ele, expressando minha preocupação.

— Eu sei que sua mãe faleceu há uns anos e que ele mora com a irmã mais nova e seu pai. Eu nunca vi ele reclamando de nada, mas não é a primeira vez que ele me avisa que vai ter que faltar — Chris disse salpicando beijos em meu ombro.

— Vou conversar com a Lua para saber um pouco mais. Agora preciso comer alguma coisa, ou vou me atrasar para a primeira aula — dei-lhe outro beijo e me afastei, mas ele me puxou, colocando-me deitada na cama e vindo para cima de mim, dando-me um beijo longo, calmo e repleto de desejo. Retribuí apreciando cada segundo daquele momento.

Estar com o Chris me transformava de várias maneiras.

Terminamos o beijo com muitos selinhos e eu disse: — Vou me atrasar por sua causa!

— A escola não é muito longe, podemos namorar mais um pouquinho — ele disse trilhando beijos sobre o meu pescoço.

— Eu não vou trabalhar com fome por sua causa, Christopher! — Empurrei-o e fui correndo até a cozinha.

Lá, comecei a preparar um café da manhã para nós dois e escutei o barulho do chuveiro. Resolvi caprichar para comermos assim que ele saísse.

Fiz uns sanduíches com queijo e presunto, esquentei o café e fiz um suco de abacaxi.

Estava terminando de colocar tudo sobre a mesa quando o Chris entrou na sala vestindo uma calça jeans e uma camiseta do Pink Floyd.

Meu namorado era um gato.

— Na próxima vez, eu levanto mais cedo para preparar o nosso café da manhã — ele disse me abraçando e beijando meu pescoço.

— Acho bom mesmo — disse bem-humorada.

Sentamos e comemos juntos. Chris segurou minha mão e manteve nossos dedos entrelaçados durante todo o tempo.

Quando terminamos, eu fui até o quarto para pegar minhas bolsas e caminhei para fora do apartamento.

Chris me acompanhou, segurando a coleira de Max, que parecia muito animado por sair. Andamos juntos e o meu namorado resolveu me acompanhar até o meu trabalho. Mesmo querendo manter as coisas em segredo por enquanto, não resisti e entrelacei nossos dedos em sua mão livre. E assim, caminhamos pela primeira vez como um casal. Algumas pessoas nos encaram, mas acho que isso era normal para uma cidade pequena.

Quando chegamos em frente à escola, ele me roubou um beijo no exato momento que seus irmãos chegavam na escola acompanhados de seu pai, Jake.

Cecília e Otávio vieram até nós dois, cumprimentando-nos com muitos beijos e abraços, mas logo entraram na escola.

Tio Jake ficou em nossa frente encarando-nos e sorrindo.

— Eu sempre soube que algum dia você se tornaria minha nora — ele revelou me abraçando, depois virou para o Chris, dizendo: — Não acredito que descobrir isso antes da sua mãe, ela vai pirar quando souber!

— Vai mesmo, por isso estou pensando em levá-la para o jantar de amanhã, na casa dos meus tios. O Bernardo vai apresentar a namorada dele e eu apresentarei a Valentina — ele revelou e eu olhei para ele, surpresa.

— Quando você iria me contar sobre esse jantar, Christopher? — Questionei um pouco irritada.

— Hoje, eu acho. Era para eu te contar ontem, mas esqueci — ele respondeu um pouco constrangido, coçando os cabelos.

Antes que eu dissesse mais alguma coisa, tio Jake se despediu de nós dois.

Um pouco mais calma, disse: — Se o seu pai não tivesse te lembrado agora, quando você me contaria? Poxa, Chris! Odeio ser informada das coisas em cima da hora.

— Foi mal, Ruiva! Sério, me desculpa, eu esqueci mesmo — ele disse fazendo carinho em meus cabelos com uma das mãos.

— Tudo bem, mas à noite você vai me contar como vai ser esse jantar e vamos decidir o que levaremos, não podemos aparecer de mãos vazias — roubei-lhe um beijo e me despedi, entrando na escola.

Dei as três aulas na quadra da escola. As crianças adoraram a mudança de ares. Fizemos uma leitura coletiva e uma produção crítica do que tínhamos lido. Antes de sair para o almoço, encontrei o Rodrigo com uma mocinha ao seu lado, devia ser a Ana Luiza.

Parei para cumprimentá-los.

— Oi, Rodrigo. Essa é a sua princesa? — Perguntei me agachando para olhá-la.

— Oi, Vale. É ela, sim, a Ana veio passar uns dias comigo, né, filha? — Ele disse animado.

— É sim, papai — uma voz doce e infantil me respondeu.

— Muito prazer, Ana. Eu sou a Valentina, amiga do seu pai — cumprimentei dando-lhe um beijo em seu rosto, no que ela sorriu para mim.

— Vou me encontrar com o Liam agora para acertar umas coisas do processo. Só de saber que estou com um novo advogado, a Nádia já deixou que a Ana Luiza viesse passar uns dias comigo, agora vamos lutar pela guarda compartilhada — ele me contou com alegria.

— Que bom, fico feliz por você — disse acariciando os cabelos de Ana. — Eu estou indo almoçar, vocês já comeram? — Questionei.

— Eu já, mas a Ana disse que não queria, apesar de eu insistir muito — Rodrigo respondeu.

— Quer ir almoçar comigo, Ana? Vou fazer um delicioso macarrão com purê e carne para almoçarmos — sugeri a ela.

— Hm, gostoso, mas não quero ficar longe do meu papai — ela respondeu apertando a mão do Rô.

— Não vamos demorar, minha casa é bem pertinho! Vamos comer enquanto o seu pai conversa uns assuntos bem chatos, se você quiser voltar para ficar com ele, eu te trago de volta — disse tentando tranquilizá-la.

— Está certo, então. Tchau papai — ela disse abraçando e beijando seu pai.

Segurando minha mão, caminhamos até minha casa. Liguei a televisão, colocando um filme de fadas que passava na televisão.

Fui para cozinha, colocando algumas batatas para cozinhar e coloquei a água para o macarrão no fogo.

Tirei uns bifes temperados da geladeira e comecei a fritá-los. Quando terminei, fiz o purê e, por último, o macarrão. Eu estava arrumando a mesa quando a campainha tocou. Corri para atender e, ao abrir a porta, encontrei o Chris.

— Oi, meu amor — disse dando-lhe um beijo.

— Oi, Ruiva! Vim conversar sobre o jantar — ele disse caminhando até a sala. Eu o segui e, ao ver a Ana, ele levou um pequeno susto. — Opa, temos visita! Oi, princesa.

— Oi, tio, sou a Ana Luiza — ela respondeu abraçando o Chris.

Acho que meu namorado encantava qualquer uma.

— Oi, Ana. Sou o tio Chris, tudo bem? Cadê o seu pai? — Ele questionou carregando-a no colo, levando-a até o sofá.

— O papai ele foi para uma reunião com um moço importante — ela explicou de um jeito sério, muito fofo.

— Ah, e você veio almoçar com a Vale? — Ele perguntou.

— Vim, a tia Vale me chamou para comer purê com ela — ela responde.

— Hmm, eu também gosto muito de purê — ele disse e eu o encarei.

— Essa é uma maneira *sutil* de você dizer que quer almoçar conosco? — Questionei bem-humorada.

— Eu comi uma besteira em casa, mas se você quiser me convidar, não vou reclamar — ele respondeu com humor.

— Vem para a mesa com a Ana que eu vou buscar mais um prato — disse indo até a cozinha pegar o purê, a carne e um prato para o Chris.

Sentamos juntos para comer e tudo o que eu conseguia observar era o cuidado e a paciência que o Chris tinha com a Ana. Ele cortava sua comida, conversava com ela, incentivando-a a comer.

Ele seria um pai maravilhoso.

E isso me matava por dentro.

Eu não sabia se conseguiria dar isso a ele.

Se o Chris quisesse ficar comigo, filhos não poderiam ser uma prioridade.

Vinte e dois



Depois de terminar de beber o suco, eu levei a Ana até o banheiro para limpar seu rosto e suas mãos. Voltamos para a sala e a Vale lhe deu um potinho de Danoninho.

Ela pegou o pote e fez uma careta engraçada.

— Isso é bom? Eu nunca comi — ela perguntou a nós dois.

— É muito bom, Ana. Prove, você vai amar — Valentina disse comendo uma colherzinha do Danone dela.

Ela provou, fez uma carinha fofa de que tinha gostado e comeu o Danoninho todo enquanto assistíamos a um desenho na televisão. Valentina estava guardando o que sobrou de comida e lavando os pratos.

Quando ela terminou, ela se sentou ao meu lado, deitando sobre o meu peito assim que eu a abracei.

— Ana, seu pai me mandou uma mensagem avisando que a reunião vai demorar mais um pouco, então vamos terminar de assistir ao filme e depois vamos para escola, ok? — Ela questionou e a Ana Luiza apenas consentiu, sem nem olhar para ela, totalmente vidrada no filme.

Um tempo depois, percebi algumas pintinhas vermelhas nos braços da Ana, pintinhas que não estavam ali antes, e ela começou a se coçar, também.

Cutuquei a Vale e mostrei a ela, que se assustou.

— Ana, meu amor. Você está sentindo alguma coisa? — Ela questionou saindo dos meus braços e indo até a Ana Luiza.

— Tá coçando, tia. Muito — ela disse se coçando ainda mais. Valentina me olhou desesperada.

— Ela pode estar tendo uma reação alérgica! Precisamos levá-la até o hospital mais próximo, você pode ir pegar seu carro? — Ela me perguntou colocando a Ana em seu colo, tentando acalmá-la.

— Posso sim, espera um pouco, não demoro — disse a ela, depositando um beijo nas duas e corri até minha casa.

Tirei rapidamente o carro da garagem e fui até a casa da Vale, buzinei duas vezes e ela desceu com Ana Luiza em seu colo.

Pensei em dirigir para o Hospital mais próximo, porém não tínhamos nenhum documento da menina e isso iria atrasar e muito o

atendimento.

— Vamos, Chris! Liga o carro! Ela já está praticamente toda vermelha! — Valentina gritou, nervosa.

— Calma, estou pensando para onde levá-la, não temos nenhum documento dela aqui. — Disse a ela, pegando meu celular.

— Você vai ligar para alguém agora? Sério mesmo? Pelo amor de Deus, Christopher! Vou descer e pegar um táxi, tenho certeza que ele chega mais rápido! — Vale gritou novamente irritada, mas eu a ignorei.

A pessoa para quem eu ligava demorou um pouco a atender.

— Christopher. Por que está me ligando? — Elisa questionou ao atender.

— Oi, Elisa. Me diga uma coisa, você está na clínica hoje? — Perguntei a ela, ignorando o olhar fulminante de Valentina em minha direção assim que escutou o nome da minha ex.

— Estou sim, aconteceu alguma coisa com seus irmãos? — Ela questionou preocupada.

— Não, meus irmãos estão bem, mas a filha de um amigo não. Eu vou levá-la até você para que possa dar uma olhada, ok?

Chego aí em minutos — ela consentiu e eu desliguei.

Corri até a clínica pediátrica que Elisa trabalhava. Não demorou muito para chegarmos lá e Valentina não disse nada no caminho.

Assim que estacionei, percebo Elisa esperando no lado de fora da clínica. Ela sorriu ao me ver, mas ficou notável a sua surpresa quando ela viu Valentina ao meu lado.

— Que bom que pode atendê-la — disse assim que nos aproximamos dela.

— Eu nunca negaria um atendimento — ela disse de maneira fria, levando-nos até uma maca, onde Vale colocou Ana Luiza sentada.

— Ela ficou assim um tempo depois de comer Danoninho. Ela nunca tinha comido antes e eu não imaginava que ela tivesse alergia, o pai ela não me disse nada — Vale se justificou nervosa, e então veio ao meu lado para segurar minha mão. Eu a abracei, mantendo-a em meus braços enquanto a Elisa examina a Ana. Quando ela terminou, veio falar conosco e se surpreendeu mais uma vez ao nos ver abraçados.

— Ela está com uma urticária severa, eu vou lhe dar uma injeção subcutânea de adrenalina para não fechar a glote. Sugiro que ligue para o pai dela, pois a menina vai ter que ficar internada por uns dois dias fazendo uso de antialérgicos e recomendamos, também, um novo teste de alergias — Elisa disse e se afastou, saindo do leito.

Percebi Valentina limpando rapidamente algumas lágrimas que escorriam do seu rosto. Segurei seu queixo levemente e lhe dei um selinho.

— Fica calma, vai ficar tudo bem — eu disse tentando acalmá-la.

— Eu fiquei tão nervosa. Nunca imaginaria que isso pudesse acontecer, fiquei tão preocupada de ser algo mais grave... — Ela me disse com a voz um pouco trêmula. Ela ainda estava nervosa.

— Ela está bem, tenho certeza que depois da injeção ela vai ficar bem melhor — disse acalentoando-a em um abraço carinhoso no exato momento que Elisa entrou com uma enfermeira.

Ela nos encarou novamente com descontentamento e foi para o lado da Ana Luiza.

Valentina saiu dos meus braços e foi até a menina, pegando-a no colo e acalentando-a.

— Vai doer, tia Vale? — Ela perguntou com medo.

— Vai ser como uma mordida de formiga. Vai doer, mas vai passar bem rapidinho — Vale disse beijando sua testa.

A enfermeira lhe deu a injeção e Ana choramingou um pouco nos braços da Valentina. Deixei-as no quarto e saí para ligar para o Rodrigo, precisava avisá-lo.

Estava discando seu número quando Elisa apareceu na minha frente, indicando que queria falar comigo.

— Vejo que já está namorando? Achei que depois da nossa conversa eu podia te olhar com bons olhos, Chris. Não faz nem um mês que terminamos. Isso me faz pensar que você já não estava com ela durante todo esse tempo — ela sugeriu calmamente.

— Eu nunca te traí, Elisa. Eu não estava com a Valentina enquanto estávamos juntos, fui fiel a você durante o nosso relacionamento — respondi um pouco irritado.

— Será mesmo? No fundo, eu sempre soube que você não me amava de verdade, mas esperava ao menos que tivesse a decência de esperar um pouco antes de assumir um relacionamento.

— O meu relacionamento com a Valentina não é do interesse de ninguém e, se por acaso vierem falar alguma coisa, pode deixar que eu esclareço — disse a ela finalizando a conversa e indo ao lado de fora para finalmente ligar para o Rodrigo, mas antes que eu saísse, posso escutar Eliza dizer com amargura: — Eu esperava mais de você, mas pelo visto me enganei. Você é igual a todos os outros.

Ignorei o que ela disse e disquei o número do Rodrigo.

— Oi, cara. Terminei agora de falar com seu tio e estou indo buscar a Ana Luiza, aconteceu alguma coisa?

Expliquei o que aconteceu e ele desferiu inúmeros palavrões direcionados a ex-mulher quando eu lhe disse sobre a alergia. Dei o endereço da clínica e desliguei.

Voltei até o leito da Ana e encontrei a pequena dormindo no colo de Valentina que, ao me ver, questionou: — Como foi rever sua ex?

— Foi normal. Eu sabia que algum dia ela descobriria o nosso relacionamento e foi bom ser em um lugar que ela não pudesse armar um escândalo — revelei a ela.

— É, foi melhor assim mesmo. Ligou para o Rodrigo? — Ela perguntou.

— Sim, ele já está a caminho, ficou bem preocupado com a Ana e puto com a ex-mulher dele — respondi.

— Eu imagino. Ela parece não cuidar direito da menina e nem deixa o Rodrigo fazer isso — ela disse e eu concordei.

Não demorou muito para o Rodrigo chegar. A Ana Luiza ainda estava dormindo, mas ele a encheu de beijos igual, agradecendo-nos muito.

— Imagina, Rô. Não precisa agradecer. Você não sabe o quanto fiquei preocupada com essa menina... Desculpe-me, de verdade — Valentina disse o abraçando.

— Não precisa se desculpar, Vale. Nem eu sabia dessa alergia dela, isso poderia ter acontecido com qualquer um, mas eu

agradeço a Deus que foi com pessoas que também se preocupam com a minha pequena. Obrigado, de verdade — ele disse abraçando a mim e Valentina.

Voltamos para casa e já era noite. Valentina, então, decidiu ficar em meu apartamento mesmo. Enquanto ela tomava um banho, preparei nosso jantar, fazendo uma sopa leve para nós dois. O tempo tinha esfriado um pouco e uma grande chuva ameaçava cair.

Estava colocando a mesa quando minha namorada entrou na sala vestindo apenas uma das minhas velhas camisas, que nela ficavam quase um vestido.

Enlacei-a em meus braços e lhe beijei com calma. Nossas línguas se entrelaçaram e eu a puxei para que ficasse ainda mais próxima a mim.

Fui tomar banho enquanto ela me esperava para jantarmos juntos, deitada no sofá ao lado de Max.

Tomei um banho rápido e vesti uma calça moletom. Servi a sopa para nós dois e jantamos assistindo a um dos seriados favoritos da Valentina. Mais tarde, naquela noite, deitamos um ao lado do outro em minha cama. Já estava chovendo e trovejando lá fora, então estávamos bem aconchegados um no outro.

Acariciei os cabelos de Valentina e disse: — Ao te ver com a Ana Luiza hoje, imaginei como será quando tivermos os nossos próprios filhos... — Imediatamente, senti Valentina ficar tensa ao meu lado e questionei: — O que foi? Não quer ter filhos comigo?

Vinte e três



— Não é isso, adoraria ter um outro Chris em minha vida, um com os mesmos traços que você, mas com a minha personalidade. Mas não é tão simples assim para mim... — Me virei ficando de frente para ele, acariciando seu rosto mal iluminado devido à chuva forte. — Há alguns anos atrás, o Arthur e eu estávamos em uma fase muito boa do nosso relacionamento, sem brigas ou qualquer tipo de desentendimento... Nós éramos felizes, sabe? E como um casal normal, decidimos que era o momento para termos filhos, tentamos por semanas, que viraram meses e eu não engravidava — parei um pouco e respirei fundo. — Fiz alguns exames que constataram que tenho a síndrome dos ovários policísticos. São pequenos cistos nos meus ovários... Eles são bem inofensivos, mas eles impossibilitam a regularidade do meu período menstrual e comprometem a minha fertilidade — senti sua mão acariciar meu rosto e percebi que derramava algumas lágrimas. — Fiz tratamento usando alguns remédios e tentamos de novo, mas não deu muito certo. O Arthur não gostou muito disso e me disse coisas horríveis naquela noite. Foi a nossa primeira briga séria, foi a primeira vez que senti medo da pessoa com quem eu estava.

— Ele fez alguma coisa com você, Valentina? Aquele cara fez algo contigo? — Chris questionou nervoso e eu segurei sua mão.

— O Arthur me bateu algumas vezes, ele me feriu psicologicamente durante todo o nosso relacionamento, ele era possessivo e ciumento, me privou de viver muita coisa. No começo eram coisas bobas, mas depois foi piorando... A melhor coisa que fiz na vida foi terminar com ele e vir para cá — me aconcheguei em seus braços, colocando minha cabeça em seu peito.

— Você voltar foi a melhor coisa que me aconteceu. Nunca senti o que sinto por você agora — ele disse acariciando meus cabelos e depositando um beijo neles. — E é bom que esse cara nunca apareça em minha frente. Você sabe que nunca suportei as pessoas que te fizeram sofrer e, agora que sou mais forte, posso fazer muito mais do que colar um chiclete no cabelo.

Virei para encará-lo e o vi sorrindo, provavelmente lembrando de toda a cena que aconteceu quando éramos crianças.

— Você é um bobo, Christopher — disse antes de beijá-lo apaixonadamente, controlando a imensa vontade de dizer um “eu te amo”.

Acordamos na manhã seguinte entrelaçados um no outro. Ainda chovia lá fora, mas eu tinha que trabalhar. Desvencilhei-me do Chris e corri para o banheiro, tomei um banho quente e me vesti, colocando uma calça jeans e uma camisa de manga longa.

Estava prendendo meus cabelos em um rabo de cavalo quando o Christopher apareceu atrás de mim — sem camisa e com o rosto amassado devido ao sono — depositando inúmeros beijos em meu pescoço. Logo, os beijos viraram mordidas que mandavam ondas de prazer por todo o meu corpo. A combinação de lábios e dentes fez um arrepio percorrer por toda a minha coluna.

Não pude impedir que ele fizesse isso, já que estava de olhos fechados, apenas aproveitando a situação.

Abri os olhos apenas quando escutei ele saindo do banheiro e então levei um susto: Christopher tinha deixado diversas marcas em meu pescoço! Como iria trabalhar daquele jeito?

Agradecida por ter meu estojo de maquiagens comigo, passei muito corretivo, base e pó para esconder os roxos e deixei os meus cabelos soltos. Quando saí do banheiro, meu belíssimo namorado estava deitado em sua cama mexendo no celular, então resolvi provocá-lo para lhe dar o troco.

Ficando em cima dele, tirei o celular de sua mão e comecei a beijá-lo do jeito mais sensual que conseguia. Esfreguei meu corpo contra o seu e, antes de me afastar, mordi seu lábio, vendo-o ofegar de tanta excitação.

Corri para sair do quarto, mas ele capturou minha mão e disse: — Porra, você não vai me deixar assim, né?

— Toma um banho gelado, querido. Vai acalmar seus ânimos — respondi rindo, soltando-me dele e indo até a sala. Escutei ele resmungando e, um pouco depois, o barulho da água do chuveiro caindo invadiu o apartamento. Sorri dentro da minha caneca de café preto, preparando umas torradas.

Chris saiu do quarto vestindo uma calça jeans e um moletom preto do Slipknot. Ele caminhou até mim, roubando-me um beijo longo e sedento. Uma de suas mãos perpassava o meu corpo enquanto a outra estava em minha nuca, mantendo minha boca na sua.

Afastamo-nos apenas quando nos faltou o ar. Respiramos ofegantes e ele sussurrou em meu ouvido, deixando-me toda arrepiada.

— Mal posso esperar pelo feriado. Lá você vai poder me provocar à vontade, porque finalmente te farei minha e eu serei inteiramente seu.



Depois de uma manhã calma e tranquila com as turmas do sexto e sétimo ano, deparei-me com as turmas de primeiro, segundo e terceiro ano inteiramente dispersos. Eles não conseguiam pensar em outra coisa que não a festa da tal Ária Lóris. Levei todas as turmas para o auditório da escola. Com a ajuda dos outros professores de ensino médio e da coordenadora, reuni todos os alunos lá e fiz uma aula filmica: assistimos juntos o filme Bullying Virtual e todos, sem exceções, entregariam uma resenha no final da aula.

Aos poucos, eles me entregaram e saíram do auditório. Mia, Lua e Bruno ficaram para me ajudar a levar todo aquele material para minha casa. Andamos juntos e, ao abrir a porta, pedi que colocassem tudo em meu quarto. Sentamos na sala e eu peguei um lanche para comermos.

— Tudo certo para o jantar, Mia? — Questionei sentando-me ao seu lado.

— Sim. Mamãe e tia Nina estão tão animadas que até parece noite de natal — ela revelou sem animação nenhuma.

— E qual o problema disso? Tenho certeza que elas irão ficar muito surpresas ao perceberem que somos apenas eu e a Sophia — disse entregando sanduíches a eles. Mia apenas revirou os olhos. O humor dela não estava muito bom, mas Lua respondeu por ela.

— Realmente! Estou curiosíssima para ver a cara da minha mãe quando o Bê apresentar a Sophia. Uma pena que o Bruno não vai poder ir. Mas também, eu pretendo ficar pouco porque tem a festa da Ária para ir e nessa ele vai, né, amor? — Lua disse dando um selinho no Bruno.

— É... Eu tenho que cuidar da minha irmã até meu pai chegar. Sabe, a babá dela se demitiu e está sendo difícil arrumar outra de confiança — ele respondeu desanimado.

— Moram apenas você, seu pai e sua irmã em casa? — Questionei interessada em saber mais.

— Sim. A minha mãe nos deixou um pouco depois da minha irmã nascer e desde então somos apenas nós três — ele disse apertando mais a Lua em seus braços. Notei que ele não estava muito confortável em falar sobre isso, então mudei de assunto.

— Mia, a sua mãe deixou você ir para a festa? — Perguntei e a vi murchar ainda mais do meu lado.

— Não. Mamãe e papai querem que eu fique em casa durante todo o jantar. São uns chatos, aqueles dois — ela respondeu emburrada. Estava explicado o motivo do mau humor dela.

— Oh, Mia. É uma pena. Mas sabe, eu tenho certeza que sua mãe e seu pai curtiram muitas festas na adolescência e que agora querem te proteger de algumas coisas que acontecem, apenas isso — expliquei tentando deixá-la mais tranquila, mas sem sucesso. Ela apenas cruzou os braços sobre o peito e soprou o cabelo para longe do rosto.

“Adolescentes”, pensei comigo.

Conversei um pouco com Lua e Bruno, já que Mia não queria participar, mas logo eles foram embora e eu comecei a me arrumar para o jantar. Tomei um banho longo, lavando e hidratando meus cabelos e fui escolher minha roupa. Enquanto fazia isso, recebi uma mensagem do Chris.

>> já peguei a torta de prestígio, em meia hora irei lhe buscar. Esteja pronta.

Seu Chris.

Sorri e joguei meu celular na cama, para colocar um vestido branco, curto, com um decote canoa e com detalhes pretos na saia. Coloquei um salto alto e fui até o banheiro, fazendo uma maquiagem marcante — não esquecendo do meu pescoço ainda marcado — e, para finalizar, fiz uma trança de lado em meu cabelo.

Estava colocando minhas chaves e meu celular na bolsa quando a campainha tocou. Estranho, porque o Chris tinha combinado de buzinar quando chegasse para que nós não nos atrasássemos.

Corri para abrir a porta e me surpreendi ao ver um buquê enorme de girassóis sendo segurado pelo meu namorado, que deu um sorriso lindo para mim: o sorriso pelo qual me apaixonei quando éramos crianças.

— Ai, meu Deus! Elas são maravilhosas! — Gritei retirando o buquê de suas mãos e cheirando as flores. Levei-as até minha cozinha, procurando um vaso no armário para colocá-las.

Voltei até o Chris, que estava encostado na pilastra perto da porta, esperando. Ele estava lindo, usando uma camisa social azul,

uma calça preta de linho e mocassins marrons, seu cabelo revoltado estava bem arrumado e ele tinha feito a barba. Era raro vê-lo vestido assim, tão formalmente, sem nenhuma banda de *rock* estampada em seu peito. Meu coração saltou em meu peito.

Corri até ele, que me segurou em seu colo. Beije-o tentando passar por nossas línguas tudo o que eu sentia por ele.

Eu o amava. E queria que o mundo todo soubesse disso.

Terminamos o beijo e ele me colocou no chão. Sem nos afastarmos um do outro, com minhas mãos em seu pescoço e olhando bem fundo nos seus olhos, eu me declarei pela primeira vez: — Eu te amo, Christopher. Não sei por que esperei tanto tempo para dizer isso, mas eu te amo tanto que não posso mais guardar dentro de mim.

Ele sorriu, encostando sua testa na minha. Ficamos apenas sentindo a respiração um do outro até ele levar sua mão ao meu pescoço, beijando-me outra vez. Foi um beijo longo e calmo no qual exploramos cada parte um do outro.

Afastamo-nos e ele inspirou o meu rosto, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da orelha e dizendo: — Se você não consegue guardar, imagine eu? Te amo tanto, Ruiva. Tanto, tanto que não sei como consegui viver durante todos esses anos sem você, era como se uma parte de mim faltasse. Mas agora que está aqui, posso ser eu mesmo por inteiro. Nunca mais me deixe, ou vá embora, ouviu? Eu não conseguiria viver sem você, meu amor.

E com essa declaração, voltamos a nos beijar. Christopher me carregou até o sofá, deitando-me nele e ficando em cima de mim, nossas bocas não se desgrudaram e nossos corpos estavam em uma sintonia intensa.

“É, acho que vamos nos atrasar para o jantar...”

Vinte e quatro



Minhas mãos percorreram o corpo de Valentina, mas minha boca não largou a sua. Estávamos extasiados de tanto desejo e tudo o que eu queria era fazê-la minha, bem ali naquele sofá.

Afastei-me de sua boca apenas para que pudéssemos respirar e trilhei beijos em seu pescoço e clavícula. Ela retribuiu puxando meus cabelos e me trazendo de volta para sua boca. Nossos corpos iam de encontro um ao outro em um ritmo insano. A temperatura tinha aumentado, então retirei meus sapatos e desabotoei minha camisa com pressa.

— Vamos para o seu quarto — disse e ela apenas consentiu.

Carreguei-a e joguei-a em sua cama, desfazendo a trança em seu cabelo, deixando-os soltos e, então, parei para simplesmente admirá-la e vi o quão sortudo eu era por tê-la ao meu lado. Valentina era definitivamente a outra metade de mim, não me sentia completo até encontrá-la.

Acariciei seu rosto e a beijei intensamente. Minhas mãos apertavam suas coxas, trazendo o corpo dela para mais perto de mim. Dei pequenos chupões em seu pescoço, escutando-a gemer em meu ouvido.

Tirei minha camisa e voltei a tomar sua boca de maneira feroz e nem um pouco calma, eu ansiava por cada parte de Valentina. Estava quase tirando seu vestido quando meu celular começou a tocar em meu bolso, assim como o dela começa a tocar na cabeceira da cama.

Frustrado, me joguei ao lado de Vale e atendi ao ver que era minha mãe.

— Oi, mãe.

— Oi, mãe? Onde você está, Christopher? Estamos esperando você para jantarmos! O Bernardo já chegou aqui com a Sophia! Nina amou a novidade — ela disse alterando seu tom de bronca para animação.

— Já estou chegando, mãe. Acabei me atrasando...

— Sua namorada vem com você? — Ela questionou me interrompendo.

— Como sabe que eu vou com alguém?

— Sua irmã me disse que você traria alguém. Estou curiosa para saber quem é essa pessoa.

— Já estamos indo, mãe. E acredite, a pessoa que está comigo não vai ser surpresa nenhuma para a senhora, afinal, ela já te disse que era minha namorada alguns anos atrás — disse desligando e olhando para Valentina.

— Minha mãe reclamou por ainda não termos chegado para o jantar — revelei alisando seus cabelos.

— Esqueci completamente dele. Por mim, ficaríamos pelo resto da noite e todo o dia de amanhã nesta cama, pois acho que nunca vou ficar saciada de você — ela disse apertando minhas bochechas e me dando um selinho. — Mas vamos nos arrumar e ir para esse jantar, sua mãe deve estar nos esperando na maior expectativa.

Ela se levantou, arrumando seu vestido e indo ao banheiro para ajeitar seu cabelo e maquiagem. Vesti minha camisa e arrumei meus cabelos. Fui até a sala, calçando meus sapatos e pegando minha carteira e chaves do carro. Um tempo depois, Vale apareceu e fomos até o sítio dos meus pais.

Chegando lá, estacionei e Vale pegou a torta. Caminhamos de mãos dadas até a porta e eu toquei a campainha.

Mamãe estava deslumbrante em um vestido lilás quando veio atender a porta. Ao nos ver, ela sorriu e não pareceu nem um pouco surpresa.

— Sabe, Valentina. Estava esperando para ver até quando você e o meu querido filho achavam que poderiam me enganar — ela disse puxando minha namorada para um abraço apertado.

— A gente até tentou, né, tia?

— Vocês fracassaram terrivelmente, minha linda. Sei que estão juntos desde aquele dia da feira, você estava com o cheiro do perfume que dei a ele.

— Oh, meu Deus! E eu jurando que tinha te enganado... Mas saiba que não fizemos por mal, só queríamos preservar o nosso relacionamento por um tempo, ele tinha acabado de terminar com a Elisa e eu não voltei em busca de um relacionamento, mas aconteceu, simplesmente não consegui ficar longe dele — Vale disse enlaçando seu braço entre os meus.

— Fico feliz demais com a união de vocês. Eu sabia que isso ia acontecer desde que eram crianças, vi algo muito puro entre vocês. Agora vamos entrar que todos estão ansiosos para lhes dar as boas-vindas à família.

Entramos e todos nos recepcionaram muito bem. Sentamos todos juntos na grande mesa e um jantar bem farto foi servido a todos nós.



Quando terminamos, sentamo-nos juntos na sala. Lua e Dominic já tinham saído para festa da Ária, mas Mia estava emburrada ao meu lado, lançando olhares de fúria para Jake e Mel, que estavam na nossa frente, ignorando a filha, claramente cansados de discutir com ela. Ao lado deles, Nina e Liam conversavam com Bernardo e com Sophia, que estavam abraçados. Tomávamos chocolate quente, para amenizar o frio que estava fazendo.

Enquanto eles conversavam, aconcheguei-me mais ao Chris e perguntei baixinho para Mia: — Por que não fala com sua mãe agora?

— Porque ela não vai deixar! Já pedi e implorei tantas vezes, ela e papai não vão mudar de ideia. Eles são muito chatos e nunca me deixam fazer nada divertido! Todo mundo vai estar lá, Vale! — Ela respondeu com os olhos cheios de lágrimas, encostando-se em mim.

— Não fica assim, Mia. É só uma festa. Acredite em mim, você ainda vai para muitas na sua vida — disse tentando tranquilizá-la, mas ela levantou e foi correndo até seu quarto, batendo a porta. O sorriso de Mel amarelou e o rosto de Jake estava impassível enquanto ele continuava falando com Chris como se nada tivesse acontecido.

Fiquei preocupada com Mia, mas sabia que adolescentes se comportavam como se tudo fosse o fim do mundo. Ela ia ficar bem. Balancei a cabeça e tentei prestar atenção na conversa. Levei um susto ao ver o assunto.

— Aquele terreno em frente ao do Bernardo está à venda — escutei o tio Jake dizendo.

— Ele me disse. Eu estava pensando em passar lá para dar uma olhada ainda essa semana — Christopher respondeu.

— O senhorio não está pedindo muito, não, está em um valor acessível e dará um excelente casarão, bem espaçoso, para uma boa família com muitos filhos — Liam disse.

— Onde fica esse terreno que vocês tanto falam? — Questionei meio confusa.

— Umas três casas depois da nossa. É melhor que o Chris comece a construir uma casa logo se quiser que ela esteja pronta quando vocês casarem — Mel disse na maior tranquilidade.

— Casar? Wow, wow, vamos com calma! Chris e eu mal estamos juntos há um mês e posso garantir a vocês que a gente não

vai casar tão cedo — declarei.

— Isso é o que você pensa agora! Espere alguns meses, querida. Ele te pedirá em casamento e duvido que você se negue a isso

— Nina disse se aconchegando ao seu marido.

Observei incrédula, mas todos apenas sorriram para mim, inclusive Chris, que ergueu as sobrancelhas para mim, brincalhão. Senti meu rosto ficar vermelho e desviei o olhar.

Um tempo depois, resolvemos ir para casa, despedindo-nos dos meus sogros e dos tios de Chris. Bernardo e Sophia nos acompanharam e param em frente a garagem do Chris, que subiu para pegar umas cervejas para a gente.

Começamos a beber e o Bernardo falou: — A cara de surpresa da minha mãe não foi o que eu esperava.

— Não foi? Ela já sabia? — Perguntei curiosa.

— Sim, ela já sabia. Ela e a tia Mel, acreditam? Meu pai ficou surpreso, mas elas já desconfiavam — ele disse revirando os olhos.

— Vocês devem ter deixado alguma coisa escapulir. A tia Mel também já sabia da gente e eu nem imaginava. Nós tentamos, mas enganar aquelas mulheres não é uma coisa fácil — falei e eles concordaram. — E aquele papo de casamento? Eles realmente acham que não se namora mais hoje em dia? Que é tipo, apaixonou, casou?

— Vale, a minha mãe planeja meu casamento desde os meus quinze anos, acredita? Ela tem até um *planner* para ele! Segundo ela, tem que ser perfeito, então sim, para elas é apaixonou, casou — Sophia disse.

— Ainda bem que minha mãe não fez isso, uma das vantagens de ser um garoto — Chris disse brindando com o Bernardo.

Eu e a Sophia reviramos os olhos e eles riram.

— Vou buscar mais cerveja e mostrar uns jogos para o Bernardo, volto logo — Chris disse me dando um selinho.

Bernardo repetiu o gesto com a Sophia e eles subiram, então ficamos nós duas deitadas no capô do carro, olhando as estrelas.

— Vale, você sente falta do seu pai? — Sophia perguntou me surpreendendo.

— Eu não sinto mais. Doeu por um tempo depois de sua morte, não queria que isso tivesse acontecido enquanto estávamos brigados, mas nossa relação nunca foi boa — expliquei.

— Entendo... Sabe, eu não conheci o meu pai, ele nunca quis saber de mim — ela disse num tom triste. Eu acabei ligando as coisas e chegando a uma conclusão.

— Então o Tyler não é seu pai, né? Cara, eu não sabia disso...

— Quase ninguém sabe. Eu conheci o Tyler quando tinha quatro anos e ele se tornou o melhor pai que eu poderia sonhar, mas eu queria conhecer melhor as minhas origens, sabe?

— Sei. Isso é super compreensivo, Sophia. Dá uma sensação de vazio não é? Como se faltasse algo... Eu procuro ter algo da minha mãe comigo sempre, para não me sentir assim. Ela gostava muito de pintar... Não tinha estúdio nem nada assim, mas eu me lembro da governanta me contar histórias sobre o quanto ela gostava de pintar algumas telas quando meu pai não estava em casa. Eu sinto por não a ter conhecido, mas a levo sempre comigo — falei enquanto tirava da minha bolsa a minha carteira com a foto da minha mãe, mostrando-a Sophia. Ela a pegou e contemplou por alguns instantes.

— Ela era linda, ruiva como você — ela disse me entregando e eu a guardei.

— Beatriz era linda e meu pai era apaixonado por ela. Eu tirei o que ele amava e ele não conseguiu me amar enquanto viveu.

— Não fala assim, Vale. Ele pelo menos estava presente na sua vida. Não sei nem o que Thomas faz em Londres, não sei se tenho avós, primos ou tios, não conheço essa parte de mim — Sophia disse entristecendo seu semblante.

— Nunca pensou em ir lá? — Perguntei vendo os meninos se aproximarem.

— Não. Isso magoaria minha mãe e o meu pai, não quero decepcioná-los — ela disse finalizando a conversa ao descer do carro e aproximar do Bê.

Christopher deitou ao meu lado e ficamos observando o céu enquanto o Bernardo tentava animar um pouco a Sophia, percebi que o assunto da nossa conversa era algo que a inquietava. Um tempo depois, o Chris cedeu sua casa para o Bernardo e a Sophia dormirem, e fomos para a minha casa.

Chegando lá, Christopher foi tomar um banho enquanto eu fazia um chá para tomarmos. Levei as xícaras para o quarto e encontrei-o deitado em minha cama sem camisa, apenas de shorts. Entreguei a xícara a ele, e vou tomar banho. Tirei toda minha maquiagem e vesti um baby-doll curto, então voltei ao quarto e sentei-me ao seu lado, bebendo boa parte do meu chá.

Assistimos a um filme juntos e, quando eu já estava quase adormecendo, escutei batidas incessantes na porta. Chris já estava em um sono pesado, então levantei-me com cuidado e caminhei até a porta.

Quem estaria batendo em minha porta às duas da manhã?

Abri a porta e levei um susto ao encontrar Mia com a maquiagem toda borrada, descabelada e chorando.

— Meu Deus, Mia! O que aconteceu? — Perguntei desesperada, acalentando-a em meus braços.

Vinte e cinco



Depois de conversar com Valentina, fui direto para o meu quarto e liguei para Lua.

— Lu, e aí? Como está a festa?

— Está ótima! O Bruno ainda não chegou, mas a metade da escola está aqui! — ela gritou na linha. Eu podia ouvir uma música alta e risadas no fundo. Segurei para não chorar: eu nunca podia me divertir como uma garota normal.

— Que droga não poder ir! Eu meio que briguei com meus pais o dia inteiro hoje para eles me deixarem ir, mas eles n-

— Ai meu Deus, Mia! — Ela me cortou, não deixando eu terminar. Eu odiava quando faziam isso e ela sabia, mas então ela falou: — O Afonso acabou de passar por mim com a Nívia! Não acredito que ela seja tão cara de pau!

— Ela está com ele? Que vaca! Ela sabe o quanto eu gosto do Afonso! Está vendo? Por isso que eu te falei que nós não devíamos ser amigas dela, mas você é muito boazinha! — Falei expressando meu nervosismo. — Eu preciso ir para essa festa!

— Liga para o Dominic! Ele ainda está em casa, pede para ele te trazer de moto. Sério, você precisa ficar com o Afonso, Mia! O que ele te disse naquelas cartas não foi de brincadeira.

— Quer saber? Danem-se meus pais! Vou me arrumar e sair pela janela. E o Afonso vai pagar muito caro se estava apenas me iludindo esse tempo todo — finalizei a ligação.

Troquei de roupa em tempo recorde, arrumei minha maquiagem e meus cabelos e liguei para o Dom, que atendeu no primeiro toque: — Estou te esperando nos fundos da casa, vê se não faz barulho.

— Lua falou com você?

— Sim, anda logo! — ele disse desligando na minha cara.

Saí pela janela do meu quarto e fui escalando pela trepadeira até pisar no chão. Com muito cuidado, segurando meus saltos na mão, corri até a moto de Dominic.

Quando chegamos, pudemos ouvir a música alta invadindo o ambiente. Muitas luzes e balões decoravam a festa.

Agradei ao Dom, que foi se juntar com seus amigos sem dizer nada. Calcei meus sapatos logo avistei Lua nos fundos, perto da

piscina, aos beijos com Bruno. Preferi não interromper e comecei a procurar por Afonso. Não o encontrei, então resolvi subir até os quartos na esperança de encontrá-lo. Fui abrindo as portas e já estava na quinta quando levei a maior surpresa da minha vida: Afonso estava transando com a Nívia. Eles estavam sem roupas e ele estava sobre ela, em um beijo intenso.

Saí apressada do quarto, aos prantos, e entrei na primeira porta que vi. Constatei que era um banheiro, entrei dentro da banheira e chorei. Eu sabia que não tínhamos nada, mas ele me deu esperanças de que nós dois íamos acontecer.

Como fui burra!

Estupida!

Acreditei naquele cafajeste!

Enquanto eu chorava e me martirizava, percebi a presença de outra pessoa no banheiro. Era o Pedro, do terceiro ano. Ele era loiro, alto e muito bonito. Metido demais para falar com quem não fosse do seu grupinho.

Esperei que ele fosse embora, mas não, ele continuou ali, me encarando.

— Perdeu alguma coisa aqui? Será que dá para sair e me deixar em paz? — Questionei amarga, limpando minhas lágrimas e fazendo cara feia para ele.

— Essa festa está chata, estava um verdadeiro tédio até eu ver o que aconteceu com você — ele respondeu sentando junto a mim na banheira.

— E você sabe o que aconteceu? — Perguntei irritada.

— Digamos que eu estava no momento certo, na hora certa. Você não deveria estar chorando por ele, o Afonso nunca prestou!

— Como sabe que estou chorando por ele?

— Quem nunca percebeu seus olhares para ele na escola? Só um cego para não ver! O fato de ele ter vindo com a Nívia foi muita sacanagem, mas não me surpreendeu.

— Quem dera fosse só isso...

— O que mais ele fez?

— Não importa! Eu preciso beber!

— Posso resolver seu problema, espera um pouquinho.

Pedro saiu do banheiro e voltou um tempo depois com duas caixas daquela bebida vermelhinha. No início, ele me ofereceu a bebida e começamos a beber e conversar sobre coisas da nossa vida: Família, amigos e relacionamentos. Ele foi se aproximando de mim aos poucos. Era fácil conversar com ele e eu precisava me distrair, quando me dei conta, ele já estava na banheira comigo. Nossos pés encostavam um no outro, ele sorria e eu retribuía.

— Eu realmente não imaginava que estaria aqui com essa festa acontecendo lá fora — ele disse me dando outra cerveja.

— Ninguém está mandando você ficar. Eu posso continuar bebendo sozinha — respondi bebendo quase metade da cerveja de uma vez só.

— Não te deixaria sozinha, aqui está mais divertido.

— Realmente, me ver beber deve ser o ponto alto do seu ano.

— Com certeza, é! Como adivinhou? — Ele disse com deboche.

— Ué, você não sabe? Além de trouxa, possuo poderes mediúnicos — respondi ironicamente.

— Haha, muito engraçada você, não imaginava que era assim. Tão divertida... Nunca conversamos, não é?

— Realmente, você estava muito preso no seu mundinho para termos uma conversa.

— Nada disso, você nunca deu espaço para conversarmos — Pedro disse me encarando.

— Bem, pode ser, mas estou dando agora, aproveita — falei e ele sorriu novamente.

Com o passar do tempo e das latas bebidas, me senti mais leve. Ele estava tão próximo que, impulsivamente e sem pensar nas consequências, tomei a boca do Pedro em um beijo intenso. Então, com a ajuda da bebida, não paramos apenas nos beijos: tão rápido quanto nossas carícias, nossas roupas foram tiradas.

E, inconsequentemente, eu perdi algo importante naquele momento.

Minha virgindade.

Pedro, muito experiente, me tomou com veemência. Tão rápido quanto começou, terminou. Meio desorientada, escutei ele dizer algo ao me largar sozinha naquela banheira.

— Caralho! Você era virgem! — Ele disse assustado, passando as mãos nos cabelos e saindo do banheiro como se eu fosse nada e tudo aquilo não tivesse acabado de acontecer.

Limpei as lágrimas que caíam pelo meu rosto e, com o pouco de sobriedade que me restava, coloquei minhas roupas e saí apressadamente daquela casa. Caminhei por um tempo até chegar na rua principal. Bati incansavelmente até ela atender. Eu precisava de colo, mas não o da minha mãe, queria o colo de uma das poucas pessoas que me compreendiam nesse mundo.

Ao vê-la, eu literalmente desabei.

— Meu Deus, Mia! O que aconteceu? — Ela perguntou desesperada, acalutando-me em seus braços.

Entre soluços, tentei explicar, mas falhei terrivelmente. Nada coerente saía da minha boca. Ela colocou as mãos em meu rosto e olhou nos meus olhos, com preocupação.

— Você está machucada, Mia? Precisa que eu chame uma ambulância? Precisamos ir até a delegacia...? — Ela perguntou. Balancei a cabeça negativamente e ela me abraçou. — Então se acalma, meu bem. Não precisa dizer nada, não. Você vai tomar um banho e vestir roupas limpas enquanto eu faço um chá para você. Depois você vai dormir e só amanhã, quando estiver mais calma e se você quiser, vai me explicar o que aconteceu, ok, Mia?

Consenti e caminhei até o banheiro. Tomei banho, tentando tirar tudo o que aconteceu do meu corpo. Fiquei por bastante tempo debaixo do chuveiro, apenas deixando a água cair sobre minha cabeça.

Quando terminei, percebi que Vale tinha deixado um dos seus vestidos em cima da pia, junto com uma calcinha nova. Vesti-me e fui até a sala, encontrando ela sentada no sofá, segurando uma xícara de chá. Bebi e deitei-me apoiando minha cabeça em seu colo. Enquanto Valentina fazia um cafuné, choraminguei mais uma vez e logo depois adormeci, pensando em como explicaria isso a ela amanhã.

Vinte e seis



Percebi que a Mia tinha pegado no sono em meu colo, então ajeitei-a no sofá, cobrindo-a com o lençol. Peguei o Apollo no colo, levando-o até meu quarto e colocando ele em sua caminha ao lado da minha cama.

Deitei-me ao lado do Christopher, ainda adormecido, e tentei relaxar. Mia com certeza havia fugido de casa para ir para aquela festa. Resolvi mandar uma mensagem a Mel para que ela ficasse mais tranquila. Será que ela já percebera que ela havia escapado?

>> Mel, a Mia está comigo. Ela acabou indo para festa e achou mais perto vir para minha casa. Já cuidei dela e agora ela está dormindo, não se preocupe. Amanhã vocês conversam.

Coloquei o celular para carregar e encarei o teto. A preocupação me invadia, mas logo consegui dormir.

Acordei na manhã seguinte com o barulho de algo caindo. Olhei para os lados e percebi que o som viera da sala. Levantei-me apressadamente, percebendo que faltava pouco para meu despertador tocar.

Andei até a sala e notei o que Chris tinha derrubado. Um dos vasos que decorava a sala estava no chão, em pedaços.

— Como você conseguiu quebrar isso, Christopher? Será possível que é tão desastrado assim? — Sussurrei, já que Mia ainda dormia.

— O que a Amélia está fazendo aqui? — Ele questionou irritado.

— Fale baixo que ela está dormindo, vamos ao meu quarto para conversar — respondi segurando sua mão e levando-o até o quarto.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele disse: — Não acredito que acobertou ela para que pudesse ir à festa!

— Eu não acobertei ninguém, Chris. Ela chegou aqui às duas da manhã num estado bem ruim. Eu não sabia que ela ia sair escondida!

— Puta que pariu! O que essa menina tem na cabeça? Bosta? Papai e mamãe foram bem claros com ela, *NADA DE FESTAS!*

Mia tem muita atitude e quer ser adulta, mas fica fazendo essas merdas. Como ela quer que eles confiem nela?

— Não é bem assim, Chris! Ela só queria ser igual a todo mundo, adolescentes tem essa necessidade de pertencer a um grupo.

Não venha me dizer que você não foi assim também. Foi errado o que ela fez, sim, não tinha necessidade de fugir e não avisar aos seus pais, mas não vamos crucificá-la. Todos nós cometemos erros ou fizemos besteiras na adolescência.

— Erros que podem desencadear consequências gravíssimas! Eu não quero nem imaginar o que ela fez. Sinceramente, estou tão decepcionado. Mia não era esse tipo de pessoa.

— Não sei porque todo esse exagero. A Mia sempre mostrou quem era, o problema é essa superproteção de vocês! Não sabemos o que ela fez e, se continuar com essa atitude, ela nunca vai te falar o que houve para que ela viesse para cá chorando, desesperada.

— Ela vai me falar sim, sou o irmão mais velho e tenho direito de saber!

— Ah, tá, homem das cavernas! Olha aqui, Christopher, chega dessa conversa. Vai para sua casa que eu vou conversar com a Mia e não quero você aqui.

— Está me mandando embora da sua casa? — Ele perguntou incrédulo.

— Sim, se você está agindo assim sem saber o que ela fez, imagina quando souber!

— Ela é minha irmã, Valentina!

— E eu sou sua namorada! Se não sair e me deixar conversar com ela, vamos brigar feio — disse e nos encaramos por um tempo, sem dizer nada um ao outro.

A campainha tocou e eu corri para atendê-la. Encontrei uma Melanie nervosa e um Jake mais calmo em minha porta.

— Cadê aquela garota? Como pôde ser tão irresponsável assim? — Mel disse nervosa, entrando na sala.

— Bom dia, Vale. Desculpe-nos o inconveniente, mas ficamos muito surpresos com a atitude de Amélia — Jake disse me cumprimentando.

— Surpresos e envergonhados! Ela estava impossível ontem, mas não achamos que ela fosse capaz de uma coisa dessas! Sentimos muito por ela ter interrompido sua noite — Mel disse se aproximando do sofá encontrando uma Mia já desperta, devido a tanta conversa.

— Não tem problema nenhum, Mel. Sabe o quanto gosto da Mia — respondi pegando uma sacola com suas coisas e entregando a ela, que ainda me parecia um pouco assustada.

— Vamos, Amélia! Em casa nós vamos uma conversa séria — Melanie disse enquanto Mia terminava de prender seus cabelos e se levantar.

Christopher observava tudo sem interferir. Mia veio até mim, me abraçou e disse: — Desculpa e obrigada por tudo.

— Não precisa se desculpar, Mia. Se quiser conversar, pode confiar em mim, certo? — Perguntei e ela consentiu, limpando as lágrimas.

Eles se despediram, deixando Chris e eu sozinhos novamente.

Fui até a cozinha preparar o café da manhã. Tendo em vista que trabalharia naquele dia, mesmo sendo feriado, iríamos apenas para organizar alguns projetos e calendário de provas do semestre, eu já estava um pouco atrasada.

Comecei a comer meu sanduíche e notei Chris sentado na minha frente. Parecia que ele queria me dizer algo, mas estava se segurando.

Meu celular tocou e vi que era a diretora da escola.

— Bom dia!

— Bom dia, Valentina! Queria te avisar a reunião não vai acontecer, houve uma pane na caixa de luz que fornece energia à escola e estamos sem energia elétrica.

— Oh, que pena! Já ligou para a empresa responsável por resolver isso?

— Sim, ao que parece irá demorar para consertar. Ainda bem que temos o feriado!

— É, sim, ainda bem!

— Bom feriado, Valentina. Até segunda.

— Para a senhora também!

Desliguei e, antes de guardar o celular, percebi uma mensagem da Lua.

<< Vale, você sabe da Mia? O que aconteceu com ela? Ela não está me respondendo!

>> ela dormiu aqui, Lua. Ainda não sei o que aconteceu, mas os pais dela vieram buscá-la antes que pudéssemos conversar.

<< oh, céus, espero que os boatos não sejam verdadeiros!

Resolvi ligar para ela e, assim que ela atendeu, eu perguntei: — Que boatos, Lua?

— Hoje de manhã eu recebi várias mensagens falando que flagraram o Afonso com a Nívia em um dos quartos!

— Deve ser por isso que ela está tão arrasada! Ela deve ter visto! — Disse caminhando pela sala.

— Se fosse só isso seria tão bom, mas não é! Um dos garotos do terceiro ano contou ao Dom que tinha transado com a Mia em um dos banheiros!

— Ah, não! Meu Deus do céu! Precisamos falar com a Mia, Lua.

— Ela não está atendendo o celular nem respondendo mensagens! Eu não posso ir até lá porque meus pais descobriram que o Dom levou ela e nós dois estamos de castigo!

— Preciso conversar com ela hoje ainda! Eu vou viajar amanhã, não vou conseguir esperar até segunda.

— Boa sorte, Vale. A Mía se encrencou muito dessa vez, e olha que os pais dela nem sabem sobre o que aconteceu entre ela e o Pedro... Ela deve estar sem celular. Eu só vou poder conversar com ela na segunda... — ela disse pouco antes de se despedir e desligar.

Larguei meu celular em cima da mesa e, com a cabeça à mil, caminhei até o Chris, que perguntou: —Não vai trabalhar hoje?

— Não, houve um problema na caixa de energia e só voltaremos na segunda.

— Ah, que bom. Quer adiantar nossa viagem?

— Preciso conversar com sua irmã primeiro, mas se quiser ir hoje à noite, não vejo problema.

— O que você precisa conversar com a Mía? Deixe que meus pais resolvam o problema.

— Ela precisa de um ombro amigo, Christopher. Ela precisa se sentir segura para contar para a sua mãe o que aconteceu.

— Você já sabe o que aconteceu? Já sabe o por que dela ter vindo para cá e não ter ido para casa?

— Sei sim, mas, antes que você me peça, não vou te contar.

— Não vai me contar o que aconteceu com a minha irmã?

— Não. A Mía é quem vai dizer a vocês quando se sentir confortável.

— Pelo amor de Deus, Valentina! Pensei que fosse sensata! Você sabe que minha irmã tem apenas dezessete anos? É uma criança!

— Ela não é uma criança, Christopher! E vocês precisam parar de vê-la e tratá-la como uma! Por que você acha que ela se rebela tanto assim?

— Quer saber? Não vou mais discutir! Mais tarde venho te buscar para irmos — ele disse dando as costas para mim.

— Se for para viajarmos com esse clima, eu não quero.

— Então não viajaremos, simples assim! — ele disse ao bater a porta, me deixando sozinha.

Deitei-me no sofá, pensando em como a Mía deveria estar se sentindo e pedindo a Deus para que ela não tenha sido forçada a fazer nada.

Vinte e sete



Saí da casa de Valentina muito nervoso. Não acreditava em como ela tinha coragem de defender as atitudes de Mia. Minha irmã mentiu e fugiu, indo para uma festa no meio da noite.

Eu sabia que algo muito grave tinha acontecido lá para ela não ter voltado para casa, então respirei fundo, tentando me acalmar. Caminhei até a oficina: precisava trabalhar e espairecer minha mente.

Encontrei-a já aberta, com Bruno trabalhando em alguns carros.

— Bom dia!

— Bom dia, chefe! Tudo bem? Você está com uma cara péssima!

— Não estou nada bem. Você foi à tal festa, ontem?

— Ah, fui sim, mas não fiquei muito, apenas peguei a Lua para levá-la até minha casa.

— Soube se aconteceu algo com a Mia?

— A única coisa que a Lua me falou foi que pegaram o Afonso com outra, então a Mia deve ter ficado bem chateada.

— Afonso? Quem é Afonso? Algum namorado da Mia?

— É um carinha que ela gostava, mas o que falam dele não é muito bom.

— Um cafajeste? — Questionei e ele consentiu. — Bom, espero que seja apenas isso que aconteceu.

Relaxe e fui até meu escritório, cuidei da papelada e fui trabalhar no carro dos Souza. Mexer em todas aquelas peças e ouvir o ronco suave dos motores sempre me acalmava.

Quando deu meio dia, fui até o restaurante mais próximo para pegar o almoço que tinha encomendado, deixando o Bruno cuidando da oficina.

Eu já tinha esfriado um pouco a cabeça, então percebi que posso ter exagerado um pouco com a Vale. Mia tinha errado, sim, mas merecia o direito de poder se explicar. Agora que eu sabia boa parte do motivo dela ter ido para casa da minha namorada, estava um pouco mais tranquilo, porém suspeitava que algo mais grave tinha acontecido.

Cheguei na casa da Vale, toquei a campainha e, um tempo depois, ela abriu a porta.

— Ah, é você — ela disse virando as costas e andando até seu quarto.

— Nossa, que recepção mais agradável, namorada — disse entrando, fechando a porta e indo atrás dela.

— Oh, então você já voltou a ser você mesmo e deixou de ser aquele ogro! — Ela disse com deboche e eu a puxei para um abraço.

Ela relutou, mas eu a mantive próxima a mim.

— Me desculpa, mas me transformo quando o assunto é a minha família — disse entre selinhos.

— Sei que você os ama e quer protegê-los, mas eles são humanos. Todo mundo erra, Chris. Só quero conversar com ela.

— E você vai conversar, quero saber o que aconteceu. Imagino o susto que levou quando ela apareceu aqui.

— Eu me assustei sim, pela maneira como ela estava... Ainda bem que você estava dormindo.

— Minha mãe me mandou uma mensagem pedindo para irmos lá depois do almoço. Ela quer que falemos com a Mia, já que até agora ela não contou o que aconteceu.

— Tudo bem, nós vamos — disse segurando minha mão.

— Vamos almoçar, comprei um almoço delicioso para nós dois.

Sentamos e comemos juntos. O clima entre nós dois já estava melhor e isso me deixava feliz. Depois do almoço, andamos até minha casa. No meio do caminho, paramos para comprar um sorvete e então pegamos o carro para irmos até a casa dos meus pais.

Chegando no sítio, meu pai nos recebeu bem abatido. Mamãe estava nervosa, não parava de limpar a cozinha.

— Oi, mãe — beijei sua testa. — Onde está a Mia?

— Oi, querido. Ela está no quarto. Eu e seu pai já tentamos tirá-la de lá para conversarmos, porém ela tem se mostrado muito teimosa e irredutível — ela respondeu frustrada.

— Vou conversar com ela, tia. Tenho certeza que depois de se abrir comigo, ela vai conversar com vocês. Mia só precisa saber que não irão julgá-la, independente do que tenha acontecido — Valentina disse abraçando-a.

— Oh, minha linda. Estou tão feliz por você estar na minha família, muito obrigada por nos ajudar nesse momento. Eu só quero ajudá-la, independente do que ela tenha feito — minha mãe respondeu apertando-a em seus braços.

Valentina foi até o quarto de Mia e eu e meu pai ficamos esperando na sala. Sei que ele estava chateado, minha ela era sua princesinha e só o fato de ela ter desobedecido já havia deixado ele muito triste.

— Espero que ela seja sincera e nos conte o que aconteceu — ele disse mudando os canais.

— Também espero, pai.

Assistimos um jogo de vôlei que passava, quando mamãe entrou com alguns sanduíches e um bolo, os colocando na mesa em nossa frente. Ela sentou ao nosso lado, visivelmente nervosa, mas logo a Vale entrou na sala com uma Mia de olhos inchados, descabelada e extremamente abatida.

Eu nunca tinha visto minha irmã assim. Ela sentou em uma das cadeiras e, segurando a mão de Valentina, ela nos disse: — Mãe, pai, antes de tudo queria pedir desculpas a vocês dois. Sei que os decepcionei fugindo para ir até aquela festa e sinto muito por isso, agi

por impulso e agora sofrerei as consequências por toda a vida — ela fez uma pausa e minha mãe foi até ela.

— Oh, minha princesa. O que você fez?

— Eu sempre sonhei em ter um amor como o de vocês sabe? Um que começou na adolescência e vai durar para sempre. Eu achei que estava tendo isso e por isso fui até essa festa, para me encontrar com o garoto pelo qual eu era apaixonada desde o ano passado. Mas eu me decepcionei muito e acabei fazendo a maior burrada da minha vida — ela disse se debulhando em lágrimas.

Vale e minha mãe a consolam, então ela respirou fundo e anunciou, mortificada: — Eu bebi demais, fui inconsequente e burra! Me entreguei a alguém que me julgou como um nada depois do sexo.

A sala toda ficou em um completo silêncio. Meu pai soltou uma exclamação de surpresa e colocou a cabeça entre as mãos, desolado. Eu ainda estava tentando assimilar que minha irmãzinha já não era mais uma menina. Minha mãe estava enfurecida. Ela se levantou, afastando-se da minha irmã e indo até o centro da sala.

— Eu estou tão decepcionada com você, Amélia! Como pôde fazer isso depois de tudo que conversei com você durante todos esses anos? Eu confiei em você e pensei que fosse mais inteligente e responsável! Estou tão chateada que mal consigo olhar em seus olhos! Dói perceber que eu não fui uma boa mãe. Qual foi o momento eu errei em sua criação? Meu Deus! Eu sabia que você andava muito rebeldezinha para meu gosto, mas isso? Isso é imperdoável — ela lamentou, se controlando para não chorar.

Mia se levantou e foi correndo para seu quarto. Valentina foi atrás dela e meu pai foi até minha mãe, acalento-a.

— Ela está de castigo por um bom tempo, Jake. Agora vai ser de casa para escola e da escola para casa. Nada mais de tanta liberdade para a Amélia. Ela vai ter que lutar muito para recuperar nossa confiança — ela disse ao meu pai.

— Mãe, sem querer me intrometer na criação que vocês dão aos meus irmãos, mas creio que prender ainda mais a Mia agora não será bom. Ela tem consciência do que ela fez e de que foi errado. Vamos tentar apoiá-la de alguma maneira, para que isso não vire um trauma maior e a impeça de ter um relacionamento saudável ao longo dos anos — disse a eles.

— Não abrirei mão do castigo, Chris. Se você me aprontasse uma dessas com a idade dela ia ser assim também e você sabe. A Mia precisa ver o quanto nos decepcionou! Eu não quero traumatizá-la ainda mais, só quero que ela veja o quanto isso nos feriu — ela respondeu e eu não concordei, mas resolvi não a contestar. Os ânimos estavam muito alterados naquele momento.

Minha mãe continuou falando no ouvido do meu pai, agora as lágrimas caíam de seu rosto. Eu resolvi deixá-los sozinhos e fui para a varanda fumar. Precisava acalmar meus próprios nervos. Mia havia feito escolhas péssimas na noite anterior, mas ela era apenas uma adolescente. Ela estava claramente machucada e não precisava de julgamentos, muito menos de castigos. Apenas viver com o peso da culpa já era o suficiente.

Fumei dois cigarros e então fui até o quarto de Mia, e encontrei-a adormecida nos braços de minha namorada.

— Ela dormiu? — Perguntei. Vale se assustou ao me ver, ela ainda não tinha percebido minha presença.

— Sim, depois de muito chorar. Ela está sentindo tão mal, Chris. Eu não sei como consolá-la.

— Conversei com meus pais, mas minha mãe está irredutível. Vamos dar um tempo para as coisas se acalmarem.

— É o que podemos fazer. Espero que nada mais aconteça enquanto estivermos em Porto.

— Vai ficar tudo bem. Vamos ainda hoje?

— Sim, assim chegaremos hoje à noite lá.

— Perfeito! Preciso ir arrumar as minhas coisas — ela disse beijando a testa da Mia e vindo em minha direção.

Despedimo-nos dos meus pais e voltamos para o Centro. Deixei-a em casa e fui até a minha. Arrumei a mochila com algumas roupas, fechei toda minha casa e avisei ao Bruno que ele ficaria responsável pela oficina durante esses dias. Levei Max para casa dos meus pais, deixando-os nas mãos de Cecília. Na volta, peguei Valentina em sua casa.

Minha namorada (não cansava de chamá-la assim!) parecia que ia se mudar para Porto. Ela estava levando duas malas e, além delas, uma mochila.

Depois de pôr tudo no porta-malas do carro, ela sentou ao meu lado no banco do carona.

— Deixou alguma coisa em casa, querida? —Perguntei com ironia.

— Hahaha, não estou levando nem a metade do que queria. Tenho que ser prevenida, querido — ela respondeu me dando língua.

Roubei-lhe um beijo e, assim, partimos para um fim de semana cheio de surpresas.

Vinte e oito



Durante o caminho, observei o sol se pondo. Já estávamos próximos de Porto, eu conseguia sentir a brisa do mar em meu rosto através das janelas.

Christopher entrelaçou sua mão na minha, depositando um beijo nela.

— A avó do Bernardo disse que deixou a casa arrumada e a dispensa cheia para nós dois.

— Isso é bom, porque já estou com fome.

— Assim que chegarmos, vou cozinhar algo para nós dois.

— Tenho até medo de você na cozinha — disse fazendo graça.

— Sou melhor cozinheiro que você, minha Ruiva.

— Só nos seus sonhos, meu amor.

Chegamos na casa em Porto e Chris foi prender os cachorros enquanto eu subi com as malas até o quarto. Ficaríamos com o do Bernardo, já que não conseguiria dormir no mesmo quarto dos tios do Chris, imaginando tudo o que eles já tinham feito lá.

Coloquei as malas dentro do guarda-roupa e caminhei até a varanda, me apoiando na sacada e lembrando da minha conversa com a Mia.



— Oh, minha linda. Quer me contar o que aconteceu? — Questionei depois de sentarmos abraçadas em sua cama.

— Foi tão repentino, Vale. Eu não lembro muito bem como tudo começou, estávamos nos beijando e logo depois já estávamos sem roupa. Eu não pensei, só me deixei levar pelo momento!

— E não foi uma experiência muito boa, né?

— Eu não estava bem, Vale. Era como se eu não estivesse sendo eu mesma naquele momento. Ele não foi muito gentil. E o jeito que ele me olhou depois.... Eu me arrependo tanto, mas tanto. Meus pais vão me odiar!

— Eles te amam, Mia. Vão ficar chateados, sim, mas depois passa. Eu sei que agora parece que o mundo acabou, mas vai

passar, meu bem. Mas me diz uma coisa... Vocês se protegeram?

— Como assim? Ah, a camisinha?

— Sim, vocês usaram?

— Eu não lembro muito bem, mas acho que sim... Lembro-me vagamente dele tirando algo do bolso.

— Espero que ele tenha usado, ela previne tanto gravidez quando alguma possível DST...

— Eu sei disso, mamãe me falou isso a vida toda.

— Que bom. Mas agora chegou o momento de você falar com eles.

— Eu não quero contar para eles, Vale.

— Eu sei que não quer, mas eles estão preocupados com você, Mia. Eles te amam muito e só querem o seu bem, sua mãe está devastada lá fora... Além do mais, eles vão descobrir, eventualmente. É melhor que a notícia venha de você, não acha? E eu vou estar do seu lado o tempo todo — incentivei-a e ela me abraçou.

— É, você está certa. Te amo, Vale. Nunca mais suma das nossas vidas.

— Também te amo, pequena Mia. Não vou sumir, prometo.



Fui tirada dos meus pensamentos ao sentir as mãos de Chris em meus ombros, ele acariciou e depois me abraçou, observando a paisagem.

— Estava onde? Te chamei umas três vezes...

— Estava pensando na Mia, mas agora já estou aqui — respondi virando para ele, roubando-lhe um beijo e sentindo seu gosto que me deixava ainda mais apaixonada por ele.

— Vamos jantar? Fiz algo para comermos, podemos jantar na varanda dos fundos, de frente para o mar.

— Vamos sim! Adorei a ideia. Vou só tomar um banho e colocar uma roupa mais fresca.

— Está certo, te espero lá embaixo — ele respondeu me deixando sozinha novamente.

Tirei um vestido branco e rendado da mala. Ele tinha um decote de coração e uma saia longa. Fui até o banheiro, onde tomei um banho rápido e refrescante. Coloquei uma lingerie branca e o vestido. Descalça, desci as escadas, indo em direção aos fundos da casa e encontrando Chris em frente a uma pequena fogueira.

— Uau, a vista aqui é ainda mais linda — disse e ele me olhou encantado.

— Só posso concordar. Você é com certeza a vista mais linda desse lugar — ele disse vindo até mim, erguendo-me em seus braços me dando um beijo longo e intenso.

— Meu Deus, que namorado mais romântico eu tenho! — Disse ao ver a mesa que ele tinha arrumado para o nosso jantar. Ela estava em uma área mal iluminada da varanda, com velas acesas, e pétalas de rosas ao redor.

— Tudo para você, minha ruiva — ele disse ao beijar meu pescoço, me abraçando novamente.

Sentamo-nos, ele serviu o vinho em nossas taças e depois revelou o que iríamos jantar: estrogonofe de camarão.

— Amo camarão!

Chris brincou: — Melhor que comida vegana com suplemento de proteína vegetal que algumas pessoas por aí consideram jantar, né?

Ri em voz alta, lembrando do restaurante que Rodrigo tinha me levado, e experimentei o estrogonofe, que estava divino.

— Que delícia! Vejo que andou explorando a avó do Bernardo.

— A Mimi ama cuidar da gente como se fôssemos crianças, tenho certeza que você irá adorá-la.

— Com esses dotes culinários, ela pode me mimar quando quiser! — Disse a ele, que sorriu para mim.

Comemos conversando bobagens e aproveitando tanto o lugar onde estávamos quanto a companhia um do outro.

Quando terminamos de comer, ajudei o Chris a guardar a comida e lavar os pratos. Sentei-me em frente à pequena fogueira e me surpreendi ao vê-lo sentar em minha frente com um violão na mão.

— Que noite mais perfeita! Além de um jantar tão amoroso, ganharei também um show particular? — Questionei sentando-me mais confortavelmente.

— Bem, no dia do casamento dos meus pais, meu pai subiu ao palco e cantou para minha mãe uma música que representava muito relacionamento deles. Há alguns dias, eu estava pensando em você e essa música começou a tocar. Eu sempre gostei muito dela, mas agora vejo o quanto ela é nossa — ele ajeitou o violão em seu colo e continuou: — Então, nessa noite tão especial, resolvi cantá-la para você.

Então ele começou a dedilhar as primeiras notas e, no primeiro assobio, reconheci “Patience”, do Guns n’ Roses, a banda favorita do Chris.

Era incrível como a letra falava do nosso relacionamento. Realmente, nós tivemos que ter muita paciência, mas o amor ainda estava entre nós, depois de todos os anos de espera. Eu o amava tanto, sempre amei.

Quando ele terminou de cantar, lágrimas escorriam do meu rosto. Eu nunca tinha recebido uma declaração igual àquela.

Antes que eu pudesse ter qualquer tipo de reação, ele me surpreendeu mais uma vez se ajoelhando em minha frente, tirando uma caixinha do seu bolso, mostrando-me um anel dourado, com um grande diamante no centro e ladeado por vários brilhantes menores.

— Meu amor, minha Ruiva. Como diz a música, eu penso em você todos os dias e não há dúvidas em como você está no meu coração. E para ficar. Eu te amo tanto que não quero te ter na minha vida apenas como amiga ou namorada. Te quero ao meu lado como minha esposa, como a mulher com quem eu irei compartilhar cada momento da minha vida, porque eu simplesmente não imagino mais viver sem você — ele parou, respirou fundo e continuou: — Quando éramos crianças e você foi embora, senti tanta dor que prometi a mim mesmo que não me permitiria sentir dessa maneira outra vez. Você sempre foi a luz da minha vida e, apesar de toda dor que senti, o amor por você esteve aqui o tempo todo — ele apontou para o seu coração. — Por isso, agora quero te fazer um único pedido: Casa comigo?

Coloquei as minhas mãos em meu rosto, limpando as lágrimas e absorvendo tudo aquilo que ele tinha dito. Era surreal, estávamos juntos há tão pouco tempo, apesar do meu coração ser dele desde os meus cinco anos.

Então, em frente ao mar, com Deus como testemunha, eu respondi: — Sim, eu aceito! Nada nesse mundo me faria mais feliz do que ser sua esposa e compartilhar o resto da minha vida contigo — joguei-me em seus braços dando-lhe um beijo repleto de paixão.

Ele retribui o beijo e me abraçou apertado e, então, eu percebi que meu agora noivo estava tremendo levemente.

Colocando o anel em meu dedo indicador, ele me beijou novamente.

— Eu estava tão nervoso.

— Percebi! Achou que eu não fosse aceitar? Eu me casaria com você agora, se eu pudesse! — Disse dando-lhe vários selinhos.

— Casaria comigo agora? — Ele questionou olhando diretamente em meus olhos.

— Você sabe que sim. Eu te amo tanto, meu amor.

— Você embarcaria nessa loucura? Porque eu conseguiria fazer isso acontecer agora!

— Meu Deus, que noivo mais louco eu fui arrumar! Como nos casaríamos agora, meu bem? Sem nossos amigos ou familiares?

— Indaguei curiosa.

— Se você aceitasse casar comigo essa noite, não me importaria nem um pouco com os outros. Tudo o que importaria seríamos nós dois. Então me diz, o que acha de casar comigo agora?

Vinte e nove



— Eu faria qualquer coisa para passar o resto da minha vida com você, até mesmo casar bem aqui e agora — ela respondeu me fazendo dar o maior sorriso de todos.

Esprei tanto por essa resposta! Estava me organizando durante semanas para que a noite fosse perfeita.

Apesar de amar muito a minha família, eu queria que esse momento fosse apenas de nós dois.

— Então vamos, nossa cerimônia nos espera — disse segurando em sua mão, levando-a até uma parte mais isolada da praia.

Quando nos aproximamos, comecei a ver toda a decoração arquitetada pela minha irmã. Um arco repleto de violetas e rosas nos aguardava ao final de um caminho decorado com conchas e luzes penduradas formando pequenos arcos. O pastor que eu tinha contratado já estava em seu devido lugar com uma bíblia em mãos, assim como a Sophia e o Bernardo que, além de serem nossos padrinhos, seriam nossos fotógrafos.

Parei de admirar toda a decoração e olhei para minha noiva e futura esposa. Ela olhava embasbacada para tudo o que tinha planejado.

— Você gostou?

— Se eu gostei? Eu adorei! Meu Deus do céu, como você conseguiu me esconder isso por tanto tempo?

— Aconteceram tantas coisas que você acabou não percebendo, eu me esforcei muito para deixar tudo perfeito para nós dois essa noite — respondi tomando seus lábios em um beijo casto.

— Vem, Vale! Vamos voltar para casa e te deixar ainda mais bela para esse casamento — Sophia disse para Valentina, levando-a de volta para casa.

Bernardo veio em minha direção, sorrindo: — Parabéns, cara! Sempre soube que você acabaria casando antes de mim.

— Não aguentaria ficar nem mais um dia sem estar com ela ao meu lado. Quando a gente ama é assim, cara! Não vai demorar para você estar colocando uma aliança no dedo da Sophia.

— Não vai mesmo, e nem estou falando sobre a pressão que os nossos pais estão fazendo, mas sim porque estamos querendo ter

filhos. Mas antes disso, precisamos ser uma família.

— É. Cara, olha aqui, minha mãe vai surtar quando souber desse casamento, por isso, assim que estivermos oficialmente casados, você vai mandar uma foto para ela.

Incrédulo e rindo, ele disse: — Você é louco! Ela vai aparecer aqui amanhã cedo!

— Pode até ser que apareça, mas não vamos mais estar aqui, então ela vai ter que descontar a fúria em outra pessoa ou se acalmar e ir ao casamento do seu primo.

— Você é maluco, Christopher! Falando em Heitor, convidei ele para sua minimalista cerimônia, já que ele nos ajudou muito com tudo isso.

— Que ótimo, vai ser honra tê-lo aqui. Uma pena que não poderemos comparecer ao casamento dele.

— Já decidi para onde vai levá-la?

— Aluguei uma lancha para nos levar até uma cabana na ilha vizinha, voltaremos na segunda.

— Beleza. Mas agora vai se arrumar, tudo bem que noiva atrasa, mas duvido que a Vale demore muito.

Voltei para casa e subi até o quarto, encontrando a Laura saindo do quarto dos pais do Bernardo.

— Oi, você deve ser o Christopher, certo?

— Sou sim. E você é a Laura, né? Como está minha noiva?

— Bem mais ansiosa que você, mas ela está em boas mãos. Eu e a Sophia estamos dando conta de tudo.

— Que bom, fico feliz. Deixa eu pegar uma coisa aqui no quarto, quero que entregue a ela — disse entrando rapidamente no quarto para buscar meu presente de casamento para a Vale.

Peguei o colar que havia sido da minha avó Marina e que, antes de ser dela, havia sido da mãe do meu avô. Era um colar de ouro com um coração de cristal azul, quase uma relíquia da família, e eu queria dá-lo à mulher que sempre teve meu coração.

Tomei um banho, fiz a barba e vesti uma camisa social branca, uma calça e coloquei um blazer azul claro por cima.

Desci as escadas com as alianças no bolso e caminhei para o lugar onde eu iria me casar em poucos minutos. Heitor já estava ao lado de Bernardo.

Cumprimentei ambos e me posicionei ao lado do padre. Logo depois, Laura veio ficar ao lado do Heitor e a música começou a ser tocada.

Ao som de uma versão acústica de “In The Name of Love”, do Martin Garrix e da Bebe Rexha, Valentina surgiu no início no caminho iluminado que a traria até mim.

Com passos lentos, sorrindo e olhando apenas para mim, ela andou.

Assim que estávamos mais próximos, percebi seu rosto molhado devido às lágrimas. Limpei-as e ela me beijou um beijo casto com a pureza do primeiro que dividimos.

Então, naquele momento, olhando nos olhos que me atormentaram durante a infância e que invadiram os meus sonhos durante tanto tempo, tive plena certeza de que estava prestes a me casar com a mulher da minha vida e que não a deixaria ir embora nunca mais.

Trinta



Entreguei o meu buquê para Laura e entrelacei meus dedos com os do Christopher. Viramos para o Pastor, que iniciou o sermão do nosso casamento.

— Bem, não é muito comum eu realizar casamentos nesse ambiente e nesse horário, mas quando um noivo apaixonado implora para que você, junto a Deus, lhes dê a benção, você aceita em nome do amor. Quando Christopher me contou a história de vocês, fiquei ainda mais grato por presenciar esse momento, já que em Coríntios 13 o versículo 7 diz que quem ama nunca desiste, porém suporta tudo com fé, esperança e paciência. Por isso saibam conservar esse amor que resplandece entre vocês dois, só assim ele será eterno e trará muitos frutos. — Sorrimos concordando e, com um lenço, limpei minhas lágrimas que não paravam de cair.

— Mas não sou só eu quem irei falar nessa cerimônia. Sei que cada um de vocês tem algo a dividir um com o outro, e qual melhor maneira de recitar o amor do que no casamento de vocês? Christopher, você trouxe as alianças? — Ele perguntou e o Chris entregou-as a ele, que as abençoou.

O pastor então continuou a falar sobre o amor e a vida que agora construiríamos juntos. Confesso que não prestei atenção em muitas coisas, eu simplesmente não conseguia tirar os olhos do Christopher. Era como se cada momento que vivemos juntos estivesse passando em minha memória.

— Agora vamos à troca de alianças. O noivo me informou que vocês recitariam os próprios votos e não seguiriam o tradicional...?

— Sim, pastor. Eu gostaria de começar — ele disse pegando a aliança e a minha mão. — Acho que gostei de você desde o momento em que te conheci. Você era divertida e me fazia sorrir o tempo todo. O dia em que encheu meu coração de amor foi o mesmo dia em que o partiu em milhões de pedaços, mas não te odiei por isso. Como eu poderia? Você sempre foi a minha lembrança mais feliz. Anos se passaram e o meu amor ficou guardado aqui até o momento em que você apareceu. Eu sabia que um dia você iria voltar, que o destino a traria de volta para mim, pois meu coração já tinha escolhido sua outra metade. Por isso, neste momento, eu prometo ser fiel na alegria e na tristeza, na saúde e na doença por todos os dias da minha vida, pois, você sempre foi e será a primeira e a única no meu coração — ele colocou a aliança no meu dedo e beijou minha mão.

Eu tomei seus lábios em um beijo molhado, devido às minhas lágrimas. Respirei fundo, segurei a aliança e a sua mão e comecei a dizer: — Bem, quando éramos crianças eu costumava brincar que você era o meu namorado, mesmo sem nem saber o que era isso. Só achava divertido porque te irritava, mas graças a você eu pude experimentar o que era ter o amor de uma família, você me proporcionou isso e eu só tenho a agradecer. Deixar você, doze anos atrás, foi uma das coisas mais difíceis que fui obrigada a fazer, mas eu pensei em você todos esses anos e tenho cartas que comprovam o tamanho da minha saudade. Não sei se foi o destino que me trouxe de volta para os seus braços ou se foi o que sentíamos que me fez voltar, eu apenas sei que não conseguiria ser feliz sem ter você ao meu lado, foi o amor que nos fez estar aqui esse momento e eu não poderia estar mais feliz por estar casando com o meu melhor amigo e o meu primeiro e único amor, o garoto que me mostrou e ainda me mostra o quão belo pode ser esse sentimento a cada momento que estamos juntos. Eu te amo, Christopher Sullivan, o infinito seria pouco para as dimensões do que sinto por você — coloquei sua aliança e ele me beijou, completamente apaixonado.

— Bem, já que os noivos foram apressadinhos, eu vos declaro marido e mulher, o que Deus uniu, ninguém há de separar — terminamos o nosso beijo e nossos poucos convidados jogaram pétalas de rosa sobre nós. Sorrindo, assinamos nossos documentos e caminhamos de volta para a casa, até eu ser parada pelo meu marido.

— Desculpa, meu amor, mas não teremos uma festa essa noite e também não voltaremos para casa.

— Não? E para onde vamos? — Questionei confusa.

— Você logo verá — ele respondeu beijando meu nariz de um jeito fofo.

Despedi-me de todos, desejando um casamento maravilhoso ao Heitor e a Laura, e caminhamos até um jet-ski que estava parado na areia em frente à casa. Sorri, surpresa, e subi atrás do Chris.

Ele pilotou até uma lancha que estava parada a alguns metros de onde estávamos. Subimos e ele foi até a cabine.

— Você quem vai pilotar?

— Vou, fiz curso por um tempo e o esposo da minha tia Rosa. O Nando era pescador, aprendi muita coisa com ele.

Abracei suas costas e beijei seu pescoço.

— Posso saber para onde estamos indo agora?

— Claro. O Heitor tem uma cabana na ilha vizinha, estamos indo para lá — ele disse e eu sorri levemente surpresa, aconchegando-me mais a ele.

Não demorou muito e logo avistei a praia. Christopher desligou e ancorou a lancha, então fomos aos fundos dela.

— Vamos de jet-ski de novo? Estamos próximos, poderíamos ir nadando. O que acha, amor?

— Acho que isso seria uma loucura. Vamos de jet-ski, pois, não vejo a hora de fazer amor com você — ele respondeu enlaçando-me pela cintura, salpicando beijos em meu pescoço.

Ele fez um movimento para descer da lancha, mas eu disse: — Você sabe que eu sempre fui fã de uma boa loucura, e outra: podemos nos amar em qualquer lugar.

Tirei meu vestido de noiva e me joguei no mar, arrependendo-me instantaneamente, já que a água estava muito fria.

Christopher pulou logo atrás para me segurar, porque o mar estava um pouco agitado — algumas ondas batiam em nós dois.

— Sua louca, poderia ter se afogado — ele sorriu e me segurou.

— Eu sei nadar, bobinho — respondi, entrelacei minhas pernas em sua cintura e beijei-o intensamente, deixando-o explorar cada parte do meu corpo. Suas mãos me apertavam cada vez mais.

Nossos corpos aqueciam um ao outro enquanto nos beijávamos desesperadamente, e agora já não haviam mais roupas entre nós.

Christopher me tomou de maneira intensa e arrebatadora. A cada investida eu sentia o quanto pertencíamos um ao outro. Então, quando atingimos o clímax juntos, sorri satisfeita. Nunca havia sido amada daquela maneira.

Trinta e um



Depois de nos recuperarmos, puxei Valentina de volta ao barco e a vesti com a minha camisa, já que ela estava tremendo de frio. Coloquei apenas a cueca e montei no jet-ski, levando-a comigo até a casa.

Corremos até a casa, já que o tempo nublado anunciava uma chuva a caminho.

Ao entrarmos na casa, peguei-a no colo, levando-a até o banheiro do quarto em que ficaríamos. Arranquei minha camisa do corpo dela e tomei sua boca de maneira insaciável, seu gosto era magnífico.

Desci de sua boca para seu pescoço, deixando ali alguns chupões. Apertei seu corpo contra o meu, fazendo-a sentir o tamanho do meu desejo.

— Prometo ser mais carinhoso na cama — sussurrei e tomei sua boca novamente, dando-lhe um beijo intenso. Guiei-a até o banheiro, tirando as roupas pelo caminho, tentando ao máximo não separar nossas bocas. Nossos corpos se encaixavam em uma perfeição surreal, éramos apenas eu, ela e uma química espetacular entre nós. Nascemos para estar nos braços um do outro.

Eu a amava tanto.

Depois de estarmos saciados, saímos do banheiro vestindo roupões. A chuva caía forte lá fora, então fui ligar o aquecedor e preparar algo para comermos.

Voltei para o quarto, levando uma bandeja com alguns sanduíches e sucos. Encontrei Valentina deitada na cama, mexendo em seu celular.

— O que está fazendo? — Perguntei deitando-me ao seu lado.

— Vendo as fotos! Sophia me mandou quase todas.

— Ótimo, escolhe uma delas para mandarmos para minha mãe — disse e ela me olhou espantada.

— Você vai mesmo fazer isso? Vai contar a sua mãe que casamos desse jeito?

— Claro, porque não? Ela vai adorar a surpresa — respondi comendo o sanduíche e ela bebeu um pouco do seu suco.

— Ela vai é se chatear, afinal casamos sem sua família. Ela vai achar uma falta de consideração da nossa parte.

— Ela vai adorar planejar nosso segundo casamento, então fique tranquila, Ruiva! — Dei-lhe um selinho e peguei meu celular, vendo as fotos dessa noite maravilhosa.

Escolhi a do beijo que selou nosso compromisso, publiquei-a em uma rede social, colocando como legenda os meus votos. Marquei a maioria dos meus familiares na postagem e desliguei meu celular.

Olhei para Valentina e percebi que ela estava me encarando.

— O que foi? — Perguntei e ela se aproximou de mim, ficando por cima.

Ela me beijou casta e delicadamente.

— Obrigada por me fazer a mulher mais feliz do mundo essa noite — ela disse com o rosto em meu pescoço.

Apertei-a contra mim e disse: — Não tem que me agradecer quando está fazendo o mesmo por mim. Eu te amo demais, Ruiva.

Apenas o roçar dos nossos lábios me excitava. Beije-i-a novamente, passando minha mão por sua pele, transmitindo inúmeras sensações. Nossos corpos entravam em perfeita sintonia, fazendo-me amá-la cada vez mais durante toda noite.

Eu finalmente me sentia completo. Valentina era minha e eu era dela. Para sempre. E não havia ninguém capaz de mudar isso.



Acordamos emaranhados um no outro na manhã seguinte. O sol brilhava lá fora, convidando-nos para um banho de mar. Tomamos banho juntos e, com roupa de praia, fomos até o mar.

Se é que era possível, achava Valentina ainda mais bela naquela manhã. Minha agora esposa reluzia felicidade, me fazendo amá-la e desejá-la ainda mais.

— Meu Deus, que paraíso! — Ela gritou ao olhar a vista, que era incrível. Devido à grande quantidade de árvores ao nosso redor, a cor do mar mesclava entre o verde e o azul. O céu estava limpo e o sol não estava tão forte, dando-nos um tempo bem agradável.

— Tudo isso apenas para nós dois, baby — abracei-a, beijando seu pescoço.

Carreguei-a até o mar, onde ficamos por toda manhã, namorando.

À tarde, estávamos juntinhos em nossa cama quando minha mãe me ligou. Ela vinha me ligando por toda manhã, mas eu apenas ignorava.

— Não vai atender?

— Não, prefiro levar bronca pessoalmente.

— Você é louco por provocar a tia Mel desse jeito! Ela vai te matar e não quero ficar viúva tão cedo, Christopher.

— Relaxa que já conversei com meu pai e ele vai acalmá-la aos poucos — revelei puxando-a para perto de mim, deixando-a com a cabeça sob o meu peito.

— Preparada para mais uma mudança?

— Não sei, a minha primeira foi bem trabalhosa e, além do mais, preciso conversar com o senhorio da casa.

— Eu sei, só quero você morando comigo o mais breve possível.

— Também quero isso, não consigo mais dormir sozinha.

— Também não gosto de acordar sem te ter ao meu lado.

Ficamos em silêncio por um tempo, apenas curtindo os carinhos um do outro, quando ela me perguntou: — Acha que teremos um casamento feliz como o dos seus pais?

— Acho que sim! Nós amamos e confiamos um no outro, e isso já é um bom alicerce para o nosso casamento.

— Hum, mesmo que não tenhamos filhos, vai me amar mesmo assim? — Ela questionou um pouco tensa.

— Claro que sim. Filhos não serão uma prioridade para nós dois, certo? Eu te amo e mesmo que não tenhamos filhos gerados por nós, podemos sempre adotar, há tantas crianças por aí querendo um pouquinho de amor... E isso nós temos de sobra — beijei sua testa, tentando acalmá-la. Ela sorriu para mim, segurando meu rosto com as duas mãos e beijou minha boca.

— Eu te amo, muito! Nunca desista de mim, porque eu não suportaria viver sem você novamente — vi lágrimas em seus olhos e a abracei.

— Jamais desistirei de você, meu amor. Somos uma família agora, eu e você contra o mundo, sempre! — Mantive-a em meus braços e logo adormecemos novamente.

Despertei e percebi que já anoitecera. Valentina já não estava mais ao meu lado, então levantei para procurá-la.

Encontrei-a na varanda da casa com um semblante sério, ela parecia nervosa e triste.

— Ruiva? — Chamei-a, mas ela parece não me escutar. — Valentina! — Gritei tocando em seu braço. Ela pulou, assustada.

— O que foi, Christopher? — Ela respondeu irritada.

— Nada, eu é quem pergunto. Aconteceu alguma coisa?

—Não, nada. Vamos jantar — ela se levantou apressadamente e entrou em casa.

Virei-me para ir atrás dela, mas me assustei ao encontrar o celular dela com a tela completamente destruída, jogado no chão, próximo da porta.

O que estava acontecendo? Por que ela fez isso?

Peguei o aparelho e fui até ela na cozinha, atrás de respostas.

Trinta e dois



Por que ele sempre me encontra?

Por que não consigo fugir dele por muito tempo?

Será que eu nunca conseguiria ter paz?

Essas eram perguntas que passavam pela minha cabeça assim que li a mensagem que o Arthur havia me mandado. Apesar de ele não ter assinado, eu sabia que era ele.

Ele era o único que me chamava de Tina, porque ele sabia que eu odiava esse apelido.

Na mensagem, ele dizia que iria me encontrar e que eu seria dele de novo.

E novamente o medo tomou conta de mim. O Arthur não era o mesmo cara que me encantou no início do nosso relacionamento, ele tinha se transformado em uma pessoa violenta, agressiva e vingativa. E eu demorei tanto tempo para perceber isso!

O nosso relacionamento se transformou em uma prisão e eu não queria voltar para ela.

Limpei a lágrima que escorreu no meu rosto e, assim que o meu celular vibrou novamente, eu o joguei contra a parede, vendo a tela se espatifar ao tocar o chão.

Fiquei olhando o mar, perdida em pensamentos, e então me assustei ao escutar o Chris gritando meu nome: — Valentina!

Como já estava chateada e irritada com a mensagem do Arthur, eu respondi: — O que foi, Christopher?

— Nada, eu é quem pergunto. Aconteceu alguma coisa? — Ele questionou preocupado. Preferindo não lhe falar sobre a mensagem, levantei-me, dizendo: — Não, nada. Vamos jantar.

Entreí em casa, e fui direto para cozinha. Comecei a tirar algumas panelas dos armários e peguei o necessário para fazer um macarrão ao alho e óleo com camarão.

Estava cortando alguns temperos quando Chris entrou em casa com meu celular na mão.

Droga!

— Por que fez isso com seu celular?

— Porque eu quis. O celular é meu, não é?

— Vai ficar mesmo com essa atitude? Em plena lua de mel você vai mentir para mim, seu marido? — Ele questionou irritado, cruzando o balcão da cozinha para ficar ao meu lado.

— Eu não estou mentindo — disse tentando soar firme.

— Então vira para mim e fala isso olhando nos meus olhos — ele segurou os meus braços, virando-me em sua direção e, ao olhar para ele, eu simplesmente desabei.

Ele me amparou, carregando-me e levando-me até o quarto. Eu não conseguia parar de chorar e não conseguia formar nenhuma frase coerente para explicar o que estava acontecendo.

O Arthur mexeu muito com a minha cabeça e demorou muito para que eu conseguisse me recuperar um pouco, mas só com uma mensagem ele voltou a fazer esse estrago todo.

Chorei e, um pouco antes de adormecer, disse: — Me desculpa.



Na manhã seguinte, não falamos nada sobre o ocorrido na noite anterior. Voltamos de lancha para Porto e, depois de nos despedirmos do Heitor e da Laura, que estavam indo para Lua de Mel, voltamos para casa.

Trocamos pouquíssimas palavras no caminho e isso estava me matando por dentro. Então, quando ele estacionou na frente da minha casa, fiquei encarando-o sem entender, pois havíamos combinado de morar na casa dele agora.

— Acho que você precisa de um pouco de espaço. Talvez tudo isso tenha sido um pouco demais para você, afinal aconteceu uma coisa atrás da outra e você não teve tempo para pensar... — ele ia continuar, mas eu o interrompi.

— Acha que fiz tudo isso por impulso, sem pensar nas minhas decisões?

— Claro que não, não foi isso que eu quis dizer...É só que nunca havia visto você daquele jeito antes, Vale. Você chorou nos meus braços até dormir e não me disse o motivo, então me resignei a pensar se você não tinha se arrependido — ele disse sério e seu semblante transpareceu cansaço.

— Eu não me arrependi! Eu te amo, será que não entende isso? — Exaltei-me, tentando controlar as lágrimas que teimavam em cair.

— O amor nem sempre é o suficiente, Valentina.

— Você não pode fazer isso comigo, Christopher! Acabamos de nos casar e você está me dando um tempo! Não faz isso comigo! — Implorei nervosa.

— Acho que nós dois precisamos desse tempo. Eu não estou terminando nosso casamento, muito menos dizendo que não te amo, eu só quero mais! Quero que você não só me ame, como confie em mim.

— Eu confio em você! Não faz isso, por favor!

— Amanhã conversamos novamente. Isso vai ser bom para nós dois, confia em mim — ele depositou um beijo em meus lábios e saiu do carro, me deixando sozinha.

Saí do carro e caminhei até minha casa. Ignorei as muitas correspondências e fui até o banheiro. Tomei um banho quente, tentando aliviar minhas tensões e me joguei na cama após vestir um dos meus inúmeros baby-dolls. Apollo subiu na cama e

imediatamente começou a ronronar, esfregando sua cabeça em minha mão. Lua ficara responsável por cuidar dele, mas ele estava com saudades de mim mesmo assim. Acariciei seu pelo e chorei.

Não sei por quanto tempo fiquei naquela cama, chorando, ignorando ligações e campainhas.

Já era tarde quando resolvi fazer algo para comer. Fiz um sanduíche e tomei um suco. Não estava com vontade de fazer absolutamente nada. Apesar de tudo, eu sabia que o Chris estava certo: eu não havia confiado nele e ele não merecia que eu não estivesse verdadeiramente entregue ao nosso casamento. Sentei-me no sofá e fiquei observando a lua pela janela. Algum tempo depois, o telefone tocou. Ignorei novamente e a secretária eletrônica atendeu.

— *Vale, é a Mia. Consegui que meus pais me deixassem na casa do Chris hoje e você não está aqui! Chris me disse que vocês brigaram. Ainda não consigo acreditar que vocês brigaram um dia depois de se casarem! Mas quero saber de você, está tudo bem? Aconteceu alguma coisa que você queira me contar? Pode contar comigo, viu? Chris me contou que seu celular quebrou. Deixei um novo na sua caixa de correio... Tentei falar com você, mas você devia estar dormindo. Me liga!*

Sorri ao escutar a voz da Mia. Era bom escutar sua voz alegre novamente. Talvez as coisas tivessem melhorado.

Levantei-me para voltar ao meu quarto quando vi as correspondências empilhadas na mesinha de centro, onde Lua provavelmente as deixara. Tinham tantas! Como acumulou essa quantidade em tão poucos dias?

Levei-as para o meu quarto e comecei a abri-las. Algumas eram contas, mas outras não eram.

Três delas estavam endereçadas a mim, sem remetente.

Fiquei receosa em abrir, mas busquei coragem e fui rasgando uma de cada vez.

Eu precisava parar de temer o Arthur.

Na primeira, não tinha nada escrito, apenas uma foto.

Uma foto minha tirada provavelmente na semana anterior, eu estava na frente da escola conversando com alguns alunos.

Na segunda, havia mais fotos, dessa vez das pessoas próximas a mim. O Chris, a Mia, a Lua, o Bernardo e a Sophia.

Havia uma foto para cada um deles e traços vermelhos tinham sido feito em seus pescoços. E, quando colocadas lado a lado, seus versos formavam uma mensagem.

“ESTOU DE OLHO EM CADA UM DELES.” – A.

Tremendo, abri a última carta. Havia um papel dobrado e uma foto nossa no começo de namoro. Estávamos abraçados e felizes. Abri o papel e ao começar a ler, lágrimas voltaram a escorrer do meu rosto.

“MINHA QUERIDA VALENTINA, ESTOU TÃO FELIZ EM TER TE ENCONTRADO. DEU TRABALHO, MAS VOCÊ SEMPRE GOSTOU DE JOGUINHOS, NÃO É, MEU AMOR? EU PODERIA ESTAR MAIS FELIZ SE NÃO TIVESSE VISTO VOCÊ COM OUTRO. QUE COISA MAIS FEIA, TINA! ESTAR COM OUTRO CARA QUANDO ME PERTENCE.

MAS ISSO NÃO FICARÁ ASSIM.

VOCÊ É MINHA.

VOCÊ VAI SE LEMBRAR DISSO.

POR BEM OU POR MAL.

— A.

Amassei o papel e joguei-o na cama, em prantos. Corri até o telefone e liguei para única pessoa que poderia me ajudar naquele momento.

Antes de ele dizer qualquer coisa, eu disse: — Sei que combinamos de conversar só amanhã, mas você pode vir aqui agora? Eu preciso muito de você.

— Já estou indo — ele respondeu desligando.

Não demorou muito para que ele aparecesse. Christopher estava molhado devido à chuva que começara a cair. Perdi-me em seus braços e, em tom suplicante, eu implorei: — Fica comigo... Não desiste de mim, por favor!

Trinta e três



Eu ainda estava abalado com tudo o que havia falado para Vale dentro daquele carro. Nós tínhamos acabado de casar, mas o sentimento de desconfiança habitava em meu coração desde a noite anterior.

Ela chorou até dormir em meus braços e não disse o que havia acontecido. Eu odiava saber que ela não confiava o suficiente em mim para compartilhar o que lhe afligia.

Entrei em casa, estranhando a calma que ela ficava sem Max e adormeci sem ao menos trocar de roupa.

No dia seguinte, acordei com o insistente som da campainha. Praticamente me arrastei até a porta e me deparei com uma Mia muito animada.

— Oi, irmãozinho! Estava com saudades de mim? — Ela perguntou entrando em casa e se jogando no sofá.

— Oi, Mia! O que está fazendo aqui tão cedo?

— Vim dar parabéns ao casal e ver a Valentina. Ela ainda está dormindo?

— Não sei, ela não está aqui.

— Como assim ela não está aqui? Vocês acabaram de casar, deviam estar em clima de lua de mel.

— Eu sei, Mia. Porém aconteceram algumas coisas e preferimos dar um tempo de ontem... Vamos conversar mais tarde.

— *Oxe!* Como assim um tempo, Christopher? Vocês acabaram de casar, deviam estar juntos e felizes planejando meus sobrinhos!

— Mia, como eu já disse, aconteceram coisas! E isso é particular, deixa que com a Vale eu me resolvo — respondi dando as costas para ela, mas ela me seguiu até o corredor.

— Nada disso, me conta agora! Eu te ajudei a planejar todo esse casamento! Me diz agora por que vocês brigaram! — Ela exigiu em voz alta.

— Se acalme, deixa eu pelo menos tomar um banho e acordar direito — fui até o banheiro me banhar e, depois de arrumado, caminhei até a cozinha para fazer um café forte, contando a Mia tudo o que tinha acontecido na lua de mel.

— Nossa, Chris. Aconteceu alguma coisa séria. Meu coração ficou até apertado pela Vale, agora.

— Também estou preocupado, mas ela precisa confiar em mim.

— Ela vai confiar, ela precisa. Você é o porto seguro dela, Chris. Deixa só a Vale tomar coragem — Mia falou e eu me surpreendi.

— Desde quando ficou tão sábia? —Brinquei com ela.

— Engraçadinho. Tenho lido muito ultimamente, papai e mamãe tiraram meu computador e celular, então só me restaram os livros — ela falou levemente entristecida.

— Quer que eu fale com eles? — Ofereci.

— Não, isso é bom. Preciso mesmo me afastar de algumas pessoas.

Avaliei minha irmã e concluí que ela estava falando sério mesmo. Os acontecimentos da semana anterior fizeram com que ela amadurecesse um pouco, percebi.

— Certo, qualquer coisa me fale — disse.

— Beleza. Agora vamos no shopping!

— Shopping?

— Sim, precisamos comprar um celular novo para a Vale.

— Boa ideia, deixe-me pegar a carteira.

Fomos juntos até o shopping da cidade e, após comprarmos um celular semelhante ao que ela já tinha, porém mais avançado, tomamos um sorvete e voltamos para casa.

Mia passou um bom tempo lá, até ligou para a Valentina para avisar onde deixamos seu celular novo, mas ela não atendeu.

Eu estava ficando ainda mais preocupado.

Tentei me distrair com trabalho, mas foi impossível. Valentina não saía dos meus pensamentos.

Já estava anoitecendo quando meu pai apareceu para buscar a Mia. Despedi-me apenas dela e não desci para falar com meu pai. Queria evitar perguntas sobre o casamento ou sobre o fato da minha esposa não estar em casa ao meu lado.

Respirando fundo, deitei-me no sofá para assistir um dos jogos do campeonato.

Eu estava tão concentrado que levei um susto quando o celular tocou. Nem pude dizer nada, pois ela falou, assim que atendi: — Sei que combinamos de conversar só amanhã, mas você pode vir aqui agora? Eu preciso muito de você.

Sua voz estava estranha. Havia medo nela e eu podia sentir.

— Já estou indo — respondi rapidamente desligando.

Tranquei tudo e, ao chegar na rua, percebi que estava chovendo muito. Praguejei, mas não voltei para buscar um guarda-chuva. Corri até a casa de Valentina, chegando lá completamente encharcado.

Bati na porta e, assim que ela abriu, se jogou em meus braços, suplicando: — Fica comigo... Não desiste de mim, por favor!

Abracei-a mais forte e sussurrei: — Jamais desistiria de você, meu amor.

Beijeí sua testa e, com voracidade, ela tomou minha boca, puxando minha camisa para ter um contato pele na pele.

— Valentina, precisamos conversar — disse quando nossos lábios se separaram.

— Agora não. Agora tudo o que eu preciso é que me faça inteiramente sua — ela se jogou em meus braços, enlaçando suas pernas em minha cintura.

Levei-a para o sofá, tirando sua roupa. Beije cada parte do seu corpo, intencionando o desejo entre nós. Tomei-a de forma bruta e selvagem, fazendo-nos chegar ao clímax rapidamente, extasiados de prazer.

Estávamos entrelaçados em seu sofá, em silêncio, escutando a chuva lá fora junto das nossas respirações, ainda um pouco ofegantes.

Acariciava o cabelo dela enquanto sentia suas mãos alisando meu peito.

— Chris, eu estou com tanto medo.

— Não precisa temer nada, meu amor. Basta confiar em mim... Sabe que pode me contar qualquer coisa.

— Não me sinto pronta, não ainda. Eu já te contei tanta coisa, mas não foi tudo.

— Vou esperar você estar pronta, então. Eu te amo e sempre irei amar, Ruiva.

— Também te amo, meu amor — nos beijamos e voltamos a nos aconchegar um no outro.

— Acho que vou preparar algo para comermos, você já jantou? — Ela perguntou, levantando-se.

— Ainda não. O que pretende fazer para nós dois?

— Talvez um escondidinho, mas só se você me ajudar a cortar as batatas — ela disse sorrindo para mim.

Era tão bom vê-la sorrir, mesmo que eu pudesse perceber que ela não estava inteiramente feliz. Já era um começo.

— Claro que te ajudo. Vou ao banheiro e na volta começamos — dei-lhe um selinho e fui até o banheiro.

Quando estava saindo, percebi inúmeros papéis na cama de Vale. Eles estavam bagunçados, então resolvi colocar tudo em um lugar só.

Mas, ao me aproximar, me assustei ao ver que não eram só papéis. Também havia fotos.

Todas elas repletas de ameaças vindas do único cara que seria doente o suficiente para mandar isso para Vale.

Arthur.

Enfureci-me ao perceber que provavelmente essas não eram as primeiras ameaças.

Pego os papéis e fotos e levo até a sala. Valentina, que sorriu ao me ver, ficou pálida ao ver o que estava em minhas mãos.

Ela estava assustada e eu não era como ele.

Ela não precisava ter medo de mim.

Respirei fundo, tentando controlar minha raiva.

Eu nunca seria como ele, jamais a machucaria intencionalmente.

— Então era isso que você estava escondendo? O Arthur voltou e está te enchendo de ameaças desde quando? — Perguntei me aproximando dela, tentando passar confiança com meu olhar.

Trinta e quatro



— Você estava mexendo nas minhas coisas, Christopher? — Perguntei chateada por ele ter encontrado as coisas antes que eu pudesse lhe contar.

— Isso não vem ao caso, você não vai me responder? — Ele questionou se aproximando de mim.

— Preciso responder mesmo? Será que você não viu tudo o que ele me escreveu, as fotos, as ameaças? — Respondi segurando o choro.

— Por que não me contou isso antes? Nós somos marido e mulher, Valentina! Fizemos juras de amor e confiança há alguns dias e você não me diz que o seu ex está perseguindo você? — Ele disse passando suas mãos pelo rosto.

— Eu não sabia como te dizer isso! Eu tentei, juro que sim! Mas não consegui, o Arthur é uma pedra no meu caminho e na minha vida, Christopher. Ele é o meu passado e não significa nada para mim.

— Se não significa nada, por que não me disse que ele estava na cidade?

— Porque eu não sabia até ontem! O Arthur só está querendo mexer com a minha cabeça.

— Pelo que vejo, já conseguiu, né? Você não ia me falar isso caso eu não visse, não é?

— O Arthur é um assunto meu, Chris. Ele não deve nem estar na cidade, só queria me assustar e me afastar de você. Não vou deixar ele fazer isso.

— Olha, eu estou bem chateado por você não ter me contado isso. Nós somos casados e precisamos confiar um no outro. Eu te amo e preciso que você esteja segura para que eu fique bem. Esse cara não quer só te assustar, quem quer assustar não faz isso. Por isso eu quero que você arrume suas coisas, eu vou pegar o carro e você vai morar comigo.

— Não tem necessidade disso, Chris.

— Você é minha esposa, não vou nem discutir isso com você, sua segurança não é brincadeira. Não sei como lidava com isso lá em São Paulo, mas aqui é diferente. Você não está sozinha, Valentina. E precisa entender isso — ele me abraçou e eu me permiti chorar.

Era como se eu tivesse voltado a ter cinco anos, minhas inseguranças me atingiam em cheio, mas eu me sentia segura nos braços do meu melhor amigo. Depois de me recompor, fui arrumar minhas coisas enquanto ele pegava seu carro. Separei uma mala com algumas roupas e produtos de higiene. Guardei também meu notebook e alguns livros.

Peguei os acessórios de Apollo e fechei toda a minha casa. Chris não demorou a aparecer, ajudei-o a colocar tudo em seu carro e depois fomos para sua casa. Apollo estava em meu colo e eu acariciava seus pelos para me acalmar. A chuva caía torrencialmente e, quando estava subindo as escadas, tive a ligeira impressão de estar sendo observada.

Olhei ao redor, mas não enxerguei muita coisa devido à forte chuva. Entrei correndo e, um tempo depois, Christopher atravessou a porta.

— Pronto. Agora que já trouxemos tudo, você pode arrumar suas coisas lá no quarto, vou fazer algo para jantarmos.

Assenti e fui até seu quarto, guardando minhas roupas em uma parte do guarda roupa e então caminhei até o banheiro, onde dividi o espaço no armário.

Voltei para sala e arrumei a mesa do jantar quando vi que o Chris já estava terminando a comida. Jantamos em silêncio e, quando estávamos terminando de comer, o telefone tocou.

Um arrepio percorreu a minha espinha assim que o Chris atendeu: vi seu semblante ficar tenso e observei ele procurando as chaves do seu carro apressadamente.

Alguma coisa tinha acontecido.

Ele se afastou para conversar longe de mim e, quando estava retirando os pratos da mesa, ele voltou atordoado.

— Amor, o que aconteceu? — Questionei segurando suas mãos.

— Bruno e Lua sofreram um acidente de moto. Liam acabou de me ligar.

— Moto? Eles não costumam andar de moto, como puderam sair assim, nessa chuva?

— Pelo que entendi, o pai do Bruno ligou falando que a irmã dele não estava se sentindo bem e, para ir mais rápido, a Lua e ele foram com a moto do Dominic, mas parece que deu algum problema nos freios. Eles derraparam na pista molhada e a Lua voou para fora da moto.

— Oh, meu Deus! — Coloquei minhas mãos trêmulas sobre minha boca. — Mas ela está bem? Por favor, me diz que eles estavam de capacete.

— Eles estavam, sim! Não sei a gravidade das suas lesões. O Liam tinha acabado de chegar no hospital quando me ligou.

— Vamos para lá, então! Vou ficar aflita aguardando notícias aqui.

— Não, eu vou para o hospital, mas vou te levar para casa da minha mãe. Todos estão reunidos lá.

— Certo, tudo bem. Vou só pegar meu casaco — caminhei até o quarto e, no meio do caminho, me veio à mente a lembrança das cartas e das ameaças.

Mas... Ele não teria coragem.

O Arthur não podia ser o responsável por isso.

Tinha que ter sido apenas um acidente.

Limpei meus pensamentos e fui com Christopher até a casa de sua mãe. Ele entrou rapidamente, cumprimentando todos e já saindo para ir ao hospital.

Sento-me ao lado de Nina, que estava muito nervosa. Suas mãos tremiam e ela estava encolhida no sofá. Confortei-a por um tempo, tranquilizando e dizendo que tudo ficaria bem. Novamente as ameaças surgiram em minha mente e, de repente, eu já não sabia se acreditava nas minhas próprias palavras.

Tia Mel fez chocolate quente para todo mundo, na tentativa de ocupar a mente com algo. Tomei um pouco sem muita vontade e me sentei ao lado de Mia. Ficamos balançando na rede por um tempo, até Cecília chamá-la.

Continuei lá sozinha até o celular dela começar a tocar. Levantei-me para encontrá-la.

— Mia, seu celular está tocando — avisei e ela respondeu: — Atende para mim! Deve ser alguém querendo saber notícias!

Atendi e imediatamente me arrependi ao escutar aquela voz asquerosa falar: — Você achou que eu estava brincando, meu amor. Achou mesmo que eu estava brincando?

— O que você fez, Arthur? Será que nunca vai me deixar em paz? Nós não temos mais nada! Entenda isso de uma vez! — Falei tentando controlar meu choro. Minha voz falhou um pouco.

— Não terminamos até eu que eu disser que sim! Não ouse me desafiar novamente, ou não será apenas um fio que vou cortar! — Ele desligou e eu gritei: — Seu desgraçado!

Debrucei-me sobre o chão, chorando. Eu sabia que ele não estava brincando. Arthur me tinha como posse dele e não mediria esforços para me afastar de todos que eu amava. Ele já tinha feito isso uma vez.

Não contei a ninguém sobre a ligação, me recompus e entrei em casa, como se nada tivesse acontecido, no exato momento que Chris entrava acompanhado de Dominic.

— Então, meu filho, como eles estão? — Minha sogra perguntou, nervosa.

— O Bruno machucou a perna e vai ter que ficar de molho por uns dias. A Lua fraturou o braço, pois caiu por cima dele. E mesmo estando com capacete, ela bateu a cabeça contra o chão na queda, então os médicos irão deixá-la em observação por um tempo, devido a concussão. Mas, fora isso, nenhum dos dois corre nenhum risco.

Suspirei aliviada.

— Graças a Deus — escutei Nina soluçar ao abraçar a Mia.

— A polícia vai investigar o caso e periciar a moto, ver se foi mesmo um acidente ou se foi premeditado — Dom disse e eu voltei a prestar atenção na conversa.

— Premeditado? Quem faria isso com a nossa família? — Mia questionou confusa.

— Não sei, mas eles vão investigar — Dom respondeu e Chris olhou para mim.

Ele sabia quem poderia ter feito isso e olhou nos meus olhos como se pedisse uma confirmação.

Eu disfarcei, saindo da casa, não querendo mentir para ele novamente.

O Arthur não iria destruir a minha família, eu não ia deixar.

Trinta e cinco



Durante a volta para casa, percebi Valentina distante e quieta. Fiquei preocupado, já que o que tinha acontecido com a Lua e o Bruno poderia sim ter sido causado pelo Arthur, ainda mais depois de todas aquelas ameaças.

Precisaríamos levar todos os bilhetes para polícia amanhã e iria conversar com a minha esposa sobre isso. Se o acidente tivesse sido mesmo causado pelo Arthur, isso significava que ele estava mais próximo do que imaginávamos, e todo cuidado era pouco perto do sentimento doentio que ele demonstrava por Valentina.

Entramos em casa e Max veio nos receber, Vale o acariciou e foi direto para o quarto. Guardei algumas coisas e escutei o barulho do chuveiro assim que me sentei no sofá.

“Meu Deus, que dia!”

Bebi um copo de suco e fui até o quarto, onde Valentina estava deitada lendo com o Apollo deitado sobre seus pés, então me banhei e deitei ao seu lado. Ela já tinha largado o livro e o gato já tinha descido da cama, então eu a puxei para perto de mim, colocando sua cabeça em meu peito e acariciando seus cabelos.

— Precisamos levar tudo isso que ele te mandou para a polícia... Se ele fez mesmo isso com a Lua, ele pode estar por perto — senti ela ficando tensa ao meu lado.

— Você pode levar tudo amanhã. Eu não sei se foi ele, mas isso pode ajudar a descobriremos se ele está aqui em São Conrado...

— Foi isso que pensei. Mas não se preocupe, Ruiva. Nada irá acontecer com você, eu não vou deixar — beijei sua face e acariciei. Ela sorriu para mim e adormecemos logo depois.

Uma semana se passou e a polícia chegou à conclusão de que o Arthur era um suspeito forte na sabotagem dos freios, porém ele não foi encontrado nem mesmo depois de um pente fino pela cidade.

A nossa vida seguia como sempre foi. Quer dizer, agora conseguíamos respirar com mais calma. Minha esposa ainda se mostrava tensa quando falávamos do seu ex. Por muitas vezes, eu me perguntava se ela sabia de algo que eu não tinha conhecimento... Mas tentava dispersar tais pensamentos.

Valentina não merecia minha desconfiança.

Contrariando tudo à nossa volta, nosso casamento andava às mil maravilhas, como era para ser desde o começo. Estávamos vivendo como os primeiros dias da nossa lua de mel, ignorando o mundo e os problemas lá fora.

Assim que entrávamos em casa, nos fechávamos em uma bolha onde tudo o que importava era o nosso amor.

Naquele dia, estava terminando um serviço quando olhei as horas: Valentina já devia estar chegando. Fechei rapidamente a oficina, tomei um banho e fui preparar o nosso jantar. Queria fazer alguma coisa diferente para comemorar a nossa felicidade.

Assisti a uns tutoriais na internet e consegui fazer um nhoque ao molho de sugo e uma salada verde para acompanhar.

Coloquei o vinho na geladeira e esperei. Como estava passando um jogo da liga dos campeões, resolvi ficar assistindo enquanto esperava.

Estava tão entretido no jogo que não vi o tempo passar, só percebi que já tinha anoitecido quando meu celular tocou.

Era um número desconhecido, mas algo me dizia para não ignorar aquela chamada.

— Alô?

— Boa noite! O senhor conhece a adolescente Amélia Mattos Sullivan? — Uma voz masculina falou e eu pude escutar o som de sirenes ao fundo. Meu coração acelerou.

— Sim, é a minha irmã! O que aconteceu com ela? — Questionei levantando-me do sofá, preocupado.

— Sua irmã sofreu um acidente de carro na estrada que liga São Conrado a São Vicente. O carro capotou diversas vezes antes de parar dentro de um lago. Ela estava inconsciente, engoliu bastante água, além do trauma sofrido. Precisamos que você nos encontre no Hospital Santo Amaro. Estaremos levando ela para lá — a voz informou e meu estômago despencou.

— Vou informar aos meus pais e iremos para aí. Minha irmã ainda é de menor, não tem carteira, quem estava dirigindo esse carro? — Perguntei agoniado, andando atrás das minhas chaves.

— Não sabemos, os bombeiros fizeram buscas, mas só encontraram a Amélia. A Polícia já foi chamada, mas o estado da sua irmã é grave. Preciso que se apresse para autorizar todos os procedimentos que faremos nela.

— Não iremos demorar. Obrigado.

Saí tão apressado que nem me recordei de ter desligado a televisão ou fechado a porta direito. Dirigi rápido como jamais dirigi até a casa dos meus pais. Corri até a porta de entrada e agradei a Deus por ela estar aberta.

— Mãe, pai! Ainda bem que vocês estão aqui! — Disse andando até eles, tentando acalmar meu corpo.

— O que aconteceu, filho? Você está tremendo! — Mamãe disse ao segurar minha mão.

— Um socorrista acabou de me ligar, a Mia... — Minha voz falhou. Respirei fundo, buscando coragem para contar — A Mia sofreu um acidente de carro na estrada que liga até a cidade de São Vicente. O carro caiu no lago, ela engoliu bastante água, além dos traumas do acidente.

— Oh meu Deus! — Minha mãe levou as duas mãos a boca e seus olhos se encheram de lágrimas. Suas pernas pareceram falhar abaixo dela, então ela se segurou em meu pai que disse, desesperado, já procurando as chaves do carro em seus bolsos: — Para onde levaram ela, Chris?

— Para o Hospital Santo Amaro. Estão levando ela para lá, precisamos nos apressar para autorizar os procedimentos — expliquei caminhando para fora de casa.

— E a Valentina, Christopher? — Minha mãe perguntou e eu congelei na porta.

— O que tem a Vale, mãe? Ainda não falei com ela sobre que aconteceu, ela está atrasada, deve ter acontecido alguma coisa no trabalho... — Respondi e vi as feições de dona Mel ficarem ainda mais tristes.

“Por favor, não seja isso que eu estou pensando!”

— A Valentina estava no carro com a sua irmã, eu o emprestei para elas irem até São Vicente para comprar algumas coisas no Shopping de lá. A Vale era a motorista, por isso te pergunto mais uma vez: o que aconteceu com ela? — Senti o mundo desabar sobre os meus pés, me falta voz e ar para respirar, era como se eu estivesse sufocando.

— Eles não falaram da Valentina, porque não encontraram ela... — Minha mãe me abraçou e, em meio a lágrimas, eu repetia: — Ele levou ela, mãe. Ele levou ela de mim.

Trinta e seis



Terminei a aula e corri para o estacionamento, onde Mia já me esperava encostada no carro de sua mãe. Eu havia o pedido emprestado a ela, porque queria fazer uma surpresa ao Christopher. Mia havia se oferecido para ir comigo, pois queria comprar algumas roupas novas. Comecei a dirigir pegando a estrada principal que nos levaria a cidade vizinha. O sol estava se pondo, observei a paisagem e disse: — Graças a Deus as coisas se acalmaram, todo esse estresse com o Arthur estava me dando tonturas.

— Sério? Isso estava acontecendo comigo também, tonturas e umas dores insuportáveis nos dentes.

— Vá ao dentista, Mia! Pode ser algo relacionado ao aparelho.

— É, pode ser... Hm, acredita que o Afonso veio falar comigo hoje? Achei patético ele agir como se nada tivesse acontecido, mas o que eu esperava? O cara não era nada do que parecia ser.

— Realmente, o Afonso me surpreendeu muito também... Mas andei observando as atitudes de um outro garoto aí, sabe? E acho que você deveria dar uma chance ao Pedro.

— Ele até tentou falar comigo, várias e várias vezes, mas eu ainda não consigo.

— Tudo bem, faça tudo ao seu tempo, você só tem dezessete anos, garota! Tem a vida toda pela frente!

Fomos o resto do caminho escutando música e cantando-as bem alto.

Chegando em São Vicente, fomos direto para a feirinha da cidade, onde comprei tudo o que eu precisaria para surpreender meu noivo. Naquele fim de semana faríamos quatro semanas de casados e, nos últimos dias, estávamos vivendo em tanta harmonia que merecíamos uma comemoração.

Mia comprou algumas roupinhas e depois fomos buscar minha encomenda: havia feito um quadro com fotos nossas desde a infância até o dia do nosso casamento, tinha ficado perfeito e era enorme. Esperamos ele embalar e colocamos no porta-malas do carro.

Seguimos de volta para São Conrado. Já havia anoitecido, por isso eu dirigia com um cuidado redobrado. Estávamos novamente rindo e tudo estava bem, até que não estava: o motorista a minha esquerda começou a atingir a lateral do carro. O pânico começou a me invadir enquanto tentava desviar.

— Mas que droga é essa? O que esse cara está querendo fazer? — Gritou Mia, apavorada.

— Mia, se segura, ele está querendo nos colocar para fora da pista — falei e ela se segurou em seu banco.

Desviei de suas inúmeras tentativas de atingir o carro, mas ele era incansável e me atingiu em cheio em uma curva. Não consegui virar e o carro começou a descer, rolando por uma vala até parar em algo que parecia um lago. Lembro de ter batido minha cabeça e devo ter desmaiado por alguns minutos, até a água fria me acordar. Olhei para os lados e vi que Mia estava inconsciente. Desesperada, comecei a sacudi-la, mas uma mão em minha boca me impediu de gritar e de me mover.

Comecei a tentar me debater, mas não consegui. Além do cinto estar me prendendo, a mão que segurava minha boca prendia também minha cabeça contra o banco.

A água já estava em minha barriga. Algo escorria em minha testa, devia ser sangue.

Controlei-me para não chorar quando o Arthur disse ao meu ouvido: — Achou mesmo que ia me enganar por muito tempo? Não, sua vadia mentirosa! Você vai pagar por ter se casado com ele!

Ele largou minha boca e eu gritei a plenos pulmões e comecei a tentar me soltar.

Mia despertou no exato momento em que o Artur abriu a porta.

— Corre, Mia! Foge! — Falei soltando o cinto dela, mas ela não saiu, nem se moveu.

O Arthur começou a me puxar e, enquanto eu me debatia, ela tentou me ajudar, mas o Arthur empurrou sua cabeça contra o painel do carro e ela desmaiou novamente.

Comecei a gritar de novo. Meus gritos eram estridentes e altos enquanto eu me debatia, socando e arranhando seus braços, implorando a ele para tirá-la do carro.

Mas ele não voltou e eu fui obrigada a observar o carro afundar lentamente, sem poder fazer nada. Arthur me jogou na traseira do seu carro e entrou no banco do motorista, começando a dirigir.

Eu já não tinha mais voz para gritar, estava fraca e me sentia inútil por não ter salvado a Mia.

Se algo acontecesse com ela, eu não me perdoaria nunca.

Minha cabeça latejava e eu voltei a chorar compulsivamente até desmaiar de exaustão.

Despertei assustada ao ser lançada contra o chão.

Minha cabeça voltou a latejar e eu me sentia um pouco tonta, até o primeiro chute atingir em cheio minhas costelas, deixando-me em alerta.

— Como você pôde fazer isso comigo, Valentina? Se casar com outro enquanto você é MINHA! — Ele gritou me chutando novamente.

— Eu não sou sua! Me deixe ir embora, Arthur! Você não salvou ela, seu monstro! — Falei com o pouco de forças que me restava.

Ele se abaixou, enrolando meus cabelos em sua mão, puxando-os com tanta força que parecia que ia arrancá-los. Com o rosto bem perto da minha face, ele disse no tom mais ameaçador possível: — Você ainda não viu o monstro, Valentina! Mas depois de tudo o que você fez, ele vai aparecer e vai acabar com a sua vida! Sua vadia, cretina! Você me traiu! Se casou com ele pelas minhas costas!

Mentiu para mim! Mas isso não vai ficar assim, você vai pagar caro pelas suas escolhas! — Ele bateu minha cabeça contra o chão duas vezes e minha visão ficou turva.

Fechei os olhos e os abri novamente, tentando focar na inútil tentativa de descobrir onde eu estava, mas não consegui. Minha cabeça e todo o meu corpo doíam tanto que eu não tinha nem forças para manter meus olhos abertos.

Encolhi-me e apaguei lentamente, rezando para que tivessem encontrado a Mia a tempo.

Trinta e sete



Ainda muito abalados, fomos para o hospital.

Minha mente estava confusa. Eu buscava desesperadamente pensar em qualquer lugar para onde ele poderia ter ido com ela.

Sentei-me em uma das cadeiras, passando as mãos pelos cabelos, tentando pensar mais claramente e rezando para que ele não estivesse machucando ela, porque eu sabia: ele tinha a levado e ninguém me convenceria do contrário.

Depois de muita papelada, meus pais se sentaram ao meu lado e aguardaram por notícias. Mamãe chorava, rezando um terço e papai a acalentava, tentando ele próprio não chorar, quando um médico apareceu falando: — Familiares de Amélia Sullivan?

— Somos nós, doutor — pus-me em pé e meus pais vieram para o meu lado imediatamente.

— Primeiramente, conseguimos estabilizá-la — o doutor disse e eu soltei o ar que não sabia que estava segurando. — No momento, a senhorita Sullivan está de repouso absoluto. Conseguimos medicá-la e tratamos do seu trauma na cabeça e da grande ingestão de água. Ela provavelmente terá dificuldades para respirar bem nos primeiros dias, mas a boa notícia é que conseguimos salvar o bebê — ele ia continuar, mas minha mãe o interrompeu em tom de incredulidade.

— Bebê? Que bebê? O senhor está me dizendo que a minha filha... Minha filha está grávida?

— Sim, ela está com sete semanas de gestação. Desculpem-me por lhes contar dessa maneira, mas como ela é de menor, imaginei que vocês sabiam — ele disse e minha mãe se afastou, sentando-se novamente com as mãos no rosto chorando.

Meu pai respirou fundo, apoiou-se em mim e perguntou com a voz trêmula: — Não, não sabíamos. Como está a minha filha? E o meu neto? Está tudo bem com ele?

— Sua filha está dormindo devido aos remédios para dor. Em relação a sua gestação, bem, os primeiros meses são os mais sensíveis da gravidez e foi um milagre o bebê sobreviver a uma situação como essa. Estabilizamos o sangramento, mas a senhorita Sullivan vai precisar de muito repouso para conseguir levar uma gestação saudável e boa para ambos.

Meu pai olhou para mim, depois para minha mãe e novamente para o médico, perguntando: — Vocês contaram a ela sobre o bebê?

— Não, preferimos contar aos responsáveis primeiro.

— Pois bem. Contaremos a ela quando ela acordar — meu pai anunciou e o médico assentiu. — Quando poderemos vê-la?

— Ela está sendo encaminhada para o quarto e apenas um de vocês poderá acompanhá-la durante a noite.

— Certo, obrigado, doutor Thomas — meu pai o cumprimentou e eu fiz o mesmo.

Ele caminhou até o lado da minha mãe e a acalentou. Dona Mel estava arrasada.

— Grávida, Jake. Grávida! — Ela repetia inconsolável.

De certa forma, eu entendia. Minha mãe havia engravidado de mim com dezoito anos e abdicou de muita coisa para estar comigo e me ver feliz. A Mia só tinha dezessete anos e com certeza uma gravidez não estava nos seus planos. Minha menina teria que amadurecer para enfrentar com sabedoria essa nova etapa. Resolvi deixá-los sozinhos. Agora que sabia que Mia estava bem, eu tinha outras preocupações.

Despedi-me de meus pais e caminhei até a recepção para conversar com os policiais e lhes dizer o que eu sabia. Eles precisavam me ajudar a encontrar a minha mulher.

Quando entrei no elevador, liguei para o Dominic.

— Ei, Dom! — Falei assim que ele atendeu.

— E aí, cara! Tudo bem? Como está a Mia? A tia Mel ligou desesperada para a gente...

— A Mia está estável e vai ficar bem. E que bom que vocês já sabem, avisem aos mais próximos, não conseguiremos fazer isso daqui.

— Pode deixar.

— Então, quero te pedir dois favores.

— Diz aí!

— Primeiro: quero que você peça ao Pedro para ir a minha casa depois. Eu preciso muito conversar com ele e tem que ser ainda hoje.

— Beleza, mas o que você quer com ele?

— A Mia está grávida e como sei que ela não transou com mais ninguém além dele, quero ver se ele vai agir como homem ou vai se mostrar um moleque.

— Puta que pariu! A mamãe não me falou isso.

— A gente acabou de descobrir. Não conte a ninguém, deixe que minha mãe falará com a sua.

— Certo. O que mais você quer?

— Quero que, junto com seus amigos, ronde as casas abandonadas nas redondezas. Sei que agora está tarde, mas se organize para fazer isso amanhã pela manhã!

— Pode deixar! Mas o que exatamente irei procurar nessas casas?

— Você vai procurar a Valentina, qualquer rastro dela.

— Certo, qualquer coisa eu te ligo.

Depois de falar com Dom, conversei com o delegado responsável pelo caso, o senhor Silva. Relatei a ele todas as ameaças que minha esposa estava sofrendo e do possível acidente que ele teria causado. Fomos até a delegacia e, devido a urgência do acontecido, ele abriu um chamado de busca do Arthur e declarou o desaparecimento de Valentina.

Voltei para casa desolado, mas me recompus — ou ao menos tentei — ao encontrar Pedro encostado no portão da oficina.

— Boa noite! — Disse e ele me olhou.

— Boa noite, Christopher. O Dominic me disse que você queria conversar comigo?

— Sim, acabei de voltar do hospital. Minha esposa e minha irmã sofreram um acidente hoje à tarde — disse e ele se assustou.

— Um acidente? Mas a Mia está bem? Não aconteceu nada grave com ela, né? — Ele questionou preocupado.

— Minha irmã teve alguns ferimentos e ingeriu bastante água. No momento sua situação é estável, mas ela terá que ficar de repouso por algum tempo.

— Repouso? Mas por quê? Ela não está estável?

— Está sim, mas a Mia precisa ficar de repouso devido ao fato de ela estar grávida. E como sei que ela não dormiu com ninguém além de você, parabéns, papai. Espero que haja como homem. Minha irmã está no hospital Santo Amaro, caso deseje agir da maneira correta — disse. Ele me olhou com olhos arregalados, sem palavras. Apertei seu ombro e abri a porta para ir para casa. Deixei-o sozinho para pensar no assunto e tomar a decisão certa.

Assim que abri a porta do meu apartamento, toda a compostura que eu estava tentando manter desabou. O peso em meu peito se intensificou. Mesmo com tão pouco tempo morando juntos, minha casa parecia muito vazia sem ela.

Valentina.

Meu coração estava apertado e eu temia pelo que poderia estar acontecendo. Obriguei-me a tomar um banho e me deitei no sofá mesmo, pois minha cama estava repleta de lembranças.

Forcei minha mente a lembrar de possíveis lugares para onde ele a teria levado. Meus pensamentos estavam tão confusos, e se ele a tivesse levado para longe? Não suportaria viver sem aquele sorriso. Senti meus olhos se encherem de lágrimas.

Um tempo depois, adormeci sonhando com ela.

Trinta e oito



Despertei ainda levemente desorientada. O que eu presumia ser um galpão ainda estava bem escuro. Obriguei meu corpo a se mover e senti uma dor aguda percorrê-lo.

Virei de lado, tentando ficar mais confortável, e notei o Arthur sentado em uma cadeira, observando-me.

— Que bom que acordou, Bela Adormecida. Já estava ficando entediado sem ninguém para conversar — ele falou me encarando.

Eu estava tão fraca para responder que não disse nada, fiquei apenas olhando para ele, imaginando como eu iria fugir.

— Não vai me responder sua vadia? Vai ficar guardando palavras para aquele filho da puta? — Ele gritou se levantando e se aproximando para me bater.

— Não! Calma, Arthur... — falei buscando forças. Flexionei os meus braços contra o chão e me sentei.

— Calma? Você está me pedindo calma, Valentina? Olha o que você me fez fazer! Olha o que eu fiz para ficar perto de você! Eu posso ter matado aquela garota, e isso é tudo culpa sua! — Ele falou visivelmente transtornado. Ele caminhava de um lado a outro, falando coisas incompreensíveis para ele mesmo, até que se virou para mim, gritando: — Levanta!

Eu tentei me mover, mas estava tão fraca... Meu corpo doía tanto...

— Eu mandei levantar, sua vadia! — Ele puxou meus cabelos, arrastando meu corpo pelo chão, ralando toda a minha perna. Parou próximo da cadeira e me ergueu pelos cabelos, colocando-me sentada nela. Ele agachou na minha frente, sorrindo enquanto lágrimas de dor caíam no meu rosto.

— Você merece isso! Essas lágrimas não são nada perto do que você me fez passar! Você me enganou e manipulou! Você me fez acreditar que me amava durante todo esse tempo e, quando eu virei as costas, você casou com aquele infeliz! — Ele disse me dando o primeiro soco na cara. Eu não contei quantos vieram depois do primeiro, mas ele parou apenas quando ele se deu por satisfeito.

Diversas partes de mim estavam roxas. Meu nariz e boca sangravam, e meus braços, que ficaram o tempo todo ao meu redor, foram os mais atingidos.

Eu chorava silenciosamente de cabeça baixa, rezando para que alguém me encontrasse logo, porque ele iria me matar.

Eu tinha certeza disso.

O sentimento doentio que o Arthur tinha por mim não o deixava pensar com clareza. Surpreendi-me a lembrar que algum dia eu tinha realmente gostado dele e pensado em construir uma família. Ele tinha mudado completamente.

Longos minutos se passaram e, quando levantei meu rosto, percebi que estava sozinha. O sol estava bem forte lá fora e a minha barriga anunciava minha fome, eu não comia nada desde o almoço do dia anterior. Meu corpo doía tanto e eu me sentia tão suja...

Tentei me mover para descer da cadeira, mas não consegui, então passei a observar o lugar. Era um galpão pequeno, as janelas eram muito altas e só tinha uma porta. Fechei meus olhos tentando escutar algum som familiar, mas nada. Estava tudo em um completo silêncio.

Isso me deixou mais desesperada do que eu estava. Apesar de a minha fê ainda estar inabalável, minha razão teimava em me abater. Provavelmente não estávamos na cidade, e sim em algum lugar bem distante dela. Assim, ficaria mais difícil de me encontrarem.

Fiquei por horas sozinha e agora, além da fome, minha sede era gritante também. Já estava anoitecendo quando o Arthur voltou cheio de sacolas; lentamente olhei para o que ele estava fazendo. Ele saiu novamente, mas rapidamente voltou com um colchão de casal, jogando-o perto da cadeira onde eu estava. Escutei ele trancar os inúmeros cadeados que tinha no portão e vi ele vindo em minha direção.

Ele se agachou em minha frente e eu temi mais socos ou pancadas, mas Arthur levou sua mão até minha face e a alisou.

— Olha o que você me fez fazer com você! Está toda machucada desse jeito por culpa sua! Quem mandou ser uma menina malvada, Valentina? Todos merecem pagar pelos seus erros e eu estou me encarregando de fazer você pagar pelos seus — ele disse rindo.

— Você é um desgraçado, Arthur! Eu te odeio e espero que a sua morte seja horrível! — Falei com uma voz repleta de raiva.

O sorriso sumiu de seu rosto e ele agarrou meus dois braços machucados, apertando-os.

— Só por causa desse comentário, você vai dormir sem jantar! — Ele me tirou da cadeira jogou-me no chão e depois me arrastou até o colchão.

— Eu estou com sede, me dê água, por favor, Arthur! Eu vou acabar morrendo desse jeito — implorei aos prantos, mas ele não se abalou.

Ele pegou as sacolas e as colocou em um armário que estava em um canto, voltou com uma marmita e começou a comer na minha frente, provocando.

Virei de costas e, devido ao cansaço, mergulhei numa escuridão sem sonhos. Acordei assustada e vi que ainda estava bem escuro, o barulho da chuva no telhado era alto e havia várias goteiras. Ao me mexer, percebi que o Arthur estava deitado ao meu lado, mas graças a Deus um pouco distante de mim.

Eu estava com tanta sede e fome, precisava fazer alguma coisa. Como estava muito fraca para andar, engatinhei até o armário na esperança que ele estivesse aberto. Com muita dificuldade e cuidado para não fazer barulho, abri e encontrei um saco com pães e muitas garrafas d'água. Como tinha poucos, comi apenas um e bebi uma garrafa de água inteira. Por quanto tempo ele planejava me manter ali? Eu precisava arrumar um jeito de fugir, urgentemente.

Fechei tudo e me deitei no colchão. O tempo havia esfriado, mas não havia nada para que eu me cobrisse. Encolhi-me inteira, abraçando minhas pernas e tentando dormir novamente, mas dessa vez o sono não veio, então fiquei até o amanhecer pensando em um jeito de sair dali.

Trinta e nove



Acordei assustado no meio da noite, pensando que tudo aquilo que tinha acontecido não havia passado de um sonho, mas ao perceber que era tudo real e que ela não estava ao meu lado, chorei mais uma vez.

Eu sentia que ela estava por perto, meu coração me dizia isso, mas onde? Será que aquele desgraçado estava machucando ela? Eu não sabia o que seria capaz de fazer se a resposta fosse sim.

Levantei-me e fui em direção à cozinha. Preparei um chá e me sentei na varanda, bebericando aos poucos. Minha mente vagava pela cidade, eu tentava me lembrar de bons esconderijos que havia por ali. Peguei papéis e fui anotando os que me lembrava; como Dom iria me ajudar pela manhã, poderíamos nos dividir em duas equipes e ir cada um para um lado. Creio que adormeci em cima da mesa, em meio aos papéis, pois fui despertado horas mais tarde pela campainha.

Bernardo, Dom, Rodrigo, Bruno e mais alguns garotos entram em casa.

— Bom dia, cara! Você está péssimo! — Bernardo falou me dando um tapinha no ombro. — Mas vamos encontrá-la, não se preocupe, colocaremos essa cidade abaixo se for necessário.

Os outros caras concordaram e me deram olhares de apoio. Eu estava precisando mesmo disso, sentia-me como se fosse desabar a qualquer momento.

— Obrigado por vocês estarem aqui! Precisamos encontrá-la! O Arthur é um psicopata e eu temo pelo que ele possa estar fazendo com a minha esposa. Por isso separei alguns lugares da cidade para onde penso que ela possa ter sido levada — falei mostrando os lugares que eu havia falado.

Ficamos um tempo conversando sobre quem iria para o lado leste e quem iria para o oeste. Norte e Sul já estavam sendo vasculhados pela polícia que, graças à amizade dos meus pais com o delegado, estava dando uma atenção especial a esse caso.

Então, quando Bruno, Dom e seus amigos foram para o lado oeste, peguei o carro e fui com Bernardo e Rodrigo até o lado leste.

Bernardo dirigia enquanto eu e o Rodrigo olhávamos os lugares por onde passávamos. Depois do condomínio onde minha família morava, havia algumas fazendas, em sua maioria grandes espaços de terra.

Descemos do carro e resolvemos ir caminhando.

— Espero que o Dom e seus amigos estejam tendo mais sorte — falei desanimado.

— Se eles não estiverem, nós vamos ter. Tenha fé, irmão — Bernardo disse me dando um aperto no ombro.

— Vamos encontrá-la, não desanima, Chris! Ela precisa de você, precisa que você seja forte — Rodrigo disse repetindo o gesto do Bernardo.

Estava extremamente agradecido por eles estarem ao meu lado, porque sem esse apoio eu provavelmente não conseguiria. Eu estava tão preocupado com a Valentina que não conseguia nem raciocinar direito.

Precisava encontrá-la antes que fosse tarde demais, não suportaria ficar longe dela mais uma vez.

Paramos em duas fazendas e conversamos com moradores para saber se eles tinham visto alguma movimentação estranha.

Ninguém havia visto nada e isso me preocupava.

Já estávamos na última fazenda da região, frustrados e cansados. O Bernardo foi conversar com os moradores enquanto eu e o Rodrigo esperávamos, porque eu não suportaria mais uma resposta negativa.

Sentei-me no chão de barro e coloquei a cabeça entre as mãos, rezando para que ela estivesse bem e que eu a encontrasse logo.

Deus não poderia fazer isso com a gente, com o que sentíamos. Levei doze anos para ficar com o amor da minha vida e não era justo que ela fosse levada para longe de mim, não agora. Tínhamos o resto da vida para vivermos juntos e eu não conseguiria viver sem ela. Valentina era o ar que eu respirava, eu me sentia sufocado sem o seu amor.

Nós havíamos prometido um ao outro, que seríamos o primeiro rosto que veríamos pela manhã pelo resto da eternidade.

—Por que você está chorando, moço? — Uma voz suave chegou aos meus ouvidos. Surpreso, levei as mãos aos olhos e notei que eu realmente estava chorando. A dona da voz sentou-se ao meu lado e eu olhei para o seu rosto angelical. Era uma menina de uns dez anos, julgando pela altura. Limpando minhas lágrimas, respondi: — Estou com saudades da minha esposa, não gosto de ficar sem ela.

— Ah, eu entendo. Também não gosto de ficar sem os meus pais, mas eles me deixaram aqui com os meus avós e eu não posso voltar para ficar com eles — ela falou pesarosa.

— E por que não? — Perguntei levemente confuso.

— Porque meus pais morreram em um acidente na estrada alguns anos atrás.

— Sinto muito, pequena. Sei que é difícil perder alguém, ainda mais criança...

— É sim, mas gosto de viver aqui. Os meus avós são boas pessoas.

— Isso é bom, seus pais não iriam querer que você ficasse triste para sempre.

— Eu sei... Mas me diz uma coisa... Como sua esposa sumiu?

— Um cara mau levou ela de mim. E eu acho que ela a levou para algum canto da cidade, você por acaso viu alguma movimentação estranha?

Ela pensou por um tempo, até responder: — Olha, tem um moço estranho no galpão dos Silva. Eles não vão lá há anos, mas já escutei o barulho de carro vindo de lá.

— Pode me mostrar onde esse galpão fica? — Questionei me levantando rapidamente. Ela também se levantou e começou a

correr, gritando: — Claro, vem comigo!

Fiz um sinal com a mão para Rodrigo e Bernardo e corremos atrás da garota para um matagal que ficava atrás da fazenda. Meu coração estava acelerado enquanto corríamos: a esperança tomava conta do meu ser. Atravessamos toda a mata, então avistei o galpão.

Ela estava ali, eu sentia isso.

Antes de caminhar até lá, virei para a menina e disse: — Muito obrigada pela ajuda, mas agora preciso de mais um favor seu. Será que você pode voltar com o Rodrigo e chamar a polícia para mim? Vamos precisar deles.

Ela assentiu, surpreendendo-me com um abraço.

— Boa sorte, moço! Vem, tio! — Ela segurou a mão do Rodrigo e, antes deles saírem, eu perguntei: — Espera! Me diz uma coisa: qual o nome da minha pequena ajudante?

— É Lys! — Ela gritou pouco antes deles saírem pelo caminho. Andei com o Bernardo até o galpão. O lugar era bem isolado e silencioso. Já estávamos bem próximos quando escutei os primeiros gritos.

Gritos excruciantes de alguém que estava sofrendo.

Gritos da Valentina.

Parei de andar e comecei a correr, desesperado. Eu precisava salvá-la.

Mandeí Bernardo ir pelos fundos para ver se tinha alguma brecha nas paredes e forcei a entrada pelo portão da frente.

Eu só sairia dali com Valentina ao meu lado.

Quarenta



Devo ter adormecido em algum momento, porque acordei com um Arthur fedendo a bebida sobre mim. Ele puxava minhas roupas e beijava meu pescoço no momento em que despertei.

Devido à pouca comida e à água, sentime um pouco mais forte para empurrá-lo.

— Vejo que acordou, sua putinha! Nunca gostei de te ter enquanto dormia, apesar de você ficar tão quietinha — ele falou segurando um dos meus braços.

Continuei a me debater e o Arthur não parava, tentava de qualquer jeito abusar de mim. Mas não desisti, mordia-o, batia nele, fazia tudo o que eu poderia fazer para não deixar aquilo acontecer. Depois de muito insistir, ele parou, segurou meus cabelos com tanta raiva que eu achei que ele fosse arrancá-los.

— Você é uma maldita! Maldita! Você destruiu a minha vida! Olha o que eu estou fazendo por você! E você casou com ele! Sendo que você é minha! MINHA! Quantas vezes tenho que te dizer isso? Não pode negar o que é meu! — Ele gritou batendo minha cabeça diversas vezes no colchão.

E então ele começou a chorar. Lágrimas caíam sem parar do seu rosto, então ele me abraçou e me segurou em seus braços por um longo tempo.

Devia ser o efeito da bebida, ou da loucura que habitava dentro dele.

— Era para você ser minha, Valentina! Você não tinha que casar com ele, não tinha! Era para ter ficado comigo!

— Arthur... — falei fingindo estar calma. — Eu gostei muito de você. O tempo que ficamos juntos foi bom para nós dois, mas depois de um tempo acabou sendo bom apenas para você. Ele não era mais saudável, eu não me sentia bem e você sabia disso.

— Isso é mentira! Todo casal briga, a gente teve uma briguinha e você me deixou...

— Não foi uma briga só, foram muitas que só desgastaram o nosso relacionamento. Eu mereço ser feliz assim como você, Arthur. Vamos sair daqui e eu prometo que esquecerei tudo, você será um homem livre para fazer o que quiser — falei segurando seu rosto, olhando em seus olhos e, por uma fração de segundos, vi ele se render.

Porém sua redenção durou muito pouco. Logo a fúria tomou conta novamente e, dessa vez, de modo irreparável.

Arthur me jogou para fora do colchão e meu corpo foi contra uma das pilastras, bati minhas costas e gemi de dor.

— Sua maldita! Você tinha que ser feliz comigo! Comigo! Está tentando me enganar para que eu te deixe ir embora? Deixa eu te contar uma novidade: não vamos sair daqui. Eu. Nunca. Vou. Te. Deixar. Ir! — Ele falou pausadamente caminhando até mim e segurando meu rosto bruscamente, então ele continuou: — Você é minha e continuará sendo até o fim!

Soltando meu rosto, ele foi até a cadeira e a lançou contra parede. Então, ele foi até o armário, pegou um garrafão que tinha lá e começou a jogar seu conteúdo no galpão. Inicialmente, pensei ser água, mas quando o cheiro forte invadiu meus sentidos, percebi que era gasolina e desesperei-me.

Mesmo com dor, comecei a engatinhar até a porta e estava quase conseguindo chegar até ela quando senti uma mão no meu tornozelo. Arthur começou a me arrastar, enquanto eu me debatia e gritava.

— Me solta! Seu louco, me solta!

— Chegou o momento, meu amor! — Ele me trouxe de volta para a pilastra e amarrou minhas mãos para que eu não conseguisse fugir. — Estaremos juntos pela eternidade — ele disse segurando meu rosto e me roubando um beijo.

Como não podia usar as mãos, mordi seus lábios até sentir o gosto de sangue. Ele gritou, colocando sua mão sobre a boca e praguejando de dor.

— Você provocou! Eu poderia te deixar queimar sem dor alguma, mas você merece sofrer! — Ele pegou um dos pedaços da cadeira que se tinha se espatifado contra a parede e começou a bater em mim. Eu virava meu rosto e ele atingia as outras partes do meu corpo.

Ele batia tão forte, me provocando tanta dor, que eu só fazia gritar.

Gritei com todas as minhas forças na esperança de alguém ouvir. E Deus deve ter ouvido minhas preces, porque ouvi um forte baque.

Alguém estava batendo no portão da frente tão forte que o arrombaria a qualquer momento.

— Desgraçados! Vamos acabar logo com isso! — Ele largou a madeira junto com as outras, jogou gasolina e acendeu o fogo que rapidamente se alastrou pelo galpão.

Tentei me mexer, mas o Arthur havia me machucado muito. O meu corpo estava coberto de hematomas e algumas partes sangravam, sentia dor até quando eu fazia o mínimo movimento.

Arthur andou até mim com a gasolina em mãos. Eu vi a intenção de despejá-la sobre mim em seus olhos, e então o portão foi aberto. Christopher adentrou o local como um sopro de vida e esperança. Nossos olhares se cruzaram e eu imediatamente comecei a chorar. A emoção de vê-lo quando tudo parecia perdido encheu meu coração de esperança.

Ele me avaliou e, ao notar meus ferimentos, sua face mudou e ele caminhou enfurecido na direção do Arthur, com os punhos fechados.

Ao se encontrarem, eles começaram a bater um no outro. Chris socava a cara do Arthur com ira e ele retribuía da mesma maneira, chutes foram dados e empurrões também. Prestei tanta atenção neles que nem percebi o quanto o fogo tinha se alastrado e

agora estava muito perto de nós.

— Chris! Vem me tirar daqui, precisamos sair ou morreremos queimados — gritei e o Christopher deu um último soco em Arthur, que caiu no chão com o rosto ensanguentado.

Christopher correu até mim, desatando os nós da corda que prendia minha mão. Ao me soltar, ele me segurou delicadamente em seus braços, chorando. Sua boca procurou a minha e ele me beijou de leve. Meus lábios estavam ensanguentados e eu podia sentir os cortes dentro de minha boca, causados pelos socos de Arthur mas, por aquela fração de segundos, eu não me importei com a dor.

Ele me examinou novamente, acariciando rapidamente meus machucados — Olha o que ele fez com você, meu amor — ele disse segurando minhas mãos e olhando novamente para o Arthur, que ainda estava desmaiado. Ao ver que o fogo estava próximo dele, Chris o puxou para perto de nós dois, dizendo: — Você não vai morrer fácil assim seu desgraçado! Você vai amargar anos na cadeia, pagando pelo que fez!

— Precisamos sair daqui, mas não tenho forças suficientes para andar — falei sentindo o calor das chamas, agora muito próximas. Chris olhou ao redor com os olhos atentos, mas o fogo nos rodeava e estava cada vez mais próximo. Seria impossível sair dali. Chegamos a essa conclusão simultaneamente e nos encaramos com pesar. As lágrimas chegaram novamente aos meus olhos.

— Esse miserável colocou fogo em tudo! Meu Deus, espero que o Bernardo tenha ido pedir socorro — ele falou me abraçando.

O cheiro da fumaça estava quase sufocante. Christopher tirou sua camisa e colocou em meu rosto para que eu não inalasse tanta fumaça.

— Tenta respirar, meu amor. Vai ficar tudo bem — foi tudo que ouvi pouco antes de desmaiar.

Quarenta e um



Não tive tempo de me desesperar com o desmaio de Valentina, pois no mesmo momento escutei passos e vozes no galpão. Era o nosso socorro. O alívio invadiu meu peito quando escutei jatos d'água e, pouco depois, bombeiros surgiram em nossa frente. Eles mandaram eu me afastar de Valentina e a colocaram em uma maca, levando-a às pressas para a ambulância. Saí atrás deles, preocupado, e logo avistei Bernardo e Rodrigo que nos olhavam apreensivos. Os paramédicos colocaram uma máscara de oxigênio no rosto de Valentina e imobilizando seu corpo para que ela pudesse ser levada em segurança ao hospital. Alguém estava tentando falar comigo enquanto eu tossia, mas eu só tinha olhos para Vale. Eventualmente, um dos paramédicos conseguiu me arrastar para longe dali e também fui examinado, mas logo constataram que eu estava fora de perigo.

Fizeram-me usar uma máscara de oxigênio para limpar meus pulmões da fumaça inalada, enquanto o socorrista falava comigo: — Você é o esposo da paciente, certo? — Ele perguntou e eu assenti. — Bem, iremos encaminhar a sua esposa até o hospital devido à gravidade das lesões sofridas por ela.

Assenti novamente e ele me guiou para dentro da ambulância, insistindo para que eu mantivesse com a máscara. Lá dentro, segurei a mão de Valentina e rezei para que ela ficasse bem. Havia tantos ferimentos espalhados pelo seu corpo que, pela primeira vez na vida, desejei ter tanta frieza para ser capaz de matar outro ser humano, porque o Arthur não merecia o oxigênio que respirava.

Mas, se dependesse de mim, ele passaria o resto da miserável vida dele na cadeia.

Iria apodrecer lá dentro.

Ao chegarmos no hospital, levaram a Vale para fazer os exames e eu fiquei na recepção. Eu não conseguia nem me sentar, minha mente não parava. Fiquei andando de um lado para o outro, angustiado, temendo pela saúde da minha esposa. Ela estava tão machucada!

Não demorou muito para o Bernardo entrar acompanhado da Sophia e da minha mãe.

Juntas, elas me abraçaram e eu retribuí, pedi para que Sophia preenchesse algumas das fichas dadas pela enfermeira e, quando ela terminou, passei um tempo contando tudo o que havia acontecido e elas me abraçaram novamente, horrorizadas. O Bê e a Sophia

foram comprar alguma coisa para que eu me alimentasse e minha mãe ficou comigo.

— Como está a Mia? — Perguntei e o semblante dela se entristeceu ainda mais, parecia que mamãe não dormia há dias.

— Recebeu alta ontem e ficou com seu pai e com aquele garoto, o Pedro. Parece que eles estão conversando sobre o que irão fazer.

— Bem, isso é bom, não é? Pelo menos a Mia não vai ser mãe solteira.

— Sim, mas ainda vai ser mãe — ela disse começando a chorar. — Eu não queria isso para ela! Eu não queria que a minha bebê fosse mãe assim, tão nova. Isso faz de mim uma pessoa ruim?

Acalentei-a, afagando seus cabelos.

— Não faz, mãe. Não faz. Mas tenta ficar calma, essa sensação logo vai passar e você vai estar amando essa criança que está por vir.

— Espero que sim, meu amor. Sempre quis netinhos, mas esperava que você me desse eles primeiro.

— Eu sei disso, mas no momento eu só quero curtir o meu casamento. Filhos não são prioridade, pelo menos não agora.

Ficamos abraçados e, quando a Sophia e o Bernardo voltaram com o café, o médico que atendia a Vale apareceu.

— Parentes de Valentina Sullivan?

Levantei-me, dizendo: — Sou eu, doutor, sou o marido dela.

— Boa tarde, eu sou o doutor Roberto. A sua esposa está estável. Ela teve algumas escoriações e hematomas por todo o corpo. Tivemos que fazer uma pequena cirurgia para reparar uma lesão em um dos braços, três costelas fraturadas e uma fratura no nariz. Ela estava bastante desidratada e, devido ao seu estado atual, a desidratação foi um pouco mais severa — explicou.

— Estado atual? Não entendi.

— Sua esposa está grávida, de quatro semanas, você não sabia? — Ele questionou. Eu estava em estado de choque. Nós precisávamos parar de descobrir as coisas desse jeito!

— Não, eu não sabia. Minha esposa tem a síndrome dos ovários policísticos. Ela fez tratamento por um tempo, mas não conseguiu engravidar.

— A síndrome torna a gravidez mais difícil, mas não impossível. Daqui alguns minutos ela será encaminhada para o quarto e vocês poderão vê-la — ele disse saindo.

Ainda chocado com a notícia, sentei-me em uma das cadeiras e comecei a chorar.

Nossa! Eu estava virando um bebê chorão. Eu e a Vale teríamos um bebê, tão novo e já tão forte. Ele tinha passado por tudo isso, era um milagre que ainda estivesse vivo.

— Ela já está no quarto, mas está dormindo devido à anestesia. Vai demorar pelo menos umas oito horas para ela estar totalmente acordada. Ela vai precisar descansar muito, então sugiro que o senhor vá para casa, descanse e volte amanhã renovado para estar com sua esposa — o doutor disse e eu consenti. Queria muito estar com ela, mas só saber que ela estava bem já me deixava mais tranquilo.

Todos me parabenizaram pelo bebê e depois eu fui para casa com minha mãe, me despedindo do Bê e da Sophia. Depois de um

banho, deitei-me em minha cama e tentei relaxar, foi difícil, mas depois de algumas horas consegui dormir.

Acordei no dia seguinte bem cedo, tomei um café rápido e fui até o hospital. Quando autorizaram minha entrada como acompanhante, caminhei até o quarto e, assim que os seus belos olhos verdes se abriram para mim, corri até ela pois nada mais importava além de nós dois ali.

Abracei-a e beijei seus lábios suavemente, sabia que precisava ser cuidadoso.

— Senti tanto a sua falta — ela disse acariciando meus cabelos com a sua mão que estava livre do soro.

— Também senti a sua. Eu achei que fosse morrer de tanto que doía.

— Eu sei, mas agora estamos juntos, o pesadelo acabou.

— Sim, meu amor. Eu te amo tanto, tanto — beijei-a novamente, dessa vez com um pouco mais de intensidade, quando escutei a voz do médico.

— Vamos com calma que essa moça ainda está se recuperando.

— Desculpe-me — sorri envergonhado.

Ele passou todo o prontuário da Valentina, sem mencionar a gravidez. Estranhei e já ia questioná-lo sobre isso quando outra médica entrou no quarto.

— Desculpem-me pelo atraso, acabei me enrolando com um paciente. Sou Susana, a ginecologista e obstetra do hospital, muito prazer, Sra. Sullivan.

Ela cumprimentou, Valentina que nos olhava sem entender nada.

— Para que eu precisarei de uma ginecologista? Não estou entendendo.

— Querida, esses dois marmanjos não te contaram? Você está grávida! Parabéns! — A médica anunciou sorrindo e eu observei Valentina ficar mais pálida do que já estava com essa notícia.

Quarenta e dois



Meu coração se encheu de um sentimento totalmente novo ao escutar essa notícia. Eu mal podia acreditar que finalmente seria mãe, que iria gerar outro ser humano para lhe dar todo amor que fosse possível e para criá-lo junto com o amor da minha vida.

Lágrimas caíam em minha face e o Chris as limpou, segurando minha mão.

— Vamos ter um bebê, meu amor — ele disse beijando minha bochecha.

Controlando minha emoção, busquei forças para dizer: — E-ele está bem? — Perguntei preocupada, levando a mão ao meu ventre.

— Sim, querida. Logo que você foi trazida para o hospital, precisamos fazer uma pequena cirurgia devido a uma fratura no seu braço esquerdo. Enquanto eles a operavam, recebemos os resultados dos seus exames e constatamos a gravidez e, junto com ela, uma anemia. Para garantir que o bebê estivesse bem, fiz uma transvaginal e estava tudo bem com ele, não se preocupe — a doutora Susana falou.

— Graças a Deus! Mesmo com tudo o que passei naquele lugar, acho que mesmo involuntariamente protegi o meu bebê o tempo todo — falei segurando a mão do Chris.

— Isso é ótimo. Devido a sua anemia, vou receitar alguns suplementos e multivitaminas, porque não queremos prejudicar a sua saúde ou a do bebê. Certo?

— Pode deixar, doutora. Farei tudo o que for preciso para que o meu bebê fique bem.

— Ponto, agora, Valentina, em relação aos hematomas. Com uma dieta adequada de vitamina B12, vitamina C e ácido fólico, eles irão se curar em poucos dias. O gesso no seu braço tiraremos em quatro semanas. Você ainda ficará aqui por mais alguns dias, aconselho a procurar uma psicóloga devido a esses dias traumáticos que você passou — o doutor Roberto disse depois de ler o meu prontuário.

— Pode deixar, doutor. Seguirei seu conselho. Eu realmente precisarei de terapia depois de tudo o que aconteceu, foram dias terríveis... Quando fecho os olhos, parece que vou vê-lo a qualquer momento — disse soltando um soluço involuntário e o Chris

acariciou minha mão.

— Voltarei mais tarde para atualizar o seu prontuário — o doutor Roberto se despediu.

— Eu solicitei uns exames para que você faça no decorrer dos dias que estiver aqui, certo? — A doutora Suzana falou e eu concordei, logo depois ela saiu também, e ficamos apenas eu e o Christopher no quarto.

— Vamos ter um filho! — Falei voltando a me emocionar.

— Então você não sabia? Nem imaginava que estivesse com o nosso filho no ventre? — Ele me perguntou e eu me pus a lembrar se havia tido algum sintoma significativo.

— Eu estava sentindo algumas tonturas, mas achei ser estresse por causa do Arthur. Nunca imaginaria que fosse um bebê!

— Quando o médico me contou, fiquei surpreso, alegre e com medo, tudo ao mesmo tempo. Fiquei extremamente preocupado do nosso filho ter sido também uma vítima daquele canalha.

— Ele não foi porque você nos salvou! Se você não tivesse aparecido, eu não sei o que seria de nós, Chris... Ele ia me matar — falei pouco antes de começar a chorar compulsivamente.

Christopher me acalentou nos seus braços e eu chorei ainda mais. Com Chris, eu me sentia mais segura.

— Fica aqui comigo, não me deixa sozinha — falei entre os soluços.

— Vai ficar tudo bem, eu não vou sair daqui — ele disse acariciando meus cabelos. Chorei por um tempo, mas sem me dar conta, adormeci em seus braços.

Quando acordei, ele ainda estava lá, só que não deitado na cama comigo, mas sim ao meu lado, em uma cadeira, segurando minha mão.

Tranquilei-me ao vê-lo, dispersando o pequeno ataque de pânico e desespero que senti ao acordar. Constatei que precisaria mesmo de algumas consultas com a psicóloga. Eu teria um filho, não queria me sentir assim para sempre.

Um tempo depois, a enfermeira me trouxe algo para comer e o Chris teve que ir, ele não podia ficar ali o tempo todo e já tinha o horário de visitas já havia acabado.

Fiquei extremamente inquieta com a possibilidade de ficar sozinha, mas me acalmei quando vi que seria transferida para um quarto compartilhado.

No dia seguinte, após tomar o café da manhã e conversar com Vanda, minha colega de quarto, foi liberado o horário de visitar e o Chris entrou acompanhado do Bernardo e da Sophia.

— Que susto você nos deu, Vale! — Bernardo disse dando-me um abraço cauteloso.

— Ficamos tão preocupados com você, amiga! Mas ainda bem que você está bem, e o meu afilhado também! — Sophia disse animada.

— Afilhado? — Perguntei um pouco confusa.

— Sim, ela está se intitulando madrinha do nosso bebê — Chris disse me dando um selinho.

— Nada mais justo, Christopher! Eu e a Valentina combinamos isso desde que éramos mais novas — ela disse me fazendo lembrar.

— É mesmo, combinamos que iríamos casar com vocês e que, quando nossos filhos nascessem, seríamos madrinhas uma do filho da outra — falei e ela me abraçou com cuidado, e logo depois acariciou minha barriga ainda plana.

— Mas me diga, como está a Mia? É tanta coisa acontecendo que esqueci de perguntar por ela — perguntei aflita para Sophia, enquanto Bernardo e Christopher conversavam em um canto.

— Ela está bem e o bebê dela também... — ela disse sorrindo.

— Bebê? A Mia também está grávida? Meu Deus! — Disse espantada com a novidade.

— Sim, ela deve estar com algumas semanas a mais que você, mas graças a Deus está tudo bem.

— Cara! E como ela está? Ela e o Pedro conversaram?

— Ela está tentando não surtar... A tia Mel não reagiu bem a notícia e está o maior climão lá na casa deles, e depois que o Chris conversou com o Pedro ele tem ido lá, passam bastante tempo juntos.

— Oh, minha menina... Queria tanto estar com ela agora — falei sentida por não poder estar com a Mia.

— Você precisa cuidar de você, Vale. A Amélia está bem e você precisa ficar.

Ficamos colocando o papo em dia quando fomos interrompidos pelo doutor Roberto, que entrou junto com um homem que eu não conhecia.

O delegado.

— Boa tarde, senhora Sullivan. Desculpe-me por interromper o seu momento de recuperação, mas precisarei do seu depoimento para o caso — ele disse e eu concordei, começando a contar para todos os presentes os momentos mais terríveis da minha vida.

Quarenta e três



Sentei-me novamente na cadeira ao lado de Valentina para escutar tudo o que ela contaria. Eu mal aguentava ouvir tudo aquilo sem odiar ainda mais aquele desgraçado.

Segurei em sua mão, sentindo todo o seu nervosismo, ela estava tremendo.

— Baby, que tal eles virem depois? Você está tremendo — falei olhando para ela.

— Não, eu preciso fazer isso... Você está aqui e essa é toda a coragem que preciso para fazer isso de uma vez por todas — ela disse a mim e depois se virou para o delegado. — No começo, éramos um casal feliz e convivíamos em perfeita harmonia, eu nunca imaginaria que o cara que acabou de me torturar física e psicologicamente era o homem que eu conheci. O Arthur só começou a demonstrar quem ele realmente era depois de alguns meses de namoro... Ele sutilmente criticava a minha aparência, ou não me deixava sair com amigos e queria que eu parasse de trabalhar. Eu ignorava alguns dos seus pedidos, mas acabei me afastando de algumas pessoas devido as nossas brigas constantes, então o nosso relacionamento voltou a melhorar e resolvemos tentar ter um filho. Eu fiz tratamento por alguns meses, mas não deu certo — acariciei seu ventre e pensei em como o tratamento havia dado certo agora. — Eu não conseguia engravidar e ele se enfurecia com isso, me xingava e me humilhava constantemente, me vigiava para que eu só saísse para trabalhar e depois ir direto para casa. Eu já estava me sentindo sufocada naquele relacionamento e quando decidi dar um basta naquilo, discutimos, pois ele não aceitava a minha decisão e foi quando ele me deu o primeiro tapa — ainda abismado com todo aquele relato, me aproximei ainda mais dela. Ela respirou fundo e continuou: — Eu o expulsei da minha casa, e por uns dias ele não me importunou mais, até eu perceber que ele estava me perseguindo. Ele me vigiava no caminho até a escola, na saída com amigos e me esperava na frente do meu apartamento todos os dias. Ele não falava nada, apenas me observava de longe... Comentei com algumas amigas e elas me aconselharam a ir à delegacia, eu até pensei em fazer isso, mas quem acreditaria em mim? O Arthur era o meu ex e eu sabia muito bem que eles não ficariam do meu lado.

Ela limpou as lágrimas que escorriam do seu rosto e ficou em silêncio por alguns instantes. Eu não conseguia tirar os olhos dela. Ela respirou fundo e continuou: “Eu resolvi me mudar quando eu o encontrei em meu apartamento, o Arthur estava bêbado e ele me bateu mais uma vez. Então eu fugi para cá na esperança de que ele nunca me encontrasse e que eu não vivesse tudo aquilo novamente,

mas um dia depois do meu casamento, ele me mandou uma mensagem... Eu destruí o meu celular e achei que isso resolveria, mas quando estava voltando com minha cunhada da cidade vizinha, ele bateu no meu carro diversas vezes até que saímos da pista. O carro capotou e caiu na água, ele começou a me puxar e deixou a Mía desacordada lá, temi tanto pela vida dela”

Ela parou de falar, pois estava muito emocionada para continuar e, após duas tentativas de se recompor, ela continuou: “Me desculpem, mas não sei se conseguirei narrar detalhadamente tudo o que aconteceu nesses dois dias. O Arthur me espancou diversas vezes, me xingou e tentou me matar apenas porque ele sabia que eu não voltaria com ele, e se o meu marido não tivesse aparecido, tenho certeza que eu estaria morta agora”

Ela finalizou e, ainda abalado com todo o relato, sentei-me em sua cama, deitando-me ao seu lado depois que todos se despediram e saíram do quarto.

— Acho que você deveria descansar um pouco, já fez muito esforço revivendo tudo isso. Eu não quero prolongar sua estadia aqui, quero levar você e o nosso grãozinho para casa logo — disse acariciando sua barriguinha plana novamente.

— Também quero ir logo, mas acho que ainda ficarei por mais uns dois dias e quero continuar a terapia mesmo quando sair daqui, vai me fazer bem.

— Eu sei, nem imagino como conseguiu passar por isso tudo, Vale... Espero que aquele canalha apodreça na cadeia por tudo que te fez.

— Ele vai. Não escutou o que o Delegado disse antes de sair? Perseguição, cárcere privado, violência contra a mulher, tentativa de estupro, tentativa de homicídio e feminicídio... Ele será condenado por todos esses crimes e vai sair daqui direto para a penitenciária na cidade vizinha.

— Não quero que você tenha que passar por algo assim nunca mais, meu amor, a partir de agora só coisas boas irão acontecer para nós dois, a começar pelo nosso pequeno milagre — disse fazendo cafuné em seus cabelos.

— Deus te ouça, Chris. Apesar de que, com você ao meu lado, eu suportaria até mesmo as coisas ruins. Te amo, senhor Sullivan — ela disse me dando um selinho, se aconchegando mais a mim.

— Também te amo, senhora Sullivan — beijei seu pescoço e a apertei mais em meus braços, desejando que a nuvem negra que pairava sobre nós já tivesse se dissipado.

Acho que apaguei junto com a Vale, pois acordei com uma enfermeira retirando algumas agulhas que estavam ligadas à minha esposa.

— O horário de visita já acabou, rapazinho! — Ela ralhou comigo com um sorriso amável no rosto.

— Desculpe, acabei apagando com ela. Esses dias não foram fáceis e eu durmo melhor ao lado dela — justifiquei-me levantando.

— Acabei sabendo o que aconteceu com ela, graças a Deus que ficou tudo bem e que ela está melhorando. Eu vim tirar os soros, pois a desidratação dela já não está tão grave e a Dra. Susana pediu que a levássemos para fazer alguns exames do pré-natal — ela contou me deixando mais tranquilo.

— Eu sei que não posso acompanhá-la nesses exames, não enquanto ela estiver aqui, mas gostaria de saber se a senhora poderia me manter à par de tudo, eu não vou conseguir ficar muito longe desse hospital até ela sair.

— Pode deixar, rapazinho. Valentina ficará bem. Como ela só precisa de um acompanhante durante o dia, o seu horário já se encerrou, mas vá tranquilo.

— Muito obrigado por cuidar tão bem dela. Eu já te vi em outras vezes que estive aqui e a senhora é muito atenciosa. Voltarei amanhã cedo para ficar com você, minha ruiva — aproximei-me de Vale que ainda dormia, beijando suavemente sua testa, me despedi da enfermeira e parti.

Estava andando nos corredores do hospital quando avistei Elisa perto da recepção. Resolvi cumprimentá-la já que, apesar de tudo, fomos amigos por um bom tempo.

— Elisa, tudo bem?

— Christopher, tudo bem sim! Que coincidência te encontrar por aqui justo agora — ela parou organizando os papéis em mãos. — Eu estava olhando a ficha da sua esposa. A propósito, parabéns pelo casamento, é engraçado ver que o problema sempre foi comigo... Afinal me enrolou por anos e com ela não esperou nada — ela alfinetou.

— Achei que já tivéssemos superado isso, o nosso casamento só serviria para um desgastante divórcio depois. Eu fui apaixonado por você por um tempo, mas paixão não basta — falei.

— Sei bem disso. Ainda bem que estou com alguém que me ama agora, alguém que considera os meus sentimentos. Eu estou feliz, Chris, como nunca estive.

— Isso é muito bom. Eu fico feliz por você, estar com quem se ama é maravilhoso.

— Com certeza. E ah, parabéns pelo bebê!

— Obrigado! — Falei e logo depois me despedi.

Decidi por não ir para casa, a sensação de vazio que habitava por Vale não estar em casa me torturava e tirava-me o sono. Então, fui para casa dos meus pais.

Cheguei lá e Max me cumprimentou com muitos latidos e lambidas. Dei-lhe um pouco de atenção e entrei em casa, onde avistei meu pai e Otávio sentados no sofá da sala, jogando videogame. Apollo estava no colo de Cecília que ronronava baixinho pelo carinho. Cumprimentei-os rapidamente de longe e fui para a cozinha, encontrando minha mãe fazendo o jantar.

— Boa noite, dona Mel — cumprimentei-a com um abraço.

— Oi, meu filho! — Ela virou rapidamente beijando meu rosto e depois voltou sua atenção para comida. — Como estão minha nora e meu neto?

— Estão melhorando, mãe, graças a Deus! Conversei com a enfermeira e falta pouco para ela receber a alta — falei sem conter minha emoção.

— Que bom, meu filho! Em breve ela estará em casa! Veio jantar conosco?

— Na verdade, vim jantar e dormir. Não consigo ficar naquela casa sem a Valentina, é angustiante.

— Tudo bem, eu entendo! Fique à vontade, a casa é sua também! — Ela disse me abraçando.

Preparei-me para sair da cozinha, dizendo: — Vou tomar um banho, estou cansado! Onde está a Mia?

— Provavelmente em seu quarto — ela respondeu torcendo o nariz. O desgosto estava presente em sua voz.

— Ela ainda está de castigo?

— Sim.

— Ok, vou lá falar com ela.

Pensei em ir falar diretamente com a Mia, mas estava tão cansado que precisava de um banho para revigorar. Dormir com Vale ao meu lado no hospital não tinha suprido todas as minhas inúmeras horas sem dormir, ainda tinha muito sono para colocar em dia.

Então, quando saí do banheiro, só tive tempo de vestir um short antes de me jogar na cama e apagar.

Acordei na manhã seguinte um pouco mais disposto, arrumei em uma sacola algumas poucas roupas que eu tinha ali, me arrumei e saí do quarto.

Encontrei minha família tomando café da manhã e sorri ao encontrar Mia ali, com olheiras fundas e os olhos inchados, mas ali. Cumprimentei a todos com beijos e abracei-a. Ela sorriu fracamente ao me ver.

— Que saudades eu estava da minha irmã mais intrometida! — Falei fazendo algumas cosquinhas nela, que riu. — Como anda meu sobrinho? — Perguntei e seu sorriso sumiu.

— Ele está bem, eu acho — disse sem dar muita importância.

— Quando vai começar a fazer todos esses exames que as grávidas fazem? A Vale começou ontem o pré-natal e espero que possamos fazer uma ultra hoje.

— Bem, eu realmente não sei, Christopher. Acho que no hospital fizeram alguma coisa.

— Você devia começar a providenciar isso, a mamãe pode te levar em alguma clínica — falei olhando esperançoso para minha mãe, que mudou totalmente seu semblante. Minha irmã percebeu e disse: — Não precisa, Chris. Eu me viro, o Pedro já está procurando, eu acho. Ele ficou de ver com a mãe dele — ela disse tomando apenas um suco de limão.

— Não vai comer nada?

— Não, acordei enjoada — ela disse enquanto fazia uma careta. Minha irmã não parecia feliz com esse novo passo em sua vida e isso me preocupava.

Depois do café da manhã, esperei apenas Sophia voltar com algumas roupas para Vale e fui para o hospital.

Fiquei na recepção e aguardei ansioso o momento em que o horário de visitas começaria para que eu pudesse entrar.

Quarenta e quatro



Estava deitada na cama entediada, esperando o Christopher poder entrar. Eu já tinha acordado há um bom tempo, tinha feito uns exames e a Dr.^a Susana viria em breve para fazermos a ultra. Escutei a porta ser aberta, esperando ver enfermeira que estava cuidando de mim, disse: — Bom dia, Claudete! Sabe me dizer que horas a doutora Susana vem? Queria que o Chris estivesse presente na hora do ultrassom, quero que ele escute o coraçãozinho do nosso feijãozinho comigo — falei animada, mas ao olhar para porta, percebi que não era a Clau ou a Dr.^a Susana. Era a Elisa.

Não tive como disfarçar minha surpresa ao vê-la.

— Bom dia, Valentina. Infelizmente a Doutora Susana teve um imprevisto e eu fui designada a substituí-la em seus casos hoje — ela disse se aproximando da cama.

— Não sabia que também era obstetra... — Falei me endireitando.

— Estou me especializando. Já que adoro cuidar das crianças após o seu nascimento, por que não as acompanhar enquanto estão em formação? — Ela respondeu analisando meu prontuário. — Bem, pelo visto você apresentou a melhora esperada no seu caso, suas taxas já estão dentro do esperado e você já iniciou o pré-natal e todas as vitaminas necessárias. Vou mandar alguma enfermeira te encaminhar para a ultrassom, ok?

— Hm, não pode ser depois que for liberado o horário de visita? É que quero que o meu marido esteja presente na hora, vai ser uma emoção bem grande e quero dividir isso com ele — falei encarando-a e vi seu rosto retorcer ao escutar a palavra “marido”.

Ela olhou no relógio e respondeu: — O horário começa em dez minutos, vou pedir para virem te buscar cinco minutos depois.

— Obrigada, Elisa. É muito gentil da sua parte e espero que não haja ressentimentos entre nós duas.

— Só estou fazendo o meu trabalho, não precisa agradecer... E não se preocupe quanto a isso, acho que o Christopher sempre te amou e o que tivemos foi só paixão, afinal eu esperei cinco anos por um pedido de casamento e ele casou com você em uma questão de dias...

— Não irei me desculpar pelos atos do Christopher. No fundo nós sempre amamos um ao outro, desde que éramos crianças. Foi

o destino que nos uniu novamente e não se pode fugir dele.

— Sei disso, mas não quero desculpas de ninguém. Eu estou seguindo com a minha vida e estou feliz como nunca estive. Até mais tarde, virei conversar com você sobre a ultra, tenha um bom dia — ela disse se despedindo.

Voltei a encarar a televisão. Mudei alguns canais até encontrar um desenho passando, fiquei acariciando minha barriga até a porta ser aberta novamente.

Dessa vez era o Chris.

Ele trazia consigo duas mochilas e um buquê de flores.

— Isso tudo é para mim? — Perguntei sorrindo. — Que marido mais romântico eu tenho! — Falei puxando-o para um beijo intenso. Que saudade eu estava dessa boca!

— Estou desacostumado! Não consigo mais ficar naquela casa sem você, meu amor — ele salpicou beijos em meu rosto e acariciou minha barriga.

— E eu não aguento mais ficar aqui, falta muito para ir embora? Cansei de ficar nesse quarto e não sou muito fã de televisão — falei entrelaçando meus dedos aos dele.

— Bem, agora você terá companhia durante o dia e, para te distrair à noite, trouxe o seu *Kindle* e um celular, assim poderemos conversar até você cair no sono — ele falou enquanto tirava as coisas da mochila.

— Meu Deus! Obrigada, meu amor — falei me esticando para beijá-lo novamente. Nesse exato momento, Clau entrou no quarto com uma cadeira de rodas.

— Bom dia, meus queridos — ela disse nos cumprimentando.

— Bom dia, Clau! É muito bom te ver, veio me buscar para a ultra? — Perguntei ansiosa, colocando meus presentes na bancada.

— Isso. A Doutora Elisa já está te esperando junto com o radiologista. Vamos? — Ela perguntou e eu concordei.

O Chris me carregou, colocando-me na cadeira de rodas e eu apertei sua mão, perguntando a Claudete: — Ele pode ir assistir comigo, não é?

— Claro que pode, o pai deve presenciar esse momento — ela respondeu nos dando o seu sorriso amável.

Ela nos encaminhou para a sala onde seria feito o exame. Chris se sentou na cadeira ao lado da maca, após me colocar deitada na mesma.

Um monitor estava posicionado em nossa frente e o médico, após nos cumprimentar, colocou o gel em minha barriga ainda plana e iniciou o exame.

Ele mediu a minha placenta e nos mostrou nosso feijãozinho. Ele ainda era tão pequeno!

Meus olhos se encheram de lágrimas e eu segurei a mão do Chris.

— O bebê está no tamanho certo para quatro semanas, ele está exatamente como deveria estar para uma gestação nesse período. Com os devidos cuidados e tomando os medicamentos certinhos, ele ou ela crescerá saudável. Vamos escutar seu coraçãozinho?

Concordamos e logo um som encheu a sala com uma batida tão forte que me fez derramar muitas lágrimas. Eu passei anos sonhando com esse momento e agora ele estava realmente acontecendo, minha ficha havia caído e o meu ventre agora abrigava um bebê, fruto do meu grande amor por Chris. Eu não poderia ser mais grata.

Ele beijou meu rosto e pude sentir suas lágrimas também. Compartilhávamos o mesmo sentimento naquele momento, era nossa chance de recomeçar, era nossa felicidade chegando.

Quarenta e cinco



Alguns dias depois, Vale foi liberada e agora estávamos voltando para casa. Seu braço ainda estava enfaixado e voltaríamos em três semanas para retirá-lo. Sua obstetra, a dra. Susana, tinha passado algumas recomendações e pedido para que minha esposa evitasse grandes esforços. Queríamos manter nosso grãozinho seguro dentro de sua barriga.

Já estávamos próximos ao meu apartamento quando meu celular tocou. Ele estava na mão de Valentina e, ao ver que era minha mãe, ela pôs no viva-voz.

— Oi, mãe! Aconteceu alguma coisa? Estou chegando em casa com a Vale, você está no viva-voz.

— Oi, querido, e oi, minha nora, queria mesmo falar com vocês dois. Eu estava pensando se vocês não gostariam de passar esses primeiros dias aqui em casa até Valentina se recuperar totalmente — ela disse e minha esposa me encarou, esperando minha resposta.

— Eu não sei, mãe. Eu e Vale gostamos da privacidade da nossa casa — respondi.

— Eu sei que sim, querido. Mas estou pensando no que poderia ser melhor para vocês! Você muito em breve terá que voltar a trabalhar, deixará ela sozinha em casa? Como Valentina irá cozinhar com o braço dessa maneira? Sei que a médica aconselhou que ela não fizesse esforços por agora... — minha mãe complementou, persuasiva, e eu fui obrigado a concordar.

— Talvez fosse melhor irmos para lá mesmo, amor — disse para Valentina.

— Mas e as nossas coisas? — Ela perguntou.

— Eu te deixo lá e volto para buscar — falei e voltei a responder minha mãe: — Está certo, mãe, estamos indo para sua casa, muito obrigado — disse e, ao nos despedirmos, eu desliguei.

Chegando lá, ajudei Vale a descer do carro e Max correu em nossa direção, muito animado. Ele ficou pulando ao redor de minha esposa, lambendo-a.

— Acho que alguém estava com saudades — falei acariciando os pelos dele.

— Acho que ele estava mesmo! Também senti saudades, Max — Vale disse lhe fazendo um carinho.

Ao entrarmos, encontrei meus irmãos mais novos assistindo televisão ao lado de meu pai. Todos pararam o que estavam fazendo para nos cumprimentar.

— Vale estava com tantas saudades de você — Cecília disse apertando a Vale em um abraço. Apollo acabou espremido entre elas, pois estava novamente no colo de Cecília. Era o seu lugar favorito, ultimamente.

— Eu também estava com saudades de você e do Otávio — ela disse beijando a bochecha de ambos.

— Como vai a minha nora favorita? — Meu pai perguntou.

— Sou sua única nora, tio Jake! Mas estou bem, eu e o meu bebê estamos, graças a Deus — ela respondeu abraçando-o novamente.

Acaricieei a barriga ainda plana da Vale e a Cecília, esperta que era, perguntou animada: — Bebê? Você vai ter um bebê Vale?

— Sim, e sabe o melhor? Você e o Otávio serão titios do meu bebê — ela respondeu com a mesma animação.

— AI, MEU DEUS! Eu vou ser titia! Mas eu só tenho doze anos! Posso ser titia mesmo com essa idade? — Ela perguntou nos fazendo rir.

— Pode sim, pirralha! — Respondi bagunçando seus cabelos.

Resolvi levar Valentina até ao quarto, por isso caminhamos até ele, porém minha esposa parou no meio do caminho ao ver o quarto da Mia.

— Preciso conversar com ela — ela disse.

— Eu sei, mas que tal descansar um pouco? Eu peço para ela ir lá depois — falei e ela assentiu.

Entramos no meu antigo quarto e encontramos minha mãe terminando de arrumar a cama.

— Nossa, vocês chegaram rápido! Que bom ver você bem, minha linda — minha mãe disse abraçando-a.

— Obrigada, tia, por tudo. Acho que estava precisando desse colinho de mãe para ficar ainda melhor mesmo — Vale respondeu fazendo minha mãe sorrir como não via há dias.

— Pode deixar, minha linda. Aqui você e esse bebezinho ficarão ótimos! Separei algumas coisas para vocês e deixei tudo bem organizado — ela disse me abraçando.

— Obrigada, mãe — beijei sua testa e ela saiu, dizendo que faria uma sopa para o jantar.

O sol já estava se pondo quando fui para nossa casa buscar algumas roupas e outras coisas que a Valentina precisava. Depois de ajudá-la no banho, ela me passou uma lista do que eu precisava trazer antes de adormecer.

Quarenta e seis



Despertei do meu cochilo acendendo rapidamente a luminária que estava ao lado da cama. Estar sozinha em um quarto escuro me sufocava e não me trazia boas lembranças. Comecei a respirar fundo para tentar me acalmar, e aos poucos fui ficando mais calma. Levantei-me para ir ao banheiro e, quando eu deitei novamente na cama, a porta se abriu.

Mia entrou no quarto e, ao ver que eu estava acordada, correu até mim, envolvendo-me em um abraço bem apertado.

— Que saudades eu estava de você, garota! — Falei retribuindo seu abraço.

Ela não respondeu, pois começou a chorar. Suas lágrimas molhavam a minha blusa enquanto eu acariciava suas costas e deixava ela se libertar.

Um tempo depois, ela conseguiu se recompor, foi ao banheiro para lavar seu rosto e voltou para o quarto, deitando ao meu lado.

— Obrigada.

— Não por isso! Como você está minha princesa?

— Nada bem. Não sei o que fazer da minha vida, Vale.

— Não fala dessa maneira. O que posso fazer para ela melhorar?

— Eu não sei, está sendo tudo tão difícil e complicado e, para piorar, mamãe não fala comigo e eu me sinto muito pior — ela disse limpando algumas lágrimas que voltaram a cair.

— Bem — abracei-a de lado. — Agora, mais do que nunca, você precisa ser forte, minha linda. Você vai ser mãe e não há bênção maior que essa. Eu sei que não aconteceu da maneira que você esperava, mas aconteceu. O seu pequeno milagre vem aí e você vai precisar aceitá-lo certo?

— Estou tentando tanto, Vale. Mas é tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo, a minha relação com o Pedro não está muito bem também. Eu me sinto tão só.

— O que está acontecendo entre você e o Pedro? Achei que estivesse tudo certo entre vocês — falei meio confusa.

— Estava tudo bem, eu e ele conversamos e ele vai assumir a criança, o problema é a família dele, eles são o problema — ela

disse frustrada.

— O que a família dele fez?

— Eu não sabia, mas descobri que eles são mega ricos e tal, moram na cidade vizinha, mas o Pê estuda aqui. Eles ficaram muito putos com a gravidez e que meus pais não saibam, mas eles se propuseram pagar até o aborto em uma clínica se eu aceitasse, não deixam o Pedro vir me visitar para conversarmos pessoalmente, então a gente acaba se falando muito por telefone.

— Caramba! Que babacas! Odeio gente que acha que dinheiro compra tudo, como se você estivesse querendo o dinheiro deles, pelo amor! Eles não sabem de quem você é filha? — Falei exasperada.

— Eles não querem saber nada de mim, para eles eu sou a garota que está atrapalhando o futuro de Pedro Henrique Ferraz, apenas.

— Espera, Ferraz? O Pedro é filho do maior fazendeiro de café da região? Essa família é muito influente em São Vicente.

— Sim, eles mesmo. São uns esnobes, o Pedro só estuda lá na escola por causa dos avós, se não já estava fora do Brasil há muito tempo.

— Que barra! Olha, eu vou conversar com sua mãe hoje e depois vamos marcar uma conversa com os pais do Pedro. Essa situação não pode ficar assim. Pedro também é responsável por essa criança — falei e ela fez um muxoxo. — O que foi?

— Não quero que ele fique comigo só por causa da criança.

— Ele não vai ficar, acho que ele gosta de você — disse e ela sorriu.

— Obrigada, Vale. Você é a melhor pessoa do universo! Te amo.

— Também te amo, minha linda! E fique tranquila, vai dar tudo certo! Quero te ver mais feliz a partir de agora, certo? Cuidando bem de você e desse bebê.

— Vou tentar. Obrigada mais uma vez — ela disse me abraçando e depois saiu do quarto.

Resolvi ir conversar com a Mel. Depois de fazer uma trança rápida nos meus longos cabelos ruivos, saí do quarto e caminhei em direção à cozinha. Minha sogra estava tirando algumas torradas do forno e colocando-as em uma vasilha na mesa quando eu me sentei.

— Que bom que já acordou, querida. Jake e o Otávio foram com o Chris e a Ceci está brincando nos vizinhos. A sopa está quase pronta.

— Que bom, tia. Mas na verdade eu queria conversar com a senhora, será que podemos? — Perguntei.

— Claro, querida. Deixa eu só desligar aqui a sopa e vamos lá para sala — ela disse e, depois de ajeitar tudo na cozinha, fomos para a sala.

— Primeiramente, eu queria te pedir desculpas pelo que vou falar, mas me sinto no direito de conversar com você pelo enorme apreço que tenho pela senhora e pelo carinho que tenho pela Mia. Não quero que me julgue mal, pois eu ainda não sou mãe, eu sei, mas a maneira como você está lidando com essa situação me parte o coração... Sei que a gravidez da Mia veio de repente e que não esperávamos isso para ela, sendo tão jovem, mas ela está precisando de tanto apoio, tia! Não está sendo nenhum pouco fácil para ela. Mais do que nunca ela precisa tê-la ao seu lado. Se eu tivesse a minha mãe, eu ia querer que ela compreendesse o meu lado e me apoiasse em um momento como esse — falei e ela pareceu pensar por um momento.

— Eu sei que está sendo difícil para ela, Vale. Mas é tão difícil para mim aceitar isso, eu não queria que a Mia tivesse que

abdicar dos seus sonhos assim como eu tive...

— Ela não vai precisar, tia. Vamos dar um jeito, estaremos do lado dela, mas agora, nesse exato momento, sua menina precisa de colo. Ela precisa saber que pode contar com a senhora. Lembro-me de você ter me contado o quanto a sua mãe foi presente durante a sua gravidez, não quer que a Mia tenha a mesma lembrança?

— Claro que quero, eu só... Isso é muito difícil pra mim, abalou toda a confiança nela. A Amélia sempre me contou tudo, suas paixonites, beijos e não me contou isso... Não me contou sobre esse momento tão importante na vida dela.

— Eu entendo, Mel. De verdade. A primeira vez não foi nem tão especial para Mia, ela estava parcialmente bêbada e não pensou direito, mas ela tinha certeza que ele tinha eles tinham se protegido. Acho que ela realmente não sabia da gravidez até o acidente...

— Sim, ela não sabia. Foram os médicos que nos contaram, depois dos exames que fizeram com ela. Ela quase o perdeu porque ficou inconsciente por um tempo...

— Ela precisa da gente, tia. A família do Pedro não é o que parece ser, precisamos conversar com eles e acertar as coisas. Ainda não consigo acreditar no que eles propuseram a Mia.

— O que eles falaram com a minha menina? — Ela perguntou preocupada.

— Não sei bem, mas basicamente disseram a ela que pagavam tudo para ela tirar a criança e se afastar do Pedro.

— Que absurdo! Quem eles pensam que são para fazer isso com ela? Meu Deus, minha menina precisa de mim — ela disse se levantando. — Sei que você não pode fazer esforços, querida, mas pode chamar a Cecília para jantar?

— Claro que sim. Vai lá conversar com ela, eu chamo ela para jantar comigo, já está na hora de alimentar meu grãozinho mesmo — falei e ela me abraçou emocionada.

— Sempre soube que você era especial, querida. Obrigada por estar na nossa família, não poderia estar mais feliz por você ser uma Sullivan e por amar tanto o meu menino — abracei-a levemente emocionada e caminhei até a casa dos Albuquerque para chamar a Cecília.

Quarenta e sete



Depois de arrumar duas malas e algumas mochilas e segui para a casa dos meus pais, junto com o Otávio e o meu pai.

Ao chegarmos lá, encontramos Cecília e a Vale jantando. Minha mãe e Mia não estavam à vista, portanto rezei para que elas finalmente tivessem se resolvido. Aproximei-me de Valentina, beijando-a e perguntei: — Onde estão minha mãe e a Mia?

— Conversando. Falei com as duas individualmente e, amor, precisamos apoiar sua irmã nesse momento, apoiá-la muito.

— Eu sei. Nunca pensei em ser menos que um pilar de apoio para a minha irmãzinha. Mas depois você me conta o que aconteceu, vou colocar nossas coisas lá dentro e volto para jantar — falei levando as coisas para o quarto e arrumando-as brevemente.

Quando voltei para sala, minha mãe e Mia estava juntas na mesa. O clima parecia bem melhor e eu tive certeza de que algumas coisas já haviam sido resolvidas.

— Então, filho. Agora que vocês estão bem e em casa, eu e a sua tia já podemos organizar o casamento, não podemos? — Minha mãe perguntou e eu olhei para Vale, esperando que ela respondesse.

— Então, tia. Estávamos pensando em uma cerimônia pequena na capela perto da parte rural da cidade. Como já casamos em Porto, seria mais uma renovação de votos — ela disse e o sorriso da minha mãe murchou um pouco.

— Tudo bem, cerimônia pequena. Mas posso fazer uma grande festa, não posso? Por favor, não me neguem isso, ainda não superei o fato de não estar presente no casamento do meu primeiro filho — ela disse fazendo chantagem emocional.

— Pode ser, tia. Cerimônia pequena e festa grande — Vale disse e minha mãe quase pulou de alegria.

— Eu já tenho tudo bem arquitetado, vou falar com a Lola e com a Nina e depois passamos tudo para vocês. Vai ser espetacular, querida! — Minha mãe disse se levantando e indo até o telefone da sala.

— Obrigado por fazerem isso, não a vejo animada há muito tempo — papai falou apertando minha mão.

— Não precisa agradecer, pai. Eu e a Vale já estávamos pensando em fazer outra cerimônia por aqui. Nosso casamento em Porto não contou com a presença de vocês e vocês merecem participar desse momento da minha vida — falei e, logo que terminamos de comer, meu pai pediu licença, recolhendo-se.

Valentina encostou em meu peito e ficamos abraçados, observando a Cecília e o Otávio conversarem. Mia estava muito concentrada em seu celular e parecia preocupada.

— Mia, conversa com o Pedro e pede para ele vir com os pais dele aqui esse fim de semana — Vale disse e ela assentiu, digitando.

— Ele disse que vai tentar. Os pais dele são retrógrados ao extremo e não gostam de mim, então acho que vai ser complicado — ela disse com pesar.

— Complicado ou não, ele tem que fazer isso. Vocês dois são responsáveis por esse novo bebê — falei e vi seu rosto se retorcer um pouco.

— Ainda não me acostumei com o baby, estou tentando me adaptar a isso — ela disse roendo as unhas.

— Sei que é complicado, mas é a sua nova realidade, Mia. A sua e a do Pedro, vocês precisarão mudar muita coisa por esse bebê — falei e ela assentiu.

— Falando no seu baby, essa semana eu começo a fazer alguns exames e você vai comigo, certo? Nossos bebês precisam ser amigos desde o útero, eles vão nascer com só algumas semanas de diferença — Vale disse acariciando a barriga dela.

— Tudo bem, Vale. Minha mãe disse que iria me levar na obstetra dela, também, para começarmos a acompanhar direitinho a minha gravidez. Acho que consigo terminar pelo menos o segundo ano antes de ele nascer.

— Vamos aproveitar que estamos no recesso de São João e fazer todos os exames possíveis. Eu também vou ter que voltar para a escola e, pelas minhas contas, eu estarei com sete meses e você com oito. Vamos estar bem barrigudas já no natal — Vale disse a ela.

— Já imagino o que todos irão falar de mim — Mia disse revirando os olhos. — Vai ser um grande teste para minha paciência... Não quero nem pensar. Vou ver se minha mãe deixa eu ir na casa da Lua um pouco — minha irmã se levantou, despedindo-se de nós e saindo.

Nos sentamos na sala e Cecília pediu para pentear os cabelos de Valentina. Quando minha esposa deixou, ela prontamente pegou todos os aparatos que ela usava no cabelo das bonecas para usar no cabelo da Vale, enquanto eu jogava videogame com o Otávio. Mais tarde, naquela noite, deitamos juntos em nossa cama e pela primeira vez em dias eu senti que poderia dormir em paz.

Quarenta e oito



Algumas semanas depois

Nas vésperas do meu segundo casamento, eu me senti bem menos nervosa do que da primeira vez. Minha sogra estava em polvorosa, provavelmente mais ansiosa que eu, parecia até que era ela quem iria casar de novo.

Experimentei o meu vestido pela última vez para ver se alguns ajustes seriam necessários, pois já estava com dois meses e minha barriga já estava começando a aparecer sutilmente. Quem me via não imaginava que eu estava grávida, mas eu estava apaixonada por cada pequena mudança em meu corpo. Christopher também estava. Ele registrava cada momento nosso e conversava bastante com o nosso bebê, e eu torcia para que essa cumplicidade permanecesse por toda a vida.

Eu e a Mia havíamos ficado mais próximas, também. Dividíamos tudo o que aprendíamos sobre a gestação e os bebês. Como ela estava na minha frente por um mês, comparávamos muitas coisas.

No fim das contas, acabei deixando ela mais animada com a gravidez. A conversa com os pais do Pedro foi extremamente esclarecedora: eles não apoiavam a gravidez de maneira nenhuma e por tabela não queriam que o filho assumisse a gravidez. Foi preciso horas e horas de muita conversa até que eles decidissem tudo, Pedro assumiria a paternidade da criança e continuaria com os estudos no Brasil mesmo, e a Mia faria o mesmo, já que o bebê nasceria nas férias. Os dois também poderiam se ver fora da escola, mas respeitando alguns horários.

Eu e o Chris participamos da conversa apenas para intervir quando os ânimos ficassem mais exaltados e, graças a Deus, não precisamos fazer isso por muitas vezes.

Depois de tirar o vestido, deixei minha sogra e as minhas madrinhas experimentando seus vestidos e fui até o quintal. Sentei-me em um dos balanços e apreciei o sol em meu rosto.

De olhos fechados, peguei-me pensando em meus pais, em como eu queria que minha mãe estivesse aqui, como eu queria que tudo fosse diferente. Queria que meu pai não tivesse morrido brigado comigo. Queria que ele soubesse que eu o perdoava e que o amava independente de tudo.

Mas talvez, se ele me tratasse de maneira diferente, eu não teria visto o amor de maneira tão pura e encantadora na casa do

Chris. Os Sullivans me acolheram e me mostraram o que é amar e ser amada em sua essência. Eu os amava demais por isso, meu bebê era abençoado por nascer tendo pessoas tão genuinamente boas e de bom coração ao seu redor.

Acaricieei mais uma vez minha barriga e abri os olhos, vendo o amor da minha vida caminhando em minha direção, sorrindo.

— Achei que só poderíamos nos ver amanhã! — Falei enlaçando seu pescoço com meus braços.

— Essa era a regra, mas bastou eu vê-la pela janela para quebrá-la — ele respondeu beijando meus lábios de maneira doce.

— Sua mãe vai te matar se te descobrir aqui — disse apoiando minha cabeça em seu peito, inalando seu cheiro viciante.

— Estou fugindo dela e de todos daquela casa. Mamãe deu ordens expressas para eles não me deixarem vir te ver — ele falou beijando minha testa.

— É que, segundo ela, dá azar ver o noivo antes do casamento.

— Eu sei, mas acho que às vezes ela esquece que nós já casamos e consumamos nosso casamento. Além do mais, já tivemos toda a má sorte que poderíamos ter, não é? — Ele disse me beijando, dessa vez de maneira mais intensa, fazendo nossas línguas dançarem em perfeita sintonia.

— Acho que para ela é mais fácil pensar que não casamos... Vamos fazer isso por ela, ok? Eu odiaria se o bebê fizesse o que fizemos.

— Ela não vai fazer isso, vai ser a menina mais comportada do mundo! Não é, minha princesa? — Ele disse beijando minha barriga.

— Já disse para você parar com isso, não sabemos o sexo ainda! — Falei bagunçando seus cabelos.

— Vai ser uma menina, eu sei! Você devia começar a pensar nos nomes, aliás — ele falou me provocando.

— Hm, já que você tem tanta certeza, vamos apostar! O que acha?

— Você quer apostar comigo, minha ruiva?

— Isso aí, uma aposta justa! Se for menina, eu vou cortar os meus cabelos. Vou deixar eles nos ombros, como eles eram quando você me conheceu... — propus e ele sorriu. Eu sabia que ele iria gostar, ele vinha me pedindo isso há dias.

— Adorei. E se for menino, o que terei que fazer? — Ele questionou.

— Se for menino, você vai largar de vez o cigarro, não vai fumar nem para desestressar. Combinado? — Perguntei esticando minha mão e ele a apertou.

— Combinado, minha ruiva! Já vá se despedindo desses seus cabelos, porque eu vou ganhar! Eu sempre sei dessas coisas. Eu sabia que a Mia ia ser menina. E também sabia que a mamãe teria gêmeos antes mesmo de ela saber — ele falou me beijando e beijando minha barriga. — Vou voltar para casa dos Albuquerque antes que sintam minha falta.

Ele correu para a casa vizinha e eu entrei, indo para o meu quarto. Deitei-me e adormeci, acordando apenas na hora do jantar.

Reunimo-nos à mesa, eu e todas as mulheres da família, já que os homens estavam na casa vizinha. A Mel, a Nina e a Lola organizaram todo o meu casamento, fazendo a cerimônia de uma maneira simples, como nós pedimos, mas a festa seria uma surpresa para nós dois, pois havíamos dado carta branca para elas fazerem o que quisessem.

— Ansiosa para amanhã, querida? — Minha sogra me perguntou enquanto comíamos a sobremesa: pudim de leite.

— Não tanto, tia. Acho que é porque já nos casamos... Eu acho que vai ser maravilhoso dividir esse momento com vocês dessa vez — falei entre colheradas.

— E como foi na primeira vez? Eu queria tanto ter estado lá, afinal eu ajudei o Chris a organizar tudo — Mia anunciou.

— Foi simplesmente perfeito, mesmo só com quatro convidados. Você tem jeito para organização de eventos, Mia. Cada detalhe foi emocionante... E tia, seu filho fez aquele dia ser inesquecível — disse encantada e elas suspiraram.

— Amanhã também vai ser, minha linda! Preparamos tudo com muito carinho para vocês — Mel disse e eu ganhei um abraço coletivo.

Pouco tempo depois, fui até meu quarto e deitei na cama. Enquanto olhava algumas fotos que o Chris tinha me enviado dele com o Otávio, uma mensagem chegou.

Era o Rodrigo.

<< Vale, boa noite! Sei que deve estar pensando em outras coisas na véspera do seu casamento, mas queria saber se eu poderia levar minha namorada comigo para a cerimônia.

>> Rodrigo! Não precisa nem perguntar né, querido? Traga quem você quiser e ela será muito bem-vinda. Por acaso eu conheço a felizarda?

<< acho que conhece, ela foi a médica que cuidou da Ana Luiza, a doutora Elisa. Sabe?

>> sim, eu conheço e fico muito feliz por vocês estarem juntos!

<< ela é uma pessoa maravilhosa e que me faz muito bem! Mas não vou te atrapalhar mais, te vejo amanhã no casamento!

>> até amanhã! Não esqueça de trazer minha daminha bem cedo! Beijos

Elisa e Rodrigo juntos, essa era definitivamente uma boa surpresa. Eu mal tinha soltado meu celular e ele começou a tocar, e só pela música eu já sabia quem era.

— Oi, meu amor.

— Oi, minha ruiva, que saudade de estar com você.

— Baby, nós nos vimos agora a pouco e você já está com saudades? Deve me amar muito, não é mesmo?

— Ainda duvida das dimensões do meu amor?

— Não mesmo! Isso só me surpreende, mas de uma maneira boa. Eu adoro quando se declara para mim.

— E eu adoro como você fica quando eu me declaro. Não queria dormir longe de você hoje.

— Eu também não queria, mas o que é uma noite perto da eternidade de noites que eu vou compartilhar com você?

— Eu te amo, meu amor.

— Eu também te amo, meu eterno namorado.

— Até amanhã, estarei te esperando no altar.

— Durma bem, eu vou ser a de branco indo em sua direção.

Nos despedimos e eu desliguei, adormecendo logo depois.



A manhã do meu casamento foi bem agitada. Todos estavam nervosos e ansiosos, enquanto eu me mantinha plena e em paz, esperando apenas o momento em que eu poderia me vestir e caminhar até o altar.

Como nosso casamento seria ao anoitecer, eu seria paparicada durante todo o dia. Pela manhã, alguns massagistas vieram até a casa e as madrinhas e eu recebemos massagens relaxantes. Fui almoçar mais leve do que quando acordei e, depois do almoço, tomei um banho de banheira em completo silêncio, acho que foi o único momento que fiquei sozinha naquele dia.

Depois, fui para o meu quarto e começaram a fazer o meu cabelo e minha maquiagem e, por fim, vesti o meu vestido. Ele havia sido feito especialmente para mim pela Megan, uma amiga da Melanie e ex-babá do Christopher.

Vesti-me e fiquei em frente ao espelho. Meu vestido tinha um decote de coração e era todo forrado com uma renda delicada no busto, sua saia era de tule com um caimento evasê.

Ele era perfeito.

Mel veio ao meu lado para me entregar o meu buquê de girassóis. Seus olhos estavam cheios de lágrimas e os meus começaram a ficar marejados. A Sophia me deu um lenço e eu as sequei com calma, para não borrar a maquiagem.

— Você está linda, minha menina. Sei que, onde quer que sua mãe esteja, ela vai estar feliz por você ter se tornado essa mulher tão especial. Estou muito feliz por tê-la na nossa família. Por isso meu filho me incumbiu de te dar um presente que significa muito para todos nós: essa pulseira que foi da minha avó, da minha mãe e minha, e agora ela será sua para que dê continuidade a nossa tradição já que, segundo o meu filho, você terá uma princesinha. E olha, ele não costuma errar nesses palpites — Mel disse colocando uma pulseira em meu pulso.

As lágrimas que tentavam não cair jorraram em nosso abraço. Ficamos assim por um tempo e eu tentei passar toda a minha gratidão por ela naquele momento. Quando nos soltamos, todas estavam emocionadas ao nosso redor e tivemos que retocar a maquiagem rapidamente.

Logo depois da Mel se certificar que o Chris já me aguardava na igreja, fomos em direção a pequena capela em dois carros. Ao chegarmos lá, Mel se despediu de mim, pois entraria com Christopher na igreja, e a Lola ficou ao meu lado. Minhas madrinhas se posicionaram com seus respectivos pares: Sophia e Bernardo, Lua e Bruno e Mia e Pedro.

Pouco a pouco, eles entraram na capela e eu comecei a ficar nervosa.

— Vale, você está igual a uma princesa! — Cecilia me disse ao se posicionar ao lado do irmão, com as florzinhas.

— Você que está igual a uma! — Falei beijando a bochecha dos dois e eles entraram.

Faltava pouco.

Rodrigo apareceu com a Ana Luiza e ambos sorriram para mim.

— Uau, você está linda, Valentina! — Rodrigo disse ao me cumprimentar.

— Obrigada! Mas ela que está mais linda, sua filha está uma princesinha! — Falei salpicando beijos em Ana.

— Ela está ansiosa, treinou bastante em casa!

— Fica tranquilo! Ela vai arrasar! — Falei e avistei o tio Jake vindo em minha direção.

A hora havia chegado. Tinha escolhido o Jake para entrar comigo porque, desde que o conheço, ele sempre foi a figura paterna que eu idealizava para mim. Ele era tão atencioso e amoroso com o Chris e com seus outros filhos! Eu desejei que o meu pai fosse da mesma maneira por um bom tempo.

— Você está linda, minha nora! Vamos entrar, ou é capaz do meu filho vir te buscar. O moleque está ansioso! — Ele disse me cumprimentando.

— Vamos logo então, porque eu também já estou ansiosa — falei entrelaçando meu braço com o dele.

A marcha nupcial começou a tocar e nós entramos na pequena capela, que estava repleta de muitas pessoas que nos amavam, mas meus olhos se fixaram apenas nele, no homem que me mostrou o que era o amor, aquele que eu tanto amava e que me retribuía na mesma medida. A minha melhor metade. Sorrimos um para o outro como se estivéssemos compartilhando pensamentos. Fui entregue com um beijo na testa e a benção foi concedida. O padre iniciou o sermão, trazendo versículos bem parecidos com os do nosso primeiro casamento. Citamos os nossos votos e selamos o nosso compromisso para vida inteira com um beijo repleto de entrega e sentimento.

Saímos da igreja com uma chuva de arroz sobre a gente, corremos até o carro e ele me beijou novamente, dessa vez com mais intensidade.

— Gostou de casar de novo, esposa? — Ele perguntou me abraçando.

— Adorei, marido! Mas agora só renovação de votos, ok? — Falei e ele assentiu.

Fomos levados para o local da festa, que era uma completa surpresa para nós. Ao chegarmos lá fomos recebidos com muitas bolhas de sabão. Espantei elas com as mãos e pude ver onde estávamos. Era a praça da cidade e ela estava toda decorada, com algumas tendas e muitas luzes, tinha até um palco! As mesas estavam decoradas com enormes arranjos de girassóis e lampiões com velas acesas. O nosso bolo de casamento estava em uma mesa central, ele tinha uns quatro andares e os bonequinhos do topo estavam uma gracinha: eram um casal de noivos em um carro conversível daqueles clássicos, o Max e Apollo também estavam lá, deitados juntinhos ao lado do carro. Nossos filhotes precisavam fazer parte desse momento.

Todos vieram nos cumprimentar e nós fomos levados ao centro de tudo, bem em frente ao palco. Melanie e Jake subiram no palco, e Christopher me apertou em seus braços, sussurrando em meu ouvido: — A festa dos meus pais também foi aqui, esse lugar significa muito para eles e agora fazemos parte de todo esse significado.

Beijeí sua face e prestei atenção no que minha sogra iria dizer: — Boa noite a todos! Eu e o meu marido somos muito gratos pela presença de todos vocês essa noite tão especial para mim, afinal, não é todos os dias que seu primogênito se casa! Christopher sempre foi a luz da minha vida. Ele me ensinou a ser mãe de uma maneira totalmente singular e eu não desejaria que isso tivesse acontecido de maneira diferente. Acompanhar o crescimento dele durante todos esses anos não poderia ter me deixado mais orgulhosa pelo grande homem que ele se tornou. Levá-lo ao altar hoje foi um dos momentos mais significativos da minha vida, obrigada por me deixar fazer parte disso — ela respirou fundo e o Chris soprou um beijo para ela. — Chris, você a trouxe para nossa vida quando ela tinha apenas cinco anos, a mocinha de cabelos vermelhos mais atrevida que já conheci na vida — ela disse e nós rimos. — Valentina nos ganhou pouco a pouco com seu jeitinho tão especial, e o que era para ser só amizade se transformou em algo maior que vocês, aos doze anos de

idade, não entendiam. Mas para mim era muito claro, já que me apaixonei pelo seu pai nessa faixa de idade. Eu sabia que esse momento que estamos vivendo aqui, hoje, iria acontecer, e ele realmente aconteceu no momento certo. Sintam-se abençoados e muito amados por todo nós, desejo a vocês toda a felicidade do mundo! Um brinde a essa união que com certeza será duradoura — ela finalizou o discurso erguendo um brinde para nós. Taças foram colocadas em nossas mãos e todos brindamos juntos. Logo depois, fomos jantar e curtir a festa. Nossos convidados nos parabenizaram duplamente pelo casamento e pela gravidez, deixando-nos ainda mais felizes.

Tivemos nossa primeira dança como marido e mulher e logo depois dancei com meu sogro, e Chris dançou com a Mel. Paramos para passear pelas mesas, cumprimentando e tirando muitas fotos. Sophia estava adorando, ela amava mandar em nós dois e dizer tudo o que tínhamos que fazer.

Quando consegui fugir dela, Chris foi beber um pouco com Bernardo e Rodrigo no bar e eu fui atacar a mesa de docinhos ao lado de Mia.

— Esses doces estão divinos! — Ela disse com a boca cheia deles.

— Estão sim! Desde a primeira vez que provamos eu tenho sonhado com eles. Seu irmão não anda me deixando comer muitos doces, ele diz que faz mal para o bebê.

— Eu normalmente enjoa com doces, eles me fazem vomitar e muito, mas comecei a comer esses e não passei mal, então preciso comemorar — ela disse levantando os docinhos em um brinde.

Quando a Sophia me descobriu ali, levou-me de volta para pista de dança. Ela queria tirar algumas fotos minhas e do Chris dançando com os convidados.

Enquanto dançávamos, pude observar os casais que nos rodeavam: Rodrigo e Elisa, Bruno e Lua, Heitor e Laura, Mia e Pedro. Cada casal tinha sua singularidade, a maneira como se olhavam ou se tocavam demonstrava que o amor estava ali, pronto para se mostrar a qualquer momento.

Depois de tantas fotos e danças, fui fazer o meu papel de noiva. Iria finalmente jogar o buquê e eu estava animada.

Todas as jovens solteiras se posicionaram e eu comecei a contagem regressiva.

— Três!

— Dois!

— Um! — Gritei, joguei o buquê e me virei a tempo de ver ele pousar no colo da Sophia, que sorriu encantada, olhando para o Bernardo.

Sorri para ela e corri para abraçá-la, escutando o Chris dizendo ao Bernardo.

— É, cara, não tem jeito! Vai ter que ser o próximo! — Rimos juntos e aproveitamos o resto da festa.

Às cinco da manhã, entramos em nosso apartamento completamente exaustos. Tudo o que eu queria era me jogar na cama, mas meu marido me levou até o banheiro e cuidou de mim com muito cuidado, então, ao deitarmos na cama, resolvi retribuir seu carinho, amando-o intensamente demonstrando tudo aquilo que eu sentia.

— Eu te amo, Christopher — falei beijando seu nariz.

— Eu te amo mais! Muito, muito mais! Você é tudo para mim, Valentina. Eu nunca sequer deixei de pensar em você todos esses

anos, se isso não é o amor da sua forma mais verdadeira, eu não sei o que é! — Ele diz me deixado completamente encantada.

— Você é definitivamente o marido mais romântico que existe. Nunca deixei de pensar em você ou de te amar, era para nós dois acontecermos e o tempo se encarregou de fazer isso, por isso estamos aqui agora. Eu não me casaria duas vezes com alguém que não fosse você — falei voltando a beijá-lo, ignorando o cansaço e me entregando novamente ao amor da minha vida.

Quarenta e nove



Dias depois do nosso casamento, voltamos para nossa casa, apesar da minha mãe insistir muito para que continuássemos lá. Vale estava prestes a fazer três meses e tudo estava bem com o nosso bebê.

Estávamos deitados no sofá da sala depois de avaliarmos o apartamento.

— Não vamos conseguir criar o nosso filho aqui. Esse lugar é maravilhoso para dois, mas três? Não vai dar. Nem temos quarto para o bebê — ela disse entrelaçando seus dedos nos meus.

— Eu sei. Estava mesmo pensando sobre isso, meus pais falaram sobre a possibilidade de morarmos perto deles, mas teríamos que construir e levaria meses até termos uma casa do porte deles e com tudo do nosso jeito — falei e ela assentiu.

— Eu sei. Eu amo seus pais e a sua família, mas pensei em outra possibilidade. Sei de um lugar que podemos morar.

— É mesmo? E que lugar seria esse? — Perguntei curioso.

— Bem, depois que o meu pai faleceu, mesmo eu não estando presente na vida dele, eu herdei tudo. Um advogado foi a São Paulo ler todo o seu testamento para mim e uma das minhas posses é a casa em que eu cresci quando estava aqui.

— Eu sabia sobre essa casa e pensei que provavelmente fosse sua agora, mas não a coloquei em questão porque você nunca falou muito dela. E eu lembro que, quando éramos crianças, você odiava ir para lá.

— Eu não odiava a casa, odiava ficar no mesmo ambiente que o meu pai. Era triste ver que eu não tinha o mesmo tratamento que você vindo do meu próprio pai, mas eu amava aquela casa, a piscina, todos aqueles quartos e, principalmente, a biblioteca da minha mãe. Eu adorava ficar lá, sentindo o cheiro dos livros e folheando-os. É por isso que eu sou professora de literatura e gosto tanto de ler, meu amor pela leitura começou ali. Acho que nunca te contei isso, mas minha mãe amava pintar. Ela não tinha um ateliê, então pintava ali, na biblioteca, mesmo. Eu me lembro de ficar passando a mão sobre as manchas de tinta apenas para me sentir mais próxima a ela.

— Não sabia, mas fico feliz que esteja me contando agora, como também ficarei feliz em morar ao seu lado na casa que você passou boa parte da sua vida — falei afagando seus cabelos e a trazendo para mais perto de mim.

— Podíamos ir lá amanhã. Ela fica na parte leste da cidade, o lugar continua bem pacato e tem um senhor que cuida dela para

que o tempo não a destruía. Podemos deixá-la do nosso jeito.

— Ótimo, vamos lá então. Vamos ver tudo o que precisamos fazer para mudarmos em breve — disse beijando-a.

No dia seguinte, fomos de moto até a casa que era dos pais da Valentina. Ela foi me guiando por todo o caminho e, ao estacionarmos, percebi que realmente a casa era bem cuidada: com piso em toda a fachada, a primeira visão que tínhamos era de uma casa no estilo americano, mas bem grande. Caminhamos em direção à porta, abrindo-a, e encontramos a casa totalmente sem mobília, mas muito limpa. Havia uma enorme sala, conjugada com uma sala de jantar. Andamos um pouco mais em um corredor e encontramos um banheiro, no outro lado tinha a cozinha e a despensa e, no final do corredor, havia uma porta que nos levava a uma extensa área verde, com muitas árvores.

Voltamos para dentro da casa, subindo as escadas, dessa vez. Elas nos levaram até os quatro quartos, sendo que dois eram suítes. Havia, também, o ambiente que lembrava uma biblioteca. Havia várias manchas de tinta no chão e as paredes estavam cobertas por estantes embutidas. Valentina andou passando as mãos pelas prateleiras, como se estivesse lembrando de algo. O quarto principal era o maior, com uma varanda com vista para rua. Valentina se apoiou no cercado e eu a abracei, beijando suavemente seu pescoço.

— Acho que seremos felizes aqui. Eu, você e o nosso pequeno milagre.

— Também acho que seremos. Vamos apagar todas as minhas lembranças ruins e criar as melhores que pudermos — ela disse virando para me dar um beijo delicado.

No decorrer dos dias seguintes, eu e Valentina trouxemos as coisas para nossa nova casa e a deixamos do nosso jeito. Pouco a pouco, eu observava encantado as mudanças em seu corpo e o quanto ela ficava mais bonita. Nunca me cansava de olhá-la e pretendia fazer isso por todos os dias da minha vida.



Resolvemos não fazer uma festa de casa nova, mas minha sogra, festeira que era, fez uma pequena comemoraçãozinha com todos da família presente. Ainda surpresa, sentei-me com Sophia em um dos sofás, enquanto comíamos alguns petiscos trazidos pela Mel.

— Decidi que vou para Londres... Ainda não sei quando, mas quero ir ainda esse ano — Sophia me confidenciou.

— Sophi, isso é ótimo, estou animada por você.

— Quero toda essa sua animação e coragem também. Preciso falar para o Bernardo — ela disse olhando para ele. Bê estava

conversando com Chris e Jake perto da cozinha.

— Ainda não contou? Precisa contar ao seu noivo, Sophi! Quem sabe ele não queira ir junto?

— Não acho que ele iria, o Bernardo simplesmente não entende — ela falou frustrada.

— Ele precisa entender, é uma parte de você que está lá e que você quer conhecer.

— O Bê não vê dessa maneira. Ele me acha estúpida por ir atrás de um homem que nunca ligou para mim — ela disse com tristeza, limpando uma lágrima do seu rosto.

— Não fica assim — puxei-a para um abraço. — Vai dar tudo certo, Sophi.. Vou pedir para o Chris conversar com o Bê, para pôr juízo na cabeça dele — falei e ela deu um sorriso fraco.

— Quem sabe isso funcione, aquele ali tem o gênio da tia Nina, não dá o braço a torcer fácil, não... Eu entendo que ele queira me proteger, mas não é disso que eu preciso. Meus pais me protegeram demais e a vida toda — ela falou encarando o celular.

— Algumas vezes precisamos ser livres para reconhecer o nosso lar. Eu passei por isso e voltei, talvez você também só esteja precisando ir... Para voltar melhor e mais feliz — disse e ela pareceu pensar no que eu tinha dito, porém não falou nada.

Eu me levantei para comer uma fatia do bolo que a Mel havia trazido, era de churros e estava delicioso. Nunca gostei muito de doce de leite, mas me empanturrei. A gravidez tem dessas coisas, foi o que a Mel me disse depois de me oferecer mais uma fatia.

Depois fomos todos para o quintal. Os meninos corriam pelo jardim atrás do Max fazendo muita bagunça, enquanto eu conversava com as meninas sobre o quarto do bebê e todos os cuidados que eu deveria ter. Cecília acariciava os pelos do Apollo, que estava em meu colo.

Foi um dia incrível.



Alguns meses se passaram e chegou a hora de ver o sexo do bebê. Aquela era a quinta ultrassom que faríamos, Valentina já ostentava uma considerável barriga de cinco meses e nosso bebê seria grande bem grande. Enquanto caminhávamos, lembrei-a da nossa aposta.

— Preparada para cortar os cabelos, Rapunzel!? — Perguntei provocando-a.

— Você vai sofrer mais tendo que parar definitivamente de fumar, mas não se preocupe, vai fazer muito bem a sua saúde — ela disse apertando minhas bochechas e me roubando um beijo.

— Vamos ver quem vai perder, porque eu tenho certeza que tem uma princesinha aí dentro! — Falei e fomos de mãos dadas até o consultório.

Depois de respondermos algumas perguntas e de fazermos algumas, também, Valentina se deitou na maca e eu me sentei ao seu lado, agarrando sua mão e olhando para tela em nossa frente. O médico passou um gel na barriga dela e começou a ultrassom. Ele foi medindo cada parte do nosso bebê enquanto eu tentava decifrar o que exatamente era aquilo que estávamos vendo.

— O bebê está no tamanho adequado para cinco meses, tudo certinho com ele, está bem saudável — o Doutor falou e eu sorri aliviado. — Vocês já sabem o sexo?

— Ainda não, ela não deixou ver nas últimas consultas — respondi ansioso, apertando ainda mais a mão de Valentina.

— Ela? Então você acha que é uma menina? — O Doutor perguntou e Valentina me encarou.

— Eu não acho... Tenho certeza! — Falei convicto. Na verdade, eu queria mais provocar a Valentina do que outra coisa, amaria nosso filho independente do que fosse, mas ela queria muito um menino e eu, como sempre fui do contra, tinha que apostar em uma garotinha.

— Bem, gosto da sua confiança, garoto! — Ele falou centralizando a ultra em uma parte do bebê e disse: — Meus parabéns, Valentina e Christopher, vocês serão pais de uma linda garotinha.

Assim que ele terminou de falar, eu olhei para Valentina com os olhos cheios de lágrimas e notei que ela já estava chorando. Abracei-a em cima da maca mesmo, salpicando beijos em seu rosto e dizendo o quanto a amava. Naquele momento nossa felicidade ficou mais evidente, em breve seríamos uma família completa. Ao sairmos de lá, fomos para casa planejando como contaríamos para a nossa família, afinal, tudo para minha mãe era motivo de uma pequena festa. Algumas semanas atrás havíamos descoberto que a Mia estava esperando um menino e minha mãe comemorou como se fosse um aniversário. Aliás, minha irmã estava muito contente nesse estágio da gravidez, ela compartilhava com Vale cada momento. Mas o que me deixava mais feliz é que ela não estava sozinha nisso: mesmo com toda correria de cursinhos pré-vestibulares, escola e simulados, Pedro dava um jeito de participar de tudo. Assim que estacionamos na garagem de casa, notamos uma movimentação na casa, olhamos um para o outro e eu perguntei: — Estávamos esperando alguém?

— Que eu saiba não, mas não me surpreenderia se sua mãe e parte da sua família estivesse aí — Vale falou e, logo que abrimos a porta, fomos recepcionados com balões e até um bolo.

Meus pais, meus irmãos e o Pedro estavam na nossa sala.

— E então? Terei mais um neto ou o que está vindo aí é a minha primeira neta? — Minha mãe perguntou ansiosa.

— Bem, vocês terão a sua primeira neta! — Falei sorrindo me aconchegando na Vale.

Foi uma euforia geral. Todos vieram nos parabenizar. Mia, bem emotiva, fez a Vale derramar algumas lágrimas novamente.

— O Lorenzo está ansioso para conhecer sua priminha, hoje ele não parou de chutar — ela disse limpando as lágrimas em seu rosto.

— Então será Lorenzo o nome do meu afilhado? Adorei, é um nome muito bonito — falei abraçando-a e acariciando sua barriga, sentindo um pequeno chute em minhas mãos.

— Sim, em homenagem ao avô do Pedro — ela respondeu afagando a barriga. — E vocês, já pensam em um nome?

— Ainda não sabemos. Pensamos em vários, mas não gostamos de nenhum — falei e Vale contorceu a boca.

— Acho que só você não sabe, meu irmão. Eu sabia que se fosse menino o nome seria Lorenzo e na época eu nem conhecia o avô do Pedro — ela disse saindo para falar com minha mãe.

Depois de comermos um pouco e de colocarmos o papo em dia, eles foram para casa e eu e Valentina deitamos na rede que tínhamos na varanda. Olhávamos o céu que estava sem a lua, mas com algumas estrelas.

— Não precisa cumprir a aposta se não quiser, eu sei que gosta dos seus cabelos — falei beijando seu pescoço.

— Não, eu quero cumprir a minha parte, assim como também acho que, mesmo eu perdendo, você deveria cumprir a sua — ela disse entrelaçando nossos dedos que estavam sob a sua barriga.

— Eu vou cumprir. Não quero morrer antes da hora e perder a oportunidade de ver nossa menina crescer — falei e ela sorriu.

— Graças a Deus por isso. Ela vai precisar do pai dela sempre com ela, protegendo-a de tudo e a amando mais do que ninguém — ela disse e eu a beijei suavemente.

— Eu estarei sempre presente. Nós estaremos. Nossa menina será muito amada, assim como ela já é tão desejada por nós dois. Eu te amo, minha ruiva.

— Também te amo, meu amor. Será que nossa princesa será morena como você ou ruiva como eu? Fico tentando imaginá-la agora que sei o que ela realmente é.

— Não sei, mas nas vezes que sonhei com ela, eu via uma pequena ruiva, assim como você era. Falando nela, você já pensou em um nome? — Perguntei lembrando da conversa com Mia mais cedo.

— Já pensei sim, mas quero que seja surpresa. Eu vou te contar apenas quando ela nascer.

— Não vai me deixar intervir na escolha?

— Não! Você já me disse tantas opções e não gostei de nenhuma! Mas não se preocupe, o nome da nossa menina será uma homenagem maravilhosa, além de ter um significado lindo — ela disse e eu confiei nela, não tocando mais nesse assunto.



Um tempo se passou e Valentina já estava com sete meses. Estávamos todos apreensivos, pois Mia já estava prestes a ter Lorenzo. Meus pais e Pedro, que tinha acabado de ser aceito em uma faculdade de renome em outro estado, estavam na maternidade com ela. Vale e eu ficamos com meus irmãos em nossa casa.

Eu estava jogando com o Otávio enquanto Valentina estava em nosso quarto assistindo filmes com Cecília e o Apollo. Seus pés estavam um pouco inchados e ela evitava ficar muito tempo em pé ou sentada.

Horas se passaram até eu receber uma ligação da minha mãe que, aos prantos, me avisou que Lorenzo havia nascido grande e saudável.

Comemorei e dei a grande notícia ao Otávio, que era o único que estava acordado naquele momento. As meninas estavam dormindo e eu preferi contar a elas pela manhã. Mande o Otávio dormir no quarto de hóspedes e coloquei a Cecília na cama auxiliar do quarto da nossa princesa.

Deitei ao lado de Valentina, aconchegando-me a ela e adormecendo em seguida.

Despertei assustado de madrugada ao escutar passos pelo quarto, olhei para os lados não encontrei Valentina na cama. Rapidamente me levantei, encontrando-a no banheiro, chorando. Agachei-me em sua frente, já preocupado.

— Meu amor, o que aconteceu? Por que está chorando? — Perguntei nervoso.

— Tem alguma coisa errada, Chris. Algo está errado com o nosso bebê, eu... Eu estou perdendo líquidos — ela disse e meu coração bateu tão rápido que minha cabeça chegou a doer.

— Precisamos ir para o hospital! Eles vão ver isso, vai dar tudo certo. Fica calma, nossa bebê vai ficar bem — falei ajudando-a levantar.

Deixei-a sentada na cama enquanto acordava meus irmãos, mandando eles irem para o carro sem explicar muita coisa. Acho que eles sentiram o nervosismo e o desespero que saía da minha voz.

Carreguei a Valentina até o carro e ela não parava de chorar.

— Eu não estou sentindo ela mexer, Chris. Ela não está mexendo e minha cabeça parece que vai explodir — ela falou e meu coração parou por um segundo. Tentei controlar meu nervosismo, dirigindo mais rápido até a maternidade.

Chegando lá, carreguei-a novamente enquanto meus irmãos corriam atrás de mim. Coloquei a Vale em uma maca, explicando a um enfermeiro o que tinha acontecido.

Eles levaram a Vale para uma sala de exames e eu fui atrás dela, mas eles me impediram de entrar por causa das crianças. Liguei rapidamente para o meu pai, que atendeu no primeiro toque. Eu sabia que ele ainda estava aqui.

— Pai preciso que você venha na ala de traumas do hospital. Eu acabei de chegar com a Valentina e os meninos estão comigo, não posso entrar com eles nem os deixar sozinhos — falei apressadamente.

— Estou descendo, filho — ele disse desligando.

Uns minutos depois meu pai apareceu. Abracei-o rapidamente e avisei que explicaria depois, entrei na sala para onde tinham levado Valentina e a encontrei ao lado do enfermeiro e de um médico que também estava lá.

— Estou aqui, meu amor — falei baixo beijando seu rosto.

— O senhor deve ser o esposo da Valentina, suponho — ele disse e eu assenti. — Bem, sou o doutor Willian, obstetra de plantão. Examinamos a paciente e notamos o aumento da sua pressão arterial, além do inchaço dos membros inferiores. Fomos informados da perda de líquidos amnióticos e, dependendo do que eu veja neste ultrassom, aconselho fazermos uma cesariana de emergência para o bem da mãe e do bebê.

— Cesariana? Mas é muito cedo! Ela só tem sete meses — Valentina disse e eu concordei.

— Sim, a indução de um parto seria muito arriscada, pois poderíamos elevar ainda mais sua pressão arterial. A senhora tem o que chamamos de pré-eclâmpsia, e mantermos sua gravidez adiante com a perda de volume do líquido amniótico seria arriscado demais — ele respondeu iniciando a ultrassom. — Como eu previa, a perda do líquido ainda não foi tão significativa e o ideal seria que fizéssemos a cesariana agora, dando uma ótima chance de recuperação a ambos. O bebê de vocês será prematuro, mas terá mais chances de crescer saudável do que se deixarmos ele por mais tempo lá dentro.

O doutor me entregou uma ficha com a autorização da cesariana para que eu assinasse, e depois de beijá-la mais uma vez, tomei

a decisão que desejei ser a melhor para as duas pessoas que eu mais amava no mundo.

Vale foi preparada para a Cesariana e eu também. Entramos juntos e eu apertei sua mão o tempo todo, orando baixinho para que tudo desse certo, até que escutei um choro encher a sala de parto.

Levantei de onde eu estava, para ver minha filha. Ela estava nos braços de uma enfermeira e foi logo encaminhada para uma parte onde a examinaram-na. Vale pediu para vê-la, mas o médico disse que ela precisava ser examinada imediatamente. Voltei a me sentar próximo a Valentina, que já derramava algumas lágrimas.

— Ela é linda, tão pequenininha e ruiva assim como você — falei acariciando seus cabelos.

A enfermeira trouxe nossa filha, colocando-a nos braços de Valentina, que a beijou em meio as lágrimas, me fazendo chorar também. Consegui pegá-la rapidamente no colo, antes de ela ser colocada na incubadora e ser levada em direção a maternidade do hospital.

— Vai com ela, Chris. A Beatriz precisa de você — ela disse acariciando minha mão.

— Beatriz? Então esse será o nome da nossa filha? — Perguntei.

— Sim, porque ela vai nos trazer muita felicidade, além de ser uma singela homenagem a minha mãe — ela disse e eu a beijei.

— Pode deixar, meu amor. Vou ficar com ela e te vejo no quarto, te amo — falei me levantando.

— Eu também te amo — ela respondeu e eu corri até o lugar onde ficavam os recém-nascidos. Beatriz estava ali, tão pequenininha e frágil dentro daquela incubadora... Como queria tê-la em meu colo apenas para me tranquilizar de que tudo ficaria bem!

Não sei por quanto tempo fiquei babando a minha filha através do vidro, mas me assustei quando vi que o dia já tinha amanhecido.

Estranhei não ter recebido nenhuma notícia de Valentina, por isso fui atrás de algum enfermeiro e encontrei a Claudete, a mesma enfermeira que tinha acompanhado ela quando descobrimos a gravidez. Ela me levou até onde a Vale estava, na UTI.

— O doutor achou melhor deixá-la aqui no período de vinte e quatro horas para monitorarmos de perto sua pressão arterial, entre outras coisas, mas não se preocupe, ela está estável e deve permanecer assim.

Agradei e voltei para ver a Beatriz, descobrindo que a mesma já estava no berçário. Minha pequena tinha um aparelho em seu nariz que ajudava ela a respirar e uma sonda que a alimentava pois, segundo a pediatra, ela precisaria deles por um tempo até conseguir fazer tudo isso sozinha.

Meus pais apareceram para vê-la e ficaram com ela para que eu pudesse ir em casa tomar um banho e pegar roupas para a Valentina, minha mãe tinha trazido a mala com as coisas da Bia. Quando eu cheguei, fui ao quarto da Mia, para conhecer o pequeno Lorenzo, que de pequeno não tinha nada. Com seus 52 centímetros, ele se parecia muito com o pai, mas era loirinho assim como a Mia.

Mostrei a eles fotos da Beatriz e eles babaram por ela também. Corri até o berçário para vê-la e me deixaram carregá-la por um tempo. Tê-la em meus braços foi de uma emoção inenarrável, era incrível ver que eu tinha feito aquele ser tão pequeno, observei seus traços e notei algumas poucas semelhanças comigo, já que ela era igualzinha a mãe.

Depois que o horário de visita passou, fui até Valentina, ela já estava no quarto, assim que abri a porta, fui recebido com o sorriso que tanto senti falta.

Beijei-a apaixonadamente, demonstrando toda a saudade que senti.

— Como está a Beatriz? Já estou com saudades de tê-la em meus braços — ela disse entrelaçando seus dedos nos meus.

— Ela está bem. Conversei com o médico e ainda a peguei no colo. Ela é tão pequenininha, mas perfeita. Fizemos um bom trabalho — falei e ela sorriu.

— Espero que ela venha logo para o quarto, não quero ficar tanto tempo longe, mas sei que é o melhor para ela.

— É o melhor, sim, em breve ela vai estar correndo pela casa e sentiremos falta da calma. Eu estou tão feliz em te ver assim, meu amor — acariciei seu rosto e ela beijou a palma da minha mão. — Acho que todas essas últimas horas foram as piores e as melhores da minha vida, nunca senti tanto medo e amor ao mesmo tempo — falei abraçando-a.

— Acho que posso dizer o mesmo, obrigada por estar sempre comigo. Mesmo quando estávamos longe fisicamente um do outro, eu nunca deixei de pensar em você, obrigada por me entender e me apoiar não importa o que eu faça. Eu te amo, Christopher. E amo a filha que fizemos juntos — ela disse e eu a beijei, um beijo longo e apaixonado.

— Eu te amo, minha ruiva. Sempre te amei e sempre vou te amar — falei aconchegando-a em meus braços, onde ficamos trocando juras de amor até o amanhecer.

Na manhã seguinte, Beatriz foi colocada em nossos braços e mais uma vez agradecemos pelo fato dela estar melhorando um pouco mais a cada dia.

Ela realmente nasceu para iluminar os nossos dias e nos trazer mais felicidade a cada momento. Ela era o nosso pequeno milagre, a nossa garotinha, a menina dos nossos olhos e eu mal podia esperar para vê-la crescer e se tornar quem ela quisesse ser.

Nossa primeira noite sozinhos com ela foi um pouco caótica. Acho que nos acostumamos mal com tanta gente no hospital, porque no primeiro chorinho eu já queria levá-la de volta, temendo ser algo mais grave, porém na maioria das vezes era só fome ou fralda suja.

Valentina estava sendo uma excelente mãe. Talvez todos os livros que ela tinha lido durante a gravidez tivessem a preparado para isso, ela se mantinha calma e serena, mesmo com o choro da nossa pequena.

Depois de um banho, ela se deitou ao meu lado e eu acalentei-a em meus braços.

— Você realmente nasceu para isso, fica muito calma, enquanto eu só penso em ligar para minha mãe para ela vir nos ajudar — disse e ela riu baixinho.

— Não podemos recorrer à sua mãe sempre, precisamos aprender. Bebês choram e a Bia só precisa se acostumar, eu acho ela um bebê calmo, se eu for comparar ela aos bebês das histórias que sua mãe e tia me contaram.

— Graças a Deus por isso. Acho que ela vai me fazer de gato e sapato, vou mimá-la demais só para não a ver chorar — disse e ela levantou o corpo para ficarmos cara a cara.

— Você não vai fazer isso. Precisamos por limites, ou vamos ter muito trabalho — ela disse séria.

— Vou tentar, prometo — disse e acariciei seus cabelos. — Já disse que te amo hoje?

— Hoje? Ainda não, por quê?

— Porque eu te amo muito. Não conseguiria viver sem você. Nunca acreditei nessas coisas de metade da laranja ou tampa da panela, mas a vida mostrou que isso é real, a gente tinha que acontecer.

— Tinha mesmo. Eu te amo muito — ela disse tomando meus lábios em um beijo e se aconchegando ao meu lado.

Pouco tempo depois, ela dormiu e eu fiquei velando seu sono. Não importa quanto tempo passasse, Valentina foi o meu primeiro e será meu único amor.

Epílogo



Quatro anos depois

— Mamãe! Mamãe! *Quelo* te pedir uma coisa! — Minha princesinha de cabelos ruivos correu até mim com toda a sua energia me abraçando.

— Quer me pedir o quê, Beatriz? — Perguntei apertando seu nariz. Espoleta do jeito que era, eu esperava tudo dessa menina.

— Não fala assim, eu vou pedi, mas a *senhola* não pode falar igual ao papai — ela disse e eu assenti mas, desconfiada do jeito que era, minha menina completou: — *Plomete*?

— Prometo, agora fala!

— Eu *polssso* tomar sorvetinho? — Pediu com a cara mais fofa.

— Não pode, você sabe que não — falei e ela se zangou.

— Poxa, falei para a *senhola* não responder igual ao papai — ela disse emburrada.

— Você está se recuperando de uma gripe, não vai tomar sorvete para piorar de novo, mocinha. Eu e seu pai queremos o seu bem — respondi prendendo seus cabelos no alto de sua cabeça, pois devido ao calor, os fios haviam grudado em seu pescoço.

— Mas o Lore está tomando e eu *quelo*! *Pol favouzinho*, mamãe! Deixa? — Ela implorou com os olhinhos cheios de esperança.

— O Lorenzo não estava gripado, você estava, Beatriz! E não vai tomar sorvete! Se está com fome podemos entrar que eu farei alguma coisa — disse e ela pareceu pensar por alguns instantes.

— Tudo bem, mas eu *quelo* chocolate, muito chocolate.

— Tudo bem, eu faço brigadeiro de panela para nós comermos, mas enquanto eu faço, chame o Lorenzo e o Pitoco para entrar. Vamos assistir algum filme — falei e ela assentiu e correu para fora da sala, enquanto eu ia para cozinha começar a preparar o brigadeiro.

Estava mexendo nas panelas quando senti duas mãozinhas agarrarem minhas pernas.

Olhei para baixo, avistando o meu loirinho cabeludo. Ele estava com o Apollo no colo, esse gato adorava um carinho.

— Oi meu amor! — Falei bagunçando seus cabelos.

— Oi, dinda, a Bia disse que a *senhola* estava chamando a *genti*!

— É, eu estava. Que tal parar de correr um pouco para assistirmos um filme e comermos brigadeiro?

— Eu *gostalia* muito! Vou chamar a Bia e o Pitoco, ele estava escondido no armário do dindo, *acledita*?

— Acredito, aquele ali apronta igual a dona — falei, então ele colocou o Apollo no chão e correu atrás dela. Terminei o brigadeiro e fiz a pipoca. Caminhei até a sala e encontrei os dois sentados no tapete com o pitoco, o nosso pug, entre eles. Max, no começo, enciumou do Pitoco, mas depois acostumou. A casa nova tinha bastante espaço para os dois, e como o menor gostava mais de sossego, a diversão e a bagunça ficava por conta do Max.

Coloquei tudo na frente deles e eles começaram a comer, mas sem tirar a atenção do filme. Toy Story 3 era o filme da vez, pela o quê? Décima vez nessa semana? Esse era o filme favorito da Bia e não poderíamos reclamar, já que eu e o Chris amávamos esse filme também.

Meu marido entrou na sala logo depois. Ele estava mexendo em alguma coisa do carro lá na garagem, aconcheguei-me a ele e olhei para minha princesa, que estava muito concentrada no que comia, me lembrando dos primeiros anos com ela. Toda vez que olhava para ela, a sensação de amar alguém incondicionalmente crescia em mim, era surreal a maneira como eu a amava. Christopher se sentia da mesma maneira eu via isso em todos momentos que compartilhávamos juntos.

Levou um tempo para que ela pudesse ir conosco para casa. Por ser prematura, Beatriz demandava e exigia de nós uma atenção mais que especial. Com o passar dos anos, nossa pequena espoleta foi se revelando. Com poucos meses Beatriz engatinhava toda a nossa casa e balbuciava suas primeiras palavras.

E como belos pais babões e de primeira viagem que éramos, gravamos tudo! Seus primeiros dentinhos, primeiros passos e o seu grande primeiro dia de aula.

Acho que fiquei mais nervosa que o Chris nesse dia, temíamos que ela chorasse e não gostasse da escola, mas nada disso aconteceu. Carismática que era, Beatriz conquistou a todos com seu charme e não chorou uma única vez.

Despertei dos meus pensamentos quando ela pulou em meu colo, chamando minha atenção.

— Mamãe, o Lore quer ver a tia Mia, disse que ‘tá com *sodade* — ela disse alisando meus cabelos.

— Já está com saudades, meu dindo? - perguntei e ele assentiu. — Daqui a pouco veremos sua mãe, hoje é aniversário do vovô Jake! Vamos todos para lá — falei e ele pareceu pensar um pouco.

— Não *quelo* ver ela depois, *quelo agola*, dinda! Tô com muita *sodade* — ele falou choramingando.

— Eu estou indo no centro levar umas peças até o Bruno. Vem, moleque, que eu te levo até sua mãe — Chris falou se levantando. Ele me deu um selinho e beijou a testa de Beatriz, deu a mão ao Lorenzo e se despediu rapidamente de nós duas. Eu não culpava o Lore por querer ficar com a mãe, ultimamente eles estavam passando muito tempo longe um do outro.

Assim que Beatriz encostou sua cabeça em meu peito, lembrei que esse momento perfeito para dar uma grande notícia.

— Bia, você quer me ajudar a fazer uma surpresa para o papai?

— *Suplesa*? Eu *quelo*!

— Vamos tomar banho então, eu preciso vestir em você uma roupa muito especial.

Subimos juntas até o quarto da minha princesa. Ela foi correndo tirar a roupa para ir até o chuveiro. Enquanto ela se molhava, resolvi pegar a blusa que comprei no mês passado e escondi em seu guarda-roupa. Depois de banhá-la, eu estava vestindo sua roupa, quando ela perguntou: — Posso vestir a saia de *bailalina*?

— Não, hoje não. Amanhã eu deixo, tá?

— Tá! — Ela disse revirando os olhos.

— Não revire os olhos, mocinha! Você só tem três anos e vamos para o aniversário do seu avô.

— Tá, mamãe, não *revilo* mais! Eu posso levar o Pitoco *pala* a festa do vovozinho?

— Pode, afinal foram seus avós que te deram ele.

Ela comemorou, carregando seu pug como se fosse um bebê e fomos para o meu quarto. Tomei um banho rápido e me arrumei, colocando um vestido de verão longo. Prendi meus cabelos em um rabo de cavalo e depois fiz uma trança lateral no cabelo da Bia.

Coloquei-a no meu colo e expliquei o que ela faria assim que seu pai chegasse.

Não demorou muito para isso acontecer. Assim que ele chegou, Pitoco desceu as escadas até ele e Beatriz foi atrás. Ela se posicionou na frente dele enquanto eu observava tudo.

— Papai, eu tô bonita? — Ela perguntou.

— Está linda, minha princesa. Onde está sua mãe, ela já está pronta? — Ele respondeu e ela sorriu.

— Já sim, papai. Me ajuda com uma coisa?

— Ajudo! O que foi?

— Pode ler o que tá na minha blusa? A mamãe me falou, mas eu não *glavei* ainda.

— Claro que eu leio. Aqui nessa blusa linda, está escrito que... — ele parou e eu vi a felicidade tomar conta do seu rosto. — Você vai ser irmã mais velha meu amor! — Ele a ergueu em seus braços, beijando seu rostinho. Aproximei-me dele e notei que meu marido estava emocionado.

— Gostou da notícia, meu amor? — Perguntei me aconchegando em seus braços.

Ele me apertou em um abraço em família e me deu um beijo apaixonado.

— Eu amei a notícia, meu amor! Vamos ter outro bebê! — Ele disse animado jogando a para o alto arrancando risadas da nossa filha.

— Vamos sim! Não sabe o quanto foi doloroso não te contar! Descobri há um mês durante uma consulta de rotina. Eu escutei o coração do nosso bebê e foi incrível. Ele está muito bem e crescendo direitinho — falei e ele me abraçou novamente.

Nós não estávamos planejando um bebê. Beatriz foi um milagre em nossa vida, assim como esse bebê também vai ser. Ele será amado e abençoado por nos ter ao seu lado.

Contamos a nossa família naquela noite, estávamos todos reunidos e não havia oportunidade mais perfeita.

Meu bebê já era muito bem-vindo. À noite, ao redor da fogueira, enquanto eu observava o Chris ensinar a Bia a assar seu queijinho, liguei para a Sophia para contar a novidade. Ela e o Bê estavam em uma segunda lua de mel, fazendo mais um priminho para

Bia.

Depois deles me parabenizarem, encerramos as comemorações e voltamos para casa. Deitamos os três juntos na rede, balançando enquanto uma sonolenta Beatriz lutava contra o sono. Abraçados, observamos o céu com a lua cheia e algumas poucas estrelas. Sentindo a brisa fria, aconcheguei-me mais ao meu marido, salpicando alguns beijos em seu pescoço e, por fim, deitando-me sobre seu peito.

Os olhos de Beatriz já estavam fechados e ela ressonava baixinho. Acariciei seu rostinho e me permiti imaginar os traços do bebê que estava em meu ventre.

— Acho que dessa vez vou deixar você escolher o nome — falei enquanto íamos para o nosso quarto, depois de colocarmos a Bia no quarto dela.

— Você acha? O justo seria se eu escolhesse! — Ele disse deitando na cama e me puxando para deitar ao seu lado. Ficamos na mesma posição que estávamos na rede.

— Certo, eu deixo! Quais nomes você está pensando? — Perguntei entrelaçando nossos dedos.

— Eu sempre gostei do nome Isabela, podemos colocar esse se for menina.

— Hum, também gosto de Isabela. Mas e se for menino, qual nome seria?

— Eu gosto de Benjamin, podemos chamar ele de Ben.

— Também gosto desse nome, o significado dele é lindo — falei alisando minha barriga.

— O que Benjamin significa?

— Significa filho da felicidade. Não é lindo?

— É sim, meu amor, mal posso esperar para ver nosso bebê crescendo aí dentro de novo. Eu te amo, obrigada por me presentear dessa maneira novamente.

— Não me agradece, fizemos isso juntos e eu te amo demais, te amei desde a primeira vez que te vi — falei e ele me beijou de maneira ávida, fazendo nossas línguas dançarem uma com a outra.

Alguns meses depois, descobrimos que seria um menino. Benjamin chegaria em breve e eu mal podia esperar para conhecer seu rostinho e sentir mais uma vez a sensação de amar alguém incondicionalmente. Christopher e eu éramos uma família, totalmente diferente da que eu tive um dia. Tinha tanto amor entre nós dois e entre os nossos filhos que eu só podia ser grata por tê-lo em minha vida. Chris me mostrou o que era amar e ser amada de forma tão pura que eu só podia desejar que esse sentimento permanecesse enquanto vivêssemos. Eu era dele e ele era meu. Para sempre.

FIM

Esse não é um adeus, mas apenas um até logo.

Em breve teremos a Série “MINHA”

Ela será uma série spin-off da Trilogia, com livros da Mia, Bernardo, Lua e Heitor.

Sobre a autora

Mila Maia é baiana, Pedagoga e uma leitora voraz que resolveu se arriscar no mundo da escrita. É viciada em romances, gênero em que se encontrou como escritora. Autora da Trilogia Chances, ela possui outras obras na Amazon e no Wattpad.

Facebook: www.facebook.com.br/autoramilamaia

Instagram: @autoramilamaia Email: autoramilamaia@gmail.com

Wattpad: @autoramilamaia

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, por ter estado comigo em cada momento, por ter me dado força e paciência para continuar.

À minha família, por todo o apoio, carinho e incentivo durante toda essa jornada. Vocês são maravilhosos e eu sou muito grata por tê-los ao meu lado.

Ao meu grupo “Leitores da Mila”, obrigada por todo carinho e apoio que vocês me dão diariamente, vocês me impulsionaram a continuar; e aos meus Igs e Blogs parceiros, obrigada por estarem sempre ao meu lado.

A Lidiane Souza, Mariane Barbosa, Elyssa Cristina, Tamires Giffone, a ajuda de vocês foi muito importante e significou muito para mim, muito obrigada.

A todos aqueles que conheci através dos meus livros, não posso citar todos, pois com certeza acabaria esquecendo de alguém, mas saibam que lembro de cada um. Muito obrigada por acreditarem em mim.

E, por fim, a todos aqueles que se dispuserem a ler a trilogia. Espero sinceramente que tenham gostado, escrever esses livros mexeram e modificaram a minha vida de diversas maneiras, foi difícil me despedir de personagens tão queridos, mas eu consegui. Por isso, muito obrigada por me acompanhar durante esses três livros, receber seu apoio e incentivo significou muito para mim.

Outras obras da Autora

Livros:

Mais uma chance para o amor – Trilogia chances – I Uma nova chance ao amor – Trilogia Chances – II Outra chance ao amor –

Trilogia Chances - III

Apenas fique

Não foi por acaso – EM BREVE

Contos:

NEROS

Cartas para mamãe

Um doce reencontro

Uma chance para recomeçar – Um conto da Trilogia Chances

Créditos

Copyright 2018 © Mila Maia

Capa e Diagramação: Mila Maia **Revisão:** Débora Schoenhals Está é uma obra fictícia. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizado em quaisquer meios existentes sem a autorização por escrito da autora.

**OBRIGADO PELA LEITURA! SE POSSÍVEL, DEIXE SUA AVALIAÇÃO!
VOCÊ FARÁ UMA AUTORA MUITO FELIZ!**